
CHIARA FORESTIER
A Kingdom of Blood And Magic

ÍNDICE

Um Reino de Sangue e Magia
Direitos autorais
Agradecimentos especiais
Avisos de gatilho
Mapa de Atratus
Glossário
Conteúdo
Dedicação
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35

Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Você é o realizador de sonhos
Obrigado
Sobre o autor

UM REINO DE SANGUE E MAGIA

CHIARA FORESTIERI

Copyright © 2024 por Chiara Forestieri
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a autorização prévia por escrito do editor, exceto conforme permitido pela lei de direitos autorais dos EUA.

Para solicitações de permissão, entre em contato com authorchiaraforestieri@gmail.com.

A história, todos os nomes, personagens e incidentes retratados nesta produção são fictícios. Nenhuma identificação com pessoas reais (vivas ou falecidas), lugares, edifícios e produtos é intencional ou deve ser inferida.

Agradecimentos especiais

Há uma seção de agradecimentos adicional no final do livro, mas antes de começar, eu só queria agradecer a todos os meus extraordinários leitores do ARC. Muitas vezes, é preciso um salto de fé para investir tempo e energia em uma jornada com curadoria da mente de um completo estranho, com pouca ou nenhuma evidência para provar que será agradável.

Então, obrigada, almas corajosas. Eu amo vocês e vocês têm minha eterna gratidão.

Como demonstração da minha gratidão, eu adoraria encorajar meus leitores a apoiar esses humanos maravilhosos seguindo seus insta/bookstagrams. Eles são seres humanos realmente gentis com conteúdo original.

Bem lido Alquimia - @wellreadalchemy
Clube do Livro Booktastyc - @booktastycbookclub
Azevinho - @wandersthroughbooks
Rhi - @reads_with_rhi
Rissa - @reading_rissa
Jóia - @bookscaffeinecurls
Candi Fritzinger - @cjamz_books
Josephine - @witchybooksta
Mamãe - @mama_reads24
Brittany - @smuttybooksreader
Amanda - @crookedhouseofbooks
Amanda Marie - @amandapagereads
Lily - @smutly.romance
Kelly - @kellyjeanchandandler
Brie - @thatreadingwitch
Kelly - @kellyjeanchandandler
Megan - @_ins0mniac.reading_
Haley - leia com.caffinatedmommy
Chelsea - @bookmama2375
Âmbar - @poursome_booksonme
Liz - @breakawayreads
Jessie - @jessiereadsfantasy
Sarah - @lostinthelibrary23
Âmbar - @amberbeer701
Rylie - @rys_reading_room
Maria - @bookishfairytail
Eva - @evas.book.nook
Iola - Iola Fazzari
Yasmin - @yazg.books
Kat - @arcane.pages

Erin - @bookdragonerin

Além disso, quero agradecer à linda Megan Clark - @megantheereader - por sugerir o nome brilhante *The Dancing Dryad* como o nome da taverna que visitaremos nos capítulos 8 a 12.

Muito obrigada a todas as brilhantes e incrivelmente solidárias garotas do bookstagram que me ajudaram a me manter inspirada, me mostraram que as pessoas realmente estão interessadas no meu trabalho e me deram as recomendações de livros mais deliciosas e nutritivas para a alma.

AVISOS DE GATILHO

Consentimento duvidoso
Sendo mantido em cativeiro
Escravidão
Jogo de Sangue
Linguagem explícita
Cenas gráficas retratando atos sexuais
Tortura, Sangue e Violência
Menção de Trauma
Menção de sentimentos suicidas (isso ocorre anteriormente no livro e não é mencionado repetidamente)
Menção de R*pe
Menção de Infacide (que na verdade não ocorre)
Menção de genocídio (historicamente dentro deste mundo fictício)

Se você acha tudo isso palatável na sua literatura, você se sairá bem com o resto. Vamos deixar um pouco de mistério entre nós, ok? :)


Hades
Rubra Sea
Ishra
Yatól
Atratus
Bein Sith Mór
San Al-Mani Sea
Selcarim
Bastrina
Lacrimosa Sea
Nemurū Qǐzhì Sea
Vyssini
The Sentient Forest
Ouvelleete
Maimyō mo Qì
Spriga
Nissi Tis Pillis
Kahlohani Islands

GLOSSáRIO

todas as vogais são pronunciadas similarmente ao* grego *ou às línguas latinas de Terrania, como* italiano *e* espanhol *. Além disso, a consoante 'R' é rolada.

As palavras Kahlohani são vagamente derivadas do* Ōlelo Hawai‘i, *também encontrado em Terrânia.

Aequili *(ay - kwee - lee)* - que significa literalmente "equilibrado", é um termo usado entre os sanguinati que se refere a uma pessoa de ambos os sexos.
Akash *(ah - kahsh)* - a essência divina do mundo que gera, permeia e destrói todas as coisas.
Anim Gemla *(ah - neem - game - lah):* o termo sanguinati para *alma ligada.*
Archestratim *(arca - eh - strat - um)* - um imortal alado imensamente poderoso de um dos reinos divinos.
A Chegada - refere-se a um evento ocorrido há milhares de anos, quando seres de outro mundo entraram através de uma ruptura no tecido entre os mundos.
O Atratus - O rio serpenteante que leva o nome do reino por onde corre, onde os corpos dos mortos parecem desaparecer.
Bastrina - a capital de Atratus, onde fica o palácio da Rainha Zurie.
Dakrun *(dah - coroa)* - Kahlohani para 'bandidos'.
Folha dos sonhos - uma planta medicinal, geralmente fumada ou preparada como chá, usada para induzir sentimentos de euforia, aprofundar o sono e melhorar os sonhos.
Donatris *(dohn—ah-treess)* - Doador, usado pelos sanguinati em referência a uma pessoa - mortal ou imortal - que fornece sangue diretamente da veia, geralmente em um hemocentro.
Discípulos Erosyan *(ero-zee-in)* - aqueles que adoravam os deuses e deusas do prazer, da luxúria e do desejo; dedicavam suas vidas a proporcionar prazer aos outros.
General Theikos - *Malekai Theikos*
Ilanwei *(ee - lahn - caminho)* - termo Kahlohani para o ruído de clique usado para se comunicar com cavalos.
Irae Kalini *(olho - raio - kah -lee - nee)* - Mareina Kalini
A Mão de Irae | *A Real Irae (raio do olho)* - Mercenária pessoal da Rainha Zurie.
Ilhas Kahlohani - Um arquipélago no majestoso Mar de Kahlohani, ao sul do continente Atratusiano, conhecido por seus temíveis guerreiros tribais.
Ku'kāne *(koo - hah - nay)* - Kahlohani para 'meu filho' .

Leath-Anama *(layth - anah - mah)* - Reilandês para 'Soul Halve'.
Lohane thili (baixo - hah - não - ti - lee) - Kahlohani para 'ligado à alma'.
Maha Loha *(pode - hah - baixo - hah)* - Kahlohani para 'meu amor'.
Maha Mo'ina Li'ili *(mah - hah - mo - ee - nah - lee - ee - lee) - Kahlohani para 'Meu pequeno pesadelo'.*
Medí Kosmoi *(med - ee - kohs - moy) - Aurealingan* para 'mundos intermediários'.
Nephilim - um imortal alado imensamente poderoso de um reino divino que guarda os reinos do inferno. Distinguível de outras raças *serafins* pelos seus chifres, cauda e armadura (a cobertura escura frequentemente encontrada na testa, peito, pernas e costas).
Ouvelleet *(ou - va - leet)* - Uma cidade ao sul de Bastrina, logo depois da Floresta Sentient.
Poa Hanei *(po - uh - hah - nei)* - Kahlohani para 'alma gêmea'.
Reiland *(ray - terra)* Uma ilha ao norte com colinas verdejantes, pântanos e praias.
Sanguinati *(sang — gwee - nah - tee)* - um ser imortal sustentado por sangue, semelhante ao tradicional "vampiro", mas que não é impedido pela luz solar, não é alérgico à prata e não morre por uma simples estaca de madeira no coração.
Portador - qualquer indivíduo ou entidade capaz de usar magia.
Seraphi Ousia *(seh- raff - ee - Oo - see - uh)* - Fragmentos de espíritos divinos em repouso.
Seraphi *(seh - raff - ee)* - um termo mais amplo para seres e divindades originários de um dos reinos superiores, como os *Nephilim.*
Syntrifa (seen - treef - fah) - O termo aurealingan para companheiro predestinado.
Tessari Mú *(tess - ah - ri - moo)* - Um termo carinhoso em árabe que significa *meu tesouro.*
Yatól *(yah - tohll)* - Uma província do norte com um clima rigoroso e extremo que possui montanhas, florestas densas e um deserto extenso.

CONTEúDO

Capítulo 1
Marinha
Capítulo 2
Marinha
Capítulo 3
Marinha
Capítulo 4
Marinha
Capítulo 5
Marinha
Capítulo 6
Marinha
Capítulo 7
Marinha
Capítulo 8
Marinha
Capítulo 9
Nakoa
Capítulo 10
Marinha
Capítulo 11
Nakoa
Capítulo 12
Marinha
Capítulo 13
Marinha
Capítulo 14
Nakoa
Capítulo 15
Marinha
Capítulo 16
Marinha
Capítulo 17
Nakoa
Capítulo 18
Marinha
Capítulo 19
Nakoa
Capítulo 20
Marinha
Capítulo 21

Nakoa
Capítulo 22
Marinha
Capítulo 23
Nakoa
Capítulo 24
Marinha
Capítulo 25
Nakoa
Capítulo 26
Nakoa
Capítulo 27
Marinha
Capítulo 28
Nakoa
Capítulo 29
Marinha
Capítulo 30
Marinha
Capítulo 31
Nakoa
Capítulo 32
Marinha
Capítulo 33
Nakoa
Capítulo 34
Marinha
Capítulo 35
Nakoa
Capítulo 36
Marinha
Capítulo 37
Marinha
Capítulo 38
Nakoa
Capítulo 39
Nakoa
Capítulo 40
Marinha
Capítulo 41
Marinha
Capítulo 42
Nakoa

Capítulo 43
Marinha
Capítulo 44
Nakoa
Capítulo 45
Marinha
Capítulo 46
Marinha
Capítulo 47
Nakoa
Capítulo 48
Malekai
Capítulo 49
Malekai
Capítulo 50
Marinha
Capítulo 51
Marinha
Capítulo 52
Marinha
Capítulo 53
Marinha
Capítulo 54
Nakoa
Capítulo 55
Marinha
Capítulo 56
Nakoa
Capítulo 57
Marinha
Capítulo 58
Nakoa
Capítulo 59
Marinha
Capítulo 60
Malekai
Capítulo 61
Queres
Capítulo 62
Mors
Capítulo 63
Mors
Capítulo 64

Nakoa
Capítulo 65
Marinha

Você é o realizador de sonhos
Obrigado
Sobre o autor

Para qualquer um que já sentiu que não era o suficiente.

Você é mais que suficiente.
Você é digno.
E você merece as coisas mais maravilhosas que este reino bizarro e belo tem a oferecer.

Você é amado.

CAPíTULO

UM

MARINHA

E O brilho celestial das luas se derramou em meu quarto enquanto eu espiava por fora da cortina antes de subir na cama. Cada pelo do meu corpo se arrepiou com a visão da figura sinistra, sombria e encapuzada parada - ou talvez flutuando - descaradamente ao ar livre sob um raio do luar acima mencionado.

Me provocando. Ou pelo menos era o que eu começava a pensar.

Mors está vindo atrás de você, parecia sussurrar silenciosamente em minha mente.

Porra. Fora, respondi. Também, silenciosamente e da concha protetora da minha própria mente, para que a criatura não me ouça e busque sua vingança.

Apesar do fato de que minha casa era uma antiga ruína de fortaleza abandonada, que eu coloquei meu coração e alma para recuperar e infundida com todas as proteções já concebidas, isso não fez absolutamente nada para manter o *Pharalaki do Deus da Morte* longe da minha propriedade.

Meus dias foram consumidos pela morte. Se houvesse um lugar onde eu esperava escapar dela, seria meu refúgio isolado, sentado na borda das Montanhas Falcweard, nos arredores mais distantes de Bastrina, a capital do Reino de Atratus.

Meu coração galopou no meu peito enquanto o *Pharalaki* deslizava para mais perto como se atraído pelo meu olhar. Eu rapidamente me joguei na cama, me aconchegando firmemente sob as cobertas.

Por todas as vidas que tirei, alguém poderia pensar que eu seria imune à morte.

Não tive essa sorte.

Não era a morte ou a dor que provavelmente viria junto que me aterrorizava. *Akash* sabia que eu já tinha enfrentado isso muitas vezes para contar.

Não, não. Como se alguma parte infantil do meu cérebro nunca tivesse amadurecido, a visão daqueles espectros escuros e rodopiantes envoltos em escuridão nunca deixava de enviar tentáculos gelados de terror que se infiltravam em minhas veias.

Meu olhar permaneceu fixo na janela, meio que esperando que o *Pharalaki* passasse direto por ela.

Você não merece menos.

O tempo passou lentamente enquanto eu tentava evitar que minha mente vagasse por caminhos profundamente esculpidos há muito tempo gravados em minha psique com uma lâmina implacável. Finalmente, assim que as

luas começaram a deslizar por baixo da minha janela, meus olhos se fecharam, e eu mergulhei em paz e no nada.

Escuridão como o frescor e a bênção do descanso da noite.

Um manto de calma.

Como fazia quase todas as noites, fiquei flutuando ali por um tempo interminável, pois este parecia ser um lugar que estava além do tempo.

Um distante ponto de luz chamou minha atenção, e me senti atraído por ele, como uma mariposa por uma chama. Conforme eu fazia isso, aquele ponto de luz pareceu se quebrar em dezenas, centenas, milhares, infinitos pontos de luz. Estrelas. Brilhando no cosmos ilimitado.

Uma voz profunda e suave que ressoava como um trovão distante encheu minha mente, falando uma língua que eu nunca tinha conhecido, mas que eu entendia perfeitamente.

"O ziton irini feri polemon, al o kaloumenos 'O Vasiléfs mou' synaxi. Protá dio emisfaíria tou auto olo én genisete, ke tote panta pesite."

"Aquele que busca a paz trará a guerra, mas é aquele que você chama de 'Meu Rei', que unirá. Se duas metades do mesmo todo se tornarem uma, todos os seus reinos cairão."

"Mi lanthonéti, oti kei mortatum ei aeternitate m *a skhimata dothate. Essita me, Guardatore Vitum, na evrīs tin oikisí sou. ”*

"Nascido entre reinos, não se esqueça de que você é a eternidade dada forma. Você nunca está sozinho. Procure-me, o Guardião da Vida, para encontrar seu lar."

A voz começou a ficar mais forte, mais alta, soando como uma e muitas, enquanto um grande peso começou a pressionar sobre mim. Eu me senti sendo puxado em direção a um espaço distintamente preto no qual tudo, até mesmo a luz, era absorvido.

A voz dentro da minha mente se tornou tão poderosa que cada molécula do meu corpo começou a tremer assim como a dor explodiu através de mim, rápida e duradoura até que a luz me consumiu. A dor desapareceu tão rapidamente quanto tinha surgido.

A voz voltou a ser um sussurro, não mais dentro da minha mente, mas fora do que era ao mesmo tempo distante e familiar e uma forma corpórea estranha e perturbadora que parecia uma gaiola para meu corpo espiritual.

Água batia em meus pés quase na mesma temperatura que este corpo. Eu me vi sentado em uma caverna pelo pouco que eu conseguia distinguir no brilho da luz que parecia emanar de algum ponto fixo do outro lado da sala.

A voz parecia se multiplicar e se fortalecer, sobrenatural e consumidora. Eu me vi atraído para esse ponto fixo, chegando cada vez mais perto até que a luz diminuiu e as vozes acalmou-se mais uma vez até que a caverna ficou completamente silenciosa… como se quem quer que fosse a voz estivesse prendendo a respiração. Esperando.

Um pythos estava sentado no topo de um alto pedestal de pedra. A energia ao meu redor parecia zumbir e vibrar em antecipação enquanto minha mão se estendia em sua direção. Uma voz distante rugiu enquanto a pele do meu corpo físico parecia queimar e evaporar quanto mais perto minha mão se aproximava dele. Músculos e tendões foram queimados para revelar ossos que queimaram até que tudo o que restou da minha mão foi a silhueta da minha mão e antebraço, revelando meu corpo energético e, dentro dele, o cosmos como eu havia viajado de...

A voz me encorajou a seguir em frente enquanto o canto retornava e crescia em volume. Mordendo a dor, eu pressionei para frente, as pontas dos meus dedos apenas milímetros permaneceram entre minhas pontas dos dedos e o pythos…

Meus olhos piscaram abertos, apertando os olhos para a lasca de amanhecer surgindo acima do horizonte. Uma corrente de energia ainda fluía através de mim do sonho recorrente que eu tinha desde que conseguia me lembrar, embora tivesse se tornado muito mais frequente no último ano.

Tinha começado a me deixar louco, apesar de ser uma espécie de alívio dos meus sonhos recorrentes de sempre. Ou, mais precisamente, pesadelos.

Pelos últimos dez meses, passei inúmeras horas assombrando a Biblioteca da Rainha sem sucesso. Eu até entrei furtivamente em seus cofres que continham artefatos inestimáveis que tinham milhares de anos, e nada chegou perto do pythos dos meus sonhos.

Acompanhado por uma dor muito familiar que se instalou permanentemente entre meus ombros, um fio de ansiedade percorreu meu corpo enquanto a realidade se instalava. O que eu sabia que o dia seguinte reservava.

Dia da execução.

CAPíTULO

DOIS

MARINHA

E Cada passo parecia a passagem de longos segundos enquanto eu me aproximava da entrada do anfiteatro. Um homem fae corpulento, Galvor Laith, com olhos azuis brilhantes e cabelo castanho claro, estava na frente com a mão apoiada no punho da espada. Ele sempre foi um dos meus *menos* favoritos dos poucos guardas com quem fui forçado a interagir devido à sua maneira grosseira e presunçosa com que eu frequentemente o encontrava interagindo com os outros. Se alguém merecia ficar preso no loop temporal de Leilani, era ele.

Ele também era um dos poucos guardas que ousou encontrar meu olhar e o único que já ousou fazer avanços sexuais. Talvez porque eu o conhecesse há muitos anos... Nós lutamos na guerra juntos, e enquanto eu subi de patente... Ele não. A única razão pela qual um *acidente horrível* ainda não havia acontecido com ele era o fato de que ele uma vez me salvou de um ferimento quase fatal, e ele claramente ainda sentia que eu lhe devia algo.

Sua voz soava como uma pedra raspando em pedra.

"Adorável Mareina…"

Minha irritação aumentou rapidamente, antes mesmo que ele falasse.

"Galvor."

Ele deu um passo à minha frente antes que eu pudesse cruzar a soleira, me fazendo esbarrar em sua parede de músculos. Meu lábio se curvou enquanto meu olhar se erguia de seus peitorais para seu rosto - genericamente bonito daquele jeito fae, mas não fez absolutamente nada para inspirar minha libido.

"A menos que você queira enfrentar a ira de Zurie por *me* atrasar, sugiro que você se afaste."

"Agora, por que você quer fazer isso? Você sabe que eu sempre espero ansiosamente por nossas interações. Eu só queria poder fazer algo mais para mostrar a você o... ápice dos meus desejos por você."

A mão de Galvor deslizou sobre a frente de suas calças, atraindo meu olhar para onde ele então segurava seu pau. O contorno grosso do qual eu podia ver claramente.

"Vamos, Mareina... Depois de todos esses anos, você pode honestamente dizer que não sente *nada* por mim? Mesmo depois que eu te salvei?"

Uma carranca torceu minhas feições enquanto eu gradualmente atraía meu olhar para o dele de pálpebras pesadas. Minha mão atacou para agarrar o nó baixo de seu cabelo castanho, puxando sua cabeça para baixo e para o lado para expor sua garganta grossa para mim enquanto eu sacava a adaga

embainhada em minha coxa e a pressionava contra uma artéria grossa e pulsante.

"Faça algo assim de novo e eu esquecerei que você sofreu aquele golpe por mim."

Os olhos azuis penetrantes de Galvor se arregalaram de surpresa antes que ele levantasse as mãos em sinal de rendição, e um sorriso maroto surgiu em seus lábios.

"Entendido."

Seu sorriso alimentou as chamas da minha ira, inspirando-me a pressionar a lâmina firmemente. Sangue escorria.

Antes que minha fome tomasse conta de mim, eu o soltei, e ele se afastou. Lambi a lâmina antes de cuspir seu sangue sujo em sua bota.

Ele riu, completamente perplexo.

"Me avise se mudar de ideia... Só... ugh... Não diga nada ao General sobre isso, por favor."

Eu bufei uma risada. Malekai iria matá - lo se eu contasse a ele sobre isso.

"Não se preocupe, Galvor. Se eu quiser que você morra, será pela minha lâmina."

"Se tivesse que ser a lâmina de alguém...", ele gritou atrás de mim enquanto eu entrava nas profundezas frias e escuras sob o anfiteatro.

Soltei um suspiro, sentindo o peso do que estava por vir se acomodar sobre meus ombros, pisando por longos minutos no longo e silencioso corredor que eventualmente me levaria ao estrado de pedra ao ar livre. Eu

Conforme me aproximava do fim, pude ouvir a voz de barítono de Miroslav ecoando distantemente pelo anfiteatro acima, trabalhando a multidão. Pelo título, ele serviu como vidente e conselheiro de Zurie, embora parecesse gostar de ir além de seus deveres. Primeiro e mais importante, o fato de ele ter massacrado milhares de soldados com pouco mais do que um pensamento durante a Guerra Atratusiana. Eu também ouvi que ele apareceu muito serendipitamente do nada após a morte prematura do antigo conselheiro da Rainha Zurie. Ela confiava nele implicitamente e dependia muito dele. Tanto que me fez pensar se eles eram amantes clandestinos, embora eu nunca tivesse visto nenhuma evidência disso.

"… Eles ameaçam nossa soberania! Por meio de suas ações egoístas e imprudentes, eles tentam criar dissonância dentro do refúgio do nosso Reino! Isso nos enfraquece! Devemos permanecer unidos para que eles não comecem outra *guerra! Devemos acabar com a Revolta!"*

Os aplausos e pisadas da multidão no anfiteatro acima eram ensurdecedores. Pedrinhas e poeira choviam do teto e das paredes até que eles se aquietassem.

Tolos, sussurrou minha mente traiçoeira.

Depois de vários momentos longos e angustiantes, cheguei à entrada sem porta que se erguia no estrado, apertando os olhos no sol brilhante,

brilhando sua jovial indiferença sobre nós de um céu sem nuvens. De seu trono acima, senti seu olhar em mim como agulhas espetadas.

"E aqui para garantir que a justiça seja feita, que a liberdade e o poder do nosso Reino permaneçam, está a Ira da própria Rainha Zurie... A Real - Irae - Kalini!"

O rugido da multidão era ensurdecedor quando atravessei o arco escuro que levava ao estrado, minha expressão impassível e indiferente, apesar da minha turbulência interior.

Meu olhar encontrou os olhos prateados de Miroslav, onde ele estava diante de uma fileira de fadas, sanguinati, elfos e outros imortais, todos ajoelhados com as mãos amarradas atrás das costas.

Meu intestino deu outra reviravolta doentia enquanto eu tentava não encontrar seus olhos e falhava. Como a gravidade do sol, meu olhar sempre caía nos deles. Olhos segurando uma mistura dolorosa de resignação sombria e desafiadora, orgulho, medo e tristeza.

Deveria ser eu ajoelhado aqui em vez de você, eu sei. Sinto muito. Sinto muito pra caralho.

Eu sabia que nenhum deles podia me ouvir, mas minha alma irreparavelmente manchada me compeliu a dirigir as palavras silenciosamente para eles. Tanto um pedido de desculpas a eles quanto um apelo por perdão. Perdão que eu não merecia.

Apertei minha espada com mais força enquanto me preparava para o que viria.

Nove.

Mais nove vidas que eu tive que tirar. Eu nunca tentei manter a contagem durante a guerra. Teria sido um esforço inútil. No entanto, depois de ser promovido para Zurie's Wrath há 70 anos, eu não pude deixar de manter a contagem dos dias de execução.

1.504.

1.504 cabeças rolaram neste estrado nos últimos 29 anos. Mais 1.504 vidas que eu tirei neste palco esquecido pelos deuses na frente de milhares. Aproximadamente mais 23.600 litros de sangue em minhas mãos. Eu tinha pesadelos recorrentes de afogamento em seu sangue.

E minha culpa.

Eu não era mais tão leal, estava desiludido e tinha sofrido uma lavagem cerebral ao acreditar que o que eu estava fazendo era para o bem do Reino de Atratus.

Meus olhos se encontraram com o primeiro dos mortos que esperavam. Uma dríade fêmea. Alta e bonita, apesar de estar coberta de sujeira de masmorra, com a pele verde-amarronzada como a floresta da qual ela, ou seus ancestrais, nasceram. Seus olhos estavam abençoadamente secos. No lugar de lágrimas, havia desgosto e desafio.

Os olhos dela deslizaram para o homem poderoso ajoelhado ao lado dela. Um sanguinati, como eu. E graças ao meu sentido de audição aguçado - um dom típico de sanguinati - meu intestino deu outra reviravolta doentia

enquanto ele facilmente ignorou o discurso apaixonado de Miroslav, junto com os aplausos da multidão, e se aguçou para ouvir as palavras sussurradas entre a dríade e seu amante.

"Eu te encontrarei no outro mundo, meu destino."

Seus olhos se fecharam, a cabeça se curvando para frente em resignação ao seu destino. Seu companheiro tentou queimar seu ódio em mim apenas com seu olhar.

Metal cantou pelo ar enquanto eu me erguia e abaixava minha lâmina. O companheiro da dríade rugiu sua agonia tão alto que abafou o grito de vitória da multidão que se seguiu.

estalo nauseante de sua cabeça batendo no estrado de pedra ecoou enquanto eu balançava minha lâmina em seu arco diagonal para separar a cabeça do macho uivante de seu corpo. Agonia rapidamente silenciada, sua cabeça rolou pelo estrado, parando ao lado dela como se atraída. Olhos ainda abertos, ele encontrou meu olhar mesmo na Morte. Seus corpos caíram para frente um diretamente após o outro, como dois dominós tombando.

Eu não tinha mais forças para encarar os olhares restantes. Rapidamente cortei o último dos sete membros da Resistência que tinham sido pegos.

Embora eu nunca falasse isso em voz alta... Eu admirava esses rebeldes. Eles estavam fazendo o que eu desejava fazer, mas não tinha ideia de como.

Como cortar esse vínculo inquebrável com Zurie...

Como escapar da ira dela e, consequentemente, da minha morte.

Apesar do barulho estridente que enchia o anfiteatro, eu só conseguia ouvir o beijo suave e úmido de uma lâmina encontrando carne e osso, o golpe da cabeça contra a pedra e o baque sólido de um corpo atingindo o estrado de pedra.

Que chatice.

Bater.

Pena.

Que chatice.

Bater.

Pena.

Quando o último corpo caiu, meu peito estava arfando. Não pelo esforço físico, mas pela maré crescente de emoção. Culpa tão poderosa que fez a náusea subir pela minha garganta. Minha mão tremia enquanto eu agarrava minha lâmina e rapidamente fiz uma reverência superficial, mas obrigatória, a Zurie antes de sair do estrado. A multidão rugia atrás de mim o tempo todo.

No momento em que virei a primeira esquina do corredor saindo da arena, o conteúdo do meu estômago fugiu de mim. Principalmente bile, pois não consegui comer muito esta manhã em antecipação ao evento da manhã.

Rapidamente *afastei* -a enquanto tentava recuperar o fôlego. Passos se aproximando ecoaram suavemente momentos depois. A sensação de magia familiar estendeu-se até mim em uma carícia reconfortante e inquisitiva.

Corri pelo corredor, esperando que o cheiro persistente do meu vômito não fosse perceptível à distância, e quase bati diretamente no fada que se aproximava, que era quase 30 centímetros maior que meus 1,78 m.

"Ei", perguntou Malekai, apoiando meus ombros com suas mãos grandes para me estudar, "Você está bem? Você parece pálido..."

Minha voz saiu surpreendentemente firme. O calor que sempre irradiava da pele de Malekai, não importava o quão gelado o tempo estivesse, derramou-se em mim de onde ele me agarrou, aliviando o frio que havia tomado conta de mim.

"Claro."

A expressão de Malekai ficou tensa, em dúvida.

Minha garganta se esforçou para engolir enquanto eu olhava para seu rosto notavelmente bonito, tenso de preocupação. Malakei, assim como tudo o mais nele - desde seu cabelo louro perfeitamente penteado, pele beijada pelo sol e características faciais que eram sobrenaturais em sua perfeição - era como ouro líquido. Complementado pelos verdes e azuis hipnotizantes de seus olhos, apenas comparados aos mares cristalinos das costas ao sul de Atratus.

Meus olhos escanearam os longos corredores para confirmar o que meus ouvidos e magia me disseram: não havia ninguém por perto. Mesmo assim, minhas palavras saíram pouco mais que um sussurro.

"Eu acabei de…"

Balancei a cabeça, já sabendo dos pensamentos dele. Tínhamos tido inúmeras conversas sobre como eu tinha me sentido - para saber - que estávamos lutando do lado errado.

Meu peito doeu de decepção quando as palavras saíram da minha boca, sabendo muito bem que Malekai não compartilhava da minha preocupação. Sua lealdade a Zurie permaneceu tão inabalável quanto a moeda que ela colocou em seus bolsos. No entanto, da mesma forma, eu também sabia que ele era leal a mim. Ele a trairia se isso significasse me proteger se chegasse a isso. Se isso significasse sacrificar sua própria vida para fazer isso. Sua lealdade a mim só era igualada pela minha a ele.

Graças aos últimos 100 anos de serviço conjunto no exército da Rainha Zurie.

Nós salvamos a vida uns dos outros em inúmeras ocasiões durante a guerra contra o povo Kahlohani por suas preciosas terras e recursos naturais.

O principal recurso é a preciosa planta *aetra* .

Depois que Zurie explorou e esgotou completamente o continente de seus recursos naturais, as Ilhas Kahlohani eram agora o único lugar em que o recurso natural mais precioso do reino florescia. *Aetra* , que podia ser digerido fresco, fervido e reduzido para vários usos, tinha propriedades mágicas e medicinais.

Para os fae, como a Rainha Zurie, isso tornava sua magia quase inesgotável e os aprimorava exponencialmente. Isso os tornava divinos.

Embora eles naturalmente possuíssem um controle notável da magia, era algo finito. A magia em seu sangue e em sua essência tinha suas limitações. Como qualquer músculo, ele poderia se exaurir. E eles queriam mais. Poucas raças de seres poderiam rivalizar com seu poder sem a assistência de *aetra* .

E sem nenhum outro recurso natural para Zurie explorar e lucrar, *aetra* era sua tábua de salvação. Era tudo o que restava para garantir seu domínio sobre o trono.

Havia um punhado de portadores nos quais aetra não tinha efeito de aprimoramento de magia. Como um Sanguiniti, eu era um deles. Sangue era a única coisa que eu precisava para que meu poder fosse... formidável. No entanto, fazia diferença o tipo de sangue com o qual eu me banqueteava. Sangue humano e animal, devido às quantidades minúsculas de magia que continha, pouco fazia para me sustentar ou aumentar meu poder. Eu precisava do sangue de um *portador. Qualquer indivíduo ou entidade capaz de exercer magia.*

Malekai, diferente da maioria das fadas, não precisava *de aetra* para aumentar sua magia. O poder que ele possuía era assustador o suficiente sem ele. Ele já havia tentado antes, e eu testemunhei seus efeitos adversos nele em primeira mão. Era avassalador, como se seu poder o consumisse. Ele tinha uma maneira ímpia de manipular o fogo... Isso combinado com a força bruta, habilidades de esgrima e a inteligência aguçada que ele possuía... Eu sempre me perguntei se talvez ele tivesse algum ancestral distante que tivesse sido algo *diferente*, algo *mais* do que apenas fae. Especialmente considerando que sua família veio originalmente de Hades. Sempre que eu perguntava, ele sempre dava de ombros.

Depois de liderar inúmeras batalhas que resultaram em vitória e demonstrações extraordinárias de poder, bravura e valor, ele foi promovido a General da Rainha. E ele me levou com ele.

Depois de alguns sussurros insistentes no ouvido da Rainha, ela me promoveu junto com ele e, pelos últimos 29 anos, servi como seu *irae*.

Sua *Ira.*

Para simplificar, eu era sua mercenária e executora pessoal. Eu era a primeira mulher em seu reinado de 480 anos como Rainha a servir como tal. A *Royal Irae.* Algo que nunca teria sido possível sem a influência de Malekai sobre ela.

Era um trabalho pelo qual eu já fui profundamente grato, quando eu acreditava que o que estávamos fazendo era certo. Agora, no entanto, eu sentia que cada tarefa que Zurie me atribuía condenava ainda mais não apenas minha alma, mas o Reino.

"Proporcionando uma distribuição igualitária de poder", como Zurie tanto gostava de dizer.

Era mentira.

Embora, sim, *aetra* estivesse disponível ao público, apenas os mais ricos podiam pagar por ela. Especialmente agora que o único lugar onde ela

crescia eram as Ilhas Kahlohani.

Antes de Zurie ter esgotado os outros recursos naturais de Atratus, *aetra* não era particularmente popular, apesar de suas propriedades milagrosas. Ela havia crescido em grande abundância, livremente, como uma flor silvestre, com suas vinhas rasteiras, pétalas lilases e pólen dourado. Foi só quando os outros recursos naturais de Atratus começaram a diminuir que Zurie começou a manipular as massas a acreditar que *precisavam* disso. Que suas circunstâncias empobrecidas eram devido ao fato de que não tinham o suficiente.

Objetivamente falando, era um plano bastante genial. E tinha funcionado lindamente.

Uma vez que a demanda aumentou, ela o fez exponencialmente e rapidamente, e logo aprendemos que *aetra* era uma planta bastante sensível. Ela exigia solo rico em magia e nutrientes naturais. Tudo isso foi rapidamente esgotado por sua semeadura e colheita excessivas.

Enquanto o solo do continente foi constantemente sugado para secar pelos últimos dois mil anos, o arquipélago próximo do Mar de Kalohani permaneceu quase totalmente intocado. Seu clima tropical era favorável, e seu solo virgem, rico.

Zurie e seus aliados alegaram que o caos aconteceria sem que *aetra* fosse acessível às massas. Que precisávamos conquistar as Ilhas Kahlohani para que *aetra* fosse abundante novamente. Que massas inocentes seriam tornadas vulneráveis e vítimas dos poucos detentores que possuíam exponencialmente mais poder que os demais.

De qualquer forma, tudo isso aconteceu, exceto pelo fato de que *aetra* teve pouco a ver com isso. Os portadores que já possuíam magia considerável apenas se tornaram mais poderosos, e aqueles que possuíam menos magia foram forçados a obedecer às suas regras e se contentar com os recursos e oportunidades extremamente limitados fornecidos a eles pelos portadores no poder. Para conseguir isso, ela escolheu escravizar os Kahlohani, que cometeram o erro de permanecer nas ilhas e os forçaram a explorar a terra para crescer demais e colhê-la em excesso para atender às demandas do reino.

Zurie, se alguma coisa, era cruel. Sua crueldade e impiedade eram inspiradas por seu medo profundamente enraizado de perder o controle e o poder. E com *aetra* indisponível para quase todos, a maioria, ficaram impotentes contra ela porque ninguém tinha acesso a ele a menos que ela permitisse. Apenas Zurie controlava o crescimento e a colheita de *aetra* , e apenas seus leais lordes e damas escolhidos podiam comprá-lo. Era a mercadoria mais cara e preciosa em todo o Reino de Bellorum - valia mais do que ouro e joias.

Malekai exalou pesadamente, como se quisesse ser paciente, como alguém faria com uma criança, antes de se inclinar e falar em tom baixo.

"Você sabe como me sinto sobre isso, Mareina... Sempre haverá aqueles com poder e aqueles sem. E eu agradeço por ser um dos que o têm. Mas

isso não me torna mau. Estamos todos apenas tentando sobreviver. E as pessoas que encontram seus fins em sua espada se colocam lá... E elas são tudo o que está entre você e seu próprio fim. Se não fosse Zurie, seria outra pessoa... É o jeito do mundo."

Eu discordei. Não precisava ser assim. Suas palavras, na verdade, só inspiraram minha raiva por sua ilusão deliberada. Talvez fosse sua tentativa de reivindicar sua sanidade porque eu estava realmente perdendo a minha.

Um sorriso curvou os lábios de Malekai.

"Quer que eu a mate para você, e então poderemos assistir o mundo queimar juntos?"

Dei uma risada para mascarar o desejo que aquelas palavras inspiravam em mim. Malekai havia sugerido isso de brincadeira para mim em várias ocasiões. Mais frequentemente ultimamente porque ele tinha me visto ficar cada vez mais taciturno. E ele sabia tão bem quanto eu que abandonar Zurie também significava perder minha vida.

Mas por mais que ele brincasse, nós dois estávamos presos. E quais eram nossas alternativas mesmo se escapássemos? Malekai não estava disposto a sacrificar sua vida de luxo. Por mais que eu odiasse, precisávamos *de* Zurie. Se algo acontecesse com ela, ela não tinha herdeiros, e quem quer que em seu conselho tomasse seu lugar... Bem, eles provavelmente seriam tão ruins quanto, se não piores.

"Ah, não, mas quem pagaria por todas as suas viagens para *Satia Fama* ?"

Satia Fama significava literalmente *fome saciada* e era o nome de seu bordel favorito. Ele também tinha uma seção reservada como uma sala de sangue e era famoso por suas belezas sanguinati.

As sobrancelhas de Malekai se ergueram enquanto ele se afastava para olhar para mim com um olhar desafiador, distraidamente girando o anel de ouro e rubi que sempre adornava seu dedo médio.

"Eu não precisaria do *Satia Fama* se estivéssemos juntos."

Meu olhar caiu do dele para o peso pesado se acomodando em meu peito. Não era como se eu não tivesse considerado isso pelos últimos cem anos... Como se eu não tivesse sentido uma dor no peito pelo buraco em forma de Malekai que eu tinha nele porque alguma parte de mim ansiava por ceder.

Mas Malekai era tudo o que eu tinha. E eu não estava disposto a destruir o que tínhamos transformando isso em uma aventura. Quando nos conhecemos, eu já estava em um relacionamento. Nós nos tornamos melhores amigos. E quando ela morreu durante a guerra, Malekai estava lá para juntar os pedaços. Na época, eu estava tão ocupado sofrendo e tentando nos manter vivos que um encontro com ele era a última coisa que eu tinha em mente. Sem mencionar que eu estava absolutamente apavorado de perdê-lo também.

Malekai colocou um dedo embaixo do meu queixo.

“Ei… *Katadamna Kaza.”*

Os pais de Malekai eram originalmente da costa sul de Hades, onde ainda falavam *Aurealinga.* Era uma frase que ele me disse pela primeira vez alguns anos depois de nos conhecermos, quase um século atrás, quando ele levou um tiro no peito por mim e quase foi morto por causa disso.

Poucos dias depois, eu levei uma espada ao corpo que quase roubou minha cabeça para salvá-lo. Ele ficou furioso e me xingou por ser tão imprudente. Eu apenas dei a ele um sorriso sangrento e repeti suas palavras.

Mais de um século depois, as palavras ainda traziam uma onda de amor e gratidão ao meu peito. Sempre que éramos forçados a nos separar, tínhamos uma discussão ou simplesmente queríamos mostrar afeição um ao outro, não precisávamos dizer nada além dessas duas palavras para sermos compreendidos.

Um sorriso triste surgiu no canto dos meus lábios diante da nossa declaração que falava de amor eterno e lealdade.

"Katadamna kaza."

Droga o custo.

CAPíTULO

TRêS

MARINHA

EU 'tinha *acabado* de me sentar quando os pelos da minha nuca se arrepiaram. Sentindo o calor do olhar de alguém, meus olhos se ergueram da mesa em que eu estava sentado para encontrar um dos amaldiçoados *Pharalaki de Mors* vestido com sua túnica preta característica. O desconforto penetrou em minhas veias como um veneno, e um punho gelado apertou minha garganta.

Ele ocupava o canto em frente a mim na sala de jantar da taverna. As malditas coisas eram feitas de sombra. Elas não bebiam vinho ou cerveja.

O que diabos ele quer?

Você, aquela parte vergonhosa e cheia de culpa de mim, sussurrou.

Eu enganei a Morte, *Mors,* por muito tempo. Enviei a ele almas demais nos últimos 100 anos para que ele não notasse.

O tilintar estridente de risada feminina vindo da cabine atrás de mim fez meus pelos se arrepiarem. Eu me virei no meu assento para lançar um olhar ameaçador para quem certamente me daria dor de cabeça e encontrei uma mulher escassamente vestida de branco, uma coleira escarlate Erosyan no pescoço, sentada no colo de algum homem, sua cabeça jogada para trás em uma risada fingida e estrondosa.

Não tem como esse idiota viscoso ser tão engraçado.

De forma alguma eu era contra os *Discípulos Erosyan.* Aqueles que adoravam a deusa do prazer, da luxúria e do desejo dedicavam suas vidas a proporcionar prazer aos outros. Meu pai era um deles e, nos últimos 60 anos, ele se tornou o sumo sacerdote do Templo Erosyan aqui em Bastrina. Eles nos acolheram quando minha mãe nos abandonou logo depois que eu nasci. Uma ferida que há muito tempo havia cicatrizado da melhor maneira possível e se transformou em uma *cicatriz queloide* . Aparentemente, ela desapareceu uma noite e não deixou nada além de um bilhete dizendo: *"Sinto muito".*

Meu pai veio da pobreza e não tinha quase nenhuma riqueza material, como a maioria dos atratusianos. E quando ele me teve, sua família, amorosa como era, já havia falecido há muito tempo. Sem minha mãe para cuidar de mim para que meu pai pudesse trabalhar, ficamos destituídos rapidamente e nos encontramos nos degraus do Templo Erosyan. Um lugar conhecido por reabilitar os necessitados... A um custo, é claro.

Mesmo assim, graças ao Templo Erosyan, eu tinha sido prontamente envolvido em uma família enorme, apesar de todas as suas falhas. Eles tinham fomentado minhas habilidades de canto e me encorajado e treinado.

Antes mesmo de chegar à idade adulta, eu cantava em seus salões de prazer como minha forma de contribuir. Foi a coisa mais gratificante que já experimentei. Ainda continuava sendo uma delas. No entanto, apesar de

todo o amor e nutrição que me ajudaram a florescer e crescer no Templo Erosyan graças aos seus discípulos... Mais do que alguns patronos me deram o tipo de cicatrizes que você não pode ver. No entanto, eu sabia que a única razão pela qual eu não tinha nenhuma cicatriz física era puramente por causa das minhas habilidades de cura sanguinati. Meu canto atraiu muita atenção. O tipo *errado* de atenção.

E enquanto alguns clientes eram respeitosos.

Alguns não eram.

Eles pegaram o que queriam.

Foi por isso que eu tinha ido embora e me juntado ao exército da Rainha Zurie. Era meu único meio de escapar, além de me tornar ainda mais vulnerável dormindo nas ruas. Me juntar às fileiras dela tinha me dado as habilidades para me proteger, e eu jurei a Han nunca mais ser uma vítima.

Mas eu ainda não tinha cantado desde então. Não na frente de ninguém, pelo menos.

Ocasionalmente, no conforto e segurança do meu lar, eu cantava nas primeiras horas da noite até que as lágrimas escorressem dos meus olhos em um alívio catártico.

Virei-me novamente no meu assento e percebi que o *Pharalaki* havia desaparecido, e finalmente soltei o ar.

Um suspiro pesado me deixou enquanto levava o copo com o líquido âmbar aos lábios, cruzando brevemente os olhos com outro cliente do pub que tinha uma expressão parecida com a minha.

Meus olhos percorreram o pub lotado, desesperados para encontrar outra mesa ou cabine aberta, assim que Malekai entrou. Como um ímã, seus olhos encontraram os meus instantaneamente. Assim como todos os olhos femininos e de vários homens foram atraídos para ele.

Despreocupado com seus admiradores sempre presentes, seu rosto bonito se partiu em dois ao me ver. Ele tinha um jeito que sempre parecia iluminar cada cômodo em que entrava, enquanto eu tendia a escurecê-lo. Ele tinha o tipo de beleza e perfeição que era quase irritante. Verdadeiramente, Malekai era um homem injustamente bonito.

As cabeças dos seus espectadores se esticaram para seguir seus passos largos. A multidão se abriu como o mar enquanto ele se dirigia a mim. Não pude deixar de revirar os olhos, observando-os antes de me levantar para cumprimentá-lo.

"Talvez haja algum mérito em—

Outra gargalhada aguda acompanhada de um estrondo masculino esfaqueou meus ouvidos novamente, fazendo meu maxilar cerrar. Malekai levantou uma sobrancelha dourada escura enquanto um sorriso inclinava o canto de sua boca.

"— encontrar outro lugar para sentar... Ou outro pub, completamente diferente", terminei, com a cabeça latejando.

Malekai se inclinou para espiar a mulher Erosyan e seu cliente antes de olhar para mim.

"Mas eles estão se divertindo tanto... Talvez devêssemos nos juntar a eles?"

Minha mão atacou quando Malekai se mexeu, segurando seu grande bíceps enquanto eu falava com os dentes cerrados.

"Não. Você. Ouse."

Eu engoli o resto da minha bebida e bati o copo vazio de volta na mesa. O calor ardente dele deslizando pela minha garganta ajudou a relaxar a tensão no meu pescoço que latejava na base do meu crânio e tinha começado a irradiar atrás dos meus olhos.

Malekai estalou a língua, arrulhando para mim com uma voz rouca.

"Sempre tão rabugento, meu querido."

Meus olhos se estreitaram bruscamente.

"Quando foi a última vez que te esfaqueei?"

Os olhos de Malekai brilharam de alegria. "Há muito tempo, tenho certeza."

"Você quase parece querer que eu te esfaqueie."

"Achei que você já tivesse percebido há muito tempo que sou um sadomasoquista devoto."

Eu soltei uma risada, balançando a cabeça para ele. "Você é *tão* distorcido."

A voz de Malária caiu para um ronronar rouco. "Não há nada de errado com um pouco de dor e prazer, querida."

Querido.

Ele era, literalmente, o único homem que ousou me chamar de tal carinho. O único que eu deixei passar do muro que eu construí sistematicamente ao longo dos anos que poderia se sentir confortável me chamando de um nome tão suave. Admito... Eu adorava quando ele fazia isso. Depois de tantos anos *literalmente* lutando para sobreviver, eu ansiava por trocar minha espada para me tornar suave, terna e bonita.

Um calor familiar que só ele inspirava se enrolou baixo, mas eu apenas franzi meus lábios e estreitei meus olhos como se dissesse, *touché* . Malekai deu uma risada calorosa enquanto eu rapidamente me virava, jogando o capuz da minha capa sobre minha cabeça.

Malekai e eu vagamos pela trilha serpenteante de paralelepípedos ao longo das águas negras do Rio Atratus. Nomeado em homenagem ao Reino por onde passava, era um dos únicos lugares relativamente seguros na cidade abaixo do palácio da Rainha. Poucos ousavam se aventurar perto das águas do Atratus porque era um notório depósito de lixo para os "recentemente falecidos". O Atratus tinha um jeito de fazer as coisas desaparecerem. Como exatamente, ninguém sabia precisamente, mas isso parecia apenas aumentar o medo que o Atratus inspirava.

Não que Malekai e eu tivéssemos qualquer razão para estar com medo. Apesar do crime que assolava a cidade, Malekai era bem conhecido e

temido como o general da Rainha. E eu, felizmente, ainda possuía algum anonimato relativo em comparação, graças ao fato de que poucos conheciam meu rosto. Eu encontraria uma quantidade considerável de satisfação em livrar o mundo de mais um oportunista pervertido procurando caçar fêmeas "vulneráveis".

Meu olhar se fixou em uma figura escura e encapuzada à distância, de frente para o muro de pedra da margem do rio. Vestida com o rico manto negro dos acólitos de Mors. Eles ainda não tinham notado nossa aproximação. Eu diminuí o ritmo, cutucando Malekai silenciosamente e acenando em direção à figura. Paramos, observando. Suas costas eram largas demais para que pudéssemos ver o que estavam fazendo.

Fazendo xixi, talvez?

Seria um pouco incomum que um desses fanáticos fizesse algo tão grosseiro.

O acólito se vira e corre pela rua, onde outro dos acólitos encapuzados espera. *Tecnicamente*, deveríamos ter feito algo a respeito. Vandalismo era algo que Zurie não aceitava bem, mas... Nenhum de nós realmente se importava.

Sem mencionar que eles me fizeram arrepiar.

Os acólitos desapareceram pelo beco. Logo chegamos onde o acólito estava para descobrir que eles tinham pintado o símbolo de Mors em branco, gritante contra a pedra escura.

Uma tocha invertida com asas.

A tocha invertida deveria representar a extinção da vida e a libertação das asas do corpo que nos acorrenta a este reino e nos carrega para o próximo.

Olhei novamente para o beco e encontrei uma representação ainda maior do símbolo.

“Tão assustador.”

Malekai riu, erguendo uma sobrancelha para mim enquanto soprava uma lufada de fumaça de folha de sonho.

“Para *você* ? A destemida e temida Royal Irae?”

Dei a ele um olhar desafiador. “Eles literalmente rezam para que o mundo acabe.”

"Você tem dormido muito ultimamente?"

A pergunta de Malekai me pegou desprevenido, a preocupação em sua voz era flagrante. Respirei fundo, olhos fixos no reflexo brilhante das luas triplas no Atratus.

"Nada menos que o normal."

Um canto da boca de Malekai se curvou para baixo.

"Então, de jeito nenhum."

Dei de ombros. "Nem sempre."

Malekai permaneceu em silêncio por um momento, dando outra tragada no charuto de folha de sonho que ele havia enrolado antes de passá-lo para mim. A folha de sonho ajudou a aliviar a tensão no meu pescoço, aliviando minha dor de cabeça. Infelizmente, seus efeitos não durariam o suficiente para me ajudar a dormir, como seu nome sugere.

A folha dos sonhos era frequentemente fumada ou preparada como chá; o efeito podia durar várias horas para os humanos. Duraria uma hora ou mais para as fadas, como Malekai e outros imortais. Mas, graças a ser sanguinati, durou apenas 15-20 minutos. Também me deixou com muita fome, e meus caninos começaram a doer, desejando morder e beber.

Meu coração parou no peito ao ver o edifício palaciano que surgiu de onde estávamos em uma ponte que tinha uma vista bastante impressionante da cidade. O Templo Erosyan, pelos últimos oitenta anos, tinha sido uma catedral de pedra brilhante, branca e com cúpula granada... Objetivamente falando, era de fato uma visão impressionante. No entanto, quando eu morava lá, era um enorme, mas claustrofóbico labirinto de madeira e carpete de salas e corredores secretos...

Poucos anos depois de eu ter ido embora, para minha satisfação, o lugar inteiro foi reduzido a cinzas... Não foi nenhuma surpresa, considerando que os clientes fumavam todo tipo de substância que alterava a mente e o humor, sem mencionar todas as tigelas de incenso enjoativo que alguém poderia facilmente ter acidentalmente empurrado muito perto de uma das cortinas pesadas.

Eu só queria ter pensado em queimá-lo eu mesmo.

Deuses. Como viemos parar aqui?

Folha dos sonhos do caralho.

Malekai seguiu meu olhar, a expressão ficando tensa quando ele encontrou meu ponto focal e envolveu um braço em volta dos meus ombros. Os músculos do meu corpo pareceram relaxar de uma vez, e eu nem tinha percebido o quão tensos eles estavam. Ele me guiou sem palavras na direção oposta, pressionando um beijo no topo da minha cabeça.

Eu nunca contei a Malekai o que tinha acontecido nos Templos Erosyan, mas imagino que ele presumiu que *algo* tinha ocorrido. Nas poucas ocasiões em que ele perguntou sobre meu tempo lá, eu sempre desviado dos eventos mais traumáticos. Os horrores que ocorreram lá fizeram com que eu me encolhesse e me escondesse. Passei os últimos 120 anos elaborando cuidadosamente meu disfarce - o guerreiro endurecido e frio que havia subido ao topo das fileiras da Rainha Zurie.

Falar em voz alta as coisas que, uma vez, me quebraram era impensável. Sem mencionar que confessar a Malekai o que aconteceu lhe causaria dor. E não havia nada que pudesse ser feito sobre isso. Aqueles que roubaram o que queriam de mim estavam perdidos para o reino, e eu não tinha como nem desejo encontrá-los, com apenas uma exceção. Quem eu havia encontrado e matado.

Um ano depois de entrar para o Exército de Zurie, descobri que vingar-se não fazia nada para curar feridas ocultas. Na verdade, só servia para deixá-las mais cruas.

A morte do macho veio até mim facilmente. Ele nem se lembrava de mim. Ele não foi apenas o primeiro macho a entrar no meu corpo, apesar de eu quase ter arrancado seus olhos tentando impedi-lo, mas também foi a primeira pessoa que matei. Eu o segui até em casa depois de encontrá-lo em um pub para vê-lo como o macho triste e doente que ele era. Quando minha espada removeu sua cabeça, pareceu mais uma morte misericordiosa do que qualquer coisa.

Malekai me passou seu charuto antes de levar suas mãos aos músculos tensos do meu pescoço, apertando e amassando e me fazendo gemer de alívio enquanto eu exalava a folha do sonho em uma nuvem ondulante. Uma onda de euforia suave tomou conta de mim, aliviando o aperto no meu peito e levando as memórias dolorosas para longe. Uma risada abençoada borbulhou dentro de mim.

Malekai riu atrás de mim, alimentando ainda mais minha risada.

"O que há de tão engraçado, *tessari mú* ?"

Meu tesouro.

Eu ri ainda mais. "Não faço ideia."

A risada de Malekai cresceu para algo caloroso e caloroso antes de ele se virar e me puxar para seus braços. O calor perenemente efusivo que irradiava de seu peito aliviou instantaneamente a tensão em meus músculos. Eu espiei seu rosto sorridente, sorrindo de orelha a orelha. A visão literalmente roubou meu fôlego.

Ele falou em meio às risadas enquanto seus olhos examinavam cada parte do meu rosto como se estivessem memorizando tudo.

"Deixe-me ver esse sorriso lindo…"

Nossos olhares se encontraram por vários momentos, meu batimento cardíaco galopando com velocidade crescente. Nossa risada desapareceu suavemente, nossos lábios se separaram...

Oh, deuses… Como eu queria isso há tanto tempo…

Mas algo... Algo apertou meu coração palpitante como um punho de ferro.

Minha boca se fechou e meu olhar desviou do dele.

Malekai apertou meu aperto com mais força, levando sua mão ao meu rosto para retribuir meu olhar.

"Marina…"

"Devemos ir… Está ficando tarde."

Deuses, eu fui um babaca.

"Vamos te levar para casa então..."

Malekai deu um passo para trás, deixando o ar frio e uma dor muito familiar no meu peito para tomar seu lugar.

O silêncio tenso se instalou em um silêncio sociável enquanto caminhávamos. Malekai jogou fora o resto do seu charuto de folha de sonho

e o enfiou entre uma rachadura em uma das pedras de argamassa que revestiam a parede do rio, provavelmente para que uma pessoa *de passagem* pudesse apreciá-lo.

Eu levantei uma sobrancelha para ele. "Sentindo-se generoso de repente?"

"De jeito nenhum... Seria uma pena desperdiçá-la, e folha de sonho meio defumada tem gosto de merda."

Soltei um pequeno suspiro de intriga.

O resto da nossa caminhada foi silenciosa, meu olhar ocasionalmente deslizando para ele para encontrar seu olhar fixo à distância e torcendo o anel do seu dedo médio. Era seu único sinal que consistentemente desmentia sua tensão. Só exibido quando éramos apenas nós dois.

"Você acha que vai conseguir dormir esta noite?", perguntei quando chegamos à minha porta.

Malekai deu de ombros, acariciando meu cabelo e me observando uma última vez antes de ir embora.

"Provavelmente não."

"Você vai direto para casa ou…"

Você vai para Satia Fama?

Seu bordel favorito.

Ele bufou uma risada. "O que você quer que eu faça? Sofra de bolas azuis até o dia da minha morte?"

Eu ri, revirando os olhos e sorrindo maliciosamente, apesar do ciúme que me atingiu. As palavras que forcei a sair pareciam cacos de vidro.

"Bem... espero que você se divirta..."

Ele sorriu com conhecimento de causa, pegando meu queixo entre o polegar e o indicador para inclinar minha cabeça enquanto abaixava a dele para dar um beijo demorado na minha testa.

"Katadamna kaza", ele murmurou, roçando meus lábios na testa.

Estendi a mão, puxando-o de volta para mim, envolvendo meus braços em volta de sua cintura. Ele era a única pessoa com quem eu permitia até mesmo essa modesta intimidade. Eu confiava nele mais do que em qualquer pessoa que eu já conheci. Quase cem anos lutando lado a lado, salvando a vida um do outro e vínculos traumáticos farão isso.

"Katadamna kaza."

CAPíTULO

QUATRO

MARINHA

O sono me escapou. Embora talvez fosse para melhor. Isso significava que eu não seria assombrado pelos pesadelos recorrentes retratando versões ainda mais distorcidas do meu passado, nem pelo sonho bizarro recorrente de algum deus - se há muito esquecido ou imaginário, eu não tinha ideia - implorando para ser libertado.

Quando as luas afundaram no horizonte e a luz aquosa do crepúsculo da madrugada começou a penetrar pela janela do meu quarto, eu já tinha desistido de tentar. Eu também não me alimentava direito há pelo menos uma semana. Eu comia comida, como a maioria das pessoas, mas não era isso que realmente me sustentava. Mesmo que fosse completamente agradável em algumas ocasiões, nunca me deixava realmente saciado ou nutrido.

Rapidamente tomei banho em água escaldante, esperando inutilmente que isso de alguma forma aliviasse minhas dores de fome. Desde que a Guerra Atratusiana havia terminado há 88 anos, eu sentia como se cada vida que eu havia tirado levasse um pedaço da minha alma com ela, e agora eu não tinha mais nada. No fundo da parte mais escura do meu subconsciente que sangrou em minha consciência desperta, eu sabia que não merecia viver. Muito menos aproveitar a satisfação e nutrição que o sangue me daria.

Trancei o comprimento do meu longo cabelo preto, estudando minha pele oliva. Ao longo de muitas noites sem dormir e com fome, comecei a empalidecer, e minhas maçãs do rosto altas estavam ficando um pouco afiadas demais. Um sintoma da minha falta de alimentação. Talvez fosse hora de visitar um salão de sangue. Outro tipo de palácio de prazer que eu evitava, sabendo muito bem que o que quer que acontecesse no Templo Erosyan, seria ainda pior nos salões de sangue, mas pelo menos eles não eram assombrados por minhas memórias ou pelos fantasmas lá dentro.

O sol tinha acabado de começar a espreitar seus raios quentes, roxos e alaranjados sobre o horizonte, refletindo nitidamente nas águas negras do Rio Atratus quando cheguei ao palácio de Zurie. Era uma coisa afiada, branca e irregular que cortava o horizonte como punhais em espiral. Esteticamente, era um ataque ao que seria uma paisagem majestosa onde estava posicionado no vale com as montanhas como seu único pano de fundo. Arquitetonicamente, era uma massa impressionante e intrincada de torres retorcidas com esculturas detalhadas esculpidas no próprio edifício.

Ainda assim, achei-o um pouco horrível e um tanto desagradável de se olhar.

Ao me aproximar dos imponentes portões, tirei o capuz da minha capa. A horda de guardas fae se afastou silenciosamente enquanto eu me

aproximava. Embora suas cabeças permanecessem voltadas para a frente, eu podia sentir seus olhos me seguindo como um toque indesejado enquanto curiosidade e cautela irradiavam deles.

Sanguinati raramente alcançavam os altos escalões da sociedade. Geralmente, eles eram considerados muito perigosos, muito astutos e muito selvagens para serem confiáveis. Principalmente porque geralmente não tínhamos necessidade de *aetra* . E nossa magia não diminuía com o uso.

Objetivamente falando, eu não poderia culpar a cautela deles. Nós precisávamos do sangue de seres que possuíam magia.

Seres como eles.

O fato de *serem* nossas presas, e não humanos, que eram vistos como pouco mais que gado de trabalho pela maioria dos portadores e animais - naturalmente causou uma divisão entre nossas espécies. Embora não fosse necessário, ou mesmo comum hoje em dia, que tirássemos uma vida toda vez que nos alimentássemos. Bem o oposto, na verdade. Graças ao nosso veneno, a alimentação era, na maioria das vezes, uma experiência extremamente prazerosa. Era apenas em casos raros, quando um sanguinati ficava muito tempo sem se alimentar, que corria o risco de se perder para a sede de sangue.

Levou um ano de persuasão incessante de Malekai para que a Rainha Zurie me considerasse para a estimada e temida posição de Royal Irae. A Rainha Zurie deixou evidente para nós dois sua aversão aos sanguinati.

Embora eles certamente tivessem seu lugar em seu exército por causa de nosso tremendo poder e suprimento inesgotável de magia. Dizia-se que os sanguinati eram descendentes dos Omnisseras. Uma raça ancestral de primais que semeou nosso reino, Bellorum, com sua prole antes de partirem ou morrerem.

O palácio ainda estava abençoadamente quieto quando cheguei. Eu estava ansioso para passar minhas primeiras horas nas arenas de treinamento para aliviar um pouco da minha crescente tensão. Um sorriso surgiu no meu rosto quando vi a pista de obstáculos mortal vazia, a excitação transbordando, enquanto eu desabotoava minha capa e a deixava se acumular em volta dos meus pés.

Aproximei-me do obelisco de mármore branco na altura da cintura esculpido com ruínas antigas - um altar de sangue - e puxei minha adaga pela palma da mão para derramar meu sangue na ponta afiada de seu ápice. Enquanto meu sangue escorria nas veias do mármore, uma magia faminta começou a emanar dele, lambendo o meu como se tentasse roubar mais do que eu já estava oferecendo. Um gemido baixo e metálico e um bocejo monstruoso soaram à distância, significando o labirinto agora desperto e todas as feras que vagavam por dentro.

Os obstáculos e criaturas do labirinto estavam sempre mudando. Não havia como memorizar a saída ou antecipar o que obstáculo ou criatura pode vir em seguida. Foi escolhido para você a cada vez, e cada vez foi

diferente. E muitos que entraram morreram. Era o requisito final para se tornar um dos infames guardas reais, soldados de infantaria e afins de Zurie.

"Por que você escolheria essa armadilha mortal mal-assombrada como forma de desabafar está além da minha compreensão."

Meu coração pulou ao som daquela voz.

Virei-me para encontrar Malekai sentado empoleirado na perna de uma escultura de pedra de uma esfinge atrás de mim. Ele levou uma pêra amarela brilhante aos lábios, dando uma grande mordida que fez o suco escorrer para a covinha de seu queixo perfeitamente esculpido. Não consegui evitar o escárnio que escapou de mim ao ver seu peito sem camisa brilhando com o suor de seu próprio treinamento. *Era honestamente cruel para qualquer homem ser tão bonito.*

"Já faz quase duas semanas que Zurie me mandou fazer 'o que ela quer'."

Por mais que eu odiasse, suas tarefas também eram uma fonte de terapia para mim... Desde que provassem merecer sua ira, o que frequentemente acontecia, felizmente.

Malekai terminou o resto do seu lanche suculento em duas grandes mordidas - miolo e tudo - antes de pular da Esfinge, caindo cerca de uma dúzia de pés antes de pousar com graça felina e rondar em minha direção. Sua voz era um ronronar aveludado.

“Treine comigo.”

Ele me deu um sorriso malicioso que prometia... tantas coisas.

Se eu ao menos estivesse disposto a aceitá-los.

Se eu ao menos os merecesse.

Merecia ele.

Abri a boca para responder, parando de repente quando sua testa franziu, e ele se aproximou. Franzindo a testa por um momento e me estudando um pouco intensamente demais.

“Você não se alimentou desde então, não é?”

Qualquer mentira em potencial ficou presa na minha garganta. Eu nunca fui uma boa mentirosa. E ele era a única pessoa neste mundo que eu amava. Apesar de todas as minhas transgressões imperdoáveis, eu não tinha coragem de ser desonesta com ele.

“Estou bem… Não preciso me alimentar com tanta frequência.”

Aparentemente, mentir *não era* algo baixo para mim.

As narinas de Malekai se dilataram para descobrir a resposta por si mesmo. Ele tinha um olfato excepcional e, aparentemente, conseguia sentir o cheiro quando eu ficava muito tempo sem me alimentar.

"Mareina", ele rosnou.

Dei um suspiro, ignorando aquela sensação de beliscão nas costas, enquanto pressionava a palma da mão em seu peito aquecido, numa tentativa de aliviar sua frustração e *minha* culpa.

"Olhar-

O som de uma porta se abrindo fez nossas cabeças se virarem rapidamente em direção à sala de treinamento. Dei um passo para trás, retornando minha mão para o meu lado. Alguns segundos depois, um guarda real apareceu.

"General Theikos. Irae Kalini. Desculpas pela interrupção. Sua Majestade solicita sua presença em seu jardim privado."

Malekai deu a ele um aceno brusco. "Obrigado, Sekhat. Já estamos indo."

Com isso, o guarda levou um punho ao peito antes de retornar pelo caminho que veio, deixando-nos em nosso pesado silêncio. Por mais que eu normalmente evitasse *Sua Majestade,* fiquei grato pela interrupção.

"Vamos ver o que exatamente fez com que ela saísse do harém, certo?"

Zurie raramente encontrava motivos para deixá-lo e, quando o fazia, era apenas a contragosto.

Dei um tapinha em um de seus impressionantes peitorais dourados de Malekai antes de tentar me virar —

"Mareina, ainda não terminamos esta discussão", ele gritou, agarrando meu braço com firmeza e me puxando de volta para ele. Olhei para a mão ofensiva antes de retribuir o olhar, levantando uma sobrancelha.

"Eu vou me alimentar. Obviamente. Não é como se eu tivesse escolha no assunto."

"Quando? Você não pode continuar se jogando nas mandíbulas da morte quando não está no auge do seu desempenho. Você não é invencível. E se você acha que eu vou deixar, você está gravemente enganado."

Uma carranca surgiu em meu rosto.

Malekai balançou a cabeça para mim com crescente impaciência.

"Você me permitiria fazer o mesmo?"

Meus ombros caíram em derrota. Era uma pergunta retórica, obviamente. Ele já sabia a resposta. Não parecia que fazia tanto tempo que a situação tinha virado. E Malekai não bebia mais por causa disso. Nós quase perdemos a guerra, apesar das probabilidades sombrias dos Kahlohani.

A maior parte de sua família havia morrido muito antes dos pais de Malekai migrarem de Hades, como meu pai, séculos atrás. O único parente vivo que Malekai tinha quando a guerra começou era sua mãe. Eles compartilhavam um vínculo profundo. Quando ela foi estuprada e assassinada durante um ataque em sua aldeia, ele se culpou por não estar lá para protegê-la.

Ele deixou sua mãe lutar na guerra para protegê-la junto com o resto da família, mas agora ele tinha certeza de que foi por causa da sua partida que ela, junto com o resto da família, havia morrido.

Foi então que ele assumiu um modo de vida niilista. Ele ainda o fazia de muitas maneiras, mas pelo menos agora ele não bebia e não estava ativamente tentando se matar. Tentar ajudá-lo a se recuperar disso quase destruiu nossa amizade.

"Prometo que vou me alimentar hoje à noite. Contanto que isso não interfira com o que Zurie precisa que eu faça."

Malekai estreitou os olhos para mim, e eu jurei ter visto uma chama brilhar em algum lugar nas profundezas deles.

"Se você acha que não vou amarrá-lo e forçá-lo a se alimentar, você claramente me subestima."

Mordi minha bochecha, reprimindo meu sorriso e minha reação instintiva.

“Se você acha que isso é um impedimento, você *se subestima muito.* ”

Seus lábios se separaram brevemente antes que seu maxilar se fechasse rapidamente, e ele tentou reprimir seu próprio sorriso.

O jardim de Zurie era um pátio escondido, mas amplo, que incluía uma variedade deslumbrante de flora em floração perpétua, graças à sua magia.

E aetra.

Dois guardas postados na entrada fecharam as elegantes portas duplas esculpidas atrás de nós, selando-nos como o pequeno demônio que governava este reino.

À distância, Miroslav, que era um traço preto contra o vibrante jardim, estava ao lado de Zurie, uma máscara de beleza inocente vestida em azul claro.

"Não preciso ameaçá-lo para que você entenda que se eu descobrir qualquer traição, você será um exemplo", sussurrou Zurie em um tom enganosamente suave.

Miroslav ficou paralisado, olhando para Zurie, e foi só quando apontei minha audição para ele que percebi que ele não estava respirando. O suor escorria de sua testa enquanto as veias saltavam em seu pescoço. Se eu não soubesse que não devia esconder minha escuta, teria ficado boquiaberto de choque com a visão. Miroslav era o macho mais poderoso que eu já tinha visto - e isso sem a ajuda de *aetra* .

Como um dos poucos Orixás restantes — seres com poderes divinos que vieram das montanhas e desertos de Yatól, *aetra* não teve efeito sobre eles. Eu o testemunhei matando milhares em um instante durante a guerra com pouco mais que um pensamento. Sem ele, era provável que Zurie tivesse perdido a guerra.

Os Kahlohani não eram apenas temíveis, mas também estratégicos. Eles sempre pareciam três passos à nossa frente, além de terem um formidável aliado: o Exército Selcarim.

Selcarim era uma região costeira ocidental que era abrigada por uma cadeia de montanhas tão traiçoeira que a única maneira de atravessá-la era passando *por* ela e *por baixo dela* . As únicas pessoas que conseguiam encontrar e atravessar os túneis, sinuosos e com centenas de quilômetros de extensão, eram os próprios Selcarim. A região tinha uma infinidade de

mitos e mistérios que a cercavam porque qualquer um que não fosse de lá nunca se aventurou lá e retornou, exceto seus nativos.

supostamente não havia terra que valesse a pena minerar; portanto, Zurie não tinha incentivo para se infiltrar. Autogovernada, era a única terra no continente atratusiano que permanecia independente de Zurie.

Não foi até que Miroslav começou a participar ativamente da guerra, não muito antes de ele aparecer, que a Guerra terminou rapidamente. Tradicionalmente, um vidente ou conselheiro real não arriscava pisar em um campo de batalha. No entanto, depois de 12 anos, Zurie finalmente decidiu arriscar seu mais poderoso e recém-descoberto aliado. Antes disso, acho que ela nem tinha realmente compreendido a extensão do poder dele. Em questão de semanas, os Kahlohani foram forçados a se render.

Vê-lo ser vítima de Zurie foi profundamente perturbador, embora eu não tivesse dúvidas de que o macho merecia. Embora ela fosse uma das fadas mais poderosas de Atratus, não pude deixar de me perguntar o quanto dessa exibição era em agradecimento à quantidade de *aetra* que ela consumia. Ao contrário de Miroslav, ela mantinha um frasco com ela o tempo todo. Embora ela fizesse questão de ser discreta sobre o uso que fazia, ela sempre carregava os sinais reveladores de alguém que estava nele: o perfume da flor vazava de seus poros em seu característico almíscar floral e terroso, e sua língua estava frequentemente manchada de um roxo escuro.

Graças ao processo de fermentação necessário para maximizar seu potencial mágico, a flor e seus pistilos tiveram que ser preparados como uma tintura concentrada, que intensificava o roxo natural da flor e manchava tudo que tocava.

Seu olhar se voltou para nós, e ela soltou Miroslav, que respirou fundo e calmamente antes de enxugar gotas de suor na testa.

Zurie deu a Malekai e a mim um pequeno sorriso forçado. "Veja se você acompanha Irae Kalini e seu corcel até o local de sua próxima tarefa amanhã, Miroslav."

"Sim, Majestade."

Miroslav fez uma reverência severa para Zurie antes de se virar para sair, seus olhos encontraram os meus brevemente e ele me deu um rápido aceno de cabeça.

Conforme nos aproximamos, a Rainha veio parar em frente a um grande lago, segurando um pequeno saco do qual ela tirou pedaços sangrentos de carne com seus dedos ensanguentados. Os peixes, eu nunca tinha descoberto que tipo especificamente... Tudo o que eu sabia era que eles tinham vindo de outro reino. Supostamente o reino de seus ancestrais.

A água chapinhava violentamente enquanto as criaturas lutavam por cada pedaço de carne que ela jogava. Ela tinha um olhar plácido no rosto enquanto parecia olhar *através* do lago e dos peixes, sem se preocupar em olhar para nós enquanto nos aproximávamos. Meu olhar foi atraído para as criaturas cinza e marrom foscas, com nadadeiras afiadas, se debatendo abaixo da superfície.

À medida que nos aproximávamos, Malekai e eu nos curvamos na cintura, trocando um breve olhar enquanto nos endireitávamos. Zurie estava a um pé e meio abaixo dos 6'8 de Malekai, com longos cabelos castanhos claros que pendiam em duas tranças grossas sobre os ombros, emoldurando-a. rosto em forma de coração com seu queixo pontudo. Olhos grandes, azuis, como os de uma boneca, e cílios longos davam a ilusão de uma juventude inocente.

Zurie era mais velha do que qualquer pessoa que eu conhecia pessoalmente, mas talvez fosse porque, tendo vindo do exército, a maioria dos indivíduos que eu conhecia tinha uma grande propensão a morrer. E falar de sua inocência seria como tentar vestir um lobo em pele de cordeiro.

"Linda, não é?" Zurie murmurou suavemente com sua voz delicada e ultrafeminina.

"Sim, Vossa Majestade", Malekai respondeu prontamente enquanto seus olhos permaneciam em mim, "Eles realmente possuem uma... beleza selvagem e aterrorizante."

Seu olhar se ergueu como uma lâmina, atraindo nossos olhos para os seus profundos olhos azuis. Suas feições gentis são um forte contraste com a criatura distorcida dentro dela.

"Assustadores? Ora, eu não os acho nem um pouco assustadores, General. Fome não é sinônimo de malevolência. Um coelho fica com fome e devora uma cenoura. Você também acha coelhos assustadores?"

Como se quisesse pontuar a frase, um dos peixes se debateu acima da água no momento em que ela jogava outro pedaço de carne no lago, nos dando um vislumbre de suas múltiplas fileiras de dentes irregulares e afiados.

"Talvez sejam apenas suas... características físicas que eu ache desagradáveis. Não sua natureza," Malekai emendou.

A rainha sorriu, revelando um conjunto de presas, notavelmente afiadas para uma fada.

"Oh, mas é precisamente isso que eu acho tão de tirar o fôlego. A simetria simples e a cor sozinhas são maçantes", explicou Zurie, aproximando-se de Malekai até que ela ficou a apenas alguns centímetros dele, "Irae Kalini... O General Theikos é um homem muito bonito, não é?"

Enquanto falava, ela passou um dedo delicadamente em garra por um lado do maxilar dele, fazendo-o flexionar, junto com o meu. Os pelos meus e de Malekai se arrepiaram em resposta ao seu toque indesejado.

Diante da minha hesitação, seu olhar se voltou para o meu, segurando o queixo de Malekai com sua mão.

"Fale, Irae. Certamente você tem uma opinião."

"... Sim, sua beleza é... notável, majestade."

Seu sorriso afiado se alargou, um brilho malévolo em seus olhos. Os sinais reveladores de *aetra* manchando suas gengivas aumentaram sua ameaça.

O aperto de Zurie se apertava ainda mais no maxilar de Malekai a cada palavra que passava, suas unhas afundando em sua carne, fazendo o sangue brotar e escorrer por seu pescoço. Aquela pressão em meus ombros queimava tão ferozmente que minhas mãos tremiam com a necessidade de estripá-la onde ela estava.

"Mas você não acha a beleza dele muito mais cativante…," ela continuou. A testa de Malekai endureceu enquanto as pontas de suas presas anormalmente longas se alongavam ainda mais, pressionando seu lábio inferior, "Quando ele tem presas?"

Eu silenciosamente debati se eu poderia ou não invocar minha espada e fechar a distância entre nós rápido o suficiente para sobreviver matando-a. Malekai ficaria furioso se eu não fizesse isso.

"Com ou sem presas, o que acho mais cativante no General Theikos é seu valor e lealdade. Sua alma."

E o seu é horrível pra caramba.

A única resposta de Zurie foi franzir os lábios quando ela finalmente o soltou, dando tapinhas em seu peito como um *bom menino* antes de limpar a mão ensanguentada em sua camisa. Ela segurou seu olhar, olhando para ele sedutoramente por baixo de seus longos cílios enquanto lambia o resíduo de seu sangue de seus dedos com sua língua manchada *de aetra* . Sua testa franzindo de repente.

"Seu sangue é bem peculiar, General... De onde você disse que sua família é?" Ela perguntou, estudando-o com muito mais interesse.

"Hades, Alteza."

Cantarolando pensativamente, ela sorriu como se tivesse chegado a uma conclusão.

"Talvez você queira se juntar a mim em meus aposentos esta noite, General?"

O ciúme acumulou brasas no fogo da minha raiva.

De alguma forma, Malekai conseguiu não perder o ritmo e lhe deu um sorriso sedutor, apesar das feridas abertas ainda estarem cicatrizando ativamente em seu rosto.

"Estou realmente honrado que você tenha me feito um convite tão valioso, Vossa Alteza."

Seu sorriso se alargou por alguns momentos antes de desaparecer quando ela começou a andar na nossa frente.

"Enquanto isso, tenho uma notícia bastante perturbadora."

Zurie levantou a palma da mão e uma carta apareceu.

"General, preciso que você selecione uma pequena companhia de seus homens para cavalgar para Vyssini. Recebi a notícia de que algumas das vilas ao sul de Vyssini começaram a se revoltar contra os senhores da região. Uma das turbas até conseguiu queimar uma de suas propriedades. Quero que a cabeça de cada desordeiro seja colocada em uma estaca na praça da cidade como um aviso. Prepare seus homens. Vocês vão embora logo de manhã."

O maxilar de Malekai se contraiu, hesitando apenas brevemente antes de acenar com a cabeça em concordância. Meu estômago se revirou por ele.

"Além disso, recebi a notícia de que mais uma propriedade foi saqueada e que Hallofrin não tem mais um Lorde para governá-la. Preciso que você envie uma companhia separada de seus soldados para evitar qualquer tumulto adicional na região."

"Sim, Majestade."

"E General, eu o responsabilizo por esses bandidos abandonados *por Akash ainda estarem* causando estragos em nossas terras e massacrando meus Lordes e Senhoras. Os saques se tornaram mais e mais frequentes, *apesar de* seus esforços. Esclareça-me como *exatamente* isso é possível."

"Majestade, enviei meus melhores homens e mulheres para investigar. Eles não deixaram nada para trás, exceto sangue derramado e..."

"E o quê, General?"

"Eles dividem os despojos com os servos."

Os olhos de Zurie se arregalaram brevemente, e uma veia começou a saltar em sua testa enquanto ela falava em uma voz perigosamente baixa.

"Você gosta do seu lugar neste reino, General Theikos? Dos luxos que ele lhe proporciona? Das inúmeras noites de devassidão em *Satia Fama* às quais você se entrega?"

A expressão de Malekai não revelou nada enquanto ele falava calmamente. "Sim, Vossa Majestade."

Ela o estudou por um momento, com um olhar de insatisfação marcando suas feições.

"Mas você não é totalmente motivado por essas coisas, é? E quanto ao conforto e estabilidade oferecidos a Irae Kalini? Ou o dinheiro que você consegue economizar na esperança de um dia se aposentar e... levar minha Irae com você?"

Meu coração gaguejou e se apertou com suas palavras enquanto a mandíbula de Malekai se apertou.

Zurie riu. "Quão precioso isso seria... Que conto de fadas tenho certeza que você imaginou para si mesmo."

Malekai permaneceu em silêncio, embora eu não pudesse deixar de notar a mão se fechando em seu lado inquietamente como se quisesse agarrar o punho com ponta de rubi de sua espada de aço enegrecida. Pequenas chamas faiscavam ao redor das pontas dos dedos como se ele mal conseguisse suprimir seu poder subindo à superfície.

Zurie riu, cantarolando para si mesma. "Bem, posso garantir que nada disso será possível se essa Revolta ganhar força. O que você acha que vai acontecer se todos os malditos *portadores de minori* em todo Atratus se unirem contra nós? Hm? Até formigas o suficiente podem derrotar um leão. E então *nenhuma* de suas pequenas fantasias se tornará realidade porque todos nós estaremos mortos. O Reino ficará em ruínas. Dado à ilegalidade e ao impulso, assim como aconteceu *antes de* meus ancestrais virem aqui e *construírem* esse maldito trono."

Ruína.

Antes da chegada dos ancestrais de Zurie, este lugar era um lugar de abundância selvagem, mesmo que não tivesse os confortos oferecidos nos tempos modernos.

Malekai permaneceu em silêncio enquanto o olhar de Zurie o penetrava.

"E o que precisamos é queimar essa praga pela raiz. *Encontrar* esses bandidos *minori escória. Encontrar* os líderes dessa Revolta. Quero seus sonhos despedaçados como vidro no chão frio e implacável. Este reino aprenderá as consequências de desafiar uma rainha: uma morte lenta e agonizante."

Cada palavra hedionda que ela dizia só servia para aumentar ainda mais meu ódio por ela.

Quão difícil seria matá-la aqui e agora?

Mesmo que eu morresse fazendo isso... Valeria a pena. A julgar pela mancha roxa escura em seus lábios, não tenho certeza se conseguiria fazer isso.

Deuses, quem tomaria o lugar dela?

Miroslava?

Um de seus vis Lordes ou Damas?

Nenhuma dessas perspectivas nos favoreceu.

A resposta de Malekai foi firme, mas revelou um vazio inconfundível. "Entendido, Majestade."

Talvez a consciência de Malekai estivesse começando a desgastá-lo... Embora fosse duvidoso. Ele havia expressado isso.

Diante do silêncio de Zurie, Malekai fez uma reverência e se virou, olhando-me brevemente antes de sair do jardim do pátio.

Zurie respirou fundo enquanto começava a andar lentamente em frente ao lago que abrigava seus peixes *famintos* . Não pude deixar de imaginar empurrá-la para dentro, eles a destruindo em pedaços.

Em vez disso, esperei silenciosamente, pensamentos seguindo Malekai por preocupação. Preocupação com a exibição sociopática de Zurie, como ele lidaria com *o convite de Zurie* , e agora sua última tarefa - execuções públicas.

Os olhos de Zurie permaneceram nas costas de Malekai até que ele desapareceu, e ela finalmente se virou para mim. Ela levou seu tempo correndo seu olhar sobre mim como se examinasse algum tipo de quebra-cabeça com muitas peças faltando.

"Há um... um macho híbrido. Meio-fae, meio-humano. Pelo que me disseram, ele sempre usa um glamour... O nome dele é Nakoa Solanis. Aparentemente, ele mora em algum lugar na Floresta Sentient. Preciso que você o encontre, mate-o e me traga o corpo... Peça para Miroslav dobrar você e o corpo para a cripta."

Vários batimentos cardíacos se passaram, antecipando que talvez ela elaborasse. Ela nunca havia pedido que eu trouxesse o cadáver de suas 'vítimas' de volta comigo... Talvez ela quisesse fazer dele um exemplo, montando sua cabeça em uma lança na frente do castelo.

Um esboço de sorriso irônico surgiu em seus lábios diante da minha falta de resposta.

"Sim, majestade…"

"Suspeita-se que ele seja o líder desse grupo de bandidos que está aterrorizando os membros da minha corte... Pelo que ouvi, ele é fortemente aliado... Provavelmente devido a toda a *caridade* que ele demonstrou aos pobres da região, então eu recomendaria ainda mais discrição."

O medo deu um nó no meu estômago.

Eu tinha poucos problemas em livrar o reino da escória que geralmente ficava presa na teia de Zurie...

Mas alguém que era… decente? Que estava ajudando ativamente pessoas vulneráveis? Pessoas que vinham de circunstâncias adversas como eu tive?

Zurie poderia muito bem ter sua mão com garras torcendo meu pescoço. Minhas palavras saíram ocas, mas firmes, forçadas a sair, enquanto eu enterrava minha culpa no fundo do abismo da minha alma para que eu pudesse finalmente respirar.

"Não falarei sobre isso com ninguém."

"Também há rumores de que sua magia é considerável..."

"... Por causa de *aetra* ?"

Ela hesitou em responder. "… Não."

Era extremamente raro que humanos tivessem acesso à magia. Eu só tinha ouvido falar da rara bruxa sendo dotada de tal dom.

Seus lábios franziram enquanto ela corria o olhar sobre mim. Algo como desconfiança cintilou em seus olhos, apesar de todos os meus anos de lealdade. Eu sabia que era mais do que apenas ser sanguinati. Embora fôssemos famosos por sermos criaturas selvagens, impulsivas e astutas... as fadas certamente não eram melhores.

Mais do que isso, ela sabia que eu tinha sido criada no que alguns consideravam um bordel glorificado, filha de um "prostituto" masculino. Abandonada até mesmo pela minha mãe, sobre quem eu não sabia quase nada. E *essa* seria para sempre a lente pela qual ela me via. *Indigna.*

Embora ninguém realmente soubesse muito sobre a linhagem de Zurie além das últimas gerações. Seu bisavô tinha sido o primeiro rei de Atratus. Pelo que eu tinha lido em textos históricos, essas terras e seu povo ainda eram selvagens... Até *a chegada.* Quando o tecido entre os mundos foi brevemente aberto, e *eles* atravessaram.

"Você tem cinco dias."

"Sim, Majestade."

CAPíTULO

CINCO

MARINHA

EU respirei fundo, aliviando a ansiedade, numa tentativa de estrangular o último fio de sanidade que restava, enquanto saía do escritório da Rainha.

Não posso continuar fazendo isso…

Talvez quando eu encontrar Nakoa… Eu poderia simplesmente… Deixá-lo me vencer.

Então eu não precisaria mais sentir isso.

Não precisaria mais viver *com isso.*

Se eu deixasse o serviço de Zurie como seu Irae... Eu seria morto. Assim como todos os outros Irae, Malekai e eu só percebemos alguns anos depois que fui contratado. Embora sempre tenha sido presumido que foi uma morte trágica em um ato de serviço a ela...

Perdido na espiral descendente dos meus pensamentos, caminhei corredor após corredor, na esperança de alcançar Malekai antes de partir... Nós dois estávamos saindo para realizar tarefas relativamente perigosas, e sempre prometemos um ao outro nunca nos separar, não importa o quão breve fosse, em termos ruins.

Ao dobrar uma esquina, fui sacudido de volta ao presente pelo corpo alto e duro como pedra em que eu tinha acabado de bater. Meus lábios quase se curvaram em desgosto.

Miroslava.

Ele e Zurie estavam praticamente colados no quadril. Com a pele quase da cor de tinta, ele estava sempre vestido de preto ou azul escuro. Ele possuía a beleza inquietante e sobrenatural que o Orisha sempre teve. A imensidão de sua magia jorrava de seu corpo magro, musculoso e de mais de dois metros em ondas. Combinado com seus sorrisos presunçosos e indiferença divertida... Ele tinha uma arrogância que eu achava desdenhosa de ranger os dentes.

Em todas as minhas jornadas, os poucos Orixás que conheci, apesar de seu tremendo poder, nunca foram arrogantes. Eles eram extremamente raros de se encontrar. Eles estavam entre os poucos povos nativos de Atratus. Antes dos fae, sanguinati e outros portadores estrangeiros tinham chegado - eles eram considerados deuses. Eles podiam sobreviver por milênios e eram quase impossíveis de matar, embora não conseguissem procriar com muita frequência devido ao fato de que só podiam ter filhos com alguém biologicamente *feito* para isso - um companheiro predestinado, o que havia se tornado cada vez mais raro, embora não fossem totalmente incomuns. Agora, havia talvez menos de uma dúzia de Orixás restantes em todo o reino, até onde eu sabia. E se fizeram raramente vistos ou conhecidos.

“Perdoe-me, Irae Kalini”, ele sussurrou com uma voz sombria, “minha mente estava em outro lugar”.

Não querendo prolongar nossa interação, apressei-me, contornando-o e continuando pelo corredor.

“Assim como as minhas, minhas desculpas. Estarei pronto… Em breve. Ish.”

Se eu fosse fazer isso, precisava fazer rápido.

“Irae Kalini?”

Preparando-me, virei-me.

O que a Rainha suspeitava de você?

Miroslav me estudou atentamente como se estivesse procurando por algo, seus penetrantes olhos prateados brilhando como diamantes. Sua expressão, pela primeira vez, não continha nenhuma presunção. Isso só tornou tudo ainda mais alarmante. Sua testa ficou tensa brevemente antes de um canto de sua boca se levantar, e ele deu um passo em minha direção.

“Junte-se a mim. Perto do lago.”

“Eu realmente preferiria não fazer isso.”

Ele riu. “Seria do seu melhor interesse.”

O mal-estar aumentou dentro de mim, fazendo meu peito apertar. A última coisa que eu precisava era de uma previsão condenada. Diante da minha hesitação, ele estendeu sua grande palma virada para cima. Depois de encará-la brevemente como se fosse uma coisa venenosa, coloquei minha mão na dele, permitindo que ele nos *dobrasse* . A escuridão nos consumiu. A sensação profundamente alarmante de espaço e matéria colapsando completamente preencheu... o que restava de mim. Por um breve momento, pareceu que tínhamos deixado de existir. Antes que meu coração completasse uma batida singular, no entanto, essa escuridão foi substituída pela luz do dia e pelo lago na parte de trás dos extensos jardins do palácio. Sua habilidade de *dobrar* o espaço de tal forma que o permitia pular para dentro e para fora de vários locais em um piscar de olhos - era diferente de qualquer outra que eu já tinha visto. Aparentemente não havia limite para a distância ou o número de pessoas que ele poderia levar com ele.

Tal é o poder de um *Orixá* .

Um escudo surgiu ao nosso redor, prateado e iridescente, e não pude deixar de admirá-lo momentaneamente, mesmo enquanto minhas palavras saíam.

“Eu vou morrer?”

Por favor, diga sim, sussurrou uma voz desdenhosa.

Miroslav ergueu as sobrancelhas, mas ainda assim conseguiu parecer entediado.

“Não somos todos nós?”

Respirei fundo para reunir paciência no momento em que Miroslav, do nada, retirou um pequeno frasco que continha um líquido translúcido e brilhante.

“Pegue isso antes de tentar concluir sua tarefa.”

Minha testa franziu com desconfiança.

“O que é e por quê?”

Seus lábios se curvaram para baixo como se pedisse desculpas.

“… Não posso dizer.”

“E você espera que eu confie em você… E apenas… Beba esse líquido misterioso.”

Algo em seu olhar parecia procurar o meu, uma abertura repentina e... preocupação em seu rosto que eu achei muito mais perturbadora do que qualquer outra coisa. Nunca antes eu o tinha visto sem suas feições treinadas em partes iguais de distanciamento e diversão, como se tudo fosse meramente uma forma de entretenimento.

“Eu sei que você não confia em mim…”

Desconfiança é pouco para dizer.

Eu não era de gentilezas ou falsas garantias desde que deixei o Templo Erosyan, e esse macho certamente não seria o único a mudar isso. Minha boca se apertou em uma linha dura.

“E eu entendo o porquê… Se eu jurar com sangue que não lhe fará mal, você promete considerar aceitá-lo?”

“E você não pode me dizer o que é?”

“Não, mas posso te dizer que isso mudará o curso de *nossas* vidas para melhor. Um em que você pode até mesmo um dia encontrar sua mãe…”

Minha respiração parou naquele tênue lampejo de esperança, mas prontamente se extinguiu. Raiva borbulhante seguiu-se à sua manipulação.

Eu escolhi ignorar isso.

“A que Zurie se referia quando falou com você sobre traição?”

Um sorriso sutil surgiu em seus lábios, e algo brilhou em seus olhos.

“Você descobrirá em questão de dias…”

Eu quase recuei.

“E você está traindo ela?”

O sorriso de Miroslav tornou-se luminoso.

“Na verdade, eu sou.”

Meu queixo quase caiu no chão.

“Por quê? Eu presumi que se alguém fosse leal a ela, seria *você.”*

A expressão de Miroslav endureceu com tristeza contida.

“Todo horror que cometi, o fiz para proteger aqueles que amo.”

Imaginar Miroslav *amando* alguém era... Algo que eu não tinha imaginado.

“Para que fim? Você está tentando usurpar o trono?”

Miroslav soltou uma risada sem alegria.

“Não, Mareina. Não tenho planos nem desejo de carregar o fardo de um trono. O único futuro em que todos nós podemos ser livres exigiu que eu me acorrentasse àquele monstro. Ele vai me assombrar nesta vida e na próxima, mas pelo menos minha *alma presa* estará segura.”

Fiquei olhando quase incrédulo, com a testa franzida e sem palavras por vários momentos.

“E por que exatamente você está confiando esse conhecimento a mim?”

“Porque eu sei que você quer que Zurie encontre seu fim tanto quanto eu.”

Descrença e cautela me percorriam. Este macho sempre pareceu ser nada além de leal a Zurie. Teria sido tudo planejado? Ele havia cometido atos tão horríveis...

Assim como você, minha consciência prontamente me lembrou.

Eu queria encontrar uma saída há décadas... Mas Zurie me tinha na coleira...

“… Não seria um desafio maior para você acabar com a vida dela do que respirar”, pensei em tom de acusação.

Miroslav me deu um sorriso triste.

“Isso, infelizmente, não é verdade. Quando ela me contratou como seu vidente e conselheiro, ela me fez fazer um juramento de sangue.”

Claro que sim.

Que lamentável!

Diante da minha carranca, ele continuou.

“Beber essa vileza incitará uma mudança positiva e poderosa não apenas em sua vida, mas em toda a Atratus.”

Depois de encará-lo, e a ele, por vários momentos, coloquei o frasco no meu sutiã.

“Jure com sangue.”

Sem hesitar, Miroslav desejou uma lâmina de obsidiana negra e brilhante em sua mão e a passou por sua palma. Gavinhas prateadas de magia flutuavam do vermelho escuro de seu sangue enquanto ele se derramava na grama.

“Juro que nenhum mal lhe acontecerá ao beber o conteúdo do vil que lhe dei, que minhas palavras são verdadeiras e que isso o levará ao seu verdadeiro lar e ao Guardião da Vida.”

Minha respiração parou com suas palavras, e seu olhar se voltou para o meu. Um pequeno sorriso de conhecimento surgiu em seus lábios. Os tentáculos de magia se enterraram no solo, e senti algo pulsar brevemente sob meus pés.

Choque e desconforto guerreavam dentro de mim. *Ele estava peneirando minha mente? Minhas memórias? Ele de alguma forma plantou aquele sonho em minha mente?* Eu nunca tinha ouvido falar de tal dom, mas imaginei que se alguém o tivesse, seria um Orixá.

Como se lesse meus pensamentos, ele balançou a cabeça.

“O pythos que você vê em seus sonhos é muito real, assim como aquela voz.”

Minha mente girou. Parecia que *Akash* , a essência divina do mundo que era o criador que permeava e destruía todas as coisas, estava tentando

revelar algo, mas eu senti como se estivesse olhando através de um vidro embaçado, ainda incapaz de ver o que era exatamente.

"Quem me enviou esse sonho me encheu de uma saudade visceral que não é minha… A saudade de ir para casa… *A sua saudade…"*

Lar.

Nunca me senti como se pertencesse aqui neste reino. E tinha sido uma existência excruciante. Malekai sendo a única exceção duradoura a isso.

"Como seria voltar *para casa."*

Onde quer que isso fosse.

Meus pais eram de Hades… Um continente vizinho. Seu governante, um formidável *Aequili* sanguinati...

Uma pessoa de ambos os sexos.

Aquele cujo avô cometeu genocídio contra o povo *Drakonati* .

Portadores inconcebivelmente poderosos que possuíam uma forma de dragão.

Algo sobre *aquele* lugar ser um lar também não parecia certo.

Miroslav começou a responder minhas perguntas antes mesmo que elas terminassem de surgir dentro de mim.

"Eu procurei incansavelmente desde que os sonhos começaram há 120 anos, alcancei os cantos mais distantes do nosso universo sem sucesso, buscando o *'Guardião da Vida'* , apenas para ficar com mais perguntas e incertezas. A única explicação que me resta é que é um ser de algum lugar além... Um deus ou primal, talvez. Seu objetivo final é a única coisa que ficou clara para mim: que ele deseja permitir uma grande mudança neste reino.

"Ele me mostrou visões de uma grande purgação. Uma limpeza. Foram-me mostradas cenas de morte e destruição que, em última análise, levam à paz e à prosperidade... E por que ele escolheu você para revelar essas mensagens é algo que você descobrirá em seu próprio tempo, mas saiba que não é sem razão."

Fiquei sem palavras. Eu podia sentir visceralmente um caminho sendo feito, como se fosse pela própria Akash. Para onde ele levaria, eu não tinha ideia, mas uma parte essencial de mim sabia, sem dúvida, que eu tinha que segui-lo. E algo como o mais tênue um lampejo de esperança cintilou em algum lugar distante naquele caminho. Um de mudança. Para que eu não só não tivesse mais que vender minha alma para sobreviver... Mas inúmeros outros. Como todos aqueles que serviam no palácio Erosyan. Ou simplesmente a maioria da população Atratusiana vivendo na pobreza porque toda a riqueza e recursos eram reservados para Zurie e sua aristocracia.

Miroslav descansou sua grande e fina palma em meu ombro, *dobrando*-nos para os estábulos onde eu prepararia Chihiro para nossa jornada. Mesmo que Miroslav nos dobrasse para a cidade onde o alvo de Zurie, Nakoa, estaria, eu ainda precisaria dele quando chegássemos.

"A propósito, Malekai está procurando por você…"

Fiquei chocado demais para ficar mais perturbado pelo fato de ele parecer conhecer facilmente o funcionamento interno e os detalhes de cada um.

Minha voz saiu distante.

"… Provavelmente."

“Não preciso aconselhá-lo sobre o porquê de você não mencionar nada disso a ele ainda…”

Eu estremeci levemente com a intrusão dele falando dentro da minha mente. Ele nunca tinha feito isso antes. Era um dom extremamente raro, mas, novamente, não fiquei surpreso que ele o possuísse.

"Ainda?"

Malekai era a última pessoa com quem eu falaria sobre isso, mesmo que ele me amasse incondicionalmente. Ele pode ter se oferecido meio brincando para matar Zurie por mim, mas eu sabia que, se chegasse a esse ponto, muita coisa teria que acontecer para que ele realmente sacrificasse seu estilo de vida luxuoso. E, além de me trair, ele faria qualquer coisa para protegê-lo, incluindo, mas não se limitando a, contar a Zurie o que Miroslav estava aparentemente tentando fazer.

Provavelmente seria melhor porque isso é uma loucura.

Sem mencionar que ele e Miroslav nunca gostaram um do outro.

Alguns soldados de Zurie passaram por nós, a conversa deles se acalmou ao nos verem, baixando os olhares.

“Depois que você terminar de se preparar, eu te encontrarei e te deixarei do lado de fora da taverna onde Nakoa estará… Te vejo quando chegar a hora.”

CAPíTULO

SEIS

MARINHA

Saté tentar juntar os pedaços da minha mente que tinham acabado de ser explodidos, eu me movi no piloto automático. Os olhos de Riven se arregalaram ao me ver antes de correr. O moço do estábulo era um jovem sátiro que eu imaginei ter apenas 19 ou 20 anos. Ele não estava com a Rainha Zurie há alguns anos e estava apenas começando a superar os sinais da adolescência.

"Irae Kalini! Eu não estava esperando você! Minhas desculpas, mas Chihiro está pastando. Devo buscá-lo para você?"

Não consegui evitar o sorriso que surgiu no canto dos meus lábios diante de sua natureza doce, *colocando* várias moedas de prata na minha palma e oferecendo-as a ele.

"Não é problema, Riven, eu posso ir procurá-lo. Você se importaria em coletar algumas sacolas de comida para ele, o suficiente para quatro dias, se possível?"

A boca de Riven se abriu, seu lábio superior ainda era capaz de deixar crescer apenas um bigode ralo, e seus olhos castanhos calorosos se arregalaram ao ver os prateados.

"Oh- Não- Eu não devo—

Riven se assustou quando peguei sua mão e coloquei o dinheiro dentro.

"Não seja ridículo. Quanto tempo levaria para você ganhar essa quantia de outra forma?"

A boca de Riven se inclinou para baixo enquanto seus ombros se endireitavam, e ele levantou o queixo.

"É o salário de um mês inteiro."

Eu assenti, sentindo o coração apertar.

"E você tem alguém em casa para cuidar?"

A garganta de Riven se esforçou para engolir.

"Sim… Minha mãe e minha irmãzinha."

"Seu pai está por aí?"

A energia de Riven ficou pesada, e eu sabia a resposta antes que as palavras saíssem de sua boca. Sua tristeza era algo palpável.

"Não… Ele faleceu pouco antes de eu ser contratado para o serviço de Sua Majestade."

Oh Deus. Foi por isso que ele começou a trabalhar aqui tão jovem.

Coloquei uma palma cheia de moedas de ouro na minha mão. Os olhos de Riven se arregalaram ainda mais, logo transbordando de lágrimas não derramadas. Eu conhecia esse olhar. Esse sentimento. Antes de meu pai e eu termos sido acolhidos pela Ordem Erosyan, éramos destituídos como muitos de seus discípulos.

Riven abriu a boca para protestar, e eu levantei a palma da mão.

“Silêncio, criança. Você não está em condições de me recusar.”

O exército da Rainha, embora não fôssemos pagos nem de longe tanto quanto valiamos, não só me resgatou do Templo Erosyan. Ele me deu um mínimo de estabilidade financeira e independência. Ao longo dos anos, conforme eu subia de patente, meus ganhos aumentavam, e agora que eu era The Royal Irae, eu tinha mais dinheiro do que sabia o que fazer com ele. Era como a Rainha Zurie tentava garantir minha lealdade e discrição porque *Akash* sabia que não era por generosidade.

Eu também sabia que, sem dúvida, parte do ressentimento dela em relação a mim era que eu não precisava *de aetra* para exercer uma magia que quase se igualava à de um Orixá - os seres divinos, como Miroslav, que vieram das profundezas das montanhas e desertos de *Yatól* , já estavam aqui muito antes mesmo das fadas.

Zurie precisava de mim e me desprezava. Nós dois sabíamos que ninguém poderia desempenhar suas funções tão efetivamente quanto eu. Seus antigos Iraes eram conhecidos por morrer em poucos anos. E eu sobrevivi por setenta a mais do que qualquer um antes de mim.

Os pastos verdejantes, ondulados e pastos atrás do palácio de Zurie eram de tirar o fôlego. Adornados com campos de flores silvestres, havia uma vista desobstruída do Monte Othrys, a maior das Montanhas Falcweard, e seu pico coberto de neve. Andei sem pressa e admirado com a majestade ao redor. A confusão da minha mente com o que tinha acabado de acontecer com Miroslav e a imensidão do que eu podia sentir intuitivamente estava chegando, apesar de ainda não saber o que era, finalmente começou a se acalmar.

Akash , a presença divina em todas as coisas, tomou conta de mim em uma onda de paz. Sem pensamento ou intenção consciente, me vi ajoelhado na grama e nas flores, espalhando minhas palmas sobre ela enquanto meus olhos se fechavam. Eu simplesmente *senti* a magia no chão abaixo de mim. *Akash.* Meu coração inchou em reconhecimento e gratidão.

Sentei-me sobre os calcanhares, apenas *sendo* ... Sentindo a energia, a magia da terra fluindo através de mim e para fora de mim no que era reverenciado por nossos ancestrais selvagens como uma troca de energia de cura. Eu lia isso frequentemente antes da batalha, ou se alguém estivesse sofrendo de um mal-estar emocional ou espiritual, eles fariam exatamente isso sob a árvore mais velha e próspera que pudessem encontrar.

O som de passos distantes e preguiçosos de cascos fez minha mente retornar ao presente e um sorriso abriu meus lábios. Meus olhos ainda estavam fechados com a sensação de minha alma *precisando* dessa troca sagrada de magia. Vários momentos depois, um focinho aveludado empurrou contra minha bochecha. Finalmente, abri meus olhos para ver Chihiro na frente de mim, balançando a cabeça enquanto ele bufava baixinho exigindo minha atenção.

Seu pelo, preto como um céu noturno sem estrelas, tinha sido perfeitamente preparado. Até os longos tufos de pelo ao redor de suas pernas que caíam sobre seus cascos brilhavam como se tivessem sido condicionados.

Riven claramente o estava mimando. Meu coração inchou um pouco mais em apreciação ao pensar nele.

Fiquei de pé, segurando sua grande cabeça em minhas mãos e pressionando minha testa na dele enquanto acariciava suas bochechas e pescoço.

“Sim, eu também senti sua falta, querida amiga. Quanto tempo faz? Hm? Uma semana inteira?”

Chihiro soltou um suspiro que soou notavelmente indignado.

“Eu sei. Desculpa… Quer dar uma volta?”

Uma magia familiar acariciou meus sentidos intangíveis, fazendo minha cabeça levantar rapidamente, assustando Chihiro. Alívio me encheu quando vi Malekai caminhando em minha direção. Seu próprio alívio era visível em seu rosto, substituindo a frustração que o havia atingido antes. Os ferimentos em seu rosto de Zurie estavam, felizmente, agora totalmente curados.

Nós tínhamos passado por muitas quase-mortes juntos para qualquer um de nós ter certeza de que cada vez que nos separássemos não poderia ser a última. Os braços longos e musculosos de Malekai se enrolaram em volta de mim e me puxaram contra ele, colocando minha cabeça sob seu queixo enquanto meus braços se enroscavam em volta de sua cintura.

“Fiquei preocupada em ter que ir embora com você ainda bravo comigo”, murmurei.

Ele deu um beijo no topo da minha cabeça. “Você já deveria saber.”

“Sinto muito por estressá-lo…”

Malekai franziu a testa, colocando alguns fios rebeldes do meu cabelo atrás da orelha para protegê-lo da brisa suave.

“Você irá a uma sala de estar antes de sair?”

Meu estômago se revirou só de pensar nisso.

“Você sabe o que sinto sobre esses lugares, Malekai.”

“E se houvesse uma alternativa?”

Dei um suspiro, já sabendo onde isso iria dar.

“Já passamos por isso.”

"Mas estou dando meu sangue a você de boa vontade e por nenhuma outra razão além de querer te proteger. Não é como se você não tivesse se alimentado de mim antes."

“Foi quando eu estava à beira da morte. Você *sabe* que meu veneno não tem o mesmo efeito então… Eu vou me alimentar da última vítima de Zurie. Como eu sempre faço.”

A carranca de Malekai se aprofundou. “Mas isso ainda te deixa vulnerável. E se algo acontecesse? Você está em um estado enfraquecido. E se eles não estiverem sozinhos... Ou se forem mais fortes e rápidos do que

você. Mais habilidosos. Por mais que pareça o contrário, você *pode* ser morta, Mareina.”

“Eu faço isso há quase um século, Malekai. Um macho não vai cortar o cordão que prende minha alma a este corpo.”

“… Você e eu sabemos que é preciso apenas uma lâmina bem posicionada… Sem mencionar que ele pode não estar sozinho.”

Ele não estava errado. Nós dois tínhamos testemunhado o suficiente de nossos companheiros mortos por *minori*, os chamados "menores" entre *os portadores*, e até mesmo humanos para saber o quão verdadeiras essas palavras eram. O silêncio pesava muito entre nós. Meu arranhão seguiu Chihiro enquanto ele se afastava para pastar mais flores silvestres. Eu já tinha me alimentado de Malekai antes, por desespero - momentos em que fui gravemente ferido. Como o fogo que ele empunhava, era mais potente do que qualquer outro sangue fae que eu já tive. Mas em uma situação como essa, nunca seria tão simples quanto apenas beber seu sangue.

Todos os sanguinati liberavam um veneno ao se alimentar, e se uma quantidade tremenda de adrenalina não fosse bombeada pelo corpo para neutralizá-lo - ou seja, durante uma luta até a morte ou quando você estava morrendo ativamente - o veneno tinha um efeito potente em ambas as partes. Um dos seus efeitos colaterais foi euforia e uma excitação bastante selvagem.

O que era, claro, apenas um acréscimo à sede de sangue que eu sabia que aconteceria porque eu estava há mais de duas semanas sem me alimentar naquele momento. Quase sempre, esperando a Rainha Zurie me confiar uma tarefa na qual alguém acabaria morto de qualquer maneira, e eu teria adrenalina suficiente bombeando através de mim para anular os efeitos do veneno.

Eu sabia e podia *sentir* o amor de Malekai por mim. E isso ia além do amor platônico de amigos. Eu sabia que *Satia Fama* era praticamente um segundo lar para ele e que ele tinha *inúmeras* amantes... Mas eu também sabia que isso não o preenchia.

Era ineficazmente um curativo e uma distração do que ele queria de mim. E eu não tinha certeza se eu poderia ser o que ele precisava e merecia.

Se eu fosse completamente honesto comigo mesmo... Eu sabia que *não* merecia Malekai. E uma vez que ele veio a ver o quão avassalador era aquele abismo em meu coração e alma...

Meu pensamento se transformou em um engolir audível, meu olhar mergulhando.

Por medo e autopreservação... Sempre escondendo meu verdadeiro eu... Malekai me conhecia melhor do que ninguém, mas ainda havia tanta coisa que eu nunca seria capaz de revelar a ele...

Meu passado.

Minhas vulnerabilidades…

Todas aquelas vezes, há tanto tempo, quando eu era uma vítima e impotente.

Ele só me viu como poderosa. Uma força a ser reconhecida. Não feita vítima de ninguém. Ele nunca conheceu a jovem mulher quebrada que foi tão facilmente enganada pelos clientes do Templo Erosyan, manipulada e usada para ser rapidamente descartada, ou pior, estuprada e espancada.

O fugitivo que foi forçado a viver nas ruas.

A ladra que não tinha nada em seu nome e teve que roubar comida e roupas para sobreviver.

A mestre manipuladora que explorava aqueles que buscavam se aproveitar de sua vulnerabilidade.

O assassino hediondo que buscou vingança sangrenta contra aqueles que me prejudicaram.

A ruína decadente da pessoa que eu havia me tornado.

Até que me deparei com um guerreiro recrutando para o exército de Zurie.

Selina.

Ela tinha sido uma companheira sanguinati. Linda e intimidadora. Eu a invejei quando a vi. A atenção e o respeito que ela comandava sem palavras.

Ela e outro macho até lutaram como demonstração ao público para inspirar as pessoas a se juntarem às fileiras de Zurie. Ela o dominou violentamente - apesar de ele ter o dobro do tamanho dela - com poder, habilidade e graça notável.

Eu entrei no mesmo dia.

Inicialmente, Seline e eu nos tornamos amigas.

Até que floresceu em algo mais.

Ela foi meu primeiro amor. Ela me ajudou a crescer e me tornar a mulher que sou agora. Passou a me conhecer melhor do que qualquer outra pessoa. Depois de alguns anos, comecei a enchê-la lentamente com verdades do meu passado que eu havia escondido por vergonha.

Inicialmente, presumi que ela se sentia apática sobre o que eu lhe disse até que uma mudança tangível ocorreu gradualmente. Ela confessou que quando eu falava sobre meu passado, isso a deixava desconfortável e a fazia me ver sob uma luz diferente e contaminada. Ela tinha crenças morais rígidas e vinha de uma família rica - uma das poucas famílias sanguinati dentro da aristocracia de Zurie. Eles também eram saudáveis e cuidadosos com sua filha, Seline. Forneceram a ela tudo o que ela poderia precisar e muito mais. Ela não conseguia imaginar 'permitir' que alguém a tocasse por causa das coisas que eles lhe prometeram. A esperança de que eles dado a ela. Como uma fuga do inferno, como ser sem-teto e roubar para sobreviver.

Seline tinha visões severas de tal comportamento *manipulador* . Ela associava o abandono de Atratus com preguiça e fraqueza. Ela via o fato de eu ter sofrido violência sexual meramente como um sintoma infeliz de tendo permanecido naquele ambiente depois que eu tinha idade suficiente para sair. O Templo Erosyan. O único lar, família e amigos que eu já tinha conhecido antes de conhecê-la.

Meu coração estava despedaçado e endurecido ao mesmo tempo.

Malekai veio de uma criação igualmente rica e saudável. Eu não duvidava que ele teria uma reação parecida com a de Seline. Eles tinham muito em comum e se tornaram amigos rapidamente quando nos conhecemos. Eu sempre me perguntei se eles teriam ficado juntos se eu não estivesse por perto. Eles teriam sido uma combinação perfeita, ambos vindos de famílias ricas, mas ainda assim escolhendo se tornar guerreiros no exército de Zurie.

Seline e eu tínhamos acabado de começar a curar nosso relacionamento quando ela foi morta no começo da guerra. Malekai foi a única a me ajudar a juntar os restos do meu coração partido.

Eu também temia que no momento em que eu me abrisse para ele dessa forma, ele seria tirado de mim. Assim como tantas coisas na minha vida que eu amava tinham sido. Minha mãe. Minha melhor e única amiga antes de Malekai, Fara. Meu primeiro amor, Seline... Todos os meus amigos mais próximos no exército, que, em todos os sentidos, exceto sangue, tinham se tornado minha família. Malekai era a única pessoa que eu não tinha perdido. Se eu me permitisse essa felicidade, eu sentia que talvez o tapete finalmente fosse arrancado de debaixo de mim. Que o *Karma* finalmente me alcançaria.

' *Bem, Mareina, parece que você usou todos os seus marcadores de felicidade, então agora, certamente, é hora de alguém que você ama morrer.'*

Porque depois de tudo que eu tinha feito, eu certamente não merecia esse tipo de felicidade.

No entanto, de alguma forma, pela graça de *Akash* , nós dois sobrevivemos às perdas, às mortes de inúmeros amigos e à guerra... e um século depois, ainda estávamos aqui, apesar de todo o trauma e da culpa do sobrevivente.

Com cada morte de um ente querido, um buraco era esculpido em meu coração que nunca poderia ser preenchido. E se algo acontecesse com Malekai... Eu não achava que conseguiria sobreviver a este mundo. Eu não iria querer. Um mundo sem Malekai me condenaria a um mundo completamente vazio de amor.

Sempre em sintonia com meus pensamentos, Malekai deu um passo à frente, gentilmente me segurando pelos braços enquanto olhava para meu rosto.

“Mareina, *por favor…* Se você não se importa o suficiente com sua autopreservação para se alimentar antes, então, por favor, faça isso pela minha. Se algo acontecesse com você…”

O rosto de Malekai endureceu como se tentasse reprimir a emoção.

“… Juro por *Akash* que literalmente me jogarei na minha própria espada de merda só para persegui-lo até o outro mundo e estrangulá-lo. Eu me recuso a ficar neste reino miserável sem você.”

Não consegui deixar de rir enquanto me inclinava para ele e envolvia meus braços em volta de sua cintura.

“Tudo bem”, concordei.

Malekai soltou um suspiro de alívio, apertando-me firmemente contra ele enquanto ele pressionava um beijo no topo da minha cabeça. Meus olhos ardiam com o amor que eu tinha por esse macho.

Malekai, é claro, simplesmente desviou meu olhar para ele no momento em que uma lágrima desonesta escorregou pela minha bochecha.

“Ei, agora…” A voz de Malekai era o melhor tipo de abraço. O tipo que você sentia no fundo dos seus ossos. Na sua alma. “Quer me dizer o que te deixou toda agitada?”

Balancei a cabeça, sentindo-me um pouco envergonhado pela minha repentina e aleatória onda de emoção.

“Está tudo bem… Enquanto você souber, eu sempre estarei aqui por você. E nada jamais ficará no caminho disso porque eu não hesitarei em assassinar *quem* ou *o que* quer que ouse fazer isso.”

Enterrei meu rosto na parede imóvel de seu peito, saboreando o calor intenso que irradiava de seu corpo e seu cheiro de sal marinho e brasas. Ele cheirava a sol, mar e fogueiras com cada gota do conforto que cada um poderia trazer.

“Você vai me acompanhar até a sala?”, perguntei, me afastando para ver a reação que eu sabia que ele teria. Como o masoquista que eu aparentemente era.

Sua decepção era evidente, mas ele simplesmente me deu outro beijo na testa.

“Aonde quer que você vá, eu irei, Mareina.”

CAPíTULO

SETE

MARINHA

A Casa de Rubra era sem dúvida a casa de sangue menos decadente de Bastrina. Primeiro, não tinha uma sala de alimentação compartilhada onde orgias aconteciam. Em vez disso, embora mantivesse um mínimo da opulência espalhafatosa característica pela qual praticamente todas as casas de sangue eram conhecidas, todos os seus cômodos eram privados e consistiam em mais do que apenas uma cama enorme.

Malekai e eu entramos por imponentes portas de madeira escura em um tranquilo saguão de pedra ostentando um lustre tremeluzindo com luz de velas - a única luz no espaço. Uma figura elegante apareceu, vestida com um longo vestido transparente que deixava pouco para a imaginação, sussurrando contra o chão de pedra enquanto caminhava pelo corredor.

“ Sanguis felix,” ela ronronou. *Sangue feliz.* Era uma saudação antiga, mas frequentemente usada entre sanguinati, com a intenção de desejar ao destinatário sangue saudável que lhes trouxesse boa sorte. Seu rosto era lindo e perfeito como o de uma boneca. Seus lábios carnudos e carnudos, grandes olhos de corça emoldurados por cílios escuros exuberantes e maçãs do rosto altas complementavam sua figura ágil, mas voluptuosa. Não pude deixar de sentir uma pontada de ciúmes quando seus olhos percorreram Malekai com fome flagrante.

“Sanguis Felix,” eu consegui, sem me incomodar em forçar um sorriso no meu rosto. Seu olhar se voltou para o meu como se estivesse se recuperando, e ela conseguiu dar um sorriso educado, se não apologético. De alguma forma, o olhar de Malekai, abençoado seja, permaneceu firmemente fixo em mim enquanto ele pressionava sua grande palma contra a parte inferior das minhas costas para me tranquilizar.

“Como posso servir?” Ela perguntou.

“Só um quarto e um *donatris* , por favor.” *Doador.*

Ela assentiu, fazendo com que as tranças retas de seu longo cabelo castanho se movessem sobre sua pele escura. "Você prefere masculino, feminino ou aequili?" *Aequili* , que significa 'equilibrado', era outro termo usado entre os sanguinati que se referia a uma pessoa de ambos os sexos.

“Mulher. Obrigada,” respondi rapidamente, esperando não chatear mais Malekai.

Seu olhar variou entre nós dois.

“E seu companheiro estará… participando?”

Embora ela certamente pudesse dizer que ele era uma fada e não beberia sangue, ela estava tentando perguntar se ele participaria do sexo que quase sempre acontecia durante as alimentações.

"Não."

A decepção em seus olhos era evidente. Senti outra onda de ciúmes, voltando meu olhar para Malekai, cujo olhar permaneceu em mim, sua mão esfregando círculos calmantes contra minhas costas.

Suas narinas se dilataram, provavelmente sentindo o cheiro da minha fome.

“Há quanto tempo você não se alimenta?”

“15 dias.”

Seu queixo caiu antes de fechar, lábios franzidos em desgosto. Eu não podia culpá-la. Foi irresponsável da minha parte. Seus olhos se voltaram para Malekai.

“Você está ciente de que será cobrado o triplo se entrar em sede de sangue?… E você vai contê-la quando a sede de sangue assumir o controle?”

Malekai finalmente encontrou seu olhar. “Você tem minha palavra.”

Ela deu um leve aceno e se virou, caminhando pelo longo corredor. Malekai e eu seguimos vários passos atrás. Conforme nos aproximamos das salas de estar, quase todas à prova de som, pudemos discernir vagamente os sons de êxtase sendo inspirados de dentro. Depois de vários momentos, nossa anfitriã parou ao lado de uma grande porta ornamentada e a abriu com um empurrão suave de sua magia.

“Seu donatris estará com você em breve.”

Com isso, ela se virou e caminhou em direção a uma porta no final do corredor que imaginei que levasse às residências dos donatris. Devido ao fato de que um sanguinati, ou qualquer outro imortal, precisando de sangue poderia vir a qualquer hora, as casas de sangue frequentemente abrigavam seus muitos donatris para que pudessem permanecer de plantão.

Malekai me conduziu mais para dentro da sala privada. A iluminação era fraca, iluminada com velas cujas chamas tremeluzentes criavam sombras nas paredes. Uma grande cama de paletes ricamente decorada, adornada em tons de vermelho rico e desenhos exóticos, ficava no fundo da sala. Um sofá e uma pequena chaise longue com uma cadeira confortável em frente a ela. A cadeira para o cliente se alimentar e a chaise longue para os donatris se deitarem enquanto seu sangue era drenado.

Uma escolha atenciosa de assentos para o raro, e provavelmente perturbado, indivíduo que realmente escolheria não se envolver em nenhuma atividade sexual durante uma alimentação.

Eu me movi para ir em direção à cadeira enquanto Malekai fechava a porta atrás de nós. Assim que me sentei, ele se ajoelhou na minha frente, procurando meu rosto.

"Você está bem?"

“Sim… Eu só… Espero que os donatris sejam bem tratados aqui pelos clientes.”

“Eu lhe pagarei bem.”

“Você não precisa fazer isso. Já estou mais do que agradecida a você por sua preocupação e por garantir que eu esteja segura antes de partir para

Ouvelleete.”

Malekai me lançou um olhar entediado.

“Mareina, você literalmente não pode me impedir, a não ser que você arranque minha garganta, o que anularia todo o propósito de termos vindo aqui em primeiro lugar.”

Suspirei, balançando a cabeça.

“Se eu entrar em sede de sangue…”

Felizmente, Malekai estava aqui para evitar que as coisas saíssem do controle, mas mesmo assim, era um risco quanto ao quanto eu tiraria dela antes que ele pudesse me impedir... E levaria tempo para o donatris se curar. Assistência mágica e poções ajudariam, mas as consequências de provocar a morte nunca eram uma experiência agradável.

“Vou garantir que você pare.”

“E se eu tentar te morder?”

Um sorriso diabólico surgiu em seu rosto, e juro por *Akash que* a ação por si só fez meu clitóris formigar.

“Eu queria que você fizesse isso.”

Apesar dos meus sentimentos fortemente guardados e reprimidos por ele, meu âmago se apertou de necessidade. Fazia um período injustamente longo que eu tinha ficado sem o toque de outro.

Deuses, e eu o desejava. Como uma flor busca o maldito sol.

As palavras pareciam cascalho raspando minha língua e garganta.

“Eu não estaria em meu perfeito juízo… Eu—

A porta da sala de alimentação se abriu quando uma fêmea pequena e curvilínea com pele branca como leite e cabelo escarlate vestida com outro vestido transparente entrou. Examinei seu corpo em busca de sinais de alimentação recente, mas não encontrei nenhum. Soltei um suspiro audível de alívio ao ver suas orelhas de fada e o cheiro de seu sangue de fada. Pelo menos se minha sede de sangue levasse a melhor sobre mim, ela se curaria mais rápido do que a maioria.

Seus olhos se encontraram brevemente com os meus antes de retornarem ao chão enquanto ela se dirigia para a chaise longue. Eu podia ouvir o martelar de seu coração, incapaz de esconder sua energia nervosa.

Sua pele exposta, macia e pálida não fez nada para esconder as tênues linhas azuis de suas veias por baixo. A visão, somada à antecipação, fez minhas presas doerem e minha mão agarrar a de Malekai. Ela rapidamente se deitou e estendeu seu braço carnudo e delicado em minha direção. Não pude deixar de notar que ela estava tremendo levemente. Compaixão e predador guerreavam dentro de mim.

“Você está… Nervoso?”, perguntei, minha voz mudando para algo rouco de fome e necessidade.

Ela balançou a cabeça, os olhos brevemente se voltando para os meus. “Você é… O Irae…”

Minha testa franziu, sentindo-me cautelosa e aliviada, mesmo quando minhas presas desceram. O gosto doce, almiscarado e de canela do meu

veneno inundou minha boca. Palavras de segurança subiram à minha garganta, mas antes que eu pudesse dizê-las, percebi minhas mãos agarrando os pulsos da donatris a ponto de machucá-la. A ação me puxou para frente e a puxou para a metade da chaise longue enquanto eu afundava minhas presas no pulso da donatris.

Ela soltou um grito, quase caindo no chão. Malekai a pegou, ajudando-a a se sentar de novo - algo que eu só notei vagamente - antes de se reposicionar embaixo de mim, me segurando em seu colo. Esperando para me tirar de cima dela.

Meu veneno tinha um calor delicioso percorrendo meu corpo enquanto, simultaneamente, a sensação de cada célula do meu corpo finalmente sendo nutrida e reanimada parecia que elas estavam rugindo de volta à vida. Eu gemia, ofegando pesadamente ao redor da minha boca cheia de seu pulso, engolindo avidamente seu sangue.

Seu tremor cessou, substituído pelos movimentos lentos e lascivos de seus quadris contra o ar enquanto suas costas arqueavam, deixando escapar um gemido ofegante. “ *Oh deuses…”*

O cheiro da excitação dela percorreu o ar, me levando ainda mais ao limite, enquanto gradualmente as únicas coisas que minha mente conseguia reconhecer eram seu sangue, minha fome, o formigamento da necessidade enquanto meu núcleo vazio se apertava avidamente em torno do nada, e o comprimento *de tirar o* fôlego endurecendo contra minha bunda e a parte de trás da minha coxa.

Distantemente, ouvi um rosnado masculino, mas minha mente permaneceu ancorada em seu sangue e minha excitação. Meus quadris começaram a ranger contra a dureza de Malekai. Seus braços se apertaram ao meu redor como se para parar meus movimentos, arrancando um crescimento da minha garganta enquanto eu continuava a beber. Minha mente ficou totalmente em branco, exceto por essa *necessidade ardente.*

Seus gemidos e suspiros aumentaram conforme ela atingia o orgasmo, me estimulando ainda mais, mas eu sentia como se estivesse perseguindo algo que estava fora de alcance.

Gole após gole, minha fome e desejo só aumentaram. O braço do donatris afrouxou em minhas mãos, e eu pude distinguir vagamente uma voz masculina distante. Braços poderosos vieram ao meu redor e tentaram me puxar para longe da minha fonte de sustento. Fazendo-me afundar minhas presas ainda mais. Minhas mãos apertam com mais força.

Uma mão poderosa agarrou meu rosto *e* começou *a abrir manualmente* minhas mandíbulas. Ele se levantou, me agarrando firmemente contra ele e me afastando da minha refeição. *Furioso*, soltei minha presa, me contorcendo e rosnando na direção daquele que ousou interromper minha alimentação enquanto eu me lançava contra eles.

O macho caiu para trás, e eu aproveitei a oportunidade para montá-lo, agarrando rapidamente seu rosto para expor sua garganta para mim. Antes que eu pudesse afundar minhas presas em suas artérias abençoadas, seu

punho se enrolou em volta da minha garganta, me segurando à distância de um braço. O pulso entre minhas pernas continuou a pulsar persistentemente. Por vontade própria, meus quadris retomaram o impulso firmemente contra o comprimento notavelmente longo, grosso e *quente* que estava se pressionando contra meu núcleo encharcado.

Lá.

Alguma aparência de satisfação, mesmo quando a tensão em meu corpo aumentava com a necessidade.

“Porra… Sim…”

Ele me deu um sorriso que era cheio de partes iguais de reverência e...

Fome.

“Mareina…” Malekai disse.

Ao som de sua voz, reconhecendo novamente que era *ele* abaixo de mim, tive ondas de euforia retornando a mim enquanto meu veneno continuava a trabalhar seu caminho através do meu corpo. A pulsação desesperada e formigante de necessidade e prazer era tão intensa que eu tinha certeza de que poderia morrer disso.

“Malekai… Por favor.”

"Porra, não use essa palavra comigo. Eu só tenho um certo autocontrole."

Lentamente, sua mão deixou meu pescoço como se para ter certeza de que eu não estava prestes a rasgar sua garganta. Seu aperto mudou para meus quadris, parando meus movimentos, a frustração guerreando em suas feições.

“Se você não parar, Mareina—

“Ah , *merda,* por que diabos eu iria parar?”

Malekai riu antes de nos virar para me deitar embaixo dele enquanto agarrava meus pulsos com uma mão e os prendia acima da minha cabeça.

“Cuidado, *tessari mú* . Eu não quero nada mais do que te prender e te foder tão profundamente que você chore lágrimas de alegria.”

“Oh deuses, sim… Isso… Eu preciso disso… Diga-me o que você faria comigo… *Por favor.”*

O aperto de Malekai em meus quadris afrouxou um pouco, permitindo que eu continuasse esfregando meu clitóris contra seu enorme pau.

“Você realmente quer saber?”

Eu assenti, choramingando descaradamente contra ele enquanto continuava a trabalhar meus quadris. Eu *tirei* nossos couros e prontamente engasguei enquanto olhava entre nós. Meus olhos se arregalaram em choque com o tamanho dele. O macho era pendurado como um cavalo de merda.

Os lábios de Malekai se separaram, e seu aperto em mim se tornou doloroso enquanto ele me pegava. Os efeitos do veneno estavam gradualmente diminuindo. A euforia vertiginosa havia diminuído um pouco, deixando para trás aquele formigamento e aquela dor desesperada para ser preenchida.

Por ele.

Desesperada, minhas costas arquearam e se esticaram em direção a ele, meus quadris trabalhando contra seu comprimento e circunferência monstruosos.

O eixo com veias grossas de seu pau era alguns tons mais escuros do que o bronzeado dourado que cobria o resto dele. A coroa era uma mistura de dourado profundo e vermelho, com uma coroa larga e bulbosa apresentando uma crista proeminente que prometia acariciar os lugares mais doces dentro de mim. Os fios perolados de pré-sêmen já pingando dele me deixaram salivando.

Ah, meu Deus, e *é lindo pra caramba.*

Malekai deu uma risada sombria e um zumbido de satisfação puramente masculina.

Ah, merda. Eu disse isso em voz alta?

"Você está tão ansiosa pelo meu pau, não é, Tessari mú?"

Meu núcleo se contraiu em resposta.

"Deuses, sim... Preciso de você. Pra caralho."

Ele rosnou baixo, curvando-se para o meu ouvido, mordiscando o lóbulo. O veludo profundo de sua voz caiu para uma casca áspera.

“Se você não estivesse louco de veneno agora, eu te devoraria. Eu lamberia e chuparia cada gota daquele mel pingando daquela linda bucetinha até você gozar, gritando meu nome. Eu te dividiria ao meio com meu pau até você gozar com o clímax. E depois que você gozasse pelo menos mais duas vezes, eu me permitiria liberar. Eu te encheria de meu esperma - sua garganta, sua xoxota, até mesmo essa sua bunda voluptuosa. Porque tudo isso *me pertence.”*

Cada músculo do meu corpo se contraiu, preparando-se para estalar com o alívio, ao mesmo tempo em que eu estava completamente cativada por suas palavras e pela fantasia que elas criaram em minha mente.

Minhas palavras eram apenas uma sequência coerente. *“Tão perfeito… Malekai… Sim… Vou… ”*

Cada fragmento do meu ser doía por ele.

O aperto de Malekai em meus quadris aumentou novamente, acalmando as ondulações dos meus quadris. Fazendo nós dois rosnarmos de frustração e necessidade.

“Mas isso não vai acontecer. Não até que você me queira *sem* a influência do veneno… Você entendeu?”

A dor atingiu meu coração.

Oh, deuses… Ele pensou que era isso?

Meu coração se partiu com a ideia.

Um tremor percorreu todo o seu corpo em sua contenção, aquele calor maravilhoso irradiando do comprimento de aço contra meu núcleo. Os dedos de sua mão livre se curvaram ainda mais fundo em meus quadris, com força suficiente para deixar hematomas.

Eu queria hematomas dele.

A realização me aterrorizou. Me fez recobrar ainda mais os sentidos.

Porra.

Eu queria que ele me marcasse.

Eu queria ser dele.

“Mareina… Nada significa mais para mim do que você e sua confiança. Não vou arriscar por nada.”

Malekai recuou para estudar minha reação. Minha expressão era totalmente o oposto da minha expressão desejosa e eufórica de apenas alguns momentos atrás. Era de coração partido. De coração partido por ele pensar que tudo isso era apenas por causa do veneno.

“Oh Deus, Mareina…”

Malekai soltou meus pulsos e me puxou para seu colo, me segurando firmemente contra ele e acariciando meu cabelo. Mesmo enquanto seu calor divino me envolvia, meus olhos ardiam com lágrimas.

“Você está chateado comigo?” Ele perguntou com a voz rouca.

“Deuses, não. Estou com o coração partido e envergonhado por você achar que tudo isso foi por causa do veneno.”

Senti sua garganta afundar, pressionando o lado do meu rosto, seu queixo apoiado no topo da minha cabeça, que ele segurava com uma das mãos.

“Não foi?”

Aquele medo familiar se enrolou em mim. O medo de perdê-lo. Porque eu sabia que não o merecia.

“Não. Nem remotamente.”

Ele deu um grunhido evasivo.

Havia muito mais que eu queria dizer, mas...

Um suave gemido feminino soou do outro lado da sala.

“Oh, deuses… os *donatris* …”

Sua voz saiu pouco mais que um rosnado.

“Ela está bem. Ela é uma fada. Tudo o que ela precisa é de um longo cochilo.”

Dei um suspiro, ainda me sentindo culpada e envergonhada por tê-lo feito acreditar que era apenas por causa do veneno.

Porque durante um século, eu nunca cedi às suas investidas.

Eu estava desesperado para fazer as pazes... Mas eu estaria disposto a arriscar tudo - porque Malekai era *tudo* para mim - pelo que provavelmente seria algo temporário, talvez de anos, mas temporário mesmo assim, pelo que de outra forma seria uma amizade para a vida toda?

Estar pressionada contra ele daquele jeito, pele com pele, sem nada entre nós e segura em seus braços... Foi a sensação mais divina que já tive.

E eu sabia que nunca mais conseguiria viver sem ele.

Antes que minha mente racional ou meu medo pudessem levar a melhor sobre mim…

“Podemos… conversar quando eu voltar?”

Ele se afastou um pouco para observar minha expressão, franzindo a testa em preocupação enquanto acariciava meu cabelo.

“Claro… Você está bem?”

Eu assenti, olhos queimando novamente. Meus olhos mergulharam na boca perfeita de Malekai, em forma de arco de cupido. Tudo dentro de mim me pedia para fechar aquela pequena distância entre nós. Quando meus olhos se moveram para os dele, vi que seu olhar estava fixo no mesmo lugar em mim. Quando seus olhos se levantaram para encontrar os meus... Algo se apertou entre nós.

“Marina?”

Eu exalei o ar que estava segurando. Mas agora não era hora de abrir meu coração.

“Sim… Desculpe. Eu estou… bem. Eu só… Não quero te deixar.”

Um sorriso surgiu em seus lábios, e a tensão entre nós desapareceu de repente.

Seus dedos se agarraram aos meus cabelos, agarrando-os e puxando minha cabeça para trás, para expor meu pescoço para ele.

Porra. Sim. Isso era tudo. Eu precisava disso.

Eu silenciosamente prometi a mim mesmo e a Malekai, naquele momento, que voltaria e consertaria isso.

As presas de Malekai me roçaram enquanto ele rosnava de prazer com minha admissão contra a curva do meu pescoço. Seu pau, ainda duro e vazando, se contorcia insistentemente contra minha costura e minha bunda.

"Só se apresse e volte aqui, porra. Ou eu mesmo vou matar aquele híbrido filho da puta só para poder te arrastar de volta aqui."

Sorri contra sua garganta.

Meu corpo zumbia em antecipação.

Eu finalmente pude respirar novamente pela primeira vez em não sei quanto tempo, apenas em parte porque eu tinha me alimentado. As nuvens escurecendo minha mente, e meu humor finalmente tinham desaparecido. Admito que me alimentar novamente tinha me devolvido aos meus sentidos mais aguçados e me dotado de uma fonte de energia.

“Obrigado. Por me fazer alimentar…”

O corpo enorme de Malekai suspirou pesadamente contra mim.

você saiba ou não o que é melhor para você, eu sempre farei o que for preciso para mantê-la segura, tessari mú.”

CAPíTULO

OITO

MARINHA

Miroslav já estava esperando do lado de fora da Casa de Rubra quando Malekai e eu saímos. Miroslav fez uma reverência enquanto se virava de onde estava olhando, aparentemente, para a distância enquanto seus olhos encontravam os meus.

“Irae,” ele disse antes de desviar seu olhar iridescente para Malekai e estudá-lo por um momento, algo como cautela se infiltrando brevemente.

"Em geral."

“Meu Senhor.”

“Eu esperarei perto de Chihiro.”

Meus olhos seguiram Miroslav atravessando a rua de paralelepípedos onde Chihiro estava mordiscando as folhas de um arbusto, espiando entre os afiados postes de ferro forjado da cerca onde eu havia amarrado suas rédeas.

Um fio de pavor percorreu-me ao ver a parede pintada com o símbolo de Mors. tocha invertida com asas.

Desviei o olhar. Como sempre, a visão de Malekai sozinha me permitiu exalar meu alívio.

Ele me lançou um olhar preocupado.

“Algo errado, *Tessari mú?”*

Balancei a cabeça. Ainda bem que ele não insistiu no assunto. Em vez disso, ele apenas me puxou para perto dele e acariciou meu cabelo.

Eu poderia ter ronronado.

“Vejo vocês quando eu voltar de Vyssini semana que vem, ok?… Tenham cuidado com esse macho em Ouvelleete… Não cometa o erro de subestimar ninguém. Mesmo que ele seja meio-humano…”

Não consegui evitar o sorriso que se formava em meus lábios. Eu já havia enfrentado inúmeros *portadores* , *minori* ou não, e sempre saí vitorioso. Mesmo assim, Malekai nunca deixou de me mimar toda vez antes de eu ir embora.

“ *Tenha* cuidado.”

“Mareina, vou levar um exército de 30 homens comigo em Vyssini… *Você é* quem vai sozinha…”

Segurei a frente de suas roupas de luta e fiquei na ponta dos pés para dar um beijo em sua bochecha.

“Obrigado pela sua preocupação… Eu vou ter cuidado. Eu prometo.”

Malekai beijou o topo da minha cabeça enquanto uma pergunta subia à minha língua. Uma pergunta que eu já sabia a resposta, mas não conseguia me impedir de perguntar...

“Malekai?”

“Hum?”

Abaixei a voz, olhei rapidamente para os arredores e levantei uma barreira.

“O que você acha de The Uprising?”

"O que você quer dizer?"

“Você… simpatiza com eles de alguma forma? Pelo que eles estão lutando…”

As sobrancelhas de Malekai franziram enquanto ele se afastava para estudar meu rosto.

“Por quê? *Você?”*

Suspirei, revirando os olhos. “Responda-me.”

Ele respirou fundo, o olhar vagando como se fosse a primeira vez que ele pensava nisso e, embora não inesperadamente, outra pedra de decepção caiu na boca do meu estômago.

“Eu acho que as pessoas que lutam em The Uprising são pobres e miseráveis e estão procurando uma saída. Mesmo que seja o caminho errado.”

Aquela pedra no meu estômago parecia afundar ainda mais.

“E… você acha que as ações deles são justificadas?”

“Eu *entendo* . Só sinto que eles não são inteligentes o suficiente ou fortes o suficiente para superar suas próprias adversidades.”

Respirei fundo, exalei alto e balancei a cabeça.

“Isso é triste”, murmurei, mais para mim mesmo do que para qualquer outra pessoa.

“De fato é”, ele murmurou por um motivo totalmente diferente do meu. Sua flagrante falta de empatia era uma das poucas coisas que sempre me impediram um pouco de ceder a ele. Não que eu pudesse apontar dedos... Eu era o assassino mais notório de Zurie.

“Se eles realmente quisessem ter uma vida melhor para si mesmos, eles teriam ou poderiam ter… Você é o exemplo perfeito disso. Veja o quão longe você chegou desde o Templo Erosyan.”

Balancei a cabeça e me afastei.

Na verdade, você não tem ideia.

“Nem todos podem se juntar ao exército de Zurie, Malekai. Nem todos são guerreiros. Nem todos estão dispostos a morrer em batalha ou vender suas almas para serem a ira de Zurie.”

A raiva em minhas palavras era dirigida mais a mim do que a ele, e ele sabia disso.

Eu também sabia que nunca mudaria sua mente. Ele veio de um privilégio tremendo. Ele não sabia de nada melhor. Ele foi contra a corrente, negou os desejos de seus pais de se juntar ao mundo de aristocracia e política, e escolheu se tornar um guerreiro. Ele se juntou aos esforços de guerra para proteger seu povo. E ele trabalhou tão duro quanto eu para chegar aqui. Eu o amava e o admirava por isso.

Eu duvidava muito que teria escolhido esse caminho se não tivesse passado pelo que passei... Se eu tivesse, literalmente, *quaisquer* outros

recursos ou oportunidades, não conseguiria imaginar que teria me juntado ao Exército de Zurie.

Essa era a origem da maioria daqueles sob seu comando.

Doce, doce ironia.

E independentemente de suas visões sobre a sociedade, eu sabia melhor do que ninguém que ele não gostava de assassinar ninguém. Eu sabia que executar e colocar as cabeças daqueles em The Uprising em estacas o atormentaria. Ele parecia administrar sua consciência com sucesso justificando suas ações com o raciocínio de que ele estava fazendo isso para proteger Atratus. Que ele estava fazendo pouco mal pelo bem maior.

Eu não estava mais alimentando aquela ilusão.

“Você não vendeu sua alma, Mareina... Você escolheu se erguer acima das circunstâncias de merda em que nasceu, e às vezes isso significa ficar sobre os ombros dos outros.”

Eu discordei, e suas palavras não fizeram absolutamente nada para aliviar minha culpa.

“E se você vendeu sua alma, então a minha está ali com ela, e não há nenhum lugar em todos os reinos onde eu preferiria que ela estivesse.”

Soltei uma risada sem alegria. “Tenho quase certeza de que está no mais baixo de todos os reinos do inferno.”

Malekai me lançou um olhar desafiador. “Seja nos reinos do inferno ou nos reinos divinos, eu realmente não dou a mínima, desde que seja com você.”

Sustentei seu olhar, vendo a verdade em suas palavras, antes de me resignar a descansar minha cabeça em seu peito.

O pedaço de carvão desgastado que restou do meu coração deu um baque esvoaçante. Como se estivesse tentando criar asas.

Seus braços me envolveram, firmes e inflexíveis.

“Se você quer que eu queime o mundo para você, Mareina, tudo o que você precisa fazer é pedir.”

“E o que isso significa exatamente, Malekai?”

As sobrancelhas de Malekai se ergueram como se estivesse surpreso por eu ter perguntado. Como se eu estivesse realmente considerando isso.

“O que você quiser. Você quer deixar tudo isso para trás e se esconder em algum lugar nas montanhas Yatól ou *Bein Sith Mór* ? Vamos lá. Você quer que eu mate Zurie, para que você não tenha que se preocupar com ela nos perseguindo? Não tenho certeza se sobreviveria, mas certamente tentaria por você. Se você me pedisse para cortar minha noz direita só porque estava com fome, eu iria... Quer dizer... Eu tentaria te convencer a talvez comer outra coisa primeiro, mas se isso significasse que eu ficaria com você, eu faria isso na queda de uma porra de moeda.”

Eu ansiava por um futuro com ele. E assim que eu voltasse, eu daria a ele tudo o que eu tinha dentro de mim e rezaria para os deuses para que fosse o suficiente.

O que eu não queria, no entanto, era que ele arriscasse a vida no processo, tentando matar Zurie.

Você não o merece, aquela voz insidiosa sussurrou em minha mente.

Aquele medo familiar retornou.

Eu estaria apenas jogando tudo fora por uma satisfação passageira?

Um segundo tentáculo de medo retornou. Aquele que jurou que assim que eu me presenteasse com essa felicidade ela seria roubada de mim.

Malekai me cutucou com a cabeça para me tirar dos meus pensamentos.

“Por favor, não vamos nos separar com uma nota amarga. Você conhece a regra, Kalini.”

Nunca vá embora em maus termos.

Um canto da minha boca se curvou. Algo sobre o modo como ele usava meu sobrenome sempre me fazia amolecer em relação a ele. Isso trouxe de volta todas as *boas* memórias de nós dois no exército. Toda a história que tivemos. Todas as vezes que salvamos a vida um do outro.

“Tudo bem… Eu não estou azedo,” eu cedi severamente.

Ele riu, imitando-me com uma voz chorosa. *“Tudo bem, eu não estou azedo.”*

Meu sorriso se abriu quando uma risada finalmente surgiu e escapou.

“Lá está ela,” Malekai ronronou, pressionando outro beijo no topo da minha cabeça. Eu o apertei de volta antes de finalmente sair de seus braços para montar em Chihiro, engolindo minha emoção.

Rezei para que não fosse tarde demais para consertar as coisas quando eu voltasse.

Malekai *colocou* uma maçã em sua mão e a deu a Chihiro, acariciando seu focinho.

“Vejo você na semana que vem, Kalini.”

“Katadamna kaza”, prometi.

Aquele sorriso impressionante de sua covinha unilateral e levantada fez uma aparição gloriosa. Aliviou um pouco da pressão que crescia em meu peito com isso.

“Katadamna kaza, Mareina.”

Miroslav dobrou Chihiro e eu para uma estrada vazia a uma hora de viagem do centro da cidade *de Ouvelleete* . Longe o suficiente de olhares curiosos que poderiam reconhecê-lo e avisar Nakoa que Miroslav tinha sido visto por perto - um prenúncio de desgraça, se é que alguma vez houve um.

Rapidamente, eu *quis* um vestido bonito, de ombros caídos, para substituir meus couros de luta. Era um vestido verde escuro com espartilho, decote baixo e mangas longas e largas. Um dos únicos vestidos que eu tinha. Não porque eu não gostasse deles. Na verdade, talvez por causa da minha profissão e do fato de que eu raramente conseguia usar um, nem tinha a oportunidade de realmente abraçar meu lado feminino, eu adorei usar um.

Felizmente, meu rosto não era amplamente reconhecido porque ele quase sempre ficava escondido pelo capuz da minha capa quando eu fazia execuções públicas. Eu deliberadamente permanecia nas sombras sempre que Zurie fazia aparições públicas. Por outro lado, Miroslav sempre era exibido proeminentemente ao lado dela.

“Malekai desempenha um papel maior em tudo isso do que você imagina”, Miroslav se ofereceu casualmente.

Suas palavras imediatamente me tiraram dos meus pensamentos.

“Tudo de… O quê?”

O olhar de Miroslav se voltou para a linha escura de árvores da floresta.

“The Dancing Dryad é o nome da taverna onde ele estará. Certifique-se de beber apenas o vil antes de executar a tarefa. E eu recomendo estar em algum lugar... *privado.* ”

Claro, ele não ia responder. Mas agora, assim como ele pretendia, minha mente tinha algo muito mais preocupante para refletir.

"Que diabos você me fez beber? Quero dizer, como tenho certeza de que você já sabe, eu tenho mais bom senso do que assassinar alguém publicamente, mas agora você está me deixando preocupado."

O rosto de Miroslav estava completamente impassível.

“Posso lhe garantir que você não tem nenhuma razão para estar… Além disso, tente não deixar seu temperamento tomar conta de você.”

Ele desapareceu imediatamente antes que eu pudesse pronunciar as palavras que se formavam na ponta da minha língua.

Resmunguei algumas maldições baixinho antes de me virar para o monte Chihiro. Meus olhos escanearam o horizonte escaldante do sol poente, iluminando uma vista de tirar o fôlego das colinas suavemente onduladas e florestas ao redor que eventualmente sangravam na Floresta Sentient.

Por que diabos ele insistiria tanto em me fazer beber essa poção? E acima de tudo, o que diabos isso tinha a ver com eu encontrando meu *lar.* E o que em nome *de Akash* isso tinha a ver com esse macho, Nakoa Solanis?

Imagens do que aconteceu com Malekai começaram a voltar furtivamente à vanguarda da minha mente. *Deuses.* Meu núcleo se apertou com uma necessidade de roubar o fôlego.

Embora eu não esperasse nada menos, eu não tinha certeza de quão grata eu estava por ele ter mantido a decência de não me deixar ceder à luxúria induzida pelo veneno... Foi a primeira vez que chegamos *tão* perto... Embora fosse algo que já tivesse ocorrido inúmeras vezes na privacidade da minha mente.

Como acontecia toda vez que nos separávamos, meu coração se apertou com a dor familiar da saudade. Ele partiria para Vyssini em questão de horas, nas primeiras horas da manhã. Enviei uma rápida prece a *Akash* para seu retorno rápido e seguro.

Agora, tão longe de Bastrina, onde ninguém me reconheceria vestida como uma mulher comum e não mais em meus couros de luta, os olhares de

muitos homens que passei se tornaram lascivos. Afinal, uma viajante mulher solteira e desconhecida era uma raridade. Embora eu não instigasse nada, certamente não me esquivaria disso. Talvez até me permitisse desfrutar de uma segunda refeição em um dia. No entanto, eu tinha que estar atento para ser discreto.

Bem na orla da cidade, graças à música que saía da taverna, uma velha placa de madeira entalhada com tinta desbotada e lascada que retratava uma dríade curvilínea segurando uma caneca de cerveja, seus quadris balançando no meio do caminho chamaram minha atenção. Apertei os olhos, mal conseguindo distinguir o nome, *The Dancing Dryad.* Quase ilegível e iluminado apenas por uma lanterna de luz fae empoeirada e rachada.

Depois de desmontar Chihiro, amarrei suas rédeas e uma de suas bolsas de ração na grade acima do bebedouro ao lado da taverna da pousada.

“Não vou demorar, prometo,” arrulhei, acariciando sua bochecha e pescoço. Ao ver sua comida, Chihiro mergulhou o rosto na sacola de guloseimas que Riven havia embalado para ele: maçãs, cenouras, e grãos. Música ao vivo barulhenta saía das janelas e da porta da taverna, junto com o brilho âmbar das lanternas. Rapidamente prendi meu cabelo em um coque frouxo que permitiu que algumas mechas do meu cabelo preto enfeitassem meu pescoço.

Uma mancha preta no horizonte atraiu meu olhar quando me virei em direção à taverna.

Um *Pharalaki.*

A figura escura e encapuzada de Stygian parecia flutuar em minha direção à distância. Meu coração começou a bater uma batida assustadora.

Porra.

Eu teria a chance de encontrar esse *"lar"* que essa divindade há muito perdida me prometeu antes que o maldito Mors viesse buscar minha maldita alma?

Algo como pânico tentava subir pela minha garganta. Toda a minha audácia anterior ao pensar em deixar esse macho me matar desapareceu, e o instinto de preservação da vida entrou em ação ao ver o *Pharalaki* rapidamente diminuindo a distância entre nós.

Girei nos calcanhares e corri em volta do prédio em direção à taverna.

Meus pulmões ofegavam de medo enquanto eu batia a porta com força atrás de mim. Felizmente, a música estava alta, e a multidão estava mais alta ainda. Apenas algumas pessoas notaram minha entrada frenética, lançando-me olhares estranhos. Eu caminhei até o bar, cercado principalmente por humanos e uma porção de fadas *minori* , a maioria parecendo pior pelo desgaste. O padrão para 99% das cidades fora da capital.

A garçonete, uma humana de meia-idade, ombros largos, que parecia saber se comportar, chegou. Seu sotaque Ouvelleet era grosso como xarope enquanto ela gritava para ser ouvida acima da música.

“Você está atrás de uma sala ou só está aqui pela música?”

“Não, obrigado. Só estou aqui para tomar uma bebida—

“Tudo o que me resta é o nosso vinho fae”, ela acenou em direção aos músicos, “Eles tendem a atrair uma multidão sedenta.”

“Está bem. Obrigado.”

Virei-me no meu assento, tentando casualmente espiar os músicos que eu não conseguia distinguir em meio à multidão de corpos dançando e se contorcendo. Admito que a música era contagiante. A batida dos tambores de couro fez meus quadris ansiarem por se mover; a melodia das cordas, meu corpo ansioso para balançar.

Deslizei várias moedas de cobre pelo balcão para a garçonete enquanto ela me passava o vinho fae. Suas sobrancelhas se ergueram em apreciação, e ela me deu um aceno respeitoso antes de retornar para seus outros clientes.

Bebendo meu vinho, uma mistura surpreendentemente agradável de sabores tropicais, mas equilibrada com uma secura que o tornava refrescante e não muito doce, meus olhos estudaram os clientes mais próximos de mim... Procurando os mais bêbados para que eles não se lembrassem e alertassem ninguém sobre minhas perguntas interrogativas sobre Nakoa Solanis, o macho híbrido que eu vim matar.

Meu olhar se fixou em um jovem rapaz, dançando com os movimentos levemente desleixados de alguém que tinha bebido muito. Se não fosse por sua dança, ele seria extremamente atraente.

A música da banda diminuiu o ritmo, e deixei meu corpo começar a balançar em sincronia com a melodia sedutora que serpenteava pelo ar. Eu podia praticamente sentir cada nota acariciando minha pele.

Não é de se admirar que este lugar seja tão lotado.

Havia algo na música que te compelia a dançar. *Ela acenava para sua alma.*

Eu teci e dancei meu caminho através da multidão, eventualmente fazendo meu caminho na frente do homem bêbado. Ele era apenas alguns centímetros mais alto do que meus cinco pés e oito polegadas, mas era muito mais largo, atarracado com músculos. Quando seus ricos olhos castanhos finalmente encontraram os meus através de seu cabelo castanho claro desgrenhado, seus lábios se separaram em surpresa brevemente antes que ele conseguisse um sorriso surpreendentemente arrojado que desmentia sua juventude. Sua energia doce, sincera e excitável.

E eu rezei para *Akash* para que esse macho não fosse Nakoa. Ele parecia doce demais para matar. Eu só podia esperar que o macho que Zurie me enviou para matar fosse a escória de Atratus. Eles geralmente eram, felizmente, mas ocasionalmente... Eles não eram. E esses eram os que me assombravam.

O aroma distinto da floresta — ar fresco da montanha, solo e folhas caídas, misturado com uma doçura particularmente quente e terrosa... como figo — encheu meu nariz.

Likos.

Os únicos *portadores* que permaneceram tão ricamente perfumados da natureza selvagem, não importando seus arredores, eram aqueles que tinham uma forma lykos. Diferente de um lobo, a forma de lobo dos Lykos era gigante. Eles eram mais próximos do tamanho de um cavalo.

Meu alívio era palpável. Este macho era um Lykos e não alguém tentando se glamourizar.

CAPíTULO

NOVE

NAKOA

Meus olhos estavam fechados, como sempre, enquanto eu vagava dentro da minha mente naquele lugar intermediário que me permitia dançar ao longo do véu que separava este mundo do próximo. Isso me permitiu comungar com o divino de uma forma de pensamentos sem palavras. Distantemente, algo começou a invadir minha mente... Minha alma. Ainda mantendo o ritmo e a melodia com meu *olana kah'hei - minha família escolhida* - tocando ao meu lado, meus olhos se abriram. Examinando a multidão em busca de qualquer coisa ou pessoa que tivesse me tirado do meu devaneio. A multidão era totalmente densa, no entanto.

No mesmo momento, um aroma inteiramente novo, mas inerentemente familiar, chegou até mim... Rosa florescente noturna. Minhas narinas se dilataram enquanto eu respirava profundamente, tentando detectar cada nota desse aroma cítrico salivante.

Continuei a tocar, o fervor aumentando, como se estivesse se levantando para desafiar quem quer que tivesse aparentemente puxado minha alma de volta para seu corpo. Um lampejo de cabelo negro, pele oliva e um vestido esmeralda escuro agitou algo dentro de mim, como uma grande fera despertando pela primeira vez em milênios. Meus olhos rastrearam a criatura como um predador faria com sua presa. Minha fome aumentava a cada momento que passava até que o reconhecimento se instalou em meu peito como uma porra de uma pedra.

Não.

Não. Não. Não.

Não ela.

Apesar do medo do destino trabalhando em meu corpo em nós dolorosos, descobri que meus olhos estavam firmemente presos à criatura, completamente incapazes de desviar o olhar. Sem pensar, descobri que minha música estava mudando para algo sedutor e cheio de desejo. Era uma música totalmente nova, e graças à perícia do meu *olana kah'hei,* elas se encaixaram perfeitamente.

Minha visão oscilava entre o presente e o presente, como uma luz piscando, até que se acalmou brevemente.

A dor lancinante de uma lâmina passando pela minha garganta. Sangue espirrou na frente da minha fêmea. Eu caí de joelhos, segurando minha garganta.

Senti um sorriso se contorcendo em meu rosto e meus olhos escurecendo para preto. Minhas palavras pouco mais que um som áspero.

“Olha como você é linda, coberta com meu sangue.”

A visão foi arrancada, substituída pelo cosmos florescendo e murchando diante de mim... Eu mal consegui manter a música tocando e puxei o único

fio que me prendia a este mundo.

Dela.

A realidade presente retornou. Seu corpo cantava harmoniosamente com a música que eu estava tocando, mas agora só conseguia ouvir distantemente. Meu coração batia em um ritmo frenético enquanto eu tentava me estabilizar.

Minha própria alma estava destinada a ser o meu fim?

Eu já passei por algo muito pior do que um corte na garganta e sobrevivi.

Por mais que minha mente racional me repelisse dela... Eu não conseguia desviar os olhos. Eu não conseguia cortar o cordão que eu sabia que prendia minha alma à dela. E apesar dos alarmes uivando seu aviso e daquela premonição violenta, meus olhos a seguiam como um predador silenciosamente perseguindo sua presa.

Prendi a respiração enquanto ela se movia com uma graça felina hipnotizante. Como se aquele fio que eu puxava para me atrair de volta à realidade também a tivesse atraído para mim, ela dançava cada vez mais perto do palco…

Até que ela parou de repente.

Na frente do Roderick.

Um dos meus irmãos — não de sangue, mas por algo mais — presenteou-o com um sorriso sedutor através de olhos de pálpebras pesadas.

Possessividade — o tipo que eu nunca havia realmente experimentado até agora — queimava dentro de mim.

Até agora, eu me considerava um homem incrivelmente paciente e razoável. Nunca fui do tipo ciumento com mulheres anteriores. Ao longo dos anos, consegui aprimorar um senso inabalável de segurança e força. Nunca me senti verdadeiramente apegado a ninguém ou a nada, com pouquíssimas exceções: minha mãe e minha *olana kah'hei.* Muitos me consideravam indiferente, mas eu sentia que isso era reducionista. A própria natureza deste reino era a mudança.

E apesar do meu amor pelo meu irmão, naquele momento, senti-me um tanto assassino.

Roderick, é claro, olhou para ela como se tivesse acabado de ganhar na loteria. Ela se inclinou para frente, sussurrando algo em seu ouvido antes que seu corpo flexível se aproximasse mais dele enquanto eles começavam a dançar *juntos,* e sua mão *acariciava* a parte inferior de suas costas. Meus olhos se estreitaram, a fúria queimando, enquanto eu observava seu dedo mindinho e anelar vagando mais para baixo como se alcançasse seu amplo traseiro.

Pela primeira vez em mais anos do que eu conseguia lembrar, meu arco gaguejou contra as cordas do meu instrumento, fazendo-o gritar um som profano. nota. Minha execução parou abruptamente, meus *olana kah'hei* interromperam sua própria performance enquanto lançavam olhares

chocados em minha direção que eu só conseguia ver através da minha visão periférica.

Meu olhar estava preso a essa diabinha, que nem tinha me notado. Como era possível que ela tivesse esse efeito em mim, e ainda assim ela nem sequer piscou na minha direção. Os deuses estavam de fato pregando uma peça cruel em mim.

Finalmente, seu olhar se ergueu para o meu enquanto meus olhos perfuravam buracos através dela. Cautelosa e desconfiada, sua mandíbula se apertou. Ela se levantou desafiadoramente diante do meu olhar que um macho ou fêmea inferior se encolheria sob. E eu fui abençoado em testemunhar um lampejo da besta despertando dentro dela.

Roderick me lançou um olhar estranho, os olhos saltando de um para o outro enquanto eu me dirigia à multidão, e ele sabiamente se afastou dela.

“Devo oferecer minhas mais sinceras desculpas pelo término abrupto de nossa apresentação, mas há um assunto *urgente* que preciso resolver.”

CAPíTULO

DEz

MARINHA

E A multidão gritou seu protesto quando o homem, atualmente me encarando com punhais, colocou seu violino em seu estojo, pulou do palco e, por algum motivo, veio direto para mim. Algo gaguejou em meu peito quando todos os meus sentidos ganharam vida ao vê-lo, apesar da pulsação surda em meus ombros. Embora o fato de ele parecer furioso tenha me deixado arrepiado.

O homem ao meu lado suspirou, parecendo entediado de repente. “Você estava tentando deixá-lo com ciúmes ou algo assim?”

“Peço desculpas?” Eu me afastei indignada. Sua atenção, no entanto, estava focada somente no homem que avançava rapidamente pela multidão que silenciosamente se abria para ele.

“Desculpe, irmão. Não sabia que ela era uma das suas.”

Meu maxilar se apertou dolorosamente enquanto eu respondia, empurrando seu ombro para que ele finalmente me reconhecesse.

“Você tem um desejo de morte?”

Calma. Óbvio demais. E injustificado.

O macho recuou enquanto me observava com novos olhos.

O artista finalmente chegou, elevando-se sobre nós dois. Seus ombros largos e musculosos ocupavam muito mais espaço do que ele merecia.

“E eu não tenho a mínima ideia de quem seja *esse* ,” acrescentei, tentando soar um pouco mais calmo. E um pouco mais são.

O artista respondeu abrindo seus lábios perfeitamente formados em forma de arco de cupido para revelar um sorriso levemente desequilibrado, embora não menos deslumbrante, torto pela leve cicatriz que atravessava o lado esquerdo do lábio superior enquanto ele dava mais um passo em minha direção. O macho parecia ameaçador na pior das hipóteses. Relutantemente e pecaminosamente bonito na melhor das hipóteses. E algo dentro de mim pareceu reconhecê-lo.

Talvez fosse uma alma distorcida reconhecendo outra.

Não gostei. Foi como olhar para um espelho.

E de repente ficar cara a cara com isso foi... profundamente perturbador.

Como repulsão magnética.

“Você tem certeza disso, *lohane thili?”*

Meus olhos se estreitaram em fendas. Sem pensar conscientemente, meu punho encontrou seu caminho para a frente de sua camisa e puxou seu rosto para mais perto de mim, para que eu não fizesse uma cena levantando minha voz para ser ouvido sobre a multidão.

Você é louco. Pare de agir como um lunático. Você tem um trabalho a fazer.

Embora eu sempre tenha sido propenso a perder a paciência, nunca em todos os meus anos trabalhando para Zurie perdi a compostura tão rapidamente. Especialmente não ao concluir uma de suas tarefas.

Em vez de ficar ofendido, o macho se inclinou ansiosamente, o sorriso se alargando, revelando suas presas afiadas como se para me incitar. E funcionou.

“Não sei o que é um *lohane thili* , mas sugiro que você me mostre algum respeito antes que eu apresente suas bolas a uma lâmina cega e irregular.”

O macho deu um zumbido apreciativo e pensativo como se eu tivesse dito algo extremamente cativante. O amigo dele sobrancelhas saltaram antes de se dissolver rapidamente na multidão. Sabiamente deixando os loucos com sua loucura.

A grande mão do artista se fechou sobre a minha, engolindo-a inteira, e eu juro que uma descarga elétrica surgiu onde nossas peles se tocaram.

“Você é uma criatura linda e cruel… Você diz isso como se fosse um impedimento?”

Meu lábio se curvou, não tendo mais tempo ou energia para investir neste macho. Eu puxei minha mão de volta antes de me virar para ir embora.

Sua mão agarrou meu bíceps com firmeza, mas com uma gentileza surpreendente.

"Espere-

Olhei para a mão que ele colocou em mim, meus olhos lentamente se erguendo para encontrar os dele enquanto um rosnado baixo escapava de mim. Ele me soltou instantaneamente, levantando as mãos em sinal de rendição. Ele se curvou levemente e lentamente deu um passo para trás para me dar espaço. Como alguém faria com um animal selvagem encurralado.

“Não vá embora…”, ele continuou, “Peço desculpas pelo meu comportamento impulsivo. A última coisa que eu gostaria de fazer é ofendê-la.”

Eu me vi hesitando e minha raiva diminuindo. Algo sussurrou no fundo da minha mente.

Ele pode levar você até Nakoa.

É verdade que o homem diante de mim era notavelmente agradável de se olhar... Não bonito no sentido da perfeição... Mas de um jeito sombrio, intimidador e áspero nas bordas. Seu cabelo castanho escuro era uma bagunça de ondas grossas que alcançavam os arcos pretos de suas sobrancelhas. Uma delas tinha uma cicatriz grossa que a atravessava. Cílios grossos, longos e pretos emolduravam seus olhos escuros ocre, me lembrando de solo vulcânico rico.

Potencialmente até delicado no passado, seu nariz tinha a aparência distinta de ter sido quebrado muitas vezes antes. Seus lábios eram cheios, e outra cicatriz considerável corria por eles, da maçã de sua maçã do rosto

alta até seu queixo. Sua mandíbula era dura e coberta por uma barba por fazer.

Seu corpo largo chamava a atenção com ombros largos e esculpidos. Seu peito visível apesar da camisa de linho folgada que não conseguia escondê-lo. Os cadarços na frente estavam soltos e desamarrados, presenteando qualquer um próximo ao nível dos olhos com seu peito — como eu, por exemplo — com uma deliciosa lasca de pele bronzeada, marcada e tatuada.

Calças escuras e justas estavam amarradas baixas em seus quadris estreitos e abraçavam coxas longas e musculosas. Botas de cano alto eram justas contra panturrilhas musculosas.

Ele cheirava distintamente aquele perfume específico que pairava pesado no ar antes de uma chuva torrencial... Ozônio... Como se ele passasse muito tempo nas nuvens.

Algo dentro de mim, enterrado há muito tempo, pareceu se mover, se erguer e abrir os olhos.

Bruto.

"Tome uma bebida comigo…"

Antes que eu pudesse pensar melhor, dei um aceno sutil, e ele me conduziu em direção ao bar, onde entramos em uma longa fila.

"Posso saber seu nome?" Ele perguntou com repentina polidez. Totalmente contrastante com a intensidade com que ele estava me estudando. Seu olhar parecia estar me despindo, expondo todas as partes mais profundamente escondidas de mim. Isso me deixou cautelosa.

"Marina."

Não sei por que dei a ele meu nome verdadeiro. *Nunca* dei meu nome verdadeiro a nenhum dos alvos de Zurie. Mas ele escapou sem um pensamento consciente.

Suas sobrancelhas escuras franziram, ainda me estudando daquele jeito intrusivo. "*Mareina…*", ele repetiu pensativamente, saboreando seu sabor.

"E o seu?"

Seus lábios se curvaram para cima com um calor surpreendente.

"Nakoa."

Minha respiração parou, embora eu conseguisse disfarçar efetivamente. Suas orelhas eram pontudas, como as das fadas, e se não fosse pela magia que escorria dele por baixo de seu glamour, eu teria presumido que ele era apenas isso. No entanto, eu podia *sentir* e *cheirar claramente* que havia algo mais... Algo *mais* . Zurie disse que ele era meio humano, meio fada, mas... isso parecia... *errado.* Meus sentidos eram significativamente mais aguçados do que a maioria dos outros. Do que, fora das fadas, eu não tinha certeza... O glamour era o melhor que eu já tinha visto. Nem *eu* conseguia ver o que havia por trás disso.

Na maioria das vezes, eu achava os glamoures gritantemente falsos. Era como olhar para alguém através de uma lente que constantemente embaçava e mudava. Me dando dor de cabeça se meus olhos demorassem

muito tempo. Mas o de Nakoa era cristalino. Eu podia simplesmente *sentir* que estava lá. E que a maior parte de sua magia estava escondida atrás dele... Como uma enorme represa segurando o dilúvio de um rio caudaloso.

Nenhum de nós proferiu as gentilezas banais e padrão, como "prazer em conhecê-lo". Em vez disso, sua mão abraçou a minha por mais tempo do que poderia ser considerado não intencional. Aquele toque prolongado causou uma reação instintiva em mim que me fez puxar minha mão de volta, fechando-a em punho ao meu lado para afastar a sensação. Sua testa abaixou, suavizando suas feições brevemente como se entendesse... Como se ele pudesse me ler como um livro. E isso me fez querer correr na outra direção.

Felizmente, ele não mencionou nada sobre isso.

“Você não é daqui…”

“Não… Bastrina.”

"Sua família é de lá?", ele perguntou, os olhos procurando os meus como se ele estivesse procurando por algo que eu não tinha certeza se existia.

"Não…"

"... Não?"

“Meu pai é originário de Hades… Minha mãe era de *Sangui Reinum.* ”

Reino do Sangue. Onde a sanguinidade se originou, embora muitos tenham buscado exílio aqui…

As sobrancelhas de Nakoa saltaram. “Fascinante…”

Eu não tinha contado isso a muitas pessoas. Só a Malekai e Seline... Um mal-estar se retorceu dentro de mim por ter revelado isso a esse estranho.

“E onde eles estão agora?”

Balancei a cabeça. “Minha mãe nos deixou logo depois que eu nasci — não se incomode em me perguntar onde ela está porque eu não tenho ideia — e meu pai está na capital. Não somos próximos.”

Nakoa franziu a testa e assentiu gradualmente.

“E o seu?”

“Minha mãe mora no meio do caminho entre aqui e Vyssini. Meu pai morreu quando ela estava grávida de mim... Tenho um punhado de outros parentes em Spriga, mas... Ninguém de quem eu seja próximo... Mas aquele bando desagradável ali...” Nakoa assentiu na direção de um grupo de homens, incluindo aquele que eu quase agredi e uma mulher. “Eles são minha família mais do que qualquer outra pessoa além da minha mãe.”

Meu coração apertou no ritmo do movimento dos meus lábios quando, como um só, os olhos deles que estavam fixos em nós dispararam como bolas de pinball em direções diferentes enquanto tentavam fingir inocência.

“Eles parecem… bastante envolvidos na sua vida pessoal.”

Ele riu calorosamente, com afeição nos olhos enquanto seu olhar permanecia neles por mais um momento.

“Sim… Somos todos um pouco curiosos quando se trata dos negócios uns dos outros.”

A culpa se retorceu em meu estômago.

Esse macho, por mais desequilibrado que fosse, *faria falta.*

Limpei a garganta, tentando afastar o pensamento. Nakoa pareceu sentir meu desconforto repentino e mudou de assunto.

“O que te traz a Ouvelleete?”

Ele levantou uma sobrancelha como se estivesse me encorajando a elaborar.

“Acabei de voltar para casa depois de visitar o mar…”

Suas sobrancelhas saltaram diante disso.

“E você está… Sozinho.”

Meus olhos se estreitaram novamente em desconfiança.

“Sim. E?”

“É bastante perigoso viajar sozinho pela natureza—

Eu soltei uma risada.

“O quê?” Ele pressionou, seu sorriso vacilando com incerteza.

Eu bufei uma risada. Minha voz ficou dramática com falsa inocência.

“É *tãão* perigoso viajar pela natureza, sozinho... É aqui que você sugere que eu passe a noite com você, gentil senhor? Para que nenhum bandido ou outro *portador indecoroso* tire vantagem de uma viajante solteira solitária?”

Nakoa caiu na gargalhada. O som era grave e quente.

“Querida, prefiro pensar que você é uma assassina do que uma donzela…”

Seus olhos escuros brilharam de alegria enquanto eu tentava esconder o quanto ele estava certo.

“Se alguma coisa, eu ficaria preocupado com *você* tirando vantagem deles… Mas eu ficaria muito feliz em passar a noite com você. Nenhuma intimidade esperada.”

Bem. Eu não tinha muita certeza do que dizer sobre *isso.*

Ele realmente pareceu sincero sobre essa última parte. Algo se contorceu desconfortavelmente dentro de mim.

Felizmente, o sinal passou, e chegamos ao bar, onde um barman já tinha duas bebidas nos esperando. Peguei a minha com gratidão, agradecendo a ele enquanto levava o líquido bordô aos meus lábios.

Nakoa assentiu com a cabeça, apreciando, e colocou várias moedas — muito mais do que qualquer vinho valia — sobre o balcão de madeira para o barman.

Isso também serviu para aumentar meu desconforto. Esse homem era… Ouso dizer… *decente?*

Deuses.

Zurie provavelmente o quereria morto só por esse motivo. No entanto, não pude deixar de me perguntar qual era o motivo *real* .

Não achei pouca ironia no fato de que se ele soubesse quem eu realmente era... Ele teria tentado me matar à primeira vista. Ele era claramente um guerreiro Kahlohani. Seus padrões geométricos

característicos se entrelaçavam e giravam em seu pulso, subiam por seus antebraços e sangravam em seu peito, se o pedaço de carne que eu conseguia ver através do V de sua gola fosse alguma indicação.

Eu estava muito familiarizado com eles, considerando que eu havia massacrado inúmeros soldados Kahlohani durante a guerra... A culpa disso infeccionou em mim como uma ferida gangrenosa... Não que isso faria diferença para ele.

Só de ficar em sua presença, algo parecia estar despertando dentro do meu peito.

Eu queria enterrá-lo.

Um sorriso diabólico levantou um canto da minha boca e fez com que aquela coisa despertasse ainda mais dentro de mim.

Eu queria desesperadamente correr na outra direção. O dever era a única coisa que mantinha meus pés plantados na frente dele.

O homem riu, franzindo as sobrancelhas como se não acreditasse, apesar do sorriso apreciativo estampado em seu rosto marcado.

“Olha, mesmo que você não *precise necessariamente* de proteção... Eu ainda gostaria de estender o convite a você... Minha família escolhida e eu,” ele disse, acenando na direção de um grupo de homens e uma mulher que estavam nos observando abertamente, “... partiremos para Vyssini amanhã... Não viajaremos até Bastrina, mas pelo menos poderíamos escoltá-lo com segurança na maior parte do caminho...”

CAPíTULO

ONzE

NAKOA

EU senti a menor pontada de culpa pela minha mentira. Embora eu tivesse passado a vida inteira jurando que correria na outra direção no segundo em que colocasse os olhos nessa mulher, de repente me vi incapaz de nos deixar nos separar. Eu não tinha intenção nenhuma de permitir que essa mulher nos deixasse quando chegamos em Vyssini para levar nossos ganhos ilícitos que tínhamos acabado de obter esta mesma noite para a sede não oficial da Revolta... A Revolta que eu vinha liderando pelos últimos dois anos.

Ninguém fora do meu *olana kah'hei* sabia desse fato, para que eu não colocasse um alvo ainda maior nas minhas costas. Eu só precisava persuadir Mareina a esperar um dia ou dois enquanto eu convencia Mareina para ficar conosco sem ter que forçar a mão dela.

Meus olhos se voltaram para minha família escolhida, ainda persistindo no canto distante da taverna. Como se estimulados por minhas palavras, eles serpentearam pela multidão e desapareceram além da saída. Eu sabia que meu *olana kah'hei* não ficaria feliz em ter uma mulher estranha se juntando a nós... Mas uma vez que eu confidenciasse que ela era minha *alma gêmea*, eles ficariam em êxtase. Ela tinha aparecido em meu próprio pesadelo recorrente pessoal.

E tudo naquela mulher exalava exatamente isso.

Ela era cada pedaço glorioso e quebrado de perfeição ensanguentada que eu poderia ter ousado imaginar.

Por mais que eu odiasse admitir para mim mesmo, ela não tinha escolha no assunto, realmente... Não havia a mínima chance de eu deixá-la viajar para Bastrina sozinha para ser potencialmente atacada por *Akash*, sabia que criaturas imundas tentariam tirar vantagem dela, mesmo que ela pudesse se defender.

Mas, acima de tudo, eu já sabia que Mareina era minha, de cabo a rabo. Eu podia *sentir* isso. Meu Saber estava sussurrando confirmações desde o momento em que a avistei na multidão.

Ela é a chave para fortalecer seu poder.

Ela era a única que eu tinha visto nesse pesadelo profético que eu sabia ser uma premonição. Eu tinha dito a mim mesmo pelos últimos cem anos desde que a premonição tinha começado que eu correria o mais rápido que eu pudesse na outra direção assim que eu a visse.

Toda a resistência que eu tive em um dia ficar cara a cara com ela evaporou. Substituída por essa sensação avassaladora de que ela era *minha.* Queimou dentro de mim como se eu fosse explodir de raiva se não a reivindicasse.

O que, admito, era algo totalmente inapropriado de se fazer com um completo estranho, então eu estava tentando o meu melhor para conter a situação e parecer normal, quando na verdade eu estava muito longe disso.

A única falha no meu plano de convencê-la a ficar comigo era... Bem, ela não parecia totalmente cortejada pelos meus encantos. Embora eu soubesse que isso era pelo menos em parte devido ao glamour da minha magia. Algo que eu fiz para chamar menos atenção para mim. Apesar de ser meio-fae e meio-humana, minha verdadeira forma poderia ser considerada... levemente alarmante.

Era como se houvesse uma fera dentro dela sussurrando para a minha... *almas unidas* e se reunindo pela primeira vez depois de terem sido separadas, e as duas estavam apenas se atualizando... A fera recém-despertada dentro de mim escutando e completamente extasiada enquanto a dela tecia sua história. Uma não tão diferente da minha. De desgosto, horror e morte... Tanta morte.

Eu não conseguia *ouvir exatamente* as palavras, mas... eu conseguia *senti* -la. Meu coração se apertou em partes iguais de tristeza e admiração, pois tudo o que ela era canalizado para mim pelo meu Saber - um dos meus dons.

Algo que parecia completamente separado de mim, como uma consciência completamente separada, meu Saber podia ler pessoas, coisas... Situações. Uma transferência instantânea de informação e energia que eu podia decifrar. Tudo o que era necessário era ficar na presença deles.

Eu a estudei, tentando o meu melhor para pelo menos parecer normal enquanto minha mente processava todas as informações que fluíam para mim vindas dela. Imagens brilhavam, sons, sentimentos... Isso me inundou tão poderosamente que fiquei surpreso que meus joelhos não cederam. Eu nunca tinha experimentado um *Saber* tão profundamente antes. Normalmente, eram apenas os essenciais... Minha magia sempre parecia decidir por si mesma o que era "essencial".

Coisas como:

Essa pessoa é confiável?

Eles estão mentindo?

Deveríamos roubá-los às cegas?

O mundo seria melhor se os matássemos?

"Nós" obviamente se refere a mim e ao meu *olana kah'hei* .

Coisas que eram necessárias em nossa linha de trabalho… Que consistia em roubar e saquear aqueles que possuíam… digamos… Bens ilícitos. Ou, mais transparentemente…

Indivíduos extraordinariamente ricos que fizeram fortuna explorando os outros .

Então … Nós cortamos uma boa parte dos despojos para ficarmos com nós mesmos antes de distribuir anonimamente o restante entre os necessitados.

Porque os *Akash* sabiam que a Rainha Zurie não dava a mínima para nenhum de nós e nem sonharia em roubar o sofrimento de ninguém.

Era isso também que estava financiando The Uprising.

A Rainha Zurie e seu exército não só massacraram quase todo o meu povo - os Kahlohani - como também tomaram nossas ilhas e escravizaram as pobres almas que involuntariamente escolheram permanecer. Depois de explorar o continente de Atratus pelos primeiros 447 anos de seu reinado, o último lugar restante em toda Atratus onde *aetra* poderia ser cultivada eram as Ilhas Kahlohani. E sem *aetra* , ela provavelmente ficaria impotente e pobre.

Apresentada como a única fonte de recurso que daria até mesmo ao mais fraco dos portadores acesso a uma fonte profunda de magia, ela inspirou quase um reino inteiro a lutar por ela.

Embora agora, parecesse que as mesas estavam virando. Nos últimos anos, minha *olana kah'hei* e eu estávamos criando uma oposição para nos levantarmos contra ela novamente, e não tinha se mostrado uma tarefa muito difícil.

Por quase 500 anos, ela teve 90 por cento dos Atratus vivendo na pobreza. Um fato que inspirou tanto minha raiva quanto meu desgosto. Eu sabia que isso significava viver na pobreza. Exilado depois que perdemos a guerra, eu me vi destituído até que literalmente roubei *minha* riqueza daqueles mesmos que a tiraram de mim. Embora eu não necessariamente considerasse os Atratusianos *meu* povo, eu conhecia sua situação, e eu não desejaria isso a ninguém além daqueles que a forçaram sobre eles.

Como Zurie.

Para piorar a situação, a maioria dos atratusianos vivendo na miséria por causa dela também foram os que lutaram *por* ela. Tudo em vão sob seu disfarce de tornar *aetra* acessível a todos porque *aetra* é igual a poder, e poder é igual a riqueza.

A única ressalva que ela deixou de mencionar foi que para comprar *aetra,* você já tinha que possuir riqueza.

O que ainda deixou a grande maioria do seu povo na pobreza.

Assim que obtivermos apoio suficiente, iremos derrubá-la para que eu pudesse recuperar as Ilhas Kahlohani. Libertar o povo Kahlohani que ela escravizou. Devolver o lar ao nosso povo exilado. Purgar a terra da exploração de Zurie que estava destruindo nossa terra e mar.

O sonho que me assombrou por quase toda a minha vida começou a se repetir distantemente em minha mente enquanto meus olhos consumiam Mareina.

Rei, meu Saber sussurrou, *Você está destinado a ser Rei.*

Ansiedade deu um nó no meu peito. Engoli em seco prontamente. Tentei visualizar um futuro com *ela* em que não haveria mais uma guerra, apesar dos meus esforços para impedi-la, como minha visão previu. Um em que ela não detestasse a própria visão de mim. Um em que eu não me transformasse no que parecia ser uma monstruosidade infernal.

E era como tentar levantar uma pedra do fundo do mar.

Vai se foder, rosnei de volta para o meu Saber.

Um mal-estar se instalou em meu íntimo enquanto lampejos da premonição retornavam.

Por quê? Por que tem que ser assim? Eu fervia internamente enquanto colocava um sorriso torto no rosto. Um que eu sabia que as mulheres *sempre* achavam desarmantemente charmoso.

Em vez de ser cortejada por ela, Mareina ficou na minha frente, com os olhos cautelosamente semicerrados, me estudando como se eu fosse um quebra-cabeça feito de peças completamente incompatíveis.

Se ela soubesse.

Ela parecia estar deliberando internamente enquanto tomava um belo gole de sua bebida com uma delicadeza que me surpreendeu. A maneira como ela segurou meu olhar e abriu os lábios para levar o copo até ela boca fez meu pau tremer e felizmente extinguiu a premonição, tentando se enfiar na minha mente.

“E o que, exatamente, está trazendo você para Vyssini?”

"Negócios."

Uma sobrancelha nada divertida se ergueu com desconfiança diante da minha resposta deliberadamente vaga.

“Então… Você nos permitirá acompanhá-lo?” Eu pressionei.

Ela deu de ombros nus. Seu vestido era de mangas compridas, mas deixava seu pescoço, ombros e o topo de seus seios fartos expostos. A visão era de dar água na boca, e foi preciso um esforço considerável para não se inclinar e morder, beijar e lamber cada centímetro de sua carne exposta.

“Geralmente não estou inclinada a ir a lugar nenhum com homens estranhos.”

Não consegui evitar o sorriso diabólico que se formou em meus lábios e tive que conter minha resposta inegavelmente lasciva.

“Estou aliviado em ouvir isso… Mas eu pediria que você considerasse que é realmente para sua segurança… Na verdade, estou surpreso que você tenha chegado até o mar sozinho e ileso. Como você sabe, nem todo mundo que você encontra no seu caminho tem seu bem-estar em mente.”

Ela apenas cantarolou, divertida.

“E suponho que você faça isso?”

“Na verdade, sim.”

Majoritariamente.

Ela revirou os olhos, finalmente quebrando meu olhar, e tomou outro gole de sua bebida. Algo sobre sua energia se tornou duro e amargo. Meu peito apertou em resposta com uma mistura bizarra de compaixão e raiva contra todos aqueles que a machucaram. Estava se tornando perturbador o quão forte era meu Saber com ela.

Com ela, eu podia sentir a sensação de toda a dor causada por seu passado há muito enterrado cravando suas garras nela, entorpecida apenas por tempo. Precisei de tudo dentro de mim para não puxá-la para meus

braços e jurar a ela em meu sangue que eu faria tudo em meu poder para protegê-la.

Antes que eu pudesse pensar melhor, me vi me inclinando para ela e deslizando minha mão sobre seu pulso, onde ele descansava no topo do bar. A eletricidade formigou, enviando uma corrente deliciosa através de mim que fez meu coração bater forte. Seu olhar voltou para o meu de uma forma que, muito brevemente, a fez parecer uma corça assustada.

“Você gostaria que eu jurasse com sangue?”

Ela recuou um pouco, a testa franzida em descrença, enquanto seus olhos procuravam os meus pela verdade das minhas palavras. Sua garganta delicada trabalhou em engolir.

“Isso não será necessário…”

“Você está hospedado na pousada?”

"… Não."

Que oportunidade…

Agora, ouso arriscar ser esfaqueado?

“… Você precisa de um lugar para passar a noite?”

Ela levantou as sobrancelhas, algo ilegível fechando seu olhar, mas para minha surpresa... Ela não parecia totalmente contra a ideia.

Sim, sim, sim, raposinha… Venha cair na minha armadilha.

CAPíTULO

DOzE

MARINHA

"EU na verdade não tinha planejado passar a noite em Ouvelleet."

Porque assim que eu matar você, vou voltar direto para Bastrina.

"… Mas não sou totalmente contra passar algum tempo com você."

A expressão treinada e neutra de Nakoa era louvável. Tanto que fez meus lábios se curvarem de excitação.

Vamos ver o quão neutra será sua expressão quando eu drenar cada gota do seu sangue.

Algo em meu intestino se contorceu com o pensamento... Eu consegui suprimir a realidade da situação até que me lembrei da dura realidade. E eu não tinha raiva nublando minha mente.

Ele está fazendo mais bem ao reino do que você jamais fez.

Seus lábios finalmente se contraíram em resposta. "Quão generoso da sua parte…"

Respirei fundo, tentando disfarçar o fato de que eu não queria nada mais do que cair em desespero.

"Bom, nesse caso, eu não gosto de multidões… Vamos embora?"

As sobrancelhas de Nakoa levantaram-se em surpresa com minha ousadia antes que seus olhos se estreitassem brevemente com suspeita.

"Eu não amaria nada mais…"

Havia um certo calor e sinceridade desarmante em suas palavras. E fez meu desespero no que eu sabia que tinha que fazer ainda maior. Virei-me para liderar o caminho através da multidão assim que o cheiro de fumaça atingiu meu nariz. Parei, trocando um olhar com Nakoa enquanto suas narinas se dilatavam. Ninguém mais parecia ter notado ainda.

Virei-me em direção à saída, lançando um olhar rápido para Nakoa antes de disparar em meio à multidão.

Entramos pela entrada principal e encontramos uma multidão enchendo as ruas, boquiaberta diante de uma casa solitária ao longe, quase consumida pelas chamas.

A raiva cravou suas garras em mim. Certamente, pelo menos algumas dessas pessoas poderiam fazer *algo* para ajudar.

"Ninguém aqui empunha água?" Eu rugi para a multidão.

"Não quando foi queimado do ar, seu idiota!" Um homem sibilou na minha direção.

Rosnei, abrindo caminho pela multidão em direção a Chihiro, sem me preocupar em ver se Nakoa a seguiria.

Por favor, não, rezei silenciosamente.

Desamarrando Chihiro rapidamente, montei nele, esporeando-o em direção às chamas. O som de cascos galopando atrás de mim fez minha

cabeça se virar para encontrar Nakoa logo atrás de mim.

Demorou longos minutos para chegar à casa. Eram três andares, e o fogo já havia consumido a metade inferior. O solo ao redor da casa decadente e dilapidada era completamente estéril... Uma resposta clara sobre o porquê de ninguém na cidade ter se preocupado com a propagação do fogo.

Eu pulei de Chihiro no momento em que uma idosa humana e duas crianças pequenas correram em minha direção. “Meu marido! Por favor!”

Meu olhar caiu para a metade inferior da casa.

Porra.

Os apelos da senhora idosa e os lamentos das crianças foram ficando em segundo plano enquanto o medo se instalava em meu íntimo.

Eu poderia *criar* uma barreira ao meu redor, mas se houvesse algo que pudesse derrubá-la mais rápido que fogo, eu não tinha descoberto. E mesmo que eu pudesse mantê-la nas chamas, não faria nada para suprimir o calor. Eu seria cozido vivo.

Um homem idoso apareceu em uma janela no terceiro andar, parecendo estar lutando para abri-la.

Não deixei de perceber a ironia do fato de que passei minha carreira inteira matando pessoas e, ainda assim, provavelmente estava prestes a morrer salvando um único humano.

Uma maneira justa de pagar um pouco de penitência antes de morrer.

É isso que o Pharalaki estava me seguindo há?

Seria um sinal de que eu morreria em breve?

Assim que me movi para correr, a mão de Nakoa agarrou meu braço.

“Mareina, não tem como… Você vai morrer com ele se entrar aí.”

As palavras eram risíveis. Mal sabia ele que eu não só desejava a morte diariamente, mas que ele estaria poupando a sua própria se eu o fizesse.

“Ou você se junta a mim, ou sai do meu caminho.”

Arrancando meu braço do seu aperto, aproximei-me da casa, *criando* uma barreira ao meu redor.

Eu empurrei a porta em chamas para abri-la. Ventos de fora entraram correndo, sussurrando sua má intenção. As chamas ordenaram, rugindo mais alto.

Como se a própria *Akash* tivesse aberto o caminho, de alguma forma, as escadas estavam *quase* intactas. Corri para frente, Nakoa logo atrás de mim. O patamar do segundo andar foi quase totalmente devorado. Uma viga de madeira pesada se partiu e desabou no centro, que usei como almofada de lírio para pular para o segundo lance de escadas. Nakoa, logo atrás de mim, mal era visível através da fumaça que cercava sua própria barreira.

Minha bota caiu em um degrau pouco antes do patamar do terceiro andar, fazendo com que parte dele cedesse. Nakoa saltou para frente, puxando-me com ele para uma parte um pouco mais segura do patamar.

Nós dois caímos para a frente no corredor. Ele ainda não tinha sido tocado pelas chamas, mas estava fadado a desabar nos níveis mais baixos a

qualquer momento. Chutei a primeira porta para encontrar o homem idoso já inconsciente no chão, talvez até morto, por causa da fumaça.

Eu poderia ter rido. Seria essa a maneira de Mors zombar de mim? Nem morrendo eu conseguiria encontrar algum tipo de redenção?

Corri para frente, enrolando seu corpo frágil em meus braços e minha barreira. Nakoa esperou na porta, a tensão esculpindo seu rosto enquanto eu rapidamente me juntava a ele, e corremos pelo corredor para retornar ao patamar da escada, que agora era pouco mais do que estilhaços de fogo.

Nakoa xingou atrás de mim. “Este lugar vai—

Uma rachadura sinistra rasgou o ar enquanto teias fraturadas dividiam as paredes. Os braços de Nakoa atacaram enquanto ele saltava para trás, rebocando a mim e ao humano inconsciente contra seu peito pouco antes de toda a escada ceder. Uma viga de suporte acima de nós cedeu, junto com uma parte do telhado, ameaçando nos esmagar sob ela. Antes que pudesse, Nakoa a pegou acima de sua cabeça. O fogo rugiu ao nosso redor, e nossas barreiras ameaçaram ceder.

“A janela. Rápido,” ele rosnou, se esforçando para sair de baixo do peso da viga e das partes do telhado às quais ela estava presa.

A culpa pesava como uma pedra no meu estômago como um fogo, um que não tinha nada a ver com o que ameaçava devorar nós, rasgou algo no centro do meu peito. Eu deveria matar esse macho. Então por que diabos eu me senti tão visceralmente avessa à ideia de deixá-lo aqui para morrer?

“Marina!”

Forcei-me a andar pelo corredor e voltar para o quarto, hesitando brevemente ao ver Nakoa suportando o peso de um telhado.

Puta merda.

Arranquei os lençóis da cama, amarrei-os juntos, e depois em volta do peito do homem e empurrei as janelas abertas. Olhei para baixo para ver sua esposa e seus pupilos, certamente jovens demais para serem seus próprios filhos, olhando para nós com olhos esperançosos, arregalados e lacrimejantes. Apoiei seu corpo precariamente na borda da janela e comecei a abaixá-lo até o chão. Eu sabia que o lençol provavelmente não alcançaria todo o caminho até o chão, mas isso era muito ruim. O homem sobreviveria a algumas quedas de alguns metros.

Nakoa, no entanto, provavelmente não sobreviveria sendo esmagado por uma casa e consumido pelo fogo... E Zurie *exigiu* que eu lhe trouxesse seu corpo.

O corpo do homem idoso atingiu o chão com um baque desconfortável, e eu corri de volta para Nakoa, agora dobrado sobre um joelho, e corri para o seu lado, ajoelhando-me ao lado dele para aliviar um pouco do peso. Seus olhos escuros se arregalaram com o choque.

“Você tem um desejo de morte, *lohane thili?”* Ele gritou.

“Mais do que você imagina.”

Como se *Akash,* ou talvez *Mors* , tinha ouvido minhas preces, o chão desabou, e Nakoa e eu despencamos pelo segundo andar e pousamos no

centro do que pode ter sido uma cozinha. As chamas nos consumiram, nossas barreiras se desintegrando.

Nakoa e eu ofegamos, lutando para ficar de pé. Nossos olhos se encontraram com uma porta a apenas alguns metros de distância. Nós mancamos em direção a ela em ossos em recuperação. Ele jogou o peso do corpo contra ela, e ela cedeu instantaneamente.

Meu tornozelo quebrado decidiu ceder naquele exato momento, e eu caí no chão ao lado dele.

"Imprudente… Imprudente, mulher," ele murmurou entre tosses.

Uma emoção estranha passou por mim…

"Sinto muito… Por fazer você arriscar sua vida."

"Eu faria de novo num piscar de olhos, Mareina."

CAPíTULO

TREzE

MARINHA

Além de mim, Nakao montava no maior cavalo que eu já tinha visto. Embora combinasse com ele, considerando que ele parecia apenas alguns centímetros mais baixo do que os seis pés e oito polegadas de Malekai. O cavalo de Nakoa, Pumpkin - ou como ele carinhosamente pronunciava, "*Punkin"*, tinha uma pelagem marrom-escura e crina preta que até eu achava invejável. A pele de suas pernas brilhava com longos pelos pretos, chamados de "penas", abaixo do joelho.

Quando voltamos do incêndio, ele falou com ela como um bebê e deu a ela e a Chihiro várias maçãs antes de sairmos. Afastar o calor de vê-lo fazer isso foi algo doloroso.

Entre várias outras coisas que eu não estava disposto a examinar, eu me sentia em dívida com esse homem que eu deveria assassinar.

Nós nos deitamos no chão em silêncio, observando aquela casa queimar até o chão de uma distância segura enquanto nossos corpos se curavam. Nakoa não só garantiu que eles tivessem um quarto na pousada pelas próximas semanas pago, mas ele *colocou* um saco considerável de moedas em sua mão e deu para a mulher antes de partirmos. O ato fez meu coração apertar, e meu estômago apertar com remorso preventivo.

Este era um bom macho.

À medida que nos aproximávamos cada vez mais da Floresta Sentient, a civilização parecia desaparecer completamente. A floresta era densa, e eu podia sentir o quão viva, consciente e observadora ela era... Observando-nos enquanto andávamos no caminho solitário que atravessava as árvores densas que filtravam tudo, exceto os mais tênues raios de luar. Pequenas luzes zuniam, flutuavam, voavam e piscavam por toda parte. *Sprites.* Nunca se demorando em um ponto ou chegando perto o suficiente para conseguir distinguir quaisquer atributos discerníveis além do brilho que emanavam na noite.

Aquela pressão entre minhas omoplatas apertava forte e doía enquanto a ansiedade pelo que eu sabia que tinha que fazer afundava suas garras mais profundamente em mim à medida que nos aproximávamos de sua casa. As poucas pessoas que passamos ao longo da jornada de uma hora cumprimentaram Nakoa afetuosamente e com calor. E por nenhuma outra razão além do fato de que eu estava lá ao lado dele, eles até me ofereceram sorrisos calorosos, embora curiosos. Era uma sensação estranha ser saudado dessa maneira. Todos em Bastrina eram, naturalmente, indiferentes comigo, na melhor das hipóteses.

Eu ainda estava perdido em pensamentos quando a floresta de repente deu lugar a uma clareira onde o luar iluminava uma grande cabana e um jardim lindamente arranjado. Uma árvore adornada com musgo longo com

um tronco quase tão largo quanto Chihiro era longo. Tinha um balanço tipo sofá pendurado na frente de um grande lago onde grupos de prites dançavam na brisa fresca de verão.

Algo no meu peito se contorceu dolorosamente ao perceber que eu nunca mais conseguiria voltar para cá. Parecia e parecia um refúgio de…

Paz.

Eu queria isso. Um refúgio. Paz... Uma família como esse homem havia cultivado para si mesmo, apesar de não ter ninguém além de sua mãe.

Meu coração deu uma batida dolorosa enquanto meus pensamentos se voltavam para Malekai, mas a destruição iminente de Nakoa me trouxe de volta ao presente.

Ele não parecia em nada com os outros alvos de Zurie.

Um pouco arrogante, talvez…

Um outlier? Claramente.

Perturbado? Provavelmente/Mais ou menos.

Mas *ruim?* Não.

Quando alguém tinha intenções sinistras, isso transbordava deles. Eles irradiavam isso. E eles certamente não tinham um grupo tão grande de amigos e familiares investidos em suas vidas.

Na maioria das vezes, quando Zurie me mandava para *cuidar de alguém,* a maioria deles estava *nitidamente* entre a escória da sociedade. E não era absurdo imaginar que eles mereciam encontrar um fim tão repentino e violento.

O toque do olhar de Nakoa me tirou da cabeça para encontrá-lo pacientemente me observando com uma expressão ilegível. Quando finalmente me virei para olhar seu rosto manchado de cinzas e fuligem, um canto de sua boca se inclinou em um sorriso suave. Algo pareceu se apertar entre nós, como se tentasse me atrair para mais perto dele, e eu rapidamente o empurrei de volta.

Ele sorriu ironicamente, os olhos brilhando com um toque de orgulho.

“Lar doce lar.”

CAPíTULO

CATORzE

NAKOA

Se ele pertencia aqui. Ela era literalmente a mulher dos meus pesadelos - *ahem* - sonhos. Todo o medo anterior que eu carregava desde que comecei a ter essas premonições frequentemente violentas e raramente cativantes dela evaporava ainda mais a cada momento que eu passava ao lado dela. Tentar negar a amarra que ancorava minha alma à dela seria como tentar negar ao meu corpo comida e água.

A visão dela sentada em Chihiro e simplesmente olhando para minha casa com uma tremenda saudade estampada em seu rosto fez meu coração inchar até explodir. Só se intensificando ainda mais com a visão de sua beleza inegável. Ela não tinha uma certa suavidade feminina encontrada na beleza convencional... Havia uma certa aspereza em suas feições... Uma expressão e comportamento que eu poderia claramente imaginar sendo um impedimento para machos inferiores.

Meu olhar caiu de seu perfil, luminoso ao luar apesar das manchas de fuligem. Eu segui a linha de seus lábios carnudos... a generosa ondulação de seus seios sob seu vestido...

Outra visão invadiu o presente, abafando minha realidade atual.

Uma silhueta idêntica do luar iluminando o perfil de Mareina. Vestida com um longo manto de seda, de pé na frente da janela que tem uma vista panorâmica de Bastrina. Seu rosto se vira para encontrar meu olhar. Seus olhos verdes brilham mais intensamente do que eu já vi, mas dentro deles, não vejo amor. Eu vejo… Tristeza.

A visão desapareceu, não deixando nada para trás, a não ser uma dor dolorida no meu peito. E perguntas que ninguém pode responder. Nem mesmo meu Saber.

A visão deixou uma emoção espessa e pegajosa na minha garganta que me recusei a deixar estragar o momento presente.

Mareina, diante do meu olhar, lançou-me um olhar interrogativo.

Limpei a garganta como se isso pudesse limpar minha mente e emoções, tentando parecer normal.

“Sim… Você simplesmente está… Linda.”

Nem remotamente uma mentira.

Ela ergueu as sobrancelhas antes de franzir o ceticismo.

“Mesmo coberto de fuligem”, acrescento por cima do ombro, virando-me em direção à minha casa.

Dei um suspiro quando finalmente desmontei da Abóbora, removendo sua sela e rédeas e colocando-as no corrimão da varanda.

“Obrigada, *Punkin* …” Pressionei minha testa contra a dela, dando um tapinha em seu pescoço poderoso antes que ela se virasse e fosse pastar. Eu não precisava mantê-la no estábulo em noites temperadas como esta. Graças

à minha magia, qualquer criatura que desejasse mal a ela ficava *longe* . Ela também sabia que não devia vagar pela Floresta Sentient, que era seu próprio tipo de fortaleza de proteção ao redor de minhas terras e lar. Pouquíssimos seres tinham permissão para entrar *e* viver…

"Você não tem um estábulo?"

Virei-me para encarar Mareina, rezando para que o comprimento endurecido das minhas calças tivesse amolecido o suficiente para não ser visível ao luar, mas considerando sua visão sanguinati, eu não ficaria surpreso se ela conseguisse.

"Sim, mas com esse clima, eles estão seguros para andar."

Mareina hesitou, os olhos examinando as colinas e a floresta escura que nos cercavam.

"Não se preocupe, eu tenho proteções."

Ela levantou uma sobrancelha.

"Proteções?"

"Sim, proteções", afirmei, aproximando-me de Chihiro para desmontá-lo.

"Você precisa de *aetra* para mantê-lo?"

Meus pelos levantaram a questão. Eu *nunca* tomaria aquela planta esquecida pelos deuses. Eu não precisava dela. Eu já tinha mais poder do que sabia o que fazer com ele. Ele estava constantemente se agitando e pronto para explodir de mim.

"Não. Nunca," eu consegui dizer, talvez soando um pouco mais severo do que o pretendido.

Suas sobrancelhas delicadamente arqueadas se juntaram, olhos vagando por mim como se isso revelasse como eu conseguia fazer tal coisa. Era incomum alguém conseguir manter proteções constantes... Mas eu atribuí isso à minha mãe, que era uma bruxa humana extremamente formidável, e ao meu pai, que... Eu não sabia nada sobre isso. Só que ele era fae.

O silêncio se seguiu enquanto eu colocava a tachinha de Chihiro no corrimão ao lado da minha e subia os degraus. O som de garras raspando contra minha porta da frente cortou o silêncio. Eu *forcei* a porta da frente a se abrir enquanto minhas duas feras leais, Peanut e Bellona, se atiravam em minha direção, e eu me ajoelhei para abraçá-las.

"Sim! Oh meu Deus, meus doces bebês! Vocês sentiram falta do papai? Eu senti muita falta de vocês dois . Vocês se comportaram enquanto eu estava fora? Eu sei que sim, meus anjos. Querem conhecer nosso novo amigo?"

Fiquei de pé, limpando a baba deles do meu pescoço e mãos, para apresentar Mareina. Seus olhos verdes profundos se arregalaram quando Peanut, bem o oposto em tamanho, galopou em sua direção. De quatro, ela tinha altura do quadril e era toda músculos, pele enrugada e orelhas caídas. E Embora seus pais fossem antigos animais de guerra — uma raça usada explicitamente para ajudar soldados em batalha a despedaçar seus inimigos

membro por membro — ela tinha um temperamento gentil e doce que poderia rivalizar com qualquer filhote.

Bellona, por outro lado, poderia ser descrita sucintamente como *pequena, mas poderosa.* Ela era uma coisinha feroz com uma mandíbula assimétrica, dentes que se projetavam em ângulos bizarros e uma orelha meio roída. Eu a encontrei em um beco cavando restos. Ela quase arrancou meu rosto, mas... Assim como Mareina, eu sabia que a conquistaria. Tudo o que ela precisava era de tempo e uma mão gentil e amorosa. E eu sempre tive uma queda por coisas feridas e cruéis.

Meu coração quase pulou do peito para se atirar em Mareina enquanto ela se ajoelhava para cumprimentar Peanut, totalmente agradecida por seus beijos e despreocupada com sua baba... E quando ela *sorriu,* eu sabia que daria meu testículo esquerdo se isso inspirasse aquele sorriso novamente.

Bellona se aproximou dela cautelosamente, esticando o pescoço para cheirá-la antes de bufar alto e se virar para mim.

“Peanut, deixe-a entrar. Ela está cansada,” eu chamei, dando tapinhas no meu quadril enquanto me virava em direção à casa. Peanut prontamente se virou, galopando em minha direção. Bellona, no entanto, se manteve firme na porta da frente, olhando para ela através de olhos semicerrados.

“Não se importe, Bellona. Ela só é cautelosa com estranhos, mas é leal como eles vêm... Ela vai se aquecer com você.”

Ela entrou atrás de mim, com os olhos fixos na pintura de Kahlohan em batalha — o famoso guerreiro e, mais tarde, Rei das Ilhas Kahlohani, que liderou os *agrios* à vitória contra os chamados *axios* há milhares de anos.

Ágrios. Selvagem.

Axios. Digno.

Agrios era um termo usado antigamente que referia-se a qualquer um que não fosse fada.

Sem seus esforços, os fae teriam exterminado todos os outros. Eu não estaria aqui, Mareina não estaria aqui...

Sendo uma sanguinati, imagino que ela compartilhasse minha apreciação.

“Uma história fascinante que ele tinha, não?” Ela disse, seu olhar ainda fixo na pintura. De fato, ele tinha. Dizia-se que o homem tinha vindo do nada. Subido na hierarquia, aparentemente, do nada para de alguma forma milagrosamente virar a maré da guerra, apesar de estar em menor número. Era algo com o qual eu podia me relacionar profundamente. Exceto pela parte de vencer a guerra...

“Inspirador,” murmurei, sentindo uma pontada familiar de dor ao lembrar o quão completamente havíamos perdido para Zurie e seu exército. As sobrancelhas de Mareina franziram diante da minha mudança repentina de comportamento, mas, felizmente, ela escolheu não investigar.

Eu a levei para um passeio pela minha casa enquanto ela me seguia silenciosamente, irradiando aquele sentimento de saudade. Isso me fez pensar onde *ela* morava. Minha casa não era extravagante de forma alguma,

mas era aconchegante e eclética e tinha sido construída com amor pelas minhas mãos.

Ela veio aqui sob o pretexto de que dormiríamos juntos, mas eu não tinha intenção *nenhuma* de seguir adiante. A fêmea já estava pelo menos levemente avessa a mim, apesar dos meus esforços. Não importa quanta possessividade eu sentisse por ela, e o quanto cada molécula do meu corpo estava queimando de desejo de transar com ela até que todos os homens antes de mim fossem apagados de sua mente... Eu sabia que se eu cedesse a isso tão cedo, seria um motivo a menos para ela ficar. Eu precisava deixá-la sem mente com a necessidade de mim. Que melhor maneira de fazer isso do que com angústia?

Menos egoisticamente e relutantemente, eu poderia discernir intuitivamente que ela apreciaria ter a opção de seu próprio espaço... E se eu fosse convencê-la a permanecer ao meu lado, eu também precisaria ganhar sua confiança...

“O quarto de hóspedes tem portas que dão para a varanda, se isso te ajudar a dormir melhor em uma casa estranha…”

Surpresa iluminou suas feições, seguida por uma careta suspeita, mas ela não disse nada mais do que: "Obrigada... Mais uma vez... Por mais cedo, e... por me receber esta noite ."

“ Foi algo extraordinário que você fez cedo… Se não for imperdoavelmente descuidado com sua própria vida…”

O olhar de Mareina baixou brevemente para o chão e ela respirou fundo.

Eu me mexi desconfortavelmente em meus pés. Em nossa curta jornada aqui, sua energia tinha se tornado cada vez mais... *estressada*, e meu Saber e intuição confirmaram que não tinha nada a ver com o evento *de fogo* anterior.

E eu me senti profundamente compelido a consertar isso. Uma parte inata de mim, embora eu mal a conhecesse, ansiava por lhe dar um motivo para sorrir.

Antes que eu pudesse pensar melhor, aproximei-me dela, meus olhos procurando os dela.

“Você quer me dizer o que há de errado, *lohane thili?”*

Lohane thili. Ligado à alma.

Sua expressão permaneceu ilegível, embora eu não tenha conseguido deixar de notar sua garganta delicada engolindo em seco.

“Mesmo que eu fizesse isso, não mudaria nada.”

“Você tem certeza? Talvez eu possa ajudar.”

Ela hesitou por um momento antes de desviar o olhar do meu.

“Há algumas ocasiões na vida em que não temos escolha.”

Balancei a cabeça, ousando estender a mão e envolver gentilmente meus dedos em volta do braço dela.

“Nós sempre temos uma escolha… E se houver algo que eu possa fazer para resolver o problema em si, farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar você, independentemente.”

Ela franziu a testa e seu rosto quase se contorceu em uma carranca.

“Por quê?”, ela perguntou amargamente. “Você não tem nada a ganhar com isso. Você não tem ideia de quem eu sou. Eu poderia estar aqui para roubar você às cegas, pelo que você sabe. Por que você iria querer me ajudar?”

Minha boca se contraiu diante da ironia de suas palavras.

“Primeiramente, eu tenho algo a ganhar com isso. Sua paz. Sua confiança. Seu afeto. E acima de tudo, seu coração - caso essa não tenha sido claramente minha intenção já. Em segundo lugar, se você está aqui para me roubar, você pode se poupar do problema... Você precisa apenas pedir, e eu ficaria feliz em lhe dar tudo o que tenho e mais.”

As sobrancelhas de Mareina franziram. Sua expressão endureceu.

“Palavras são como penugem de dente-de-leão. Aqui em um momento e desaparece no outro na mais leve brisa…”

Eu tive que engolir a resposta que senti, tentando arranhar meu caminho até minha garganta. O fato de que ela era minha *poa hanei*. Mas eu sabia que precisava amenizar isso, pelo menos. Mareina tinha uma parede que não permitiria nem mesmo que sua *alma ligada* passasse sem ter provado lealdade.

“Eu… Porque sinto que te conheço… E sei que preciso *ter* certeza de que você está bem… Por mais estranho que isso possa parecer.”

Enquanto a tensão no ar era palpável... Para minha consternação, não havia nada remotamente sexual nisso. Eu tinha pelo menos esperança de provar seus lábios e acariciar sua língua... Tocar aquelas curvas amplas escondidas sob suas roupas de couro. Provocá-la e dar a ela algo para suspirar.

Ela me estudou, e a carranca gradualmente foi substituída por um suspiro.

“Eu gostaria de tomar um banho antes…”

“Sem pressão… Se você precisar dormir depois, tudo bem também…”

Sua testa ficou tensa com cautela, como se estivesse surpresa que eu desistiria da oportunidade de transar com ela. Fiz uma última tentativa de aliviar o clima, deixando um sorriso diabólico curvar o canto da minha boca.

“Teremos bastante tempo na viagem para Vyssini para nos conhecermos melhor…”

Ela me estudou por mais um momento, novamente completamente indiferente aos meus encantos.

Não tenho certeza se já tive esse efeito em mulheres antes... Ou seja... Nenhum...

“Meu quarto é bem em frente ao seu, se precisar de alguma coisa.”

Momentos depois, no meu quarto, olhei para o ouro e as joias que tínhamos saqueado de um *Lorde decadente e depravado* em Hallofrin, uma cidade

mineradora a poucos dias de Ouvelleete. Ele era um babaca horrível que empregava servos contratados e era famoso por reter seus salários e explorar sexualmente as mulheres que trabalhavam para ele.

Muitas vezes eu sentia culpa pela minha falta de hesitação ou remorso quando acabava com suas vidas. Talvez eles um dia pudessem ter encontrado redenção e feito coisas maiores... Mas... Esse raramente era o caso, se é que alguma vez... E eu não conseguia deixar de sentir uma satisfação distorcida porque eu sabia no fundo do meu coração... Que eles mereciam isso.

Eu tinha experimentado muita opressão. Tinha sido forçado a viver no exílio neste continente abandonado *por Akash* na pobreza por muito tempo por causa de pessoas como ele. *E o fodido Zurie.*

Quando comecei a saquear os Lordes de Atratus, eu estava sozinho. O primeiro Lorde que eu tinha como alvo, eu o segui para casa de uma taverna. Ele inicialmente chamou minha atenção porque ele tinha ficado agressivo com duas das mulheres do bordel local. Vestido com elegância, ele subiu em uma carruagem dourada. Foi inteiramente por impulso que eu o segui para casa e descobri que ele era tão agressivo com sua esposa. Tenho certeza se eu tivesse permitido que ele vivesse mais, eu teria visto que ele era igualmente assim com seus servos, cujas dificuldades estavam gravadas em cada linha de seus rostos magros.

Quando encontrei sua cabeça em minhas mãos, eu sabia que não poderia sujeitar sua esposa e as pessoas que ele empregava à pobreza que certamente se seguiria sem um Senhor para sustentá-los. Especialmente se eu fosse aliviar seus ativos líquidos. Foi só então que eu percebi conscientemente que não me tornaria melhor do que o Senhor que eu havia assassinado se eu acumulasse sua riqueza para mim.

Desde então, meu *olana kah'hei* e eu pagávamos uma parte disso para nós mesmos, Pomona distribuía uma parte para os *funcionários do falecido Lorde* e, nos últimos dois anos, começamos a reservar um terço restante para financiar The Uprising.

Usamos esses lucros para abrigar vários de nossos membros. Além de treinar e facilitar *operações* semelhantes às que tínhamos acabado de conduzir. Também os usamos para comprar armamento, entre outras necessidades. Fazia dois anos, e finalmente parecia que estávamos progredindo. Infelizmente, isso teve um preço: a atenção de Zurie e, portanto, sua ira. Felizmente, todos nós juramos nosso segredo e discrição em sangue para eliminar qualquer chance de nossas ações serem rastreadas até qualquer pessoa além de qualquer indivíduo que pudesse ter levantado suspeitas, seja por família, amigos, etc., que pudesse se sentir inclinado a denunciá-las.

Zurie tinha um sistema de recompensas bem bonito para aqueles dispostos a delatar qualquer um suspeito de ser um membro da Revolta. Muitas vezes pagando a eles um salário de quinze dias para fazer isso. E sempre que os relatórios se tornavam muito numerosos, a cidade era

frequentemente *expurgada*. Seu método favorito de se vingar e reprimir qualquer membro da Revolta era ter suas cabeças montadas em lanças na praça da cidade infratora. Ambos os métodos são igualmente eficazes para sufocar nossas fileiras.

Por fim, teríamos os números e as armas para formar um golpe e colocar a cabeça de Zurie numa porra de lança do lado de fora de seu próprio palácio.

Tudo sem a ajuda do maldito aetra.

E finalmente, eu libertaria meus parentes e seu exílio forçado. Libertaria as Ilhas Kahlohani do flagelo de Zurie e sua produção em massa e controle de *aetra*. Fora suas habilidades de aprimoramento de magia, eu ficaria mais do que tentado a erradicá-lo se não fosse por seus numerosos e imperativos usos medicinais para *portadores* fracos em suas proezas.

Todo Atratus estaria livre de sua opressão. Poderíamos *todos* viver em paz e ter permissão para florescer.

Era *um* sonho desde que eu era pequeno, e percebi que viver em terror, genocídio e guerra iminente não era natural nem necessário.

Os únicos problemas nas minhas visões de grandeza eram que, de acordo com minhas visões, a guerra nos atingiria não importa o quanto eu tentasse impedi-la, e a mulher dormindo no meu quarto de hóspedes estava destinada a me desprezar... O último dos quais eu não conseguia entender o porquê.

Minha pele formiga com a onda repentina de magia enquanto outra visão abafa o presente.

O sangue de Zurie escorre de sua boca enquanto ela é empalada por uma espada e erguida a mais de 30 centímetros do chão.

Suas palavras são ininteligíveis, mas consigo sentir o que ela está tentando dizer.

"Ele nunca vai te perdoar."

A visão se expande um pouco para revelar que Mareina é quem superou Zurie.

Meu coração bate furiosamente no peito enquanto observo com a respiração presa.

A visão foi arrancada, e eu pisquei para o ouro e as joias ainda aos meus pés.

Mas... Como?

Eu balanço minha cabeça em descrença... Meu *lohane thili...*

Orgulho e medo, em igual medida, enchem meu peito.

A visão me atormenta pelo resto da noite enquanto eu dividia o ouro e as joias para meu *olana kah'hei*, A Revolta, e o que Pomona distribuiria mais tarde naquela noite, enquanto os servos do Senhor hediondo e os mineiros dormiam sem saber o que fazer e acordavam com uma quantia alta que poderia mudar suas vidas.

Finalmente, me permiti afundar na minha banheira de cobre enquanto imagens fugazes da premonição retornavam a mim, as quais eu prontamente

rejeitei acariciando meu pau por quase uma hora. O esforço provou não fazer quase nada para suprimir a *necessidade* do meu *poa hanei* queimando em minhas veias como fogo.

Mesmo assim, eu sabia que aceitaria o destino daquela premonição se isso significasse que eu poderia tê-la.

Ela nem gosta *de você…*

Eu estava destinado a ter uma rainha que me desprezasse?

Não seria menos do que você merecia.

Eu gemi, lutando contra meus pensamentos conflitantes.

Quando me arrastei para a cama, eu me revirava na cama — minhas preocupações alternavam entre o que o futuro reservava e Mareina. *Por Mareina.* Minha *ligação com a alma* era realmente feroz, mas... eu nunca a teria imaginado capaz de matar Zurie...

Meu coração se contorceu em um nó estranho e doloroso.

Eu não podia dizer a ela que esse era o seu destino, mas... eu precisava falar com ela.

E para piorar ainda mais a situação, eu tinha demorado tanto para tomar banho e esfregar meu pau que já era tarde demais para convidar Mareina para uma xícara de chá de ervas ou algo igualmente inócuo que me desse uma desculpa para fazer isso.

Embora eu a conhecesse há apenas algumas horas, eu sabia que meu *charme*, ou mesmo o fato de que éramos *almas gêmeas* , a convenceria a ficar comigo quando chegássemos a Vyssini. Cada uma palavra gentil, um gesto ou uma expressão de preocupação era o que havia de cinismo e desconfiança.

Quem feriu essa criatura?

Meu Saber me mostrou muitas coisas - coisas violentas - mas não me deu nenhum detalhe discernível. Em vez de me dar respostas, me deixou com mais perguntas. E uma porra de ansiedade.

Eu sabia o que tinha que fazer, principalmente depois de ver que foi com ela que superamos Zurie.

Ela vai odiar você, sussurrou meu Saber.

Porra.

O destino pode realmente ser uma coisa perversa.

Enquanto eu olhava para o teto, implorando para *Akash* me ajudar a dormir, uma magia familiar veio até mim. Dei um grande suspiro de alívio com a distração bem-vinda, apontando para a montanha de riquezas nitidamente dividida sentada no canto do quarto.

"O saque está ali", murmurei enquanto apontava distraidamente na direção dele.

Pomona tinha um dom raro que lhe permitia *dobrar -se* através do espaço e do tempo. *Sem* a ajuda de *aetra* . Por princípio e lealdade a mim, nenhum dos meus *olana kah-hei* tomou *aetra* . E, felizmente, todos eles eram poderosos o suficiente em suas próprias maneiras para não precisar disso. Eles fortaleceram e aprimoraram seus dons, além de serem

naturalmente formidáveis. Como Roderick, quando em sua forma de lobo gigantesco, era um dos maiores machos Lykos que eu já tinha visto.

Embora Pomona tivesse limitações em sua habilidade de *dobrar.* Um limite quanto ao quão longe ela poderia viajar, e ela só poderia viajar sozinha ou com objetos inanimados. Pelo que ela me disse, ela só tentou dobrar uma vez com outra pessoa... E eles simplesmente... desapareceram completamente, para nunca mais serem encontrados.

Essa pessoa era seu irmão.

Ela tinha apenas 19 anos. Poucos anos antes de eu conhecê-la.

Era uma cicatriz, uma culpa, que pesava muito sobre ela, apesar de seu amor, calor e alegria perenemente efusivos.

“Quem é ela?”

A pergunta de Pomona não continha nenhum indício de ciúmes. Apenas curiosidade. Ela era como uma irmãzinha para mim. Eu tinha matado seu pai abusivo, que era outro lorde rico, durante um ataque vinte anos atrás. Muito antes de começarmos The Uprising. E em todos os nossos anos juntos, ela nunca tinha me visto me comportar com uma mulher como eu tinha feito com Mareina.

Sentei-me na cama enquanto ela caminhava para se encostar no parapeito da janela ao lado da minha cama. Seu cabelo rebelde, vermelho e flamejante brilhava como um halo sangrento das luas que iluminavam a janela.

“Eu…”, hesitei, pensando se já deveria contar a ela. Minha Sabedoria respondeu firmemente com um *sim resoluto.*

“Ela é… a mulher daquele maldito pesadelo. ”

O sorriso irônico de Pomona se abriu em um sorriso largo. Seu sotaque reilandês era forte e cadenciado.

“Seu *leath-anama* ? Você está falando sério?”

Leath-anama. O termo Reilandish para *metade da alma.*

Eu gemi em resposta e massageei minha testa com o polegar e o indicador, me sentindo um pouco impotente e desorientado.

“Como um buraco na cabeça.”

Ela cantarolou pensativamente. “Sabe… eu tive um pressentimento.”

“Sim, bem... Ela não é nem um pouco afetada por mim.”

Pomona riu como se estivesse satisfeita com minha situação. “Já era hora de você conhecer uma mulher que fosse... Mas ela não deveria sentir isso também? Você tem certeza absoluta de que ela é sua *leath anama?”*

“Tão certo quanto eu tenho do meu próprio nome... Meu Saber não se cala sobre ela, e...,” gesticulei desamparadamente para meu diafragma como se isso fosse esclarecer as coisas, “Essa *coisa* ... É implacável e avassaladora. Ela *queima.”*

Pomona soltou uma risada. “Parece vagamente familiar…”

Pomona foi uma das poucas que conheci que encontraram sua *alma ligada.* Que por acaso era a parte masculina Orisha do meu *olana kah'hei,* Famei.

“Estou começando a sentir que vou enlouquecer se não reivindicá-la logo.”

Pomona fez um som de engasgo, fingindo desgosto com a ideia de eu *reivindicar.* “Nojento… Essa *não é* uma imagem que eu quero na minha mente… Mas isso soa bem… Foi assim que aconteceu quando tentei negar o meu vínculo com Famei.”

“Por quanto tempo você conseguiu resistir?”

A boca de Pomona se contorceu em um sorriso irônico. “Talvez… 12 horas?”

Dei uma risada lamentável. “Não consigo imaginar que Mareina vá desistir depois de apenas 12 horas.”

“Tenho certeza de que o glamour tem algo a ver com isso.”

Eu concordei com a cabeça. “Até certo ponto, provavelmente.”

“Então remova-o. Revele sua verdadeira forma.”

Meu peito apertou de ansiedade. “Má ideia.”

As poucas mulheres com quem tive relacionamentos ao longo dos anos nunca apreciaram minha verdadeira forma. Como elas se importavam comigo, elas podem ter tentado fingir o contrário, mas... Suas reações iniciais foram... Um pouco humilhantes, para dizer o mínimo. E eu não podia culpá-las. Eu parecia estranhamente semelhante a algo que poderia ter nascido em um reino infernal.

“Talvez seja a hora de... Como sua *leath-anama*, tenho certeza de que ela tem uma queda por cada uma de suas qualidades. Aposto que ela está secretamente morrendo de vontade de lamber cada uma dessas cicatrizes bonitas.”

Soltei uma risada sem alegria. “Tenho certeza de que ela preferiria cortar a língua em uma faca de pão enferrujada.”

“Eu me ofereci para acompanhá-la amanhã. Que a *escoltemos* amanhã.”

As sobrancelhas de Pomona se ergueram novamente.

“O quê? Onde? E quanto a Vyssini? ”

“De volta a Bastrina, mas não tenho intenção de deixá-la nos deixar quando chegarmos a Vyssini. Ela ficará.”

“ *Deixando* -a ir embora?”

"Sim…"

“Ela tem alguma escolha nesse assunto?”

"Ela é minha porra *de alma ligada.* Nenhum de nós dois tem."

Ela riu. “Duvido que ela compartilhe, muito menos aprecie, seu sentimento.”

“Então qual é o seu plano? Vamos para Vyssini com ela… E depois?”

“Eu a convenço a ficar comigo.”

“E se ela continuar sem se convencer?”

“Ela *ficará* convencida… mas no cenário *impossível* ela não ficará… Eu só vou…”

As sobrancelhas de Pomona saltaram. “Você só vai o quê?”

"Eu vou amarrá-la se for preciso. Ela vai me agradecer por isso eventualmente."

Pomona me lançou um olhar lamentável e balançou a cabeça.

“Você é… desequilibrado.”

“Nós já sabemos disso. Mas eu tenho algumas qualidades redentoras, não?”

Pomona suspirou.

“Sim. Você tem, irmão. Só estou tendo dificuldade em imaginá-la realmente reconhecendo-os se você a amordaçou e amarrou.”

"Eu não disse nada sobre amordaçá-la", murmurei enquanto aquela imagem exata passava pela minha mente, fazendo meu pau se contorcer.

Pomona simplesmente balançou a cabeça com pena.

“Não é como se eu pudesse explicar muito bem qualquer coisa disso para ela. Ela vai pensar que eu sou louco ou que estou apenas tentando tirar vantagem dela. A fêmea tem problemas de confiança.”

“Ah, ok, então sequestrá-la resolverá isso.”

A carranca no meu rosto se aprofundou.

“Bem, estou todo ouvidos se você tiver alguma sugestão melhor.”

Pomona exalou pesadamente.

“Seja honesto com ela. Ela pode estar se sentindo da mesma forma que você. E você nunca saberia porque você pensa simplesmente *falar com ela é loucura* demais ,” ela continuou, o tom ainda cheio de sarcasmo, “então a solução certamente é sequestrá-la… Se você perder mais do que um olho no processo, não posso prometer não rir.”

Ela caminhou até a janela, dando-me um rápido tapinha no ombro. “Vou avisar os meninos para que eles possam se preparar.”

Pomona se retirou, não me deixando espaço para discutir.

Eu gemi, afundando de volta na cama.

Pois é, foda-se.

CAPíTULO

QUINzE

MARINHA

“... *Sa solução certamente é sequestrá-la… Se você perder mais do que um olho no processo, não posso prometer não rir.”*

Meu coração batia sua traição contra minha caixa torácica. A dor em meus ombros era tão intensa que fez meu maxilar cerrar.

Você mal conhece o macho… Por que você esperaria menos?

Eu me amaldiçoei internamente por ter pensado tão tolamente que ele poderia realmente ter sido um macho *decente* . *Que essa coisa tangível que eu sentia entre nós, me puxando para ele, era... real*. Que eu estaria matando alguém que não só faria falta, mas talvez até merecesse estar neste mundo. Alguém que poderia torná-lo um lugar melhor simplesmente por ter sido parte dele.

Enquanto eu estava deitada naquela banheira, tentando me convencer a fazer isso... Isso me deu uma reação visceral e dolorosa que roubou meu fôlego. Só de imaginar seguir em frente com isso nas últimas horas desde que chegamos, me fez sentir como se estivesse sufocando.

Agora, qualquer dúvida vacilante que eu tinha em executar a tarefa de Zurie se foi. Eu coloquei minha lâmina em minha mão, alcançando a maçaneta da porta, pronta para estourar e fazer isso da forma satisfatória. Até ouvir *suas* palavras, quem quer que *ela* fosse, eu tinha planejado... Sentir as coisas em nossa jornada para Vyssini. Eu não tinha planejado *não* matá-lo...

Agora, por outro lado, eu estava *mais* do que pronto.

Eu quase tinha esquecido... Hesitei por mais alguns momentos antes de finalmente decidir que era um risco que eu estava disposto a correr. Certamente, se o Miroslav me queria morto... Tudo o que ele tinha que fazer era *querer* . A lembrança de assistir centenas, se não milhares, de soldados caindo no chão no momento em que ele pisava no campo de batalha era algo que me assombrava até hoje. Não havia nada de brutal ou sangrento nisso. Tinha sido silencioso e rápido. Ele simplesmente se dobraria *no* campo de batalha, *desejaria* suas mortes coletivas e, em menos de um suspiro depois, ele iria embora novamente. Apenas um grande silêncio seguindo em seu rastro.

Soltei a maçaneta da porta e coloquei o frasco na minha mão, estudando o fluido azul-claro aparentemente inócuo por alguns breves momentos antes de finalmente abrir a rolha e beber seu conteúdo.

Apertando minha lâmina, respirei fundo antes de abrir a porta gentilmente enquanto eu colocava uma barreira opaca no lugar para manter seus cães longe. Meu coração deu um aperto doloroso ao pensar que eles não teriam mais um pai. Talvez eu pudesse levá-los comigo...

A visão de Nakoa apenas sentado na cama, prendendo a respiração e me estudando atentamente enquanto eu me aproximava da cama quase me fez rir. Surpresa cintilou como se ele pensasse que eu tinha decidido me juntar a ele em seus lençóis.

Até que eu permiti que minha lâmina aparecesse... Quer eles merecessem ou não, eu *geralmente* dava aos alvos de Zurie uma chance de lutar.

Ele apenas levantou a sobrancelha para mim como se eu estivesse vestido de palhaço e não como o assassino que eu era, em meu traje de luta, o que só serviu para atiçar ainda mais as chamas do meu...

Minha visão de repente oscilou no ritmo do meu equilíbrio.

Que porra é essa?

Senti como se o chão tivesse se transformado em uma onda ondulante.

O vil.

Meus deuses.

Eu ia assassinar *o* Miroslav, porra. Logo depois de assassinar esse mentiroso, conivente, oportunista, arrogante—

Pontos brilhantes pontilharam minha visão enquanto uma sonolência, diferente de tudo que eu já havia experimentado, me consumia. Meus membros ficaram pesados e pesados e os músculos começaram a afrouxar, meus joelhos a dobrar.

Mais rápido do que um olho humano poderia ver, Nakoa saltou em minha direção, arrancando a lâmina da minha mão com facilidade, e me pegou no momento em que meus joelhos cederam.

“ *Mareina…* Que porra é essa—

O pânico queimou minhas veias enquanto eu era arrastado ainda mais para baixo de uma onda faminta de tontura e desorientação.

OH MEUS DEUSES.

Era isso... Ele de alguma forma me enganou. Era assim que eu ia morrer.

Convoquei os últimos resquícios da minha energia e controle muscular, *forçando* minha lâmina de volta para minha mão e enfiando-a em seu peito.

Ou pelo menos tentou.

Eu não consegui perfurar sua placa peitoral e, em vez disso, a lâmina não passou da parte grossa de seu peitoral.

A sobrancelha de Nakoa apenas se ergueu brevemente em surpresa ao ver onde eu o esfaqueei, sem nem mesmo vacilar, e começou a rir.

Como se ele não estivesse nem remotamente surpreso.

O som ficou mais profundo e distorcido, assim como suas palavras, antes que eu caísse completamente inconsciente.

“Meu lindo pequeno pesadelo…”

CAPíTULO

DEzESSEIS

MARINHA

Saté que, profundamente enterrado no abraço quente do sono, a sensação de algo lindo floresceu em meu peito, como as pétalas suaves de uma rosa perfumada, agitando a névoa espessa da minha mente. Vagamente, comecei a reconhecer o peso de uma grande mão pressionada contra minha barriga.

O calor que irradiava de um peito largo pressionado contra minhas costas... e o de uma ereção deliciosamente grossa ao longo do meu núcleo faziam meus quadris se contorcerem suavemente contra ele.

Oh deuses, sim. Malekai.

A mão em minha barriga se moveu para agarrar meu quadril, empurrando suavemente contra meus movimentos.

Uma voz profunda e rouca murmurou contra meu ombro, beliscando, lambendo e mordendo de uma forma que imediatamente fez meus dedos dos pés se curvarem e meu núcleo inundar de necessidade... Mas essa voz não era o barítono suave e aveludado de Malekai... Era cascalho e uísque e...

“Mmmmmm, lohane thili…”

Reconhecimento e consciência me invadiram, fazendo meus olhos se abrirem enquanto a adrenalina inundava meu corpo e memórias inundavam minha mente. Seguido por pânico e raiva.

O braço longo e musculoso de Nakoa me apertou firmemente contra ele, gemendo.

“Por favor, só mais um pouco...”

Sequestre-a.

Rolei para montá-lo, ansiosa para estrangulá-lo com minhas mãos nuas, apenas para descobrir que elas estavam amarradas, junto com meus tornozelos. Por causa disso, ele facilmente me prendeu embaixo dele. O comprimento duro dele se esforçando contra suas calças de pijama enquanto ele se sentava em cima de mim e prendia minhas mãos amarradas em meu peito.

A fúria cresceu e cresceu dentro de mim como um tsunami de fogo. Invoquei minha magia para *afastar* as amarras, apenas para que ela permanecesse fora de alcance. Minha voz se tornou um rosnado sobrenatural, as presas se alongando.

" *O que é que você fez?"*

Nakoa exalou pesadamente, com irritação estampada em seu rosto.

“Impediu você de fazer algo do qual se arrependeria.”

Minha voz caiu para algo desumano e gutural.

“Vou te despedaçar com meus dentes até você implorar pela morte.”

Nakoa rolou e saiu da cama.

“O que você lembra da noite passada?”

“O suficiente para saber que você é um mentiroso, conivente e...

Sua risada abrupta e profunda me interrompeu.

As chamas da minha raiva aumentaram... Temperadas com uma gratidão relutante pelo fato de que Nakoa aparentemente teve a decência de não tirar vantagem de mim em um estado tão desinibido.

“Isso é *hilário* vindo da diabinha que entrou no meu quarto empunhando uma adaga. A única razão pela qual você aceitou meu convite foi para poder me matar enquanto eu dormia? E quem lhe deu a poção de raiz de grá?”

Nakoa balançou a cabeça e esfregou a palma da mão no rosto enquanto esperava minha resposta.

Miroslav. Aquele desgraçado miserável.

Teria sido um acidente? Miroslav não era do tipo que caía em *acidentes*... Ele estava esperando que eu acabasse me matando? Mas como ele sabia do meu sonho...

Ele consegue ler mentes, seu idiota.

Eu não conseguia entender por que, em nome de todos os deuses, ele planejaria tal coisa... A menos que isso fosse realmente apenas entretenimento para ele. Como um Orixá, vivendo por muitos milhares de anos, talvez ele tivesse tornou-se tão desapegado e entediado com *tudo* que só conseguia buscar realização na manipulação e no sofrimento dos outros... Mas tudo sob o pretexto de criar algum tipo de revolução?

Nada disso fazia sentido.

Se essa fosse a maneira dele de tentar me matar sem levantar nenhuma sobrancelha, isso seria muito elaborado.

Oh, deuses… Ele estava testando minha lealdade? Ele tinha mesmo planejado isso com Zurie?

Eu também obviamente não tinha uma resposta *razoável* para a linha de questionamento de Nakoa. Eu nem tinha respostas próprias totalmente formadas.

Minha mente girava, tentando inventar uma mentira vagamente crível. Mas mentir nunca foi meu ponto forte, e o macho iria morrer de qualquer maneira. Então o que importava se ele soubesse que fui enviado para matá-lo? Se não eu, então por outra pessoa. Não mudaria nada.

“Você claramente fez da pessoa errada uma inimiga.”

Nakoa me lançou um olhar vazio antes de cair numa risada gutural.

“Você vai ter que me explicar melhor, *maha mo'ina li'ili.”*

Meu pequeno pesadelo.

Um rosnado escapou de mim. Claro, ele tinha tantos inimigos que mais de um deles o queria morto.

“Eu trabalho para a Rainha Zurie como sua Royal Irae.”

CAPíTULO

DEzESSETE

NAKOA

Pq*ueen Zurie?* O que diabos é isso?

Cada um dos membros da Revolta havia jurado segredo em um voto de sangue. Não havia como ela ter descoberto tal coisa. E não é como se os Lordes que acabaram mortos em nossos ataques fossem falar com ela além do túmulo. Embora isso parecesse um motivo mais provável do que o anterior...

Mas ainda mais importante—

Essa mulher diante de mim que, sem sombra de dúvida, era minha *alma gêmea* era a Royal Irae para a pessoa que eu mais odiava no reino. Ela era basicamente sua porra de capanga glorificada.

Uma risada sem alegria começou a brotar diante da ironia distorcida daquilo.

Meu pequeno pesadelo, de fato.

Suas feições se contorceram enquanto ela observava minha risada aumentar, morrendo gradualmente enquanto a raiva e a mágoa se reviravam em meu estômago — eu nem tinha certeza de quem era.

Akash? Os deuses?

Eu deveria ter corrido no momento em que a vi.

Mas eu também não tinha condições de fazer isso.

Se fosse qualquer outra pessoa que não fosse minha *alma ligada,* eu acabaria com eles aqui e agora. Faça um favor ao reino e apague-a dele.

Por causa dela, você será rei.

Rosnei internamente com o lembrete.

Era inimaginavelmente cruel imaginar que minha *alma ligada* estaria entre meus piores inimigos. Mareina provavelmente já havia matado alguns dos membros do The Uprising.

Não, meu Saber respondeu rapidamente, tornando uma pequena porção da minha raiva menos veemente.

“Você lutou na guerra?”

Ela franziu a boca, já sabendo que poderíamos muito bem ter lutado nos mesmos campos de batalha.

Uma visão passou diante de mim no fugaz segundo de sua hesitação.

Mareina enfia sua espada com tanta força no estômago de um guerreiro Kahlohani que seu grande corpo é levantado do chão.

Gelo inundou minhas veias na esteira da imagem fugaz.

"Sim."

A visão, junto com aquela palavra singular, eram como facas se torcendo em meu intestino. Eu a soltei como se tivesse sido queimado pelo mero toque dela.

Minha voz saiu como um rosnado.

" *Ficar."*

Ela franziu o lábio ao ser tratada como se fosse um cachorro, mas não era como se tivesse muita escolha.

Fiquei de pé, andando de um lado para o outro ao lado da cama.

Depois de ter testemunhado duas visões dela cometendo atos tão extraordinários de violência, junto com o fato de que ela era a Irae de Zurie, de repente fez minha visão dela matando Zurie parecer uma solução tão simples. Talvez nem precisássemos *de* The Levantando-se para cumprir a tarefa. O futuro estava ao meu alcance. O trono estava a apenas um sopro de distância do meu alcance.

Talvez o fato de ela ser a Irae tenha sido um *presente.*

Ainda assim, essa fêmea havia matado meus compatriotas. Provavelmente até meus amigos e familiares. Era uma maravilha que não tivéssemos nos cruzado antes, considerando que o Exército Kahlohani não era exatamente enorme. Havia apenas talvez 60.000 de nós contra os 120.000 de Zurie. Apesar disso, estávamos tão perto de vencer. Até Miroslav, o vidente pessoal de Zurie aparecer. Nós tínhamos sido todos exterminados e forçados a nos render. Embora, por algum milagre, muitos dos meus entes queridos tivessem sobrevivido. Embora eles já tivessem morrido há muito tempo. Não graças aos esforços de Mareina.

Fiquei furioso; essa *era a mulher que me assombrava todos esses anos.*

E ela era claramente leal a Zurie. Como em nome *de Akash* eu a convenceria a trair sua QQueen.

A visão onde me tornei Rei e libertei meu povo da opressão e exílio de Zurie, libertei as Ilhas Kahlohani do flagelo fae que escravizou os poucos Kahlohani que permaneceram e explorou a terra e o mar para que pudessem cultivar e colher *aetra* . Onde criei paz e prosperidade para todos de Atratus. Onde reivindiquei e jurei a mim mesmo ao meu precioso *lohane thili.*

E o maldito pesadelo onde nosso ódio um pelo outro queimou a corda entre nós, onde a violência se seguiu, e minha verdadeira forma mudou para algo ainda mais demoníaco do que já era. A mesma forma que eu já tinha que manter disfarçada por um glamour constante porque já era muito *diferente. Muito aterrorizante.*

Demais .

E ainda assim, eu não tinha forças para desviar o olhar.

Era um contraste tão bizarro imaginar que a mulher que massacrou meus soldados em massa era a mesma que mergulharia prontamente em um prédio em chamas para salvar a vida de um único ser humano.

A maioria dos portadores não se incomodaria, humanos ou não. Os poucos restantes que poderiam estar dispostos a ajudar teriam se consolado com o fato de que ele era idoso *e* humano. Não valia a pena salvá-lo porque ele só teria alguns poucos anos fugazes de vida de qualquer maneira.

Eu convenientemente deixei de lado o conhecimento para poder alimentar minha raiva justificada.

Eu queria destruir alguma coisa.

Não.

Eu queria matar essa mulher.

Era o que ela merecia.

A sensação distinta e tangível de uma corda nos conectando, corpo e alma, ganhou vida, *queimando* com o pensamento.

Cada segundo que eu passava na presença dessa mulher... Aquela corda entre Mareina e eu se apertava mais e mais, como se estivesse tentando me *arrastar* para ela. Assim como a cada segundo que passava com ela, aquele sentimento de *acerto* ficava cada vez mais poderoso e começava a florescer em algo mais... algo que causava uma dor dolorosa, e agora não mais bem-vinda, no meu peito.

Quão distorcido foi o destino para que minha Rainha também fosse minha inimiga?

Eu precisava tirá-la da minha vista antes que eu fizesse algo lamentável.

Inclinei-me sobre a cama, pegando bruscamente o corpo amarrado de Mareina em minhas mãos e jogando-a por cima do meu ombro.

Em todos os anos em que possuí essas amarras particulares, nenhum *portador* conseguiu escapar delas. Agradeci silenciosamente à minha Sabedoria por me incitar a amarrá-la. Doeu-me fazer isso na época, mas agora, com a amargura envenenando minha necessidade por ela, encontrei uma quantidade considerável de satisfação distorcida nisso.

Felizmente, eu também tive o bom senso de alimentar Peanut e Bellona e mandá-los para os campos para fazer companhia a Chihiro e Pumpkin. Caso contrário, seria um caos completo aqui.

“Para onde você está me levando?”

“Para sua nova prisão.”

Ela rosnou violentamente enquanto arrancava um pedaço de carne das minhas costas e batia seus punhos amarrados no meu rim. O pedaço de carne faltante, eu poderia lidar. O golpe no meu rim direito, no entanto, fez meu joelho direito dobrar.

Eu a joguei na cama apenas para ela se lançar em minha garganta, estalando suas presas em mim novamente, me presenteando com outro ferimento - este na minha bochecha. Eu mal a peguei pelo maxilar enquanto permitia que minhas próprias presas se alongassem - presas que eu sabia que tinham uma aparência ainda mais mortal do que as dela enquanto eu removia o glamour dos meus olhos para que eles retornassem à sua cor preta como breu.

Em vez do medo que eu esperava inspirar, seu olhar apenas endureceu, e a visão dela lambendo meu sangue de seus lábios fez meu pau traidor engrossar nas calças.

“Eu também posso morder, Mareina, então, a menos que você queira mais algumas cicatrizes e alguma perda de sangue, seria sensato você se acalmar. E agora, eu não amaria nada mais do que fazer você sofrer, *maha mo'ina li'ili.*”

Meu pequeno pesadelo.

Ela não se preocupou em responder verbalmente.

Mais rápido do que eu poderia prever, os braços amarrados de Mareina atacaram, me dando um uppercut com os dois punhos fechados tão forte que eu vi estrelas do caralho. Minha cabeça estalou para trás com um estalo, minha consciência quase fugindo de mim, e ela estava em cima de mim antes que eu pudesse me recuperar. Caímos no chão de madeira com um baque alto e, instintivamente, antes que ela rasgasse minha garganta, minha palma aberta se conectou com seu rosto com um *estalo alto.*

Ela caiu no chão com tanta força que até me pegou de surpresa. Como ela permaneceu consciente estava além da minha compreensão.

A ação só tinha alimentado sua fúria. Ela investiu contra mim novamente. Dessa vez, eu estava pronto para ela. Ela fervia quando eu agarrei sua garganta e novamente a prendi embaixo de mim. Sangue escorria de sua cabeça para seus olhos devido à laceração na lateral de sua cabeça onde ela havia batido no chão.

A visão de seu sangue e de estar impotentemente amarrada abaixo de mim criou uma mistura distorcida de satisfação, culpa e excitação. Uma necessidade bizarra e totalmente desconhecida quase me consumiu. A necessidade de cravar minhas presas nela e *marcá* -la.

"Eu te odeio pra caralho", ela rosnou antes de atirar um pouco de cuspe sangrento no meu rosto, que caiu diretamente na maçã do meu rosto marcado.

Uma risada de prazer sombrio surgiu diante da ousadia do meu pequeno pesadelo.

E sua ingenuidade.

Seu julgamento de caráter era lamentavelmente deficiente se ela me considerasse sã o suficiente para ficar ofendida pelo ato. Com minha mão livre, limpei a saliva que deslizava em um rastro pelo meu rosto, levando-a à minha boca, e cantarolei minha satisfação.

“Mmmmmmm… *Fodidamente delicioso.”*

Sua respiração ficou presa, e o cheiro inconfundível de sua excitação ondulou pelo ar. Cheirava como ela, mas... *mais rico,* como rosas que florescem à noite. Seu cheiro delicado contrastava fortemente com a criatura miserável que eu estava começando a conhecer.

Eu prontamente afastei a excitação que estava se agitando em minhas entranhas, numa tentativa de clarear minha mente.

“Preciso que você responda algumas perguntas e, se você for uma garota, talvez eu a recompense.”

Sua carranca endureceu.

"Foda-se."

Uma risada amarga escapou de mim antes que eu me inclinasse e sussurrasse em seu ouvido, me entregando a apenas mais *uma* lufada de seu perfume.

“Mareina , eu não enfiaria meu pau nessa sua boceta miserável nem se você implorasse.”

Mentiroso, uma voz hedionda dentro de mim sussurrou e eu obedientemente ignorei.

Eu esperava... Não, *esperava* feri-la com minhas palavras, mas, novamente, ela pareceu... completamente imperturbável por elas. Ela apenas deu uma risadinha sem alegria.

“Então o sequestro é onde você traça o limite?”

Não me incomodei em responder à pergunta dela. Eu precisava saber *qual* dos meus esforços Zurie havia erradicado para que eu pudesse avisar meu *olana kah'hei* e potencialmente os membros do The Uprising.

“Por que Zurie te enviou para mim?”

Ela permaneceu em silêncio. *Tudo bem.* Eu não precisava das palavras dela. Eu a leria como um livro de merda, de qualquer forma.

“Se ela te mandou atrás de mim, isso significa que Zurie descobriu que meu *olana kah'hei* e eu somos a razão de todos aqueles Lordes e Ladies que estão desaparecendo ou acabando mortos. Aqueles que estão ajudando os *minori.”*

Lessers. Por mais degradante que parecesse, era apenas o termo para os menos inclinados à magia dos portadores, que eram frequentemente forçados a se tornarem servos contratados ou a aceitar empregos mal pagos que exigiam trabalho manual. Embora Zurie os tivesse inspirado a todos a ajudá-la a vencer a guerra com a promessa de tornar *o aetra* acessível e barato para eles. *Mentiras.*

A expressão de Mareina não revelou nada. Provavelmente foi isso que levou Zurie até mim.

Um sorriso presunçoso curvou meus lábios em antecipação enquanto eu prosseguia. E em encontrar uma quantidade nada pequena de satisfação no fato de que meu próprio estilo de vida e escolha de carreira desde que a guerra havia terminado era sem dúvida tudo contra o que essa mulher e Zurie lutaram e falharam em frustrar.

Como eu poderia convencê-la a trair Zurie?

“ *Ou* ela descobriu que eu sou o líder da Revolta.”

O queixo de Mareina caiu. E algum sentimento vitorioso cresceu dentro de mim enquanto eu esperava que insultos hediondos e ameaças saíssem de seus lábios - os mesmos que eu tinha ouvido que a porra do Orisha colada no quadril de Zurie soltava em todos os fóruns públicos.

Miroslava.

Nenhum veio. Ela apenas me estudou com… *admiração.*

“Você não vai dizer algo como… Como você disse isso tão eloquentemente antes?… *Você vai me rasgar em pedaços com seus dentes até eu implorar pela morte?”*

Ela respirou fundo, os olhos mergulhando em algum ponto distante e desfocado. Com base em sua expressão, você pensaria que eu tinha acabado de provar a ela que estávamos vivendo em uma simulação. Ela

distraidamente torturou os lábios com os dentes antes de finalmente responder.

"Bem, quaisquer que sejam seus planos para mim, eles são irrelevantes. Não tenho nenhuma informação para você me torturar se é isso que você esperava. Logo, será Zurie que você estará implorando para morrer."

A luta parecia ter se esvaído dela com a minha notícia. Eu me afastei dela para me encostar na parede.

" Meu os planos para você são totalmente relevantes para Zurie, receio…"

De alguma forma eu a tornaria leal a mim. Tão leal que ela mataria sua Rainha.

Isso finalmente fez com que ela voltasse a atenção para a minha, estreitando os olhos.

"No entanto, a lógica justifica minha discrição… Apesar do fato de você ser o Irae de Zurie, e eu já deveria ter matado você…"

"Se você planeja me usar contra ela, ficará profundamente desapontado. Zurie se importa tanto com a minha vida quanto você."

As palavras dela tocaram uma corda odiosa em mim... Surpreendentemente dolorido pela ideia de que Mareina não era nada mais do que uma arma para Zurie empunhar. Não que isso fosse surpreendente.

"Você pode se surpreender ao saber que estou *pessoalmente* envolvido em sua vida."

Ela se curvou enquanto se sentava, fazendo meus sentidos se aguçarem em alerta.

"E por que seria isso? Você planeja me vender como escrava de cama de alguém por uma quantia generosa para financiar seus *esforços* ?"

A ideia arrancou uma risada áspera da minha garganta.

" *Mo'ina li'ili,* eu não desejaria esse destino nem para meus maiores inimigos… Mas a ideia tem mérito. A razão e *o destino* querem que eu a mantenha como minha própria escrava de cama. Você é minha *alma-vinculada,* afinal."

Seu queixo caiu, e seus olhos se arregalaram tanto que era quase cômico. Ela permaneceu em silêncio por vários momentos, buscando a verdade em minhas palavras…

Finalmente.

Uma resposta.

Então me levantei e removi o glamour que protegia minha verdadeira forma e minha magia, e assim qualquer dúvida vacilante.

CAPíTULO

DEzOITO

MARINHA

EU estiquei minha cabeça para onde Nakoa havia subido; a totalidade dos olhos de Nakoa sangraram até o preto. No que eu só poderia descrever como piscinas gêmeas de meia-noite brilhando sob o luar.

O ar ao redor dele ondulou enquanto sua magia se desenrolava e caía sobre mim como um tsunami, me engolindo por inteiro... A energia ao redor dele zumbia e vibrava, fazendo cada molécula ficar em admiração...

Algo como... *Reconhecimento...* fez meus lábios se abrirem enquanto ele literalmente *roubava meu fôlego.*

Aquela *coisa* que parecia nos unir brilhou e pulsou tão profundamente que roubou meu fôlego. Rapidamente queimando qualquer dúvida que eu tinha contra sua declaração de que eu era sua *alma ligada.*

Um par de asas escuras de umber surgiu de trás dele e se abriu amplamente, a extensão das quais se estendia de um lado da sala para o outro. Uma cauda longa e grossa estendeu-se em minha direção e se enrolou em volta do meu tornozelo. Meus olhos mergulharam nela, e graças àquela corda traiçoeira, meu coração palpitou com o gesto. Eu extingui completamente a sensação.

Nakoa franziu a testa para o apêndice e, como se fosse um cachorrinho culpado, ele recuou, enrolando-se em sua coxa musculosa.

Um medo gelado invadiu minhas veias.

Não na sua forma.

Não, sua forma era... Admito, de tirar o fôlego. Apesar do meu ódio por esse macho, simplesmente aceitá-lo fez com que um certo calor florescesse dentro de mim que eu me recusava a reconhecer.

O pavor que senti foi o fato de que eu estava impossivelmente destinada a ficar com esse homem abandonado por *Akash* .

Nós dois permanecemos em silêncio por vários momentos longos e tensos enquanto ele olhava para mim, parecendo um pouco com um *Seraphi sombrio, vingativo e caído.*

O sorriso de Nakoa se alargou para algo cruel, como se ele gostasse da expressão de horror e choque em meu rosto.

Por fim, ele sorriu de um jeito que não chegou aos seus olhos.

Aquilo era vulnerabilidade?

“Minha forma é realmente tão horripilante, *lohane thili?”*

Fechei meu maxilar com força, respirando fundo, balançando a cabeça lentamente. Meu olhar se desviou para fora da janela através da qual a luz do sol brilhante brilhava. Duro e zombeteiro para o contraste desse *pesadelo.*

"Não…"

Surpresa brilhou em seu rosto.

Não, sua forma não é assustadora.
Não, não reconhecerei que você é minha alma gêmea.
Não, não vou sucumbir a esse destino.
Não.
Não.
Não.
Não.
NÃO.

Porém, eu não consegui reunir energia para dizer nada disso em voz alta naquele momento.

Em vez disso, eu simplesmente me deitei de novo. Encolhi-me em posição fetal no chão e olhei pela janela da minha mais nova prisão.

Depois de alguns momentos, o som de seus passos diminuiu, parando de repente na porta.

“A sala é protegida. Não que você tenha meios para isso, mas se tentar escapar, eu saberei, e você será punido.”

A porta fechou-se silenciosamente, seguida pelo som da sua própria porta do outro lado do corredor batendo.

O silêncio ecoou, pesado e opressivo.

Meus olhos ardiam em alerta sobre o dilúvio aquoso que estava por vir.

CAPíTULO

DEzENOVE

NAKOA

“ N*o.*”

Eu senti a verdade na resposta dela antes mesmo que ela falasse. Ela *gostou* da minha forma. Através da nossa amarra, estando tão perto dela, eu senti aquela onda de prazer na barriga dela como se fosse minha.

Quando revelei minha forma, esperava que ela se encolhesse de medo, como qualquer outra pessoa a quem mostrei minha verdadeira forma.

As palavras de Pomona da noite anterior ecoaram em minha mente…

"Tenho certeza de que ela tem uma queda por cada uma de suas qualidades."

Meu coração batia furiosamente enquanto eu andava inquieto pelo meu quarto.

Meu plano de aterrorizá-la revelando minha forma saiu pela culatra, porque não só intensificou o vínculo entre ela e nós, aumentando meu glamour, mas também o meu.

Minha pele coçava como se estivesse esticada demais sobre os músculos trêmulos do meu corpo com a necessidade de reivindicá-la.

Tirei as calças do meu pijama e fiquei embaixo do chuveiro, rezando *para* que a água quente ajudasse a acalmar essa fera. dentro de mim. Em vez disso, a cada momento que passava, minha necessidade por ela só aumentava.

Porra.

Rosnei com raiva, finalmente recorrendo a acariciar meu pau que estava pesado e pulsando com negligência. Tentei desesperadamente visualizar amantes anteriores, mas cada vez que o fazia, seus rostos permaneciam por um segundo antes de se transformarem no de Mareina. Eu não a tinha visto nua, mas, de alguma forma, eu conseguia evocar com perfeita clareza o tom escuro de seus mamilos que minha língua salivava para provar e provocar. O brilho de sua linda boceta rosa. Como ela se apertava e agarrava meu pau enquanto a esticava e exigia seu canal para me acomodar. Como ela gemia e se contorcia embaixo de mim enquanto eu a fazia se submeter a mim.

Meu pau pulsava fios de meu esperma pelo ralo, e eu assistia, sentindo um pouco da minha força de vontade para resistir e ir junto.

Puta merda.

Vou enlouquecer desse jeito, pensei comigo mesmo enquanto saía para a varanda com Peanut e Bellona, esperando minha mãe. Ela sempre cuidava deles quando eu tinha que sair da cidade.

"Ela é uma porra de uma miserável, não é?", resmunguei para Peanut amargamente, escovando seu pelo enquanto nos sentávamos no balanço da varanda. Bellona, já tendo sido escovada, estava encolhida no meu colo.

Bellona bufou concordando enquanto Peanut virava a cabeça, lambendo minhas mãos e antebraços. Ela amaria um sapo se ele ao menos olhasse em sua direção.

Meu olhar se fixou em Pumpkin enquanto ela caminhava por uma colina próxima, pastando flores silvestres e grama enquanto eu suspirava distraidamente.

“Ódio e negação não são adequados para você, *ku'kāne.* ”

Ku'kāne. Meu filho.

Peanut e Bellona prontamente pularam e correram em direção à minha mãe, saindo do balanço para cobri-la de carinho.

Virei-me para encontrá-la caminhando em direção aos degraus. Ela parecia ter apenas cinquenta anos, apesar de ter quase o triplo disso, graças a toda sua magia e poções. Ela tinha longos cabelos prateados grisalhos e olhos azuis escuros, feições delicadas e etéreas... Ao contrário de mim. Eu tinha puxado meu pai, aparentemente.

" *Por que?* "

Ela permaneceu em silêncio por alguns momentos, sabendo exatamente a que eu estava me referindo.

ela *é minha alma gêmea?*

Por que ele tem que ser meu maior inimigo?

Por que tem que ser alguém que eu deveria *odiar?*

“Todos e tudo nesta vida são professores, meu amor. Assim como eu ajudei a ensinar você a sobreviver e prosperar neste mundo, você me ensinou muitas coisas. *Como paciência.”*

Meu olhar saltou para o dela e encontrei um sorriso curvando seus lábios.

“Há uma razão pela qual *Akash* guiaria *os destinos* para tecer suas almas juntas. Por que *Akash* escolheria vocês dois, juntos, para liderar Atratus em uma nova era de paz... Contra todas as probabilidades.”

Fiquei em silêncio por vários momentos enquanto refletia sobre a sabedoria em suas palavras... As habilidades da minha mãe de espionar através do tempo e do espaço eram diferentes de tudo que eu já tinha testemunhado antes. Eu sempre presumi que era isso que me emprestara meu Saber.

Ela provavelmente testemunhou a entrada de Mareina na minha vida muito antes de isso realmente acontecer.

“Imagino que você já saiba que ela é a Royal Irae? Que ela lutou na guerra por Zurie… Que ela contribuiu *pessoalmente* para o genocídio do nosso povo…”

Minha mãe soltou um suspiro pesado e triste, abraçando Bellona enquanto sorria com conhecimento de causa e voltava seu olhar para mim.

“Ela também arriscou a vida para salvar um humano…”, acrescentei relutantemente.

“Não estou surpresa, querida… O Poço me mostrou *muito* mais. Ela é uma fêmea valente quando tem a oportunidade.”

Internamente, eu deliberei se deveria ou não contar à minha mãe sobre minha visão de Mareina… Que ela era a chave para obter o trono…

Ela provavelmente já estava bem ciente e apenas repetia de uma forma que me deixava com mais perguntas do que respostas.

Resmunguei algo ininteligível enquanto meu olhar se voltava para Pumpkin e Chihiro, mastigando flores silvestres lado a lado.

“Você conhece a história do guerreiro e do lobo?”

"… Não."

“Bem... Como você sabe, em algum momento durante a Guerra das Fadas, houve *uma grande divisão.* O que agora é Atratus era então *Agrios* e *Axios.* Agrios era considerado selvagem e indomável, reservado para aqueles que eram considerados demônios - o que significava simplesmente qualquer um que não fosse fae. Axios era para aqueles que eram considerados cultos e refinados. E qualquer um que não fosse fae era exilado para Agrios sob ameaça de execução. Conforme a guerra progredia, as terras agriosianas se tornaram cada vez mais invadidas, e sua população começou a diminuir.

"Um dos mais famosos guerreiros axiosianos, Lysander, era quem os liderava. Por algum golpe do destino, Lysander conseguiu matar o General do exército agriosiano, mas não conseguiu escapar antes de ser capturado e torturado por alguns soldados do General.

Durante o tempo de cativeiro de Lysander, sua tortura consolidou ainda mais seu preconceito hediondo contra o povo agriosiano que ele havia sido ensinado a odiar. Ensinou uma ideologia extremista que qualquer um que não fosse fada era "inatamente perverso" e que precisava ser exterminado para o bem maior.

Um dia, Lysander conseguiu matar seus captores e escapar. No entanto, ele havia sido tão gravemente ferido durante seu cativeiro que não conseguiu passar do que agora é chamado de 'A Floresta Sentient'…”

Os lábios da minha mãe se curvaram enquanto seus olhos se voltaram para os meus antes que ela continuasse.

“Lysander, enquanto corria, encontrou vários predadores nativos atrás dele... Por algum milagre, ele sobreviveu relativamente ileso, exceto por um tornozelo quebrado. E por estar tão completamente desnutrido, ele não conseguia mais se curar como um fae normal faria.

“Sabendo que qualquer pedido de ajuda seria respondido por mais predadores famintos ou pela tortura da qual ele tinha acabado de escapar, ele finalmente sucumbiu à ideia de que sua hora havia chegado. A noite caiu, e ele esperou que o próximo predador viesse e o devorasse. Ele até começou a acolhê-lo. E ele o fez. Na forma de um lobo... No entanto, em vez de matá-lo, o lobo lhe trouxe comida.”

Não consigo evitar a expressão incrédula no meu rosto, fazendo minha mãe rir.

“Esta é uma história verdadeira ou apenas uma parábola de bruxa?”

A risada da minha mãe aumentou, quase de alegria.

“Oh, é uma história muito real… Uma que você logo reconhecerá, minha querida.”

Dei um suspiro pesado e me recostei, resignado.

“E dia após dia, o lobo vinha trazendo-lhe carne ou frutas, o que quer que pudesse encontrar. Ele até arrastou seu corpo para um rio para se banhar e beber. O lobo permaneceu ao seu lado para protegê-lo de outros predadores.

“E a cada noite, ele contava ao lobo histórias sobre sua vida, suas aspirações, seus sonhos. Como ele veio de uma família *fae* e subiu tão alto nas fileiras do Exército Axiosiano que agora ele podia cuidar de sua mãe e irmãs, que antes tinham sido vendidas pelo pai a uma *grande* família *fae* como servos contratados. Como ele sonhava em um dia acabar com a servidão contratada que ainda era proeminente em Axios. Como ele sonhava em ter uma esposa e filhos. Como ele realmente odiava a guerra e desejava pôr fim a todas as guerras. Como ele ansiava pela paz.

“Finalmente, Lysander finalmente se recuperou de seus ferimentos e desnutrição o suficiente para andar e começar gradualmente a fazer o resto da jornada de volta para Axios. Quando ele tentou sair e levar o lobo com ele, ele se recusou. Lysander tentou forçar o lobo, e nesse ponto, o lobo se transformou... Em uma fêmea.”

Minhas sobrancelhas franziram impacientemente, esperando que ela explicasse melhor.

“Inicialmente, ele ficou chocado e se sentiu traído por ela ter demorado tanto para se revelar, embora soubesse que era porque ela temia que ele a matasse se soubesse que ela era uma lykos 'humilde'.

Mas esse *lobo* salvou sua vida. O protegeu, o alimentou, até o defendeu contra as criaturas famintas da floresta. Ficou ao seu lado a maior parte do dia e até mesmo durante as noites. Ele passou a amar esse lobo pelo companheiro leal que ele havia se tornado.

Lysander ansiava por ir para casa, para a segurança de Axios. Onde ele sabia que ela seria morta.”

“Quando ele perguntou por que ela não o matou, ela admitiu que queria. Desesperadamente. Mas quando percebeu o quão ferido ele estava, ela não conseguiu matar alguém tão indefeso. Todos os dias, ela lhe trazia comida e jurava a si mesma que o mataria assim que ele pudesse se defender adequadamente, mas todas as noites, quando ele lhe contava suas histórias, seu coração se amolecia em relação a ele. Cada vez que ela o protegia e defendia, ela jurava a si mesma que era apenas para que ela pudesse ter a satisfação de matá-lo ela mesma…”

Minha mãe ficou em silêncio, com um sorriso melancólico no rosto enquanto olhava para longe.

"E…?"

Ela solta um suspiro e volta seu olhar para o meu.

“ *E* eles se apaixonaram. Eles eram *lohane thili*... Vários meses depois, após conhecê-la, e eventualmente seu povo, ele virou a maré para eles e os

levou à vitória na Guerra das Fadas.”

Minha testa franziu ainda mais enquanto eu vasculhava meus bancos de memória.

“Mas… Espere… Kahlohan foi quem os levou à vitória...”

Seu sorriso cresceu de orelha a orelha.

“De fato, ele fez. Mas antes de ser Kahlohan, ele era Lysander. O lykos era sua esposa, Akela.”

Fiquei de queixo caído.

“Desculpe… *O quê?”*

Ela riu. “Tantos milênios depois, todos gostam de esquecer a origem de Khalohan…”

“Como eu nunca ouvi falar disso?”

“Bem… Não serve exatamente à narrativa de ninguém. Nem inspira a sede de sangue de um guerreiro, não é?”

Eu cambaleei. Justo quando eu pensava que minha mente não poderia estar mais explodida.

Eu sempre idolatrei Kahlohan. Ele venceu a guerra contra os fae e salvou… seu povo *adotivo* . *Meu povo.*

“Então você vê, *ku'kāne... …* Ninguém está além da redenção.”

Não consegui evitar que uma carranca se formasse em meu rosto.

“Droga”, resmunguei, mais para mim mesmo do que para qualquer outra pessoa.

Minha mãe se aproximou e esfregou meu ombro.

“Qual é o problema, querida? Você achou que odiar seu próprio *poa hanei* resolveria todos os seus problemas?”

Alma gêmea .

Soltei um gemido dramático, colocando as mãos no rosto. Ela apenas riu de novo, esfregando minhas costas e fazendo Bellona rosnar com negligência.

Minha mente lógica também me lembrou que meu pai era fae. *Eu* era meio fae. Algo que eu sempre meio que ressenti.

“Como era meu pai mesmo?”

A pergunta pegou minha mãe de surpresa. Pegá-la desprevenida era algo que raramente ocorria. Ela frequentemente sabia o que estava por vir muito antes de acontecer. Ela respirou fundo, exalando enquanto parecia formular uma resposta.

“Ele era… Um macho poderoso. Gentil. Rápido para se sobrecarregar com emoção. E ingênuo…”

Eu já tinha ouvido a maioria dessas coisas antes. Eu sempre pedia para ser lembrado de que ele era um bom macho e não como os outros fae que eu tinha encontrado ou que tinham poder sobre Atratus. A última parte, no entanto, eu não sabia.

“Ingênuo?”, perguntei, surpreso.

Ela riu tristemente. “Sim. Ingênuo. Ele era muito confiante. Muitas vezes, levava a palavra de pessoas que não mereciam. Depositava sua

confiança nas pessoas. Quando se via traído, parecia passar por ciclos de tristeza. Tristeza. Ressentimento... Raiva. Ele tinha um temperamento bastante explosivo. Ele geralmente errava por compaixão, mas podia ser propenso a... detonação...", ela riu um pouco melancolicamente, "Ele podia queimar cidades inteiras com sua raiva."

Soltei um suspiro, demorando-me no peso que pressionava meu peito com sua ausência. Minha mãe me estudou por um momento, me lendo como um livro e, portanto, mudando de assunto.

"Não se preocupe... Sua jornada para Vyssini mudará as coisas com Mareina... Quanto mais cedo você puder perdoá-la, mais fácil será, e mais cedo poderemos colocar esse show na estrada."

Dei a ela um olhar entediado. De alguma forma, ela *sempre* conseguia me deixar com mais perguntas do que respostas.

"Você tem certeza de que não pode nos poupar do trabalho de ter que viajar os dois dias que levamos para chegar até você?"

Seus lábios se curvaram em um sorriso cúmplice. "Eu sou, de fato."

Balancei a cabeça e esfreguei a outra mão no rosto.

"Você ficará feliz por isso", ela prometeu, sorrindo maliciosamente enquanto se afastava.

O som das unhas de Peanut e Bellona contra a madeira da varanda desapareceu, e um certo silêncio ecoou no ar. Não precisei olhar para trás para saber que eles já tinham ido embora — via portal.

CAPíTULO

VINTE

MARINHA

E O tempo passou em um ritmo glacial enquanto eu observava de onde eu estava deitado no chão, a luz do dia brilhando com o sol do meio-dia enquanto minha esperança escurecia. Durante o qual, eu encontrei meus pensamentos oscilando entre duas coisas. Duas pessoas, na verdade.

Malekai… E *Nakoa.*

Garras de arrependimento afundaram-se profundamente ao pensar em nunca mais ver Malekai.

Ele viria atrás de mim?

Eu sabia que a resposta era *com certeza absoluta.*

Mas Zurie me deu cinco dias… E a menos que Nakoa planejasse me deixar aqui para apodrecer, nós partiríamos para…

Fiquei sem fôlego.

Vyssini.

Se… Se Nakoa me trouxesse com eles para Vyssini, eu poderia escapar. E então eu não teria apenas a proteção de Malekai, mas um exército de 30 soldados para me proteger da ira de Nakoa…

Embora isso não tenha resolvido o problema de estar ligada ao homem pela minha alma.

O som de passos voltando pelo corredor aguçou meus ouvidos e renovou as batidas do meu coração. Tanto de pavor quanto, admito, de excitação.

Deuses, estou desequilibrado.

Rapidamente me levantei, todo o meu lado direito dormente, e pulei até a cama. Eu seria amaldiçoada se o deixasse me ver deitada em uma poça de minhas próprias lágrimas. Como se eu tivesse sido derrotada tão facilmente. Eu afastei meu cabelo desgrenhado e me sentei na lateral da cama.

Porra, o que eu daria por um banho. Pelo alívio da água quente.

Eu não conseguia exatamente *querer* minhas roupas... E ser forçado a usar couro molhado era um tipo especial de tortura por si só. Eu duvidava seriamente que Nakoa tivesse compaixão de mim para secá-las.

A porta se abriu atrás de mim, a presença de Nakoa pairando ali por alguns momentos silenciosos. Quando ele não disse nada, eu me virei para olhar para ele. Ele tinha se glamourizado novamente, sufocando sua magia de mim e escondendo sua verdadeira forma. Ignorei a pontada de decepção que senti com isso.

Minha voz saiu áspera e cortante.

"Sim?"

O dele saiu áspero e... mal-humorado?

“ Você precisa se alimentar, não?”

Minhas presas doíam de desejo de provar seu sangue, e a ligação entre nós praticamente se contorcia de demanda.

Consegui balançar a cabeça. “Acabei de me alimentar ontem à noite.”

Nakoa entrou na sala para ficar na minha frente. Sua expressão era sombria.

“Partiremos para Vyssini em breve. Você precisará de sua força.”

Como se isso resolvesse, ele levou a parte inferior do antebraço até a boca e mordeu a carne grossa e musculosa. O cheiro do sangue dele quase me consumiu, espesso com o cheiro da terra, um toque de doçura como âmbar e algo mais que não consegui identificar, mas que tinha um cheiro familiar mesmo assim.

Seu sangue escorria pelo chão com um *pingo constante, pingo, pingo,* como o tique-taque de longos segundos enquanto eu me forçava a permanecer imóvel.

“Eu vou forçar você se for preciso. Não vou deixar você nos atrasar.”

Ele rosnou, dando um passo à frente e empurrando seu braço para mais perto da minha boca. Eu recuei.

Sua testa endureceu como se estivesse ofendido.

“Eu não vou bater em você…”

“Não é com isso que estou preocupado.”

“É com os efeitos do veneno que você está preocupado? Tem algum amante esperando por você em Bastrina?”

Olhei para cima para encontrar seu olhar e me vi momentaneamente hipnotizada pelo escurecimento de seus olhos. Sua voz caiu para um rosnado baixo enquanto ele se agachava na minha frente, trazendo seu rosto ao nível dos meus olhos. *Ele estava com ciúmes?*

“Existe realmente alguém em casa sofrendo por esse seu coração enegrecido?”

Não respondi. Não estava prestes a dar outro inimigo a Malekai.

Um sorriso sinistro abriu o rosto de Nakoa enquanto ele rapidamente me prendia abaixo dele. Prendendo meus braços acima da minha cabeça. Lutar contra ele era um esforço inútil. Sua cabeça mergulhou em meu pescoço, inalando profundamente.

“Não sinto cheiro de homem em você…”

Seu comprimento endurecido pressionou a frente do meu couro de luta.

“Mas mesmo que você faça isso, você nunca mais o verá. *Você é meu.”*

"Eu nunca *serei sua",* eu disse asperamente, minha visão começando a balançar.

Algo duro e punitivo enrolou-se em volta da minha cintura. Meus olhos mergulharam para encontrar seu *rabo.*

Suas presas cravaram-se na carne do seu braço livre com mais força do que da primeira vez, fazendo o sangue espirrar no meu rosto de cima antes que ele pressionasse o ferimento sangrento contra meus lábios.

Consegui resistir por um batimento cardíaco singular antes que minhas presas rasgassem sua carne como uma fera faminta. A excitação explodiu

através de mim, quente e rápida enquanto meu veneno e seu sangue fluíam. Um sorriso torto e satisfeito que curvava um canto de sua boca marcada. A corda entre nós se apertou mais forte, e a necessidade *queimou* através de mim, fazendo um gemido escapar enquanto eu engolia gole após gole de seu sangue.

"Eu posso sentir seu desejo, Mareina… Você está desesperada para sentir as estocadas fortes do meu pau?"

O comprimento de Nakoa já estava firmemente contra o clitóris através de nossas roupas enquanto ele se esfregava contra mim. Um gemido saiu da minha garganta. Satisfação masculina presunçosa se infiltrou em suas feições.

Não.

Eu *não* daria isso a ele.

Felizmente, Malekai me fez sentir, e eu consegui forçar minha boca para longe do braço dele. Cuspi um bocado do próprio sangue dele no rosto dele.

" *Nunca*", eu sibilei.

Nakoa riu, lambendo os lábios e limpando o sangue do rosto com a palma livre. A outra mão e o rabo ainda me prendiam na cama.

"É mesmo? Aposto que se eu tocasse na sua boceta ela ficaria encharcada pra caralho."

Ele não esperou o momento que eu levaria para negar. Ele simplesmente tirou as calças do meu couro de luta e enfiou os dedos nas minhas dobras escorregadias. Um grito saiu da minha garganta enquanto eu tentava afastar meus quadris de ele, mas seu rabo me prendeu tão firmemente que meus esforços só serviram para empurrar meus quadris contra sua mão.

"Tire suas mãos de mim, ou eu juro pelos deuses —

A mão de Nakoa desceu com um tapa firme que pousou diretamente no meu clitóris, arrancando um gemido humilhante de mim. Ele levantou a mão para examinar a viscosidade brilhando em seus dedos, até mesmo abrindo o indicador e o dedo médio para ver o fluido claro da minha excitação se esticar e pingar entre seus dedos. Vergonha e fúria de rosto quente queimaram minhas bochechas enquanto ele dava uma risada cruel.

"Você jura pelos deuses o quê? *Você vai gozar?"* Ele cantarolou seu prazer antes de arrastar os dedos contra a língua e lambê-los para limpá-los. Meu núcleo se apertou em resposta, minha excitação queimando mais forte. "Viu o quanto você precisa de mim, *mo'ina li'ili?"*

Minhas respirações vinham em ofegos rasos enquanto ele trazia sua mão de volta para minha boceta e deslizava seus dedos pela minha bagunça escorregadia novamente, mergulhando em meu núcleo antes de retornar para circular em volta do meu clitóris. Eu gritei, meus quadris empurrando por vontade própria.

" *Pare"*, implorei.

Eu não queria isso. Eu desejei com cada grama do meu ser que fosse Malekai me tocando assim, e eu me amaldiçoei por ter, por todos esses anos, deixado o medo ficar no caminho da minha felicidade.

Durante todo esse tempo, ele estava ali, bem na minha frente.

Esperando.

“Você tem certeza?” Nakoa perguntou com uma gentileza surpreendente enquanto continuava a provocar e trabalhar meu clitóris.

Forcei a palavra a sair.

"Sim…"

Sua mão se retirou, e meu corpo totalmente desleal chorou em resposta.

Nakoa se levantou, me deixando nua da cintura para baixo. Sua excitação brilhava espessa e insistente através das calças de linho que ele usava, uma grande mancha molhada manchando a perna da calça onde eu podia ver o contorno de sua coroa. Ele desabotoou as calças, fazendo meu pânico aumentar.

"O que você está fazendo?"

Um sorriso malicioso curvou seus lábios. “Te pintando com meu maldito gozo.”

O pulso no meu clitóris pulsava dolorosamente, mesmo quando meu coração se atirava contra a gaiola das minhas costelas como se pudesse escapar. O olhar de Nakoa permaneceu fixo em mim enquanto ele puxava seu pau para fora - longo, grosso e significativamente mais escuro do que o bronze profundo de seu corpo. Veias rechonchudas ramificavam-se em direção à sua coroa escura e larga.

O pré-sêmen pingou da ponta para o chão enquanto sua mão espalmou a ponta para cobrir seu comprimento com ele antes de começar a acariciá-lo. Minha respiração ficou presa, momentaneamente hipnotizada pela visão.

Ah, merda.

Forcei meus olhos a fechar, querendo rolar e olhar para o outro lado, mas então eu só estaria apontando minha bunda e minha boceta nua na direção dele.

“Abre os olhos, Mareina . Quero a imagem de mim gozando em você, marcando meu território de merda, gravada na sua mente.”

Sons obscenos e molhados encheram meus ouvidos como uma provocação. Apertei meus olhos com mais força, a mandíbula apertando com tanta força que doeu.

“Eu *não sou* seu.”

No momento seguinte, algo se enrolou firmemente em volta da minha garganta, fazendo meus olhos se abrirem de repente. *A cauda de Nakoa.*

Nakoa estava a poucos centímetros de mim, me encarando enquanto seus golpes se tornavam punitivos.

“Mentiroso. Se eu tiver que te assombrar todo maldito dia, como você fez comigo, então me ajude, *Akash*, meu nome será o único nome na sua língua quando você se contorcer de prazer.”

Em meio à luxúria queimando através de mim, a confusão aumentou. *Assombrava ele?*

Antes que eu pudesse formular uma resposta coerente, um grunhido saiu da garganta de Nakoa, seguido por jatos quentes e grossos de esperma que

caíram no meu peito, pescoço e boca.

Choque e raiva me atingiram, apertando meus músculos. Eu me contorci e chutei com as duas pernas na barriga de Nakoa. Ele *mal* conseguiu pular para fora do caminho com seu pau ainda na mão quando começou a rir.

“Essa foi por pouco, pequeno demônio.”

Seus olhos me observaram, ainda sem calças na cama enquanto eu estava ali, com as pernas balançando para fora da cama. “É verdade que você faz uma tela linda…”

Ele *tirou* suas roupas e se lançou para frente, me agarrando pelos quadris e me jogando por cima do ombro, fazendo com que sua porra de esperma deslizasse para dentro dos meus olhos. Eu rosnei, limpando-a rapidamente com meus pulsos amarrados. No mesmo momento, o ar frio substituiu minha blusa.

“O que você está fazendo?”, eu sibilei, tentando me livrar de seu aperto.

Sua mão grande desceu com força em um *estalo escaldante* que fez minha boceta apertar. “Comporte-se. Você vai tomar um banho. A menos que prefira viajar coberta com meu esperma... A ideia tem mérito.”

CAPíTULO

VINTE E UM

NAKOA

Mareina ficou em silêncio enquanto eu descia os degraus para o grande banheiro, só então percebendo que os azulejos que o revestiam - que *eu havia* escolhido - combinavam com o rico verde esmeralda dos seus olhos. Isso me fez querer arrancá-los.

Os azulejos, não os olhos dela.

Resistência é um exercício de futilidade, meu Conhecimento sussurrou para mim.

Meu peito apertou, sabendo que as palavras eram verdadeiras. Coloquei-a no chão com água na altura da cintura e, quando dei um passo para trás, a visão roubou meu maldito fôlego. Não importa o quanto eu odiasse admitir, ela era linda.

A maneira como ela conseguiu manter a cabeça erguida, apesar de seu rosto estar tão lindamente decorado com meu esperma. Seus olhos verdes vagavam por mim através de longos cílios pretos. Maçãs do rosto altas ostentando orgulhosamente as pérolas brilhantes que eu a presenteei. Lábios carnudos em forma de arco de cupido equilibrados em algo entre estoicismo e o que quase parecia um beicinho.

Só a visão disso quase fez com que meu ódio por ela desaparecesse.

Seus cabelos escuros caíam sobre seus seios fartos, seus mamilos escuros e eretos, exatamente como eu os imaginava - eram pontos duros no frio ar. Sua cintura afinou ligeiramente antes que o estilo de seus quadris generosos abrisse caminho para me dar um vislumbre de sua boceta lisa. Suas pernas eram longas e musculosas com uma camada de suavidade feminina que fez minhas presas doerem com a necessidade de afundá-las em sua carne.

Outra visão sangra sobre o presente.

Mareina nua, e sem minhas amarras, de pé nesta mesma posição em uma fonte termal em uma caverna.

A visão se foi, e o presente retorna tão rápido que, se eu não estivesse tão insensível a ele, questionaria se realmente teria visto tudo.

Seu olhar ainda errante era como uma carícia, fazendo meu pau endurecer de novo. Era impossível esconder com a metade superior do meu pau saindo da água.

Não que eu me importasse. Eu gostava do olhar dela. Eu queria sua mente luxuriosa cheia de pensamentos somente sobre mim.

“Zurie vai te caçar. E quando eu não retornar, ela vai mandar mais dez para me substituir,” ela murmurou, me trazendo de volta ao presente, “E mais trinta depois disso. Ela vai mandar um exército inteiro atrás de você até você morrer.”

"Bem, ela vai ter que morrer então, não vai? Tenho um exército inteiro pronto para recebê-la."

Mareina bufou uma risada de pena. “Tolice orgulhosa. Ótimo. Só vai me trazer minha liberdade muito mais cedo.”

Aproximei-me dela, segurando-a pela nuca e puxando-a para baixo para expor sua garganta para mim.

“Você *nunca* estará livre de mim. Eu dou boas-vindas a qualquer soldado corajoso o suficiente para encontrar a morte para ao menos respirar em sua direção. E se você tentar escapar de mim? Bem, eu posso te prometer que há destinos piores do que a morte.”

A risada de Mareina começou suave, gradualmente se transformando em algo enlouquecido.

“Então você estaria se condenando a um destino tão miserável… Permita-me a graciosa oportunidade de corrigir o que parece ser um mal-entendido: *estou* absolutamente perturbado e encontrará uma quantidade soberba de alegria arrancando seus membros de seu cadáver seco como osso assim que eu drenar seu sangue no momento em que tiver a chance. E *oh* , haverá uma chance. Há uma razão pela qual Zurie me contratou como seu Irae. E posso garantir a você, não foi meramente com base na estabilidade e habilidade.”

Apesar do ressentimento e do ódio por seus atos passados fervilhando sob a superfície, suas palavras só fizeram minha resistência ceder ainda mais.

Fora ela ser talvez minha *segunda maior* inimiga imortal…

Ela era perfeita pra caralho.

Sua ferocidade me fez queimar da maneira mais linda.

Olhei fixamente em seus olhos, praticamente inflamado pela sua raiva e desesperado para que eu acendesse seu pavio.

A fúria sombria dentro dela cantava uma canção de sereia para a minha enquanto meu Conhecimento sussurrava para mim.

Vocês são duas metades da mesma alma. Odiá-la seria como odiar a si mesmo. Seu poder e sua redenção só podem ser encontrados nela.

Essas palavras me acalmaram até o âmago. A verdade nelas. Uma verdade que eu ainda não estava pronto para ouvir. Meu Saber me incitou a estender a mão e...

Segurei seus pulsos nos meus, liberando o glamour da minha magia, mas mantendo-o contido em minha forma, com exceção da minha cauda que se enrolava em volta da cintura dela.

Minha visão nadou, desaparecendo para o preto, enquanto visões do passado dela passavam diante dos meus olhos. Minha própria raiva queimava através de mim tanto quanto o coração partido que fazia meu sangue gelar.

Memórias se derramaram em mim... Ela, quando criança, segurada nos braços de outra jovem enquanto chorava pela ausência de sua mãe.

Imagens de clientes homens solicitando a atenção de Mareina e sendo espancados quando ela não os atendia... Ou pior.

Mareina tremendo em posição fetal em lençóis manchados de sangue, ou encolhida sob um chuveiro enquanto o sangue escorria entre suas pernas.

A voz mais linda que já ouvi veio dela enquanto ela cantava para inúmeras plateias no Templo Erosyan.

Mareina roubando e dormindo nas ruas, lutando contra predadores.

Juntando-se ao exército de Zurie.

Apaixonar-se por uma mulher que mais tarde morreu nos braços de Mareina.

Cena após cena de cortar o coração de Mareina tendo que assistir seus companheiros serem massacrados. Às vezes até mesmo tendo que tirá-los de sua miséria.

Um homem loiro escuro com pele dourada e olhos da mesma cor luminosa do Mar de Kalohani apertando-a contra o peito enquanto ela chorava. Ambos cobertos de sangue.

Eu assisti, tomada por um amor avassalador — o amor dela — por ele, enquanto eles salvavam a vida um do outro, vez após vez.

Numa sucessão vertiginosa, totalmente avassaladora e rápida, senti cada emoção que ela experimentou em cada um desses momentos.

"Por favor. Pare."

Soltei meu aperto em seu braço como se tivesse sido queimado. Suas emoções que me inundaram recuaram como uma maré minguante no mesmo momento em que o banheiro ao nosso redor retornou. Aqueles mares gêmeos esmeralda, emoldurados por cílios grossos e escuros, brilharam e incharam de emoção. Lágrimas ameaçando escapar, observei sua garganta delicada trabalhar em uma engolida áspera.

A respiração que eu estava segurando saiu dos meus pulmões.

"Oh Deus…"

Meu peito apertou a ponto de doer. O olhar de Mareina caiu do meu, levando meu coração com ele.

Ah, merda…

O *sofrimento* pelo qual ela passou. Era como se cada momento crucial de sua vida tivesse sido empilhado em ordem crescente e atravessado minha consciência para chegar à mulher resultante na minha frente.

Na verdade, monstros são feitos, não nascem.

E eu queria cada pedaço torto e quebrado dela. Não foi coincidência que eles se alinhassem perfeitamente com cada pedaço quebrado de mim.

Tentei desesperadamente endurecer meu coração para ela novamente, lembrando-me de quem exatamente ela era. Ela teve escolhas. Assim como cada um de nós teve. E ela escolheu errado.

Você não teria escolhido nada diferente, meu Conhecimento me lembrou.

Tentei usar uma máscara estoica para esconder o quão abalado eu estava pelo que tinha acabado de acontecer. Não apenas o fato de ter *vivenciado* suas memórias e o que ela tinha suportado nas mãos de outros, mas agora... Muito da raiva e ressentimento que eu tinha por ela já estava indo embora, como sangue pelo ralo.

CAPíTULO

VINTE E DOIS

MARINHA

Minhas respirações estremeceram de mim lenta e firmemente enquanto eu gradualmente conseguia reprimir e *enterrar novamente* minha emoção. A energia de Nakoa havia mudado dramaticamente desde que ele testemunhou minhas... origens. Seu ódio por mim não era mais escaldante e cruel... Em vez disso, havia sido reduzido talvez a um ressentimento latente. E ele mal olhou para mim desde que me entregou uma toalha ensaboada para me banhar. Ele agora estava na minha frente, o olhar desviado enquanto ele rapidamente se banhava.

Não pude deixar de lançar olhares rápidos para seus músculos brilhantes, mudando a cada movimento. A culpa revirou meu estômago ao pensar em Malekai, embora eu sempre tivesse mantido um limite sólido no lugar, mas...

Se ele não estivesse a caminho de Vyssini, provavelmente estaria saciando seus desejos em Satia Fama agora mesmo, rapidamente me lembrei.

Ainda assim, forcei-me a desviar o olhar enquanto me esfregava rapidamente, prestando atenção especial ao esperma que havia secado no meu rosto. Frustração e fúria apertaram meu peito.

Como diabos eu iria sair dessa?

Atualmente, eu estava preso. Minha magia foi suprimida. A única chance que eu tinha de escapar seria se eu o convencesse a se desvincular eu porque *pular* para a liberdade não parecia uma opção viável.

E a única maneira de ganhar sua confiança, que... *agora*... agora que ele parecia ter se suavizado um pouco em relação a mim depois de ter testemunhado muitos dos *eventos* que me esculpiram na mulher que sou agora... Parecia um pouco mais uma possibilidade.

Mas como?

Levaríamos pelo menos três ou quatro dias para chegar a Vyssini…

Mesmo com seu mero *ressentimento latente*, ainda parecia altamente improvável que eu pudesse ganhar sua confiança até então, mas... Assim como aprendi ao longo da minha carreira como Irae de Zurie...

A luxúria pode fazer até reis de tolos.

CAPíTULO

VINTE E TRêS

NAKOA

Bair ao lado de Mareina tinha sido um esforço rápido e silencioso. Embora doloroso. Eu tinha experimentado o que alguém só poderia considerar o pior que o espectro emocional tinha a oferecer e agora isso tinha me deixado com um tremor nas mãos.

Raiva daqueles que ousaram violá-la. *Minha alma presa.*

Tristeza por todos os entes queridos que ela perdeu.

Culpa... A dela por todas as atrocidades que cometeu, e a minha pela forma como a tratei.

Vergonha... Tanto dela quanto minha pela forma como a tratei.

E por último…

Ciúme.

Porque *quem diabos* era aquele filho da puta loiro?

Ele salvou a vida dela. Você deve gratidão a ele.

Eu prontamente descartei esse pequeno fato.

Esse era o macho que ela amava. Aquele que sem dúvida estava esperando que ela retornasse.

Eu sufoquei a raiva, apertando meus músculos. Apesar de todo o meu *ressentimento persistente* em relação a ela, eu precisava da confiança dela… dela .

Eu precisava que ela cumprisse o vínculo comigo.

E, acima de tudo, mate Zurie.

Reivindicar seu corpo *fisicamente* era apenas um aspecto disso. Preciso que ela jure *o o voto de soulbound* para mim.

Só então meu poder... *nosso poder...* atingiria seu auge.

Porque mesmo se e quando Mareina matasse Zurie, haveria repercussões. Zurie tinha uma corte inteira de indivíduos poderosos que tentariam tomar o trono e usar seu exército contra nós. Cada vez que *Olana Kah'hei* e eu conduzíamos um ataque a um deles, era apenas uma questão de dias até que um novo surgisse para substituí-los. Se eu tivesse alguma esperança de eliminar toda a corte de Zurie *e* superar o Exército de Zurie com a ajuda de The Uprising... eu precisaria disso.

Preparando-me para a partida, minhas mãos ainda estão na sela de Pumpkin enquanto o que começa como um zumbido surdo no fundo aumenta até atingir um volume ensurdecedor, e percebo que é o som de milhares de soldados soltando um grito de guerra no ar.

A visão toma conta lentamente. Minhas asas batem no ar acima de milhares de soldados vestidos com armaduras verde-escuras e umber. No presente, estou em silêncio, mas na visão, ouço o rugido da minha própria voz clamando a eles.

“Eles sofrerão a ira de Átrato por ousarem tomar o que é nosso!”

Os soldados erguem suas espadas enquanto outro rugido apaixonado rasga o ar.

A visão sumiu abruptamente. Os pelos da minha nuca se arrepiaram. Mãos ainda congeladas onde seguraram a fivela da sela de Pumpkin.

“Você está bem?”, perguntou Mareina. Eu podia sentir seus olhos penetrantes nas minhas costas.

Limpei a garganta, tentando me centrar. “É, desculpa… Às vezes…”

Virei-me para onde ela estava atrás de mim, esperando enquanto eu preparava Pumpkin e Chihiro para nossa jornada. Sua testa franzida me fez engolir o que eu estava prestes a confessar.

"Deixa para lá."

Desde que minha premonição recorrente começou, eu fui atormentado por muitas outras visões. Elas nunca tiveram a cortesia de esperar até que eu dormisse. Elas me dominavam a qualquer momento, dobrando minha realidade em algo que continha presente e futuro, ou ocasionalmente passado. Eu poderia estar no meio de uma conversa com um estranho e de repente me dobrar de dor porque, na minha visão, estou sendo esfaqueado em um campo de batalha.

Isso realmente aconteceu uma vez. A mulher que eu estava tentando encantar para minha cama não foi muito compreensiva quando tentei me explicar por causa da minha reação repentina, o rosto se contorcendo de raiva enquanto eu rosnava minha fúria para ela e *não* para o homem dos meus sonhos.

Agora, a preocupação na expressão de Mareina havia se transformado em cautela. Ela não havia dito uma palavra até então. Não desde que eu vislumbrei suas memórias. Tal coisa nunca havia acontecido antes. Eu só podia supor que era devido à combinação de meu Conhecimento e da corda intangível conectando nossas almas.

As palavras da minha mãe e sua história sobre a origem de Kahlohan estavam em um loop perpétuo na minha mente, junto com imagens do passado torturado de Mareina. Cada passagem dissipava ainda mais minha raiva e ressentimento em relação a ela. Afinal, eu tinha matado mais de seus companheiros do que ousei contar. E de alguma forma, ela não parecia ter um pingo de animosidade em relação a mim por isso. Meus *olana kah'hei* ainda não sabiam quem ela era exatamente... Apenas Lokus e Rayne lutaram na Guerra Atratusiana, tendo ambos vindo de Selcarim como aliados Kahlohani, mas imaginei que eles teriam muito menos escrúpulos sobre isso porque não foi seu povo que foi todo exterminado, nem sua terra dizimada.

Montei na Abóbora, e um suspiro agudo escapou dela quando de repente me abaixei e a balancei em meus braços antes colocando-a em uma posição de sela lateral na minha frente. Totalmente relutante em arriscar as consequências de desamarrar seus tornozelos se eu a deixasse montar em posição padrão.

“Por que não posso montar em Chihiro?”

Eu ri secamente em uma tentativa de aliviar o silêncio tenso que pairava como um peso morto entre nós. Embalando-a entre minhas coxas, agarrei as rédeas em uma mão e a puxei firmemente contra mim. Minha cabeça abaixou para acariciar seu pescoço com meu nariz...

O primeiro de muitos pedidos de desculpas silenciosos que eu já sabia que estavam destinados a acontecer.

Um arrepio percorreu seu corpo antes que ela se endireitasse completamente.

“É isso que você quer, Mareina? Que eu te persiga e te cace como se fosse minha presa?… Estou mais do que feliz em te atender, mas não posso prometer que serei capaz de me controlar quando te pegar. E sei que você não está pronta para o que aconteceria em seguida.”

Ela parecia deliberar algo, se o franzir de sua mandíbula fosse algo a se considerar. Para minha surpresa, seu corpo gradualmente relaxou contra o meu.

“E o que exatamente seria isso? *Se* você me pegasse.”

Eu tive que suprimir meu gemido. Meu braço instintivamente se enrolou mais forte em volta dela, pressionando-a com mais força contra mim enquanto eu me inclinava na curva do seu pescoço, meus lábios roçando a pele sensível. Eu tinha jurado em voz alta poucas horas atrás que não daria a ela o prazer do meu pau, mas... Minha resolução nisso estava se dissolvendo como açúcar em água fervente.

“ *Quando* eu te pegasse, eu te prenderia no chão e reivindicaria essa sua boceta carente. Eu te marcaria de uma forma que te deixaria marcado para que todos soubessem que você pertence a mim. Eu te encheria com minha semente para que todos em sua a vizinhança sentiria meu cheiro em você e saberia ficar longe para que eu não rasgue suas gargantas.”

A ideia por si só fez a raiva queimar em minhas veias. Eu incitei Pumpkin para frente, sacudindo Mareina contra mim. Sua bunda gostosa agora firmemente quicando contra meu pau já latejante, assim como o cheiro de sua excitação se enrolava no ar, fazendo um pouco do meu controle estalar.

Minhas presas se alongaram, e uma dor profunda e familiar começou a irradiar das minhas costas enquanto minhas asas e cauda ansiavam por serem desenroladas. Ela sibilou, seu corpo ficando rígido contra mim enquanto eu roçava minhas presas ao longo de seu pescoço, prendendo-a no lugar.

"Marque-me e jure pelos *deuses que* vou cortar sua garganta", ela sibilou.

Cantarolei uma risada com a boca cheia de sua carne enquanto meu Conhecimento sussurrava para mim.

Eu soltei o controle do meu glamour, minhas asas e cauda imediatamente estouraram para frente, fazendo Mareina ofegar. Minha cauda prontamente se enrolou em volta da cintura dela, segurando-a no

lugar enquanto eu afundava minhas presas em sua garganta. Um grito saiu de sua garganta. Um de prazer e dor.

"Eu te odeio pra caralho", ela entoou com uma voz sobrenatural que fez meus cabelos se arrepiarem.

A culpa, aguda e repentina, me atingiu.

Ela realmente não queria minha marca.

Mas o gosto profundo, rico e aveludado dela já estava escorrendo pela minha garganta, e eu estava além de parar naquele momento. Meu erro não estava apenas no fato de que eu tinha feito isso contra a vontade dela, mas agora que eu tinha tomado meu primeiro gole de seu sangue... Eu sabia que iria ansiar por isso pelo resto dos meus dias.

Por que tinha que ser ela?

Nunca reivindiquei outra fêmea dessa forma. Nem tive qualquer desejo. Isso era puramente instintivo, e tudo gritava sua *correção* tão alto quanto a miséria disso .

Com o veneno agora bombeando por suas veias, um gemido suave saiu de sua garganta. Um de prazer inconfundível. Eu me forcei a me acalmar, respirando fundo, tentando manter meu controle sobre o fio singular da minha sanidade.

O sangue dela continuou escorrendo para minha boca enquanto meus olhos percorriam toda a extensão de sua frente, onde eu podia ver os pontos doloridos de seus mamilos por baixo do tecido do vestido que ela havia usado na noite anterior.

Sua respiração se tornou ofegante, e seu peito se expandiu como se estivesse se esforçando para meu toque. Eu acariciei a curva de seu seio pesado até seu pico túrgido, claramente implorando por minha atenção. Eu puxei para baixo um lado do busto de seu vestido, expondo seu seio que deu uma sacudida de dar água na boca com a ação. Minha palma roçou sobre a ponta endurecida e rosa escura antes de provocá-la para frente e para trás com meu polegar.

“Oh, porra…”, ela gritou suavemente, as unhas cravando no meu antebraço preso em volta da cintura dela enquanto seus quadris davam um impulso irracional contra a sela e, incidentalmente, meu pau de onde ele ainda estava sendo estrangulado pela porra da perna esquerda da minha calça. O desconforto do beliscão só por isso me amarrou um pouco de volta à realidade.

Soltei um suspiro pelo nariz, me forçando a soltá-la. Lambi e chupei as poucas gotas de sangue que escapavam da ferida que se curava rapidamente, embora eu tenha feito uma mágica para que uma cicatriz permanecesse. Eu sabia que ela poderia não estar totalmente agradecida por isso ainda, mas isso era *uma pena.*

"Você me pertence, Mareina", rosnei perto de seu ouvido, minhas palavras saindo mais duras do que eu pretendia.

Ela esticou o pescoço para olhar para mim. Seu olhar desmentia seu ódio por mim.

“Só um homem tem o direito de me reivindicar. E não é te foder.”

Agora que ela sabia que eu tinha visto seu amante, ela não tinha razão para tentar encobrir o fato. Ciúmes e raiva queimavam dentro de mim, mas eu os enterrei sob um sorriso malévolo.

“Deite-se assim de novo… Você ficaria linda pra caralho com uma mordaça.”

Seus olhos se estreitaram brevemente antes que ela atacasse e cravasse suas presas em mim, apenas para arrancar um pedaço da minha carne.

Eu grunhi devido à dor lancinante, esperando que ela cuspisse, mas, em vez disso, ela engoliu junto com um pedaço da minha camisa de linho.

Essa fêmea é um animal do caralho.

Isso só serviu para ampliar meu sorriso e intensificar minha excitação.

Eu ri, olhando para o ferimento aberto e dilacerado no meu peitoral direito.

“Mais uma vez, você me julgou completamente mal. Violência é minha linguagem de amor, *maha mo'ina li'ili.* ”

Ela fervia, segurando meu olhar enquanto meu sangue escorria por seu queixo. A visão sozinha fez minha determinação contra ela ruir ainda mais; maldita seja ela.

Seus olhos se estreitaram e ela olhou para o pano em meu punho.

“Você não daria porra nenhuma—

Mais rápido do que ela conseguia rastrear, especialmente com as amarras suprimindo sua magia, agarrei as pontas do pano com as duas mãos e puxei firmemente contra sua boca até que suas mandíbulas se abrissem. Ela gritou em protesto através da mordaça, as unhas cravando na carne dos meus braços enquanto eu o amarrava firmemente.

“Shhhhh . Você não iria querer cair da Abóbora e se machucar agora, não é?”

Palavrões ininteligíveis saíram dela enquanto eu terminava de amarrar a mordaça e prendia meu braço em sua cintura, com suas pernas dobradas sobre minha coxa.

“Quando você decidir ser uma boa menina novamente, eu o removerei com prazer.”

Os últimos raios rosa e roxo do sol brilhavam no horizonte enquanto nos aproximávamos do ponto de encontro onde meu *olana kah'hei* e eu começaríamos nossa jornada.

Mareina ainda estava usando a mordaça, mas a ideia de alguém ter o privilégio de testemunhar sua vulnerabilidade fora de mim fez meu sangue arder de raiva. Sem mencionar que seu maxilar estaria dolorido agora.

Eu alcancei a mordaça, fazendo seu corpo ficar rígido. Eu hesitei, me inclinando para falar suavemente contra sua bochecha.

“Se você for uma menina doce, eu vou tirar a mordaça.”

Ela segurou meu olhar, um rosnado escapou dela. Talvez *doce* fosse um pouco otimista demais neste momento.

“Prometo que te recompensarei.”

O cheiro da excitação dela chegou até mim.

Porra, ela era perfeita.

O fato de que sem o vínculo — a corda e suas exigências — minha criatura cruel não teria tais sentimentos foi a única coisa que me impediu de arrastá-la para longe da Abóbora e atropelá-la como um animal na floresta.

Talvez eu devesse usar isso a meu favor. Não tem como ela ter força para resistir. E então vocês dois terão o poder de conquistar Zurie, e vocês podem deixar seu ódio um pelo outro no passado.

Senti uma pontada de culpa pela leve manipulação enquanto traçava minha boca sobre sua mandíbula e a carne sensível de seu pescoço. Deslizando lentamente minha mão sobre sua coxa, esperei para ver se ela protestaria. Seu coração acelerou ainda mais enquanto seu corpo ficava tenso.

E muito levemente, ela *docemente* separou suas coxas. Aproximá-la nas últimas horas enfraqueceu sua fortaleza contra mim. A ideia me fez sorrir enquanto eu rosnava de prazer, deslizando minha mão entre suas pernas e roçando sua roupa íntima para descobrir que elas estavam fodidamente *encharcadas.*

Gentilmente, afastei o tecido e acariciei um dedo por suas dobras quentes e molhadas. A ação arrancou um suspiro carente dela que fez meu peito doer e meu pau pulsar. Minha voz caiu para uma voz rouca.

“Você está tão pronto, não é mesmo?”

Mergulhei a ponta do dedo em sua entrada antes de puxá-lo para cima para circundar seu clitóris. Seus quadris balançaram em aprovação enquanto outro gemido suave escapava dela.

Olhei brevemente ao redor para a extensão da floresta que nos cercava para garantir duplamente que estávamos sozinhos antes de *criar* uma barreira ao nosso redor e puxar a saia do vestido dela até a cintura. A visão de suas coxas separadas e delicadas dobras rosadas, brilhando de necessidade, roubou meu maldito fôlego. Meus movimentos diminuíram quando me vi olhando com admiração, o olhar fixo na boceta mais linda que eu já tinha visto.

Ela olhou para mim com olhos suplicantes enquanto seus quadris se contorciam. Combinado com os gemidos suaves abafados por sua mordaça... Meu coração apertou dolorosamente com a realização... *Ela está se submetendo a mim.*

Porém brevemente.

Ela provavelmente tentaria me matar novamente antes do fim do dia.

Meu plano era ganhar a confiança dela para que ela cumprisse nosso vínculo…

Mas isso…

Um arrepio de medo percorreu minha espinha.

Ela vai te colocar de joelhos, sussurrou meu Saber.

Eu poderia jurar que detectei uma pitada de presunção. Eu deveria ter prestado atenção nisso como um aviso, mas eu já estava impotente para parar.

“Olha como você está se comportando bem, *lohane thili,”* eu cantarolei, meu autocontrole diminuindo a cada milissegundo. “Você quer que eu faça você gozar?”

Ela assentiu, segurando meu olhar ansiosamente enquanto eu abaixava o busto de seu vestido, seus mamilos exuberantes endurecendo instantaneamente contra a brisa fresca.

"Porra, Mareina", eu sibilei, absorvendo toda a sua glória vulnerável e corpo nu só para mim.

Apoiada pelo meu braço em volta das costas dela, ela respondeu puxando os calcanhares para cima para descansar no topo da minha coxa, permitindo que seus joelhos dobrados caíssem para o lado. Eu gemi com a visão.

“Você é uma menina muito boa, não é?”

Ela assentiu gentilmente, segurando meu olhar com aqueles olhos arregalados e suplicantes. Um ronronar profundo começou a ressoar do meu peito, e seus olhos se arregalaram de surpresa com a vibração que irradiava do meu ronronar por todo o caminho do meu peito até minha cauda.

Ela deu um grito de prazer quando minha cauda se desenrolou e começou a acariciar sua fenda antes de empurrar para dentro e se curvar perfeitamente para esfregar contra aquele ponto sensível dentro dela enquanto suas paredes espasmavam e apertavam firmemente como se para prendê-lo ali. As pontas dos meus dedos pintaram os picos de seus mamilos com seus próprios sucos antes de eu levar meu dedo ainda encharcado à minha boca para prová-la.

Eu a observei com admiração, memorizando cada detalhe, enquanto chupava minhas bochechas e deixava uma bola de saliva escorrer até seu clitóris antes de retornar meu dedo médio e anelar para sua pequena pérola rosa, pintando círculos ao redor dela com pressão gradualmente crescente.

Suas pernas começaram a tremer enquanto seus quadris se contorciam em oposição aos impulsos da minha cauda.

Tirei meus dedos, o que me fez gritar em protesto, para puxar sua mordaça para baixo.

“Diga-me a quem você pertence”, ronronei.

Ela prendeu a respiração, arregalou os olhos e fechou a boca.

Eu *estalei a língua* , parando os movimentos do meu rabo.

Seu rosto endureceu instantaneamente, e suas pernas se fecharam com meu rabo ainda dentro dela enquanto suas mãos amarradas puxavam seu vestido para baixo.

“ Eu posso facilmente me fazer gozar, seu manipulador de merda—

Puxei a mordaça de volta para sua boca, tirando meu rabo de dentro dela, apenas para que o apêndice traidor se enrolasse ternamente em volta

de sua cintura, como se pedisse desculpas.

A frustração tomou conta de mim enquanto ela se endireitava em meus braços, tentando não tocar em nenhuma parte de mim.

Bem, isso não resolveria tudo, não é?

Meus braços a apertaram com força, puxando seu corpo de volta para o meu para rosnar em seu ouvido.

“ Negue o quanto quiser, mo'ina li'ili. Isso não torna menos verdade.”

A sensação da magia *da minha olana kah'hei* à distância fez meus pelos se arrepiarem. Mais de um dos filhos da puta pervertidos iria gostar de vê-la sendo amordaçada e amarrada. Sem mencionar...

Você precisa ganhar a confiança dela, sussurrou meu Saber.

E amordaçá-la na frente deles não me faria nenhum favor.

Eu tirei a mordaça e coloquei meu glamour de volta no lugar.

Todos eles tinham visto minha verdadeira forma. Eu apenas preferi evitar que todos os outros os vissem enquanto viajávamos. Asas e caudas eram relativamente raras. Seria algo que nos tornaria facilmente identificáveis. Assim, todos nós poderíamos quase passar por ser humano. Exceto Famei. Ele era um Orixá. Um Orixá *com chifres* .

Mesmo sem os chifres, seria óbvio. Óbvio que ele era algo… *diferente.*

“Heeeyyyyyy!” Roderick gritou em saudação, com um tom travesso, “Que bom ver você aqui.”

Havia um olhar de compaixão em seu rosto quando ele encontrou o olhar de Mareina depois de ter mergulhado nas ataduras em seus pulsos e tornozelos.

“Mareina, acredito que você já conheceu Roderick…”, gesticulei com a mão segurando as rédeas, “Pomona é a ruiva ali com o problema de encarar. Ela me aconselhou a *não* te amarrar, mas nós dois sabemos que eu estaria morto agora se não tivesse feito isso. Famei, aqui está nosso gigante gentil. Eu recomendaria ser muito legal com ele porque ele é o *chef… Príncipe* Lokus,” enfatizei, fazendo Lokus revirar os olhos, “conhecido na maioria das vezes por ser um babaca com desejo de morte, não é tão mau quanto parece. Ele é basicamente só latido e nada de mordida. Entre nós, pelo menos. Com todos os outros, porém, ele tem uma notável persistência… E ele também é o melhor espadachim de todo Atratus… Rayne, por outro lado, tem pouca necessidade de espadas, apesar de sua afinidade por elas… Ele geralmente é acompanhado por alguns… *amigos.* Do tipo incorpóreo. E se isso não bastasse para se gabar, ele tem o rosto mais bonito que já vi em um homem, mas ele compensa isso com sua personalidade rabugenta.”

Rayne revirou os olhos enquanto tentava esconder o sorriso e deu a ela um aceno silencioso de reconhecimento antes de virar o cavalo para começar nossa jornada.

Pomona balançou a cabeça para mim, exibindo um sorriso irritado antes de seu olhar se fixar em Mareina, oferecendo a ela um sorriso de desculpas.

"Se você quiser que eu o amarre e amordace para você, é só me avisar."

Não pude deixar de notar o sorriso apreciativo curvando o canto da boca de Mareina.

"O que há com as amarras?" Lokus se intrometeu, sempre o agitador de merda, enquanto estreitava seus olhos verdes brilhantes para ela, embora eu tivesse certeza de que ele sabia a resposta. Pomona, sem dúvida, já os havia informado sobre a pequena adição à nossa tripulação.

Sua pergunta rendeu o olhar furioso de Mareina, e isso me deu uma pontada de alegria, apesar de suas intenções.

“Só um pouco de segurança por enquanto, *Vossa Alteza.”*

Ele abominava quando eu me dirigia a ele como o nobre que ele era. O sétimo filho do próprio Rei de Selcarim, Razael.

Pomona revirou os olhos e saiu cavalgando para se juntar a Rayne.

“Foi uma pergunta válida, seu idiota”, bufou Lokus.

"Tenho certeza de que Pomona já te deu a porra da resposta."

CAPíTULO

VINTE E qUATRO

MARINHA

Você está brincando com fogo, Mareina.

E Apesar do meu ódio por esse homem, havia uma dor crescente e profunda na alma por Nakoa, física, emocional e espiritualmente... E toda vez que ele deixava seu glamour de lado, a necessidade se intensificava 1.000 vezes.

E eu o *odiava*

Ele tinha me *marcado pra caralho* .

Eu queria chorar pra caramba.

O que Malekai diria?

Será que ele ainda me quer?

Engoli as lágrimas, reforçando ainda mais minha determinação de executar meu plano.

Atraia-o… Alimente as chamas da sua luxúria e talvez até ganhe a sua confiança… E então você estará livre.

O único problema com esse plano é que a ligação entre nós ficava impossivelmente mais forte cada vez que eu me abria para ele... E agora eu estava começando a me perguntar se meu plano era... falho.

Sem mencionar…

Eu não fazia sexo há *anos.* Eu tinha certeza absoluta de que fazer sexo com ele não seria nem uma tentação remota.

Ele... me fodeu com seu *rabo.* E devido a essa porra de amarra miserável que inspirou uma luxúria comparável à do veneno, eu *queria* que ele fizesse isso.

Quando ele estava me acariciando , a corda entre nós havia irradiado e zumbido com uma força tremenda. A demanda do vínculo era algo visceral tão poderoso que não admitia discussão. Sem dúvida.

Se eu tivesse alguma esperança de que ele *não fosse* meu *anim gemla* - o termo sanguinati para *alma atada* - elas teriam sido completamente destruídas. agora.

Mesmo agora, meu coração batia forte e firme com o esforço de abafar esse sentimento profundamente perturbador.

Eu precisava falar com o Miroslav. Por alguma razão, ele estava protegendo Nakoa. Por que mais ele me drogaria até ficar inconsciente para me impedir de matar Nakoa? Ou ele estava tentando me proteger ao não assassinar meu próprio companheiro?

Qualquer uma das possibilidades era igualmente chocante.

E por que ele simplesmente não me disse que era meu *parceiro espiritual* ... em vez de fazer isso de forma tão dissimulada?

Porque você não teria escutado. Ele sabe que você ama Malekai.

Sem mencionar que Miroslav provavelmente queria que eu sofresse de *alguma forma.*

Mesmo se eu quisesse ficar com esse desgraçado miserável — o que eu absolutamente *não queria* — como, em nome *de Akash,* escaparíamos da ira de Zurie?

Ela estava esperando que eu lhe trouxesse *o cadáver dele.*

Como se sentisse a turbulência dos meus pensamentos, Nakoa se inclinou, esfregando o nariz delicadamente no meu pescoço, o que foi... tão perturbador quanto desarmante.

Nakoa riu como se pudesse ler meus pensamentos. Seu pau pressionou firmemente contra meu traseiro e minha coxa, onde estava preso pelo tecido de suas calças.

“Você pode não *querer* me querer, mas isso não muda o fato de que você *precisa* de mim. Que você *sofre* por mim. Assim como eu sofro por você. Em breve, eu farei você florescer para mim, pequena rosa.”

A ansiedade se agitou em meu estômago, sabendo que suas palavras eram verdadeiras, e aquela dor profunda entre meus ombros queimava.

Não consegui deixar de soltar uma risada sem graça.

“Uma rosa com muitos espinhos.”

Senti os lábios de Nakoa se abrirem contra meu pescoço em um sorriso.

“Oh, *maha mo'ina li'ili* … Seus espinhos são minha parte favorita.”

Algo como um arrepio percorreu meu coração, como se ele tivesse acabado de cinzelar outro pedaço da pedra que o protegia... Apesar do fato de que algo em suas palavras me fez lembrar das palavras de Zurie quando ela fez Malekai sangrar para arrancar suas presas.

Por horas depois disso, minha mente se retorceu em um labirinto incompreensível de pensamentos e possibilidades. Nenhum dos quais me deu qualquer sensação de paz.

Eu já tinha desistido de tentar sentar ereto há muito tempo para não ter que me torturar me inclinando para Nakoa enquanto cavalgávamos. Ficar sentado nesse ângulo estranho enquanto tentava manter uma distância mínima entre nós tinha se mostrado exaustivo. Minhas nádegas e parte inferior das costas estavam *pegando fogo.* Para piorar ainda mais as coisas, embora eu tivesse me acostumado à privação de sono, o balanço do cavalo e o manto de escuridão que nos cercava estavam me embalando para dormir, apesar da conversa e das risadas de Nakoa e seu *olana kah'hei.*

Por fim, minha força de vontade perdeu a batalha contra a exaustão, e eu sucumbi à tentação dos braços poderosos de Nakoa. Algo com que ele me recompensou pressionando um beijo terrivelmente terno no topo da minha cabeça. Caí em um sono profundo, embalado em seu abraço, e mais uma vez me vi na escuridão cintilante do meu recorrente...

Aquela voz calma que fazia cada molécula do meu corpo tremer sob seu poder sussurrou, rugiu e cantou em minha mente:

"O ziton irini feri polemon, al o kaloumenos 'O Vasiléfs mou' synaxi. Protá dio emisfaíria tou auto olo én genisete, ke tote panta pesite."

“Aquele que busca a paz trará a guerra, mas é aquele que você chama de 'Meu Rei', que unirá. Se duas metades do mesmo todo se tornarem uma, todos os seus reinos cairão.”

O sonho terminou abruptamente ao som da voz profunda de Nakoa, amplificada pelo seu peito pressionando meu ouvido.

Meu coração disparou por ter sido arrancado disso… As palavras ecoando em minha mente…

Meu Rei.

O mal-estar se apoderou de mim como trepadeiras.

“Estamos montando acampamento, maha loha,” Nakoa murmurou suavemente contra aquele ponto sensível logo abaixo da minha orelha. Os braços de Nakoa ainda me mantinham firmemente aconchegada contra seu peito, suas coxas poderosas embalando meu traseiro enquanto eu estava encolhida em seu casulo de calor. Eu não dormia tão profundamente em... Bem, fora a *assistência da raiz grá* na noite anterior, mais do que eu conseguia lembrar.

Diante do meu silêncio, Nakoa olhou para mim, franzindo a testa enquanto observava minha expressão pálida.

“… Sonhos estranhos?”

Minha garganta se esforçou para engolir em seco.

"Quanto tempo eu dormi?", perguntei asperamente, limpando rapidamente a baba do meu rosto que havia criado uma mancha molhada no centro da camisa de Nakoa, esperando que ele não percebesse.

“Cerca de 5 horas”, ele respondeu, inclinando a cabeça para baixo para descobrir o ponto escuro.

“Oh, querida, você me deixou um presente! Que fofo”, ele provocou em um tom surpreendentemente alegre que fez meus olhos se estreitarem. “Eu nunca mais vou lavar essa camisa.”

Ele arqueou uma sobrancelha preta e perfeitamente arqueada para mim, a voz baixa. “Você prefere minha crueldade então?”

“Eu *prefiro* a honestidade… Você ser legal me faz sentir como se estivesse apenas tentando me manipular.”

Nakoa riu. “Hmmm… Bem, se você quer que eu seja completamente transparente, estou dividida entre queimar a camisa porque eu deveria odiar você ou ficar com ela e nunca lavá-la para que eu possa sempre ter alguma parte de você comigo.”

Bem... Eu não tinha ideia de como deveria me sentir sobre isso.

Antes que eu pudesse formular uma resposta coerente, Pumpkin parou, e Nakoa desmontou, deixando-me sozinho com meus pensamentos conflitantes por vários momentos até que ele me puxou para seus braços e me carregou até onde o acampamento já estava quase todo montado.

com chifres de Famei . Quase dei uma olhada dupla ao vê-los. Ele deve tê-los enfeitiçado anteriormente. Sem os dois chifres em espiral e de aparência letal que se projetavam do topo de sua cabeça através dos cachos curtos e apertados de cabelo escuro, ele era ainda mais alto que Nakoa,

embora sua forma fosse mais ágil. Os chifres, no entanto, facilmente adicionaram um pé e meio extra. De costas para nós, ele espalhou algumas sementes no chão antes de pairar as mãos sobre o solo. Alguns momentos depois, a flora cresceu exuberante e explodiu com flores maduras, frutas e vegetais em questão de segundos.

Meus lábios se abriram em admiração.

Nakoa mencionou que ele era Orisha, o que se tornou óbvio simplesmente olhando para ele. A maioria dos Orisha era sobrenaturalmente alta e talhada com músculos ágeis que lhes davam uma certa graça, mas eram seus olhos que gritou *outro.* Ao contrário das íris prateadas iridescentes de Miroslav que eram quase tão claras quanto o branco de seus olhos, os olhos de Famei *brilhavam* como o amarelo pálido e o laranja de uma chama.

Nakoa *fez* uma cadeira existir na nossa frente antes de me colocar nela e me deixar para que ele pudesse ajudar a terminar de montar o acampamento - o que, até onde eu podia ver - era bem extravagante. Eu presumi que estaríamos passando por momentos difíceis - dormindo em sacos de dormir, expostos aos elementos.

Uma faixa de pele pálida e musculosa chamou minha atenção por entre as árvores. Roderick estava parado no meio da floresta, tirando suas roupas. Eu senti apenas um pouquinho de culpa por não ter me incomodado em lhe dar privacidade enquanto ele desabotoava o cinto e saía das calças para liberar um pau surpreendentemente *grande* , apesar de estar flácido.

Minhas sobrancelhas saltaram.

Bom para ele.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, seus olhos se ergueram para os meus, e o calor subiu para minhas bochechas. Um sorriso cúmplice curvou seus lábios, mas ele parecia completamente perplexo. Lykos eram notoriamente liberais quando se tratava de nudez.

Foi o trabalho de momentos fugazes antes que ele mudasse completamente para sua forma de lobo - uma forma de lobo maior do que qualquer outra que eu já tinha visto. Ele saiu em um borrão de pelo cinza e branco, desaparecendo na floresta escura.

Nakoa apareceu de sua tenda, um instrumento de cordas na mão e sentou-se ao meu lado. Dedos familiares começaram a dedilhar e dedilhar uma harmonia que quase instantaneamente fez essa dor no meu peito se intensificar. Em instantes, a beleza disso até fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Tudo dentro de mim ansiava, chorava, para cantar… Mas eu sentia como se aquela parte de mim tivesse sido tão cortada depois de tudo o que tinha acontecido quando eu cantava na frente de uma plateia. Não importa quão pequena.

A emoção obstruiu minha garganta, e eu tive que forçar meu olhar para longe, a atenção retornando para a fogueira enquanto Pomona se esgueirava ao lado de Famei. Ele se virou para encará-la, sorrindo uma milha de

largura, com nada além de amor e adoração em seu olhar. Aquele olhar sozinho, apesar de não ser direcionado a mim... Quase roubou meu fôlego.

Eu queria isso.

E eu só precisava escapar pra caralho pra poder voltar pra Malekai. Meu arrependimento pesava como uma maldita pedra jogada no mar porque agora... Eu não conseguia deixar de sentir que era tarde demais.

Meu desejo por ele era tão poderoso quanto essa corrente esquecida pelos deuses que me prendia a Nakoa.

Famei arrancou um galho ostentando delicadas flores brancas e pervincas em forma de lágrima e ofereceu a ela. Um sorriso surgiu em seu rosto enquanto ela inalava sua fragrância antes de ficar na ponta dos pés e pressionar um beijo demorado em sua boca cheia.

“Eu te amo mais do que a própria vida”, ela sussurrou suavemente de uma maneira casual e doce.

Famei segurou suas bochechas com suas mãos longas e pressionou beijos em sua testa, nariz e boca. Foi só então que notei as marcas distintas, brilhantes e *ligadas à alma*, tecendo em torno de suas mãos e pulsos como uma luva.

“Você é a única razão pela qual eu ainda respiro”, ele murmurou reverentemente.

A emoção cresceu em seus olhos, mas ela a respirou para longe, pressionando um beijo rápido em seus lábios antes de se virar para me encontrar olhando abertamente para eles. Embora talvez um pouco melodramático, especialmente para alguém como eu... A seriedade em suas palavras, a ternura e o amor em seus olhares... Eu nunca, em toda a minha vida, testemunhei uma demonstração tão terna de amor.

Minhas bochechas coraram de culpa e vergonha enquanto meu olhar se voltava para a fogueira.

Pomona caminhou em minha direção, sorrindo calorosamente, e sentou-se ao meu lado.

“Desculpe… Eu não queria ficar encarando… Eu só… Acho que nunca testemunhei algo assim.”

Ela inclinou a cabeça para me estudar, seu sorriso desaparecendo.

“Sinto muito em ouvir isso. E você não tem nada pelo que se desculpar. Eu fiquei olhando para você durante a maior parte da nossa jornada até aqui.”

Surpreso com sua franqueza, meus olhos se ergueram para os dela. Antes que eu pudesse responder, ela colocou o ramo de flores em minha mão.

“Flores Ereni… Elas são minhas favoritas. Dizem que afastam espíritos e energias obscuras. Trazem paz e calma para aqueles que as mantêm por perto e respiram seu perfume.”

Hesitei, meu olhar se voltou brevemente para Famei. “Mas ele não os deu para você?”

“Ele me dá todas as vezes que paramos para acampar. E tem muito mais. Guarde-os com você. Estamos felizes em ter você... Estou feliz *em ter você,” ela sussurrou a última parte, inclinando-se para frente em meu ouvido, “Você é o leath-anama* de Nakoa . Sua alma-metade.”

Minha respiração parou. “Ele te contou isso?”

Ela sorriu, seus vibrantes cachos vermelhos balançando. “Eu tenho uma sensação sobre essas coisas... mas ele confirmou,” ela disse, inclinando a cabeça para Nakoa e sorrindo. Os dedos de Nakoa pararam brevemente contra seu instrumento, o olhar buscando minha reação antes que ele silenciosamente retornasse à sua música.

Pomona se levantou antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa.

“Resistir apenas prolonga dolorosamente o inevitável”, ela acrescentou, seus olhos vagando de volta para Famei, “Eu descobri isso da maneira mais difícil…”

Fiquei imaginando qual teria sido a história da união deles enquanto levava o galho ao meu nariz, enchendo-o com a fragrância floral divina e delicada da flor ereni. Pomona saiu andando, desaparecendo dentro da tenda no momento em que Famei se virou para um caldeirão que ele *quis* que existisse entre nós. Ostentando uma variedade de vegetais exóticos e recém-colhidos em suas mãos, ele começou a trabalhar enquanto seu olhar disparava para cima para me encontrar observando-o. Um sorriso curvou sua boca cheia, brilhante e luminoso contra sua pele escura que parecia ter um brilho próprio. Seu sotaque era forte, sua voz um barítono caloroso.

“Com fome? Vou fazer um ensopado tradicional *de Yatól . Simples e rápido, mas delicioso e nutritivo.”*

Meu estômago roncou em resposta antes que minha boca pudesse, fazendo o sorriso de Famei se alargar. Gigante gentil, de fato. Semelhante a Roderick, ele irradiava calor e gentileza. Tanto que ele era involuntariamente, desarmantemente charmoso. Isso tornava difícil para mim imaginá-lo fazendo qualquer coisa além de nutrir aqueles ao seu redor. Embora eu soubesse que não deveria presumir tal coisa.

“Você se importa se for picante? Acho que os pratos *de Yatól* não são bem os mesmos sem ele.”

“Eu *adoro* comida apimentada.”

Enfiei o pequeno galho de ereni na blusa do meu vestido enquanto Famei colocava seus vegetais em uma panela antes de se virar de volta para seu jardim milagroso e colher uma grande fruta roxa e amarela de aparência sobrenatural. Conforme ele se aproximava, seu aroma doce, picante e floral fez com que a saliva se acumulasse na minha boca.

“Aqui, você pode comer isso enquanto espera”, ele disse, cortando um grande pedaço da carne macia, pingando suco aos meus pés.

"Obrigado."

Arranquei o pedaço dos dedos dele e coloquei tudo na boca. O sabor — doce, cremoso, picante e floral — explodiu na minha língua, me fazendo gemer.

Eu ri tanto de surpresa quanto de completo espanto. “ *Oh, meus deuses.* Nunca provei nada tão divino. ”

Famei sorriu ainda mais, colocando um pedaço suculento na boca antes de cortar mais alguns para mim e deslizar a grande semente no centro dela para uma bolsa que pendia na lateral do quadril. “Isso a fruta é chamada *bujera* . Ela cresce apenas nas montanhas de *Yatól* , nas partes mais densas da floresta. É a minha favorita.”

“Estou me mudando para *Yatól* agora”, brinquei, limpando o suco do rosto enquanto mastigava.

O dedilhar de Nakoa foi interrompido instantaneamente, e ele estreitou os olhos em minha direção.

A risada de Famei era calorosa e desenfreada, causando uma pontada de desejo em mim... Eu provavelmente poderia contar nos dedos de uma mão as ocasiões em que ri tão livremente nos últimos... sei lá quantos anos.

Cada uma dessas ocasiões com Malekai.

Roderick, ainda em sua forma de lobo lykos, apareceu entre as árvores e deixou um veado adulto aos pés de Famei, que o recompensou com um carinhoso tapinha lateral.

Roderick se aproximou e, para minha surpresa, sentou-se diretamente na minha frente e colocou sua cabeça enorme no meu colo. Seu focinho cutucou minha mão, parando apenas quando finalmente comecei a passar minha mão sobre sua cabeça e orelhas.

Akash, seu pelo é como seda.

Os olhos de Roderick se fecharam e juro que ele sorriu.

O olhar de Nakoa caiu ao ver a cabeça de lykos de Roderick descansando no meu colo. Seus olhos se estreitaram para ele antes de se moverem rapidamente para os meus.

Famei riu, resgatando-me de seu olhar acusatório.

“Como você se sente sobre isso, irmão? Talvez ela encontre um bom Orisha macho que ficará mais do que feliz em remover essas amarras para ela,” ele provocou Nakoa com uma alegria enganosamente inocente enchendo seus olhos brilhantes.

O olhar de Nakoa me atingiu com uma expressão intensa, porém indecifrável, no rosto.

“Se ela deseja a morte de alguém, ela só precisa pedir.”

"Você não pode estar falando sério", bufei.

Nakoa, me carregando em seus braços, cantarolou seu prazer com meu protesto. Novamente, era um som alegre... Me fazendo pensar, se não fôssemos os maiores inimigos um do outro, se é assim que ele seria. Alegre e brincalhão...

Ele entrou em sua tenda de lona, com um grande, mas singular, palete de peles no centro.

“Qual é o problema, princesa? Não me importa o quão alto você ronca.”

“Eu *não* ronco.”

“Você fez ontem à noite. Suavemente… Foi… terrivelmente adorável.”

Minha garganta de repente ficou seca, franzindo a testa em resposta assim que Nakoa me jogou no palete de peles. O pequeno galho de ereni esfaqueou meu peito com o movimento. Eu o retirei, sentindo sua fragrância inebriante.

“Você guardará isso em algum lugar seguro para mim?”, perguntei a contragosto.

Nakoa levantou uma sobrancelha.

“Pomona me deu.”

Nakoa me estudou por um momento, como se estivesse surpreso com meu pedido. Depois de alguns momentos, ele finalmente pegou o galho de mim, cheirando as flores antes de *descartá* -lo.

“Pomona é a pacificadora do nosso grupo e uma das pessoas mais gentis que já conheci. Só tem paralelo com seu companheiro, Famei… Acho que você e Pomona poderiam se tornar amigas próximas… Apesar do ódio entre nós.”

Ele pontuou suas palavras me dando um sorriso diabólico e uma *piscadela.*

A tensão aumentou em meu peito…

Como ele ousa ser tão charmoso?

Só consegui evocar um leve desgosto e optei por permanecer em silêncio.

Como se tentasse me desarmar completamente, Nakoa puxou sua camisa, expondo sua forma verdadeiramente de dar água na boca. Pele bronzeada salpicada de cicatrizes e coberta de tatuagens cobria grossas cordas de músculos. Uma onda de calor floresceu em meu corpo traidor assim que Nakoa olhou para cima de onde estava desabotoando seu cinto para encontrar meus olhos *fixos* nele. Um sorriso presunçoso curvou sua boca marcada.

Minha carranca aumentou ainda mais enquanto minhas bochechas coravam.

"Você me enoja", menti, meu tom inexpressivo e nem remotamente convincente.

Mentir nunca foi meu forte.

Minha mentira só serviu para ampliar seu sorriso enquanto ele dava um suspiro melancólico. *“Eu posso dizer, lohane thili.* O cheiro que você exala quando está é totalmente de dar água na boca… Eu terei que garantir que você esteja… constantemente *enojada.”*

Eu fervia silenciosamente, recusando-me a dar a ele a satisfação da minha submissão abaixando meu olhar. Ele sabia o que estava fazendo. Teria sido mais fácil para ele simplesmente *querer* um pijama sobre seu corpo *repugnantemente* magnífico. Em vez disso, ele escolheu deliberadamente me provocar com esse strip-tease.

Minha respiração ficou presa quando ele deslizou suas calças além de suas coxas poderosas, dando espaço para aquele comprimento longo, grosso, bronze escuro e *totalmente ereto* se libertar de seus limites. Ele cantarolou seu prazer, olhos semicerrados.

“Posso sentir o peso do seu olhar como um toque físico, *mo'ina li'ili* …”

A tensão entre nós aumentou, garganta seca trabalhando em uma engolida áspera. Era segurar seu olhar e provocá-lo... ou silenciosamente admitir a derrota, finalmente desviando meu olhar.

Meu olhar se voltou para um redemoinho de paisley no tapete que cobria o chão da barraca enquanto eu tentava desesperadamente reprimir essa necessidade que crescia dentro de mim e prontamente juntei minhas pernas.

Exigências de almas presas ao caralho.

Embora não tenha feito nada para mascarar o cheiro da minha excitação que já perfumava o ar.

As narinas de Nakoa se dilataram novamente enquanto ele emitia um rosnado baixo, o branco de seus olhos sangrando em preto. A visão deveria ter sido desagradável, no mínimo... Era uma característica sobre a qual eu só tinha lido em várias espécies de portadores. Em vez disso, isso apenas me atraiu ainda mais para ele. Para minha alma, parecia.

"Você foi provocado tanto hoje, amiguinho... Você deve estar meio louco de desejo por mim agora..." Ele sussurrou numa voz que fez minha boceta apertar de desejo.

“Vai se foder. Não posso evitar que esse vínculo amaldiçoado exija coisas que meu coração e minha mente rejeitam.”

“Quer você esteja ou não pronta para admitir, precisamos uma da outra, Mareina. É o caminho dos que *têm almas presas* , e não há como negar, não importa o quanto tentemos. Há uma razão pela qual estamos *fadados* . E eu escolho ter fé na onisciência *de Akash* ... Eu tentarei o meu melhor para perdoar seus pecados... *Por mais miseráveis que sejam*... Eu só peço que você me perdoe, os meus..."

Meu maxilar permaneceu firmemente cerrado enquanto eu tentava, em vão, criar uma refutação.

Nakoa pegou seu pau agora em suas mãos e o acariciou lentamente. Uma, duas vezes, e então colocou seu punho firme em volta da cabeça e apertou. O fluido viscoso e claro de seu pré-sêmen pingou dele, alcançando o chão. Eu tive que abafar o gemido que subia pela minha garganta.

“Além disso... Como eu poderia esperar resistir àquela sua boceta linda, sabendo o quão encharcada ela está por mim. Eu posso sentir o cheiro da doçura dela daqui... E isso está me deixando louco pra caralho . ”

Eu só conseguia observar, prendendo a respiração, enquanto Nakoa se aproximava da cama até que seu pau estivesse a poucos centímetros do meu rosto, onde ele estava parado perto da beirada da cama, me encarando, parecendo um deus das trevas.

Minha boca, literalmente, começou a salivar ao vê-lo, e não consegui desviar o olhar.

Malekai. Você ama Malekai, eu me repreendi.

E como diabos eu vou escapar e retornar para Malekai?

Confiança. Ganhe a confiança de Nakoa.

Meu coração batia forte de medo, frustração e... admito, luxúria... Enquanto eu internamente guerreava comigo mesmo se deveria ou não mergulhar da beirada desse penhasco... A necessidade desesperada, retorcida e contorcida que *exigia* que eu deixasse Nakoa me reivindicar rugia dentro de mim para... que eu cumprisse esse maldito vínculo - implorava para que eu cedesse. Mas meu coração, minha mente e a parte da minha alma que *não estava nem um pouco* ligada a ele *lamentaram* seu protesto.

E minha lógica me disse que continuar resistindo e vomitando meu ódio em direção a ele só me manteria nessas amarras. E se eu tivesse alguma esperança de escapar, eu tinha que fazê-lo me libertar delas.

A mão de Nakoa começou a acariciar firmemente seu pau. Ele parecia estar me devorando com seu olhar *e* testemunhando meu debate interno.

“Você não precisa decidir tudo agora, Mareina. Por que não me deixa cuidar de você? Então talvez você seja mais capaz de tomar decisões racionais.”

Sem nem perceber que meus lábios estavam entreabertos, como se estivessem se preparando para dizer *sim*, fechei o maxilar com força, sufocando a resposta que eu tinha, pronta para sair dos meus lábios.

A mão de Nakoa começou a acariciar com força, arrancando sons molhados do pré-sêmen que agora o cobria, enquanto ele continuava tentando me empurrar para além da minha linha de indecisão.

“… Para eu chupar esse seu lindo clitóris enquanto eu provocava sua entrada com meu rabo… Você gostaria disso? Eu faria você jorrar para que eu pudesse beber até a última gota. E então, e somente então, eu teria meu próprio prazer. Abriria essas coxas doces, os pequenos lábios macios da sua boceta, e deslizaria meu pau dentro de você. Esticaria você e te preencheria… Acariciando seu clitóris enquanto eu me apalpava lentamente dentro de você enquanto seu canal apertado se ajustava ao meu tamanho.”

Sua respiração ficou irregular enquanto seus golpes se tornavam mais fortes e rápidos.

“Eu te provocaria e te foderia até que a única palavra que você lembrasse fosse meu nome…”

Ele rosnou, diminuindo o ritmo de suas investidas como se quisesse se aproximar, seus olhos segurando meu olhar o tempo todo. Meus dedos agarraram as peles abaixo de mim...

“Deite-se, Mareina… *Agora.*”

A excitação, poderosa e avassaladora, queimava através de mim, presas pulsando e boca salivando. Duas vezes, apenas algumas horas atrás, ele me levou à beira do orgasmo, e parecia que meu corpo *não tinha* esquecido.

Ele rosnou para minha indecisão, apesar da necessidade pulsando pelo meu corpo. Eu gritei quando a cauda de Nakoa varreu minhas pernas para fora de mim e me deitou de costas. O choque me encheu quando minhas roupas foram *tiradas* . Eu não podia fazer isso... Por mais que eu desejasse, eu não podia—

“Nakoa, não —

"Cale a boca e me dê essa porra dessa buceta", ele rosnou, ajoelhando-se na minha frente, pegando as amarras em volta dos meus tornozelos com as mãos e levantando minhas pernas até que meus joelhos estivessem dobrados de cada lado dos meus seios.

Um grito saiu dos meus lábios quando a boca de Nakoa desceu sobre mim como um macho sofrendo de fome. Sua língua mergulhou em minhas dobras, lambendo toda a minha umidade como se fosse sua única fonte de sustento antes que seus lábios envolvessem o botão pulsante do meu clitóris e *chupassem* .

Minhas costas arquearam, e eu gritei, minhas mãos amarradas se esticando para agarrar seu cabelo como se isso fosse me impedir de levantar as peles completamente. Seu ronronar retornou, irradiando para sua boca. Justo quando eu pensei que não poderia ficar mais intenso, sua cauda provocou meu núcleo. As vibrações vindas dela eram surpreendentemente poderosas enquanto acariciava minha entrada antes de deslizar suavemente para dentro de mim, me esticando. O apêndice era grosso e liso, sua ponta arredondada.

Entre os lábios, língua e cauda de Nakoa, pensei que minha mente e meu corpo iriam se despedaçar tão completamente que eu nunca seria capaz de me recuperar. Os pedaços quebrados de mim se espalharam, para nunca mais serem reformados como antes.

“Você está completamente *enojado,* pequeno pesadelo?”

Minhas pernas tremiam quando ousei olhar para baixo, para onde ele olhava para mim enquanto continuava a me devorar como um maldito banquete, um sorriso de lobo inclinando seus lábios. Algo aterrorizante puxou meu coração... Aquela corda entre nós.

Eu estava tão *enojado* que mal conseguia falar. Cada parte da minha frase pontuada por um gemido, choro, contorção ou dos meus quadris.

“Eu … ugh!… nunca… estive mais … ”

Minha respiração ficou curta enquanto eu forçava o resto das minhas palavras a saírem...

“… enojado… oh merda!”

Contorcer-se.

“Na minha…”

Impulso.

"… Inteiro …"

Contorcer-se.

“Porra…”

Impulso.

"… Vida."

Um gemido profundo se juntou à sua risada gutural e aos ruídos obscenos e molhados que acompanhavam seus cuidados vigorosos e *completos* .

“Mmmmm… Boa menina…”

Satisfeito com suas palavras, meu núcleo se apertou em volta de sua cauda. Depois de toda a frustração reprimida e excitação que tinha se acumulado o dia todo, meu orgasmo se construiu rápida e impiedosamente.

“Eu ainda odeio… você, porra.”

Outra risada rouca e segura de si enquanto seus lábios sugavam meu clitóris e então o liberavam com um *estalo suave.*

“Contanto que você saiba a quem pertence essa boceta.”

Como se para provar seu ponto, a boca de Nakoa retornou ao seu núcleo com fervor intensificado; sua mão livre subiu para provocar meus mamilos, e foi minha ruína. Fluido correu do meu núcleo, fazendo com que o empurrão de sua cauda dentro de mim fizesse sons de esmagamento embaraçosos. Nakoa rosnou de prazer enquanto continuava a me devorar.

“Mmmmmm… Deuses, sim. Tão gostoso, lohane thili.”

Meus quadris se moveram contra ele em um apelo silencioso por misericórdia, ao qual ele concordou.

Os esforços de Nakoa diminuíram, sugando e provocando suavemente meu clitóris entre passadas largas e firmes de sua língua para limpar as evidências do meu orgasmo.

Oh.

Meu.

Porra.

Esse foi… possivelmente o melhor orgasmo de toda a minha vida.

Não que eu *ousaria* dizer isso a ele.

Nakoa soltou um profundo zumbido de prazer enquanto se levantava e se esticava sobre o palato de peles.

À medida que a névoa da luxúria começou a se dissipar, a percepção do que tinha acontecido começou a se estabelecer. Minhas mãos amarradas se estenderam para cobrir meus seios, mas seu rabo afastou minha mão.

"Não ouse, porra *"* , Nakoa rosnou enquanto seu rabo se enrolava em volta do meu torso, me arrastando para o lado e contra seu peito largo.

As velas na tenda se apagaram e senti as peles sendo puxadas sobre nossos corpos.

Fiquei ali, colado no lugar no estrado de peles, enquanto o medo se instalava baixo em minha barriga. Três guerras travadas em minha mente e meu coração.

Eu nunca tinha sido *segurada* por um homem assim. Nenhuma barreira entre nós, nua e agarrada em braços poderosos como se eu fosse alguma... *Coisa querida.* Eu tinha passado uma vida inteira desejando isso. E parte de mim - o vínculo - desmaiou e inchou com a retidão disso. *Dele.*

Outra parte de mim se enfureceu contra isso. *Recuou.* A ideia e a sensação física de ser tocada por qualquer pessoa que não fosse Malekai pareciam tão fodidamente erradas.

E agora eu sentia que a oportunidade de estar com ele havia sido esmagada dentro do punho apertado e implacável desse vínculo... O arrependimento pesava como uma âncora em uma trincheira enegrecida sob o mar.

Longe do sopro precioso e vivificante que enche meus pulmões e da luz do dia que nutri minha alma.

Tudo por causa do *medo* e da minha autoaversão profundamente enterrada... De que eu não merecia esse tipo de felicidade.

Então aqui estava eu, presa em uma prisão de braços fortes e implacáveis que ameaçavam me despedaçar e roubar os fragmentos do meu coração que sobreviveram por causa de um único homem... *Malekai.*

Mas *eu precisava* ganhar a confiança desse macho para que ele me libertasse.

O conhecimento deu origem a um medo totalmente novo, crescendo e crescendo como uma maré sendo sugada de volta por forças invisíveis abaixo das profundezas antes de atingir uma altura terminal que ameaçava me esmagar sob seu peso. Arraste-me para baixo e force seu caminho para dentro dos meus pulmões e de cada célula do meu corpo.

E por último... Eu poderia matá-lo? Zurie não aceitaria o fracasso. Ela exigiu que eu trouxesse seu corpo morto para ela. Por mais desesperado que eu estivesse para escapar dele... Por mais que eu o ressentisse... Este macho era a outra metade da minha alma. Eu não sabia o suficiente sobre as leis dos *ligados à alma* para saber com certeza quais seriam as consequências, mas...

Uma sensação nauseante de mau presságio me enchia toda vez que eu tentava me imaginar caminhando por aqueles passos angustiantes até a morte de Nakoa - e retornando para Zurie... Para simplesmente continuar naquele caminho desgastado e sem saída que eu agora reconhecia claramente ser a entrada para uma tumba que eu mesmo criei...

A ideia de matar Nakoa… *E* retornar à minha antiga vida…

Era como roçar a bainha do manto da morte... chamando sua atenção letal e chamando-o para mais perto, com uma promessa sussurrada de esquecimento em seus lábios.

O pânico apertou minha garganta, junto com o peso esmagador de um medo que eu tinha certeza que faria meu esterno ceder.

Onde diabos estava Miroslav?

Ele tinha perguntas para responder!

E aqui estava eu, amarrado e sequestrado. Certamente, isso poderia ser considerado "dano" e ia contra seu voto.

“Posso *sentir* sua batalha interna como se você estivesse me cortando com sua espada, Mareina. Deixa pra lá. Pelo menos por enquanto. Vamos dormir. Temos um longo dia amanhã.”

Com meu silêncio, Nakoa começou a acariciar meu cabelo. A ação terna de repente fez meus olhos arderem com lágrimas não derramadas. Mesmo sendo meu inimigo, precisei de tudo dentro de mim para não virar em seus braços e enterrar meu rosto na parede reconfortante e musculosa de seu peito para chorar.

Como se estivesse lendo minha mente, ele me virou e levantou meu queixo com seu polegar antes de segurar meu rosto, segurando meu olhar para testemunhar as lágrimas escorrendo por minhas bochechas. Ele observou a descida delas, como se estivesse hipnotizado pela visão, antes de enxugá-las com seus polegares.

“Que tal fazermos um acordo, hein?”

A tensão no meu corpo ficou rígida novamente.

“Que tal durante o dia e a noite você pode me odiar o quanto quiser, e nós podemos queimar um ao outro com toda a ira que pudermos reunir um pelo outro, tanto quanto desejarmos... Mas à noite... *Aqui*... Seja em *nossa* cama ou em um palete de peles no chão da floresta... Onde somos apenas nós, e o espaço entre nós é reduzido a esta barreira feliz de carne - a única coisa que separa minha alma da sua - vamos buscar consolo um no outro como devemos...”

O único som entre nós era o som de nossas respirações silenciosas e compartilhadas e minha garganta agora seca engolindo outra onda crescente de medo e emoção.

" *Por favor…"*

Eu não conseguia falar... Mesmo que uma parte de mim — aquela parte de mim que eu sabia que pertencia a ele, mas se recusava a dar — *ansiasse* que eu dissesse *sim.*

Embora ele sem dúvida pudesse sentir isso através de nossa ligação, com meu peito nu roçando o dele a cada inspiração.

Seu rosto abaixou gradualmente para o meu como se me desse a oportunidade de pará-lo. Foi o lampejo de vulnerabilidade e... *esperança* em seu rosto que me impediu de negá-lo.

Seus lábios roçaram suavemente os meus... Tentativos... Procurando... *Esperançosos*...

Meu coração palpitou como um beija-flor pego pelos ventos de uma tempestade…

Ele deu um gemido palpável, e sua mão deslizou do meu queixo para a minha nuca, onde ele agarrou um punhado do meu cabelo. Sua língua varreu contra a costura dos meus lábios em uma pergunta silenciosa. A corda entre nós doía para que eu cedesse, mesmo com a ansiedade percorrendo meu estômago de que *isso não era Malekai.*

A corda brilhou mais forte, fazendo minha respiração ficar presa.

Você tem que ganhar a confiança dele.

Eu cedi, acariciando minha língua contra a dele e segurando seu lábio inferior entre meus dentes, mordendo com força suficiente para tirar sangue.

Por frustração e impotência.

Seu gemido se transformou em um rosnado que fez minha umidade florescer novamente enquanto eu lambia a evidência da pequena ferida. O gosto do seu sangue só me estimulou.

Ele apertou seus quadris contra os meus, e a sensação de seu pau grosso deslizando uma trilha vertical pelo meu abdômen me fez recuar. Seus olhos procuraram os meus por um momento em compreensão antes de ele pressionar sua testa contra a minha.

“Obrigado…”, ele murmurou tão baixinho que não tive certeza se tinha ouvido corretamente.

"Para que?"

“Por me dar esperança.”

Meu coração batia numa batida nova e igualmente forte, que não tinha nada a ver com excitação.

Nakoa deu um último beijo em meus lábios antes de envolver seus braços em volta de mim enquanto entrelaçava nossas pernas.

“Durma, *lohane thili.”*

Oh, deuses…

Eu estava completamente ferrado.

Eu poderia aguentar seu fogo e seu ódio. Isso só cimentaria ainda mais minhas paredes.

Mas isso?

Essa ternura?

Essa ternura pela qual ansiei durante todos os meus 120 anos neste reino... Eu seria impotente contra ela.

CAPíTULO

VINTE E CINCO

NAKOA

Foi a segunda noite consecutiva, eu dormi mais profundamente do que nunca porque minha companheira estava em meus braços. A culpa ao perceber isso me deixou sentindo como se meu estômago estivesse tentando digerir cascalho. Foi uma traição. Esta mulher havia massacrado milhares de meus companheiros soldados... Tinha desempenhado um papel pesado em exterminar a maioria de nossa população. Destruindo e explorando nossas terras.

Eu me forcei a me aproximar dela com toques e beijos carinhosos na esperança de ganhar sua confiança. Ao mesmo tempo, amenizando minha culpa dizendo a mim mesmo que era para que eu pudesse recuperar meu lar para meu povo. Libertar todos nós do exílio.

E, em vez disso, senti minha própria determinação em manter meu ódio por ela se dissolvendo como um castelo de areia na praia.

E foi assustador pra caramba.

A história de Lysander, agora mais conhecida como Kahlohan, contada pela minha mãe, e a história de Akela continuavam a insistir inconvenientemente na minha mente toda vez que eu tentava fortalecer minhas emoções e meu coração contra ela.

Você torturou e matou mais companheiros dela do que pode contar, meu Saber cuspiu em mim.

Ignorei o lembrete deliberadamente.

E esse olhar…

O jeito que ela olhou para mim... Como se ela nunca tivesse experimentado tanta intimidade e ternura antes... Isso também me consumiu por dentro porque, por mais que eu detestasse admitir... Minha alma doía para dar isso a ela.

Isso também me fez pensar qual era a natureza do relacionamento dela com aquela fada loira que eu não suportava nem de longe ver.

Outra verdade inconveniente que meu Saber me impôs, juntamente com a lição de história em relação às suas *origens*... Eu sabia que Mareina estava morrendo de vontade de se libertar da opressão das tarefas de Zurie. Ela poderia ser... uma aliada poderosa... Se eu apenas permitisse que ela fosse... Ela estava destinada a ser minha Rainha... Outro fato me deixou enjoado do meu estômago.

Enquanto Mareina permanecia dormindo profundamente na minha tenda... Eu passei a manhã explicando a verdade da situação e os detalhes acima mencionados para meu *olana kah'hei*. Eu esperava muito mais resistência deles. O único que parecia, pelo menos abertamente, ressentido era Lokus. O que não foi nenhuma surpresa. Embora o fato de ela ser minha *lohane thili* o tenha feito morder a língua. Isso e o fato de eu tê-lo ameaçado

de agressão física se ele falasse contra ela. Se alguém fosse fazê-la expiar seus pecados, seria eu e mais ninguém. Felizmente, ele saiu sem discussão ou incidente e partiu à nossa frente para explorar a estrada que estaríamos viajando em busca de bandidos.

“Isso está ficando muito velho, muito rápido,” Mareina rosnou, segurando suas mãos amarradas para cima enquanto eu a colocava em cima da Abóbora. Eu pisei o estribo e balancei minha perna oposta sobre as costas da Abóbora, acomodando-me atrás da mulher miserável que estava me fuzilando com os olhos.

Não consegui suprimir o sorriso que se curvou em meus lábios, sentindo um prazer distorcido em sua frustração e impotência contra mim. Reajustando meu pau atualmente estrangulado na perna da minha calça, cantarolei meu prazer com a lembrança dela se submetendo a mim... Amordaçada, amarrada e olhando suplicantemente em meus olhos enquanto eu cuidadosamente dava prazer à sua linda boceta.

“Eu poderia facilmente ter rasgado sua garganta ontem à noite, e não fiz isso. Acho que podemos superar isso sem ter que temer sua vida.”

“Não é meu vida que tenho medo de perder, Mareina. É *você.”*

Ela recuou, me estudando com cautela.

“O que estou perdendo? Diga-me a verdade. Eu posso vê-la pairando ali nas sombras por trás dos seus olhos insidiosos de merda… E não me tente com alguma besteira sobre nós sermos *ligados por almas.* É mais do que isso.”

Formei meu rosto em uma máscara de neutralidade, mesmo que suas palavras tenham me atingido tão profundamente que quase caí.

“ *Você sabe que não pode contar a ela”*, as palavras da minha mãe ecoaram na minha mente…

Se eu contasse a Mareina sobre minhas premonições antes que elas se concretizassem... Ela definitivamente correria na direção oposta. E eu precisava que ela cumprisse nosso vínculo para que eu exercesse um poder que nem mesmo o exército de Zurie poderia resistir.

A *mentira* escorregou dos lábios tão suavemente quanto manteiga contra uma lâmina…

“Um dia, ganharei sua confiança, Mareina… Junto com todas as outras partes de você que são minhas para reivindicar.”

Eu estimulei a Abóbora a agir como se quisesse encerrar esta conversa.

Em vez disso, seus olhos se estreitaram com ainda mais desconfiança.

Porra.

Qualquer outra mulher teria desmaiado…

Justo quando eu pensava que a tinha descoberto, pensando que tudo o que eu precisava fazer era usar um pouco de ternura para abrir as pétalas da minha pequena rosa espinhosa para que ela florescesse para mim...

“Eu quero uma tenda separada… Não tenho desejo de ser submetido às suas manipulações. Se você não puder me dar a cortesia da verdade, então *nunca* haverá nenhuma parte de mim disponível para você reivindicar, não importa com quais palavras bonitas e toques suaves você tente me persuadir.”

Suas palavras foram como um balde de água gelada direto no rosto.

“E, na verdade, falando nisso, se você se recusar a me deixar montar em Chihiro, eu pediria que você me deixasse montar com outra pessoa. Se você deseja ter *alguma* esperança de ganhar minha cooperação em qualquer esquema de merda em que esteja trabalhando, você *terá.”*

Uma mistura de mágoa, raiva e frustração abriu meu rosto em um sorriso frio.

"Não."

Fiquei chocado que minha pele não pegou fogo por causa da fúria dela.

“Bem, nesse caso… Espero que você goste de dormir com um olho aberto, porra.”

A ameaça em suas palavras fez meu pau tremer. Eu sorri amplamente, e quando seus olhos se moveram brevemente para minhas presas alongadas, isso me encheu de uma satisfação sombria. Minha voz caiu para uma voz rouca.

"Se você quisesse que eu engasgasse de novo, querida, tudo o que você tinha que fazer era pedir." Suas pupilas dilataram-se enquanto ela prendia a respiração, certamente se lembrando com clareza vívida da última ocasião em que ela se submeteu a mim.

Seus olhos se voltaram rapidamente para meu *olana kah'hei,* exceto Lokus, que estava cerca de uma hora à frente. Ela permaneceu quieta, embora sua raiva transbordasse em ondas.

O olhar decepcionado de Pomona em seus olhos enquanto ela me encarava tirou um pouco do vento das minhas velas. Famei, o mais um de nós, atencioso e respeitador dos limites, manteve o rosto virado para frente em um esforço cortês de pelo menos *fingir* que não estava ouvindo.

Rayne e Roderick, no entanto, não se incomodaram. Rayne observou atentamente, embora sua expressão estivesse tão ilegível quanto sempre. Roderick, no entanto, estava carrancudo para mim. O ponto fraco que ele parece ter pelo meu pequeno pesadelo arranha minha pele como arame farpado.

CAPíTULO

VINTE E SEIS

NAKOA

Fou nas primeiras horas da nossa jornada, Mareina e eu não falamos. Eu estava perdido em meus pensamentos ou nas visões cada vez maiores...

Que se tornaram desorientadoras e avassaladoras. Várias das quais revelaram momentos durante esta guerra futura que eu estava desesperadamente tentando evitar.

E como diabos alguém pode impedir algo se não consegue nem prever como ou quando vai acontecer?

E embora a última coisa que eu quisesse fosse outra guerra, se isso fosse necessário para derrubar Zurie e libertar meu povo e nossas terras, então que assim seja.

Para piorar a situação, a dor constante no meu peito devido ao nosso vínculo ferido e não realizado estava me levando a um nível totalmente novo de *descontrole* .

As palavras de Mareina — apesar da sensação de desgraça que deveriam ter inspirado — foram como respirar ar fresco depois de ser arrastado para baixo da superfície de um mar tumultuado.

“Zurie me espera depois de amanhã. O que você fará quando ela enviar mercenários atrás de nós?”

Meu Conhecimento me encheu de uma determinação e certeza inabaláveis.

“Exatamente o que eu tenho feito. Construindo The Uprising.”

Ela olhou para mim em descrença. Apenas outra visão se impôs em minha realidade presente.

Mareina parada na beira de um rio brilhante, The River Oblivion. Um campo de grama alta e flores de papoula atrás dela. Dois dos famosos Pharalaki de Mors pairam ao seu lado. Um olhar triste paira pesadamente em seu rosto.

A visão desaparece de repente, deixando-me olhando para *a realidade presente, Mariena.*

O terror invade meus sentidos... Terror que não consigo aceitar.

Não tem como…

Por que ela estaria em Avernus?

O submundo.

Ela morre matando Zurie?

Eu tive inúmeras premonições de Mareina por mais de cem anos antes de conhecê-la. Muitas das quais nem sequer tinham se realizado. Era inteiramente possível que esta não acontecesse por mais centenas.

Perceber isso me faz soltar um suspiro que eu nem sabia que estava prendendo.

A sobrancelha de Mareina franze. “Você está bem?”

Seus olhos procuraram os meus e forçaram o pensamento e uma sensação profundamente perturbadora em mim.

“Sim. Ótimo.”

Ela me lança um olhar estranho, mas felizmente não insiste no assunto.

“E você tem um exército grande o suficiente para se igualar *às dezenas de milhares dela?”*

“ Estamos no bom caminho…”

Não que eu precise depender disso quando conseguirmos cumprir esse maldito vínculo.

“Você poderia me deixar voltar, e eu diria a ela que não consegui te encontrar.”

Apesar da falta de convicção em sua voz, uma dor traiçoeira e totalmente indesejada surgiu em meu peito com as palavras que ela *não* disse. Ela não mencionou nada sobre retornar.

Era exatamente por isso que ela ainda estava amarrada.

Deixei cair meu glamour. Sua inspiração aguda na sensação de nossas almas estarem completamente inextricavelmente ligadas foi um bálsamo para minha alma. Nossa ligação estava ainda mais forte desde a noite passada. O instinto de acasalamento enrolando aquela ligação inquebrável entre nós cada vez mais forte até que colidimos.

“Você *sabe* . Você é tão impotente para isso quanto eu. Quanto mais cedo você aceitar isso, mais cedo poderemos aproveitar nossas vidas juntos.”

As palavras tinham um gosto amargo. Uma mistura de verdade, desamparo e traição de revirar o estômago.

Observei sua expressão cuidadosamente enquanto o eco fraco das palavras do meu Conhecimento retornava a mim... *Resistência é um exercício de futilidade.*

Talvez eu devesse desamarrá-la.

Só isso pode me render a confiança dela.

A esperança, fortemente entrelaçada com a ansiedade, se amontoava em meu peito…

Outra breve visão surge — um doce alívio em relação à anterior.

Mareina e eu estávamos de pé, uma em frente à outra, com as palmas das mãos ensanguentadas juntas, enquanto fazíamos nossos votos diante de uma sacerdotisa.

A visão, embora passageira, ficou gravada na minha mente como um farol de esperança.

Não havia absolutamente nenhuma maneira de avaliar quanto tempo levaria até que uma visão se concretizasse. Talvez a visão anterior de Mareina parada em *Avernus, o submundo de Mors,* não se realizasse por séculos.

Eu não poderia basear minhas decisões no que poderia não ocorrer por centenas de anos...

Embora parecesse totalmente impossível que Mareina e eu fizéssemos nossos votos *de alma* tão cedo, considerando que seu ódio por mim era palpável, mas... Eu aprendi há muito tempo que, não importa as probabilidades, tudo pode mudar em um momento fugaz.

Minha mente racional continuou tentando e raciocinando sobre como isso poderia realmente funcionar. Se eu a deixasse ir sob o pretexto de... *compaixão* e minha própria confiança *nela*... Se ela corresse... Um prazer sombrio se enrolou em mim com a ideia. Meu aperto nela aumentou enquanto meu pau se contraiu com a ideia de perseguir meu pequeno pesadelo... Sem mencionar que poderia dar a ela a oportunidade de ver por si mesma o quão poderosa era a demanda do vínculo...

Principalmente com um vínculo não cumprido... Desde o momento em que nos conhecemos, tentar resistir foi como tentar apagar um incêndio florestal com um copo de água.

"Ela *virá* atrás de nós."

As palavras saíram dos meus lábios como uma nova espécie de traição que se instalou no meu peito…

"Deixe-os vir, *lohane thili.* Não há mundo em que você possa ser tirada de mim. E não tome minhas palavras como tolice orgulhosa. É meu Saber que diz essa verdade. E nunca, em todos os meus anos, esteve errado. Zurie logo terá seu dia de acerto de contas."

Embora minhas palavras fossem absolutamente verdadeiras... Eu as usei com o propósito de manipular minha própria *alma presa* a confiar em mim, em vez de usá-las como palavras de amor e segurança... Como deveriam ter sido.

amiga muito familiar , a vergonha, saiu das sombras da minha mente e foi para os holofotes. Tentar afastá-los era como tentar afastar *fumaça.*

Mareina permaneceu em silêncio, seu olhar fixo no meu. Sua expressão dura, mas ilegível, como se estivesse intensamente focada em encontrar alguma peça perdida de um quebra-cabeça.

Assim que ela abriu a boca para responder, meu Saber formigou na parte de trás do meu pescoço. Meu olhar mudou, passando pela floresta que nos cercava. Gradualmente, o cheiro de uma fogueira flutuou em minha direção. Meu maxilar fechou-se de repente enquanto meu coração começou a bater forte no meu peito.

"Dakrun," eu rosnei, virando minha cabeça em direção a Pomona e Famei que estavam cavalgando mais perto de nós. *Bandidos.*

Famei me deu um aceno brusco antes de deslizar de seu cavalo ainda andando. Sua forma mudou, ossos dolorosamente e rapidamente mudando, estalando e crescendo até que a forma de um enorme grifo prontamente começou a correr e saltou no ar. O golpe de suas asas poderosas causou uma rajada de vento que me fez instintivamente proteger os olhos de Mareina da sujeira e dos detritos que ela sacudia da trilha.

Mareina olhou para mim, refletindo minha própria surpresa.

"Doces deuses…" Mareina respirou.

Grifos eram seres extremamente raros que muitos acreditavam estar extintos ou serem míticos.

“Para onde ele está indo?”

“Para verificar a área para—

Meu Conhecimento me atingiu como uma lança.

Proteger.

Por instinto, curvei meu corpo sobre o de Mareina no momento em que uma flecha atingiu meu ombro, onde sua garganta havia sido exposta no momento anterior.

Um grunhido escapou de mim quando ele perfurou carne e osso.

“Nakoa!” Mareina gritou pouco antes de Pumpkin recuar, quase nos derrubando dela, e sair a galope. Segurei Mareina mais forte contra mim com meu braço ileso, Pumpkin em direção à cobertura florestal próxima. Virei-me para olhar para trás e encontrei Pomona, Lokus e Rayne, ainda montados em seus cavalos galopantes, indo na direção oposta em direção a os bandidos.

“Tire essas amarras abandonadas por Akash de mim!” Mareina gritou sobre o vento e o barulho dos cascos.

Os *sons rápidos* das flechas que quase nos atingiram e foram enterradas nos troncos das árvores ao nosso lado eram como o som de segundos perigosos passando.

A indecisão guerreava dentro de mim sobre se eu deveria ou não levar minha ideia adiante…

“Por quê? Para você poder me matar? Fugir de mim no segundo em que eu te irritar?”

“Para que eu possa te ajudar, seu idiota!”

Muito ocupado rangendo os dentes contra a dor que irradiava em meu ombro, não me incomodei em responder enquanto conduzia Pumpkin para a floresta. Eu tinha tentado *afastar* a flecha, mas ela estava, sem surpresa, protegida de qualquer um que pudesse fazê-lo. Teria que ser removida *manualmente.*

Eu precisava ajudar minha *olana kah'hei.* Embora, juntos, eu soubesse que quem quer que eles encontrassem cara a cara encontraria o próprio Mors logo depois. E eu não estava nem um pouco disposto a cavalgar com ela indefesa amarrada em meus braços e não ousei arriscar que um dos bandidos fugisse com ela.

Mareina agarrou-me pela gola da camisa com as duas mãos, puxando-me para baixo para enfrentar a severidade do seu olhar.

“Deixe-me ajudá-lo. ”

Eu a observei, o choque prendendo minha respiração enquanto seus gloriosos olhos verdes *brilhavam*... Assim como tinham brilhado em minhas visões anteriores.

Conforme suas palavras se assentavam, percebi que *queria* testemunhá-la sendo libertada em toda sua glória sangrenta. Tão profundamente quanto eu sentia a necessidade de protegê-la.

Puxei as rédeas de Pumpkin até que seu galope parou. Meu coração batia furiosamente no mesmo ritmo do de Mareina.

Deslizei para fora da Abóbora, rebocando Mareina em um braço comigo. Atingimos o chão com menos elegância do que pretendíamos, fazendo o ar um suspiro saiu dos seus pulmões, de onde meu braço estava firmemente preso em volta da sua cintura.

Depois de soltar meu aperto nela, ousei olhar para baixo, para meu ombro. Ele não tinha perfurado o outro lado do meu peito, para que pudéssemos cortar a ponta da flecha e puxar a haste de forma limpa.

Em outras palavras, *isso ia doer pra caramba.*

“Preciso que você remova isso.”

A carranca de Mareina se fechou, e ela me lançou um breve olhar de desculpas que me mostrou que ela sabia exatamente o quão doloroso isso seria.

Ela levantou os pulsos amarrados, esperando que eu os removesse.

Meu peito se apertou de ansiedade.

Meu Saber permaneceu em silêncio.

Ouso deixar o destino seguir seu curso?

CAPíTULO

VINTE E SETE

MARINHA

EU podia ver a tensão irradiando pelo corpo de Nakoa com o pensamento de me libertar. Observei enquanto seus olhos se fechavam brevemente, oferecendo uma prece silenciosa a *Akash.* Quando seus olhos se abriram novamente, as amarras em volta dos meus pulsos e tornozelos desapareceram.

A tensão aumentou entre nós quando minha janela de oportunidade para escapar se abriu.

A garganta de Nakoa se esforçou para engolir, segurando meu olhar antes que ele se virasse para me oferecer suas costas. Meus olhos mergulharam na grande adaga embainhada ao seu lado, o cabo inclinado em minha direção como se me acenasse para alcançá-la. Com minha velocidade, e agora minha magia retornada a mim, não havia como Nakoa ser capaz de me parar. Eu poderia matá-lo agora e escapar. Longos e tensos segundos se passaram enquanto eu prendia a respiração - minha janela de oportunidade se fechando rapidamente.

Não era tarde demais para retornar ao palácio…

Fiquei com o estômago embrulhado com a ideia.

Mas que outra escolha eu tenho?

E Malekai estaria lá... Eu não teria Zurie e seu exército atrás de mim por cometer traição. Era a escolha clara e *lógica* .

A ligação entre nós foi encharcada de piche e incendiada, exigindo que eu abandonasse a ideia.

Não. Eu não poderia estar com ele. Eu *não* trocaria um mestre por outro. Ele estava apenas me usando para algum fim invisível.

A voz de Nakoa veio gentilmente, cortando meu tumultuado trem de pensamentos. Suas palavras, a afirmação perfeita.

“Faça isso rápido.”

Com os olhos ainda fixos na lâmina em seu quadril, o farfalhar do tecido atraiu meu olhar para onde ele estava me observando por cima do ombro, com um sorriso irônico nos lábios carnudos.

"Bem?"

Ele está me provocando…

Um mal-estar oleoso infiltrou-se em minhas veias.

Por que ele estaria fazendo isso? Era muito fácil…

Não me incomodei em me mover rapidamente enquanto tirava a lâmina do coldre e a pressionava contra a carne do seu pescoço.

“Boa menina, *lohane thili.* Agora faça o que Zurie te mandou aqui fazer.”

Raiva e frustração cresceram dentro de mim.

Independentemente das manipulações dele, eu *precisava* fazer isso.

Eu *tive* que fazer isso.

“Todos os seus problemas serão resolvidos, Mareina. Apenas faça.”

Apesar do sorriso amargo inclinando seus lábios perfeitos, algo como desgosto brevemente estremeceu seu olhar. Mantendo a lâmina pressionada contra a carne de seu pescoço, me movi para ficar na frente dele.

Faça isso, Mareina.

Naquele último segundo, que pareceu se estender além do tempo, o ar deixou meus pulmões enquanto eu observava minha porta para a liberdade começar a se fechar.

Ele abriu a boca para falar. Antes que suas palavras pudessem se formar, arrastei a lâmina por sua garganta. Sangue espirrou na minha frente. Ele caiu de joelhos, segurando sua garganta.

Essa fera que havia despertado dentro de mim rugiu sua fúria no mesmo ritmo da dor ofuscante que nos dilacerou.

Um sorriso torto se abriu em seu rosto quando seus olhos negros encontraram os meus.

Suas palavras saíram num meio sussurro.

“Olha como você é linda coberta pelo meu sangue.”

Lágrimas encheram meus olhos ao vê-lo, fazendo seu sorriso se alargar mais. Apesar de toda a dor e perda de sangue, ele ainda conseguiu aquele olhar de satisfação masculina presunçosa.

“Vê como você precisa de mim?”

Minhas palavras saíram forçadas. Um sussurro gutural e rachado.

"Foda-se."

"Não até você me implorar."

Nakoa cambaleou, apoiando-se no chão com uma das mãos.

Meu coração batia furiosamente em meu coração, sabendo que seria preciso mais do que isso para matá-lo. Nakoa se forçou a ficar de pé.

Eu me preparei e dei um pequeno passo para diminuir a distância entre nós.

Ele olhou para mim como um garoto apaixonado, claramente muito mais perturbado do que eu imaginava.

Pressionei a lâmina bem à direita do seu esterno, onde pude *sentir* seu coração batendo forte.

Os alarmes soaram em minha mente no momento em que o comando escapou dos meus lábios, arrancando de mim diretamente aquela coisa insondável entre nós.

“Levante seu glamour”, sussurrei.

De repente, sua magia derramou-se sobre mim, e o resto de suas feições mudou. Suas asas gloriosas se abriram, suas presas desceram, e sua cauda imediatamente se enrolou em volta da minha perna.

“Desculpe… Ele tem uma mente própria.”

Meu coração apertou com a ação, mas ele removeu o rabo, o que só serviu para fazer meu coração doer com sua ausência... E assim, eu bati a

porta da minha liberdade. Nakoa observou, sabendo claramente o que ele tinha testemunhado também.

Meus pulmões, cheios demais de alívio e desespero para respirar direito.

“Eu entendo que um futuro ao meu lado pode parecer sombrio agora, mas... Se isso lhe traz algum consolo... Chegará o dia em que você não precisará mais lutar ou empunhar uma espada para sobreviver por causa disso... Eu sei que... você se cansou disso.”

Mal sabia ele o quão desesperadamente eu ansiava por tal futuro. Ser capaz de trocar minha espada por... jardinagem e vida na floresta... caminhadas à beira-mar e muitos livros.

E amor.

Acima de tudo, amor.

Com Malekai.

Deuses, eu ardia loucamente para voltar para ele. Só para ser envolvida em seus braços.

A pele bronzeada de Nakoa ficou pálida devido à perda de sangue e provavelmente à nossa corda desgastada. Notavelmente, seu pescoço já estava na metade da cura quando pressionei a lâmina contra seu peito acima do coração, uma gota de sangue brotando. No entanto, me vi rugindo de frustração antes de finalmente retornar para suas costas, onde a flecha estava enterrada.

"Você vai ficar enfraquecido pela perda de sangue", eu disse, minha voz era uma concha vazia.

“Você quase parece consternado com a ideia.”

“E você parece ainda menos preocupado do que eu.”

“Não é a primeira vez que fui atingido por uma flecha, ou lutei com ferimentos muito mais graves. No entanto, posso dizer com orgulho que você é o único que conseguiu cortar minha garganta.”

Fiz uma careta, sabendo o que eu precisava fazer se ele fosse lutar contra uma horda de bandidos.

“Homem invencível.”

Nakoa soltou um grunhido no ritmo do som nauseante de carne sendo rasgada enquanto eu firmemente arrancava a flecha de seu ombro. Um buraco de uma polegada de largura se abriu, seguido por um jorro constante de sangue. Eu rapidamente afundei minhas presas na carne na parte inferior do meu antebraço antes de pressioná-lo contra sua boca. Nakoa recuou surpreso por um momento.

"Se apresse."

Nakoa respondeu agarrando meu antebraço e levando-o aos seus lábios entreabertos.

Enquanto ele engolia o primeiro gole, um gemido baixo escapou dele seguido por uma duplicação de seus esforços. Meu coração começou a bater em meus ouvidos quase tão poderosamente quanto o prazer pulsante e formigante começou a crescer em meu núcleo.

Apesar da excitação crescendo dentro de mim... Eu me senti completamente entorpecida a isso... Minha mente e minhas emoções pareciam estar se afastando disso. Observando e distante, meu coração jazia em pedaços dilacerados e sangrentos no chão com a ideia de que eu tinha acabado de jogar fora minha chance de liberdade. A oportunidade de escapar e me libertar do macho que me odiava e só queria me usar. Aquela chance de correr de volta para Malekai. Zurie que se dane.

Nakoa sem dúvida já estava farto depois de vários goles. O ferimento aberto em suas costas não passava de uma cicatriz rosa que desaparecia ativamente, mas ele ainda estava me bebendo. O som de seus gemidos profundos e ásperos entre cada gole me disse o quão *não* entorpecido ele se sentia.

Meus olhos voltaram para Nakoa, agora completamente pretos e fixos em mim.

Mesmo através de sua névoa, ele deve ter visto o desespero gritante da minha expressão porque um momento depois, ele se afastou, agarrando-me pela garganta. Eu rosnei desafiadoramente, seu rosto pairando a apenas alguns centímetros do meu.

"Segure-se em mim, *Lohane Thili."*

Com meu sangue ainda cobrindo sua boca, ele me puxou para seus braços, e antes que eu pudesse reagir, suas asas deram batidas poderosas, nos erguendo no ar. Eu me afastei bruscamente, observando o chão crescer cada vez mais longe de nossos pés.

Ah, merda.

Isso me tirou do meu transe.

Meu aperto nele aumentou tanto que ele grunhiu uma risada, a voz baixando, mas se tornando surpreendentemente terna. Seu olhar baixou para encontrar o meu, então eu pude sentir a gravidade de suas palavras. Ele falou de muito mais do que apenas me carregar pelo céu.

“Eu peguei você. Eu posso carregar nós dois, só preciso que você deixe.

Minha garganta apertou com suas palavras, embora eu me recusasse a ser influenciada por elas. *O tempo* revelaria tudo. Meu batimento cardíaco batia freneticamente enquanto subíamos mais de 100 pés no ar, simultaneamente roubando o fôlego dos meus pulmões. Abóbora, pouco mais que um pontinho abaixo de nós, eu mal conseguia distinguir a barreira que ele havia criado ao redor dela.

Então, ele é capaz de ternura.

Imaginei que ele não queria arriscar a vida dela desnecessariamente forçando-a a fazer o que quer que estivéssemos prestes a enfrentar com esses bandidos. Se ela fosse atingida por uma flecha, ou ferida de outra forma, ela não tinha as habilidades de cura que tínhamos para curar.

Nakoa me agarrou com força contra seu peito e acariciou meu pescoço, sentindo meu cheiro profundamente.

As asas de Nakoa batiam num ritmo furioso no ar antes de mergulharmos em direção ao chão, fazendo-me enterrar meu rosto em seu

peito por instinto.

Altura sempre foi uma fraqueza minha.

Nakoa de repente se levantou e enviou um *cócegas* nas minhas entranhas enquanto despencamos em direção ao chão. O cheiro de sangue encheu meu nariz. Minhas gengivas latejavam e doíam, presas descendo.

Ousei olhar para baixo nos segundos fugazes que levei para descer, absorvendo a cena correndo em nossa direção. Devia haver pelo menos 30 deles aqui.

Rayne e suas feras sombrias trabalharam como um trio com eficiência graciosa e cruel. Lokus empunhava duas espadas cortando tronco e membros com uma facilidade incomparável de uma forma que fazia parecer uma dança. Uma performance. Famei, não mais em sua forma de grifo, ficou parado, parecendo não muito diferente de um maestro de orquestra, invocando raízes do chão que perfuravam, estrangulavam e despedaçavam bandidos antes mesmo que eles chegassem a 10 pés dele.

Pomona, geralmente desarmantemente doce e sincera, era aparentemente uma acrobata do caralho. Ela trabalhava em conjunto com uma lança. Pulando, girando e girando enquanto se *dobrava* de uma vítima para a outra, empalando-as em uma lança de 6 pés com uma lâmina de dois gumes que ocupava o último pé de seu comprimento - cortando-as completamente.

Em sua forma de lobo lykos, Roderick devorava e rasgava bandidos como um leão faria com um coelho, agarrando um bandido do chão, jogando-o para o alto e pegando-o a 3,6 metros do chão no ar para engoli-lo inteiro.

Eu me desenrolei dos braços de Nakoa no momento em que nossos pés tocaram o chão na beira da batalha. No mesmo instante, meia dúzia de machos e fêmeas correram para frente antes de repentinamente caírem de joelhos, segurando suas gargantas como se não pudessem respirar.

Nakoa *empunhou* sua espada larga em suas mãos e eu observei enquanto uma sensação surreal de déjà vu tomava conta de mim. Os bandidos diante dele lutavam enquanto ele arqueava sua espada no ar, e cabeças começaram a rolar…

Algo estalou em meu peito quando mil versões de mim mesmo naquele estrado do enorme anfiteatro ao ar livre de Zurie, realizando execuções, passaram diante dos meus olhos.

Oh deuses.

Um novo grupo de bandidos correu em direção a Nakoa, me tirando do meu flashback. O terror disparou raios de eletricidade em meus membros ao ver o homem se movendo para enfiar sua espada nas costas de Nakoa. Com uma velocidade incapaz de ser testemunhada pelo olho humano, eu me lancei para frente e cortei o primeiro dele e os que o seguiam.

No próximo ataque, eu *guardei* minha espada larga para que, finalmente, eu pudesse *me alimentar.* Minhas presas perfuraram carne e tendões, como uma foice no trigo.

Com cada um deles, eu engoli seu sangue em apenas um punhado de goles. As pontas dos meus dedos começaram a latejar com uma nova sensação, e olhei para baixo, deixando cair um cadáver recém-drenado no chão, para descobrir um conjunto de garras pretas de aparência letal agora saindo das minhas unhas.

Que porra é essa?

O poder pulsava em minhas veias e tudo ao meu redor parecia desacelerar. Eu assisti com espanto e confusão enquanto mais bandidos saltavam em minha direção, lâminas e flechas erguidas, movendo-se como através de lodo. Parecia uma vantagem totalmente injusta.

Uma vantagem totalmente *nova* .

Apesar desse dom extraordinário, eu não tinha ideia de como controlar.

O tempo de repente voltou ao normal, me forçando a desviar do novo ataque, torcendo e agarrando uma fêmea que eu rapidamente puxei rente a mim e rasguei sua garganta. Peguei o próximo macho correndo em minha direção de surpresa enquanto eu desejava que minha lâmina retornasse. O branco de seus olhos se arregalou em choque enquanto ele se empalava em sua tentativa de balançar sua própria lâmina em um arco descendente que deixou seu diafragma totalmente aberto para mim.

O tempo pulsava dentro e fora da normalidade, e comecei a mudar em um ritmo rápido, guiado apenas pelo instinto através de cada um dos bandidos, até que fiquei literalmente encharcado de sangue.

Meus olhos captaram uma flecha voando em direção a Pomona no meio do salto e a puxei do nada, pouco antes de ela afundar em sua garganta exposta.

O tempo saltou novamente e mesmo enquanto eu continuava a voar através dos movimentos de anular aqueles que nos atacavam, minha mente se tornou distante. Todos estavam distraídos…

Fuja, uma voz desconhecida sussurrou em minha mente.

Talvez eu não precisasse matar Nakoa para fazer isso…

Não jogue fora de novo, a voz me pediu.

Com surpreendentemente pouco esforço, minhas garras perfuraram o peito de um fae macho notavelmente grande, e eu encontrei minha mão agarrando seu coração ainda batendo. O tempo desacelerou novamente quando o levei à minha boca. Sua batida, quase tão alta quanto a minha, ecoou no tempo com aquela voz em minha mente.

Ir.

Ir.

Ir.

Eu já tinha provado a mim mesmo *e a Nakoa* que não seria capaz de matá-lo. Mas quais eram minhas opções? Mesmo fora do meu desespero egoísta de me livrar dele, se eu ficasse, seríamos perseguidos por Zurie e seu exército até os confins de Atratus. *Nakoa* seria caçada. E fugir de Atratus para um dos outros continentes Hades, Ishra ou Maimyō mo Qì... Bem, isso prometia todos os tipos de perigos fatais.

Eu poderia retornar a Bastrina e contar a Zurie que seu corpo havia sido reduzido a cinzas durante nossa batalha, preso em um prédio em chamas... Ou talvez levado por um rio... Claro, tudo isso parecia um pouco absurdo, mas... Ela não conseguia ler mentes. E claramente Miroslav não o queria morto por algum motivo. Talvez ele estivesse disposto a corroborar minha história.

A culpa apunhalou meu peito com a mesma certeza que a lâmina de Nakoa havia perfurado o homem diante dele.

Essa criatura que andava inquieta dentro de mim rugiu em protesto enquanto minha mente lógica tentava imaginar possíveis cenários.

Zurie seria implacável em sua perseguição se ela achasse que ele ainda estava vivo. Ele era o líder da Revolta, afinal. É por isso que imaginei que ela o queria morto em primeiro lugar. E quando ela descobrisse que *eu* estava com ele, seus esforços dobrariam na caça implacável dela e de seu exército por nós.

E Malekai…

Deuses, Malekai…

Certamente seria ele que ela enviaria até encontrar alguém para me substituir como seu Irae. E por mais implacável que Malekai fosse... eu sabia que sua lealdade seria para comigo. Zurie não estaria apenas atrás de Nakoa *e* de mim... Malekai se tornaria seu alvo também.

Eu sabia que teria que encarar a ira de Zurie retornando a ela sem seu corpo. Ainda assim, talvez Miroslav corroborasse minha história se eu dissesse a ela que seu corpo havia sido perdido em um incêndio... Se não... Pelo menos The Uprising não perderia seu líder, e Malekai permaneceria nas boas graças de Zurie. Ambos viveriam.

Meus olhos se fixaram em Nakoa batalhando seu caminho através do outro lado do acampamento. Ele se movia com uma graça letal e inspiradora que eu só tinha testemunhado quando vi Malekai trabalhando seu caminho através de um campo de batalha.

Restavam muito poucos bandidos. Nakoa e seu *olana kah'hei* sairiam vitoriosos, sem dúvida. E quase completamente ilesos.

Eu não fecharia essa janela de oportunidade para mim novamente.

O poder eletrificou minhas veias enquanto eu corria pela floresta, *afastando* o sangue que cobria meu corpo para que eu não deixasse mais rastro de cheiro para Nakoa seguir do que eu já deixaria com meu cheiro natural.

A amargura arranhou os restos esfarrapados do meu coração quando a compreensão me atingiu.

Eu tinha encontrado minha *alma ligada,* um presente raro de *Akash* . Enquanto minha alma silenciosamente ansiava por tal coisa, era justo que estivéssemos fadados a ser inimigos. Eu tinha cometido pecados demais para merecer tamanha felicidade. Destruído famílias demais para encontrar uma união tão inestimável.

Mas como minha vida poderia ter sido diferente?

Eu deveria ter permanecido nas ruas?

Ou permaneceu no templo de Erosyan? Para permanecer como vítima?

O fato de eu ter Malekai... era um presente que eu talvez não merecesse, mas me recusei a considerá-lo garantido.

Katadamna kaza.

CAPíTULO

VINTE E OITO

NAKOA

Se ele foi embora.

Momentos depois de matar o último dos bandidos, uma sensação esmagadora de ausência se instalou em meu peito como uma porra de bigorna. A magia de Mareina, a sensação palpavelmente doce e poderosa de sua energia vital... Tinha desaparecido como porra de fumaça no vento.

No começo, entrei em pânico, quase esperando me virar e encontrar o corpo dela caído e sem vida no chão atrás de mim.

Apesar de o quanto eu desprezava minha *alma gêmea,* o alívio me tomou quando percebi que ela apenas tentou escapar de mim... Assim como uma parte sombria, distorcida e doente de mim secretamente esperava.

Uma excitação perversa eletrificou minhas veias, provocando uma risada sombria. Lokus olhou para mim, erguendo uma sobrancelha, enquanto limpava suas lâminas gêmeas. Nós dois pingando no sangue de nossos inimigos. O resto de nossos *olana kah'hei* estavam ocupados vasculhando o acampamento para saquear qualquer espólio.

“Não consigo determinar se você está realmente satisfeito que sua *alma gêmea* parece ter abandonado você.”

Antes que eu pudesse responder, Pomona pigarreou atrás de mim.

“Koa… Você pode querer vir dar uma olhada nisso.”

Lokus e eu trocamos um olhar preocupado enquanto seguíamos Pomona pelo acampamento dos bandidos até uma caravana de armazenamento com janelas gradeadas. Roderick, ainda em sua forma lykos, andava inquieto na frente dela com sangue ainda pingando de seu pelo cinza e branco. Meus ouvidos se animaram com o som de um coração batendo furiosamente. Pomona abriu a porta da caravana para que o fedor acre do medo caísse sobre mim.

Meus sentidos ficaram cada vez mais aguçados desde que acordei com Mareina no dia anterior. E depois da descarga de adrenalina da nossa pequena altercação e da minha bebida do sangue dela, minha força, resistência e magia dobraram.

Segui Pomona subindo os degraus da caravana e encontrei Rayne ajoelhada atrás, ao lado de um...

Um *mimicryx.*

Minha respiração parou ao vê-la.

Eles foram todos *exterminados* no começo da guerra. Ou assim eu pensava. Considerados por Zurie muito perigosos para deixar viver quando eles, em sua totalidade, se recusaram a se juntar aos esforços de guerra dela. Eles podiam mudar de forma tão facilmente quanto eu podia *vestir* e tirar roupas do meu corpo. Disfarçar a si mesmos, seus cheiros, suas vozes como outras pessoas com precisão infalível.

Meus lábios se separaram quando reconheci o maldito *presente* que estava tão graciosamente ajoelhado diante de mim.

Kismet, sussurrou meu Saber.

Uma série de visões passou diante de mim, uma após a outra.

Mareina está em uma cripta de mármore branco, com Zurie empalado em sua espada.

Mareina e um homem fada loiro riem juntos enquanto ele se aproxima e acaricia sua bochecha.

Meu peito arfa enquanto estou em pé diante de uma pira de corpos queimando em um campo de batalha. O cheiro de carne queimada é enjoativo, e parece que já estou lá.

A mão nodosa de uma velha pressiona uma lâmina na minha garganta enquanto ela paira sobre meu rosto de onde eu estava ferido em um catre. Sua voz é rouca e profunda. Suas palavras parecem óleo escorrendo sobre a água enquanto ela as cospe através de uma bocarra de dentes enegrecidos.

"O sangue de um Nephilim servirá perfeitamente."

A visão é arrancada como uma cortina na frente de uma janela. O brilho da realidade é um alívio porque não estou lá e assustador porque sei que é apenas uma questão de tempo antes que eu esteja.

Agora, com o mimicryx na minha frente, a probabilidade de Mareina matar Zurie e sair ilesa, e minha *olana kah'hei* e eu reprimir seu exército, se tornava muito mais compreensível.

Enquanto meu *olana kah'hei* está acostumado com o efeito que essas visões têm sobre mim.

A mimicryx estava me encarando com um olhar de cautela. Ela está amordaçada, amarrada e já usando uma coleira de paládio para suprimir sua magia acorrentada a um parafuso no chão. Seu rosto endureceu com raiva e desafio, apesar do medo que emanava dela em ondas.

Quem quer que fossem esses bandidos, eles não foram gentis com ela. Ela estava imunda, suas roupas rasgadas e manchadas de sangue, embora não tivesse ferimentos visíveis. Felizmente, coleiras de paládio não suprimiam o elemento de autocura da magia de alguém. Eu sabia por experiência própria.

Eu tinha lido que paládio era um elemento metálico do Reino Eterno. Supostamente, ele tinha sido usado originalmente para oprimir escravos. Frequentemente feridos, mas sempre precisando de sua força e vigor, o paládio permitia que eles ainda se curassem, mas mantinha o resto de sua magia fora de alcance.

O cabelo branco e prateado do mimicryx era pegajoso e emaranhado em algumas partes. Olheiras circundavam seus olhos roxos escuros. Sangue manchava sua pele e cabelo lilás. Dois chifres grossos e encaracolados erguiam-se do topo de sua cabeça, apenas uma das quais terminava em uma ponta perversa. A outra tinha sido cortada bruscamente na metade.

Meu peito deu uma torção simpática. Ela não só sobreviveu à caçada pelo exército de Zurie, e provavelmente *minha alma atada* , mas ela claramente sofreu nas mãos desses bandidos e sabe-se lá quem ou o que mais. Usada e manipulada por seus dons e mutilou um de seus chifres quando ela tentou recusar.

Era bem sabido que os chifres de qualquer ser que os possuísse eram um ponto de orgulho e beleza. Um chifre quebrado era visto como um sinal de fraqueza e trazia tremenda vergonha.

Não pude deixar de notar o fogo queimando nos olhos de Rayne enquanto ele olhava para mim. Não direcionado a mim, mas à visão do sofrimento dela.

Tentei suavizar minha voz o máximo que pude, como se estivesse falando com um animal assustado e ferido.

“Não tenho desejo ou intenção de lhe causar mal…”

Ela flexionou o maxilar enquanto mordia o pano da mordaça que Rayne estava desamarrando.

"Você não imagina quantas vezes eu já ouvi isso", ela cuspiu, esticando o maxilar e lambendo os lábios antes que uma carranca rapidamente endurecesse o que de outra forma seriam feições suaves e delicadas.

Ela pareceu surpresa quando Rayne removeu as correntes que a prendiam nos pulsos e tornozelos. Ela se levantou com os pés trêmulos, tentando puxar suas roupas rasgadas para cobrir adequadamente seu corpo quase exposto.

Rayne prontamente *desejou que* sua capa entrasse em suas mãos, colocando-a sobre os ombros dela. A visão de sua expressão endurecendo ainda mais com desconfiança me lembrou de Mareina.

E o fato de que *meu pequeno pesadelo* estava ficando cada vez mais distante a cada segundo que passava.

Uma emoção passou por mim na expectativa de caçá-la. Quase estourando pelas costuras para fazer isso, mas primeiro...

Acenei para o mimicryx em sinal de compreensão.

“Sinto muito em ouvir isso. Sério.”

Ela franziu o cenho impacientemente, esfregando os pulsos doloridos.

"Mas?"

Admito que uma pequena pontada de culpa passou por mim. De fato, eu tinha meus próprios fins a cumprir. Embora, no final das contas, fosse do melhor interesse dela.

Todos os nossos melhores interesses.

“Você tem um lar para onde retornar?”

Suas sobrancelhas franziram-se fortemente, quase com desdém. Embora Mareina fosse provavelmente uma das soldadas de Zurie que a caçaram e mataram muitos de seus entes queridos. No entanto, elas tinham uma quantidade extraordinária em comum. Ambas de passados trágicos e assustadores e endurecidas pela desconfiança até mesmo de uma mão gentil ou uma palavra gentil.

“Não”, ela respondeu categoricamente.

A julgar pela energia possessiva que irradiava de Rayne, ele certamente não se importaria se ela se juntasse à nossa família. O resto deles provavelmente a receberia bem também. Especialmente se meu Saber estivesse correto no que ele sussurrava para mim sobre ela e Rayne.

“Gostaria de lhe fazer uma oferta—

"Passar."

Rayne estendeu a mão para remover a coleira, fazendo-a estremecer quando a pele dele tocou a dela. Seus olhos se encontraram, e seus lábios se separaram brevemente antes que sua mandíbula se fechasse novamente. Rayne hesitou brevemente antes de puxar a coleira para fora de sua garganta com um toque de sua magia. Seus olhos se fecharam brevemente enquanto ela esfregava o pescoço, seus dons sem dúvida fluindo enquanto retornavam. Meu coração se encheu de empatia.

Eu conheço esse sentimento.

Seus olhos se estreitaram com suspeita, pousando entre cada um de nós. Ainda assim, sua expressão suavizou quando devolvemos sua magia a ela.

“Ficar sozinho vai te deixar vulnerável… Eu gostaria de te convidar para ficar conosco.”

Ela sabia melhor do que ninguém o quão verdadeiras eram minhas palavras. Seria apenas uma questão de tempo até que ela fosse pega novamente.

“ E quem é você exatamente? ”

Apresentei-me, gesticulando para cada um dos meus *olana kah'hei*, tomando a liberdade de fazer o mesmo por eles.

"E você?"

Ela me estudou cautelosamente por vários momentos.

“Vesper… E o que exatamente você ganha com isso?”

“Outro membro da família…”

Ela deu um bufo irônico. “E o que essa *oferta* implica?”

Respirei fundo... Obviamente ainda não tive a chance de falar com meu *olana kah'hei* sobre isso, mas... Não tínhamos outras opções.

“Embora precisemos de sua ajuda com algo… Nós cuidaremos de você e o recompensaremos generosamente. E depois que tudo estiver resolvido, se você desejar ficar conosco, você se tornará parte de nossa família. Todos nós vivemos… fora dos limites da sociedade normal…”

Eu estendi a mão com uma pergunta ao meu Conhecimento.

Agradeci *a Akash* por ter me dado a resposta que eu esperava.

“… Nós somos… membros do The Uprising. Membros fundadores…”

Sua expressão mudou sutilmente e seu interesse de repente aumentou.

“… Somos leais até a morte e cuidamos uns dos outros, e não seria diferente com você…”

Vesper sustentou meu olhar por vários momentos antes de mudar para Lokus, Famei, Pomona e Rayne... Onde seu olhar permaneceu por vários momentos tensos.

“Parece bom demais para ser verdade… Imagino que esse favor seja algo que envolva um pouco de disfarce…”

Um sorriso surgiu no canto da minha boca.

“Um pouco…”

“E quem, posso perguntar, eu estaria personificando?”

“Eu… Ou melhor, meu cadáver… E a Rainha.”

O olhar de Rayne encontrou o meu, seu maxilar se contraiu, já tendo percebido onde eu queria chegar com isso.

Vesper soltou uma risada incrédula.

"O que?"

“ Não se preocupe, você não precisa ser sepultado nem nada. E você será acompanhado—

Vesper acenou com a mão em sinal de desdém, soltando um grande suspiro.

“Olha, antes de entrarmos no drama e nas minúcias desse *favor* … Eu preciso comer e beber alguma coisa, porra. Alguém tem comida ou água?”

Rayne *colocou* um frasco na mão dele, oferecendo-o a ela. Suas bochechas lilases escureceram enquanto ela murmurava um quase inaudível obrigado e começou a beber tudo enquanto Rayne finalmente falava pela primeira vez hoje, fazendo nossas sobrancelhas se erguerem.

“Famei… Você seria tão gentil?” Ele rugiu, sua voz rouca de desuso.

“Com prazer”, Famei assentiu em resposta antes de retornar para fora da carruagem.

“Nós ficaremos aqui esta noite… Eu tenho que… Fazer uma tarefa, mas estarei de volta pela manhã… Você está em boas mãos. Se precisar de alguma coisa, fale com Rayne.”

Os olhos de Rayne se arregalaram quase imperceptivelmente e saltaram para encontrar os meus. Pela primeira vez no século em que nos conhecemos, eu poderia dizer de fato que essa foi a primeira vez que vi Rayne Umbraborne corar.

Meus lábios se apertaram em uma tentativa precária de conter um sorriso.

“Pomona, você *dobraria* e pegaria a Pumpkin para mim? Ela está logo ali dentro da floresta, do outro lado da estrada que estávamos viajando…”

“Boa sorte com sua *tarefa* ”, ela riu antes de desaparecer.

Lokus me deu um sorriso malicioso enquanto meu sangue fervia de excitação.

Meu pequeno pesadelo conivente iria pagar caro.

CAPíTULO

VINTE E NOVE

MARINHA

EU corri por quilômetros pela The Sentient Forest, sem ousar viajar na estrada aberta, mesmo que fosse muito menos perigoso. Só parando quando cheguei a um rio que prometia ser traiçoeiro de cruzar, se sua corrente tumultuada e suas pedras pontiagudas e salientes fossem alguma indicação.

Porra.

Eu não tinha ideia de quão poderoso era o olfato de Nakoa... Geralmente, o olfato de uma fada era muito mais aguçado em comparação ao de um humano, mas...

Ele seria capaz de sentir meu cheiro pairando na floresta?

Quão bom ele era em rastrear?

Devo arriscar o rio para mascarar meu cheiro e evitar deixar pegadas?

A intuição me disse que a resposta para todas essas perguntas era sim.

Foda-me.

O sol estava se pondo, e eu sabia que precisaria encontrar abrigo logo para não atrair um dos inúmeros predadores ou as poucas entidades desonestas que vagavam pela floresta à noite.

Meu coração batia forte e firme enquanto eu criava coragem para pular. Eu sabia que, na pior das hipóteses, eu não *morreria* disso... Mas havia muita coisa que estava entre o espaço da vida e da morte, e dor era dor, não importa quão imortal. E ser repetidamente esmagado contra pedras por uma corrente torrencial até que você fosse levado para uma praia que *Akash* sabia onde e esperasse seus ossos quebrados se curarem seria extremamente doloroso. Também me deixaria incrivelmente vulnerável. E se alguém viesse até mim... Bem... Havia muitas coisas que eles podiam fazer, a maioria das quais terminava em morte.

Como eu deveria me defender se todos os meus ossos estivessem quebrados? Provavelmente levaria horas para me curar completamente de algo assim.

Era tarde demais para me amaldiçoar por não ter pensado nisso. Eu tinha enfrentado probabilidades insanas servindo na guerra, em vários campos de batalha, e mesmo depois como Irae de Zurie...

Mas eu tinha sido criado em uma cidade. Eu só tinha as habilidades mais básicas de sobrevivência quando se tratava de suportar *a vida selvagem.* A natureza sempre foi algo que eu admirava de uma distância saudável e escapável.

Um rosnado baixo e desumano soou atrás de mim, arrepiando os pelos dos meus braços e pescoço. Virei-me para encontrar um par de grandes olhos amarelos brilhantes e uma fileira de dentes afiados como navalhas pertencentes a um *cor na tir de aparência bastante faminta* a apenas alguns

metros de distância, que basicamente parecia um gato gigante acasalado com um dragão do tamanho de um cavalo. Baba pingava de sua bocarra irregular - cada presa do comprimento do meu antebraço.

Rio, é isso.

Eu pulei para frente no mesmo momento que o *cor na tir.* Uma de suas patas gigantes atacou. As pontas de suas garras apenas me arranharam, mas isso ainda significava que eu tinha agora três feridas abertas rasgando toda a extensão das minhas costas.

Água gelada e corrente me engoliu de uma só vez, pulmões e membros queimando, e eu só pude rezar para que ela fosse gentil o suficiente para me cuspir inteiro. Em instantes, o O rio *rudemente* revelou que não seria esse o caso, jogando-me contra um galho de árvore quebrado e irregular que perfurou meu lado antes de se quebrar, ainda preso em minha carne enquanto a correnteza me levava.

Meus pulmões ardiam com a necessidade de ar, e consegui emergir da superfície apenas por um breve momento, ofegante, antes que ela me puxasse de volta para baixo e imediatamente me jogasse contra uma pedra.

Não demorou muito para que a consciência começasse a fugir de mim.

Seguido por uma onda vertiginosa de gratidão, medo, culpa e remorso. Pelo menos eu não teria que suportar *tudo* isso. Naqueles últimos momentos, ainda capaz de formar pensamentos, desejei tanto poder sentir os braços de Malekai me abraçando. Pressionar minha bochecha em seu peito e me deleitar com o som de seu coração batendo que parecia bater em um ritmo amoroso só para mim.

Que eu poderia de alguma forma segurá-lo e congelá-lo, ou desacelerar o tempo como ele tinha feito antes, para que eu pudesse finalmente descansar em seus braços. Esconder-me ali para sempre, segura e aquecida, para que eu não tivesse que lutar mais.

Pelos primeiros 20 anos da minha vida, eu fui uma vítima. E passei os últimos 90 anos garantindo que eu não fosse mais vulnerável, transformando outros em vítimas. De qualquer forma, eu sempre estive em guerra com todos e tudo ao meu redor, exceto Malekai. Até mesmo com minha própria *alma atada.*

Quando tudo finalmente escureceu, enviei uma prece a Akash para que ele ficasse bem. Que ele soubesse o quanto eu o amava. E uma pequena e distante parte de mim desejou que... Talvez as coisas entre Nakoa e eu pudessem ter sido diferentes.

CAPíTULO

TRINTA

MARINHA

Algum tempo indeterminado depois, minha consciência oscilou distantemente. Embora eu não reconhecesse nenhum senso de identidade ou realidade - parecia que cada osso do meu corpo tinha sido quebrado. Um ruído áspero, chocalhante e úmido encheu meus ouvidos, despertando mais da minha consciência o suficiente até que percebi que o som estava vindo de *mim* , e uma dor escaldante irradiando do meu lado atingiu a superfície da minha mente. Meu pulmão foi perfurado. Campainhas de alarme soaram distantemente em minha mente enquanto várias mãos agarravam cada um dos meus membros. Uma dor insondável rasgou minha garganta, agora crua por tossir mais água do que qualquer par de pulmões poderia segurar. Tentei abrir meus olhos, mas percebi que não conseguia. Eles estavam inchados e fechados, provavelmente por meu rosto ter sido esmagado em inúmeras pedras.

Minha consciência se dissipou novamente até que meu equilíbrio disparou e girou como um pião, provavelmente por causa de uma concussão grave, enquanto aquelas mãos ásperas me levantaram, e minha bunda caiu com força em uma cadeira. Parecia que a eletricidade queimava cada terminação nervosa do meu corpo, músculos espasmando enquanto meu corpo quebrado e dilacerado se conformava com o assento no qual eu só conseguia me jogar para frente. A consciência quase me escapou novamente, mas a sensação de corda grossa envolveu cada um dos meus tornozelos e minhas mãos, enviando mais sinos de alarme para minha mente.

O som de várias vozes desconhecidas murmurando em tons agressivos fez minha cabeça girar ainda mais, gradualmente se acomodando como partículas de poeira enquanto eu sentia a sensação inconfundível e excruciante do meu corpo se unindo.

Ousei sentir um pequeno lampejo de esperança diante da velocidade com que meu corpo estava se curando... Minha mente começou a se acalmar e, eventualmente, consegui entender o barulho ao meu redor, captando suas palavras.

“… Ela é a Royal Irae…”

“ … Devemos mandá-la de volta em pedaços… Envie uma mensagem para Zurie.”

“… Encoraje a Revolta.”

A realidade começou a se acomodar em mim como uma pedra.

Talvez eu devesse ter arriscado com o *cor na tir.*

E, caramba, como doeu saber que esses homens fizeram parte da Revolta de Nakoa.

Ele toleraria tal coisa se eu não fosse sua alma gêmea?

Eu não poderia responder isso com certeza... E eu não poderia culpá-lo se ele o fizesse...

“ Ela está se recuperando bem rápido… Precisamos colocar uma coleira de paládio nela antes que ela fique consciente novamente…”

Passos pesados se afastaram rapidamente, e prendi a respiração, esperando para ver o que fariam em seguida.

A curva de um dedo levantou a lateral do meu couro de luta, em volta da curva do meu peito. A raiva fervia dentro de mim, incidentalmente ajudando a bloquear um pouquinho da dor física.

“Ela está mais bonita do que eu me lembrava… Mesmo que esteja um pouco machucada.”

Um dos machos riu.

“Eu voto para que nos divirtamos um pouco com ela…”

Meu coração parou no peito antes de começar a bater tão alto que ecoou em meus ouvidos.

“Ouvi dizer que ela cresceu no Templo Erosyan… Aposto que ela sabe como agradar um homem adequadamente.”

Meu coração disparou, batendo forte de fúria e medo.

Não.

Nunca mais.

Em uníssono, três zumbidos ásperos de prazer soaram ao meu lado em concordância.

Outra risada soou, seguida pelo raspar de metal contra pedra. No momento seguinte, água gelada espirrou sobre mim, me forçando a respirar fundo e ofegante, o que renovou um ataque de tosse e a agonia lancinante no meu lado.

Tendo me curado o suficiente para abrir meus olhos, minha visão nadou enquanto três machos estavam diante de mim. Dois fae e um sanguinati. Todos os três eram construídos com músculos magros - *magros demais* - e tinham um olhar faminto em seus olhos. Suas roupas pareciam gastas, seus cabelos despenteados. Eu teria dito que parecia que eles tinham visto dias melhores, mas provavelmente não tinham.

E eu sabia que tinha algo a ver com isso.

O sanguinati, com as presas já abaixadas, se curvou para frente, curvando um dedo sob meu queixo para levantar minha cabeça, enviando mais dor disparando pela minha espinha. Felizmente, não estava nem de longe tão ruim quanto tinha sido há apenas alguns minutos.

“Olá, traidor”, ele ronronou, com um brilho malévolo em seus olhos azuis claros.

Dei uma risada triste e turva. Ele não estava errado. Zurie oprimiu os sanguinati mais do que a maioria das espécies de portadores. Ela governou, cega pelo medo e pela ganância — qualquer um potencialmente mais poderoso do que ela sentiu o peso de sua ira. Embora ela tenha precisado de nós durante a guerra e tenha nos subornado com a chance de escapar da

pobreza ao se juntar ao seu reverenciado exército. E muitos daqueles que não o fizeram, ela executou.

“Olá”, sorri, alongando as presas.

Sua confiança e sorriso torto vacilaram quando ele reconheceu o predador dentro de mim subindo à superfície. O som de passos apressados veio de trás de mim assim que me lancei para frente, cordas estalando, e mergulhei em sua garganta assim que uma coleira veio em volta do meu pescoço e me puxou para trás, me jogando no chão.

O rosto do sanguinati derramou sangue enquanto seus lábios se estreitavam, levando uma mão à bochecha despedaçada. A coleira em volta do meu pescoço puxou com força, me arrastando para trás contra o chão de pedra sujo, e o medo me atingiu quando tentei afastá- *lo* , e minha magia permaneceu fora de alcance.

"Coloquem-na nas porras das algemas", os sanguinati gritaram para os homens ao meu lado. Eu me virei para pular de pé, mas antes que eu pudesse, a coleira de paládio em volta do meu pescoço - conectada a uma corrente grossa - puxou com força novamente, me jogando de volta no chão e enfiando aquele galho esquecido pelos deuses mais fundo no meu lado. Minha garganta se abriu com um suspiro de dor entorpecente enquanto eu era tornado impotente para as tosses explosivas que sacudiam meu corpo, sangue espirrando no chão de pedra cinza na minha frente. A corrente conectada à coleira se levantou, puxada esticada por um gancho de metal fixado no teto de pedra, me arrastando *para cima, para cima, para cima* com ela.

Minhas mãos agarraram a coleira, torcendo meu pescoço antes de tentarem forçá-las de volta para baixo para algemar meus pulsos. Eu chutei com minhas pernas o macho fae, esmagando meus pulsos com seu aperto e o mandando voando para uma parede. O som de suas costelas quebrando teria sido profundamente satisfatório se não fosse pela fúria animalesca queimando através de mim.

A sensação muito familiar de uma lâmina cortando carne e osso fez um grito rasgar minha garganta. Ou pelo menos tentar. Em vez disso, foi apenas o som de sangue borbulhante que saiu.

Meu corpo cedeu, e suas mãos vieram em volta dos meus pulsos e tornozelos novamente, algemando-os. As algemas nos meus pulsos estavam fixadas no teto, tirando a maior parte da pressão em volta do meu pescoço, enquanto as algemas em volta dos meus tornozelos estavam parafusadas no chão de pedra.

O sanguinati, que parecia ser o líder deles, se aproximou de mim. O ferimento em sua bochecha agora estava reduzido a um corte.

“Seu filho da puta,” ele cuspiu. Sua palma aberta desceu sobre meu rosto, então estrelas duras explodiram em minha visão. “Você vai pagar por isso.”

Ele *enfiou* uma lâmina na mão, apontando-a para o centro do meu peito; sua confiança e prazer malévolo retornaram com força total agora que eu

estava efetivamente contido e sufocando com meu próprio sangue.

Enquanto o sanguinati me examinava, pendurado diante dele, ele notou o galho de uma polegada de espessura saindo do meu lado e o balançou. Meu sangue respingou em seu rosto enquanto eu continuava cortando e sufocando. Ele lambeu seus lábios para limpar minha saliva sangrenta.

"Delicioso… mas perturbador."

Sem aviso, o sanguinati agarrou o toco do galho que se projetava logo abaixo das minhas costelas e o puxou para fora.

Ele me observou com uma expressão vazia enquanto esperava que as tentativas violentas do meu corpo de limpar o sangue dos meus pulmões cessassem enquanto eles se curavam.

Quando finalmente consegui respirar novamente, poucos minutos depois, ele deu uma risada sádica. "Hmmm… Por onde devo começar?"

Seus olhos percorreram meu corpo de cima a baixo por vários momentos, como se ele estivesse tentando decidir qual corte de carne ele preferia.

"Ou devo dizer *nós?"* Ele acrescentou presunçosamente.

Os homens ao nosso redor riram.

Meu rosto permaneceu impassível enquanto uma dormência familiar retornava, o que não tinha nada a ver com meu estado atual de sangue. perda e tudo a ver com o trauma que sofri nas mãos dos homens na minha juventude.

A mão do sanguinati pousou em meus seios antes que ele lentamente puxasse a lâmina pela frente do meu couro de luta. Os dois painéis se separaram, liberando meus seios. Meu estômago revirou ao ver suas pupilas dilatando e o cheiro de sua excitação. Eu *queria muito* vomitar nele.

Em vez disso, meu corpo tremia inutilmente enquanto esfriava com uma resignação familiar que qualquer um que já tivesse se sentido completamente impotente conhecia intimamente.

Depois de tudo que fiz, talvez seja isso que eu mereça.

Meus olhos se fecharam com o pensamento, e o sanguinati deu outra risada gutural. Meu coração batia tão alto no meu peito que abafou suas palavras.

"Ah, ah, ahhh…", ele avisou, pressionando a parte inferior do meu maxilar com sua adaga, "ou você coopera e mantém os olhos abertos e observa, ou eu corto suas pálpebras e te forço."

Meus olhos se abriram gradualmente para encontrar os dele enquanto dedos frios seguravam um dos meus seios e o sacudiam vigorosamente antes de beliscar meu mamilo.

"Esses parecem ser um *ótimo* lugar para começar."

Ele respirou fundo enquanto abaixava o rosto para um dos meus seios. Sua língua deslizou para fora para dar uma lambida provocante no meu mamilo que me fez querer me empalar em uma lâmina só para não ter que suportar isso.

Meu maxilar se apertou furiosamente, meu coração batia forte contra minhas costelas, como se realmente tivesse uma chance de escapar.

De novo não. De novo não. De novo não.

Por favor, me mate agora.

De novo não.

Seu sorriso se alargou ao ver lágrimas brotando em meus olhos.

“Nada disso, bichinho… Você não pode chorar. Quantas pessoas *você* massacrou apesar das lágrimas nos olhos delas, hm? Aposto que você perdeu a conta.”

É verdade que a lógica masculina era impecável.

O sanguinati gemeu, enterrando o rosto em meus seios enquanto suas mãos se aproximavam para agarrar minha bunda e puxar meu corpo contra o dele. Os outros machos fae assistiam em silêncio arrebatado. O cheiro de sua excitação enjoativa. Suas presas pressionaram lentamente contra meu peito como se ele estivesse saboreando cada momento doentio disso, gemendo alto no fundo de sua garganta enquanto afundavam e ele começava a beber. Ele apertou seus quadris contra mim, seu pau junto com ele. A adrenalina pulsava através de mim, abençoada e instantaneamente, dissolvendo quaisquer efeitos que seu veneno teria sobre mim.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu lutava inutilmente contra as algemas de ferro forjado.

O sanguinati subitamente recuou, rasgando os cadarços das minhas calças de couro de luta. "Vou te foder crua", ele prometeu com a voz rouca.

Ele puxou minhas calças para baixo até o meio da coxa - até onde elas podiam ir com a forma como eu estava algemado - e prontamente começou a desabotoar as suas. Um pau longo, fino e venoso saltou livre e ele deu algumas bombas presuntivas. Eu apertei meus olhos fechados enquanto a bile subia pela minha garganta.

Como se convocado pelo meu pedido de perdão, o som de metal rangendo chamou nossa atenção para a porta no extremo oposto da sala.

O sanguinati rapidamente se escondeu enquanto xingava e começava a latir ordens para seus companheiros, que sacaram suas espadas. O sanguinati *colocou* uma espada larga em suas mãos e a nivelou em minha garganta enquanto esperavam por qualquer coisa que estivesse prestes a entrar por aquela porta.

A esperança explodiu, forte e potente, enquanto eu sentia um puxão forte no peito pouco antes da porta de ferro voar para fora das dobradiças, esmagando o homem mais próximo dela.

Uma figura escura e imponente estava parada no batente da porta enquanto trovões e relâmpagos iluminavam o céu torrencial atrás dele.

CAPíTULO

TRINTA E UM

NAKOA

Minhas asas me seguraram no alto de um rio turbulento onde o perfume noturno de rosas de Mareina desapareceu abruptamente. O sol já estava na metade do caminho, e em menos de uma hora, a Floresta Sentient foi consumida pela escuridão.

Como diabos ela conseguiu chegar tão longe?

Os Sanguinati eram rápidos, mas isso... Eu só tinha dado a ela uma vantagem de uns vinte minutos.

Ela não é o que parece. Seu poder se fortalece, meu Saber havia sussurrado.

Unidos, seu poder será indomável.

Suas palavras não me surpreenderam... Meu poder aumentou exponencialmente desde que Mareina e eu nos conhecemos. Eu não conseguia imaginar o quão poderosos seríamos quando cumprissemos nosso vínculo.

Busquei orientação em meu Conhecimento sobre para onde Mareina tinha ido.

Siga o rio.

Obviamente, eu rosnei interiormente diante daquela resposta vaga.

O cheiro de ozônio chegou até mim, e eu me virei para descobrir nuvens escuras de tempestade se aproximando à distância.

Porra…

Porra.

Porra.

Porra.

Minhas asas batiam no ar, impulsionando-me para a frente, voando logo acima da linha das árvores, enquanto meus olhos examinavam o rio e tudo ao seu redor.

Milha após milha se passaram, minha ansiedade aumentando mais do que nunca, pois Mareina não estava em lugar nenhum. Quando o sol finalmente terminou sua descida e as luas de Atratus iluminaram o céu, eu estava à beira do pânico total - tremores e tudo.

Apesar do quanto eu detestava essa mulher.

Quando passei pela quinta cidade, pensei em voltar para ver se, de alguma forma, tomado pelo pânico, eu não a tinha visto, mas meu Conhecimento me incentivou a continuar.

Cheiros de todos os tipos chegaram até mim — centenas deles — mas nenhum deles *era dela.*

Trovões ribombaram enquanto nuvens densas e ameaçadoras bloqueavam as luas acima. Eu só podia *rezar* para não estar entre as coisas que o raio que se aproximava escolheu atingir.

Com uma prece silenciosa na ponta da língua para *Akash* e todos os deuses que a serviam, recorri à súplica.

Por favor. Por favor, deixe-me encontrar minha alma atada.

A culpa pesava muito sobre meus ombros alados por ter passado nossos únicos dias juntos vomitando ódio nela e tentando manipulá-la.

O ritmo das minhas asas diminuiu como se fosse instado por alguma orientação desconhecida. Abaixei e continuei além de uma pequena marina onde a foz do rio se abriu, e a corrente diminuiu.

Finalmente, a esperança brilhou como uma explosão em meu peito no tempo com um lampejo de vida através de nossa corda. O cheiro de Mareina chegou até mim como uma mão acenando. Eu mergulhei, pousando na baía de desembarque da margem do rio com tanta força que rachou os paralelepípedos.

O cheiro do sangue dela no ar fez meu sangue virar gelo. Só foi descongelado pela minha raiva ardente.

Os céus começaram a chorar enquanto eu corria estrada após estrada até que me vi em um beco imundo repleto de lixo e ratos correndo. Os céus escolheram aquele momento preciso para se abrir, transformando a chuva em um dilúvio e roubando o último de seu cheiro.

Abafados pela tempestade, meus ouvidos se aguçaram ao som de vozes... Eram muitas, e ainda assim, nenhuma delas pertencia a Mareina.

Puxando nossa corda novamente, me atraí para um conjunto escuro de escadas no final do beco. Vários machos estavam parados sob uma saliência que os mantinha longe da chuva. O grupo deles fez uma dupla tomada ao me ver caminhando em direção a eles.

Por mais que eu quisesse saborear a satisfação de acabar com eles com punho e lâmina, eu sabia que não tinha tempo. Mareina não tinha tempo. Eu *forcei* minha magia a avançar para tomar conta do sangue em suas veias. Aumentei a pressão em cada vaso e órgão em seus corpos até que o sangue escorresse de cada orifício. Foi obra de um momento para eles caírem mortos.

Desci os degraus até a porta do porão, alcançando meus sentidos, sentindo cada uma das batidas do coração deles, incluindo a de Mareina, que batia em um ritmo furioso. Minha magia saiu de mim, e a porta de ferro na minha frente gemeu, amassando e cedendo enquanto eu a pressionava com gravidade intensificada.

Gritos se ergueram do outro lado. No momento em que o ferrolho da porta entortou, eu a empurrei e a abri. As dobradiças voaram, fazendo a superfície de ferro voar pela sala, esmagando um homem embaixo dela no chão.

E agora…

Raiva e horror, diferentes de tudo que eu já havia experimentado, me consumiram enquanto minha mente registrava a visão de Mareina pendurada em algemas, seu precioso corpo exposto aos machos que a

cercavam. Um dos machos, um sanguinati, nivelou uma espada larga em seu pescoço.

Eu o reconheci. Esses homens eram parte da minha Revolta… Quantos de seus membros participaram ou permitiram ociosamente tal comportamento imperdoável?

"Eu vou remover a cabeça dela de—

As palavras do macho foram interrompidas abruptamente enquanto eu *desejava* o ar de seus pulmões. Seus cérebros mal tiveram tempo de registrar que estavam sufocando antes de eu correr para dentro da sala, cortando minha lâmina através de cada um de seus corpos tão rapidamente que era um borrão.

Corri para o lado de Mareina, *tirando* as algemas e a coleira de paládio de seu corpo e apertando-a em meus braços.

Minhas mãos tremeram quando ela se encolheu contra mim. O alívio pelo cheiro dela ainda imaculado tomou conta de mim tão ferozmente que meus joelhos quase dobraram.

"Mareina", resmunguei, enterrando meu rosto em seu pescoço e sentindo profundamente seu cheiro para me certificar de que ela estava ali.

Que ela estava viva.

Sua única resposta foi o soluço que sacudiu seu corpo.

Segurando-a firmemente contra meu peito, saí daquele porão abandonado *por Akash* em direção à chuva torrencial, desejando que *aquele* prédio queimasse até o chão.

CAPíTULO

TRINTA E DOIS

MARINHA

UM Um brilho alaranjado iluminou a cidade, agora bem atrás de nós, de onde Nakoa havia incendiado o prédio.

Senti uma vontade enorme de dizer a ele que os homens que me levaram faziam parte de sua Revolta, mas ainda não consegui reunir energia.

Meu corpo tremeu em seus braços enquanto meus pensamentos afundavam de volta em meu passado assombrado, tanto recente quanto distante. Nakoa me apertou mais forte contra ele, pressionando um beijo em minha testa.

“Estou aqui, lohane thili. Sempre estarei aqui.”

Apesar de nossas animosidades, suas palavras acalmaram meus tremores em poucos instantes.

Eu silenciosamente chorei lágrimas de gratidão por estar nos braços de Nakoa. Segurada protetoramente contra seu peito enquanto ele andava - esperando a monção acalmar antes que ele pudesse voar novamente, para que não fôssemos atingidos por um raio - pelo que pareceu uma hora na chuva torrencial. Ele colocou uma barreira ao nosso redor, mas eu pedi a ele pela chuva. Eu precisava sentir a chuva. Senti-la lavar o toque dos machos naquele porão. Me limpar da memória, do medo, do coração partido.

Quando chegamos à próxima aldeia, eu já tinha adormecido em seus braços. O som de menestréis tocando música à distância me despertou. Abri os olhos e nos vi nos aproximando de uma grande pousada que ficava sozinho na beira da estrada, em meio a colinas onduladas, onde as silhuetas de animais com cascos podiam ser vistas à distância, iluminadas pela luz da lua, agora que as nuvens de tempestade haviam se dissipado.

Uma placa pendurada acima do poste de amarração da pousada dizia *The Gorgon's Haven Inn & Tavern* . Alguns de seus clientes saíram cambaleando, cantando e rindo enquanto nos aproximávamos, segurando a porta aberta para nós.

“Você pode me colocar no chão agora…”, ofereci, não querendo atrair mais atenção do que o necessário.

Nakoa apenas rosnou em resposta, apertando-me mais forte contra seu peito. Um som no qual agora eu encontrava um profundo conforto.

Nakoa se aproximou do bar da taverna, despreocupada com os olhares estranhos lançados em nossa direção. A música, suave e pungente, ostentava uma voz humana feminina. Clara e nítida como um sino tocando, ela cantava letras que soavam como um feitiço.

Uma tapeçaria tecida com fios de dor,
Que a redenção do amor comece a reinar.
Os fardos de outrora foram colocados para descansar.

Através dos ecos do trovão, segredos se revelam,
Uma história de coragem, de um amor não contado.
Um guardião na chuva torrencial,
Carregando alegria e dor.

No abraço, um santuário encontrado,
A terna graça do amor em solo sagrado.
Através das sombras, uma chance proibida.

O perdão floresce na noite encharcada de chuva,
Sussurros de cura e toques de gengibre,
Fazer amor e voar.
Pecados passados foram lavados na cascata do coração,
No calor do amor, onde todos os medos desaparecem.

Nakoa nos virou para encarar a cantora e seus menestréis ostentando instrumentos de cordas: um bandolim, alaúde e harpa. A plateia inteira, apenas um punhado de pessoas - um orc, uma dríade, alguns elfos e uma fada...

Uma sensação de retidão tomou conta de mim, e sei que Nakoa também sentiu isso, como se as estrelas estivessem alinhadas e fosse exatamente onde deveríamos estar.

Junto com uma sensação de profundo desejo que eu havia enterrado há um século.

A vontade de cantar.

Fazia anos que eu não cantava para ninguém... Uma sensação de... Saber que eu sobreviveria a isso me preencheu.

E que um dia eu possa finalmente guardar minha espada e cantar.

Uma fêmea de pele verde escura e longas tranças, que rapidamente percebi serem cobras, apareceu ao nosso lado, vestida com um quíton, parecendo surpreendentemente elegante, considerando que estávamos no meio do nada.

Sua voz era profunda e suave e, de alguma forma, *familiar* ... Embora eu não soubesse de onde.

“Você precisa de hospedagem?”

“Sim, por favor… Podemos também ter uma banheira e água quente, por favor?” Nakoa pediu por nós.

Ela nos deu um sorriso caloroso. “Os banhos aqui são termais. Temos um em cada quarto… Você gostaria que eu enviasse o jantar?”

“Sim, obrigado.”

A górgona gesticulou para que a seguíssemos. Ela parecia deslizar para longe enquanto a seguíamos. Algo parecia abençoadamente diferente e ainda vagamente familiar sobre este lugar.

O quarto era simples, mas elegante e aconchegante. Um grande e fofo palete de peles estava sobre um estrado no centro do quarto, bem na frente de uma lareira que ganhou vida no momento em que entramos. Vapor saía da superfície de um grande banho termal no canto da sala. Velas, óleos de banho e sabonetes enfileiravam-se na borda, junto com um conjunto de toalhas de linho.

"Há um sino encantado ao lado da sua cama se você precisar… *qualquer* outra coisa." Ela nos lançou um olhar penetrante e conhecedor, como se soubesse de algum segredo que ainda não tínhamos descoberto.

Nakoa e eu agradecemos, sentindo-nos um pouco surpresos com ela e sua taverna. Assim que a porta se fechou atrás dela, duas bandejas cobertas de comida apareceram em uma pequena mesa contra a parede.

"Banho ou cama?", perguntou Nakoa.

"Banho, por favor."

Eu *guardei* meus couros de luta rasgados, e Nakoa os dele um momento depois, logo antes de descer os degraus para o banho termal. Assim que ele se sentou de volta no assento de pedra sob a água, gemidos duplos deixaram nossas gargantas. Cada músculo rígido em nossos corpos relaxou.

Um longo silêncio passou entre nós; apenas o som do fogo crepitante preenchia o cômodo. Eu tinha passado as últimas horas com meu rosto enterrado em seu peito, e agora que não estava mais... Eu lamentava sua ausência.

Depois do que eu tinha acabado de sobreviver, graças a *ele* , eu me permitiria esse conforto. O conforto da minha *alma atada* . Não importa quão breve fosse destinado a durar.

Respirei fundo, tentando aliviar a pontada de nervosismo antes de me mexer nos braços de Nakoa e montar em seu colo, mantendo meu rosto enterrado em seu pescoço.

A corda entre nós pulsava dolorosamente, e eu sentia uma necessidade inata de acalmá-la... E para mostrar a Nakoa com mais do que palavras, eu estava grata por ele ter deixado de lado seu ódio por mim para vir me encontrar. Mesmo que eu o tivesse abandonado. Que ele tivesse arriscado sua vida para me salvar.

Peguei o sabonete, ensaboando-o em minhas mãos antes de massageá-lo em seu couro cabeludo. Um ramo de oliveira metafórico para declarar uma trégua.

Paz.

Um gemido suave o deixou enquanto seus olhos se fechavam. Embora sua testa permanecesse franzida. Depois de enxaguar o cabelo, ele abriu os olhos para assistir enquanto eu ensaboava a bucha e esfregava seu corpo. A cabeça de Nakoa se inclinou para trás, algo ferido evidente em seu olhar.

"Obrigada, Nakoa…", murmurei gentilmente.

Ele me estudou silenciosamente por alguns momentos antes de se endireitar, removendo o sabonete e a bucha das minhas mãos para me puxar

contra ele enquanto ele respirava fundo. Sua cauda serpenteou em volta da minha cintura, enrolando-se firmemente.

“Mareina, eu—

Nakoa respirou fundo novamente, estremecendo, para conter sua emoção antes de continuar.

“… Palavras não podem descrever o terror que senti quando percebi que algo poderia ter acontecido com você.”

A emoção queimou meus olhos, e mordi minha bochecha com tanta força que sangrei na tentativa de manter a voz firme.

“E quando eu te vi--

O aperto de Nakoa em mim aumentou, seus dedos cravando-se com tanta firmeza que deixariam hematomas. Braços tremendo com contenção mal mantida.

“Por um momento, pensei que... Que eles tinham—

Eu me afastei, segurando sua cabeça em minhas mãos para poder segurar seu olhar. Tranquilizá-lo.

“Eles não… Eles não tiveram a chance porque você veio atrás de mim. ”

A testa de Nakoa franziu, sua mandíbula se movia furiosamente enquanto suas lágrimas brilhantes finalmente caíam.

“Eu sempre virei por você, Mareina. Eu sempre estarei lá para salvá-la. Quer você quisesse ou não, eu rastejaria de joelhos pelos fogos e abismos de cada inferno para salvá-la.”

Meu olhar vasculhou o dele, buscando a veracidade em suas palavras. Embora eu não pudesse deixar de duvidar... Se era meramente porque o vínculo o compelia ou por causa de suas maquinações. Se essas eram as únicas razões... Algo em meu coração já murcho murchou com a ideia.

“Quero que me diga a verdade, Nakoa… Sei que você me deseja e se importa comigo porque o vínculo exige isso, mas também posso *sentir* que há algo mais. Algum outro fim a ser alcançado…”

Eu podia ver a indecisão guerreando por trás dos olhos dele. As pétalas do meu coração que tinham começado a florescer se fecharam.

Uma onda de emoção surgiu como a ondulação de uma onda gigante ameaçando a obliteração. Foi por isso que ele me salvou? Por causa de algum vínculo de merda ao qual não tínhamos escolha a não ser nos submeter, e quaisquer outras manipulações que ele estava escondendo de mim?

A parte imprudente, ferida e selvagem de mim lamentou que ele tivesse vindo. Que ele não tivesse me deixado ali para morrer. Justo quando eu pensava que talvez isso...

Um rosnado saiu dos meus lábios enquanto eu me afastava e saía da piscina. A água chapinhava, e o rabo de Nakoa me arrastou de volta para cair de volta em seus braços.

“Marina—

Fiquei de pé, empurrando-o para trás com tanta força que seu grande corpo cambaleou, quicando na lateral da piscina.

“Obrigada, Nakoa. Você cumpriu seu dever *de alma* . Agora, permita-me libertá-la de qualquer obrigação futura. Vou lhe dar *uma* oportunidade. *Uma.* De ser honesta comigo e me dizer o que diabos você quer comigo, além de quaisquer *desejos incontroláveis e esquecidos pelos deuses* que esse vínculo amaldiçoado exige.”

Nakoa abriu a boca para falar, mas eu o interrompi pressionando minha lâmina em sua garganta enquanto me aproximava dele.

“Verdade, Nakoa Solanis. A verdade *completa* , ou juro por *Akash* que não vou desperdiçar outra oportunidade de arrancar seu coração do seu peito.”

Nakoa examinou meu olhar por um momento, suas feições endurecendo.

“O vínculo. Preciso que o vínculo seja cumprido, para que ambos tenhamos poder suficiente para superar Zurie e seu exército. Minhas visões me mostraram repetidamente que *você* é quem deve matar Zurie."

Um choque gelado me atingiu como um balde de água fria.

Mesmo que uma parte de mim já suspeitasse... intuitivamente *soubesse* ... que seria algo assim... Isso não suavizou o golpe. As palavras eram como uma faca batendo até o cabo em alguma parte já ferida e carnuda de mim.

Claro.

É isso que você merece, sussurrou aquela parte familiar, cheia de culpa e insidiosa de mim.

Um suspiro derrotado me deixou quando deixei minha cabeça cair em seu peito e removi a lâmina de sua garganta.

Seu grunhido agudo de dor se transformou em um rosnado quando enfiei minha lâmina na carne de sua coxa.

“A única razão pela qual minha lâmina está na sua perna e não no seu coração é porque você salvou minha vida. Considere a dívida paga. E não *me* siga.”

O rabo de Nakoa se enrolou impossivelmente apertado em volta da minha cintura.

"Remova seu rabo ou eu o corto fora", eu fervi, arrancando a lâmina de sua coxa.

Ele deu uma risada maníaca. “Se você acha que uma pequena mutilação me deteria, você está muito enganado.”

Apesar de suas palavras, sua mão atacou, agarrando meu pulso antes que eu pudesse cumprir minha palavra.

“Mareina, por favor… Apenas me escute.”

Seu rabo se desenrolou ao meu redor e ele levantou as mãos suplicantemente.

“Para quê? Mais mentiras? Mais manipulação?”

“Você e eu sabemos que você não quer voltar a ser o peão de Zurie…”

As palavras eram como sua própria lâmina, retorcendo-se em uma ferida centenária.

Essa era uma verdade inevitável que eu não tinha ideia de como reconhecer.

Algo havia mudado irrevogavelmente em mim. E pisar voluntariamente em suas algemas era... Não era uma opção. Com ou sem o cadáver de Nakoa, ela me caçaria se eu não retornasse para ela. Eu estaria fugindo pelo resto da minha vida, e ela continuaria destruindo Atratus e seu povo.

Eu queria vê-la morta quase tanto quanto queria voltar para Malekai.

Nakoa sem dúvida podia *sentir* minha agitação através de nossa ligação.

“Junte-se a mim, Mareina…”

“Juntar-me a você, como?”

“Ajude-me a derrubar Zurie. Junte-se à Revolta. Cumpra o vínculo... *Não falharemos.* Eu vi isso. Minhas visões nunca estão erradas.”

Miroslav... Isso é o que ele viu.

Aquela voz estranha… Aquele Saber interior sussurrou sua confirmação para mim, me incitando a seguir em frente neste caminho ao lado de Nakoa. A ideia de ficar acorrentada a este macho *para sempre* era de esmagar a alma.

O que é pior? Zurie ou Nakoa?

Fiz uma careta para a resposta.

Uma pequena faísca de esperança cintilou... Nakoa me odiava... Talvez depois... *se* tivéssemos sucesso... Talvez ele me deixasse ir. Talvez depois que o vínculo fosse cumprido, não seríamos tão consumidos por essa *necessidade* .

“ *Se* eu me juntar a você… Depois que eu matar Zurie… Você me deixará ir.”

O rosto de Nakoa relaxou brevemente antes de endurecer, e sua crueldade familiar e zombeteira retornou.

“Você pode tentar correr até onde seu coração puder te levar, mas ninguém jamais será capaz de preencher esse desejo que você tem por mim em sua alma. Nem mesmo sua linda guerreira fae.”

CAPíTULO

TRINTA E TRêS

NAKOA

Os lábios de Areina se separaram em choque antes que suas feições endurecessem em algo que prometia violência... Mais rápido do que ela conseguia conjurar uma resposta venenosa, fechei a distância entre nós, agarrando seu cabelo com minha mão. Todo o seu *ser* era uma força avassaladora que me chamava. Exigia que eu a reivindicasse. O vínculo exigia isso. Como se sua alma estivesse buscando uma maneira de retornar à minha, sua outra metade.

"Passei uma vida inteira *assombrada* por você. *Sofrendo* por você, não importa o quanto eu tentasse fugir de você. Não importa em quantos rostos bonitos ou bocetas eu tentasse me perder, eu nunca conseguiria me livrar de você. E agora que finalmente provei você, eu não iria querer de outra forma. Então me odeie o quanto quiser, *lohane thili, mas eu nunca* vou deixar você ir."

Raiva e angústia se misturavam nas sombras do seu olhar.

Eu senti a dor rasgar seu peito quando admiti minha manipulação... E agora eu podia sentir essa dor se misturando com fúria. Parado tão perto dela, eu podia sentir como se fosse minha.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram quando uma visão do futuro se infiltrou na tela do presente.

O olhar de Mareina endureceu. Sua forma molhada e nua, parada na piscina de banho, momentaneamente mudou para seca e vestida com um vestido de seda vermelho escuro. A piscina de banho foi substituída por um quarto grande, e uma lareira flamejante atrás dela a lançou em uma sombra escura. Sua voz, presente e futura, se sobrepunha uma à outra. O efeito serviu para dobrar sua veemência e a violência que prometia. Seus olhos brilhavam com ameaça.

"Você vai me deixar ir, ou vai desejar *a morte."*

Meu aperto em seu cabelo afrouxou enquanto minha raiva evaporava junto com a visão. Rapidamente substituída por uma sensação de vazio em meu intestino.

Eu consegui dar uma risada triste e sem alegria. "Não tenho dúvidas, *maha mo'ina li'ili."*

Ela recuou confusa.

Merda. Ela só tinha falado essas palavras no futuro.

Eu estava… Perdendo o controle da realidade.

Limpei a garganta, balançando a cabeça enquanto me afastava dela.

"Nada… Só…"

Olhei para cima e vi que a compreensão já havia surgido em seu rosto. Não me incomodei em terminar a frase.

O olhar repentino de compaixão em seu rosto quase me quebrou. Ela sabia que eu estava perdendo a cabeça.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ela se virou e saiu da piscina com graça felina. A cautela fez meus músculos se contraírem como se estivessem se preparando para outra perseguição.

"Onde você está indo?"

Ela não se incomodou em olhar para trás enquanto *desejava* que seu corpo secasse. Meu pau, junto com todas as outras partes de mim, doeu ao vê-la. Exuberante e macio, mas firme em todos os lugares certos.

“Tenho a sensação de que nosso anfitrião pode oficializar nossos votos.”

Apesar de quantas vezes isso aconteceu, nunca deixou de me chocar quando minhas visões começaram a se desdobrar em realidade. Suas palavras estavam cheias de resignação sombria, mas a tensão em meu corpo ainda afrouxou. Meu coração saltou. Tanto pela minha própria necessidade egoísta - o desejo cada vez maior por *ela - quanto* pela minha esforçar-se para derrubar Zurie e libertar as Ilhas Kahlohani e seu povo.

Mareina *vestiu* suas roupas de luta sobre o corpo antes de alcançar a campainha ao lado da cama.

“ *Bem?”* Ela perguntou impacientemente, olhando feio para minha forma nua, ainda submersa na piscina.

Pulei para fora da água, espalhando água por todo o chão, e fiquei na frente dela, seco e vestido em questão de momentos, olhando para ela com um calor cada vez maior ao qual ela se recusava a se render.

As horas que passei caminhando na chuva, Mareina apertada firmemente em meus braços contra mim, elogiando *Akash* por Mareina estar segura e ter ficado relativamente ilesa, fizeram pouco para aliviar a tensão em minha mente e meu corpo - minha alma - sobre o quão perto eu cheguei de perdê-la... Menos ainda, por causa dos meus esforços. Foi nesses momentos que finalmente me permiti admitir que ela era a coisa mais essencial no reino para mim e uma parte vital da minha existência.

Se era porque o vínculo exigia, eu não me importava. Só porque meu sangue exigia oxigênio não me fazia questionar minha gratidão pelo ar.

Eu tinha sido presenteado em primeira mão com o testemunho de sua capacidade de altruísmo quando ela resgatou aquele macho humano. E eu vim a conhecer seu fogo, paixão, força e tenacidade... Até mesmo sua suavidade e vulnerabilidade... O quão longe ela chegou, apesar da adversidade que eu *experimentei* em suas memórias... Meu coração inchou com a própria ideia dela. Nenhuma única fêmea em Atratus poderia ser uma rainha melhor.

E agora que ela estava segura e ao meu lado, onde ela porra pertencia, eu me recusei a desperdiçar outro momento disso. Eu posso ter tido fins a cumprir, um Reino a conquistar, mas... Apesar tudo o que eu sentia pelo passado dela... Eu não poderia imaginar uma pessoa mais perfeita para fazer isso.

Sua expressão quase sempre permanecia endurecida e completamente fechada para o mundo... Mas em momentos fugazes, eu tinha testemunhado sua suavidade e abertura. Sua *vulnerabilidade* da forma mais doce e delicada que me dizia que eu queimaria o mundo para proteger essa fêmea. Essa guerreira endurecida pela batalha que virou assassina e carrasca que sofreu nas mãos de tanta violência que era uma maravilha que ela tivesse sobrevivido. Eu faria qualquer coisa para fazê-la ser aberta e vulnerável comigo novamente.

O corpo de Mareina ficou rígido enquanto eu a apertava contra meu peito como se ela fosse a coisa mais frágil e preciosa de toda a existência.

E, *para mim,* ela era, de forma absoluta e inequívoca.

“Um dia, Mareina… Um dia, você ficará feliz por esse vínculo.”

Ela fechou os olhos, as feições se contraindo enquanto ela parecia se fortalecer. Soltando um suspiro, ela tocou a campainha. A górgona apareceu em nosso quarto em instantes, vestindo uma pesada capa cinza-prateada sobre seu chiton.

Ela se desenrolou dos meus braços e se virou para encarar nosso anfitrião.

“Seria possível para você testemunhar nossos votos? Estou feliz em pagar qualquer taxa que você esteja disposto a aceitar.”

A górgona nos deu um sorriso enigmático que me fez pensar quem diabos ela era exatamente... Talvez ela conhecesse minha mãe?

“Seria uma honra para mim.”

Ela estendeu as mãos para nós como se fosse nos *dobrar* , e uma onda de expectativa percorreu meu corpo.

Depois de aceitar suas mãos, nos encontramos em um santuário ao ar livre. Os olhos de Mine e Mareina se arregalaram enquanto observávamos o ambiente. No alto do pico de uma montanha, enormes pilares de pedra se estendiam em direção ao céu noturno sem nuvens, cercados por uma floresta densa. Orbes brilhantes que eu brevemente confundi com luz feérica emergiram da floresta até que percebi que eram algo completamente diferente.

“Eles também gostariam de testemunhar”, disse a górgona suavemente enquanto olhávamos boquiabertos.

“Quem são *eles?”*

“ Os *Seraphi Ousia.*… Eles são os fragmentos de espíritos *Seraphi em repouso* … Quando divindades angelicais como essas vão dormir, às vezes por milênios, partes de suas almas vagam pelos reinos, vagando até encontrarem uma… uma certa fonte de energia.”

Minhas sobrancelhas franziram, estudando esses aparentemente benignos fios de luz amorfos e espiralados... Quanto mais eu olhava, mais meus olhos finalmente focavam, encontrando o que pareciam ser espirais de cosmos e estrelas ao redor deles.

Pouco se sabia sobre os *Seraphi. 'Seraphi'* sendo um termo mais amplo para seres e divindades que vieram de um dos reinos superiores, dimensões

acessíveis apenas a eles e aqueles que excederam sua... *evolução.* Os únicos *Seraphi* dos quais eu tinha ouvido falar que vieram para Atratus eram os *Nephilim* e *Archestratim.*

“Uma fonte de energia? Como se eles se alimentassem da nossa energia?”

A górgona riu. “Não do jeito que você pensa… Assim como uma chama não diminui ao compartilhar seu fogo, ela apenas cresce.”

Como se em afirmação, o *Seraphi Ousia* se aproximou, nos cercando. Uma energia poderosa inchou dentro de mim, fazendo o próprio âmago do meu ser tremer com sua gravidade... Ao mesmo tempo calmante e familiar, mas novo, inspirador e totalmente intimidador.

" *Quem é você?"*

A górgona nos lançou um olhar de pena enquanto respondia em tom gentil.

“Meu nome é Phaedra… Mas você está fazendo a pergunta errada, Mareina. O que você deveria estar perguntando é quem *você* é… Quem é sua *alma atada* . Embora essas não sejam respostas para eu contar. Peço desculpas.”

Meu braço envolveu a cintura de Mareina para puxá-la para mim enquanto percebi a hesitação em sua voz.

“Você conhece minha mãe?”

Fedra inclinou a cabeça.

“Aqueles que você pensa que são seus pais não são do seu sangue…”

Mareina ficou tão imóvel em meus braços que, por um breve momento, fiquei com medo de que ela tivesse se transformado em pedra.

“Seus pais não estão neste mundo”, ela acrescentou antes que seus olhos se fixassem em mim. Ela parecia ter algo mais a dizer, mas permaneceu em silêncio. Antes que eu pudesse perguntar o que eu podia *sentir* que estava na ponta da língua dela, Mareina interrompeu.

“Não neste mundo? Como em… Morto?”

“Seus pais são seres sem idade.”

"... O que?"

“ Você descobrirá em breve.”

"Onde eles estão?"

Phaedra balançou a cabeça. “Isso eu não posso dizer.”

“Como em, você não sabe? Ou *não vai* dizer?”

A expressão de Phaedra tornou-se feroz.

“Como eu não *posso* dizer. Um, eu não sou onisciente. Dois, como guardiã do destino, eu jurei pelo meu sangue e magia não revelá-lo,” ela disse, dando um grande suspiro para se acalmar, “Tudo o que eu *posso* fazer é ajudar a guiar aqueles cujo destino cruza o meu, levando-os em direção ao caminho do bem maior. Isso é *tudo.”*

O que antes era uma brisa suave se transformou em uma rajada urgente de vento, e os *Seraphi Ousia,* completamente imperturbáveis por ela,

continuaram se aproximando de nós até que alguns deles nos *tocaram* . De repente, fui transportado para...

Um lugar distante envolto em escuridão, mas cheio de *Seraphi Ousia à deriva.*

O que inicialmente pensei ser uma luz brilhante - talvez uma estrela distante - irradiando atrás de mim, percebi que era a luz irradiando *de* mim, e Mariena, que flutuava ao meu lado, foi engolfada no que eu só poderia descrever como fogo divino. Sua forma era aterrorizante em sua beleza. Mesmo que eu sentisse que era a única forma dela que eu já tinha conhecido. Uma composta de fogo divino e uma imensa gravidade que eu só poderia descrever como um amor avassalador em seu poder.

Apesar dessas novas formas, uma sensação de paz e retidão tomou conta de mim, como se eu percebesse: ' *Oh, é isso que somos'...* Seres de amor divino, ira e fogo...

No entanto, eu também reconheci que essas formas eram meramente parte de um todo maior. E se a expressão de Mareina fosse alguma coisa para se levar em conta, estava claro que ela também reconhecia isso.

O mundo começou a mudar na nossa frente, catapultando-nos pelo espaço, embora não tenhamos experimentado nenhuma sensação física de aceleração ou velocidade. Logo, estávamos viajando por incontáveis reinos, desde aqueles consumidos pela violência e sofrimento até aqueles cheios de paz e beleza indescritível.

Por fim, chegamos a um lugar onde uma fêmea com quatro asas enormes liderava milhares de soldados para a batalha. Chamas os consumiram enquanto um dragão, maior do que qualquer criatura que eu já tinha visto, descia de cima.

Uma voz poderosa encheu minha mente enquanto observávamos a cena se desenrolar.

"Mi lanthonéti, lei mortatum ei aeternitate m *a skhimata dothate. Letare coi me, Vitum Guardatore. Guarda lei oi buscora thanatou. ”*

“Nascida entre reinos, ela é a eternidade que ganhou forma. Seu lar é comigo, O Guardião da Vida. Proteja-a ou encontre sua morte.”

Algo parecia intensamente ameaçador sobre essas palavras, mas o tempo e o lugar mudaram mais uma vez antes que eu pudesse pensar mais. Mareina e eu chegamos a um lugar que eu só podia presumir que era o palácio de Zurie. Eu me vi olhando para duas coroas. Um dourado, o outro prateado. Ambos brilhando com o poder que irradiavam.

Houve um puxão forte no meu umbigo e, como se estivesse sendo sugado para trás por um vácuo, aterrissei *pesadamente* de volta ao meu corpo físico. Mareina e eu nos encontramos de pé, novamente, cara a cara com Phaedra no santuário ao ar livre.

Olhei para Mareina e vi a metade inferior do seu rosto relaxada em choque, enquanto sua testa permanecia tensa em descrença.

“Você entendeu agora?” Ela perguntou, seu rosto tenso com seriedade.

Uma risada profunda borbulhou dentro de mim.

“Entendeu? Nunca tive tantas perguntas em toda a minha vida.”

A testa de Phaedra franziu-se com desdém diante de minha maldição em um lugar tão sagrado na companhia de tantos seres divinos, *Seraphi Ousia.*

“Você e Mareina estão aqui para um propósito maior além de Atratus. Além de você ser Rei,” ela rosnou fervorosamente, os olhos mergulhando para Mareina, “E você ser Rainha… Eu não tenho controle nem certeza sobre o que lhe foi mostrado. Se o *Seraphi Ousia* não revelou tudo a você, temo que não seja para você saber ainda.”

Não pude deixar de rir do peso absurdamente imenso que repousava sobre os ombros de ambos. “Certo, então… liberte a Morte e apenas espere pelo melhor… Parece um pouco arriscado.”

A sobrancelha de Phaedra saltou como se eu tivesse acabado de fazer outra observação absurda. “Vocês dois concordaram com isso antes de virem para este reino. Vocês podem não se lembrar por causa do véu entre reinos que obscurece tudo o que veio antes e além de sua chegada, mas o fato de que vocês dois *escolheram* isso, *escolheram* um ao outro, continua o mesmo.”

Minhas sobrancelhas franziram tanto que minha cabeça latejou e, a julgar pela expressão de Mareina, ela sentiu o mesmo.

Eu tinha lido vários textos religiosos que falavam de *contratos divinos* e *acordos de alma,* mas... De repente, não tive energia para fazer perguntas. Não que Phaedra fosse responder a nenhuma de nossas perguntas de qualquer maneira. Sério, essa fêmea deve conhecer minha mãe. Se ela não tivesse cobras no lugar do cabelo, eu seria forçado a presumir que elas eram irmãs, considerando que ambas acumularam todo o conhecimento mais esclarecedor para si mesmas e deixaram o resto de nós na escuridão.

No entanto, havia uma certeza… E uma ansiedade familiar revirava meu intestino.

Guerra.

Eu concordei em travar uma guerra.

Ou talvez tenha sido forçado a uma…

Não tinha certeza do que era pior.

Lutar em uma delas foi mais que suficiente, e todo o povo Kahlohani quase morreu por causa disso.

Mareina tinha visto as coroas em nossa visão compartilhada… Como ela se sentiria sendo rainha? *Como ela se sentiria tendo que lutar em outra guerra?*

Tudo o que eu sempre sonhei foi em recuperar as Ilhas Kahlohani. Mas para fazer isso, eu precisava reivindicar todo o Atratus. O que veio com uma quantidade *esmagadora* de responsabilidade para proteger minhas ilhas e evitar outra guerra. No entanto, de alguma forma, a guerra, de acordo com minhas visões, *ainda era* inevitável.

CAPíTULO

TRINTA E qUATRO

MARINHA

EU me senti entorpecida na maioria das formas... Como sempre acontecia quando se tratava de consequências que alteravam a vida... Mas enquanto eu mergulhava em minhas emoções e pensamentos... Não consegui encontrar choque entre eles. Mesmo em relação aos meus pais... A mulher que eu presumi ser minha mãe nem tinha participado como minha mãe adotiva. O homem, que eu presumi ser meu pai biológico, bem... Nós nunca fomos particularmente próximos. Ele tentou o seu melhor, e por isso, eu estava grata. Eu não o culpei por seus erros e deficiências. Os deuses sabiam que eu tinha muitos dos meus para fazer tal coisa. Eu o amava, mas... Nós não nos falávamos há tantos anos que eu parei de contá-los.

Seres sem idade.

O que diabos isso significa?

Não tive tempo nem energia para pensar nisso.

Embora a imagem de Nakoa em uma forma alada envolta em fogo divino estivesse agora gravada em minha mente... E bem, isso só aumentou minhas suspeitas de que quem eram seus pais também era altamente discutível.

E apesar de todas as premonições que tive desde que entrei na adolescência há mais de cem anos... Ouvindo aquela voz, acenando para que eu a libertasse, *a Morte*... Provando-me que ela não era apenas um sonho insano… Tornou tudo um pouco real demais. Iminente demais. Sempre foi algo que eu podia questionar e pairava à distância…

Agora, eu deveria me ligar a um homem que eu desprezava e que estava decidido a me usar para conquistar um Reino.

Bem na hora, Phaedra *colocou* uma caixa dourada com desenhos intrincados ostentando joias e um conjunto grosso de runas em suas mãos. Ela a abriu para revelar uma adaga dourada e brilhante descansando dentro de seus confins forrados de veludo azul escuro. Claramente uma coisa para cerimônia e não para batalha. Runas brilhantes traçavam o comprimento de seu cabo, punho, espiga e lâmina.

Meu coração batia como um tambor de guerra no meu peito.

Parecia que o destino estava selando quaisquer outras rotas para um caminho diferente quando Nakoa agarrou a adaga da caixa dourada e começou seu voto primeiro enquanto ele passava a lâmina pela palma da mão. O choque rolou por mim enquanto eu testemunhava a emoção crescendo em seus olhos brilhantes. A magia, a escuridão e um ouro profundo de Nakoa se entrelaçavam no ar antes de seguir seu sangue que se derramava e gotejava no chão entre nós.

“Mareina Kalini, meu coração, meu corpo e minha alma são seus nesta vida e em todas as nossas vidas que virão - como um símbolo do meu amor

e gratidão eterna a você e Akash, ofereço meu sangue, minha magia e meu voto de sempre protegê-la, prover para você, honrá-la e amá-la por todos os nossos dias que virão. Na alegria e na tribulação, estarei ao seu lado."

Meu coração parou no peito. Um alarme terrível disparou dentro de mim, gritando para eu não fazer tal voto, mesmo que tudo em minha alma e esse vínculo exigissem que eu fizesse. Era quase como se eu estivesse observando de longe, em algum lugar fora do meu corpo, enquanto Nakoa me passava a lâmina. Seus olhos me perfuravam enquanto eu apertava o punho da adaga com força para me firmar.

Meus olhos captaram várias figuras sombrias e encapuzadas além do santuário na orla da floresta, à distância. Um medo gelado me atingiu brevemente.

Oh deuses. Claro, o momento em que eu for fazer meus votos - o que deveria *ser um dos dias mais felizes da minha vida - é o dia em que Mors' Pharalaki virá para colher minha alma.*

Mas no momento seguinte, eles retornam para as sombras.

Desaparecendo.

Quanto tempo mais eu tinha de vida?

Certamente, isso era um presságio.

Ah, bem... Esse voto não teria a mínima importância se eu estivesse prestes a morrer de qualquer maneira.

A racionalização me deu coragem para finalmente passar a lâmina pela palma da mão e dizer meu voto.

Nakoa Solanis, em homenagem a Akash e sua sabedoria onisciente, juro com meu sangue e minha magia ajudá-la a governar com justiça para que possamos proteger o reino e trazer paz e prosperidade a todo o seu povo.

Minha magia se manifestou como um vermelho escuro, brilhando intensamente contra o pairante *Seraphi Ousia*, testemunhando enquanto ele girava ao nosso redor antes de descer para se juntar ao meu sangue e ao de Nakoa no chão sob nossos pés.

A expressão de Nakoa endureceu em compreensão antes que uma pitada daquele sorriso cruel retornasse com determinação sombria. Nakoa me puxou com força contra ele, me pegando de surpresa quando levantei minha palma para encontrar a de Nakoa, entrelaçando nossos dedos. Nosso sangue continuou a escorrer entre nós enquanto nossa magia girava ao nosso redor e entre a *Seraphi Ousia flutuante* que parecia ter parado completamente. A brisa aumentou novamente, nos circulando com força como se nos empurrasse juntos. Nakoa se inclinou para perto, sussurrando em meu ouvido.

"Você já me pertence - mente, corpo e alma - mas eu terei *seu voto Mareina. Mesmo que eu tenha que passar o resto dos meus dias punindo você para obtê-lo."*

Medo e raiva, em igual medida, se enrolaram em mim como garras buscando carne. Antes que eu pudesse responder, a voz de Phaedra cortou o vento como a lâmina, nossa carne. A cada palavra que passava, uma luz

dourada penetrante subia de baixo de nossas palmas onde as minhas mãos e as de Nakoa estavam entrelaçadas. Enquanto Phaedra falava, aquela luz dourada deslizou sobre nossas mãos e teceu em torno de nossos pulsos e dedos em um desenho intrincado, ostentando runas em uma língua que eu só tinha visto nos pythos em meus sonhos.

"Que vocês sirvam uns aos outros para o benefício de Atratus. Que vocês sejam a força um do outro, aliados em todas as batalhas, consolo em todas as tempestades, a luz na escuridão um do outro e uma fonte de alegria em cada momento. Pelo poder de Akash e todos os deuses que a servem, eu, Phaedra Borealis, abençoo esta união e seu destino predestinado. Que assim seja."

A luz se instalou sob nossa pele… E *desapareceu.*

Minhas sobrancelhas franziram enquanto a confusão se transformava em desconforto e afundava como uma pedra na minha barriga. As marcas de Nakoa que há apenas alguns momentos eram elaboradas, brilhantes e vívidas viajando por seu antebraço, pulso e mão tinham desaparecido completamente.

Assim como o meu…

Rapidamente arregacei as mangas, e a visão do que estava marcado na parte interna do meu antebraço direito fez aquele medo gelado correr novamente pelas minhas veias.

O ouro escureceu para preto. Em vez de belos e elaborados redemoinhos e runas como os de Nakoa eram antes de desaparecerem, agora tudo o que restava era...

Uma tocha invertida com asas.

O símbolo de Mors.

O Deus da Morte.

As palavras *"Invenitum Thanaratou"* rabiscadas, letra por letra, *abaixo dela.*

Era isso… Tudo isso foi em vão.

Certamente eu morreria muito em breve.

Eu estava *marcado* para isso.

Foi perseguido por *Pharalaki de Mors* durante *anos.*

Eu não sabia o que essas palavras significavam, embora soassem idênticas à língua antiga dos meus sonhos, mas a marca em si já era um presságio.

"O que você fez?" Ela sussurrou horrorizada, as unhas cravando-se em meu braço.

Fiquei tão chocado que só conseguia olhar para ela boquiaberto, como um peixe fora d'água.

Nakoa rosnou violentamente, agarrando seu pulso com uma força que a fez gritar de dor quando ela me soltou.

" Tire suas mãos dela, porra."

Um grito repentino saiu da minha garganta quando a dor familiar que sempre esteve na parte de trás das minhas omoplatas me perfurou como

espadas duplas. Uma dor lancinante que *queimava* como fogo do inferno. Ossos estalaram e meus joelhos dobraram.

Nakoa me pegou em seus braços antes que eu caísse no chão. Minha visão ficou branca com a dor ofuscante, seguida por um peso totalmente *desconhecido* que se instalou em minhas costas. Eu cerrei meus dentes contra a dor antes de forçar meu olhar para Nakoa. Seu rosto estava iluminado com uma luz dourada, mandíbula relaxada e olhos arregalados de admiração.

“Asas ”, ele respirou.

Meus dedos afundaram em seus ombros, e eu cerrei meus dentes de dor enquanto o pior da dor gradualmente diminuía. Eu ofeguei por ar como se tivesse sido segurado debaixo d'água. Calor e umidade penetraram em minhas palmas, e quando finalmente consegui abrir meus olhos, percebi que minhas unhas aparadas, embora nem mesmo longas ou afiadas, ainda tinham perfurado sua pele de agarrá-lo tão ferozmente. Ele mal pareceu notar, seu olhar fixo no que havia brotado das minhas costas.

“Oh, Mareina… Eles são lindos”, ele suspirou.

A dor nos meus ombros gradualmente desapareceu e se tornou uma dor surda e latejante que, embora impossível de ignorar completamente, não era mais entorpecente.

Nakoa me ajudou a me endireitar e continuou segurando minhas mãos como se soubesse tanto quanto eu que eu provavelmente cairia devido ao peso enorme pendurado entre meus ombros.

Estiquei o pescoço para olhar por cima do ombro, *esticando minhas asas instintivamente.*

Todos os quatro.

Puta merda.

A ação causou outra dor lancinante que embranqueceu minha visão, e tive que estender a mão e agarrar Nakoa.

Cada asa era tão longa quanto eu era alto. As penas eram de um preto tão profundo que pareciam absorver a luz em vez de refleti-la.

Fedra ficou branca como um lençol.

Seu olhar saltou freneticamente entre nós, balançando a cabeça.

“Isto é… Errado… *Tudo errado…*”

Antes que pudéssemos responder, ela agarrou nossos braços e a escuridão nos consumiu.

CAPíTULO

TRINTA E CINCO

NAKOA

Phaedra nos *dobrou* diretamente de volta para o nosso quarto e saiu sem dizer mais nada. Mareina rastejou para a cama de bruços e estremeceu ao ver todo o sangue encharcando suas roupas de couro de luta de onde suas *quatro* asas tinham explodido de suas costas. Elas eram talvez a coisa mais linda que eu já tinha visto... Embora eu nunca tivesse visto algo assim na vida real. Apenas em esculturas, pinturas e textos religiosos...

E isso tornou a possibilidade de quem diabos seriam os pais biológicos de Mareina ainda mais intrigante. Infelizmente, agora não era o momento de tentar descobrir. Nem minha mente conseguia se dar ao trabalho de focar nesse fato. Olhei para minhas mãos em descrença. Elas tinham sumido... Minhas marcas *ligadas à alma* . Elas estavam lá em um momento, de tirar o fôlego, e sumiram no outro.

A raiva apertou meu peito. Mareina não tinha me dado um voto verdadeiro. Ela só tinha feito um voto para me ajudar a governar nosso Reino. Nada mais. O vínculo ainda não estava cumprido. Meus olhos se moveram de onde eu estava carrancudo para minhas mãos para onde Mareina estava esparramada na cama.

Sangue encharcou suas costas de onde suas asas haviam estourado. Suas asas tremiam como se ainda pulsassem em dor. A visão suavizou minha raiva. E o fato de que Mors a havia marcado.

A lembrança da minha visão de Mareina parada no submundo ao lado dos *Pharalaki* retornou.

Por favor, Akash… Não. Como eu poderia governar este Reino sem meu lohane thili?

A culpa se retorceu em meu estômago pelo quanto eu a havia manipulado...

Ainda assim, eu o empurrei para longe. Eu não me arrependeria de fazer o que fosse preciso para libertar meu povo.

Ajoelhei-me ao lado da cama para onde a cabeça de Mareina estava virada. Seu rosto estava pálido de choque e exaustão.

Forcei minha voz a ficar neutra.

"Como você está se sentindo? "

Sua garganta trabalhou enquanto seus olhos se voltaram para os meus. Sua voz estava seca e oca.

“Como uma nova mulher.”

Só consegui franzir a testa.

“Eu posso… ir até a taverna e ver se eles têm gelo?”

Mareina balançou levemente a cabeça.

“Não vamos forçar a sorte. Eu meio que esperava que ela nos expulsasse daqui.”

Eu também.

Eu cedi sentando no chão e encostando as costas no criado-mudo.

Meu peito e nossa corda doíam. Admito que não só eu estava bravo porque ela estava colocando em risco nosso sucesso... Mas eu estava ferido. Ela me rejeitou quando eu prometi minha vida a ela. Ou pelo menos tentei. Embora eu relutantemente entendesse o porquê, isso não fez doer menos.

Eu não tinha ideia do que o símbolo ou as palavras marcando sua pele significavam além de reconhecer o símbolo da Morte. *Mors.* As palavras escritas abaixo estavam em uma língua que eu não reconhecia.

“Você sabe o que significam as inscrições em suas marcas?”

Outro leve balançar de cabeça.

“Desculpe-me por ter estragado tudo…”

Apesar da dor que a dilacerou, uma risada áspera e sem alegria irrompeu do meu peito. Como ela estava errada. Não foi *ela* que estragou tudo. Fui *eu.* Se eu não tivesse sido tão implacável e cruel com ela... Talvez ela tivesse me dado seu voto. Talvez eu até *merecesse* .

Um homem melhor teria sido capaz de admitir isso. Eu nem precisei afastar a percepção porque o medo prontamente tomou seu lugar.

Medo de que tudo aquilo pelo qual passei a vida trabalhando fosse arrancado de mim.

E logo depois, minha raiva retornou.

“Oh, não se preocupe, *maha mo'ina li'ili…* Você pode ser marcada pelo próprio Deus da Morte, mas isso atende às nossas necessidades muito bem porque qualquer um ou qualquer coisa que esteja em nosso caminho será enviado diretamente para ele.”

CAPíTULO

TRINTA E SEIS

MARINHA

Fou horas, eu ficava deitado na cama me revirando. Quando finalmente consegui dormir, fui recebido por pesadelos retratando tanta morte que, mesmo tão insensível quanto eu estava, ela tinha expulsado o conteúdo do meu estômago.

Então, depois de suportar horas assim, foi bastante apropriado que, na manhã seguinte, eu acordasse me sentindo como se estivesse morrendo.

A própria Fedra não estava em lugar nenhum, e fiquei tão feliz por isso quanto por ter ido embora.

Esperando do lado de fora da taverna enquanto Nakoa cuidava da nossa conta, meu olhar fixo no horizonte enquanto eu tentava respirar para afastar a tensão que deixava meu corpo tenso. Nós voltaríamos para seu *olana kah'hei…* para então seguirmos para a casa de sua mãe, Vysinni, e então Bastrina.

Meu plano de escapar de Nakoa aparentemente teria que ser... adiado por enquanto. Pelo menos até matarmos Zurie e tomarmos o trono. Eu tinha jurado ajudá-lo a governar Atratus, mas não prometi nada sobre comprometer meu coração ou meu corpo a ele. Talvez eu pudesse ajudá-lo a realizar seu sonho de viver uma existência pacífica nas Ilhas Kahlohani, exatamente como ele sempre sonhou.

Mais uma vez, minha mente se voltou para Malekai, o que só serviu para intensificar a dor no meu peito. Ele já tinha chegado em Vyssini? Não pude deixar de sentir como se estivesse conscientemente nos levando para uma armadilha. Uma na qual Malekai poderia até ser machucado...

Devo avisar Nakoa?

Como eu poderia avisar Malekai?

A voz de Nakoa me tirou dos meus pensamentos. Ele poderia sentir minha turbulência?

“Como eles se sentem?”

Virei-me e o vi examinando minhas asas e as estendi bem.

“Muito melhor. Estranho, mas não doloroso.”

Eu podia ouvir a carranca na voz de Nakoa enquanto ele esfregava minhas roupas de couro perto de onde o osso havia estourado nas minhas costas e perfurado minha blusa.

“Ainda tem sangue nas suas costas.”

Dei de ombros, agora com um movimento lento e desconfortável.

Que diferença isso fez?

Senti uma rápida passagem de sua magia contra mim, presumivelmente limpando o sangue de si mesmo. Nakoa se virou para mim para olhar para o meu rosto. Sua expressão era surpreendentemente neutra, considerando que eu basicamente arruinei sua esperança de atingir o poder total *e* nossos

votos de ligação de alma. Ele abriu a boca para dizer algo, mas pareceu lutar com isso por um momento antes de finalmente decidir: "Você acha que está pronto para tentar voar? Se não, eu posso simplesmente carregá-lo."

Meu estômago deu uma guinada nervosa. Altura nunca foi meu ponto forte, mas forcei as palavras a saírem mesmo assim. “Quanto mais cedo, melhor, imagino.”

Nakoa franziu a testa antes que seu olhar se voltasse para o telhado da pousada.

“Tente esticá-los e dar-lhes algumas batidas, então praticaremos a decolagem e o pouso do teto.”

Eu assenti, respirando fundo para me fortalecer contra meus nervos. Minhas asas dispararam, uma delas batendo em um dos postes de amarração. *"Ai, porra!"*

Nakoa deu uma gargalhada calorosa que, apesar da dor que a causou, aliviou a tensão pesada no ar. Ele gentilmente agarrou meus ombros e me tirou da proximidade de objetos duros. A ternura em seu toque fez meu coração traidor apertar, mas eu prontamente o sufoquei.

“Se você queria tanto que eu te carregasse por todo o caminho de novo, você só precisa pedir. Não precisa quebrar nenhuma asa,” ele provocou.

Minha testa franziu.

“Por que você está sendo tão legal?”

Peito arfando, ele sorriu um pouco amargamente. “Eu sou tão previsível assim?”

Meu olhar deveria tê-lo reduzido a uma casca.

“Bem, considerando a tempestade de merda que houve ontem... Talvez pudéssemos *tentar* aproveitar o dia enquanto ele ainda está em paz,” ele gesticulou levianamente em direção às marcas em meus braços, “Já que estamos todos prestes a morrer, aparentemente.”

Soltei um grunhido evasivo.

“ *E* você é particularmente deslumbrante com suas asas abertas…”

Revirei os olhos, ignorando suas palavras encantadoras e dei um pesado bater de asas. Eu gritei de terror quando ele me lançou a um pé do chão e fez meu estômago pular. Nakoa uivou de tanto rir quando me pegou pela cintura.

“Calma aí”, ele ronronou, “Delicadamente…”

Meu coração batia freneticamente no meu peito enquanto eu tentava respirar para afastar meu medo... E o efeito que suas palavras estavam tendo em mim. Ainda segurando minha cintura, ele deu um passo para trás.

"Eu te peguei."

Minhas mãos apertaram seus bíceps enquanto eu tentava fazer minhas asas baterem suavemente. Meus calcanhares levantaram do chão, e eu voltei para baixo, firme em meus pés.

“Boa menina… De novo.”

Mais dois suaves flaps me mantiveram no ar. Um sorriso sensual surgiu no rosto de Nakoa.

“ *Akash todo poderoso…* Você parece uma deusa vingadora enviada dos céus.”

Eu me forcei a não me gabar do elogio. Minhas asas bateram mais algumas vezes, o que me levantou mais um pé no ar e fez minhas unhas cravarem em sua carne.

“ *Ou infernos*, segundo Fedra.”

Ele cantarolou pensativamente. “Eu te seguiria para qualquer um dos dois.”

Houve um silêncio tenso, e eu limpei minha garganta como se isso pudesse aliviá-lo. Os dedos de Nakoa apertaram minha cintura.

“Você quer tentar subir até o telhado?”

Meus olhos dispararam para o telhado, a apenas três metros do chão, mas mesmo assim meu estômago deu um pulo fantasma.

“Oh, Deuses…”

Nakoa abandonou seu glamour, abriu bem as asas e pegou minhas mãos nas suas.

“Nós iremos juntos. Levará apenas algumas batidas firmes. Quando seus pés estiverem um ou dois pés acima da borda do telhado, apenas incline-se para frente. Eu irei primeiro e estarei lá para pegá-lo, ok?”

Gradualmente, consegui assentir, rejeitando qualquer esforço que esse vínculo fizesse para colocar alguma fé em suas palavras. Os olhos de Nakoa procuraram os meus por um momento, hesitando.

“Você sabe o que significa *lohane thili* ?” Ele murmurou suavemente.

Eu balancei a cabeça.

“É Kahlohani para *alma ligada.”*

“… Mas você me chama assim desde que nos conhecemos.”

Um sorriso suave e triste surgiu no canto de sua boca.

“Eu soube desde o momento em que te vi à distância daquela multidão. Com ou sem os dons que o vínculo nos concede, eu teria te levado. Eu te quero por *você*, Mareina. Isso nunca mudou. E... eu sinto muito que minhas ações tenham te levado a acreditar no contrário.”

O peso da atenção dele… Sua afeição… era demais para meus escudos suportarem naquele momento. Eu me forcei a dar um passo para trás.

“Vamos ver o que essas coisas podem fazer, certo?”

Nakoa hesitou por um longo momento antes de concordar com um sorriso e dar às suas asas uma batida singular e poderosa que o fez pousar graciosamente no telhado em menos de um segundo.

Eu fiz uma careta para ele. “Se exiba.”

Nakoa jogou a cabeça para trás com uma risada.

Meu batimento cardíaco batia tão alto que eu podia sentir nos meus tímpanos. Minhas asas bateram forte e me lançaram no ar como um foguete, e eu gritei mais alto do que nunca enquanto voava muito acima do telhado. O medo me fez travar e o chão correu em minha direção.

Braços fortes me seguraram pela cintura e levantaram minhas pernas.

"Eu peguei você, eu peguei você", Nakoa me acalmou, murmurando contra meu pescoço enquanto pairávamos no ar acima do telhado da pousada.

Minha respiração estava rápida e ofegante, e minhas unhas cravaram-se nos ombros de Nakoa como as garras de um gato resistindo ao banho.

"Por favor… Chega. Chega," eu implorei.

Nakoa riu, me apertando contra seu peito. Minha adrenalina estava bombeando forte.

" *Shhhh.* Está tudo bem, Mareina. Eu estou com você. Não se preocupe."

CAPíTULO

TRINTA E SETE

MARINHA

EU Levou nada menos que 20 minutos para meu batimento cardíaco se estabilizar após nosso treino de voo. Eu também mantive minha cabeça enterrada com segurança no peito largo de Nakoa durante todo o tempo. Eu disse a mim mesmo que era *puramente* por meu medo de altura.

De jeito nenhum porque a sensação de seu peito musculoso e seu cheiro enchendo minhas narinas eram tremendamente reconfortantes...

“Você está bem, *lohane thili?”*

Meu coração apertou com o carinho agora que eu sabia o que significava.

Não é um carinho. É factualmente o que você é. Não significa nada. Nada além de um monte de problemas, eu me repreendi.

“Se por ' *ok'* você quer dizer *'traumatizado'* - então sim. Completamente.”

Nakoa riu. “Sabe, para um guerreiro tão calejado pela batalha, você é terrivelmente nervoso quando se trata de altura.”

“Sim, bem… Felizmente, a maioria das batalhas acontecem firmemente plantadas no chão.”

Nakoa cantarolou pensativamente. “Eu apostaria uma boa grana que quando você aprender a voar direito, eu não vou conseguir te manter longe do céu.”

Balancei a cabeça, sem conseguir sequer considerar isso naquele momento... E voltei aos eventos do dia anterior, roubando de repente o conforto e a alegria daquele momento.

“… Há algo que preciso te contar… Sobre ontem.”

Os dedos de Nakoa se cravaram em mim como se tentassem reprimir sua reação à lembrança.

“Os homens dos quais você me resgatou… Eles faziam parte da sua Revolta.”

A voz de Nakoa caiu para um rosnado. “Eu sei… Me perdoe."

Eu recuei, ainda forçando meu olhar a desviar do chão, centenas de metros abaixo de nós.

“Não é culpa sua que eles—

“ *É* minha culpa. É minha culpa não ter sido um juiz mais astuto de caráter em relação àqueles que permiti que se juntassem às suas fileiras.”

Eu balancei a cabeça. Era muita responsabilidade para qualquer pessoa suportar.

“Nakoa… *Como?* Como você seria capaz de determinar tal coisa?”

“Meu Saber. Se eu tivesse pensado em perguntar. Eu só os fiz jurar lealdade — não importando o caráter — por uma questão de números. E eu

egoisticamente ignorei as implicações disso.”

“Você não pode evitar o fato de que alguém que pode ser leal e valente no campo de batalha pode se tornar uma escória absoluta no segundo em que sai dele.”

Eu tinha testemunhado isso em primeira mão. Homens e mulheres que ganharam prêmios de bravura durante a guerra, eu também tinha testemunhado cometendo atos indizíveis. Meus pensamentos vagaram brevemente de volta para Galvor, o robusto guerreiro e guarda fae que tinha me protegido, em um ato genuinamente altruísta, no campo de batalha em uma ocasião singular, mas tinha decidido pendurar isso na minha cabeça pelos últimos 70 anos em uma tentativa de me atrair para sua cama.

Se a guerra me ensinou alguma coisa, foi que ninguém é completamente bom ou completamente mau.

E pelo silêncio de Nakoa, ele também sabia disso.

“Não é sua culpa, Nakoa... Você sabe tão bem quanto eu que esses mesmos homens teriam feito exatamente a mesma coisa, mesmo que não fizessem parte da Revolta.”

Nakoa permaneceu em silêncio enquanto a verdade das minhas palavras se aprofundava. Tendo lutado na guerra, eu não tinha dúvidas de que ele tinha testemunhado seus companheiros guerreiros cometendo atos abomináveis. Eu não pude deixar de me perguntar se ele conhecia os homens que estupraram e mataram a mãe de Malekai.

Meus pensamentos começaram a voltar para meu próprio passado violento *antes de* me juntar ao exército de Zurie... Nenhum dos homens que se forçaram a me atacar estava no exército de Zurie...

Senti o corpo de Nakoa ficar ainda mais tenso, provavelmente sentindo para onde meus pensamentos tinham ido, estando tão perto dele. Limpei a garganta, tentando redirecionar nossos pensamentos e emoções.

“Onde estão todos afinal? Eles ficaram no acampamento daquela horda?”

Nakoa grunhiu em afirmação.

“Eu sinto que talvez… eu devesse glamourizar minhas asas… Eu não acho que tenho energia para explicar. Não que eu saiba por onde começar de qualquer maneira.”

Nakoa franziu a testa. “Não gosto da ideia de você ter que se mascarar… Eu tenho feito isso a minha vida inteira... Meus *olana kah'hei* são os *únicos* em quem confio com minha verdadeira forma... Se houvesse alguém em quem você pudesse confiar, seriam eles... Sem mencionar... Suas asas são lindas demais para se esconder quando não é absolutamente necessário..."

Ousei dar uma olhada em seu peito e vi um sorriso suave curvando o canto de sua boca, seu olhar fixo no horizonte até que ele mergulhou para encontrar o meu.

“Seria uma alegria tremenda para mim se você se sentisse confortável o suficiente para não se enfeitar perto deles... Posso explicar o melhor que

puder para eles por você... Mas a decisão é sua.”

Concordei gradualmente, decidindo dar esse pequeno salto de fé. Eu tinha evitado atenção sempre que possível, me confinando às sombras desde que deixei o Templo Erosyan. E isso tinha me deixado sentindo sozinho e isolado. Malekai tinha sido meu único alívio disso, e mesmo assim... Eu não tinha confiado nele sobre a maioria das minhas aspirações, anseios ou passado.

“Ok… Vou confiar em você nisso.”

Os lábios de Nakoa se separaram por um momento enquanto ele observava minha expressão franca antes que um sorriso tomasse conta de seu rosto, e ele pressionou seus lábios na minha testa.

“Obrigado, *lohane thili,* ” ele murmurou contra minha pele.

“Embora em público, imagino…

“Sim, seria sensato esconder suas asas para evitar chamar muita atenção…”

“Você consegue enfeitiçá-los?”

Assenti com a cabeça, distante, e meus pensamentos voltaram para a família escolhida enquanto nos aproximávamos do acampamento.

“Você acha que eles ficarão chateados comigo por ter ido embora?”

“De jeito nenhum. Você tinha todos os motivos para isso. Eles entendem.”

O silêncio se estendeu por alguns momentos enquanto voávamos, e finalmente consegui apreciar a beleza e a paz que havia ali tão alto, acima de tudo.

“A propósito, nós guardamos um…”

Ficou com um?

“Um o quê? Um dos bandidos?”

“Um prisioneiro deles, tecnicamente.”

“… Há uma razão pela qual você não os libertou…”

Não é uma pergunta, mas uma constatação amarga.

“ Ela *está* livre… Ela só não tem para onde ir. E ela precisa de proteção. Mas sim, há algo que eu espero que ela concordará para que a rainha não coloque um preço em sua cabeça por traição.”

Estiquei o pescoço para finalmente olhar para ele enquanto o mundo abaixo continuava a passar abaixo de nós.

" … O que?"

“ Encontramos um *mimicryx”*, ele respondeu presunçosamente.

Meu rosto ficou tenso em choque.

“Mas… eu pensei que eles tinham… ido embora.”

E eu fui um dos poucos que garantiu isso.

Culpa e vergonha se retorceram em meu estômago.

“Zurie aparentemente perdeu alguns…”

Durante a guerra, ela ordenou que todos os Mimicryx fossem executados por não ficarem do lado dela. Considerada uma ameaça muito grande para ser permitida a viver.

Fiquei de boca aberta quando percebi por que ele iria querer usar o mimicryx... *Deuses.*

O cheiro de sangue ficou mais forte conforme nos aproximamos do acampamento da horda. Quando finalmente descemos, não pude deixar de notar que não havia um cadáver à vista.

“Para onde foram todos os mortos?”

Nakoa pigarreou como se estivesse surpreso com a pergunta.

“Os amigos sombrios de Rayne têm um apetite bastante *grande* .”

Minhas sobrancelhas saltaram em direção à linha do meu cabelo assim que meu estômago mergulhou antes de Nakoa pousar graciosamente perto de uma fogueira onde Famei estava fazendo café da manhã e o resto do *olana kah'hei de Nakoa* estava sentado tomando xícaras de café. Entre eles estava o mimicryx, e eu não pude deixar de notar Rayne pairando por perto, observando-a.

Minhas asas se sacudiram, me pegando levemente de surpresa, como um tipo de reflexo inato. Virei-me para encontrar todos, com exceção de Rayne, com vários graus de surpresa em seus rostos.

“Você comeu asas esse tempo todo?” Lokus perguntou.

Era uma pergunta totalmente legítima… Nakoa manteve seu glamour quase sempre.

Minha espinha ficou rígida, me preparando para a explicação que eu teria que dar.

"Não…"

Nakoa envolveu minha cintura com um braço fortalecedor, e nossas asas deslizaram sem esforço uma sobre a outra como se fossem peças de um quebra-cabeça perfeitamente encaixadas.

As sobrancelhas de Lokus apenas se ergueram impossivelmente mais. “Huh.” E então começou a pegar um pedaço de fruta de uma tigela perto de Famei.

Pomona me deu um sorriso encorajador. “Legal.”

Nakoa olhou para mim e me deu um sorriso maroto antes de se virar para o mimicryx, cujos olhos estavam dançando intensamente entre nós.

“Então o que exatamente você precisa que eu faça? E isso beneficia a The Uprising?”

“Zurie solicitou que meu *cadáver* fosse levado até ela.”

O mimicryx soltou uma risada incrédula no mesmo momento em que Rayne olhou silenciosamente para Nakoa.

“Você espera que *eu* seja jogado voluntariamente no covil de Zurie?”

“ *Zurie* estará morto”, ele respondeu incisivamente, “E como mencionei antes… Você não estará sozinho.”

Nakoa começou a explicar seu plano para Vesper e o resto de nós. Eu me vi apenas observando distantemente enquanto tentava visualizar cada passo do caminho. Cada resultado potencial de cada movimento. Toda a bravata e segurança que ganhei durante a cerimônia minha e de Nakoa

evaporaram no ar. Aparentemente, eu estava dotado com a tarefa de matar a Rainha eu mesmo.

isso que me deixou perturbado, não. O que me deixou com o estômago embrulhado foi o fato de Nakoa não ter hesitado nem por um momento em pensar que talvez ele não quisesse me encontrar naquele tipo de perigo iminente... Não que eu achasse que seria incapaz de ter sucesso na tarefa, especialmente com o elemento de surpresa… E era verdade que o plano que ele havia arquitetado era de longe o mais simples e eficiente.

Se eu tivesse sucesso, Zurie estaria morta, e ninguém saberia, além de Vesper. Pelo menos até que estivéssemos prontos. O que precisaria ser logo depois, mas ainda assim...

Não haveria guardas ou seu exército para lidar até que Vesper pudesse assumir a forma da Rainha após sua morte e anunciar Nakoa Rei...

Claro que haveria consequências, mas...

A lógica e a racionalidade repetiram esses fatos em minha mente para acalmar meu coração visceralmente dilacerado.

Não funcionou.

Em vez disso, isso me fez sentir... dispensável.

“Você conhece bem o castelo?” Ele me perguntou, me arrancando dos meus pensamentos.

Preparando-me contra minhas emoções, consegui assentir.

“… Como a palma da minha mão.”

“Tem alguma… entrada discreta pela qual você possa nos levar? Caso precise de... reforços.”

“… Há uma entrada de túnel distante na floresta que está escondida, mas deixada desprotegida. Há proteções no lugar que tornam impossível encontrá-la, a menos que você tenha sido levado para lá antes. Posso deixá-lo entrar por lá antes de Vesper, e vou pela frente.”

Nós, o grupo, deliberamos silenciosamente.

Akash todo poderoso… Isso poderia realmente funcionar?

Mesmo sem o vínculo ser cumprido, meu poder havia aumentado consideravelmente... Sem mencionar... Eu não pude deixar de me perguntar se havia algum *dom* que eu ainda não tinha descoberto ligado à minha marca que me ligava a Mors de *alguma* forma... Talvez eu precisasse fazer uma visita a um de seus templos. A ideia por si só fez um arrepio sacudir meu corpo.

Uma nova voz, ecoando o Saber de Nakoa, silenciosamente me tranquilizou. Os nós em meu intestino se aliviaram um pouco, apesar do peso tenso do olhar de Vesper.

Ela sabia.

Ela deve... Não deve?

Eu tinha caçado ela ou sua família?

A culpa pela mera possibilidade causou um leve tremor em minhas mãos.

A própria mão de Vesper foi até o chifre decepado no lado direito de sua cabeça.

“Ele vai crescer de novo?” Nakoa perguntou gentilmente.

Ela permaneceu em silêncio por alguns momentos, e meu coração se apertou ao ver o brilho repentino em seus olhos e sua voz abafada.

"Não."

A cabeça de Vesper virou para o chão enquanto uma lágrima escorreu por sua bochecha.

Não pude deixar de notar a expressão de dor de Rayne antes que ele estendesse a mão, e a metade quebrada do chifre de Vesper apareceu em sua mão enquanto ele se ajoelhava ao lado dela. Sua voz era inaudível para todos, exceto para ela e, incidentalmente, para mim...

“De onde eu venho, nossas cicatrizes são uma grande fonte de orgulho porque significa que fomos poderosos o suficiente para sobreviver. A beleza não é diminuída por nossas cicatrizes, mas realçada.”

Bem, droga, Rayne. Olhe para você.

Fiquei chocado que suas roupas íntimas não pegaram fogo ali mesmo.

Vesper lentamente levantou seus olhos cheios de lágrimas para encontrar os dele; algo silencioso e tangível foi trocado entre eles. *Preso à alma,* aquele Saber pressionou sobre mim.

Os olhos de Nakoa encontraram os meus, e um sorriso suave e conhecedor curvou um canto de sua boca. Ele puxou minha mão, aquela marcada por nossa votos, aos seus lábios e dei um beijo neles, fazendo meu coração palpitar de medo e... talvez uma flor de afeição.

A expressão de Vesper ficou pensativa enquanto ela soltava um grunhido evasivo. “Vou precisar da ajuda *dela* com uma coisa primeiro.”

Meu coração quase parou no peito por um breve momento antes de eu me recompor.

Ela *sabia* . E agora ela provavelmente iria tentar se vingar.

O que significa que um de nós acabaria morto.

Uma de nós, ou mais especificamente, *ela.*

Por mais culpa que me atormentasse, *não era* aqui que minha vida terminaria.

Assenti para ela antes de olhar para Nakoa, já me sentindo culpado.

Eis o plano dele.

Nakoa me lançou um olhar perplexo que, muito clara e silenciosamente, declarou: ' *Você realmente pensa tão pouco de mim?'* antes de retornar sua atenção para Vesper, estudando-a por vários longos momentos como se estivesse tendo algum tipo de discussão interna. Talvez com seu Saber, considerando nossa discussão anterior.

“… Jure sua lealdade em sangue, e você pode pedir a ela o máximo de tempo que ela estiver disposta a dar.”

A expressão de Vesper endureceu e virou uma carranca.

“Perdi a conta do número de vezes que fui manipulado, amarrado, acorrentado, enjaulado e explorado. Cheguei à conclusão há muito tempo

de que, de fato, preferiria morrer do que ser explorado e manipulado novamente... Se decido ajudar você, é porque quero. Não porque estou vinculado pela minha própria força vital a fazê-lo. ”

Nakoa lançou-lhe um olhar simpático. “Imagino que sua jornada tenha sido dolorosa, mas isso não muda o fato de que não a conhecemos e precisamos poder confiar em você. Cada pessoa aqui jurou lealdade por sangue e magia... Assim como todos os membros da Revolta fizeram. Se você pretende se tornar parte da nossa família e, assim... ajudar a acabar com o reinado de Zurie... Então, nenhuma exceção será feita para você. Não arriscarei o bem-estar da minha *alma ligada* ou do meu *olana kah'hei* porque você foi traído por outros. Você é bem-vindo para ir embora se isso não for algo com que você possa concordar.”

Vesper permaneceu em silêncio por alguns momentos antes de seu olhar passar por cada um de nós enquanto ela falava.

“… E eu, em troca, terei toda a *sua* lealdade?”

CAPíTULO

TRINTA E OITO

NAKOA

"EU "Na verdade, você vai," eu prometi, curvando os lábios.

Vesper soltou um suspiro para acompanhar o declínio de sua resistência.

"Tenho duas condições."

Dei de ombros, sem precisar fingir indiferença. Se ela fizesse isso por nós, certamente agilizaria nossos esforços para derrubar Zurie, e se ela escolhesse ficar conosco, o que eu imaginava que ela faria, considerando que ela provavelmente não tinha mais parentes vivos, ela se tornaria uma de nós.

"Qualquer coisa pela família."

Ela bufou, balançando a cabeça. "Vamos ver sobre isso."

Assentindo com uma dose considerável de confiança, meu Saber me disse que ela permaneceria.

"Como tenho certeza de que você deve ter percebido, poucos de nós sobreviveram à guerra."

Meus olhos se voltaram para Mareina, cuja expressão não revelava absolutamente nada. Eu não tinha dúvidas de que ela havia desempenhado um papel significativo no genocídio deles, e não pude deixar de me preocupar que Vesper a reconhecesse e tentasse se vingar. Mesmo que fosse um exercício de futilidade para ela. A última coisa que Mareina era preciso mais violência contra ela ou mais sangue em suas mãos.

"Quero que você me ajude a encontrar um macho mimicryx."

Eu praticamente podia sentir o rosnado que Rayne estava suprimindo em sua garganta. Seus *amigos sombrios* surgiram ao lado dele, seus vapores rodopiando e tumultuados, embora seus olhos luminosos permanecessem fixos em Vesper. Meu Saber havia confirmado que ela era a companheira de Rayne. Eu não pude deixar de me perguntar se suas bestas das sombras também eram suas companheiras... Que evento fascinante seria *a união deles* ... Se tal coisa fosse possível. Eles certamente tinham uma consciência própria. Eu testemunhei sua individualidade e independência de Rayne em muitas ocasiões para tomar seu silêncio como garantido.

"Um homem?", perguntei, embora já soubesse a resposta. "Um irmão ou primo seu?"

"Não. Preciso de um homem para que possamos evitar a extinção do meu povo."

Eu a estudei por um momento, treinando minha expressão para ser pensativa enquanto meu olhar deslizava momentaneamente para Rayne. Sua mandíbula estava cerrada, e o buraco que ele parecia estar decidido a queimar na lateral do rosto de Vesper finalmente se levantou quando seu olhar caiu no chão.

Pobre homem.

Eu xinguei interiormente.

Porra.

"Qualquer coisa pela família." … Deuses, eu era um idiota.

“E se não conseguirmos encontrar ninguém? Certamente você já tentou?”

“Claro que sim… Mas meus poderes são limitados. E esta aqui,” ela assentiu para Mareina, “Por acaso conhece o Vidente mais poderoso de todo Atratus.”

Então ela a reconheceu ... Mais uma razão para fazê-la jurar lealdade.

Miroslav. Uma onda de emoções passou por mim ao ouvir esse nome. Ele massacrou milhares de meus compatriotas.

E o dele mesmo, lembrei a mim mesmo.

E ainda assim… Ele salvou minha vida. *Duas vezes.*

Uniu-me à minha alma ligada.

Meu Saber sussurrou para mim que havia outras coisas que ele tinha feito das quais eu nem estava ciente, mas ele permaneceu em silêncio quando o pressionei para elaborar.

"Eu vejo…"

“E quando ele me disser onde está um macho adequado, vocês todos me levarão até ele. E eu aceitarei sua oferta de me tornar parte de sua… família escolhida. Junto com meu futuro parceiro.”

Uau.

Na minha visão periférica, pude ver que Rayne já estava montando em seu cavalo.

Os olhos de Vesper o seguiram enquanto ele se afastava, sua expressão tensa, mas determinada.

“Ahla'toa?” Vesper pressionou, falando Kahlohani para mim.

Acordado?

Pouquíssimas pessoas conheciam minha língua, e isso me fez pensar onde ela a havia aprendido, não importa quão pouco. Quem a havia ensinado? Eu os conhecia? Era possível. Poucos de nós permaneceram. Embora, por algum milagre, grande parte da família e dos amigos mais próximos da minha mãe tenham sobrevivido.

E nosso povo não estava tão à beira da extinção quanto o dela.

Meu coração afundou, sentindo como se estivesse traindo Rayne, mas não precisei recorrer ao meu Saber para confirmar que as coisas não seriam exatamente como ela imaginou. Seria algo temporário, esse esforço para encontrar um macho mimicryx. Ela não conseguia resistir à sua *alma presa* mais do que conseguia resistir a respirar ar.

“Ahlei.” Concordo.

CAPíTULO

TRINTA E NOVE

NAKOA

Mareina ofereceu seu cavalo a Vesper por enquanto, incidentalmente me dotando com o presente de ainda poder segurar o corpo de Mareina firmemente contra o meu. Desde que partimos, seu corpo estava... Particularmente rígido.

“Nós teremos sucesso, *lohane thili* . Meu Saber me diz isso. Ele nunca está errado.”

Vários momentos se passaram e, por fim, pensei que ela não responderia.

“… E se tivermos sucesso? Você está realmente pronto para ser um Rei?”

O branco rígido dos olhos de um homem se arregalam em reconhecimento de sua morte que se aproxima rapidamente e da espada que enterrei em sua barriga. Ele está vestido com uma armadura prateada e cinza, ostentando uma insígnia que eu nunca vi antes. Um sorriso sangrento abre seus lábios em suas últimas palavras.

“O que fazemos neste reino nos segue para o próximo, Rei Demônio... O que você dirá a ela então, eu me pergunto?”

Limpei meu rosto distraidamente para a saliva fantasma da boca do soldado. Embora a visão tivesse desaparecido, ela deixou uma sensação profundamente perturbadora e roedora em meus ossos. Também foi a primeira vez que ouvi esse apelido... *Rei Demônio*... Isso só serviu para aumentar ainda mais meu desconforto. Eu sabia que minha *transformação* estava o horizonte, mas... eu não estava exatamente ansioso por isso. Eu já era diferente o suficiente com minha cauda, asas e olhos pretos... Eu nem tinha a capacidade de me perguntar quem ' *ela'* poderia ser.

E as visões, ultimamente, tinham aumentado em frequência... Antes de Mareina, eu talvez recebesse uma ou duas por semana... Agora, tinham se tornado uma ou duas por dia... Os fios entre passado, presente e futuro... O próprio tecido da realidade que tecia minha consciência e sanidade no lugar estava... Desfiando, para dizer o mínimo.

Com meu silêncio, Mareina se contorceu em seu assento enquanto continuava. “Posso lhe garantir que não há uma alma em seu conselho que…”

Suas palavras foram ditas enquanto ela observava minha expressão pálida.

"Você está bem?"

Meu maxilar relaxado fechou-se de repente, e eu me endireitei, recolocando minha máscara de sanidade no lugar.

O que ela estava perguntando? Minha mente agarrou-se aos resquícios de memória recente, tentando lembrar sua pergunta…

Pronto para ser rei…

"… Estou preparado para fazer o que for preciso para libertar as Ilhas Kahlohani para que possamos voltar para casa como um povo livre. Governar Atratus para evitar outra guerra por *aetra* é uma dessas coisas. Eu nunca tive qualquer desejo de governar Atratus até que isso ficou claro para mim durante a guerra. Infelizmente, quem governa Atratus vai querer monopolizar o controle sobre a coleta e distribuição *de aetra* , e como ele só pode ser cultivado nas Ilhas Kahlohani… Seria apenas uma questão de tempo para a história se repetir. Desde que eu era um menino e comecei a ter essa premonição, eu sabia que estava destinado a ser Rei… E *você, lohane thili,* está ao meu lado. Então eu acredito que a pergunta mais apropriada é *quando* tivermos sucesso… *Você está* pronta para se tornar *Rainha* ?"

Mareina olhou para longe, soltando um grande suspiro e, através de nossa amarra, pude sentir o peso palpável disso.

"Não tenho desejo de ser acorrentado a esse tipo de responsabilidade, mas parece que o destino me levou a um caminho que só leva a uma direção. E não me sinto digno de tal papel... Não consigo imaginar que algum dia serei... Mas fiz um voto de ajudá-lo a governar... E não conheço ninguém fora de seu *olana kah'hei* que não exploraria o papel simplesmente por sua riqueza e poder... Então, sim, estou tão pronto quanto sempre estarei. E ao fazer isso, farei o meu melhor para servir a esse papel, e assim ao nosso povo, justiça. Para dar a eles o que nunca tive."

"… E o que é isso?"

" *Ter esperança."*

Uma poderosa mistura de orgulho e tristeza cresceu em meu peito por minha *alma presa.* Eu abaixei minha cabeça e dei um beijo no topo de sua cabeça, minha cauda parecendo enrolar-se em volta de sua cintura tão fervorosamente quanto meus braços a seguravam contra mim.

"Você sabe como eu *sei,* mesmo sem meu Conhecimento para confirmá-lo, que você será a melhor rainha que Atratus já viu?"

Sua respiração parou como se tivesse sido surpreendida pelas minhas palavras.

"Porque você sabe o que é sofrer. Você conhece a pobreza. Você conhece a guerra. Você conhece a violência. Você conhece a opressão. E ainda assim você permanece inquebrável. Em vez de se curvar sob o peso da adversidade, você se tornou *forte.* Você é poderoso. E apesar de tudo isso, em vez de se tornar cruel, você é compassivo. Eu sei que você é assombrado pelos feitos do seu passado, feitos promulgados em nome de Zurie, mas você não é implacável. Você não perdeu sua consciência ou se tornou insensível. Através disso, você aprendeu as muitas maneiras pelas quais Zurie errou . E agora... por causa de toda essa violência e sofrimento... Você não será cegado pelo seu poder como tantos outros antes de você. Você *trará* paz e prosperidade para Atratus, Mareina. "

Minha mão deslizou pela garganta de Mareina para atrair seu olhar para o meu, para que ela pudesse ver a seriedade das minhas palavras escritas em meu rosto.

“ Traremos paz e prosperidade a Atratus, *lohane thili.* ”

* * *

Quando chegamos na primeira cidadezinha depois de passar pelas Wildlands algumas horas depois que o sol tinha descido além do horizonte. Eu tinha visto o rosto de Mareina se contrair diante da pobreza que se espalhava diante de nós. Eu não ia a Bastrina há muitos anos, mas não conseguia imaginar que tivesse mudado muito. Na maior parte, Bastrina era um refúgio de riqueza. Embora houvesse áreas mais pobres e favelas, elas eram poucas e distantes entre si e, portanto, facilmente ignoradas.

Esta terra devastada, no entanto, *Toluna*, era um dos melhores exemplos de quão pouco Zurie se importava com seu povo. A terra e as montanhas ao redor, quase estéreis e supercultivadas, estavam cheias de minas e pedreiras. A cidade ficava no centro de um pequeno vale entre duas montanhas. Apesar de quanta indústria e exportação a cidade fornecia, a cidade era sombria na melhor das hipóteses.

Quase todas as casas e empresas eram feitas com a pedra cinza da montanha. As estradas eram todas feitas de terra e lama, com pouca ou nenhuma árvore ou *vida* para ser vista por quilômetros, com exceção de seu povo, que parecia ter um olhar faminto e desesperado nos olhos que me deixou com os dentes no limite.

Felizmente, passamos direto e seguimos algumas horas para fora, até uma pequena vila, *Darporr,* a mais próxima da casa da minha mãe. Era pitoresca em comparação, embora ainda bastante pobre, com casas de telhado de palha e florestas densas. Seu povo era principalmente povo das fadas, anões, orcs, dríades e vários outros povos que viviam nas montanhas e florestas.

Eu observei enquanto Mareina inclinava a cabeça para as imponentes árvores de bloodwood que nos cercavam, seus olhos quase idênticos ao tom verde profundo de suas folhas grossas e semelhantes a agulhas. Eles eram os árvores mais altas de todo Atrato e tinham o colar de sangue, daí seu nome, que se dizia ter propriedades curativas.

“Tem algo que você deveria saber... Sinto muito por não ter contado antes... Eu... Eu não sabia o que fazer...”, Mareina disse calmamente, fora do alcance da audição do meu *olana kah'hei.* “Zurie está enviando alguns de seus homens para Vyssini para caçar membros da Revolta. Eles provavelmente chegarão na mesma hora que nós.”

Um pouco mais do meu ressentimento em relação a ela se dissolveu enquanto meu coração se encheu com uma quantidade nada pequena de gratidão. Ao confiar essa informação, Mareina estaria salvando as vidas de pelo menos duas dúzias de homens e mulheres que eram absolutamente essenciais para o sucesso de The Uprising. Eu só podia rezar para que eles não fossem desonrosos como aqueles que capturaram Mareina...

Segurando-a firmemente contra mim e apertando, voltei meu nariz para seu pescoço, acariciando-a afetuosamente. Sua garganta trabalhou em uma deglutição, e seu batimento cardíaco dobrou.

“Obrigado por me contar… Você salvou vidas por causa disso.”

CAPíTULO

QUARENTA

MARINHA

"É só ali", Nakoa murmurou no meu ouvido. Eu tinha acabado de começar a dormir e percebi que tinha adormecido contra ele novamente. Seus dois braços longos e musculosos me seguravam contra ele e minha cabeça estava encostada em seu peito. Eu me endireitei, fazendo Nakoa dar um suave rosnado de desgosto.

Tudo o que eu conseguia ver na nossa frente era a inclinação íngreme de uma montanha com uma camada de árvores salpicando-a. Atrás de nós, seu *olana kah'hei* se arrastava atrás.

"Onde?"

Nakoa levantou o braço, segurando as rédeas, e apontou para o bosque mais denso de árvores. “Ela mantém a entrada glamurosa, mas fica logo ali atrás.”

O crepúsculo deu lugar ao cobertor da noite quando chegamos, grilos cantando. Nakoa desmontou Pumpkin para então me levantar dela, embalando minha cintura entre suas mãos fortes. Apesar dos meus esforços para suprimi-la, a ação fez meu coração palpitar.

O domínio de Nakoa sobre mim permaneceu por um momento enquanto ele me estudava sob o luar pálido, seu rosto a centímetros do meu.

“Obrigado”, ele ofereceu, com a voz calorosa e grave.

Mudando de posição, lambi nervosamente meus lábios. Seus olhos rastrearam o movimento, sangrando preto brevemente. Então, ser intimamente o único foco de sua atenção era tão desarmante quanto estressante. Limpei minha garganta como se isso dissipasse a tensão entre nós.

"Para que?"

“Só me deixar te tocar e te abraçar… Isso por si só já faz meu coração se sentir cheio.”

Minha visão travou em Roderick, desmontando e praticamente pulando em direção à parede do penhasco. Um alívio bem-vindo à sensação da corda sendo esticada entre nós. Eu teria pensado que cumprir o vínculo teria aliviado um pouco dessa tensão, mas não foi o que aconteceu. Só a tornou muito mais forte. Não pude deixar de sentir intuitivamente como se fosse a corda me puxando e exigindo que eu desistisse de tudo o que eu ainda guardava dele... Como meu coração.

Ao mesmo tempo um apelo e uma exigência, ele não se contentaria com nada menos que *tudo.*

Quando meus olhos retornam para Nakoa, seu rosto está pálido, e ele parece olhar *através de* mim. Como se sua mente estivesse em outro lugar…

“Querido, você chegou bem na hora do jantar,” uma voz feminina aveludada disse para ele. Nakoa piscou, balançando a cabeça sutilmente antes de tentar me dar um sorriso encorajador antes de seu olhar se erguer para sua mãe -

A mulher alta com pele bronzeada e cabelos prateados grisalhos em pé na porta de um penhasco irregular da montanha vestida em tons pastel e azul escuro. Seus braços se abriram e Roderick praticamente pulou quando a pegou em seus braços, apertando-a com força. Ela deu uma risada gutural, de barriga cheia, de um jeito que teria soado maníaco se não fosse pela alegria e calor que irradiava. Não pude deixar de sorrir ao observá-los. Em todos os meus anos, eu nunca tinha visto um afeto tão exuberante.

“Mamãe”, Roderick suspirou.

“Meu doce menino”, ela respondeu afetuosamente, acariciando seus cabelos enquanto sorria de orelha a orelha, com os olhos fechados.

Olhei para Nakoa. “Essa é realmente a mãe dele?”

“Basicamente,” Nakoa sorriu, rindo enquanto me puxava em sua direção. “… Os pais de Roderick foram mortos durante a guerra. Ela o acolheu quando ele era pequeno. Pensei que ele fosse um filhote de lobo à primeira vista. O encontrei remexendo no lixo do lado de fora de uma taverna em Darrporr,” ele acrescentou calmamente.

Minhas sobrancelhas saltaram enquanto meu coração dava um doloroso toque de empatia. O resto do *olana kah'hei de Nakoa* se aproximou de sua mãe, abraçando-a ansiosamente antes de entrar em sua casa na encosta do penhasco.

Quando todos se aventuraram a entrar, seus olhos pousaram em nós. Seu largo sorriso desapareceu um pouco enquanto a emoção parecia inchar em seu peito, os olhos disparando entre nós dois antes de claramente caírem em nossos braços como se estivessem procurando por nossas marcas *de alma* . Sua testa franziu ao ver a ausência deles, embora ela não tenha dito nada. Meus braços estavam, felizmente, cobertos pelas mangas do meu couro de luta, e ela não parecia muito preocupada que minhas mãos estivessem nuas delas.

“Mãe, esta é Mareina. Mareina, esta é minha mãe, Leilani.”

Eu me afastei do braço que Nakoa tinha enrolado em volta da minha cintura, estendendo minha mão em direção a ela e me curvando levemente. “É um prazer conhecê-la.”

“Estou tão feliz que você esteja aqui, querida,” ela disse suavemente, pegando minha mão entre as suas e me puxando para seus braços. Energia, calmante e cheia de amor, penetrou em mim com o contato. Meu corpo relaxou imediatamente, e o nó que eu nem tinha percebido que estava em meu peito se afrouxou.

“Obrigado por nos receber, como sempre… Você já começou a cozinhar?” Nakoa perguntou.

Leilani lançou-lhe um sorriso de advertência enquanto se afastava, nos conduzindo para dentro.

“Bem, já estava na hora de você vir me visitar, finalmente.”

Virei-me para olhar para trás e encontrei Pumpkin e Chihiro pastando ao lado dos outros cavalos.

“Não se preocupe, eles não vão vagar muito longe. Tem uma proteção”, ela acrescentou, dando um tapinha no meu ombro enquanto Nakoa me puxava para dentro atrás dele.

Olhando com admiração, olhei ao redor para as janelas do chão ao teto que davam para a floresta e as montanhas que cercavam sua casa. Nakoa mencionou que sua mãe era uma bruxa poderosa, mas para ela ter magia suficiente para manter um lugar tão grande sob um glamour constante, ter magia sobrando para viver livremente, *e* como um humano... Eu não pude deixar de ficar um pouco chocado.

“Por que você não prepara o jantar com todos enquanto eu mostro a minha nova filha, querida?”, perguntou Leilani.

Nakoa olhou entre nós dois por um momento, uma pergunta em seus olhos. Apertei sua mão em afirmação.

“Antes de fazer isso, preciso discutir algo com você…”

A testa de Leilani franziu-se de preocupação.

“Mareina me deu uma notícia alarmante de que Zurie está enviando parte de seu exército para caçar e reprimir membros da The Uprising. Você poderia me enviar um portal para avisá-los?”

Leilani deu um rápido aceno de cabeça. “Sim, certamente…”

Leilani me lançou um olhar de desculpas antes de se afastar alguns metros e começar a murmurar palavras antigas, e a janela curva de um portal começou a aparecer.

Instantaneamente, meu coração disparou de medo pela segurança de Nakoa *e* Malekai.

“Deixe-me ir com você”, eu disse abruptamente, sem saber se ele pretendia ir sem mim.

"Volto em questão de minutos ″ , ele sussurrou contra meu pescoço, enrolando uma mecha do meu cabelo em seu dedo antes de se virar para sua mãe.

Meu pânico aumentou rápido e cortante agora sentindo como se talvez minha ansiedade anterior tivesse sido um aviso intuitivo. Não apenas pela segurança de Nakoa, mas pela de Malekai.

O portal se alargou, elevando-se acima de nossas cabeças, revelando uma cozinha caseira com muita madeira tingida e acessórios de latão.

“Espere, Nakoa —

Nakoa entrou com sua mãe e olhou para mim, com a testa franzida, os olhos procurando os meus com algo parecido com suspeita, no momento em que eles se fecharam.

Ele percebeu que eu estava preocupada com outro homem?

Provavelmente.

Meu coração batia freneticamente enquanto o pânico aumentava.

Pomona apareceu ao meu lado com um sorriso encorajador.

“Não se preocupe, amor. Ele vai voltar antes que você perceba… Se esse macho é alguma coisa, é determinado, e eu já posso dizer que nada o manteria longe de você. Nem mesmo o exército de Zurie.”

Franzi o cenho. Não pude deixar de sentir que suas palavras eram tolas. O que era um macho contra trinta se era quantos Malekai havia trazido com ele. Também não pude deixar de me preocupar com Malekai... Se eles se enfrentassem de igual para igual... Eu não tinha certeza de quem venceria.

O medo me atingiu com a ideia... Malekai e eu salvamos a vida um do outro mais vezes do que eu poderia contar. Ele *sempre* esteve lá por mim. Eu só podia rezar para que, de alguma forma, seus caminhos não se cruzassem.

Pomona riu como se lesse meus pensamentos. Embora ela só soubesse metade deles. “O poder dele é diferente de qualquer outro.”

Eu assenti, engolindo em seco.

"Eu sei…"

Fiquei grata por isso, mas também aterrorizada com o que isso poderia significar para Malekai e agora me sentia uma traidora por não ter avisado nenhum dos dois... Mas quem pode dizer que isso não teria enviado Nakoa em busca de Malekai só para eliminar a competição? Se eu contasse a Nakoa, seu Saber revelaria o amor nada platônico de Malekai por mim? Mostraria a ele visões de todos os momentos ternos em que Malekai e eu nos abraçamos. Os incontáveis momentos em que as coisas entre nós quase se tornaram algo... *mais?* Seu Saber lhe diria o quanto eu *queria* ceder, mas estava com muito medo?

Embora tenha passado muito tempo desde que Nakoa e eu nos conhecemos... Não tenho certeza se ele seria razoável o suficiente no calor do momento para levar esse fato em consideração...

A testa de Pomona franziu enquanto ela tentava, e falhava, em ler minhas emoções conflitantes. Eu respirei fundo… e dei um salto de fé.

“Eu só… Alguns desses soldados são boas pessoas.”

Pomona franziu a testa e assentiu gradualmente em compreensão.

“Alguns deles são bons amigos seus?”

Eu assenti, o nó no meu peito se apertando impossivelmente. Tanto que eu senti como se algo dentro de mim fosse quebrar.

“Um em particular…”

"Eu sinto muito…," Pomona ofereceu suavemente enquanto me puxava para seus braços. Isso só serviu para aumentar meu pânico. Eu senti como se fosse pular para fora da minha pele.

“Qual é o nome dele?” Ela sussurrou tão suavemente no meu ouvido que me fez parar. Teria sido inaudível para qualquer um, exceto um sanguinati.

As lágrimas brotaram e minha garganta pareceu fechar… Se Nakoa e sua mãe os encontrassem na estrada para Vyssini…

Eu tinha acabado de condenar Malekai à morte?

“…Malekai Theikos.”

“Como ele é?”

Fiquei sem fôlego e a esperança explodiu em mim, brilhante e avassaladora.

Oh deuses.… Esse anjo de mulher…

“Ele é o General do exército de Zurie… Loiro, alto, construído como um guerreiro… *fae.”*

Ela se afastou e ergueu uma sobrancelha para mim.

“Ele é uh…. Uma antiga paixão sua?”

“Não… Ele é… Meu melhor amigo e aliado.”

“E isso é tudo? Você nunca teve sentimentos além de… amizade? Só estou perguntando porque imaginei que Nakoa não estaria inclinado a mostrar misericórdia a um macho que ele sente que o desafiaria.”

“ Nosso relacionamento sempre foi platônico, mas… Ele gostaria que fosse algo mais.”

Pomona esfregou uma mão no rosto. “*Akash* ... Vamos rezar para que eles ainda não tenham chegado à cidade... Vou verificar os arredores para ver se há algum sinal de acampamento... E se eu o encontrar, o que você quer que eu faça? Duvido que seu amigo esteja disposto a virar os soldados dele num piscar de olhos. Sem mencionar o que Zurie faria quando descobrisse...”

“Você não pode me levar com você?”

Ela balançou a cabeça. “Infelizmente, meu poder de *dobrar* tem limitações.”

Minha mente correu… O que eu poderia dizer com apenas algumas palavras que o faria trair Zurie e abandonar sua tarefa…

“ Diga a Malekai que eu disse, 'Deixe Vyssini para que possamos ver o mundo queimar. *Katadamna kaza.'*”

Suas sobrancelhas se ergueram em surpresa. “… Tudo bem… Eu farei o meu melhor.”

“Obrigado, Pomona. Palavras não podem expressar minha gratidão.”

Ela deu de ombros indiferente. “Você é quem acabou de salvar cerca de duas dúzias dos membros mais influentes do The Uprising, fora nós. É o mínimo que eu poderia fazer. E se isso poupar a todos nós um pouco de derramamento de sangue, então melhor ainda.”

Eu não conseguia deixar de me preocupar com ela agora... Jogando-se em um dos acampamentos do exército de Zurie. Mesmo que ela pudesse *sair* dali num piscar de olhos.

“Tenha cuidado, por favor…”

Pomona me deu um sorriso apreciativo e uma piscadela. “Pedaço de torta, amor… Mas talvez devêssemos manter isso entre nós por enquanto, ok? Se Famei perguntar onde eu fui, diga a ele que fui ao banheiro.”

Ela se virou e desapareceu pelo corredor. Eu me vi observando suas costas, enviando uma prece silenciosa para que *todos* ficassem bem.

Voltei para a cozinha onde o resto dos *olana kah'hei de Nakoa* estavam. Todos estavam abençoadamente distraídos, servindo-se de bebidas, exceto

Vesper, cujo olhar estava fixo em mim enquanto eu me aproximava.

Usando uma máscara de neutralidade estoica, sentei-me ao lado de Vesper no balcão da ilha da cozinha. Suas sobrancelhas franziram por eu ter ousado fazer tal coisa. Certo, talvez tenha sido ousado, considerando que passei um ano inteiro caçando seu povo e... matando-os. Meu estômago se revirou em um nó de culpa e vergonha. A pessoa que eu era então versus a pessoa que eu havia me tornado agora era genuinamente impressionante. Naquela época, eu ainda estava ignorando intencionalmente o quão completamente moralmente corruptas minhas ações a serviço de Zurie haviam sido. Eu era mais como Malekai em minha capacidade de fingir que o que estávamos fazendo era justo. Que qualquer pessoa e qualquer coisa que ameaçasse a coroa deveria ser eliminada para preservar a paz de Atratus para que outra *Grande Divisão,* e a violência que a precede, não nos sobreviessem.

De acordo com a história, e aqueles que sobreviveram a ela e ainda viviam entre nós, antes da Grande Divisão, Atratus era um lugar sem lei. A tensão entre *os detentores* estava mais alta do que nunca, e a violência era uma normalidade constante, mesmo nas menores aldeias. Os ataques eram frequentes, e a morte nas ruas ainda mais. *Aetra* não era regulamentada, o que Zurie afirma ser parte da Queda de Atratus, e fez com que a violência ocorresse ainda mais devastadora. Embora eu suspeitasse fortemente que isso fosse uma falsidade.

Mas naquele momento, minha mente estava muito preocupada com sua preocupação com Nakoa, Malekai e Pomona. Cada batida forte do meu coração era como o tique-taque de segundos dolorosamente longos. Eu não conseguia evitar sentir como se tivesse condenado todos eles. Nakoa ao contar a ele sobre Zurie e seus soldados se infiltrando em Vyssini, e por sua vez, Malekai... E agora Pomona.

Roderick se aproximou de mim, dois copos de líquido âmbar nas mãos, e empurrou um para mim. “Parece que você poderia usar isso…”

Peguei-o com gratidão, levantando-o para aplaudi-lo. “Obrigado…” O resto de seus *olana kah'hei* se viraram para mim, erguendo seus copos. Todos, exceto Vesper, que permaneceu quase tão estoico quanto eu.

Famei me deu um sorriso radiante. “Para *a alma ligada de Nakoa,* Mareina… E assim, *nossa* paz.”

Famei, Lokus e Roderick riram enquanto tomavam grandes goles de suas bebidas. Até Rayne deu um leve sorriso.

Eu me senti um traidor quando parei e levantei meu copo.

Ah, se eles soubessem.

Eu mal conseguia engolir o pequeno gole que tomei. O tempo todo, Vesper me encarou abertamente como se ela pudesse ver através de mim, e eu estava prestes a surtar por causa disso. Rayne deve ter percebido a tensão entre nós porque ele se inclinou, arrastando sua atenção para longe, e sussurrou algo em seu ouvido que eu estava distraído demais para ouvir.

Lokus e Famei trabalharam como um par nos preparativos do jantar enquanto Roderick permaneceu ao meu lado. Suas narinas se dilataram, e um olhar de preocupação tensionou suas feições.

O olfato do caralho.

Ele se inclinou em minha direção para falar discretamente. “Tudo bem? Você cheira meio estressada.”

“Só um pouco preocupado com Nakoa…”

Roderick me estudou atentamente, como se pudesse ver claramente que havia algo mais que eu não estava dizendo.

“Sobre ele ir avisar os membros do The Uprising?”

Eu assenti, relaxando conscientemente minha linguagem corporal para o *oposto* do que eu estava sentindo.

“Há… Algo específico com que devemos nos preocupar?”

Meu olhar encontrou o dele, e testemunhei sua própria apreensão florescendo.

E graças *a Akash*, naquele momento, Nakoa e sua mãe reapareceram. Meu suspiro de alívio foi audível. Roderick e eu nos viramos para encará-los. Famei e Lokus apenas olharam brevemente enquanto cozinhavam.

“O que Val disse?” Roderick perguntou. Seu alívio também era palpável quando seus olhos retornaram aos meus com uma pergunta ainda neles.

Nakoa deu de ombros casualmente enquanto caminhava em minha direção. “Que ele alertaria a todos e não tinha visto nenhum sinal dos soldados de Zurie...” Seu braço se enrolou em volta da minha cintura, e o alívio que percorreu meu corpo, tanto com sua chegada quanto com as notícias, foi difícil de esconder. “Eu disse que voltaria logo... Você estava realmente tão preocupado só por mim?”

Sua pergunta era tão inquisitiva quanto seu olhar.

Intuitivamente, imaginei uma névoa protegendo minha mente e a ligação entre nós antes de responder.

“Como eu confidenciei antes… Tenho medo que você seja tirado de mim… E eu… Há soldados decentes no exército de Zurie… Não importa o quão desiludido. Não posso deixar de sentir um pouco de culpa por suas mortes inevitáveis…”

Uma meia verdade.

Os olhos de Nakoa se estreitaram como se ele pudesse sentir que havia algo mais que eu não estava dizendo, mas ele decidiu deixar para lá depois de um momento.

“Agradeço sua preocupação, *lohane thili…*”

Seus olhos permaneceram nos meus, e eu visualizei aquela névoa densa protegendo minha mente, minhas emoções engrossando... Finalmente seu olhar mudou de volta para seu *olana kah'hei.* Eu tive que forçar minha expiração de alívio.

Agora, eu só tinha que me preocupar com Pomona... Quanto tempo ela levaria para repassar a mensagem... Eu sabia que Malekai questionaria onde eu estava e o que estava acontecendo... Ela contaria a ele sobre Nakoa?

Malekai e eu nunca fomos românticos, exceto pela maneira como nos abraçávamos, ou como ele dava beijos demorados na minha testa... Ou a maneira como ele frequentemente declarava seu desejo de estar comigo, e até onde ele estava disposto a ir para cuidar de mim e me proteger... Ou como eu sempre desejei finalmente ceder. *Katadamna kaza.*

Meu estômago embrulhou.

Malekai ficaria arrasado.

“ Val disse que queria discutir algumas coisas quando chegarmos amanhã… Eu não mencionei nosso plano de nos infiltrar no palácio de Zurie sem eles. Graças a Mareina e Vesper, acho que não é mais necessário e é uma alternativa muito menos *confusa* . Sem mencionar mais discreto… Também mencionei a ele que, daqui para frente, quero que nossos membros sejam mais cuidadosamente examinados…” Seus olhos retornaram aos meus intencionalmente.

Ouvi um pigarro, e me virei para encontrar Pomona caminhando em nossa direção sem um fio de cabelo fora do lugar e com um sorriso nos lábios cor de botão de rosa.

Ah, graças a Deus.

Eu poderia ter chorado de alívio.

"Acho que haveria algum mérito nisso. Muitos desses filhos da puta são terrivelmente grosseiros", ela gorjeou enquanto começava a limpar os restos de comida espalhados por todo o balcão da preparação de Famei e Lokus.

Lokus riu, jogando uma uva nela que ela, de alguma forma, pegou com a boca e mastigou brilhantemente. *Ainda sem encontrar meus olhos.*

“ Sim, talvez você devesse ensinar-lhes algumas maneiras.”

Pomona riu, seus olhos deslizando despreocupadamente para os meus e me dando uma piscadela. Famei se inclinou em direção a ela para roubar um beijo. "Para onde você correu, hm?" Ele perguntou baixinho. Ela sorriu brilhantemente, pressionando um beijo *prolongado* em seus lábios. Eu observei enquanto Famei abaixava a faca e a melanzane que ele estava cortando e a puxava contra ele, as mãos segurando firmemente.

Mulher astuta.

“Só o banheiro… Quer entrar logo aqui?”

Famei lançou-lhe um olhar pesado, os olhos de brasa brilhando, sua pergunta anterior há muito esquecida.

“Depressa o quê?” Ele perguntou fingindo confusão antes de se virar para Lokus. “Você consegue, irmão.” Lokus sorriu, balançando a cabeça, mas continuou suas tarefas de bom humor sem reclamar.

As mãos de Leilani deslizaram sobre os meus ombros e os de Nakoa.

“Por que você não faz algo produtivo para que eu possa ter a chance de conhecer minha nova filha?”

O olhar de Nakoa caiu no meu como se pedisse permissão. Apesar de ter várias perguntas urgentes para Pomona, sorri, finalmente me permitindo dar um suspiro de alívio por todos terem vivido para ver outro dia.

CAPíTULO

QUARENTA E UM

MARINHA

"EU "Estou tão grata que eles se encontraram", Leilani disse levemente. Algum segredo parecia brilhar em seus olhos enquanto ela falava. Como se Nakoa não estivesse ainda queimando um buraco em minhas costas com seu olhar enquanto ela deslizava seu braço em volta do meu e me guiava por sua casa cavernosa.

"Sim… Família é um presente. Sangue ou não."

Leilani sorriu em concordância. "De fato, é. O vínculo entre a família que você escolhe versus a família com a qual você nasceu pode frequentemente ser maior… Muito parecido com o seu e o de Malekai."

Minha respiração parou quando meu olhar endureceu e encontrou o dela.

"Não se preocupe. Eu sei que meu filho ganhará sua lealdade eventualmente."

Algo em suas palavras me deixou arrepiado, mas... Eu poderia culpá-la?

"Eu apreciaria muito se você não espiasse ou espiasse minha vida."

Leilani riu. "Tenho tanto controle sobre isso quanto tenho sobre o vento. Ou seja, nenhum. Não posso evitar o que The Well me mostra."

"… O Poço?"

Ela assentiu, dando um tapinha no meu braço novamente. "Você pode dar uma olhada por si mesmo. É logo ali no fim do corredor."

Um silêncio se instalou entre nós, o que fez com que a tensão apertasse meu peito.

"Você tem algum parente de sangue que veio das Ilhas Kahlohani?"

Leilani me estudou momentaneamente, e não consegui evitar a culpa que se acumulava dentro de mim.

Ela estava se perguntando a mesma coisa que eu? Eu tinha matado algum de seus entes queridos?

Eu nunca tinha ido tão ao sul quanto as Ilhas Kahlohani, mas eu tinha lutado contra seus guerreiros quando eles vieram para o continente para nos impedir de alcançá-los. Embora tenha sido um exercício de futilidade, graças a Miroslav.

Como se sentisse minha culpa, ela esfregou meu braço com uma segurança inconfundível.

"Felizmente sim…"

Um alívio saiu audivelmente de mim.

"Ainda perdemos muitos entes queridos", ela acrescentou gentilmente, "Mas eu não culpo você, Mareina. Assim como eu não culpo a lâmina quando ela me corta, mas quem a empunha. Você foi meramente o instrumento de morte de Zurie. Felizmente, você e meu filho estão no

processo de grande despertar, e por causa disso, Atratus também enfrentará grandes mudanças.”

Minha testa franziu, passos parando no longo corredor. O lugar inteiro parecia ser esculpido paralelamente à montanha, de modo que cada cômodo cavernoso, todo decorado com madeira, velas, tapeçarias elaboradas e peles, tinha janelas do chão ao teto.

O quanto ela já sabia? Nakoa me disse que ela era uma bruxa poderosa com grandes poderes de adivinhação… E ela realmente parecia ter menos da metade de sua idade.

“Você viu o que acontece quando chegamos a Zurie?”

Ela me estudou por um momento, sua expressão era ilegível.

“Eu tenho. Assim como Miroslav… Existem muitos caminhos… Muitas potencialidades… Muitos caminhos que levam ao mesmo resultado desejado — o resultado que é do melhor interesse de todos nós. Vamos rezar para que este seja o caminho que você tome.”

Sua boca se curvou em um pequeno sorriso travesso.

Meus lábios se abriram em choque.

Miroslava.

Minha mente girava.

Leilani riu, me puxando junto.

“Acredito que The Well ajudará a esclarecer as coisas…”

No final do longo corredor, chegamos a um conjunto de portas de madeira escura ostentando desenhos e runas intrincadamente esculpidos. Magia irradiava poderosamente dela, fazendo cada pelo do meu corpo ficar em pé.

Meus passos diminuíram conforme nos aproximamos, e Leilani parou, gentilmente colocando a mão em meu braço.

“Eu tenho um poço de adivinhação… Não sei exatamente o que ele vai mostrar a você, mas ficou claro para mim que é necessário…”

A magia que emanava daquele quarto parecia fazer com que cada molécula do meu corpo vibrasse e zumbisse de uma forma que ao mesmo tempo me alertava e me chamava, como uma mariposa para a chama.

“O que você está vivenciando agora se acalmará quando você estiver lá dentro.”

“É uma ala?”

“Não exatamente… Mas… Ele testa todos nós. É diferente para cada pessoa.”

“É sua magia?”

Leilani riu, balançando a cabeça. “O céu não é… Mas é por isso que fiz meu lar aqui. Para melhor protegê-lo. Protegê-lo.”

Eu podia sentir a magia irradiando da porta me chamando para frente, o que só me fazia querer me aprofundar mais.

Diante da minha hesitação, Leilani passou o braço em volta do meu, puxando-me gentilmente em direção à porta.

“Venha. Você não será machucado.”

Leilani sussurrou em uma língua desconhecida, e uma mão invisível abriu as portas na nossa frente.

Quando entramos, fiquei sem fôlego, descobrindo que o teto era nada menos que palaciano... Ele se erguia pelo menos cem pés acima de nós com estalactites gigantescas se estendendo como foices mortais e irregulares em direção às suas imponentes estalagmites. Olhei com admiração quando percebi que elas não eram feitas meramente de pedra e depósitos minerais, mas de cristal.

Em minha mente, ouvi um eco fraco da voz dos meus sonhos.

"O ziton irini feri polemon, al o kaloumenos 'O Vasiléfs mou' synaxi. Protá dio emisfaíria tou auto olo én genisete, ke tote panta pesite."

“Aquele que busca a paz trará a guerra, mas é aquele que você chama de 'Meu Rei', que unirá. Se duas metades do mesmo todo se tornarem uma, todos os seus reinos cairão.”

"Mi lanthonéti, oti kei mortatum ei aeternitate m *a skhimata dothate. Essita me, Vitum Guardatore, na evrīs tin oikisí sou. ”*

“Nascido entre reinos, não se esqueça de que você é a eternidade dada forma. Você nunca está sozinho. Procure-me, o Guardião da Vida, para encontrar seu lar.”

Uma onda de... *destino avassalador* tomou conta de mim.

A mãe de Nakoa fazia parte disso. Assim como Miroslav.

Como?

De dentro da minha mente, uma sensação vertiginosa tomou conta de mim enquanto a perspectiva dos eventos da minha vida, do nascimento até presente, mudando radicalmente. Eu tropecei, e as mãos de Leilani, com uma força surpreendente, agarraram meus braços para me apoiar.

A voz de Leilani registrou-se distantemente como um grande poder que pareceu afundar em meu próprio DNA. O glamour que protegia minhas asas desde que começamos a viajar caiu. Minhas asas dispararam como se estivessem se libertando de grilhões. Leilani saltou para trás para evitar ser derrubada por elas, olhando com admiração.

“Você já começou a mudar”, ela afirmou com uma dose considerável de admiração.

As palavras me escaparam enquanto o que parecia ser a mão do destino alcançava minha alma e puxava com força o cordão que conectava todos os eventos da minha vida, finalmente alinhando-os para que ficassem pendurados em uma linearidade inabalável, revelando como até mesmo o menor dos eventos tinha sido uma parte essencial da jornada que me trouxe até aqui, até este momento.

As imagens que me foram mostradas no santuário de Phaedra passaram diante dos meus olhos. Lágrimas escorreram das minhas bochechas

enquanto eu observava novamente com admiração.

Uma pontada de medo arranhou meu coração enquanto esse destino se abria diante de mim e me chamava para um caminho que eu nunca teria escolhido.

Ainda falta alguma coisa, uma voz interna interna me alertou. Uma imagem dos meus sonhos retornou à minha mente.

“Onde está o pythos?” perguntei, quase num sussurro enquanto tentava me equilibrar.

“Pythos? Eu não sei nada sobre um pythos…”

Examinei seu olhar e ela me lançou um olhar de desculpas.

“Qual é o seu significado?”

“Eu… eu ainda não sei.”

“Isso geralmente acontece com visões inicialmente. Embora, eventualmente, isso seja revelado. Não se preocupe.”

Leilani assentiu em compreensão enquanto deslizava sua mão na minha e me levava até um canto escuro com um buraco grande, perfeitamente circular, no chão.

Conforme nos aproximamos, percebi que não era um buraco, mas um poço. A água dentro dele alcançava precisamente a borda do chão da caverna, fazendo com que parecesse um painel de vidro. Em vez de refletir a fraca luz feérica que tremeluzia atrás de nós, parecia absorvê-la.

Um travesseiro retangular no chão, quase tão longo quanto uma cama, estava ao lado do chão de pedra da caverna, cercado por mais estalagmites cristalinas. Leilani me levou por um caminho estreito entre elas antes de gentilmente me puxar para baixo para me juntar a ela no travesseiro.

Leilani começou a cantar naquela língua antiga. A água plácida do Poço estremeceu e começou a ondular até que suas palavras se aquietaram. Eu olhei fixamente, esperando que algo acontecesse, e quando comecei a ficar inseguro, notei um pequeno ponto de luz no fundo do poço aparentemente sem fundo.

Minha visão sanguinati aprimorada se esforçou para entender o que eu estava vendo. O ponto de luz gradualmente cresceu e se espalhou pelo The Well como raios de luz até preencher todo o The Well. Brilhando um branco iridescente tão forte que tive que proteger meus olhos. Quando a luz diminuiu, e olhei de volta para The Well, vi...

Eu mesmo.

Como se por alguma força desconhecida me puxasse, inclinei-me para frente sobre minhas mãos e joelhos. A caverna ao meu redor, Leilani incluída, desapareceu, e de repente me vi de pé em...

Quarto da Rainha Zurie…

Zurie estava deitada na cama em uma poça de sangue que emoldurava seus quadris com as cobertas puxadas para trás. Sua aparência normalmente perfeita, imperturbável e comportamento indiferente se foram. Em seu lugar estão suor, lágrimas e sangue.

Tanto sangue.

E um pequeno bebê estava mamando em seu peito.

Minha respiração ficou presa… As asas escuras, o cabelo escuro, a pele escura e dourada…

Não.

Minhas pernas quase cederam quando o choque me atingiu como o toque de um sino gigante de igreja. Este macho poderoso e cativante em sua origem, minúsculo e inocente, e vulnerável... Ainda aliviado pela mão pesada e implacável do mundo. E sua mãe, esta rainha implacável que certamente poderia afogar muitas vidas em todo o sangue que ela, ou aqueles trabalhando em seu nome, derramaram. Eu incluso.

Zurie olhou para cima, o pânico me atravessando enquanto ela me encarava diretamente. Eu engasguei quando alguém de repente passou direto por mim em direção a ela. Uma parteira carregando uma tigela de água limpa.

A parteira molhou um pano e começou a limpar sua testa suada.

Zurie a empurrou para longe.

“Vá buscar Miroslav”, ela exigiu com voz rouca.

A parteira puxou o pano, torcendo-o ansiosamente.

“… Vossa majestade, você deve descansar enquanto a criança está calma.”

“ *Vá. Pegue. Ele,”* Zurie exigiu em um tom formidável, sua magia vazando dela como um veneno tomando conta de sua vítima.

A parteira ficou rígida, virou-se imediatamente e saiu correndo do quarto.

Miroslav apareceu apenas alguns momentos depois e, pela primeira vez em todos os anos em que o conheci, algo parecido com tensão estremeceu seu olhar.

“Vossa majestade… Como está o bebê? Como você está se sentindo?”

As narinas de Zurie se dilataram enquanto sua mandíbula endurecia em uma tentativa de sufocar o dilúvio de emoções que inundava seus olhos. Nunca, em todo o século que passei servindo esta fêmea, eu a tinha visto expressar emoções além de raiva ou alegria malévola.

“ *Por que* você sempre faz perguntas cujas respostas você já sabe?” Ela resmungou, a voz embargada pela emoção.

Um nó profundamente enraizado de medo se retorcia em meu estômago e em meu peito a ponto de eu mal conseguir respirar.

Miroslav permaneceu em silêncio, com o olhar fixo na criança em seu peito, antes que Zurie recuperasse um pouco da compostura.

“Ele é como você o viu em sua visão? Você tem certeza de que este é aquele que destruiria a mim e meu reino?”

A garganta de Miroslav se esforçou para engolir, sua máscara impassível rachando levemente enquanto seus olhos iam do bebê para Zurie.

“Sim, Vossa Alteza.”

O maxilar de Zurie se apertou furiosamente, como se ela fosse explodir, enquanto suas lágrimas começaram a escorrer livremente.

“Pegue-o,” ela sibilou entre dentes, a voz falhando novamente. Mesmo enquanto seus braços pareciam apertar o bebê Nakoa com mais força contra seu peito nu.

Miroslav hesitou por um momento antes de Zurie explodir.

“Eu disse para levá-lo!” Ela gritou. O bebê começou, chutando em seus braços enquanto soltava um gemido gaguejante, sufocando seus soluços.

Miroslav se moveu, pegando rapidamente o bebê Nakoa, ainda nu do parto, e envolveu seus braços ao redor dele, embalando-o contra seu peito com surpreendente ternura.

Zurie desviou o olhar, cobrindo os seios nus ainda vazando leite antes de juntar as mãos agora vazias e trêmulas com uma emoção mal contida. Sua voz era quase inaudível.

“Faça com que seja rápido e indolor.”

Miroslav hesitou por apenas um momento antes de abaixar a cabeça e *se* afastar com a criança, enquanto Zurie rugia sua fúria - tentáculos de sua magia explodiam dela como uma bomba detonada.

Assim que sua magia me consumiu, o quarto da rainha desapareceu, instantaneamente substituído por… Palmeiras e ondas estrondosas quebravam em uma costa rochosa na distância próxima. Nuvens escuras e ondulantes de chuva pairavam acima, pesadamente grávidas e ameaçando estourar. Ventos fortes rasgavam a terra. O lamento do bebê Nakoa veio de trás de mim, e eu me virei para descobrir Miroslav ainda o segurando protetoramente contra o peito enquanto ele estava na porta da frente de uma pequena cabana que ficava entre uma dúzia de outras.

Como se ele pudesse me ver além do tempo e do espaço, seu olhar se ergueu para o meu, duro e cheio de dor. Meu coração gaguejou no peito, e eu abri a boca para falar, mas ele balançou a cabeça sutilmente e se virou, abrindo a porta da frente para revelar Leilani. Seu cabelo, não mais com mechas brancas, mas de um preto brilhante. Sua figura, cheia em vez de ágil. Corri em direção à porta enquanto eles falavam, incapaz de entender suas palavras, apenas alcançando-a quando ela se fechou. Tentei empurrá-la para abrir, e embora eu ainda pudesse ver minhas mãos na minha frente, elas passaram direto.

Passei pelo limiar fechado para encontrar Miroslav parado perto de Leilani enquanto falavam Kahlohani em tons baixos. Miroslav cuidadosamente entregou a ela Baby Nakoa. O rosto de Leilani se enrugou, lágrimas escorrendo por suas bochechas, enquanto ela começava a cantar suavemente em uma voz que vacilava sob o peso de sua emoção enquanto ela gentilmente o embalava contra seu peito.

À medida que o choque diminuía e a realidade começava a se instalar em mim, minhas próprias lágrimas começaram a descer. Incapazes de suportar a angústia, meus olhos inquietos se fixaram no rosto de Miroslav... Marcados por uma inconfundível mágoa e saudade.

Eu absorvi a cena... A plenitude do rosto e da figura de Leilani... O berço e a cesta ao lado da cama estavam cheios de vestidos minúsculos e um cobertor rosa. Minha garganta se esforçou para engolir com dificuldade, sufocando o soluço que subia pela minha garganta.

Os gritos de Nakoa rapidamente se acalmaram em choramingos enquanto ela o acalmava e finalmente se sentou em sua cama. Quando ela puxou uma gravata no ombro de seu vestido longo, expondo seu seio, pesado de leite, seus choramingos foram silenciados quando ela o levou à boca dele, e ele começou a mamar. Ela o observou, suas lágrimas ainda implacáveis.

Miroslav sentou-se ao lado dela, seu rosto tenso de emoção enquanto ele enrolava seu braço em volta dela, dava um beijo em sua têmpora e fechava os olhos. Lágrimas começaram a escorrer por suas próprias bochechas. Muito dominado pela emoção, ele foi forçado a pendurar sua cabeça em suas mãos enquanto se inclinava, cotovelos nos joelhos. Seus ombros começaram a tremer enquanto ele chorava silenciosamente.

Apesar de não conseguir falar Kahlohani, cada palavra que eles falavam, O Poço, mais uma vez, parecia sussurrar seu significado em minha mente sem palavras.

Os lábios de Leilani tremeram enquanto sua voz, quase um sussurro, falhou.

“Não é justo que ela não esteja aqui também.”

A mão de Miroslav deslizou sobre o joelho dela e apertou.

“Não. Não é,” ele conseguiu dizer com a voz rouca.

Uma tristeza devastadora brotou dentro de mim.

“Sinto como se nada pudesse curar essa tristeza, Miroslav…”

“ Eu sei, *lohane thili* … eu sei.”

Miroslav respirou fundo, seu corpo se acalmou antes de se esparramar na cama ao lado dela, onde ela estava deitada, pegando seu rosto entre as mãos e dando um beijo suave e demorado em seus lábios, Nakoa ainda mamando em seu peito.

“Loha au iiāna 'oe i kēia poa me'ka hopona, poa hanei”, ele sussurrou.

Eu te amo nesta vida e na próxima, alma gêmea.

“ E eu , você,” ela respondeu suavemente.

A emoção aquosa deles continuou a jorrar. Os únicos sons na sala eram a suave sucção do Bebê Nakoa e o distante trovão rolando. Depois de vários momentos dolorosos, Miroslav falou.

“… Você não pode ficar aqui por muito mais tempo. Não é seguro. Volte para o continente comigo. Você não precisa ficar em Bastrina…”

“Temos tempo… Não abandonarei meu povo. E Nakoa não está segura perto da capital…”

“Sim, mas Mareina está lá; a magia e as forças vitais deles são mais fortes quando estão perto um do outro. E você sabe que está claro nas minhas visões que Nakoa é *de* lá. Ele precisará fazer parte daquele lugar, daquelas pessoas, conhecer seus caminhos para liderar…”

O quarto desapareceu até que me vi piscando para a superfície vítrea do The Well. Sua superfície antes brilhante, escura. Leilani dos dias atuais sentou-se ao meu lado, seus olhos erguendo-se para os meus.

“ *Meus deuses...”,* eu suspirei, com o peito apertado de emoção avassaladora.

“O que te mostraram, querida?” Leilani perguntou enquanto se aproximava de mim, examinando meus olhos como se eles pudessem verbalizar tudo o que eu tinha acabado de testemunhar.

Grandes lágrimas brotaram dos meus olhos, imediatamente caindo sobre as minhas pálpebras enquanto eu levava a mão à boca para conter um soluço.

Ah, Nakoa.

E Leilani... Miroslav... Eu não conseguia nem começar a imaginar o que eles tinham passado.

“ Ele não sabe, sabe?” sussurrei, tentando conter um soluço.

Os olhos de Leilani se fecharam brevemente, uma carranca suave vincando seus lábios. Ela não falou por vários momentos como se estivesse tentando resolver algo antes de finalmente olhar de volta para mim, algo firme em seu olhar.

“Você não pode contar a ele, Mareina… *Prometa-me.* Ou isso pode mudar o curso de… *Tudo.”*

CAPíTULO

QUARENTA E DOIS

NAKOA

E A visita que minha mãe e eu fizemos a Vyssini foi breve, mas eficiente. E graças a Mareina, vidas seriam salvas. Eu avisei um dos poucos membros líderes que realmente conheciam minha identidade, e ele partiu para avisar os outros. Depois, nós nos teleportamos para os arredores da cidade, mas não encontramos nenhum sinal dos soldados de Zurie.

"Alguma notícia de Val?" Roderick perguntou.

"Só que nossos números estão aumentando constantemente… E que ele tem um macho dentro."

Todos ficaram de queixo caído.

"… O que você quer dizer com dentro? Tipo… Dentro, dentro? Dentro do palácio? Ou alguém do exército dela?"

Dei de ombros. "Ele não podia dizer… Disse que seu segredo foi jurado em sangue. Só que é alguém em quem ele… *nós* … podemos confiar."

Meus irmãos e minha irmã ficaram em silêncio por vários momentos.

"Bem, isso é… Promissor. Talvez devêssemos incluir Val para que possamos ter acesso ao contato dele. Seria uma vantagem significativa ter outro do próprio Zurie para nos levar para dentro do palácio."

"Como sabemos que ele não é uma toupeira?"

"Faça-o jurar fidelidade."

"Val disse que nem tem como contatá-lo… Disse que tem que esperar para ouvir dele primeiro."

Lokus resmungou pensativamente. "Altamente suspeito…"

"De fato. Outra razão pela qual não contei a ele sobre nosso plano de infiltrar o palácio de Zurie."

"Ele normalmente *é* um bom juiz de caráter."

Dei um grunhido evasivo. Por mais precisas que as palavras de Lokus possam ser…

Depois de vários momentos de silêncio pensativo, Lokus finalmente pegou uma garrafa de líquido âmbar e encheu nossos copos novamente.

"Para Zurie ser reduzido a cinzas e você," Lokus disse orgulhosamente, "se tornando o maldito rei."

Rei.

Você e sua alma estão destinados a libertar todo *Atratus*, sussurrou meu Conhecimento.

Tudo o que eu sempre quis foi que eu e meu povo não vivêssemos mais oprimidos no exílio neste continente distorcido. Libertar as Ilhas Kahlohani das fadas que agora assolavam suas terras e mares, e viver em paz... E enquanto eu queria isso para *todos*... E eu estava perseguindo a coroa ferozmente... Às vezes, a insegurança ainda me dominava.

Quem era eu para liderar um Reino inteiro?

Eu era um guerreiro destruído que havia perdido uma guerra e sido reduzido a pouco mais que um ladrão e um assassino.

Às vezes, eu realmente me perguntava quem estava planejando tudo isso...

Acássio?

Moirai, a deusa de três faces do destino?

Rayne, Lokus e Roderick levantaram seus copos enquanto Vesper observava, parecendo levemente intrigado.

Depois de um momento de hesitação, levantei a minha.

“À morte de Zurie e a toda a paz que ela trará.”

Lokus me lançou um olhar penetrante, como se tivesse percebido tudo.

"Você são os arautos da paz, irmão… Ao único Rei que Atratus já conheceu que tem uma visão além de sua própria ganância e poder. A um Rei que tem uma visão de liberdade. De paz. De unidade. De um Reino no qual *todos* podem florescer… Vida longa ao Rei.”

“ *Viva o Rei!”* O resto deles ecoou exuberantemente.

* * *

Mais de uma hora depois, depois que Mareina foi com minha mãe para visitar sua casa e *ainda* não havia retornado, eu estava ficando ansioso. Depois de alguma discussão inicial com meu *olana kah'hei* sobre minha discussão com Val sobre as tentativas de Zurie de reprimir a revolta, meu *olana kah'hei* havia retomado a conversa e a brincadeira alegremente enquanto Famei e Pomona terminavam de preparar o resto do nosso banquete após seu pequeno encontro.

Rayne pairou perto de Vesper, que parecia ter desistido momentaneamente de tentar ignorar sua existência. Rayne, pela primeira vez desde que nos conhecemos durante a guerra, estava sorrindo abertamente com a fêmea enquanto ela ria. Era uma visão assustadora. O macho, se tanto, era severo. Roderick e Lokus estavam conversando, seguindo as ordens de Famei e Pomona. E aqui estava eu, simplesmente olhando, praticamente triturando meus molares em pó ao pensar no que minha mãe poderia estar dizendo a Mareina ou no que The Well estava mostrando a ela.

Deuses. Eles caíram no Poço?

Sorri para mim mesmo, imaginando Mareina encharcada e carrancuda.

“Oy,” Lokus bufou, “Você quer ajudar, ou vai ficar só de bobeira até sua princesa com presas retornar?”

Como se fosse uma deixa, o forno apitou.

"Desculpe", murmurei, pegando na gaveta as luvas de forno e um avental, recebendo olhares estranhos do grupo.

Amarrei rapidamente o avental e coloquei as luvas, peguei os faisões assados, enfeitados com vários vegetais e recheios, com todo o seu suco fervendo na assadeira de cerâmica, e os coloquei na ilha de madeira da cozinha.

Pomona se aproximou e me entregou um copo com um líquido âmbar enquanto eu começava a cortar pedaços de faisão.

"Você está bem aí, meu amor?"

Dei uma risada abafada, tomando um gole agradecido. “Obrigada… E sim, eles estão só demorando um pouco. Não consigo deixar de me perguntar que histórias de terror minha mãe pode estar contando a ela e, incidentalmente, afastando-a de mim.”

“Ela é sua *leath-anama*, Koa . Ela poderia contar tudo sobre suas escapadas, e isso não a deteria. E não é como se ela fosse uma santa também…”

Soltei uma risada sem alegria. "Ela *já* está dissuadida."

Pomona franziu a testa, mas antes que pudesse responder, o som de passos suaves atraiu meu olhar para onde minha mãe estava.

Sem Mareina.

Seu rosto estava vermelho de emoção, o que me fez sentir um nó na barriga.

“Querida, você se importaria de se juntar a nós no estudo?” Minha mãe perguntou gentilmente.

Olhei brevemente para Pomona e sua expressão sombria, lançando-lhe um olhar penetrante antes de me virar para seguir minha mãe, que me levou pelo corredor até seu escritório.

Mareina estava de pé ao lado de uma cadeira como se estivesse ansiosa demais para se sentar. Seu rosto estava vermelho e inchado de tanto chorar. Todos os pensamentos anteriores se esvaziaram da minha mente enquanto o medo se enrolava em meu intestino.

Minha garganta se esforçou para engolir em seco, lutando para forçar uma pergunta cuja resposta eu não tinha certeza se queria saber.

"O que está errado?"

Até mesmo meu conhecimento parecia ter ficado em silêncio, aumentando ainda mais minha ansiedade.

Lágrimas escorriam do rosto de Mareina enquanto ela caminhava em minha direção. O vento deixou meus pulmões em um grunhido com a força do seu abraço.

Segurei-a pela cintura e envolvi meus braços em volta dela, sentindo um pouco da tensão do meu corpo se dissipar com o contato.

“Ela lhe mostrou O Poço…” perguntei, já sabendo a resposta mesmo sem meu Saber.

A cabeça de Mareina balançou contra o lugar onde estava enterrada no meu peito.

Meus olhos se voltaram para os da minha mãe quando as palavras saíram da minha boca, seu corpo ficando rígido. “Você pode me dizer o que viu…”

Essa também era uma pergunta para a qual eu já sabia a resposta. Minha mãe tinha The Well desde que eu conseguia me lembrar, e eu podia contar

nos dedos de uma mão o número de vezes que ela teve permissão para compartilhar o que lhe havia sido revelado.

Mareina balançou a cabeça, ainda enterrada em mim, apertando os braços com mais força.

“Você pode pelo menos me dizer se algum de nós tem algum tipo de doença terminal?”

Mareina soltou uma risada triste.

Ela finalmente se afastou, fazendo meu coração apertar ao ver sua aparência aquosa. Como a temível Royal Irae da Rainha, eu não conseguia imaginar que mais alguém a visse assim... Emocional, vulnerável, atenciosa...

Peguei o rosto dela entre minhas mãos e olhei em seus olhos.

“ *Olá…”*, murmurei gentilmente, “Seja lá o que for que te foi mostrado, nós vamos superar isso juntos… Ok?”

A surpresa em seu rosto ficou evidente com minhas palavras, mas se dissolveu em um pequeno sorriso determinado que surgiu em seus lábios enquanto ela assentia.

Minha mãe pigarreou. "Nosso convidado chegou", ela anunciou como se tivesse algum tipo de campainha telepática. Ela se virou, caminhando em direção à porta. Minha mãe saiu brevemente, deixando a porta apenas ligeiramente entreaberta. Meus olhos se fixaram em suas mãos unidas enquanto ela puxava um homem alto para dentro. Ele era ainda mais alto do que eu, mas metade da largura, com pele de ébano e olhos prateados. Objetivamente falando, eu podia reconhecer que ele era um homem notavelmente bonito, se não um pouco perturbador em suas feições estoicas e sobrenaturais.

Características que eu nunca poderia esquecer, embora já tivessem se passado mais de 70 anos desde que o vi. Fury fez meu maxilar se mover e meu aperto em Mareina se intensificou.

O sorriso da minha mãe era nervoso enquanto ela falava, sua mão ainda apertada na do seu convidado.

“Querida, gostaria que você conhecesse Miroslav…”

Alcancei meu Saber, que finalmente pareceu voltar à vida. O que de repente senti irradiando desse homem quase me tirou o fôlego. Senti... *amor.* Tanto amor - e algo como... *Alívio* - irradiando poderosamente dele. Meus lábios se separaram em choque quando *senti* a corda entre eles...

N / D Poa Hanei.

Almas gêmeas.

Miroslav caminhou em minha direção, suas longas pernas diminuindo a distância entre nós em dois passos, para me oferecer sua mão.

“É uma honra finalmente conhecê-lo. Eu… Ouvi tanto.”

A descrença guerreou dentro de mim, meus olhos gradualmente se deslocando de Miroslav para minha mãe, que olhou para mim com olhos suplicantes. Agarrando Mareina a mim, meus olhos se moveram

momentaneamente para a mão oferecida, e dei um passo para trás como se fosse uma arma.

Minha mãe deu um passo à frente, envolvendo seu próprio braço protetoramente em volta da cintura dele. “Eu tinha planejado contar a você antes que ele chegasse, mas não imaginei que Mareina e eu demoraríamos tanto—

“Você sabe quem é esse macho? *O que ele fez?”*

Minha mãe respirou fundo e se acalmou. “Sim, eu tenho, Nakoa. Ele não é quem você pensa que é. E *nós* devemos tudo a esse macho. Ele é meu *poa hanei…”*

Meu intestino se revirou com a confirmação. *Miroslav poupou minha vida em mais de uma ocasião.* Estava muito mais claro agora o porquê. Ele era o companheiro da minha mãe. Ele obviamente não me matou por causa dela. E provavelmente foi a razão exata pela qual minhas tias, tios e primos escaparam e permaneceram seguros em Spriga, na costa sul de Atratus, até hoje.

Balancei a cabeça, ainda incapaz de compreender completamente o fato de que o *companheiro da minha mãe* era um assassino brutal que matou milhares com nada mais do que um pensamento.

As mãos de Mareina agarraram minha camisa, puxando meu olhar de volta para o dela, as lágrimas ainda rolando enquanto ela balançava a cabeça para mim.

“Nakoa… *Se você soubesse…”*

Minha testa franziu, e meu coração batia forte no peito. O que quer que The Well tenha mostrado a ela deve tê-lo envolvido em algum grau. Busquei meu Knowingness em busca de alguma aparência de orientação.

É por causa dele que você está vivo…

Minha mente girou com essas palavras... Ele foi quem deu a Marina a *raiz grá* para impedi-la de me assassinar... Meu Saber parecia persistir, algo me dizendo que havia mais do que isso, mas eu ainda estava chocado demais para descobrir o que significava.

O rosto de Mareina se contraiu quase dolorosamente com a expressão de qualquer coisa que ela estivesse tentando não explodir. O que quer que The Well tivesse mostrado a ela, imaginei.

A voz de barítono de Miroslav era grave, mas gentil.

“Por favor, saiba que tudo o que fiz foi proteger sua mãe. E assim, este reino... Não vou alegar ser um *bom* macho. Cometi crimes repugnantes e faria tudo de novo se isso significasse que sua mãe estaria segura. Peço que não presuma que não sou assombrado por essas coisas. Pode ficar tranquilo que meu dia do acerto de contas chegará, e eu o receberei com satisfação porque significa que você, sua mãe e Mareina estarão seguros...

“ A me ka 'olana kahai a lo… Ua 'ikei' ya a ua Hikai mahka mea a lo e koa mo'ah puna 'ana a 'oei yaku.”

E toda a sua família escolhida… Tudo o que você sonhou, e muito mais se realizará.

Chocado, só pude olhar enquanto meu Saber me pressionava sobre a verdade de suas palavras.

Gradualmente, consegui assentir com um aceno distante, minha própria voz soando estranha aos meus ouvidos.

"Certo…"

Vários momentos de silêncio se passaram antes que minha mãe falasse.

“Eu entendo que levará algum tempo para se adaptar a essas notícias, mas... Quando você chegar ao palácio, estarei lá para ajudar.”

Não foi nenhuma surpresa para mim que ele já estivesse ciente do nosso plano. Entre seus dons e os da minha mãe, eles eram quase oniscientes. Eu estava cautelosa até com meu próprio alívio por ele supostamente estar do *nosso* lado.

Nós nos estudamos brevemente, e não pude deixar de me perguntar se as táticas que minha mãe me ensinou para proteger minha mente tinham vindo dele.

“Miroslav e eu estaremos esperando por você na cozinha… Se você se juntasse a nós assim que estiver pronto, seria uma imensa alegria para mim ter todos nós juntos em uma sala pela primeira vez em…”

As palavras da minha mãe foram se afastando, se recuperando, mas eu estava cambaleando muito descontroladamente para prestar atenção. Ela limpou a garganta antes de terminar a frase.

“Não tenha pressa, *maha loha.* ”

Meu amor.

Na minha visão periférica, vi Mareina oferecer um sorriso de desculpas à minha mãe, e minha mãe estendeu a mão para apertar sua mão em agradecimento.

O que diabos estou esquecendo, em nome de Akash?

No momento em que Miroslav e minha mãe saíram, fechando a porta atrás dela, fixei meu olhar em Mareina.

“O que lhe foi mostrado? E o que *Miroslav* tem a ver com isso?”

Mareina respirou fundo e se recompôs enquanto as lágrimas em seus olhos verde-floresta se renovavam.

“Nakoa… Se eu te contar, temo que isso altere o curso das coisas. E não me mostrou o futuro. Mostrou-me… *O passado.”*

Minhas sobrancelhas franziram em confusão. *Meu passado?* O que Miroslav tinha a ver com *meu* passado? Eu só tinha encontrado o macho uma vez...

Mareina balançou a cabeça em resignação.

“Eu provavelmente não deveria te contar isso, mas não consigo imaginar que isso mudaria nada além de talvez te trazer um pouco mais de paz sobre Miroslav ser o companheiro de sua mãe... Mas... Não foi só durante a guerra que ele poupou sua vida ou porque ele me deu a *raiz grá.”*

Minhas sobrancelhas saltaram com a confirmação. Mareina levantou a mão enquanto balançava a cabeça.

“Não posso dizer mais nada… Sinto muito.”

Para minha surpresa, o jantar transcorreu alegremente na maior parte do tempo. Havia uma cautela e tensão inconfundíveis de meu *olana kah'hei,* mas depois que Miroslav nos iluminou para o fato de que ele apoiava totalmente todos e quaisquer esforços feitos contra Zurie, poupou minha vida em diversas ocasiões e estaria trabalhando ativamente nos bastidores para desviá-la para que nossos esforços fossem bem-sucedidos, aliviando a tensão deles o suficiente para que tivéssemos uma refeição agradável juntos.

Para dizer o mínimo, minha mente estava completamente *abalada.*

Todos os olhares se voltaram para mim quando as discussões sobre os esforços futuros da Revolta - como nossa viagem a Vyssini - surgiram, o que logo mudou para o básico do nosso plano para derrubar Zurie. Minha mãe e Miroslav ouviram como se já tivessem me ouvido dizer isso 1.000 vezes.

"Você precisará de mais do que apenas a Revolta para jurar fidelidade a você quando for rei", acrescentou Miroslav levianamente.

Meu estômago deu um frio na barriga.

“Você está falando em termos de praticidade geral ou algo específico de suas visões?”

"Ambos."

Minha frustração vacilou. Aparentemente, minha mãe não era a única a me deixar de fora do circuito.

“Alguma coisa que eu saiba?”

Os olhos de Miroslav e da minha mãe se encontraram em uma troca sem palavras.

“Sempre haverá ameaças externas. Ishra, Hades e Maimyō mo Qì estão a apenas alguns dias de barco. Também há outros reinos a serem considerados. Assim como os ancestrais de Zurie chegaram e colonizaram essas terras, outra raça mais avançada de seres pode chegar a qualquer momento. Nada disso é informação nova para você.”

“… Não, não é, mas certamente, se você tem visões de tal coisa, seria sensato nos avisar sobre elas para que possamos nos preparar adequadamente, não?”

Miroslav pareceu completamente perplexo. “Certamente.”

Estreitei os olhos diante da indiferença dele. Minha mãe, percebendo que meu temperamento estava se esgotando, se mexeu na cadeira desconfortavelmente.

“Devo dizer que não que eu confiaria prontamente em você para o papel, mas estou surpreso que você não esteja interessado em tomar o lugar de Zurie no trono, considerando que você é claramente o mais elegível depois de todos os seus anos de serviço como Conselheiro Real e Vidente... Acompanhado de seus poderes formidáveis, ninguém poderia desafiá-lo.”

Miroslav nos deu um sorriso frustrantemente discreto e enigmático, que era dolorosamente parecido com aquele que minha mãe usava quando eu perguntava algo para o qual só ela tinha a resposta.

“Apesar do fato de que eu não tenho desejo de carregar esse fardo, antes de Zurie me contratar, ela me fez jurar um voto de sangue de que *eu* nunca tentaria tomar seu trono, me tornar rei ou machucá-la.”

Levantei as sobrancelhas, pedindo que ele explicasse melhor.

"Essa última questão é bem tênue, Miroslav."

Ele me deu um sorriso forçado.

“Eu morreria mil mortes se isso significasse proteger sua mãe. O que é uma morte se isso salva tanto ela quanto o reino?”

Meu coração parou no peito… *Oh deuses.*

Meus olhos caíram para minha mãe, inclinando-se ainda mais para o lado dele, como se precisasse segurá-lo para evitar que tal coisa acontecesse. Por mais desdém que eu possa ter pessoalmente pelo homem... Eu nunca desejaria a dor que vem de perder a *alma* atada à minha mãe.

"Quando?"

“Isso tudo depende de você.”

Fiquei de queixo caído.

"O que?"

“Sobre o quanto você e Mareina precisam da minha intervenção quando se trata de derrubar Zurie…”

Certo. Então, sem pressão.

CAPíTULO

QUARENTA E TRêS

MARINHA

Meu apetite secou depois de descobrir que se Nakoa e eu não conseguíssemos dominar Zurie sozinhos, Miroslav seria forçado a intervir, e ele morreria por causa disso...

Aquele macho que eu odiei por quase um século fez tanto para proteger sua companheira, Nakoa, sua família e todo Atratus... Potencialmente todo o Reino de Bellorum se o que ele havia sugerido anteriormente fosse preciso...

Uma resolução sombria enraizou-se profundamente dentro de mim enquanto eu estava sentado ali, incapaz de ouvir mais nada durante o jantar. O que quer que tenha acontecido quando nos infiltramos no palácio de Zurie, *não* confiaríamos em Miroslav.

Felizmente, esse Conhecimento que se emprestou a mim desde que Nakoa e eu começamos a nos relacionar, apesar de quão fragmentado, reforçou minha determinação e minha confiança...

Minha magia vinha aumentando constantemente desde que nos conhecemos. Desde que tentei cumprir nosso vínculo, eu podia senti-la fervendo através de mim como ondas tumultuadas e quebrando em um mar enjaulado.

Olhei para minhas mãos, agora entrelaçadas em meu colo, enquanto a conversa continuava, e encontrei fios vermelho-escuros escorrendo delas... Minha respiração ficou presa, e eu as *forcei* a recuar, para que ninguém percebesse.

Isso é novo.

Seu olhar se voltou para o meu, tendo notado alguma mudança ou sentido meu choque através da corda. A testa franzida em questionamento, seus olhos me marcaram.

Eu sempre fui capaz de *levar* coisas de um lugar para outro, sentir coisas e tinha uma força e velocidade que rivalizavam até mesmo com os maiores homens, graças à minha magia... Mas ter uma manifestação física disso era algo totalmente novo.

Ainda perdido em pensamentos depois de nos retirarmos do jantar, no segundo em que Nakoa e eu dobramos a esquina, ele me pegou de surpresa, se abaixando e me levantando do chão.

"O que você está fazendo?"

“Preciso lembrá-lo novamente da nossa barganha noturna?”

Meu peito apertou com a tensão, mesmo quando a corda entre nós queimava com a demanda. Eu sabia que ele sentia coisas por mim, mas eu tinha certeza razoável de que era apenas por causa do vínculo que o forçava. O que era um acréscimo ao fato de que ele estava me *usando* para

atingir seus próprios fins. Eu me sentia como pouco mais do que uma peça de xadrez no tabuleiro para ele.

Ele me abraçou como se eu fosse sua noiva e nos conduziu pelo corredor até chegarmos a uma das inúmeras portas que se abriam e fechavam por meio de uma mão invisível.

Nakoa me colocou na cama, com os braços envolvendo meu corpo enquanto ele examinava meus olhos.

Meu peito apertou. Apesar do passado de Nakoa... Eu ainda sentia essa pedra de desconfiança entre nós. Sem mencionar o ressentimento que eu sentia por ele por não ter escrúpulos em arriscar minha vida para matar Zurie.

Isso foi, é claro, além da bigorna da culpa de que eu deveria estar assassinando sua mãe biológica sem que ele ficasse sabendo. Eu tinha prometido a Leilani que não contaria a ele... Eu estava em tal choque que parecia uma coisa racional fazer, mas quanto mais eu pensava nisso... Mais inquieto eu ficava.

Ele ainda a quereria morta? Afinal, ela havia *ordenado* sua morte momentos depois de dar à luz a ele. Certamente, ele não a quereria viva...

Mesmo assim, isso não mudou o fato de que seria... uma transgressão *hedionda* não ao menos alertá-lo.

As palavras de Leilani ecoaram em minha mente.

"… Isso poderia mudar o curso de… Tudo."

Porra.

"Nakoa… eu…"

Suas sobrancelhas se juntaram, o maxilar endureceu como se estivesse se preparando para a picada da rejeição. A confissão estava na ponta da minha língua…

Mas eu engoli isso de volta, substituindo-o por outra verdade.

"Não quero intimidade entre nós só porque somos forçados a isso por esse vínculo…"

Nakoa hesitou, pairando sobre mim por mais alguns momentos antes de se sentar na beirada da cama, me dando as costas.

A ligação entre nós queimava, e uma emoção esquecida pelos deuses obstruía minha garganta.

Eu estava cansado

Tão cansado.

Eu passei a vida inteira lutando para sobreviver, e a *única* pessoa em quem eu deveria confiar e encontrar alívio... Era aquela em quem eu sentia que menos podia confiar porque ele não me *queria* . Ele simplesmente *precisava* de mim. Confiar nele com qualquer pedaço de mim só garantia mais desgosto.

Tendo estado muito sozinho por praticamente todos os meus anos de formação e pela maioria da minha vida adulta, eu ansiava por intimidade e confiança com outro como se fosse uma ferida aberta no meu peito que só poderia ser curada pela ternura de outro. Malekai foi a única pessoa que já

me permitiu entrar o suficiente para curar a ferida que eu, até agora, achava que estava cicatrizada.

Agora, era como se ele tivesse esculpido completamente aquela ferida de novo... Revelando, ainda que brevemente, como seria se abrir para outro... Mas como eu poderia encontrar isso com alguém que estava involuntariamente acorrentado a mim e desprezava minha própria existência?

De qualquer forma, eu sentia uma profunda determinação para ver isso acontecer. Era hora do reinado de Zurie acabar. E eu tinha toda a intenção de cumprir meu voto de ajudá-lo a governar este Reino. Mesmo que não fosse da maneira que um Rei e uma Rainha normalmente governariam...

Reconheci que tudo isso era muito maior do que nós... A menção anterior de Miroslav sobre potenciais ameaças de Ishra, Hades, Maimyō mo Qì e os reinos além... Me deu uma sensação profundamente perturbadora e ameaçadora que pesou muito no fundo do meu estômago... E de alguma forma, não pude deixar de sentir que estava ligado a quem ou *o que* estava conectado a esses sonhos... e aos pythos...

Para que o mundo possa nascer de novo…

Essas palavras ecoaram na minha mente do meu sonho…

E se matar Zurie fosse apenas o começo e não o fim?

Fedra já nos havia avisado que tudo isso se estendia muito além de Átrato…

O som de uma torneira de banho abrindo me tirou da minha espiral descendente. Olhei para cima e vi Nakoa caminhando em direção ao lado oposto do cômodo, onde havia uma grande banheira de cobre. Ele tirou suas roupas, revelando a visão de seu traseiro perfeitamente esculpido. A corda entre nós se apertou dolorosamente na distância entre nós. Não fisicamente, mas emocionalmente... Parecia um abismo que continha apenas uma única corda desfiada para nos conectar.

Por quanto tempo mais eu conseguiria suportar isso?

Algo precisava mudar.

Podemos não nos *amar* ... Certamente tínhamos nossas diferenças... Mas isso não significava que precisávamos ser inimigos.

Soltei um suspiro profundo e fortificante enquanto me preparava para o que estava prestes a fazer. Por fim, forcei-me a sentar e seguir em direção a Nakoa. Seu rosto bonito e marcado por cicatrizes assumiu uma expressão que alguém que não estivesse preso a ele poderia presumir que fosse neutra ou indiferente... mas eu podia *sentir muito claramente* o que havia por trás daquela máscara. Tumulto. Dor. Saudade. Frustração.

Demorou vários minutos até que seu olhar finalmente se erguesse para o meu.

“Você se importa se eu me juntar a você?”

Surpresa brilhou brevemente em seus olhos. “Certamente.”

Eu tirei minhas roupas, e não perdi a maneira como seus olhos brilharam brevemente antes que ele forçasse seu olhar para longe. A água

estava quase quente demais, o que significava que estava totalmente perfeita quando afundei na água do outro lado da banheira. Um gemido que eu não tinha percebido que precisava ser liberado foi arrancado de mim. Nossas pernas se entrelaçaram, e eu não pude negar a correção e o alívio que a sensação me deu.

Assim que finalmente consegui juntar algumas palavras que pensei que seriam uma maneira construtiva de começar, Nakoa quebrou o silêncio.

“Sinto muito, Mareina… Não vou mentir e dizer que *parte* das minhas ações não são motivadas pela minha necessidade de derrubar Zurie. Que tudo o que fiz e disse não foi, *em parte* , uma tentativa influenciada por isso… Mas há *mais.*.. E eu tentei lutar contra isso. Não quero mais. Só quero você. Quero o que poderíamos ter. *Entre nós.”*

Suas palavras retornaram aquela sensação dolorida ao meu peito, apertada e pesada. Tão reconfortantes quanto ele pretendia que fossem...

"Mas é só o vínculo? Se não fosse pelo vínculo, você teria me matado... Muito menos me escolhido para ser sua companheira predestinada."

Nakoa sustentou meu olhar, apertando a mandíbula.

“Eu não estava mentindo quando disse que tinha certeza de que você seria a melhor que a Rainha Atratus já conheceu…”

Dei uma risada triste, incapaz de olhar para ele no rosto por mais tempo, enquanto lágrimas enchiam meus olhos. *De novo.*

Porra, o que eu não daria para estar nos braços de Malekai agora.

“Isso não tem nada a ver.”

“Isso tem *tudo* a ver.”

Balancei a cabeça. “Vamos fingir por um momento que as Ilhas Kahlohani não precisavam ser libertadas. Que seu povo não estava vivendo na miséria e no exílio... Que você não precisava se tornar Rei. Você não precisava de uma Rainha para governar ao seu lado. Você poderia viver sua vida livremente e como quisesse. E nós não éramos *ligados à alma.* Você ainda me quereria *?”*

Ele pareceu chocado com a pergunta. A cada momento que passava, eu afundava mais na banheira e no meu desespero. Seu silêncio já havia dito o suficiente.

“… Não sei, Mareina…”

O fato de sua admissão não ser surpreendente não fez nada para suavizar o golpe de sua indecisão... Talvez fosse o que eu merecia. Por tudo o que eu tinha feito, todo o sofrimento que eu tinha infligido aos outros... Por que ele teria me escolhido de bom grado?

"Você teria *me escolhido* se as coisas tivessem sido diferentes? Se não tivéssemos sido inimigos. E..." Sua mandíbula flexionou com raiva. "Se você não estivesse suspirando pelo macho com quem eu vi você em minhas visões."

Apesar da mágoa, pensei na pergunta dele, e minha mente voltou para o Nakoa que conheci antes que ele soubesse quem eu era para Zurie.

Antes que ele percebesse que eu era seu inimigo.

E aquele Nakoa… Aquele que conseguia inspirar minha alma dedilhando seus dedos em um instrumento, usando um carisma sombrio decorado com cicatrizes, e passava seus dias ativamente libertando pessoas da servidão contratada e presenteando-os com riquezas que ele havia roubado dos mesmos senhores que os haviam explorado…

O Nakoa que não se aproveitou de mim apesar do meu estado vulnerável quando eu criei *grá root.* O macho que riu prontamente abriu sua casa para mim sem tentar me atrair para sua cama... Aquele que podia tocar meu corpo como um instrumento que ele passou a vida inteira dominando...

Lamentando *que* Nakoa…

Doeu muito pensar nisso e me fez sentir ainda mais sozinho.

Incapaz de segurar minhas lágrimas, mergulhei minha cabeça na água e rapidamente comecei a esfregar meu couro cabeludo e meu corpo. Durante todo o tempo, Nakoa me observava com um olhar penetrante.

Quando finalmente me levantei, pegando a toalha de musselina e o robe dobrados em um banquinho ao lado da banheira, eu podia realmente *ouvir* o bater do coração de Nakoa. Sua mão atacou, agarrando minha panturrilha antes que eu pudesse sair completamente da banheira.

Encontrando seu olhar, preparei-me com outra respiração profunda.

"Quando penso no homem que conheci antes de você perceber que eu era alguém que você deveria odiar... Então... Sim. Eu odiaria."

Seus lábios se separaram em choque. Eu puxei minha perna para fora, saindo da banheira.

"Mas o macho que me usou e manipulou a cada passo do caminho. Aquele que tão facilmente se preparou para me sacrificar a Zurie para atingir seus fins... Aquele que falha em ver além das minhas falhas... Não. Eu não quero nada com ele."

Forçando-me a não desistir e dar-lhe as costas, só para termos mais do mesmo, tentei o tom mais otimista que consegui administrar. Em vez disso, saiu soando como uma triste resignação.

“Não precisamos ser inimigos. Por que não apenas... Fazemos uma trégua? Pretendo honrar meu voto com o melhor de minhas habilidades para ajudar você a derrubar Zurie e trazer paz a Atratus. Se podemos encontrar paz entre nós, isso tornará nossos esforços muito mais fáceis.”

CAPíTULO

QUARENTA E qUATRO

NAKOA

UMs se meu próprio subconsciente quisesse me punir por ser um *hipócrita de merda,* meu sono tinha sido cheio de pesadelos que consistiam em reviver flashbacks distorcidos de cada soldado do exército de Zurie que eu tinha torturado e matado. Soldados que tinham me implorado para poupá-los de suas vidas porque eles tinham famílias para as quais retornar...

Eu me vi deitado na cama ao lado de Mareina, que, embora estivesse a apenas quinze centímetros de distância, encolhida na lateral da cama, parecia estar a um milhão de quilômetros de distância.

Tudo dentro de mim ansiava por alcançá-la e puxá-la para mim, sem outro propósito senão senti-la perto de mim.

Foi simplesmente o vínculo?

Deixando o passado de lado, minha mente evocou tudo sobre Mareina que eu tinha aprendido a apreciar... Sua força, sua resiliência, sua bravura, seu altruísmo... Minha mente retornou ao humano que ela havia resgatado apenas alguns dias atrás, embora parecesse muito mais tempo.

Porra, eu fui um idiota.

Era óbvio que havia muito o que amar nela... E eu fiquei tão cego pelo meu desejo de uma vida inteira de matar Zurie e recuperar as Ilhas Kahlohani que… Talvez eu tenha perdido de vista o que faria todo o sofrimento e sacrifício valerem a pena.

Angústia e culpa arranhavam e roíam meu peito…

Reino à parte, como pude ser tão cego a ponto de não reconhecer o quão perfeita ela era para mim?

Que outra mulher poderia me desafiar e me forçar a encarar meus demônios como ela fez? Que outra mulher poderia me inspirar melhor a me tornar um homem digno de governar um Reino? Poderia despertar uma ternura e suavidade dentro de mim que eu nem sabia que existia?

Assim que criei coragem para acordá-la e arriscar sua ira, meu coração disparou ao som de uma voz me chamando da caverna da minha mãe. A mesma voz que havia assombrado meus sonhos, mas agora havia feito seu caminho para minha vida desperta.

Como se puxado por um fio invisível, levantei-me silenciosamente da cama e segui pelo corredor silencioso onde a porta protegida para a caverna estava, de alguma forma, aberta. Uma luz suave jorrava dela. No entanto, quanto mais perto eu chegava, mais distante e silenciosa a voz se tornava.

Quando abri a porta, o silêncio havia retornado. Examinei a caverna. Meu olhar foi para o outro lado da sala para encontrar The Well, geralmente escuro como breu, brilhando em um branco brilhante. Abri caminho até lá, olhando brevemente por cima do ombro para ver que a porta havia se

fechado. Quando cheguei à borda, olhei para The Well para ver meu próprio rosto, e uma cena começou a se desenrolar diante de mim. Uma na qual eu já havia feito minha transformação monstruosa.

Só que agora, nesta versão, Mareina não estava em lugar nenhum.

Meu coração quase parou.

Onde diabos estava Mareina?

Algo estava errado. Terrivelmente, terrivelmente errado.

Como se estivesse testemunhando o evento pessoalmente, me vi de pé na sala do trono de Zurie com meu futuro eu na frente eu, junto com a sacerdotisa oficiando minha inauguração, e o que parecia ser pelo menos metade de Bastrina na audiência para testemunhar. Virei-me em um círculo completo, examinando cada canto em busca de Mareina.

O pânico tomou conta de mim quando ela desapareceu e não tinha mais como escapar daquele maldito pesadelo.

A sacerdotisa, vestida com as vestes tradicionais Akashianas, estava diante do meu futuro eu.

“Nakoa Solanis, seu reinado anuncia uma era de paz, unidade e prosperidade inigualáveis para o Reino de Atratus. Como a Alta Sacerdotisa, eu prometo em nome de nossa divindade, *Akash* , conceder suas bênçãos, proteção, poder e sabedoria para guiar nossa nação soberana com justiça para que você possa nos levar a um futuro mais brilhante do que as próprias estrelas.”

Uma grande coroa dourada apareceu nas mãos da sacerdotisa, colocando-a sobre minha cabeça curvada. Ela deu um passo para trás, e eu me levantei, palavras solenes jorrando e ecoando com poder por todo o templo enquanto minhas asas se abriam e eu desenhava uma lâmina na palma da minha mão.

“Pelo poder divino investido em mim, eu juro um voto inquebrável: protegerei o Reino de Atratus com minha vida. Nas noites mais escuras e nas tempestades mais ferozes, permanecerei o guardião de Atratus até a morte. Com a vontade e o poder *de Akash* fluindo em minhas veias, cumprirei meu dever sagrado com honra.”

CAPíTULO

QUARENTA E CINCO

MARINHA

Meu sono era agitado. Atormentado por pesadelos muito próximos de uma realidade passada que eu estava desesperado para esquecer. No estrado de Zurie em seu anfiteatro, Vesper empunhou minha espada enquanto decapitava todos que eu já amei, e fui forçado a assistir enquanto uma multidão atrás de mim aplaudia. Eu me ajoelhei ao lado deles, acorrentado ao chão, esperando minha vez enquanto seu sangue se acumulava ao meu redor. Só que minha vez nunca chegou. O sangue ao meu redor subiu mais alto até encher meus pulmões, e eu me afoguei ao lado de seus corpos sem cabeça.

A sensação do corpo grande e firme de Nakoa enrolado atrás do meu, me puxando firmemente contra ele, foi um alívio tremendo, apesar da falta de confiança entre nós. Pelo menos até que as memórias da noite anterior retornassem, tornando meu coração ferido muito mais duro. Eu respirei fundo para me fortalecer.

Como eu poderia esconder esse segredo dele?

Como eu poderia matar a mãe dele sem que ele soubesse?

E se eu lhe contasse a verdade, de que maneira nosso mundo estaria condenado?

Leilani me puxou de lado novamente depois de *The Well* e reafirmou a importância de não contar a ele a verdade sobre Zurie. Era cruel não contar a ele… Mas… Esse conhecimento era vidas que valem a pena? Não… Acho que não poderia dizer que valeu. E Miroslav me lembrou do fato antes do fim da noite.

As palavras estavam subindo pela minha garganta até que me virei em seus braços e o encontrei bem acordado. Seu rosto pálido e expressão tensa, olhos arregalados de medo. Meu coração disparou com a visão.

"O que aconteceu?"

Sua garganta trabalhou em uma engolida áspera, balançando a cabeça gentilmente. Meu coração começou a bater furiosamente.

“Ontem à noite… O Poço.”

“Você visitou?”

Um aceno.

"E…?"

“… Não sei o que posso dizer.”

“Algo terrível vai acontecer?”

Ele parou momentaneamente, lambeu os lábios e respirou fundo.

"Não sei."

A batida do meu coração batia tão forte que ecoava em meus ouvidos.

“Eu não vou a lugar nenhum, Nakoa…”

Seu rosto endureceu enquanto ele lutava contra a emoção, com os olhos brilhando.

“Mareina… Ontem à noite, eu… me desculpe. Eu não quis dizer o que eu disse… Eu só… Eu fiquei cego pela minha própria determinação. Eu escolheria você com ou sem o vínculo… Eu não consigo imaginar uma fêmea mais perfeita não apenas para governar Atratus, mas *para mim.”*

Ele procurou meu olhar quase freneticamente como se tentasse encontrar evidências da minha fé em suas palavras. Eu assenti gentilmente através dessa sensação de dormência que se instalou em meu peito.

"… OK."

Suas sobrancelhas se franziram.

"OK?"

Respirei fundo, rolando para fora dos braços dele e olhando para o teto.

“OK. Eu aprecio isso. Obrigado por dizer isso.”

Nakoa se apoiou em um cotovelo enquanto estendia a mão para mim, no momento em que o som de movimento e vozes do lado de fora do nosso quarto chegava até nós.

Vyssini… Estaríamos indo para Vyssini hoje em nosso caminho para Bastrina…

Meu coração pulou com a ideia de estar no mesmo lugar que Malekai, mas imediatamente se apertou de dor, sabendo que eu não seria capaz de sair com ele... E simplesmente... Desaparecer.

O que Nakoa viu *em The Well?*

O que quer que ele tenha visto foi o motivo pelo qual ele estava desesperado para se desculpar?

* * *

Ao meio-dia, nosso grande grupo estava vestido e pronto para partir. Com nada mais do que o breve murmúrio de uma língua antiga, Leilani abriu um portal na floresta na frente de sua casa glamorosa. Um portal grande o suficiente para o nosso grupo, incluindo nossos cavalos, passar e chegar a algum lugar nos arredores de Vyssini.

A energia inquieta cercando todos no que agora parecia uma contagem regressiva silenciosa em direção a Zurie e nossas mortes em potencial fez minha ansiedade aumentar. Quanto mais nos aproximávamos de Vyssini, mais ela se intensificava, embora eu não tivesse certeza do porquê. O Saber que havia falado comigo nos últimos dias parecia ter ficado em silêncio, apesar da minha sondagem.

Leilani parecia sombria, mas relativamente à vontade, enquanto me dava um aperto firme antes de sair, sussurrando para que só eu pudesse ouvir. “Eu vi muito do seu futuro em The Well, Mareina. Você e Nakoa não têm nada a temer, desde que fiquem juntos.”

Minha garganta se contraiu bruscamente enquanto me afastava para olhar em seus olhos escuros, incapaz de esconder sua preocupação.

“… Obrigado. Por tudo,” eu consegui dizer.

Ela me deu um aceno e um sorriso fraco. “Vejo você no palácio…”

E eu só podia rezar para que Malekai não estivesse lá. Eu não achava que conseguiria lidar com isso se algo acontecesse com ele. Tivemos 100 anos de amizade e lealdade quando eu não tive quase mais ninguém ao longo do caminho - apenas meus anos fugazes com minha melhor amiga de infância, Fara, e Seline, meu primeiro amor. Ambos, agora mortos.

Eu queria desesperadamente falar com Pomona para ver o que tinha acontecido durante seu encontro com Malekai. No entanto, ainda não tínhamos tido privacidade para isso. Felizmente, ela parecia relativamente à vontade, se não apenas levemente ansiosa, com nossa tentativa iminente de nos infiltrar no palácio de Zurie.

Roderick, Lokus, Rayne, Pomona, Famei e Vesper cruzaram a borda do portal, apenas trocando rapidamente adeus com Leilani e Miroslav enquanto eu esperava por Nakoa e tentava afastar meus medos.

Fiquem juntos.

Certo.

Como, em nome dos deuses, deveríamos ficar juntos quando eu deveria entrar no palácio, com ninguém além de Vesper, para matar Zurie?

Nakoa permaneceu à distância, discutindo algo que nem meus ouvidos sanguinati conseguiam ouvir. Incapaz de disfarçar a tensão nos olhos brilhantes de diamante de Miroslav, seu olhar encontrou o meu.

"Não se preocupe com o que o futuro trará, Mareina. Você não tem nada a temer," ele murmurou calmamente dentro da minha mente.

Suas palavras tranquilizadoras fizeram pouco para amenizar minha preocupação, mas antes que minha mente pudesse formular uma resposta, Nakoa me puxou através do portal.

* * *

Graças aos seus cidadãos ricos, Vyssini era geralmente uma cidade movimentada ostentando arquitetura e obras de arte deslumbrantes. Era um dos poucos lugares em Atratus que parecia ter se beneficiado do reinado de Zurie. Graças à sua localização espetacular, cercada por montanhas e lagos imaculados, muitos dos Lordes e outros aristocratas de Átrato que se alimentavam do seio de Zurie tinham residências secundárias aqui.

No entanto, quanto mais nos aproximávamos, mais o medo se instalava pesadamente em meu intestino. A cidade parecia quase abandonada. Empresas e casas fechadas. As ruas vazias de vida. Apenas um rosto ocasional espiando por trás de uma cortina evidenciava que alguém permanecia.

Pomona havia dito a Malekai para recuar... Por que tentáculos de pavor estavam se enrolando em volta da minha garganta e dos meus membros? De repente, me senti estúpido por pensar que Malekai teria escutado. Sacrificando seu sustento e, em troca, incorrendo na ira de Zurie simplesmente porque eu pedi a ele.

Como se estivesse lendo minha mente, Pomona encontrou meu olhar de onde ela cavalgava ao meu lado. Ela parecia igualmente aflita.

O peso opressivo no ar era enorme, aumentando a cada passo do casco para frente.

O aperto de Nakoa em mim aumentou no momento em que um zumbido suave começou a soar à distância. O grupo de nós silenciosamente trocou olhares cautelosos enquanto o zumbido ficava mais alto, eventualmente se elevando a um zumbido. E então veio o fedor.

Em todos os meus anos de batalha, assassinato, tortura, execuções e todos os cheiros horríveis associados a isso... Fazia muito tempo que não inspirava uma reação tão visceral dentro de mim. Eu havia me considerado entorpecido até a morte, mas percebi que minhas mãos tremiam e estavam inquietas. Olhei para baixo para ver minha magia, reaparecendo como aqueles tentáculos vermelho-escuros escorrendo da minha pele. Eu prontamente a chamei de volta para mim e olhei para os lados para verificar se mais alguém a tinha visto, mas os olhares de todos estavam fixos no que estava à nossa frente.

Finalmente dobramos a esquina da praça central de Vyssini, ostentando belas esculturas de bronze, fachadas douradas e toldos coloridos. Embora nossa atenção estivesse focada apenas no que estava em frente à fonte de bronze representando uma mulher segurando um grande buquê de flores *de aetra* . Água carmesim caía da cachoeira esculpida atrás dela, acumulando-se a seus pés, me lembrando do pesadelo da noite passada.

Não foi isso que fez a bile subir pela minha garganta. Nem foram as moscas que fervilhavam como uma névoa espessa.

Ao pé da fonte, pelo menos 20 lanças de metal foram cravadas no paralelepípedo, ostentando o mesmo número de cabeças, e abaixo delas estavam seus corpos sem cabeça.

Fiquei boquiaberto enquanto aquela dormência tão familiar tomava conta de mim.

Apesar do ridículo da minha esperança de que Malekai tivesse atendido ao meu pedido... Eu não pude deixar de sentir aquela faca retorcida da derrota. Apesar do que aconteceu depois que tentei escapar de Nakoa, reconheci que nem todos eles seriam corruptos, como aqueles que tentaram me violar. Os homens e mulheres que foram executados antes de nós eram membros integrais da Revolta.

Minha respiração parou quando meu olhar se deteve em um rosto familiar. As feições genericamente bonitas... O longo cabelo castanho, ainda preso em seu nó... Os penetrantes olhos azuis agora opacos e desprovidos de sua força vital.

Confusão, misturada com descrença, tomou conta de mim…

Apertei os olhos, tentando ter certeza de que meus olhos não estavam me enganando.

Foi isso…

Galvor?

“Você os reconhece? Esses não são membros do The Uprising que eu conheça…”, Nakoa perguntou a seu *olana kah'hei.*

Meu olhar vagou por cada rosto, todos familiares, para garantir que Malekai não estivesse entre eles. Minha voz mal saiu um sussurro.

“Isso porque eles não são membros da Revolta…”

Virei-me para olhar para Pomona, seu rosto pálido diante da exibição macabra, mas... não refletia nada do choque que estava diminuindo o meu.

“Quem são eles?” Nakoa perguntou, sua voz quase ofegante de descrença.

“Os soldados de Zurie…”

CAPíTULO

QUARENTA E SEIS

MARINHA

UM epois de deixar a praça central de Vyssini para trás, aquela sensação de mau presságio gradualmente se dissipou à medida que avançávamos mais para dentro da floresta e *para longe* da carnificina que eu só podia presumir que The Uprising havia deixado para trás... Louvado seja os deuses, Malekai não estava entre eles. Embora eu não pudesse sentir o que especificamente, algo estava errado...

Continuei lançando olhares discretos para Pomona, que parecia decidida a me evitar. Ela não parecia nem um pouco surpresa... Tinha...

Malekai os matou?

Meu estômago se revirou ao imaginar qualquer cenário. Ou ele estava lá fora, potencialmente gravemente ferido por ter escapado por pouco... Ou ele mesmo os havia matado? Matar tantos deles certamente não estava além de seu poder... Alguns deles eram soldados com quem lutamos ao lado. Embora alguns dos que eu conhecia pessoalmente, como Galvor, fossem... Desagradáveis, para dizer o mínimo... Eles confiaram a eles sua vida.

Ele realmente teria massacrado todos eles só porque eu pedi para Pomona dizer que eu queria que assistíssemos o mundo queimar?

Sua voz profunda e aveludada ecoou em minha mente.

Katadamna kaza.

Droga o custo.

Ele salvou minha vida várias vezes, e eu confiava nele completamente. Sem mencionar que encontrar uma desculpa para se voltar contra Zurie não era exatamente uma tarefa. Fazia apenas alguns dias que ela o mutilara por nada mais do que se divertir.

A culpa se agitou pesadamente em meu intestino. Se ele tivesse feito isso por minha causa... Seria minha culpa que eles estivessem mortos. Embora se eu não tivesse, teriam sido os membros do Uprising...

Onde ele estava?

Certamente Malekai não poderia ter retornado ao palácio como o único sobrevivente… Zurie não aceitaria esse tipo de fracasso…

Minha preocupação por ele aumentou, e olhei para baixo para encontrar aqueles tentáculos de magia saindo da minha frente.

Porra.

Com um esforço nada pequeno, eu os empurrei de volta, e minha magia se contorceu indignada contra a barreira da minha pele. Eu me forcei a respirar mais profundamente, me estabilizando.

“Você está bem, *lohane thili?”*

A voz de Nakoa era quase um murmúrio contra meu cabelo.

“Sim… Só… Eu os conhecia.”

Não é exatamente uma mentira.

O couro das rédeas de Pumpkin rangia em suas mãos.

“Desculpe… Você era próximo de algum deles?”

Balancei a cabeça, incapaz de forçar mais palavras enquanto minha mente girava freneticamente. Eu *precisava* saber que Malekai estava segura.

Como eu poderia encontrá-lo?

Se ele tivesse sido responsável pela morte de todos aqueles soldados, quanto tempo Zurie levaria para caçá-lo?

Repeti minha prece silenciosa a *Akash* como um mantra.

Por favor, Akash. Por favor, deixe Malekai ficar seguro.

Depois da mais longa hora e meia da minha vida, finalmente chegamos a uma pequena cabana, escondida nas profundezas da floresta, para nos encontrarmos com um lykos homem chamado Val, aparentemente o membro mais antigo da Revolta, abaixo de Nakoa e sua família escolhida.

Val saiu para a varanda de sua cabana, braços cruzados sobre o peito largo enquanto um sorriso ainda mais largo dividia seu rosto barbado. Cabelo loiro espesso e ondulado, raspado nas laterais, mas longo no topo, disposto em uma trança grossa sobre um ombro. Ele parecia algum tipo de viking de Terrânia.

"Já era hora de você aparecer, seu grande bastardo", ele gritou para Nakoa. A voz grave do homem era grossa, com um sotaque encontrado apenas nas montanhas de *Bein Sith Mór.* Uma pequena região renomada por ter algumas das terras mais espetaculares e magicamente ricas. Também lar da maior população de fadas, duendes, druidas, bruxas e metamorfos de Atratus.

“Inconsiderado de sua parte viver tão longe, se você me perguntar. Os três dias de viagem para chegar aqui são uma dor no meu pau,” Nakoa gritou de volta com um sorriso no rosto enquanto ele finalmente fazia Pumpkin parar e deslizava para fora do seu lado. Antes que eu pudesse tentar desmontar sozinho, ele me puxou para seus braços e me colocou no chão ao lado dele. V

Val já havia descido os degraus de sua cabine quando nos viramos para encará-lo e encurtamos a distância entre nós em apenas alguns passos largos.

Nakoa abriu os braços para abraçá-lo, apenas para ser prontamente empurrado para o lado. Val me envolveu em seus braços, prendendo os meus ao meu lado, e me girou como se eu não pesasse nada.

“Que tesouro absoluto você encontrou, irmão!”

Ele inalou profundamente meu cheiro enquanto eu olhava chocada para o rosto sorridente de Nakoa por cima do ombro de Val.

Val me colocou no chão, seus olhos azuis escuros brilhando com travessura e pedido de desculpas.

“Desculpe, moça. Às vezes não consigo me conter. Você não tem irmã, tem?”

Não pude deixar de ficar encantado com o calor que ele irradiava.

“Não, lamento dizer, mas não.”

Val deu um grunhido desolado. "Bem, se você for pego por esse velho saco de pancadas, você sabe onde me encontrar."

Se você se cansar dessa velha bolsa de bolas, sabe onde me encontrar.

Eu passei um tempo considerável pairando em volta de uma fogueira com as boas pessoas de *Bein Sith Mór* durante a guerra. Embora fossem notoriamente grandes bebedores, eram igualmente hilários e animados. Sempre prontos para rir, não importa quão terrível fosse a situação. Eu frequentemente me pegava naturalmente gravitando em direção a eles. Embora aqueles com quem fiz amizade tenham infelizmente encontrado seu fim durante a guerra.

Sorri para ele e pisquei.

"Por que você não vai passar por você?", provoquei.

As sobrancelhas grossas de Val saltaram em direção à linha do cabelo em surpresa antes que ele explodisse em uma gargalhada reconfortante enquanto dava um tapinha no ombro de Nakoa.

"Oooooh, é melhor você ficar de olho nessa antes que eu a roube."

Nakoa riu apreciativamente. “Irmão, se você está se sentindo suicida, há maneiras mais eficazes de pedir ajuda.”

A risada de Val dobrou.

O resto da *olana kah'hei de Nakoa* cumprimentou Val com um calor e exuberância que deixou minha alma pulsando com uma dor familiar... Que presente seria ter laços tão fortes com tantas pessoas. Ter uma família. A visão de Val brincando de colocar Roderick, um companheiro Lykos, em um mata-leão e esfregando os nós dos dedos cerrados no topo de sua cabeça como se fossem irmãos fez um sorriso provocar os cantos da minha boca.

Nakoa se virou para mim com um sorriso compreensivo, como se estivesse lendo minha mente. “Você também pertence a este lugar, Mareina…”

Assim que ele se aproximou de mim, pegando minhas mãos, uma voz muito familiar me chamou em seu tom profundo e aveludado.

“Marina…”

Meu coração quase saiu do peito quando subi os degraus da varanda de Val e encontrei Malekai parada na porta da cabana de Val.

Oh, doces deuses.

Vivo.

Ele estava vivo.

Sem pensar, corri para a frente enquanto Malekai descia os degraus da varanda em um único passo para me encontrar. Eu bati em seu peito, jogando meus braços ao redor dele em um alívio abençoado.

“Oh deuses, você está bem… Eu estava tão preocupada,” eu respirei, enterrando meu rosto em seu peito. Lágrimas brotaram em meus olhos com o alívio instantâneo enquanto meu peito se encheu de gratidão.

Seus braços me seguravam com tanta força que eu mal conseguia respirar.

“Você? Mareina, eu estava a um dia de arrasar o maldito Reino.”

Ele olhou para meu rosto e enxugou minhas lágrimas com os polegares.

“Porra, senti sua falta.”

Abri a boca para responder, mas recuei de repente, estremecendo com o raio de ciúmes, medo e raiva que derramou em mim da minha amarra e da de Nakoa. Eu estava efetivamente suprimindo meu medo da inevitabilidade deste momento. Ainda assim, agarrei os braços de Malekai como se ele fosse desaparecer no momento em que eu o soltasse. Eu só podia rezar para que Nakoa não tentasse rasgar sua garganta.

“Há alguém que você deveria conhecer…”

Nakoa caminhou em minha direção, com os olhos já pretos, embora tivesse conseguido manter seu glamour, o que... certamente tinha que ser um bom sinal.

“Esta é minha… *alma ligada.* Nakoa.”

As palavras tinham gosto de cinzas, e o olhar no rosto de Malekai quase partiu meu coração. Forcei uma das minhas mãos para longe do braço de Malekai para descansar uma mão no ombro de Nakoa para tentar acalmá-lo. Os olhos de Malekai baixaram para verificar se havia marcas *de almas presas* que ele não encontraria.

“Nakoa, aqui é Malekai...”

E graças às visões e ao Saber de Nakoa, ele já estava bem ciente de quem ele era para mim. Embora eu não estivesse prestes a instigar as coisas proclamando meu amor por ele agora.

"... Meu melhor amigo e aliado", terminei.

O calor do olhar coletivo de *olana kah'hei de Nakoa* parecia que ele iria queimar um buraco direto em mim. A garganta de Malekai trabalhou em uma engolida áspera antes de gradualmente assentir e estender sua mão em direção a Nakoa.

As mãos de Nakoa se fecharam em punhos ao lado do corpo enquanto seu olhar caiu na mão de Malekai. A tensão aumentou no momento antes de ele finalmente pegar a mão de Malekai.

O silêncio pesava pesadamente no ar enquanto suas mãos se moviam para cima e para baixo em um movimento mecânico por um doloroso período de tempo. Não pude deixar de me perguntar o que em nome dos deuses seu Saber estava sussurrando para ele.

Val se aproximou, abençoe-o, e deu um tapinha no ombro dos dois machos. Finalmente, quebrando a tensão.

“Este é o rapaz sobre quem eu estava falando ontem à noite... O aliado interno *que* mencionei.”

O choque de Malekai estar ali finalmente foi registrado.

Meu olhar buscou Pomona, que já estava me encarando atentamente. Com a atenção de todos focada em mim, Malekai e Nakoa, ela finalmente me reconheceu. Ela deu de ombros, erguendo as sobrancelhas como se dissesse, *seu palpite é tão bom quanto o meu.*

“ Os soldados… na praça da cidade… Era você?” Nakoa perguntou, com a testa tensa.

Malekai assentiu brevemente.

Nakoa franziu a testa.

Val apertou os ombros deles, empurrando os dois escada acima, antes de me lançar um olhar por cima do ombro.

“Que porra foi essa?”, ele murmurou silenciosamente para mim.

Agarrei gentilmente o braço de Pomona para puxá-la para o lado enquanto Famei, Rayne, Vesper e Roderick os seguiam para dentro da cabana.

"O que aconteceu ontem à noite?", sussurrei quando todos se retiraram para dentro.

Ela soltou um suspiro, balançando a cabeça enquanto nos afastávamos mais da cabana. “Nada, além de tentar me interrogar completamente sobre onde você estava e fornecer evidências de sua segurança. Ele concordou em não atacar nenhum dos membros do The Uprising. Não disse nada sobre... tudo *isso.* ”

“Você contou a ele sobre Val?”

Ela recuou. “ *Akash*, não.”

Andei de um lado para o outro ansiosamente, me perguntando o que diabos estava realmente acontecendo.

Ele fez parte disso o tempo todo?

Certamente que não…

As palavras de Malekai ecoaram em minha mente... *"Quer que eu a mate para você, e então poderemos assistir o mundo queimar juntos?"*

As sobrancelhas de Pomona franziram com uma pitada de suspeita e profunda preocupação. “Não quero bisbilhotar, mas… Quão próximos vocês dois são mesmo?”

Suspirei, sentindo o peso da minha emoção esmagar meu peito.

“Estou mais próxima dele do que nunca estive de qualquer outra pessoa … Mas não romântica… Nós nunca… agimos fisicamente.”

O rosto de Pomona estava tenso de preocupação enquanto eu continuava.

“Nós lutamos na guerra juntos… Salvamos a vida um do outro em… Mais ocasiões do que consigo lembrar… Ele tem sido meu melhor amigo pelos últimos cem anos.”

“Entendo…” Uma sugestão de sorriso curvou seus lábios, e um pouco da minha tensão aliviou. Seu olhar ficou tímido enquanto ela me dava um olhar diabólico. sorriso, inclinando-se para perto. “E… Posso perguntar *por que* nunca se tornou nada *mais* do que amizade porque , *porra*, *deuses…* ”

Não consegui evitar de soltar uma risada, revirando os olhos. Mesmo que eu mal a conhecesse, senti a necessidade de confiar nela.

“Eu o amo, Pomona…”

Suas sobrancelhas franziram.

“Eu… Coisas entre Nakoa e eu…” Balancei a cabeça sem nem saber por onde ou como começar. “Eu não posso ficar com ele… Não vou menosprezá-lo para você e reconheço que ele tem muitas qualidades

excepcionais, mas… Nunca serei capaz de confiar ou me entregar a ele depois… *De tudo isso.”*

Pomona pareceu genuinamente magoada com minha admissão e isso fez com que a culpa apertasse ainda mais meu peito.

“Eu já expressei a Nakoa meu desejo de ir embora depois que terminarmos com tudo... Eu o ajudarei a governar... Eu até fiz um voto de fazê-lo. De apoiá-lo nisso o melhor que puder. Mas eu não vou me vincular a ele. E independentemente... Meu coração já pertence a Malekai. Eu também não disse a ele ainda, mas... Eu direi. Assim que superarmos Zurie.”

Pomona assentiu, o olhar vagando para longe enquanto um olhar de tristeza tomava seu rosto, mas parecia compreensivo. E nem remotamente surpreso. Depois de alguns momentos, seu olhar finalmente retornou ao meu, me oferecendo um sorriso encorajador que não encontrou seus olhos.

“Espero que um dia, por mais distante que seja o futuro… Que vocês dois possam fazer as pazes…”

Minha garganta trabalhou duramente. Isso definitivamente não era algo que eu poderia prometer.

Seu sorriso se alargou, tentando demonstrar leveza.

“Em uma nota mais feliz... quero dizer... Não repita isso para Famei, mas sua amiga é... Wooooooohh...”, ela continuou, abanando-se como se estivesse prestes a ter uma insolação.

Um sorriso surgiu em meu rosto, grato por sua tentativa de distração.

“Certificarei-me de lhe dizer que você pensa assim.”

Pomona arfou dramaticamente. “Você não ousaria!”

Eu ri abertamente pela primeira vez em algo que pareceu... uma eternidade.

“Não, eu não faria isso. Não se preocupe.”

Ela soltou um suspiro de alívio, rindo. “Eu ainda quero saber por que você nunca teve nada com ele *antes de* conhecer Nakoa.”

Suspirei pesadamente. Não era uma pergunta fácil.

“Eu... eu não conheci muitas pessoas leais em quem eu pudesse confiar. E aquelas que conheci... Elas morreram durante a guerra. Depois disso, eu simplesmente... meio que me fechei para as pessoas porque se elas valessem a pena conhecer, elas poderiam ser tiradas de mim, ou se elas não valessem a pena conhecer, mas eu falhei em ver isso... Bem, eu simplesmente não tinha pedaços suficientes do meu coração para dar em nenhuma circunstância... E a ideia de perder Malekai... Se as coisas não dessem certo entre nós... Eu teria ficado sem *ninguém.* Eu o estimava demais para arriscar com nossa amizade desse jeito.”

Pomona deu um suspiro pensativo.

“Viver com medo não é maneira de viver, querida.”

A verdade em suas palavras me atingiu como um chute no rosto. *Deuses, ela estava tão certa que doeu.* E era hora de mudar isso. Mas primeiro, eu precisava ser honesto com Nakoa antes de confessar meus

sentimentos para Malekai... O que talvez fosse melhor depois de tudo com que Zurie foi lidado.

Dei um aperto no ombro dela. “Você está certa, Pomona. Obrigada. E obrigada por encontrar Malekai para mim ontem à noite.”

Seus lábios de botão de rosa se separaram para revelar um sorriso cheio de afeição. Eu nunca conheci alguém tão caloroso e aberto. Não foi nada menos que surpreendente, mesmo que tenha dado um aperto doce no meu coração.

“Claro. Você é minha irmã agora. Com ou sem Nakoa.”

No momento em que Pomona e eu entramos na cabana de Val, os olhos de Nakoa e Malekai se voltaram para os meus. Para não inflamar ainda mais a raiva de Nakoa, forcei-me a ir para o seu lado, apesar da dor no meu peito que ansiava por ir para Malekai. Nakoa envolveu um braço em volta da minha cintura e me puxou possessivamente para o seu lado. Parecia uma traição às minhas emoções e a Malekai. Meus olhos se fecharam enquanto eu tentava respirar para afastar minha tensão.

Apesar de Nakoa ser minha *alma atada* e ter me resgatado daquele porão... Algo estava quebrado entre nós. Ele tinha intencionalmente e intencionalmente tentado me manipular usando minhas emoções e minhas vulnerabilidades... Até esta manhã, ele não tinha certeza se escolheria ficar comigo se não fosse pelo vínculo que o exigia. E eu não pude deixar de me perguntar se era apenas por culpa.

Encontrei o olhar de Malekai, forçando minhas feições a algo neutro, mas isso só fez suas sobrancelhas franzirem mais com preocupação. Quando seus olhos se ergueram para Nakoa, suas feições normalmente quentes mudaram para algo surpreendentemente frio antes de retornar para Val, que estava atualmente discutindo o ouro e as joias que Nakoa e seu *olana kah'hei* aparentemente saquearam no mesmo dia em que nos conhecemos e sua distribuição entre os vários pontos de venda através dos quais The Uprising trabalhava.

A impaciência cresceu em meu peito, fazendo-me ficar de pé.

Qual era o plano de Malekai?

Certamente ele não pretendia retornar a Zurie…

Como diabos ele sabia sobre Val?

E como ele… conseguiu trair todos aqueles soldados que confiavam nele…

O mal-estar foi se aprofundando cada vez mais em minhas veias até criar raízes profundas em meu intestino.

Devo contar a ele sobre nosso plano para derrubar Zurie?

“… Se pudéssemos ganhar o Exército Selcarim como aliados, seríamos imparáveis,” Val implorou a Lokus, chamando minha atenção.

Lokus deu uma risada triste. “A última vez que falei com meu pai foi no fim da guerra, quando ele me expulsou do seu Reino. Confie em mim

quando digo que você *não* quer que eu atue em nome da Revolta.”

Val franziu a testa com um olhar de compaixão se fixando em suas feições rudemente bonitas. Seus olhos dispararam com otimismo cauteloso para Rayne, que levantou as mãos em rendição.

“Culpado por associação, receio. O melhor que posso fazer é levar você para além da passagem da montanha. Tenho alguns amigos com quem perdi contato ao longo dos anos, mas tenho certeza de que eles estariam abertos a ajudar. Mas não posso prometer nada.”

Essa conversa era discutível, considerando que Zurie estaria morto em questão de dias se tudo corresse conforme o planejado. Embora fosse útil para Nakoa ter os Selcarim como aliados... Mas, aparentemente, Nakoa não tinha intenção de—

“Os Selcarim serão de fato bons aliados, mas não precisamos deles para derrubar Zurie.”

As sobrancelhas de Val franziram. “Koa… Nós crescemos consideravelmente, mas eu não acho—

“Mareina e Vesper incluídos; meu *olana kah'hei* e eu derrubaremos Zurie em questão de dias quando chegarmos em Bastrina, para onde estamos indo diretamente atrás de você.”

O queixo de Val caiu.

"Você só pode estar brincando comigo", Malekai rosnou.

“De jeito nenhum”, Nakoa rosnou de volta.

Ah, merda.

Os olhos de Malekai caíram nos meus. “E você planeja ajudá-los?”

Meus dentes rangeram ao ser puxado para o que eu sentia que estava a um fio de cabelo de distância de se tornar uma competição de medição de pênis.

“Sim. Eu faço. O plano que nós elaboramos é bom.”

“Que plano?” Malekai e Val rosnaram em uníssono.

Coloquei minha mão no peito de Nakoa para acalmá-lo enquanto levantava minha voz para falar por cima dele.

“Posso?”, perguntei a Nakoa, com a irritação estampada no rosto.

Nakoa me olhou com cara feia. “Você tem certeza de que confia nesse macho?”

“Com a minha vida.”

Na verdade, a desconfiança de Nakoa em Malekai aumentou, embora por um motivo totalmente diferente.

“ *Este homem* acabou de salvar quase todos os membros da Uprising em Vyssini. Eu me tornei um maldito fora da lei e executei 20 dos soldados dela para me juntar à sua causa.”

Nakoa o estudou por vários momentos, sem dúvida consultando seu Saber novamente, antes de finalmente me dar um breve aceno, me levando a explicar o plano elaborado. Melhor da minha boca do que da de Nakoa.

Enquanto eu o guiava, suas sobrancelhas se arquearam e se arquearam, oscilando entre choque e frustração.

Quando terminei, Malekai apertou sua mão, soltando uma risada sem alegria.

"Não."

Nakoa mostrou os dentes. “Caso você não tenha notado, você não está em posição de poder para ditar o que fazemos ou não fazemos. Se você faz parte dessa causa, você vai *cooperar* com todos nós. Eu posso ser o líder da Revolta, mas isso não é uma ditadura, e é isso que *todos nós* concordamos. Mareina é altamente capaz. Não tenho dúvidas de que ela não terá dificuldade em executar Zurie. Temos o elemento surpresa do nosso lado. Sem mencionar, não só eu vi as visões, mas temos dois videntes que também podem afirmar que este plano funcionará—

Malekai balançou a cabeça em descrença. “Eu não dou a mínima para quais poderes psíquicos *'afirmaram'* que esse plano insano vai funcionar. Sempre há espaço para erro e caos. E você não vai enviar Mareina e,” Malekai quase gritou, gesticulando brevemente para Vesper, “Um *desconhecido* que provavelmente está conspirando para assassiná-la, para o que inevitavelmente se tornará uma luta até a morte com Zurie, *que é potencialmente uma das fadas mais poderosas de todo Atratus.* É realmente assim que você planeja proteger sua porra de *alma presa* —

Nakoa se moveu tão rápido que ele era um borrão enquanto se lançava sobre Malekai, derrubando-o no chão. Gritos irromperam de Val e Famei. Lokus gargalhou quando a mesa de centro em que eles caíram cedeu debaixo deles.

Deuses…

" Eu fiz aquela mesa com minhas próprias mãos, seus idiotas!" Val gritou com uma voz que soou como um trovão, passando a palma da mão sobre seu rosto áspero.

Rosnei, respirando fundo antes de me mover para puxar Nakoa para longe, no momento em que Rayne se posicionou na minha frente, balançando a cabeça em sinal de advertência.

“Se você quer que eles sejam amigos, deixe-os lutar até o fim.”

Eu tinha passado tempo mais que suficiente em um ambiente cheio de testosterona para saber a verdade em suas palavras.

Olhei ao redor de Rayne para encontrar Malekai tendo prendido Nakoa no chão. Meu coração deu um aperto doloroso tendo que assistir as duas pessoas com quem eu mais me importava neste mundo se espancando até virar polpa.

"Ele está certo, moça", Val concordou relutantemente, os olhos disparando para ver exatamente o que eles destruiriam em seguida antes de pular para frente para coletar seus objetos frágeis.

Eu assisti enquanto Malekai golpeava apenas para Nakoa se esquivar, fazendo Malekai socar o chão de madeira sólida com tanta força que eu distintamente ouvi madeira *e* osso estalando. Malekai rosnou por entre os dentes à mostra enquanto Nakoa se esquivava, esperando um golpe vindo da outra mão de Malekai. Malekai, sendo um guerreiro experiente, sabia

que Nakoa anteciparia isso e golpeou com sua mão quebrada. A tática funcionou, e o som *de trituração* quando o punho de Malekai se conectou com o rosto de Nakoa fez minhas entranhas se revirar em empatia. Sangue respingou de baixo do punho de Malekai assim que Nakoa agarrou a frente do couro de luta de Malekai e o puxou para baixo, rolando, prendendo-o no chão e acertando um soco de esmagar ossos antes que Malekai os rolasse novamente.

Lokus se colocou na minha frente, sussurrando conspiratoriamente, com Pomona e Famei logo atrás. “Quer apostar em quem ganha?”

Não pude deixar de soltar uma risada seca, grata pela primeira vez pela natureza travessa de Lokus. "Não... eu não..." Lokus me olhou de cima a baixo, decepção estampada em seu sorriso enquanto se virava para Rayne, Pomona e Famei.

“50 pratas no filho da puta loiro”, Lokus anunciou confiantemente.

Eu engasguei, fazendo-o me lançar um olhar de advertência. “ *O quê?* Nakoa chutou minha bunda muitas vezes para eu não apostar contra ele. Além disso, seu amigo ali parece que prefere morrer do que se submeter. Tenho que admirar esse tipo de tenacidade.”

Pomona estreitou os olhos para ele por um momento antes de sorrir.

“Aumento mais 50 para Koa.”

Famei e Rayne trocaram olhares enquanto Vesper observava tudo isso com interesse.

Outro estrondo alto aterrissou, seguido por outro apelo estrondoso de Val. “Não, minhas plantas! Pobres das minhas plantas!”

Rayne olhou entre Lokus e a massa ensanguentada e móvel de músculos bronzeados caindo pela sala de estar de Val.

"Multar. 100 pratas, Nakoa…”

Famei sorriu para Pomona. “100 pratas para o seu amigo fae.”

Pomona engasgou de surpresa, incapaz de reprimir o sorriso.

“Seu traidor!”

Famei sorriu ainda mais brilhantemente. “O que você vai fazer por mim se eu ganhar, hm?”

Pomona deu um tapa em seu bíceps grosso. "Você é tão má." Famei deu um sorriso diabólico enquanto puxava Pomona para seus braços, pressionando um beijo em sua têmpora. *"Eu quero meus ganhos em carne"*, ele murmurou suavemente. Pomona não conseguiu suprimir seu sorriso, bochechas rosadas de vergonha.

Não pude deixar de rir, observando a troca deles, admirando a proximidade e o conforto deles. A confiança deles. *O amor deles.*

Inclinei-me para o lado para espiar ao redor deles e encontrar Nakoa e Malekai ainda trocando golpes. Toda a graça letal que testemunhei em Nakoa com aquela horda de bandidos, e os anos em que testemunhei Malekai em um campo de batalha inspirando admiração, medo e respeito de todos ao seu redor... tudo tinha ido pela janela. Eram punhos brutais, garras,

dentes, chutes e pancadas no corpo como se fosse uma briga de taverna sem limites.

Val correu até nós, segurando plantas e vasos nos braços.

"Já nos divertimos o suficiente aqui? Ou você planejou apenas deixá-los destruir a cabana que passei os últimos sete meses construindo com meu próprio sangue, suor e lágrimas?"

Um som áspero fez meu olhar voltar para a briga e vi o rabo de Nakoa segurando Malekai a cerca de 30 centímetros do chão pelo pescoço.

“Oy!” Lokus gritou, “Isso é trapaça, porra! Você vai me custar cem moedas de prata, seu babaca!”

Malekai agarrou o rabo de Nakoa enrolado em volta de sua garganta e quando Nakoa não o soltou, Malekai enfiou uma adaga em sua mão.

“UAUU ...

Todos gritaram em uníssono enquanto saltavam para frente. Nakoa largou Malekai como um saco de batatas, glamorizando seu rabo para longe.

Malekai tossiu e chiou tentando recuperar o fôlego.

Os olhos de Malekai encontraram os meus enquanto ele continuava a cuspir um pulmão. No mesmo momento, Nakoa se virou para mim. Ambos estavam espancados até virar polpa, com olhos inchados e enegrecidos e lábios cortados.

Pomona se aproximou dos dois, já carregando toalhas de algodão cheias de gelo, e entregou uma a cada um.

“Tudo bem, rapazes, é hora de se beijar e fazer as pazes.”

Meu peito doía olhando entre os dois. Parecia que era só uma questão de tempo até que houvesse uma briga... Fiquei aliviado por ter acabado com isso e só podia rezar para que houvesse paz dali em diante...

Balancei a cabeça enquanto as palavras anteriores de Malekai absorviam e liberavam o que eu vinha suprimindo esse tempo todo. Reconhecendo que não havia, aparentemente, outra maneira sem travar uma guerra...

Talvez fosse mesquinho e egoísta, mas... Embora eu fosse altamente capaz, o fato de Nakoa ter sido tão rápido e disposto a *me fazer* assumir a tarefa de matar Zurie... Tudo por seu grande plano, que também era a única maneira de garantir minha liberdade da ira dela... Simplesmente não parecia certo. Embora eu tivesse lutado em uma guerra ao lado de Malekai, e ele tivesse testemunhado minha eficiência *letal* ... Ele não estava disposto a me deixar correr esse risco sozinho. Isso me fez sentir seguro. Cuidado. *Amado.*

O fato de Nakoa não ter pestanejado sobre me deixar correr de cara para uma batalha contra Zurie me deixou sentindo... *dispensável.* Eu sabia que Nakoa estava tranquilo com seu dom de previsão e conhecimento, assim como sua mãe e Miroslav com seus dons, mas… Como Malekai havia dito,… *erro e caos.*

Sempre havia uma chance de tudo dar terrivelmente errado.

Esfreguei distraidamente o ponto dolorido no meu peito enquanto *afastava* os cacos quebrados e a sujeira dos vasos de plantas, virando-me para sair e tomar um pouco de ar fresco, tão necessário.

Peguei no braço de Val ao sair, sentindo-me culpada.

“Sinto muito por… Tudo isso. Vou substituir o que eles quebraram.”

Val me lançou um olhar caloroso de compreensão. “Não preocupe sua linda cabeça, moça. Não é sua culpa se esses dois não conseguem se comportar como homens civilizados.”

CAPíTULO

QUARENTA E SETE

NAKOA

O ódio substituiu a raiva que apertava meu coração enquanto eu observava aquele olhar de decepção passar pelo rosto de Mareina.

Porra.

Eu respirei fundo, como se fossem punhais descendo, enquanto olhava ao redor para a destruição que eu havia causado na casa de Val. Pomona me ofereceu um olhar de compaixão enquanto me entregava uma bolsa de gelo.

"Obrigado…"

Pomona entregou a outra bolsa de gelo para *Malekai…* A melhor *“amiga” da* minha *alma presa ,* aparentemente. A melhor amiga dela, que só tinha o melhor interesse dela em mente…

Puta merda.

Eu era um babaca.

Desde que o macho apareceu, meu Saber estava sussurrando informações para mim sobre ele. Uma parte considerável disso era o fato de que ele estava apaixonado pela minha *lohane thili.* Tinha salvado a vida dela em várias ocasiões durante a guerra. Assim como ela tinha feito por ele... Esse era um vínculo inquebrável.

Enquanto meu próprio vínculo com Mareina estava… se desgastando. *Rapidamente.*

O fato de ele também ter lutado do lado errado com ela só alimentou ainda mais as chamas da minha ira.

Mas ele salvou a vida dela. Se não fosse por ele, ela teria morrido durante a guerra, e você nunca teria conhecido sua alma-vinculada, meu Saber escolheu me lembrar. Novamente.

Ciúme, culpa e gratidão guerreavam dentro de mim.

Por fim, dei um passo à frente até onde o homem estava sentado, encostado na parede de Val, colocando gelo no corte abaixo de sua testa inchada.

As palavras pareciam cacos de vidro saindo, mas tinha que ser feito.

"Desculpe."

Malekai levantou seu olhar para o meu, assentindo em aceitação. “Peço desculpas também… Eu poderia ter sido—

“Não, você está certo… É arriscado enviar Mareina lá com Vesper sozinha para enfrentar Zurie.”

Deslizei pela parede para sentar ao lado dele, colocando um braço sobre meus joelhos dobrados enquanto colocava gelo no meu olho inchado, que estava se curando notavelmente rápido, graças ao meu vínculo com Mareina. Pomona, o anjo que ela é, já estava *querendo* acabar com o desastre que tínhamos feito e consertando as coisas que tínhamos destruído.

Uma mulher com cabelos brancos e loiros, pele dourada e olhos turquesa grita sua dor e fúria no chão de ladrilhos em que sua bochecha ensanguentada está pressionada. As veias em sua testa e pescoço incham enquanto um guerreiro Kahlohani a prende no chão enquanto ele a golpeia brutalmente por trás.

"Você deveria ter ficado no Hades, onde sua espécie pertence."

Como sempre, a visão saiu tão abruptamente quanto veio. Quando o rosto de Malekai foi substituído pelo dela, pude ver que a semelhança é inegável... Meu intestino se revirou com uma culpa que não me pertence, e ainda assim...

Um soldado Kahlohani *estuprou* sua mãe.

A testa ensanguentada de Malekai está franzida enquanto ele me estuda cautelosamente. Graças às minhas visões, não se tornou uma tarefa fácil viver duas realidades simultaneamente, por mais breve que seja, e não parecer... louco.

Antes que Malekai possa fazer qualquer pergunta, continuo, tentando o meu melhor para parecer normal, apesar do que acabei de testemunhar.

"Vesper jurou lealdade em um voto de sangue… Só para amenizar suas preocupações com isso… E de acordo com minhas visões, junto com as de Miroslav e a vidência de minha mãe… Mareina supera Zurie rapidamente graças à distração de Vesper…"

Virei minha cabeça latejante para avaliar a reação de Malekai... E, como eu suspeitava, nem um lampejo de surpresa se revelou à menção de Miroslav.

Malekai assentiu gradualmente. "Bem, isso é reconfortante e tudo… Mas… Não posso permitir que ela entre lá *só com* Vesper."

Não é um golpe pequeno para meu ego e minha consciência que esse homem seja mais protetor com minha *alma* do que eu fui... A contragosto, aprecio esse fato.

"Ninguém mais, além de Miroslav, pode entrar no palácio... E ele prometeu estar lá com ela, mas seu voto de sangue de não causar nenhum dano físico a Zurie não inspira exatamente confiança."

A expressão de Malekai ficou tensa, como se eu fosse idiota.

"Eu vou com ela."

Retribuí sua expressão idiota.

"Tenho certeza de que Zurie já está ciente de sua traição…"

Malekai balançou a cabeça. "Não… Miroslav me *dobrou* e a dez dos meus soldados que juraram segredo de volta ao palácio para contar a Zurie que o resto deles foi morto… Foi ele quem me dobrou aqui… Ele me contou sobre Val na noite anterior aos meus soldados e eu deixarmos Vyssini."

Fiquei de queixo caído.

Akash todo poderoso…

Que porra de mestre de marionetes…

Balancei a cabeça em descrença, me perguntando o que mais esse homem havia planejado e estava conspirando pelas nossas costas... Se ele não tivesse salvado minha vida várias vezes... Eu não teria confiança *nenhuma* nele.

O orixá é leal à sua mãe. Sua mãe é leal a você. Tenha fé.

Eu dei um grunhido interno para o meu Saber... O fato de que ele era, de fato, *a alma atada da minha mãe* me deu confiança suficiente nele para confiar em sua orientação... Mesmo que eu ainda achasse isso perturbador, ele estava tão à frente de todos...

Ele também parecia o epítome do controle. Era invejoso. Minhas visões se tornaram *tão* frequentes parecia que a cada um deles, minha sanidade parecia se distanciar cada vez mais.

Ainda assim, tive que perguntar…

“Você confia em Miroslav?”

Malekai bufou, olhando distante para uma mancha de sangue no tapete de lã de Val antes de *querer* que ela desaparecesse.

“Quer dizer... Até ele se aproximar de mim com essa informação e me revelar seu voto para Mareina, entre várias outras coisas, definitivamente não. Eu não teria confiado a ele nem com uma porra de uma tesoura. Mas *agora* ... Sim. Eu confio.”

“Ele fez um voto a Mareina?”

Malekai assentiu. “É, ele me deixou espiar suas memórias.”

Minhas sobrancelhas se ergueram em choque.

“Você fez um voto de sangue para ele?”

Ele balançou a cabeça. “Não… Ele nem perguntou.”

Porque ele é leal a Mareina, sussurrou meu Saber.

Fiquei aliviado e com inveja ao saber disso.

Como se ele sentisse a direção dos meus pensamentos…

“Você quer falar com ela primeiro ou eu devo falar?”

Inclinei minha cabeça em direção à porta.

“Você pode ir primeiro… Eu provavelmente deveria dar um tempo para a raiva dela se dissipar… Além disso, preciso ajudar a montar o acampamento e discutir algumas coisas com Val.”

Malekai hesitou momentaneamente, examinando o dano restante da nossa briga, antes de me dar um tapa forte no ombro e me prender sob um olhar turquesa. Seu tom enganosamente calmo.

“Eu entendo que você é ligado à alma dela , então confio que isso não será um problema... Mas ainda me sinto compelido a deixá-lo ciente do fato de que... Se você alguma vez machucar um único fio de cabelo da cabeça de Mareina, não hesitarei em estripá-lo como um porco do caralho... Fora isso... Vamos ser amigos. Pelo bem de Mareina.”

O homem me ofereceu sua mão com um sorriso desdenhosamente cativante. Meus olhos mergulharam brevemente em um anel de ouro ostentando uma joia vermelha escura em seu centro.

“Estou feliz que compartilhamos… sentimentos semelhantes. Em todos os mencionados…”

Não consegui forçar um sorriso no rosto, mas segurei sua mão com firmeza e me inclinei em seu ouvido.

“Eu sei que você a ama... A única razão pela qual você ainda está respirando é porque eu sei que ela se importa com você, mas... *Eu ainda me sinto compelido a fazer você ciente do fato de que...* Se você alguma vez ousou tentar tirá-la de mim, eu encontrarei maneiras muito mais criativas de infligir sofrimento a você antes que você sucumba à morte... Mas sim. Vamos ter essa trégua, *amigo.”*

O sorriso de Malekai se tornou afiado enquanto ele segurava meu olhar. Algo escuro e distorcido brilhava como uma lâmina sob a superfície de seus olhos que eram bonitos demais para qualquer homem suportar. Meu próprio sorriso floresceu com a visão.

Assim que Lokus chutou meu pé calçado.

“Oy. Não sei dizer se vocês dois vão brigar de novo ou transar, mas está ficando tarde, e não estou com vontade de montar acampamento no escuro.”

Gradualmente, meu olhar se desviou para encontrar Lokus. Malekai se levantou e foi até Val e Pomona, oferecendo um pedido de desculpas, antes de sair da cabine para seguir meu *lohane thili* para fora.

Lokus me ofereceu a mão para me ajudar a ficar de pé, soltando um suspiro enquanto me dava um tapinha nas costas.

“Foi uma luta bem decente, irmão…”

Revirei os olhos. “Você apostou contra mim de novo?”

Ele me deu um sorriso torto. "Ei, tem que ter alguém aí que pode te dar uma surra."

"Eu serei amaldiçoado se deixar que seja aquele filho da puta bonito."

Ele assentiu em compreensão. “Parece bem interessado na sua Sra.”

Meu maxilar ficou tenso quando a raiva voltou a surgir, e respirei fundo.

“É, bem… Quanto mais proteção Mareina tiver quando enfrentar Zurie, melhor.”

CAPíTULO

QUARENTA E OITO

MALEKAI

No momento em que pisei para fora, aquele nó doloroso no meu peito me puxou para onde ele de alguma forma sabia que Mareina estaria, mesmo que eu não pudesse vê-la. O crepúsculo logo desceria, nos banhando naquele azul assombroso e etéreo. Eu a encontrei parada sozinha ao lado de um riacho balbuciante a alguma distância de Val.

"Você se sente melhor agora?" Ela perguntou sem nem mesmo olhar para trás para saber que era eu.

Sempre foi bom lutar e desabafar, e ela sabia disso.

"Um pouco?", admiti.

Ela deu um bufo suave antes de finalmente se virar para mim, olhando para meu rosto curado. "Vamos ver o dano."

Criei uma barreira ao nosso redor para nos esconder da vista e de quaisquer ouvidos curiosos, diminuindo a distância entre nós enquanto suas mãos se estendiam para examinar meu rosto.

Fiquei em silêncio, estudando-a enquanto ela examinava meus arranhões restantes. Desde o dia em que a vi, graças a Seline, *sua antiga amante* que nos apresentou, Mareina era a mulher mais linda que eu já tinha visto. Sua beleza não era suave e terna... Nem era convencional. Enquanto sua feições seriam consideradas atraentes e etéreas por qualquer padrão… Havia uma dureza nelas que carecia de uma graça feminina. Particularmente em sua expressão. O que só tornava os pequenos lampejos de suavidade e fragilidade interior que ela me revelava ainda mais bonitos. Ou aqueles raros momentos de alegria… Aqueles raros sorrisos.

Puta merda, como o sorriso dela me fez cair de joelhos.

Sem mencionar os segredos escondidos sob suas roupas de luta... Força e poder em seus músculos flexíveis, em camadas com curvas femininas suaves... Me fez salivar pra caralho.

Meus olhos se fixaram no arco de cupido dos seus lábios até que ela me viu e sorriu, revirando os olhos.

"Você teve sorte que ele não usou sua magia."

Minha sobrancelha franziu. " *Ele* tem sorte que eu não usei minha magia."

Ela suspirou, afastando-se de mim e voltando-se para o riacho.

"Malekai… Eu o vi roubar o ar dos pulmões de alguém… Estourar os vasos sanguíneos dentro de seus corpos… Ele exerce poder sobre elementos como nenhum outro que eu já testemunhei antes."

Minhas sobrancelhas se ergueram.

É verdade que foi um presente impressionante.

Para minha sorte, eu não era tão suscetível à magia de ninguém da mesma forma que a maioria dos portadores eram, *minori* ou não. Assim

como você não podia empunhar uma faca de par contra uma espada larga e esperar vencer, a magia que a maioria das fadas e outros imortais usavam não era nem de longe substancial o suficiente para me causar algum dano significativo. Foi uma das razões pelas quais sobrevivi à guerra e levei meus soldados à vitória em todas as batalhas, mesmo sem a ajuda de Miroslav.

Dito isso, esses tipos de habilidades eram dotados de uma raça de portadores sobre a qual eu só tinha lido. E eu ainda era relativamente suscetível ao impacto de uma arma física, como uma espada larga, especialmente na minha forma fae.

“Zurie disse que tipo de híbrido ele era?”

Ele era claramente parte fada, mas...

Ela hesitou por um momento antes de rir. *“Humano.”*

"O que?"

Ela se moveu para olhar para mim, revirando os olhos. "Eu sei, certo."

O silêncio pesou entre nós por vários momentos. Minha garganta queria se fechar e me sufocar só para que eu não tivesse que sofrer a realidade de quem esse homem era para ela. As palavras saíram como lâminas de barbear dilacerando minha garganta.

“Parabéns, a propósito…”

Ainda de frente para o riacho, os olhos de Mareina se fecharam brevemente enquanto suas feições ficavam tensas.

“Malekai… eu…”

“Mareina… Está tudo bem. Sério. Estou genuinamente feliz que você tenha encontrado sua *alma gêmea.* Honestamente. Eu *quero* que você tenha esse tipo de felicidade… Mas eu estaria mentindo se dissesse que não esperava que fosse comigo.”

Depois de vários momentos, pensei que ela não responderia, mas finalmente ela se virou para mim. Emoção aquosa brilhava em seus olhos.

“Eu te amo, Malekai… *Pra caralho.* Por anos, pensei no que poderia haver entre nós… Eu sempre quis que tivéssemos algo *mais* , *desesperadamente*, mas estou com medo de que o amor e a amizade que temos sejam destruídos por isso. Você é tudo o que eu tenho… E *tudo o* que eu quero. Não consigo imaginar um mundo sem você. *Preciso de* você aqui comigo como preciso de ar nos meus pulmões.”

Meu coração batia forte no peito enquanto ele inchava até explodir.

“Mareina… Não há *nada* que você possa fazer para me afastar. Não há evento que poderia acontecer que me faria querer te deixar. Você poderia literalmente se transformar em algum demônio que rastejasse de quatro, sibilando, cuspindo, rosnando e incapaz de formar frases inteligíveis, e eu ficaria tipo... 'Bem... Acho que uma coleira e uma focinheira podem ser úteis para quando eu tiver que levá-la para passear.'”

Mareina me presenteou com um daqueles sorrisos raros e desenfreados enquanto ela explodia em uma gargalhada. A ação finalmente fez suas lágrimas transbordarem e escorrerem por suas bochechas. Meu próprio

sorriso floresceu enquanto eu me banhava em sua risada, e seu sorriso parecia água em solo ressecado. Enquanto sua risada se acalmava, eu acariciei cada lágrima com a ponta do meu nariz e lambi o salgado de suas bochechas rosadas. O cheiro de sua excitação floresceu no ar, enchendo minhas narinas. Meu aperto nela aumentou com a necessidade.

Minha consciência pesou, lembrando-me de que ela agora estava ligada a outro macho, mas eu prontamente ateei fogo, desejando que ela queimasse até virar cinzas... Ainda assim, me vi me afastando um pouco, independentemente disso.

Mareina olhou para mim, lábios entreabertos e respiração presa como se quisesse dizer algo mais. Eu podia *sentir* que ela tinha mais a dizer, mas finalmente me decidi por balançar a cabeça, parecendo pensar melhor, e soltei um suspiro tremendo. "Eu te amo pra caralho, Malekai."

Segurá-la com força contra mim, como sempre, me deu a sensação de que o peso do mundo finalmente havia diminuído um pouco e eu podia respirar novamente.

“ Eu te amo *pra caralho,* tessari mú. Neste reino e no próximo.”

As lágrimas de Mareina caíram enquanto ela me dava outro sorriso vacilante. Ela exalou um suspiro trêmulo.

“Há algumas outras coisas sobre as quais eu quero falar com você, na verdade…”

Eu me afastei para pegar sua expressão. O medo cravou suas garras em mim.

"Não se preocupe, não é nada ruim", ela rapidamente assegurou, "eu só..."

Mareina torturava aquele lábio inferior delicioso enquanto me estudava, hesitando em dizer o que quer que fosse que precisasse dizer. Levou tudo dentro de mim para não roubá-lo dela. Para não tomar aquele lábio entre meus próprios dentes antes de acariciá-lo com minha língua.

Dei um tapinha no rosto dela, tentando encorajá-la.

"Seja o que for, Mareina, enquanto eu respirar, estarei aqui por você..."

Sua garganta se moveu, ela soltou um suspiro e balançou a cabeça.

"Há algumas coisas, uma das quais... Bem, agora seria um momento terrível para discutir isso... Mas quanto ao resto, o que quer que esteja acontecendo, é maior do que apenas Zurie... Não sei aonde tudo isso leva... Além de tomar o trono dela, mas--

Eu recuei em choque... Ele era o seu *espírito*... Claro, ela tomaria o trono ao lado dele e se tornaria Rainha...

Oh, deuses…

Eu havia frustrado inúmeras tentativas contra Zurie ao longo dos anos... Assim como Mareina... Ela teria um Reino de pessoas atrás de sua cabeça.

“Posso explicar mais depois, mas recentemente me mostraram… *coisas.* Que é uma das razões pelas quais estou seguindo com tudo isso… Mas quando fizemos nossos votos, jurei ajudá-lo a governar… Mas... *Isso é tudo* que jurei…”

Meus lábios se abriram em choque pelo que ela *não* disse.

“Não vou negar que sinto esse vínculo entre nós em um nível visceral… Mas meu coração não pertence a ele… Nem eu o prometi a ele. Ou meu corpo e alma.”

Mareina deu um passo para trás, puxando a manga para cima para fornecer a prova de suas palavras. Meu queixo caiu em choque e meu próprio alívio, admitidamente egoísta, ao ver seus braços nus.

“E então isso… *aconteceu.”*

Ela virou o antebraço direito para revelar a parte de baixo... Minhas sobrancelhas saltaram diante da representação intrincada e detalhada da tocha invertida de Mors com asas. Ela desprezava o deus, apesar de quantas almas ela enviou a ele. Meus olhos se estreitaram com as palavras enquanto eu pegava um braço na minha mão e passava meu polegar sobre elas.

Invenitum Thanaratou.

“Você sabe o que isso diz?”

Os olhos dela se arregalaram de surpresa. “Não, *você?”*

Um sorriso curvou meus lábios. “Você deveria, considerando de onde seu pai é. É Aurealingan Antigo… Eu não sou fluente nisso, mas é similar o suficiente ao Aurealingan Moderno para que eu ainda consiga entender isso pelo menos…”

A carranca de Mareina parecia suspeitamente como um beicinho, causando outra fissura no meu coração enegrecido. Vê-la assim me fez querer apertá-la, beijá-la e tirá-la de tudo isso. Essa fêmea feroz passou a vida inteira lutando, e ela estava morrendo de vontade de parar. *E agora isso.*

“O que diz?”

Mordi minha bochecha, pensando se deveria mentir para ela só para poupá-la de qualquer estresse desnecessário. Duvido que qualquer outra pessoa que ela conhecesse seria capaz de ler Ancient Aurealingan. Mas... eu nunca menti para ela antes, e certamente não ia começar agora.

Meu dedo médio traçou as palavras ameaçadoras, e eu egoisticamente apreciei como os pelos dos braços dela se arrepiaram ao meu comando.

“*… Encontre a Morte.”*

Olhei para cima do braço de Mareina para encontrá-la olhando para o braço dela como se estivesse olhando para o rosto da Morte. Meu coração se partiu um pouco mais quando vi o brilho em seus olhos. Puxei-a para perto novamente, beijando o topo de sua cabeça e me aninhando perto dela.

“ *Tessari mú…”*

Meu tesouro.

Porque ela era, porra, absolutamente. Mareina era a coisa mais preciosa neste mundo para mim, e eu seria amaldiçoado se deixasse até mesmo Mors ficar no caminho dela encontrar a felicidade.

O corpo de Mareina tremeu com a liberação de seus soluços suaves, e eu a segurei com ainda mais força.

“Shhhh… Tessari mú… Seja lá o que for… Seja lá o que isso signifique… Eu estarei aqui com você, ok? Não importa o que aconteça. Ok?”

Seus lábios tremeram novamente quando ela olhou para mim.

“… Você acha que ele me marcou para morrer?”

"Não?"

Ela recuou. “Mas por que não? Depois de todos os horrores que cometi? Eu mereço—

Pressionei um dedo contra seus lábios para silenciá-la.

“Não diga isso. Nunca diga isso… E não é verdade. Você lutou para sair do inferno e então lutou para proteger seus entes queridos e seu lar. E quanto às pessoas que Zurie te mandou atrás? Elas eram tão ruins quanto ela. Você fez um favor ao reino.”

Ela franziu a testa e balançou a cabeça…

“Não as pessoas que ela executou… Algumas delas eram boas pessoas.”

Meus olhos se fecharam por um momento com a dor que isso claramente causou a ela. Eu sentia muita culpa desde que convenci Zurie a promover Mareina para Irae, mas nenhuma tanto quanto agora.

“Você fez o que tinha que fazer, Mareina. Se não fosse você, teria sido alguém que não daria a mínima. E veja onde isso te levou. Você vai tomar o trono de Zurie. Tenho certeza de que se qualquer um deles soubesse que suas mortes levariam a *isso*... Rumo a um Reino livre governado por líderes *justos* ... Eles escolheriam fazer isso de novo...”

Seus lábios se apertaram em uma linha trêmula, estudando meu rosto em busca da verdade em minhas palavras. Ela não parecia totalmente convencida...

Um dia, farei com que você se ame como eu te amo.

Ela suspirou profundamente, respirando através de sua emoção.

“Então… O que você acha que a marca significa?”

Lancei-lhe um olhar como se fosse óbvio.

“Bem, para começar… Tenho quase certeza de que se Mors quisesse você morto… Ele não iria ficar na ponta dos pés ou te avisar. Acho que a melhor coisa que você pode fazer é levar isso ao pé da letra. *Encontre-o.* Tente ir ao templo dele… Talvez um dos acólitos dele saiba. No mínimo.”

Ela assentiu gradualmente antes de enterrar o rosto no meu peito. Não consegui resistir à tentação de enfiar meus dedos em seus cabelos e enterrar meu rosto em seu pescoço, onde seu delicioso cheiro era mais potente.

Eu gemi, suspirando contra ela, levantando-a do chão enquanto me endireitava com ela ainda envolta em meus braços.

Deuses, ela tem um cheiro divino.

Meus olhos se abriram quando outra percepção me atingiu. Ela não cheirava como *ele.* Alívio me inundou enquanto eu me advertia. Só causaria dor a Mareina negar a si mesma sua *alma ligada.* Embora... imaginei que não haveria nada menos do que uma boa razão para ela ainda não ter

consumado as coisas com ele... Meus pelos se arrepiaram ao imaginá-lo tratando-a com algo menos do que reverência absoluta.

Os soluços de Mareina diminuíram gradualmente, e eu *coloquei* um lenço em suas mãos.

“Obrigada”, ela murmurou suavemente antes de assoar o nariz, “certamente vou substituí-lo.”

Dei uma risada. *Cem anos* juntos e, apesar de sua criação rude, ela era mais cortês e atenciosa do que qualquer um dos aristocratas que conheci em meus 226 anos.

“Ou você fica com ele porque quer manter algo meu com você, ou você o devolve sujo para que eu possa manter algo seu comigo.”

Seu olhar avermelhado saltou para o meu em choque, de queixo caído antes de se espalhar em um sorriso de partir o coração enquanto ela tentava abafar uma risada batendo no meu braço. "Ecaaaaaaa!"

Dei uma risada rouca, dando a ela um olhar desafiador. “Tem a sua *essência* . Eu vou chupar o ranho dessa coisa com prazer. Me dá.”

Estendi a mão para a que segurava o guardanapo, mas ela o arrancou, e um sorriso chocado se alargou ainda mais quando viu o quanto eu estava falando sério.

“Você não ousaria…”

Ooooh.

Eu vejo.

Eu sorri de orelha a orelha. "Um desafio? Você ousa *me desafiar?"* Minha risada retumbou. "Desde quando você desenvolveu esse fetiche, sua pequena safada? Quer dizer, eu consigo pensar em outros fluidos corporais seus que eu teria escolhido primeiro, mas ei, mendigos não podem escolher."

Pulei em sua direção, fechando meus braços em volta do ar quando ela se esquivou. A excitação floresceu em meu peito, ampliando nossa barreira para que não fôssemos perturbados.

O sorriso em seu rosto, ainda inchado de tanto chorar, fez meu coração se encher de amor e alívio.

Ao lutar em um campo de batalha, você ficaria surpreso com a grande variedade de fluidos corporais que conseguem desafiar a gravidade e podem inadvertidamente encontrar seu caminho para sua boca. Suor, sangue, bile, saliva, até mesmo fluido ventral que uma vez... Quase todos vieram de completos estranhos.

Se lamber o pano de ranho da Mareina a fizesse sorrir, eu faria isso com prazer. Eu provavelmente ficaria com uma porra de tesão só porque o ranho era dela, e eu era realmente tão doido assim.

Ela ampliou sua postura, pronta para atacar em qualquer direção. Fingi para a esquerda e para a direita, mas ela viu através de ambas. Meu pau já estava ficando duro. Felizmente, meu couro de luta estava apertado o suficiente para mantê-lo preso contra minha coxa.

E se o sorriso brilhante dela não fosse nada para se levar em conta, a visão de suas presas alongadas certamente era. Ela estava gostando disso tanto quanto eu.

“Qual é o problema, *Theikos?* Está ficando lento depois de todas aquelas noites no bordel?”

Não consegui esconder meu baixo rosnado de satisfação. Tanto pelo uso do meu sobrenome quanto pela pequena demonstração de ciúmes. Ela nunca foi muito boa em esconder isso. E eu adorei pra caramba.

“Talvez eu esteja. E talvez esse pequeno trapo seja tudo o que preciso para me impedir de voltar. Honestamente, seria egoísmo da sua parte esconder isso de mim.”

Ela gargalhou enquanto eu me lançava para ela novamente, e nossa perseguição começou. Isso fez com que calor e alívio florescessem em meu peito. E graças a essa risada e sua tentativa apenas meia-boca de escapar, eu me aproximei dela, puxando-a contra mim com um braço, segurando seu pulso com o outro e trazendo-o para meu rosto. Ela gritou de horror e alegria.

“Malekai!”

“Uma fêmea tão gananciosa,” provoquei antes de morder o lenço, arrancando-o de sua mão com um movimento brusco de cabeça. Prendi sua mão livre ao lado do corpo e segurei meu prêmio no alto.

O pano enrolado se desenrolou, revelando a gosma clara de seu ranho. Eu cantarolei meu deleite enquanto ela engasgava de horror.

Não hesitei nem mais um segundo antes de pegar a coisa e lambê-la de cima a baixo. Mareina fingiu uma mordaça entre risadas.

“Oooh… Salgado e… meio refrescante.”

Ela balançou a cabeça para mim com os olhos arregalados, ainda sorrindo imensamente.

Vale a pena.

"Você é…"

“Maravilhoso? Devastadoramente bonito? Irresistível?” Terminei para ela, enfiando o guardanapo no bolso.

Ela riu, sobrancelhas erguidas em descrença. *“Insano.”*

Eu ri presunçosamente. “Para você? Sempre.”

CAPíTULO

QUARENTA E NOVE

MALEKAI

UMs nossa risada desapareceu, ela envolveu seus braços em volta da minha cintura e enterrou seu rosto no meu peito. O som dela inalando meu cheiro profundamente fez meu coração cair e meu nariz mergulhar na curva do seu pescoço, enchendo meus pulmões com seu precioso cheiro. Saboreando-o ainda mais. Quem sabia quanto tempo levaria até que se entrelaçasse com o dele?

"Então, Rainha, hein?"

Ela bufou. "Veremos, eu acho."

Não consegui evitar o sorriso que surgiu no canto da minha boca.

Rainha.

Mareina seria, sem dúvida, a melhor que Atratus já viu. Sua força e valor, combinados com sua experiência de vida e compaixão... Ela seria uma governante justa. Algo que eu nunca me incomodei em considerar uma possibilidade. O reino seria um lugar melhor com ela governando um de seus Reinos.

Sem mencionar…

"Você ficará deslumbrante com uma coroa e um vestido."

Ela deu uma risada triste. "Você faz parecer que é uma garantia."

Todo o humor me deixou. "… Mareina, estarei aí com você para garantir que Zurie esteja morto como uma porta."

"Ela é literalmente a fada mais poderosa do Reino… Se não do reino."

Eu zombei interiormente.

"Mesmo com a ajuda de *aetra*, se eu quisesse palitar meus dentes com os ossos dela, não haveria muito que ela pudesse fazer para me impedir."

A única razão pela qual aquela vagabunda ainda estava viva era porque Mareina não tinha me dito para matá-la ainda, e o fato de que se não fosse Zurie no poder, seria outra pessoa igual a ela ou pior.

Como um homem que tentasse explorar Mareina.

E agora que eu precisava proteger Mareina dela... Algo com que sua própria *alma presa* não parecia terrivelmente preocupada... Bem...

Não tive nenhum escrúpulo em enviar sua alma miserável diretamente para Mors.

As sobrancelhas de Mareina se ergueram.

"Você é terrivelmente confiante."

Eu apenas dei de ombros. Agora não era hora de revelar a única coisa que eu tinha escondido de Mareina. Não porque eu não confiasse a ela meu segredo, mas porque minha família inteira em Hades tinha sido morta por causa disso.

"Você não parece tão animado com isso quanto a maioria ficaria diante de uma perspectiva tão grandiosa."

Ela balançou levemente a cabeça contra meu peito.

“Você sabe o que me excitaria?”

“Hum?”

“Você se lembra daquela piscina termal que encontramos em Bein Sith Mór?”

Não consegui evitar o leve zumbido de prazer que escapou de mim.

Como eu pude esquecer?

" Eu faço…"

“Ir lá de novo. Com você… Isso me excitaria. Ir lá com você e nunca ser forçado por obrigação a ir embora. Talvez construir uma casinha lá…”

Uma emoção repentina obstruiu minha garganta, e tive que respirar fundo e devagar para me livrar da ideia de fazer algo completamente egoísta e irresponsável.

“… Talvez pudéssemos adotar algum animal selvagem e cruel que só precisasse de um toque carinhoso para se tornar gentil…”

Uma risada retumbou dentro de mim. “Você basicamente acabou de se descrever.”

Ela riu. *Riu mesmo.* Porra, fazia muito tempo que eu não ouvia um som tão doce. "Só sou cruel quando provocada."

Suspirei melancolicamente. “Eu sei… É uma das minhas coisas favoritas sobre você.”

te excitaria agora?”

“Hmmm… Bem, a piscina termal é uma boa ideia, mas há algumas coisas que posso pensar que me deixariam ainda mais animado.”

"… É assim mesmo?"

“Com certeza.”

“Mesmo se estivéssemos nus?”

Meu pau engrossou.

“Sem dúvida.”

Ela levantou a cabeça do meu peito para olhar para mim, erguendo uma sobrancelha desconfiada e levemente ofendida.

"E o que exatamente é tão excitante que tem precedência sobre as piscinas termais? E eu juro por *Akash* , se você disser que vai passar a noite em *Satia Fama* com suas mulheres do bordel, eu vou te esfaquear."

Dei uma risada satisfeita.

“Nem a *Satia Fama* nem suas fêmeas nunca me excitaram.”

“Você vai realmente me dizer o que faz?”

“ Essa é uma pergunta muito particular e não tenho certeza se você está pronto para ouvir a resposta, *Tessari mú.”*

Um sorriso tímido iluminou suas feições sedutoras. Não foi preciso pouca autocontenção para não se inclinar e beijá-la.

“Se essa é a única coisa que te impede, então acho que sua habilidade de ler as pessoas deve estar ficando um pouco enferrujada, Theikos…”

Passando meus dedos pelos cabelos dela e olhando para seu rosto com uma expressão tão satisfeita e aberta, senti borboletas voando em meu

estômago.

“Hmmmm… Vamos ver… visitar um ferreiro me deixaria animado agora.”

Suas sobrancelhas franziram em confusão enquanto seu lábio inferior se projetava suspeitosamente como um beicinho, me fazendo querer mordê-lo, lambê-lo e beijá-lo.

Sua voz estava monótona de decepção.

“Um ferreiro?”

“Sim… Eu não me dignaria a comprar para você um anel genérico em uma joalheria.”

Seu queixo caiu e seus olhos se arregalaram.

“E então eu construiria para você aquela casinha perto da piscina termal em Bein Sith Mór…”

Seu peito inchou enquanto ela sustentava meu olhar, seus olhos gradualmente se enchendo de emoção.

“Talvez um pequeno jardim e uma estufa para que tivéssemos ainda menos obrigações de deixar nosso refúgio... Não tenho muito jeito para jardinagem, mas daria o meu melhor.”

Ela torturou o lábio inferior, tentando manter a represa de sua emoção aquosa.

“E sim, ir à piscina termal para assistir você se banhar novamente… Admito que isso seria completamente excitante… Embora eu não ache que conseguiria manter minhas mãos longe de você uma segunda vez.”

Ela riu, suas lágrimas finalmente derramando. “E o que, posso perguntar, você faria em vez disso?”

“Eu lavaria seu cabelo. Daria banho em você. Acariciaria você…”, eu sussurrei antes de me curvar para falar suavemente em seu ouvido, “Foderia você até que o mundo caísse e as únicas coisas que restassem fossem os dois de nós. Mostrar a você da única maneira que eu ainda não mostrei o quanto eu te amo pra caralho…”

Ela estava prendendo a respiração e nem tinha percebido ainda. Um canto da minha boca se curvou. O cheiro da excitação dela, levemente floral e rico, chegou ao meu nariz, fazendo meu pau se contorcer.

“E em uma nota bem menos romântica, eu também faria você engasgar com meu pau, daria um tapa na sua bunda grossa até suas bochechas ficarem vermelhas e talvez um pouco machucadas, e encheria cada orifício seu com meu esperma... Entre uma variedade de outras coisas... Com sua permissão, é claro.”

Um gemido quase inaudível escapou dela no momento em que sua boca se fechou e suas bochechas ficaram vermelhas.

“Isso parece… *Ideal.”*

O ar ficou pesado de desejo… e algo *mais.* Para minha consternação, agora não era hora de agir em nenhuma dessas coisas.

Ela também pareceu perceber isso enquanto limpava a garganta.

“Então... Você quer explicar exatamente como foi parar na casa de Val... E... Matar metade dos homens que você trouxe com você.”

As palavras dela causaram uma dolorosa pontada no centro do meu peito. Eu não *queria necessariamente* matá-los... Não inteiramente, pelo menos...

Mas eu tinha selecionado especificamente os soldados que viajavam comigo para Vyssini, dos quais eu sabia que o mundo seria melhor sem eles. Por mais realização que eu tenha encontrado em viver a vida de um guerreiro e, nos últimos 90 anos, mais ou menos, como um general no exército de Zurie... Eu não tinha ilusões de que, embora não *todos* , um número significativo dos meus camaradas eram a escória absoluta do reino de merda. Como profissões que exigiam assassinato praticado frequentemente exigiam.

Miroslav apareceu depois de *entregar* Mareina para Ouvelleete e jogou a bomba em mim que, basicamente, eu tinha que escolher entre minha lealdade a Zurie ou Mareina. E bem... eu não poderia dar a mínima para Zurie, além de ela pagar meu belo salário.

Mareina, por outro lado, literalmente significava absolutamente tudo para mim.

Eu não precisei pensar um momento para dar a ele uma resposta. Embora tenha levado um tempo para me convencer a confiar em sua palavra e em todos os eventos que ele me relatou que foram postos em movimento...

Ele revelou uma infinidade de probabilidades nas quais Nakoa e Mareina inaugurariam uma nova era de paz em Atratus.

E, por mais horrível que pareça... Eu também não dei a mínima para nada disso. Eu estava completamente cansado demais para ter muita fé nisso. Mesmo que Nakoa e Mareina governassem de forma justa, os Lordes e Damas que dominariam suas regiões certamente não o fariam. Sem mencionar que eu estava totalmente relutante em deixar Mareina viver uma vida que prometia constantes ameaças de morte. O que é precisamente o que aconteceria se ela e sua *alma ligada* governassem o Reino com uma mão compassiva, porque isso significava que toda a riqueza e acumulação de recursos aos quais aqueles Lordes e Damas estavam tão acostumados não seriam mais possíveis.

A única coisa com que eu me importava neste mundo era Mareina. Uma era de paz seria épica, mas quanto tempo duraria? Eu era um bastardo cínico... Paz ou guerra, festa ou fome, vida e morte... Todos eram ciclos, e cada um tinha seu tempo para passar. Eu não desejava sofrimento a ninguém... Ou... Bem... Digamos que eu não desejasse isso à *maioria.* Mas cada pessoa era mais do que capaz de rastejar para fora de qualquer adversidade em que tivesse nascido ou se encontrado... E se não... Bem... Sobrevivência do mais apto.

Eu sei que Mareina achou minha postura um pouco cruel, mas... Se alguma coisa, ela era evidência do fato de que era possível. E olhe para a

porra da mulher magnífica e poderosa de tirar o fôlego que ela se tornou por causa disso.

Ela pensou que eu não estava ciente do fato de que ela havia sido estuprada repetidamente, junto com uma variedade de outras agressões sexuais e físicas, no Templo Erosyan. E eu nunca diga a ela. Ela tinha feito as pazes com isso. Mas eu conhecia aquele olhar assombrado em seus impressionantes olhos esmeralda no momento em que a conheci. Um bom número de mulheres que escolheram se juntar ao Exército de Zurie compartilhavam um passado violento semelhante e se juntaram ao exército para que pudessem aprender as habilidades que as capacitariam a reduzir drasticamente, se não eliminar, a probabilidade de serem vítimas novamente.

Seline me disse antes de eu conhecer Mareina que ela havia sido criada no Templo Erosyan, então não foi muito difícil para mim fechar a lacuna entre sua criação e as sombras que pairavam ao seu redor de que ela havia sido violada.

Até então, eu era um frequentador assíduo do Templo Erosyan. No entanto, logo *depois que* Seline me apresentou a ela, eu fiz outra visita ao Templo Erosyan, ameacei algumas vidas e até enchi algumas bolsas... Em uma semana, consegui caçar um dos homens que a violaram. Depois de mais algumas semanas, encontrei o próximo... E um ano depois, consegui uma pequena coleção de dentes descombinados de cada homem que a tocou de forma errada.

Depois disso, eu queimei o maldito lugar até o chão. O pai de Mareina tinha sobrevivido pelo que eu ouvi, mas eu não poderia estar ferrado se ele sobreviveu ou não, considerando que ele levou sua filha para aquele buraco de merda espalhafatoso e abandonado por *Akash* .

Até hoje, Mareina, assim como o resto de Bastrina, supôs que o incêndio tivesse sido causado por algo tão benigno quanto um charuto desonesto de um cliente embriagado.

Eu criei essa imagem em minha mente do dia em que ela decidiria ficar comigo, quando eu poderia presenteá-la com meu pequeno tesouro de dentes... Um símbolo do meu amor eterno e prontidão para assassinar qualquer um que ousasse prejudicá-la.

E agora... Bem, aquela pequena fantasia que eu nunca pensei ser possível parecia que um dia poderia se tornar realidade...

A voz de Mareina me tirou dos meus pensamentos.

“Malekai?”

Limpei a garganta, tentando reorientar meus pensamentos.

“Sim… Sua pessoa favorita no mundo me deu algumas dicas…”

Ela recuou antes que seu queixo caísse em choque.

“Encontrei-o sentado na minha sala de estar esperando por mim depois que ele te deixou em Ouvelleete… O bastardo poderia ter me *jogado* para casa, mas em vez disso me fez ir embora.”

A expressão de Mareina empalideceu, sem palavras... Não pude deixar de me perguntar o que ele havia dito a ela para fazê-la trair Zurie... Não que ela precisasse de muita convicção... Estava claro para mim há anos que ela ansiava por uma saída. Eu vinha guardando secretamente meus salários consideráveis na última década para que, assim como Zurie havia dito em seu jardim particular, eu pudesse me aposentar e levar Mareina comigo. Garantir que nenhum de nós teria que trabalhar novamente, a menos que quiséssemos... Mesmo assim, eu estava falando sério todas as vezes em que me ofereci para queimar o mundo por ela. Não seria preciso muito esforço para reduzir Zurie e seu palácio a cinzas.

Embora fazer isso alertaria o mundo de que pelo menos um da minha espécie ainda estava vagando pelo reino, mas era um risco que eu teria assumido ansiosamente... Talvez pudéssemos ter nos escondido em algum lugar no *Hades*, a terra natal dos meus pais e dos de Mareina... Ou *Maimyō mo Qì* . Ouvi dizer que era um continente em paz. Talvez ainda pudéssemos. De alguma forma, de alguma maneira.

“Mas o que diabos ele disse para te convencer a trair Zurie?”

Sorri e encolhi os ombros.

“Eu já te disse, Kalini… *Aonde quer que você vá, eu te seguirei* .”

O peito de Mareina inchou, olhando para mim com aqueles olhos grandes e lindos que nunca falhavam em tirar meu fôlego. Seus lábios se separaram como se ela quisesse dizer algo...

A boca de Mareina fechou-se de repente. Sua linda garganta - a mesma garganta que eu fantasiava em beijar, morder, lamber, sufocar, fodendo, e enchendo com cordas do meu esperma em inúmeras ocasiões - trabalhou em outra engolida áspera. Deslizei minha mão pelo seu pescoço para acariciar sua bochecha com meu polegar enquanto segurava seu olhar abaixo de mim.

“Eu não estava exagerando todas aquelas vezes ao longo dos anos em que me ofereci para queimar o mundo por você... A oferta ainda está de pé. Você só precisa dizer a palavra.”

Tentei manter uma fachada calma enquanto tudo dentro do meu corpo, minha alma, *se esforçava* em direção a ela tão desesperadamente que doía pra caralho. Por décadas, eu estava convencido de que *ela* era minha *alma-ligada*... Mas sua habilidade de resistir a mim provou o contrário.

Ainda assim... Seja lá o que for, desde o momento em que a conheci, ela me possuiu de coração e alma.

Os olhos de Mareina se fecharam diante da minha declaração, ela esfregou sua bochecha na minha palma antes de se virar para dar um beijo nela.

“Eu te amo, Malekai Theikos. Você é o maior presente que já recebi.”

A ação fez meu coração doer da maneira mais linda enquanto suas palavras roubavam meu fôlego. Meu coração trovejou em meu peito enquanto eu finalmente abaixei minha cabeça para roçar meus lábios contra sua bochecha enquanto eu falava.

“Mareina Kalini, eu te amei desde o momento em que coloquei os olhos em você, e você é o único presente que eu sempre quis.”

O peito dela inchou contra mim, e eu a apertei ainda mais forte contra mim, querendo nada mais do que levá-la para bem longe daqui. As palavras dela refletiam meus pensamentos.

“Deuses, eu queria que pudéssemos deixar tudo isso para trás.”

Eu cantarolei pensativamente. “Você sabe que se eu *reduzisse* Atratus a cinzas… Você estaria livre do seu voto… E nós poderíamos fazer exatamente isso.”

Seus olhos se abriram enquanto ela sorria, dando a ela um olhar astuto e de pálpebras pesadas que fez meu pau engrossar ainda mais. Felizmente, ainda preso na perna da calça do meu couro de luta.

“Sempre um menino tão travesso.”

Um baixo grunhido de prazer retumbou do meu peito.

“Eu ficaria feliz em interpretar o vilão se você fosse minha recompensa, Mareina.”

Seus lábios se separaram, mas um grito áspero cortou o ar antes que ela pudesse responder.

“Marina!”

Porra.

Embora provavelmente fosse para melhor, fomos interrompidos. Embora eu tivesse pouco ou nenhum respeito pelos *votos de alma deles*, eu não queria causar estresse adicional a Mareina. Como transar com ela até que ela esquecesse seu nome esquecido pelos deuses e incitar uma luta até a morte entre mim e sua *syntrifa . O termo Aurealingan para companheiro predestinado.*

Mareina levou um breve segundo para fechar os olhos e, no momento seguinte, jogou os braços em volta de mim.

“Estou indo!”, ela gritou por cima do meu ombro.

Mareina agarrou a parte de trás da minha cabeça, cravando as unhas levemente, enquanto pensava em sua testa.

“Katadamna kaza.”

O calor e o amor que eu sentia por essa mulher cresceram em meu peito.

Sim. Nós passaríamos por isso juntos. Dane-se o custo.

“Katadamna kaza, tessari mú. ”

Ela exalou pesadamente, me lançando um último olhar significativo antes de se virar e seguir pela floresta de volta para a cabana de Val.

Ouvi o suave som de seus passos se afastando no chão frondoso da floresta enquanto permaneci de pé ao lado do riacho.

Poucos momentos depois, a sensação de uma presença familiar — uma que eu nunca tinha gostado e que agora estava começando a temer — manifestou-se nas minhas costas.

“… Eu posso ver as rodas girando em sua mente, General… Se você pensa em fazer algo… Impulsivo… Isso não vai acabar bem.”

Meus molares rangeram em protesto contra a pressão do meu maxilar cerrado.

“O sofrimento é inevitável. Basta descobrir o que faz valer a pena suportá-lo.”

“Às custas de quantos outros?”

Eu gradualmente me virei para Miroslav, já ansioso para que essa conversa acabasse.

“Se você está preocupado que eu cumpra minha parte do acordo, não precisa se preocupar.”

Miroslav pressionou a mão no meu ombro enquanto eu me movia para passar por ele e retornar à cabana de Val.

“Não é *que* eu esteja preocupado com…”

Meu olhar se desviou para a mão ofensiva, sentindo minha paciência se esgotar, pronta para estourar. Eu sabia que levaria pouco tempo esforço para que esse macho cortasse o cordão entre meu corpo e minha alma, mas eu sempre me posicionei do lado do niilismo quando se tratava do meu próprio bem-estar. Embora pelo bem de Mareina…

Nossos olhares se encontraram brevemente; a súbita suavidade — compaixão — em seus olhos fez meu estômago embrulhar.

“Eu sei meu destino, Miroslav… O que eu fizer entre agora e então não é da sua conta.”

CAPíTULO

CINqüENTA

MARINHA

E O acampamento já estava montado quando eu emergi da floresta. Val ofereceu seu quarto de hóspedes e sofá para quem quisesse. Eu aceitei sua oferta de dormir no sofá. O olhar de Nakoa se voltou para o meu, mas para minha surpresa, ele não protestou. Talvez ele estivesse tentando se infiltrar em minhas boas graças. Nós ainda não tínhamos falado desde a briga dele e de Malekai.

O resto dos *olana kah'hei de Nakoa* declinaram, preferindo seu próprio palato de peles em suas tendas. O que deixou o quarto para Malekai.

O grupo de nós estava sentado em volta do fogo comendo o jantar, graças à comida de Famei e à caça de Roderick, quando Malekai finalmente reapareceu da floresta. Sua expressão era neutra. Ilegível. *Para a maioria.*

Eu podia sentir o ar pesado ao redor dele. Sua magia, que eu podia sentir em um nível tangível, inquieta. A tensão se formou em meu peito com a sensação. Ele estava bem há apenas alguns minutos...

Nakoa, de pé do outro lado do fogo, apenas me lançou um olhar superficial enquanto discutia algo com Val, Lokus, Rayne e Roderick. Pomona conversou animadamente com Vesper a alguns metros de distância. Eu tive que olhar duas vezes quando vi Vesper rir.

Malekai sentou-se no tronco de árvore transformado em banco ao meu lado, oferecendo-me um pequeno sorriso como se isso pudesse disfarçar o que quer que o estivesse incomodando.

"O que aconteceu?"

O peito de Malekai arfou com um suspiro alto.

“Miroslav me fez uma visita.”

Eu recuei. “Agora mesmo?”

Um aceno.

Aquele escorregadio... Eu estava prestes a chamá-lo de bastardo, mas... Considerando que ele basicamente deu sua vida para proteger Leilani, Malekai e o reino...

Ainda assim, não consegui reprimir meu resmungo. “Bem, se você o vir novamente, por favor, diga a ele que eu gostaria de ter uma conversa.”

O olhar de Malekai permaneceu fixo no fogo.

“Você se importa em compartilhar o que vocês dois discutiram?”

“Disse que não queria que eu fizesse nada *'impulsivo'* … Ou interferisse muito entre vocês dois.”

Revirei os olhos.

“Eu prometi minha vida a isso. Não é como se tivéssemos muita escolha.”

O silêncio caiu pesadamente, e minha mente vagou para o sonho que Malekai havia pintado sobre nosso futuro em Bein Sith Mór, dando um

aperto amargo em meu coração.

O que eu não daria por isso.

“Eu estarei aqui com você, Mareina. Não se preocupe. E quem sabe o que o futuro trará. Olhe onde estávamos há menos de uma semana.”

Nakoa, como se suas orelhas estivessem queimando, caminhou de onde ele e os outros machos estavam amontoados e sentou-se do outro lado de mim. A tensão se formou em meu intestino por estar espremido entre os dois.

“Peço desculpas por antes, Mareina… Não tenho desculpas pelo meu comportamento. Pedi desculpas a Malekai também. E a Val.”

Tive que admitir que seu pedido de desculpas me pegou de surpresa.

Virei-me para olhá-lo e vi uma… sinceridade surpreendente em seus olhos. Embora não fosse a primeira vez que eu seria enganado por sua *sinceridade,* eu não estava prestes a repreendê-lo por bom comportamento, então…

“Obrigado… isso significa muito para mim.”

Um silêncio desconfortável se estendeu entre nós. Apenas alguns segundos se passaram, mas eu não conseguia suportar isso.

“Vou entrar e tomar um banho,” anunciei, levantando-me, “Tentem se comportar. *Vocês dois.”*

Depois que Val me mostrou o lugar e colocou a banheira para funcionar, sentei-me na banheira até que eu me acalmei e a água ficou morna. A marca de Mors no meu braço tinha sido inevitável na minha nudez, e eu tinha sido forçado a aceitar *o que quer* que ele pretendesse. Eu claramente não tinha controle sobre isso. E Malekai me dando a sugestão direta e óbvia de que se Mors realmente me quisesse morto, ele não se incomodaria em me avisar sobre isso.

Quando cheguei ao sofá, Val já o havia transformado em um ninho aconchegante para mim. Risadas ecoaram do lado de fora, inadvertidamente me chamando para a janela. Meu queixo caiu quando dei uma espiada por trás de uma cortina notavelmente feminina e cheia de babados. Um grito irrompeu de Pomona, e até Rayne estava curvado, segurando o estômago, de tanto rir.

Roderick sentou-se nos ombros de Malekai, e Lokus sentou-se nos ombros de Nakoa enquanto corriam tentando capturar as luzes das fadas - nada *de duendes* - no ar acima deles antes de colocá-las em uma *bolsa* .

O que diabos é isso?

O rosto de Malekai estava largo com um sorriso, espelhando o de Nakoa. Val, Rayne, Vesper, Pomona e Famei estavam de lado, gargalhando. Ainda em choque, meus pés descalços me carregaram para fora, vestida apenas com meu pijama. Calor inundou meu peito enquanto eu absorvia sua exuberância... Como... Todos pareciam felizes e familiares.

Sentei-me ao lado de Pomona e Famei, que me deram sorrisos calorosos enquanto o último *colocava* uma garrafa de vinho fae em sua mão.

“O primeiro a ensacar 10, ganha. Quer uma bebida?”

Eu assenti e agradeci enquanto os grandes machos cambaleavam e balançavam enquanto as luzes se apagavam e saltavam para longe, o tempo todo uivando com risadas contagiantes.

"Quem está ganhando?"

“Nakoa no momento—

“Saiam do caminho!”, gritou Roderick.

Nós mal pulamos para fora do caminho a tempo quando Malekai e Roderick vieram correndo em nossa direção para pegar uma das fadas que passava entre nós. Todos os três chorando de rir.

“Como diabos você conseguiu que os duendes concordassem com isso?”

O rosto de Val estava brilhante de humor, o rosto dividido em um largo sorriso no centro de sua barba espessa, bufando enquanto recuperava o fôlego e enxugava as lágrimas de riso dos olhos. “Foi ideia deles! Pequenos viciados em adrenalina. Virei amigo do glee local... Eles são *suspeitosamente* bons em pôquer.”

Um grunhido alto soou quando Lokus foi jogado de barriga para baixo na lateral de um galho de árvore, deixando seus pés balançando e chutando, e Nakoa correu para longe dele.

“Você tem que se abaixar!” Nakoa chorou em meio à risada.

“Como?!” Lokus gritou. “Eu não consigo me dobrar ao meio, seu idiota!” Lokus agarrou-se ao galho com todas as forças, segurando a bolsa luminosa de pixies em uma mão. Nakoa caiu, mãos nos joelhos. “Volte aqui antes que eu caia!”

Nakoa lutou para recuperar o fôlego, ainda rindo em meio às lágrimas. “Simplesmente caia!”

“Volte aqui agora mesmo, ou juro por *Akash que* vou cagar no seu alaúde de merda!”

Minha própria risada uivou de mim, desenfreada e livre. Ao meu lado, Pomona, Famei, Val, Rayne e Vesper. Enquanto observávamos Malekai fazer malabarismo com Roderick e Nakoa fazer malabarismo com Lokus, cada um de nós encontrou os olhos um do outro neste lindo momento compartilhado de risadas de arrancar lágrimas.

É pela primeira vez desde a guerra, de todos os eventos, senti a inconfundível satisfação de aquecer a alma da unidade. *Família.* Ou pelo menos, a coisa mais próxima disso que senti desde que me amontoei em volta de uma fogueira com Malekai, Seline e o punhado de soldados que uma vez lutamos com nossas vidas para proteger. Todo o estresse e tensão anteriores desapareceram completamente, quase esquecidos e, de repente, não tão importantes quanto antes porque *isso*...

Isso pareceu algo.

Algo precioso e novo. Para mim, pelo menos, e eu conhecia Malekai também. Talvez frágil agora, considerando tudo o que pesava na balança... Mas talvez algo que valesse a pena lutar e proteger. Algo que pudesse fazer toda a dor valer a pena.

Depois que Roderick e Lokus finalmente conseguiram capturar o último dos pixies, nos reunimos para eles começarem a contagem para determinar o vencedor enquanto recuperávamos o fôlego. Meus olhos encontraram os de Malekai, e ele me deu uma piscadela que fez algo em meu estômago vibrar, ainda sorrindo intensamente.

Alguns momentos depois, meus olhos se voltaram para Nakoa. Seus olhos se ergueram para os meus e... tive que admitir que nunca o tinha visto tão bonito. Isso não fez meu coração palpitar, mas acalmou a tensão ferida entre nós porque ele parecia... *feliz.*

Foi então que percebi que nunca o tinha visto sorrir e rir, tão aberto e descontrolado. Desimpedido, ainda que brevemente, por sua batalha para atingir seus objetivos e libertar seu povo. Ele parecia jovem, feliz e despreocupado.

Um por um, os duendes voaram para fora das sacolas, ainda gritando suas risadas agudas, parecendo que tinham acabado de voar. através de um ciclone. Seus cabelos estavam desgrenhados, e suas roupas desgrenhadas de correrem por entre árvores e arbustos. Sem dúvida sendo empurrados violentamente nas bolsas enquanto Malekai e Nakoa corriam.

Lokus gritou em vitória quando ele e Nakoa fizeram mais dois duendes voarem depois que a bolsa de Malekai e Roderick esvaziou.

“Boa tentativa, bola de pelo,” Lokus repreendeu, batendo uma longa mão nas costas de Roderick. Roderick repetiu as palavras em um tom de zombaria, contorcendo o rosto de uma forma que causou uma impressão notável em Lokus. “Esse nome está ficando um pouco cansado, irmão. Quase tão cansado quanto eu de ouvi-lo.”

Lokus colocou a língua para fora, balançando-a e revirando os olhos. "É, irmão?" Mais revirar os olhos e balançar a língua, "É? Talvez eu devesse começar a te chamar de 'bolinhas de bebê' já que você é tão sensível. Isso faz você se sentir melhor?”

Roderick riu junto com todos os outros. “Oooooh, projetando agora, não é?”

Lokus deu uma risada exagerada, desabotoando seu cinto. “ *Oooooh,* vamos descobrir, certo?”

Pomona deu um tapa nele. “Não ouse arrancar essas ameixas caídas de novo, ou eu vou te dar um tapa.”

Com o peso da noite iminente, parecia que tínhamos decidido deixar de lado nossas preocupações naquela noite.

Pode ser um dos seus últimos.

os olana kah'hei de Nakoa foram para a cama um por um. Os pixies até ficaram por algum tempo depois de beber e estavam mais barulhentos do que eu jamais imaginaria que fossem. Alguns deles, *principalmente as*

fêmeas, permaneceram pairando perto ou empoleirados em algum lugar em Val. E eu não pude deixar de notar que Vesper tinha entrado na tenda *de Rayne* quando ela nos desejou boa noite. *Ele a seguiu logo depois.* Pouco antes de eu sair, notei Malekai entregando a alguns deles uma moeda de ouro, que eles levaram embora com esforço combinado.

Quando me deitei novamente no sofá, meu abdômen estava dolorido de tanto rir. Uma sensação que eu tinha quase certeza de nunca ter experimentado antes. Uma forma alta e musculosa preencheu a porta no momento em que eu começava a cochilar.

Meu coração pulou, esperando que fosse Malekai. Um raio de luar espiando pela janela derramou-se sobre o rosto de Nakoa enquanto ele dava um passo à frente. A visão dele fez a corda se acender de uma forma indesejada. Meu corpo ficou tenso, preparando-me para uma discussão sobre eu não compartilhar suas peles com ele.

“Você ainda está acordado?” Ele sussurrou.

"… Sim"

Nakoa diminuiu a distância entre nós e sentou-se no chão, recostando-se no sofá.

“Eu só… queria vir dizer boa noite apropriadamente.”

“… Oh… Hum… Boa noite. Espero que durma bem.”

“… Foi… Bom ver você tão feliz esta noite.”

“Eu senti o mesmo ao ver você…”

Alguns momentos pesados se passaram antes que Nakoa quebrasse o silêncio. “Eu… *Eu ficaria* feliz em ver *você* feliz assim com mais frequência.”

Uma respiração que eu não tinha percebido que estava prendendo finalmente foi liberada.

"… Mesmo."

“Olha, eu… eu sinto muito que… eu não tenho sido o melhor amigo. Eu quero me esforçar mais.”

Aquela pedra voltou ao meu peito quando a compreensão me atingiu.

“… Não sei se você algum dia será capaz de me dar o que preciso.”

Nakoa recuou. “Por quê?”

“Porque se tornar Rei… Libertar as Ilhas Kahlohani… Governar Atratus… Essas coisas sempre virão primeiro para você.”

Ele permaneceu em silêncio por um tempo dolorosamente longo, no qual uma mágoa que eu não sabia bem como identificar lentamente afundou. garras em meu coração mutilado. O segredo que eu estava guardando sobre a verdade sobre sua *mãe* levantou a cabeça, mas eu o forcei de volta com o peso da minha exaustão.

“Mas é isso que se exige de um bom rei.”

Eu bufei tristemente. “Sim… Você está absolutamente certo.”

A voz de Nakoa endureceu em algo frio. “Se você for ser Rainha, eu gostaria que fosse a mesma. Nada deve vir antes do nosso dever para com o nosso povo. Para com o Reino.”

A exaustão se instalou profundamente dentro de mim. Só consegui um suave zumbido de concordância.

“E não vejo como isso pode ser um obstáculo para ser uma boa companheira, Mareina.”

Um suspiro pesado de resignação me deixou, pois não consegui mais me segurar desde que descobri suas manipulações. E ainda mais desde que ele confessou que sua visão lhe disse que *eu* era o único a matar Zurie. O que seria glorioso e tudo se eu não sentisse que estava fazendo o trabalho sujo para ele, e ele não tinha escrúpulos com o fato de que eu poderia potencialmente morrer fazendo isso.

“Porque eu nunca sacrificaria sua felicidade e bem-estar para alcançar essas coisas... Pode ser míope e egoísta, mas se chegasse a esse ponto, eu nunca iria querer, muito menos pedir, que você arriscasse e potencialmente sacrificasse sua vida para me ajudar a assumir o trono.”

As palavras eram amargas, finalmente saindo da minha boca. O olhar de Nakoa se voltou para o meu em compreensão.

“Marina…”

“Eu sei que não temos outras escolhas *razoáveis* , Nakoa. Vou manter meu voto... Eu queimaria esse Reino até o chão por você se isso significasse protegê-la, apesar de nossas diferenças... E por mais que eu possa apreciar objetivamente o quão nobre é esse esforço... Eu simplesmente nunca serei capaz de me entregar completamente a alguém que não ama o suficiente para retribuir isso.”

Nakoa sentou-se ali por vários momentos. Meus olhos, felizmente, permaneceram secos. Em vez de me sentir de coração partido, eu apenas senti... Uma combinação exaustiva de dormência e tristeza.

“…Boa noite, Mareina. ”

CAPíTULO

CINqUENTA E UM

MARINHA

EU acordei com braços fortes me embalando contra um peito largo e musculoso enquanto o cheiro de sal marinho e brasas de Malekai me envolvia. Alívio e calor avassaladores me inspiraram a me aconchegar mais profundamente. Um profundo zumbido de prazer soou de seu peito.

“Desculpe acordar você, mas eu não podia deixar você dormir naquele sofá cheio de caroços.”

Alguns momentos depois, Malekai me colocou na cama de hóspedes de Val. "Eu também não quero que você durma naquele sofá cheio de caroços."

“Mmmmm… Por mais que eu esteja morrendo de vontade de me deitar nessa cama com você, não tenho certeza se sua *alma gêmea* não tentaria me matar por isso.”

Dei um suspiro triste.

“Duvido. Ele quer Zurie morta demais e está contando conosco para fazer isso acontecer… Nós dois podemos permanecer vestidos. Não é um convite de natureza sexual.”

Malekai riu enquanto se sentava ao meu lado, afastando o cabelo do meu rosto. "Oh? Que pena."

O riso, não importa quão fugaz, liberou o peso em meu peito. Sua grande mão pousou em minha bochecha, e a minha se levantou para segurá-la ali. Meu peito doía de emoção e gratidão. enquanto lágrimas subitamente picavam meus olhos. Ele tinha um jeito de fazer isso, mesmo com um gesto tão pequeno.

“Por cem anos, você foi minha luz na escuridão, Malekai.”

“E no brilho ofuscante da dura realidade, você foi meu abençoado e sombrio alívio.”

Minha garganta lutou para passar pela emoção obstrutiva presa na minha garganta. Malekai se inclinou e deu um beijo demorado na minha testa. Meus olhos se fecharam com força, fazendo com que lágrimas escorressem pelo meu rosto. Ele se afastou mais rápido do que eu gostaria, os olhos disparando para onde minha mão segurava a dele contra meu rosto. Um olhar agradavelmente surpreso em seu rosto.

“Bem, olá…”

Segui seu olhar e vi os tentáculos vermelho-escuros da minha magia se enrolando em sua mão e machucando-o.

“Oh deuses, desculpe…”

Eu *quis que* os tentáculos se afastassem, o que só os fez apertar ainda mais seu domínio sobre ele. Malekai riu, seu sorriso branco brilhando no escuro. Suas palavras foram uma declaração agradavelmente surpresa, em vez de uma pergunta.

“Isto é novo…”

“Sim… Começou depois que recebi isso”, esclareço, levantando meu braço para revelar a marca de Mors.

Malekai acariciou um dos tentáculos escuros com um único dedo, e ele respondeu deslizando sobre sua mão e se enrolando em volta dela, arrancando um zumbido profundo e satisfeito de seu peito.

“E… Eles já fizeram isso antes?” Ele pergunta, arqueando uma sobrancelha.

O subtexto da sua pergunta é claro: *Eles fazem isso com Nakoa?*

“Não, nunca…”

Sua expressão é ilegível enquanto ele concorda.

“Você já tentou… empunhá-los?”

“Não… Realmente não tive tempo ou energia, mas provavelmente deveria. Não estou acostumado a usar magia assim…”

Malekai grunhiu suavemente em afirmação. “Talvez você devesse falar com Rayne… Essas parecem semelhantes às dele… E claramente têm vontade própria,” ele acrescenta com um sorriso diabólico enquanto os tentáculos alcançam mais longe e deslizam sob o V de seu top.

Não consegui deixar de rir. “Oh, meu… Eles são… Tenazes.”

Sua risada aumentou para um estrondo galopante enquanto ele estremecia. *“Muito delicado! Muito delicado!”*

Os tentáculos recuaram abruptamente, pairando logo além de uma das minhas mãos. Nossa risada gradualmente desapareceu enquanto nossos olhos se demoravam um no outro. Eu queria estender a mão e puxá-lo para mim, dizer para ele ficar, mas mesmo que Nakoa não estivesse do lado de fora da cabana... Eu sei que não seria certo. E pelo olhar no rosto de Malekai, ele sabia disso também.

Ele pegou uma das minhas mãos e deu um beijo firme na parte interna da minha palma, a magia ainda girando em volta dela. Minha respiração ficou presa, e eu assisti com os olhos um pouco arregalados enquanto minha magia deslizava sobre seus ombros e ao redor da parte de trás do seu pescoço como se tentasse agarrá-lo contra nós. Seu sorriso conhecedor apareceu de cima, onde ele segurava minha mão em sua boca.

“Durma profundamente e em paz, *tessari mú.”*

CAPíTULO

CINqUENTA E DOIS

MARINHA

Quando acordamos na manhã seguinte, o cavalo de Malekai, Ceres, tão grande e bonito como sempre com seu pelo dourado e crina preta, estava pastando na frente da cabana de Val. Miroslav deve tê-la trazido aqui esta manhã. Pena que ele não pôde nos poupar da viagem até Bastrina, mas... Talvez houvesse algo que ocorresse ao longo do caminho que fosse necessário para garantir nosso sucesso.

Val já estava embalado e pronto para ir, apesar de Nakoa ter dito que não queria arriscar diminuir nenhum dos números de The Uprising. "Aprenda quando escolher suas batalhas, irmão. Você não pode me impedir de vir", disse Val antes de montar em seu cavalo cinza e malhado com um gracioso movimento de perna.

Fiquei na varanda de Val, temendo a ideia de passar os próximos dias que eu teria que passar nos braços de Nakoa em cima de Pumpkin. Desde o momento em que pisei para fora de Val, Nakoa parecia decidida a fingir que eu tinha deixado de existir. Parte de mim estava aliviada, enquanto a outra parte, a corda, queimava furiosamente por causa disso.

Foi ele que me achou tão descartável. Como ele ousa me dar um ombro frio só porque eu não gostei de ser usada como seu peão.

Como se a própria *Akash* tivesse ouvido minhas preces, Vesper subiu os degraus da varanda. O olhar em seu rosto era quase de pena. “Você quer Chihiro de volta?”

“Tem certeza?”, perguntei, puramente por educação, rezando aos deuses para que ela insistisse.

As sobrancelhas dela se ergueram. “A menos que você prefira passar os próximos 2 dias parecendo tão miserável quanto está agora…”

Soltei um suspiro que parecia estar segurando desde o dia em que conheci Nakoa. “Deuses… É tão óbvio assim?”

“Com base apenas na sua expressão, eu arriscaria dizer que você preferiria sentar de bunda em uma lança do que cavalgar com Nakoa agora.”

Esfreguei uma mão no meu rosto. “Obrigada… Eu realmente aprecio isso… Não será muito para você andar com Rayne?”

Um sorriso tímido curvou um canto de seus lábios. “Oh, sim… Um fardo terrível, mas… Tenho certeza de que vou superar isso *de alguma forma.”*

Ela desceu as escadas e caminhou em direção a Rayne, que a observava com uma quantidade considerável de admiração. Ele olhou para mim

brevemente, dando-me um aceno curto, mas não menos apreciativo, como se eu tivesse acabado de lhe fazer um favor.

Meu peito apertou de ansiedade enquanto me aproximava de Nakoa, que estava silenciosamente preparando Pumpkin. Minha mente guerreava com indecisão sobre se eu deveria ou não dar ouvidos ao aviso da Mãe de Nakoa em *não* contar a ele a verdade sobre Zurie ser sua mãe biológica.

"Ei…"

O olhar de Nakoa se voltou para o meu, tristeza e resignação estampadas em seu rosto, embora sua voz fosse dura e fria como pedra.

"Sim?"

Eu me afastei, meu temperamento explodindo rápida e intensamente, e abaixei minha voz para um sussurro. “Não tenho certeza do porquê *você está* bravo comigo . Você não me ofereceu para a tarefa de matar Zurie sozinho como se eu fosse apenas uma espada descartável de aluguel? Você não usou nosso vínculo e mentiras bonitas para me manipular? Você não tentou usar minhas emoções e sentimentos em desenvolvimento para me fazer cumprir o vínculo para que você pudesse aumentar seu poder?”

O maxilar de Nakoa flexionou enquanto os cantos de sua boca se curvavam para baixo. “ *Nosso* poder. E nada do que eu disse era mentira, Mareina. Eu sei que deveria ter feito as coisas de forma diferente, e quando eu disse que queria fazer melhor, você essencialmente me dispensou. Você quer desistir logo depois de nos conhecermos há apenas alguns dias.”

“Bem, você causou uma boa impressão.”

Nakoa enrijeceu-se brevemente com minhas palavras enquanto terminava de selar Pumpkin. Endireitando-se em sua altura máxima, ele olhou para mim. A corda entre nós parecia estar pegando fogo, mas forcei meu queixo a levantar, mesmo que eu não quisesse nada mais do que fugir.

Momentos de silêncio se passaram antes que Nakoa gradualmente assentisse em aceitação. “Eu esperava que minha *alma ligada* e futura Rainha entendesse que às vezes temos que deixar de lado nossas necessidades e desejos egoístas para fazer o que é melhor para o Reino.”

A "altruísmo" se estenderia ao assassinato da própria mãe, por mais perverso que fosse?

Intuitivamente, senti que a resposta dele seria sim, mas isso não mudava o fato de que não era minha decisão. Ainda assim, não consegui me convencer a fazer a confissão ainda.

“Sim, bem... Eu esperava que minha *alma ligada* não me usasse como um peão em sua busca por poder... Mas não se preocupe, Vesper está cavalgando com Rayne, então não terei que incomodá-lo com meu egoísmo em nossa jornada para Bastrina.”

Virei-me e fui embora, praticamente me apoiando em Chihiro quando o alcancei do outro lado de onde os cavalos estavam alinhados.

* * *

Como se todos estivéssemos prendendo a respiração em antecipação ao confronto com Zurie, a jornada para Bastrina nos dois dias seguintes foi

quase silenciosa. Eu tinha cavalgado principalmente ao lado de Pomona, e minha mente periférica tinha permanecido duplamente focada em Malekai e Nakoa.

Por mais que eu tenha desejado a presença de Malekai durante toda a jornada, eu não queria causar nenhuma animosidade desnecessária entre ele e Nakoa ao fazer isso. Malekai, felizmente, pareceu se tornar amigo rápido de Val, Lokus e Roderick. Toda noite, os três se sentavam juntos como um pequeno covil de ladrões.

Agora que Vesper estava dividindo a barraca de Rayne, eu fiquei com a barraca extra, e Malekai ficou com a dele.

Na última noite antes de chegarmos ao palácio de Zurie, paramos cedo para a noite em uma pequena cidade nos arredores de Bastrina, tendo todos concordado que se esta fosse nossa última noite vivos neste reino, nos presentearíamos com uma cama de verdade em uma pousada. E apesar da alegria que senti com a promessa de um banho quente, o fato de não haver quartos suficientes para eu ter o meu próprio foi... um golpe significativo. Tive que dividir um com Nakoa.

Todos escolheram comer em seus quartos, incluindo Nakoa, que hesitou em silêncio enquanto estávamos no bar da taverna pagando.

“Você pode tomar banho primeiro… Eu como aqui embaixo”, ofereci.

Ele deu um grunhido neutro antes de se virar e subir as escadas em direção ao quarto.

“Eu vou comer aqui com você, moça,” uma voz quente e estrondosa atrás de mim disse. Eu me virei para encarar Val, que me lançou um olhar de compaixão. Roderick se aproximou de mim. “O mesmo.”

Meus olhos vagaram em busca de Malekai. “Ele subiu para o quarto que está dividindo com Lokus,” Roderick esclareceu.

O estalajadeiro reapareceu com várias canecas de cerveja limpas que ele começou a encher de uma torneira de barril. “Você pode se sentar. Vou pedir para a garçonete trazer tudo para sua mesa.”

A taverna estava lotada apenas pela metade. Estávamos perto o suficiente da cidade que um desconforto apertou meu estômago quando alguns clientes fizeram uma dupla tomada quando me viram, para então rapidamente desviarem os olhos.

Talvez eu devesse ter comido no quarto.

Nós nos sentamos em uma mesa em um dos cantos dos fundos, e eu deixei meu capuz levantado para não atrair mais olhares indesejados.

Val e Roderick sentaram-se na minha frente. O primeiro coçou a barba enquanto o último esfregou a barba por fazer do seu rosto normalmente barbeado, fazendo um barulho rítmico e áspero de arranhão.

“Como você se sente em relação a amanhã?” Val perguntou.

Eu *quis que* uma barreira se instalasse para nos proteger de ouvidos curiosos enquanto eu procurava dentro de mim para ver se eu sentia algum tipo de... ansiedade, mas em vez disso, apenas encontrei aquela dormência familiar. Quando chegasse a hora, meu coração bateria em um ritmo

pulsante próprio, mas como de costume, quando se tratava de questões de vida ou morte, eu não sentia nada depois de ter sido dessensibilizado depois de todos esses anos.

A única coisa que senti, além de entorpecimento, foi a dor de Nakoa ter sido tão rápido em me oferecer para o trabalho, como um capanga à sua disposição, sem se importar se viveria ou morreria.

"Multar…"

Roderick e Val franziram a testa, me estudando atentamente.

“Você tem certeza disso?” Val perguntou, erguendo uma sobrancelha.

“Sim. Ficarei feliz em me livrar dela.”

Val assentiu, suspirando. “Olha, amor... Tenho a impressão de que as coisas não estão exatamente ótimas entre você e Nakoa, mas... Seja lá o que for, faça as pazes com isso hoje à noite antes que seja tarde demais. Só por precaução. Não tenho dúvidas de que seremos bem-sucedidos amanhã, mas... A morte persegue todos nós neste reino, e se aprendi alguma coisa aqui… É justamente quando pensamos que havíamos escapado que ele nos pega em sua armadilha.”

Morte…

Eu não mostrei a ninguém a marca de Mors.

Apenas o pensamento do Deus da Morte fez a marca no meu antebraço queimar. Desde a sugestão de Malekai, eu sentia esse puxão inegável, silenciosamente me incitando a ir ao templo de Mors em Bastrina. Eu estava tentando desesperadamente ignorar isso, mas agora que estávamos quase lá, cada momento que eu negava o desejo era como pregos arranhando minha mente. O pensamento de seus acólitos sozinho me fez estremecer.

Pelo canto do olho, notei a garçonete se aproximando com uma bandeja carregada com nossa comida e bebidas. Eu derrubei a barreira. Quando ela colocou nossos pratos, cada um cheio de um frango inteiro, vegetais e batatas assadas, eu encarei o meu com apenas um leve interesse. Em vez disso, minhas presas doíam com a necessidade de me alimentar, e eu provavelmente precisaria de força extra para garantir nosso sucesso amanhã.

E minha sobrevivência.

Val e Roderick se deliciaram com a comida, devorando-a com fervor.

Tive que me forçar a dar algumas mordidas. Ironicamente, quanto mais faminto eu ficava por sangue, mais a comida normal tinha gosto de cinza.

“Não é do seu agrado?” Roderick perguntou com uma grande boca cheia de comida.

“Seria, mas agora eu só preciso… de algo mais.”

As sobrancelhas dele e de Val se ergueram em compreensão, e suas mastigações diminuíram.

“Não se preocupe, não estou com *tanta* fome.”

Eles riram bem-humorados. Empurrei meu prato em direção a eles, optando pelo vinho que esperava na minha frente.

Um olhar de exaustão se instalou em seus rostos assim que terminaram de comer, seguido por bocejos contagiosos. Antes de irem para o quarto, a mão de Val pousou em meu ombro.

“Eu sei que ele pode ser um babaca teimoso e perfeito… Mas ele se importa profundamente com você…”

Respirei fundo, forçando um sorriso no rosto enquanto concordava.

“Obrigado, Val… Vejo você de manhã.”

Ele hesitou por um momento antes de se virar para ir para a cama.

Roderick apoiou o quadril na mesa, braços cruzados contra o peito largo, olhando para mim como se pudesse ver através de mim. Retribuí o olhar, deliberando se deveria ou não pedir seu conselho.

Como posso dizer a Nakoa que ele está me enviando para matar sua mãe sem comprometer o futuro de Atratus?

Não perdi a porra da ironia *espantosa* no fato de que ela tinha me enviado para matá-lo. E nenhum dos dois estava ciente do plano do outro. Não *de verdade*.

As palavras estavam novamente na ponta da minha língua no momento em que Roderick falou, interrompendo-as.

“Talvez vocês devessem tentar ser amigos?”

Minhas sobrancelhas saltaram diante da sugestão dele.

“Duvido que Nakoa queira ser meu amigo.”

Roderick deu de ombros facilmente. “Ele não sabe o que é bom para ele… Parece estar funcionando bem para você e Malekai.”

Ao meu olhar endurecido, ele levantou mãos apaziguadoras. “Eu digo isso sinceramente. Talvez se vocês estabelecerem um limite como amigos, ele não te dará por garantida ou te manipulará mais, nem sentirá que você está o excluindo completamente.”

"Talvez…"

Não ousei dar esperança a tal coisa.

“De qualquer forma, estamos aqui por você… Você não está sozinho. Não posso falar por Vesper, mas quanto ao resto de nós… Nossa lealdade a você não depende se você decide ou não ficar com Nakoa… *Ou* Malekai.”

Minha respiração parou no meio da inspiração.

Roderick riu. “Conheço Nakoa a minha vida inteira. Ele não é a pessoa *mais fácil* de se conviver, e considerando que todas as suas aspirações estão todas na *sua* cesta até que *a tal da sua cara* esteja sem cabeça... Posso imaginar que isso o esteja deixando um pouco louco... Ou bem... Ainda *mais* louco do que seu estado habitual de loucura.”

“… Obrigado, Roderick. Isso… significa muito mais para mim do que você pode imaginar.”

Ele assentiu lentamente enquanto seus olhos azul-acinzentados fitavam os meus, e parecia que ele estava vendo muito mais do que eu pretendia revelar.

“Espero que você consiga dormir um pouco, Mareina.”

“Obrigado… Você também.”

Esperei até que Roderick desaparecesse escada acima antes de sair da taverna e seguir para o estábulo. Chihiro estava feliz roendo seu feno quando me aproximei. Dei um tapinha em seu pescoço grosso, murmurando minhas desculpas. Ele bufou exasperado em resposta.

A mulher do estábulo manteve os olhos para si mesma enquanto eu me aproximava, com uma palma cheia de moedas de prata na mão. “Voltarei em algumas horas se alguém perguntar.”

“Sim, minha senhora.”

CAPíTULO

CINqUENTA E TRêS

MARINHA

As ruas estavam surpreendentemente vazias quando Chihiro e eu entramos na cidade. Em 20 minutos, o cheiro de benjoim e mirra chegou até mim... O cheiro era estranhamente familiar, mas fez meus nervos dispararem de qualquer maneira. Uma energia ansiosa parecia pulsar através de mim enquanto as marcas em meus braços formigavam de uma forma quase prazerosa, se não estranha. Uma melhora distinta da sensação de raiva e queimação que eles tiveram quando eu estava tentando ignorar esse *chamado.*

O templo se destacava por si só, esculpido em um mármore com veios claros. Tochas pendiam de cada uma das muitas colunas altas, lançando sombras ameaçadoras na escuridão da noite quase sem lua. Apenas uma lasca de cada uma das luas permanecia. Silenciosamente, subi os degraus em direção às portas colossais sobre as quais uma efígie de bronze escuro do próprio Mors estava montada, pegando a mão de um espírito enquanto ele se erguia de um corpo derramado em sua cama. Ele quase parecia... *gentil.*

Também não pude deixar de notar que ele tinha quatro asas enormes em vez de apenas duas.

Uma das enormes portas se abriu silenciosamente, apenas o suficiente para eu passar.

Eu soltei um suspiro. “Oh, meu Deus…”

Embora, sim, seria o cúmulo da estupidez entrar sozinho neste estranho e escuro templo... Lá estava eu... Caminhando em direção à porta.

Certamente, aqueles acólitos vestidos de cinza não poderiam empunhar nenhuma arma ou magia maior que a minha... E Mors não teria perseguido meus sonhos e me marcado apenas para me trazer aqui para morrer.

“Você é realmente louco?”

Minha boca se curvou quando me virei e vi Malekai subindo os degraus, com um olhar de advertência no rosto.

“Pelo amor de Deus, Mareina…”

“Obrigado por vir…”

Ele bufou, balançando a cabeça. “É, obrigado pelo convite. Quando eu sugeri que você fizesse essa merda, pensei que era desnecessário dizer que você me levaria com você, seu lunático de merda.”

Deuses, eu amava esse macho.

Dei-lhe um sorriso apreciativo e segurei sua mão na minha.

“Obrigado por vir.”

Virei-me para tentar abrir a porta e vi uma silhueta sombria vestida de preto que havia aparecido na porta.

Gritei de surpresa com sua aparição repentina, silenciosa e ameaçadora. Cada pelo do meu corpo se arrepiou. Prendi a respiração, apertando a mão de Malekai em terror. Pronto para empurrá-lo para longe se aquela coisa tentasse levantar um dedo para mim.

Em vez de me alcançar, o *Pharalaki* se virou silenciosamente e desapareceu dentro do templo.

Malekai e eu trocamos um olhar antes que ele desse um passo à minha frente, pegando minha mão e me puxando para trás dele.

Estava quase completamente escuro. Apenas a luz fae flutuando na frente do acólito que eu imaginei que deveríamos estar seguindo guiava nossos passos. Colunas se alinhavam no saguão e no corredor que davam lugar a inúmeras portas, em nenhuma das quais paramos. O *Pharalaki* dobrou uma esquina e passou por uma mão sombria sobre uma seção do muro de pedra que então desapareceu. Uma porta arqueada e escura como breu apareceu, e ele começou a descer um conjunto de degraus em espiral que levavam mais para dentro da escuridão.

Malekai olhou para mim na luz que escurecia rapidamente. “Você tem certeza sobre isso?”

“Nós vamos morrer em algum momento. Por que não agora?”

“Hilário.” Seu tom dizia que ele achava tudo menos isso.

Mesmo assim, ele desceu os degraus na frente, alcançando gradualmente a luz e o acólito.

O cheiro de... ar fresco e flora nos saudou momentos antes de os degraus terminarem. Em vez de uma masmorra ou uma cripta, ou qualquer outra coisa que alguém possa imaginar estar abaixo de um *Templo da Morte literal*, encontramos... Uma única, grande e cheia lua iluminava um campo cheio de gramas altas e flores silvestres que ondulavam com a brisa como ondas prateadas e dóceis do oceano. Uma grande casa de pedra com um telhado de terracota ficava à distância; as janelas do andar inferior voltadas para nós estavam iluminadas e brilhavam com a cor de uma lareira acesa.

Malekai e eu trocamos olhares arregalados enquanto o acólito caminhava pelo campo em direção à casa.

Atrás de Malekai, a poucos metros de distância, um rio fluía. Brilhando em um azul sobrenatural. Ele seguiu meu olhar, lábios se abrindo diante da visão.

O Rio Oblivion.

Os *Pharalaki* estavam pacientemente parados perto de uma porta de madeira surpreendentemente frágil, feita de nada mais do que várias ripas de compensado velho, por onde raios verticais de luz apareciam.

Um lar bastante humilde para Mors… *Um Deus.*

Eu tinha visto ilustrações de um palácio enorme. Não esse refúgio aconchegante de artesãos que mal tinha uma porta de entrada. Imagino que se alguém não precisasse se preocupar com segurança, era ele.

Vapores escuros escapavam de dentro do capuz do manto *do Pharalaki* , desaparecendo entre as aberturas cheias de luz na madeira.

“Entre…”, uma voz feminina sedosa chamou de dentro da casa.

O *Pharalaki* se afastou, seu manto sussurrando sobre as gramas altas enquanto ele retornava ao templo. Uma vista de Montanhas com picos de gelo estava à distância além da única porta aberta e sem porta que simplesmente flutuava no centro do campo.

Malekai, ainda segurando minha mão, abriu a porta para revelar uma mulher com pele da cor da lua e cabelos tão negros quanto a noite para combinar. Olhos verdes grandes, com cílios pesados e luminosos nos observaram. As maçãs do rosto altas, o formato dos lábios... Tudo tão dolorosamente familiar.

Suas feições afrouxaram enquanto seu olhar varria de Malekai para se fixar em mim. O pote de barro fumegante segurado em suas mãos enluvadas se espatifou a seus pés. A respiração ficou presa, a voz sussurrando e falhando ao mesmo tempo.

“ *Akash todo poderoso…* Não acredito que você finalmente está aqui.”

Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela contornava a pilha de comida e cacos de argila, diminuindo a distância entre nós. Minha respiração parecia ter sido presa por um punho na garganta enquanto eu encarava um rosto que eu já tinha visto muitas vezes para não reconhecer. Toda vez que eu já tinha me olhado no espelho.

Havia apenas pequenas diferenças. Ela tinha olhos ligeiramente mais redondos, como os de um fulvo, e cílios impossivelmente longos. Onde sua pele era quase alabastro, a minha tinha uma tez oliva. E ela parecia apenas vagamente mais velha do que eu.

Algo doloroso apertou meu peito ao reconhecê-lo.

Oh, deuses…

Suas mãos, surpreendentemente frias, me agarraram pelas costas dos braços. Ela hesitou como se me desse a oportunidade de protestar antes de me esmagar contra seu peito com força considerável.

Muito tomado pelo choque, senti como se tivesse sido jogado em um lago gelado. Não foi até que sua mão se levantou e embalou o na parte de trás da minha cabeça de uma maneira tão delicada que meu choque começou a derreter.

Ficamos assim por longos momentos. Minha emoção aumentou, mas eu a engoli de volta quando ela se transformou em raiva ferida.

"Onde você esteve?"

A fêmea respirou fundo e estremeceu quando finalmente se afastou de mim. Seu rosto inchado e vermelho.

“Mareina… Não é o que você pensa.”

Balancei a cabeça em descrença enquanto meus olhos avidamente observavam a visão da minha mãe. A primeira vez que eu via essa fêmea.

A grande palma de Malekai pousou na parte inferior das minhas costas. A ação ajudou a me estabilizar enquanto uma parte da minha raiva se dissipava por nada mais que seu toque.

“Seu pai e eu—

estrondo alto soou do lado de fora enquanto um tremor sacudia o chão. Malekai e eu giramos assim que a frágil porta de madeira se abriu, estilhaçando-se contra a parede de estuque branco da casa. Um macho pelo menos tão largo e alto quanto os seis pés e oito polegadas de Malekai encheu a porta. Quatro asas negras, idênticas às minhas, dobraram-se firmemente contra suas costas enquanto ele dava um passo hesitante para mais perto.

Eu nunca tinha visto uma representação que revelasse o rosto do Deus da Morte antes, mas certamente não imaginei que fosse assim. Seu manto preto em lugar nenhum. Fios escuros de magia se enrolavam em seu corpo como se estivessem inquietos. Seus ombros e peito formidáveis enchiam uma túnica escura. Pernas longas e musculosas vestidas adornadas por um par de calças de linho combinando.

Traços cinzelados afrouxaram, e a pele escura bronzeada de seu rosto empalideceu com um choque que espelhava o meu. Olhos castanhos ligeiramente virados para cima se arregalaram ao me ver. Os lábios em forma de arco do cupido se separaram. Seu cabelo preto, curto nas laterais e mais longo no topo, estava açoitado pelo vento.

A voz da minha mãe era um sussurro trêmulo.

“Seu pai e eu não tivemos escolha. Entregar você foi a coisa mais difícil que já fizemos.”

Mors fechou a distância entre nós com um único passo e me apertou contra seu peito com tanta força que quase me deixou sem fôlego.

“Eu sabia que você viria.”

O som da voz dele me fez cambalear. *Essa* era a voz que tinha preenchido meus sonhos. Todo esse tempo… *Todo esse tempo.…*

As palavras do sonho ecoaram em minha mente.

“Não se esqueça de que você é tanto a morte quanto a eternidade que ganharam forma. Você nunca está sozinho. Procure-me, O Guardião da Vida, para encontrar seu lar.”

Minha voz saiu como um sussurro rouco. Malekai nos observou com nada menos que admiração iluminando seu rosto. Pela primeira vez em muitos, muitos anos, vi lágrimas brotando em seus olhos.

“Foi você…”

“Claro que sim. Quem mais?”

Todos esses anos, os *Pharalaki* não estavam me perseguindo... Eles estavam me *observando* .

“Mas no sonho, ele te chamou de Guardião da Vida…”

“Eu *sou* o Guardião da Vida… *Vida eterna.…”*

Balancei a cabeça em choque.

“Peço desculpas por ser enigmático... Não podíamos arriscar que minha irmã, Keres, encontrasse você... Estamos presos a este reino. Quando sua mãe, *Soteira*, engravidou - algo que nem pensávamos ser possível - tentamos encontrar um jeito... Uma solução... Nem queríamos que você fosse preso a este reino.”

Kēres… A Deusa da Violência.

Um mal-estar se retorceu em meu intestino... Uma divindade sobre a qual, felizmente, eu só tinha lido. Ela era retratada como sendo cruel e implacável, abrindo caminho de guerra a cada passo.

Soteira envolveu um dos braços grandes de Mors enquanto continuava de onde ele havia parado.

“Nós convocamos Moirai, e ela nos contou da melhor forma que pôde o que aconteceria em ambos os destinos... Se vocês ficassem aqui conosco, e se fossem para Bellorum ou um dos outros *medí kosmoi* ...”

Mundos médios.

“Por mais lindo que seja aqui, não gostaríamos que você tivesse este lugar como o único lugar que já conheceu. Queríamos que você tivesse liberdade… Entre outras coisas, queríamos que você conhecesse sua *alma…”*

Fiquei sem fôlego quando uma onda de dor percorreu meu peito.

“Foi assim que você nasceu na porta entre os reinos…”

Soteira inclinou a cabeça em direção à porta sem paredes que levava de Avernus a Bellorum.

Eu nunca tinha percebido que as palavras do sonho deveriam ser interpretadas tão literalmente.

Nascido *entre* reinos… Nascido em uma porta *de verdade* .

Todo observador de sombras… Os *Pharalaki.*

Morte e eternidade ganharam forma…

Tonturas com as revelações me dominaram e, instintivamente, minha mão alcançou Malekai, que prontamente colocou seu braço sobre meus ombros e me aconchegou ao seu lado. Os olhos dos meus pais se ergueram para os dele.

“Este é… Meu amigo mais leal e…”

Minhas palavras falharam brevemente porque isso não parecia nem de longe suficiente para o que Malekai era para mim.

“E o amor da minha vida. Malekai.”

O braço de Malekai se apertou em volta de mim enquanto seu calor já considerável parecia dobrar, me fazendo querer me enterrar nele em conforto.

As sobrancelhas dos meus pais ergueram-se em uníssono.

“É uma honra conhecer vocês dois”, disse Malekai, com calor e reverência, oferecendo sua mão.

A boca de Mors se abriu em um sorriso suave enquanto ele segurava sua mão entre as suas.

“E eu, você... Moirai nos mostrou muitas coisas sobre as potencialidades futuras de Mareina... E você estava em muitas delas.”

Soteira abraçou a mão de Malekai na sua, apesar de suas sobrancelhas franzidas em confusão. Seu sorriso incerto quando seu olhar captou Mors.

“A ligação entre vocês dois é… uma das mais fortes que já vi… Mas… Nakoa está viva? ”

Minha garganta parecia funcionar sobre um pouco de cascalho.

“Sim… Ele é. Nós… Realmente não concordamos em… nada.”

Soteira e Mors trocaram um olhar, algo não dito entre eles, antes que ela gradualmente assentisse, com um olhar de compaixão e preocupação.

“Entendo… Graças a Deus vocês têm um ao outro então.”

Algo parecia forçado em suas palavras, e ela forçou um sorriso que não correspondia aos seus olhos. Isso me deu uma sensação desconfortável que eu deliberadamente escolhi ignorar.

“O que te mantém preso aqui?”, perguntei, desesperado para mudar de assunto e obter respostas para minhas perguntas.

Mors e Soteira trocaram um olhar tenso.

“Toda divindade que nasce a serviço de um reino está vinculada a ele, *mas* elas têm um aspecto de sua alma que as permite se dobrar de e para vários reinos - mudar de forma e energia - enquanto a maior parte ainda permanece enraizada em seu reino natal... Minha irmã, Keres, com a ajuda de um poderoso aliado, roubou essa parte da minha alma e da sua mãe para que ela possa causar estragos como quiser pelos reinos sem nossa interferência... Se tentássemos deixar meu domínio sem ele, a conexão de nossa alma com este reino seria cortada... Não seríamos capazes de retornar até que morrêssemos como mortais... E então, seria tarde demais porque Avernus, junto com todos nele, teria sido destruído... Para resumir.”

Felizmente, Malekai estava me segurando, ou eu teria cambaleado.

“Como posso encontrá-la?”

A expressão de Mors endureceu, transformando suas feições calorosas em algo frio e severo, parecendo muito mais com o que eu esperava que o Deus da Morte parecesse.

“Você não,” ele disse firmemente, “Ela conhece apenas violência e ódio. Se ela te encontrasse…” Suas palavras flutuaram, a garganta trabalhando em uma engolida áspera enquanto ele balançava a cabeça. “Eu não quero imaginar o que ela faria com você.”

“… Mas isso significa… Você ficará preso aqui. *Para sempre.* ”

Mors riu. “Quando você tem a minha idade, aprende que muito poucas coisas permanecem inalteradas por toda a eternidade. Tenho certeza de que um dia, o destino seguirá seu caminho e os pythoi que são meus e seus—

“Pythoi?”

As sobrancelhas de Mors se franziram com cautela.

“No sonho que você me enviou… Havia um pythos…” Meus olhos dispararam entre os dois, “Só um.”

Mors, com o maxilar cerrado, trocou outro olhar com Soteira.

“Eu nunca lhe enviei nenhum sonho de um pythos.”

As palavras de Malekai foram mais uma declaração do que uma pergunta.

“Seu irmão…”

Mors fez uma careta, com as mãos em punho ao lado do corpo.

“Sim… Meu irmão… Intrometido, idiota.”

Somnus. O Deus dos Sonhos.

Foi assim que ele me enviou aquele sonho todos esses anos.

“Ele sabe onde fica…”

Mors balançou a cabeça com raiva. “Provavelmente, considerando que ele pode entrar na mente subconsciente de qualquer ser…”

“Ele está em Bellorum?”

“Provavelmente não, e você não deve tentar encontrá-lo. Não sei por que ele lhe enviaria algo relacionado àquele pythos abandonado *por Akash* , mas Mareina, por favor... eu imploro a você...”

Dei um suspiro... Havia muita coisa em jogo com Zurie e Atratus no momento. E adicionar uma missão para encontrar Somnus, Keres e aquele pythos... Bem... Eu não estava exatamente ansioso para acumular mais cenários de risco de vida no meu prato.

Eu assenti em compreensão. No entanto, uma parte de mim rezou para que ele não me pedisse para fazer nenhuma promessa.

Felizmente, o que quer que ele e minha mãe tenham visto em meu rosto os apaziguou. Ainda assim, ela franziu a testa.

“Quando foi a última vez que você se alimentou?”

Malekai bufou uma risada. “Ela parece ser uma otária por masoquismo porque sou *constantemente* forçado a fazer a mesma pergunta a ela.”

Soteira e Mors franziram o cenho.

“Por que você causa esse sofrimento a si mesmo?” Soteira perguntou. “Enquanto estiver naquele mundo, você precisa de sangue para sustentar você e seu poder. É por isso que escolhemos sanguinati para criá-lo.”

Eu não tinha ideia de como ou por que eles escolheram especificamente meus pais adotivos, mas... eu tinha perguntas sérias. Perguntas que teriam que esperar.

O reinado de Zurie chegaria ao fim *amanhã.* E Nakoa provavelmente estava destruindo a vila procurando por mim.

Porra.

Isso não ficaria bem.

Olhei para Malekai antes de voltar meu olhar para meus pais.

“Eu vou me alimentar. Não se preocupe… Mas nós deveríamos ir…”

Os olhos de Mors pareciam quase suplicantes. De coração partido por eu estar indo embora depois de ter acabado de chegar.

“O tempo aqui é diferente do que em Bellorum… Você está aqui há meros minutos, e apenas alguns segundos podem ter se passado lá…”

A culpa atingiu um ponto desarmônico em meu coração.

“Mesmo assim… Estou exausto, e levei vinte minutos para chegar aqui. Quando voltarmos, Nakoa pode já ter destruído a taverna… E amanhã é… Um grande dia.”

Mors e Soteira assentiram em compreensão, embora nenhum dos dois tenha me pedido para elaborar. Agradeça *Akash* .

“Bem, pelo menos pegue um pouco do nosso sangue. Isso vai te fortalecer.”

Eu recuei um pouco.

Eu nunca me alimentei do meu pai. Sanguinati, e aparentemente divindades, não precisavam de sangue para sobreviver até que sua magia amadurecesse durante o início da vida adulta.

“Não se preocupe com o veneno. Ele não tem o mesmo efeito quando é entre aqueles com quem você compartilha sangue.”

CAPíTULO

CINqUENTA E qUATRO

NAKOA

Os passos furtivos fizeram meus olhos se abrirem. Eu tinha adormecido com a mão em volta do punho da adaga enfiada debaixo do meu travesseiro.

Meu peito se contorceu fortemente com a antecipação da sensação da magia de Mareina, sua presença, entrando no quarto. Não me incomodei em deixá-la saber que estava acordado. Ela provavelmente poderia discernir o fato de qualquer maneira, embora eu permanecesse imóvel e mantivesse minha respiração lenta e uniforme. O som tilintante da água me disse que ela tinha escorregado para o banho. Uma sensação de puxão no meu esterno me incitou a me juntar a ela.

Nem pensar.

Por mais breves que tenham sido nossas últimas conversas, elas me afastaram. Eu conseguia entender Mareina ficando chateada com minhas dúvidas, mas o fato de ela não conseguir ter empatia ou entender a necessidade que qualquer governante tinha de colocar seu Reino acima de tudo fez meu coração endurecer em relação a ela.

Por que ela?

Por que?

Eu ficaria orgulhoso se ela sentisse o mesmo .

Era meu *destino* governar.

Como eu poderia ser forçado a fazer isso com alguém que não reconhecia que o Reino vinha acima de tudo. Certamente acima das necessidades e desejos pessoais, não importa quão poderosos.

“O que você fará com o exército de Zurie depois que ela morrer?”

Hesitei antes de rolar, sem ter certeza se eu tinha vontade de falar com ela. Eu ansiava por isso demais, apesar da quantidade de dor que isso enviava, atravessando a corda. Distância. Eu precisava de distância dessa fêmea. Ela era uma distração desorientadora. Minha mente racional me disse que talvez fosse uma bênção esse macho dela ter aparecido.

Malekai.

Minha mente *irracional* me disse para estrangulá-lo com suas próprias entranhas.

Meus pulmões respiraram fundo, o que não me trouxe nenhum alívio.

“Eles se curvarão diante de mim ou morrerão.”

Uma pausa.

“Isso parece muito com algo que Zurie faria… Ah, espera. Deixa pra lá. *Ela fez.* Para raças inteiras de pessoas. *Que porra você está pensando?”*

Dei uma risada sem alegria. “Estou pensando que se eu deixá-los ir, eles vão começar uma revolta própria, e é apenas uma questão de tempo até que outra guerra comece.”

Silêncio ponderado.

“… Se você realmente quer a lealdade das pessoas, você as ajudará. Aqueles soldados dela não são leais a ela por amor ou respeito. É puramente por desespero e necessidade. Quase todos eles têm famílias que vivem na miséria ou estão lutando para ficar fora dela. Os cofres de Zurie estão estourando com todo o lucro que ela fez ao longo dos anos em *aetra.* Por que você não dá um pouco desse dinheiro a eles, não para *comprar* sua lealdade, mas como um gesto de boa vontade de que você cuidará melhor deles do que Zurie cuidou. Seria uma quantia insignificante em comparação com o que ela possui. Prometo eles o que você prometerá aos Kahlohani. Eu sei que o povo de Atratus nem sempre foi seu povo, mas certamente é agora. Ou pelo menos será depois de amanhã. E matar aqueles que se recusam a se juntar a você só justificará a desconfiança e a reticência de qualquer um em se juntar a você.”

É por isso que ela está destinada a ser sua Rainha, sussurrou Meu Saber.

Ela estava certa. Eu ainda estava pensando com uma velha raiva e vingança contra pessoas contra as quais eu tinha lutado desde que eu tinha idade suficiente para empunhar uma espada.

Um peso indesejado se acomodou em meu peito. Deitado de costas, virei minha cabeça para encontrar seus olhos verdes brilhando no escuro, já fixos em mim.

“Você está certo… Vamos tentar isso então.”

Ela não disse mais nada, e eu não tinha mais nada a dizer. Rolei de novo, de costas para ela, embora ainda pudesse sentir seus olhos em mim. A água espirrou enquanto ela rapidamente terminava de se banhar e então se levantava para se vestir.

Quando seu peso se acomodou do outro lado da cama, as palavras me deixaram antes mesmo que eu tivesse pensado nelas. Como se alguém ou alguma outra coisa as tivesse tirado de mim.

“Sinto muito, Mareina.”

CAPíTULO

CINqUENTA E CINCO

MARINHA

O Fora do meu corpo zumbindo com magia depois de beber de meus pais, nossa viagem para a caverna, escondendo a entrada em túnel para o palácio de Zurie, foi tranquila. Nossa manhã tinha sido tranquila, como se todos estivessem silenciosamente repetindo todas as possibilidades de como o dia de hoje poderia se desenrolar. Ou pelo menos era isso que eu estava fazendo. Embora minha mente repetisse especificamente o melhor cenário possível. Eu me recusei a cair em espiral nas inúmeras armadilhas mortais do fracasso. Antes de qualquer batalha, eu sempre focava minha mente em visualizar a vitória. Isso sempre me serviu bem.

Escondida sob uma parede de videiras que cresciam da pedra, sugando a umidade que escorria das montanhas cobertas de neve ao redor, a porta do túnel parecia nada mais do que a parede de pedra da caverna. Murmurei as antigas palavras fae que Miroslav me ensinou depois que fui promovido a Irae de Zurie. Imaginei que ele já tivesse visto esse exato momento em que eu precisaria delas.

Uma certa calma tomou conta de mim quando a porta apareceu. Como se depois de todos esses anos, completamente intocada, se as densas teias de aranha no túnel fossem alguma indicação, tivesse sido colocada aqui só para nós. Para esse propósito...

Uma chama ganhou vida na palma da mão de Nakoa quando ele deu um passo à frente.

Isso era novidade.

Ao ver minha testa franzida, ele deu de ombros.

As teias de aranha no túnel eram tão densas que eles mal conseguiam cortá-las com suas espadas.

Um arrepio percorreu meu corpo ao imaginar todas as aranhas e outras criaturas com muitas pernas que teriam buscado refúgio ali.

O olhar de Nakoa permaneceu fixo em mim até que algo nele mudou de repente, e ele cambaleou para trás, bem de leve. Não tenho certeza se mais alguém percebeu. Seus olhos ficaram distantes, e seu pescoço se esticou em direção ao teto, os lábios se abrindo como se estivesse em admiração.

Para qualquer outra pessoa, pode parecer que ele está apenas olhando boquiaberto para o teto cavernoso, mas para mim... Posso dizer que ele está tendo algum tipo de visão. Posso sentir isso em minhas entranhas, e é profundamente perturbador.

Em apenas alguns segundos, ele parece voltar a si, e seus olhos voltam rapidamente para os meus. Sua garganta se esforçou para engolir, e é quase como se ele parecesse... vulnerável. Como se eu o tivesse flagrado em um momento de desamparo. Essas *visões* o atormentam cada vez mais - visões de coisas que são tudo menos agradáveis, se os olhares cinzentos repentinos

quando o dominam forem alguma indicação. Ocasionalmente, eu até o pegava falando com quem quer que seja que apareça nelas antes de retornar.

Parte de mim quer estender a mão e dizer a ele que está tudo bem... Mas não está. Estou prestes a matar *a mãe dele;* posso morrer tentando, e se eu contar a ele - isso pode aparentemente destruir tudo o que o destino colocou em prática para que possamos finalmente trazer justiça e paz a este reino.

Eu podia *sentir fisicamente* a janela de oportunidade que eu tinha para confessar a verdade sobre sua mãe para ele, lentamente se fechando bem na minha frente.

Aquela janela pareceu fechar quando seus olhos deixaram os meus, e Roderick, Val, Lokus, Famei, Pomona e Rayne se aproximaram dele. Malekai permaneceu ao meu lado, e Vesper ao lado dele.

Algo se apertou entre nós.

Bem ao lado do peso da minha culpa.

Se as coisas derem errado, esta pode muito bem ser a última vez que terei que olhar qualquer um deles na cara.

Minha alma atada incluída.

Roderick e Val já tinham começado a tirar suas roupas, mudando para suas formas Lykos. De quatro, suas cabeças ainda alcançavam o peito de Nakoa. O comportamento de Rayne era relaxado, embora suas sombras escuras se enrolassem ao redor e ao lado dele inquietamente enquanto começavam a se solidificar em seres altos, como sentinelas, com olhos brilhantes, garras longas e dentes afiados. Os pelos dos meus braços se arrepiaram quando os senti retornando meu olhar antes de se desviarem para Vesper, que os encarava abertamente, lábios entreabertos.

Pomona me deu um sorriso encantador, *dobrando-se* na minha frente como se para me lembrar que ela poderia fazer tal coisa. Ela me deu um aperto forte, murmurando em meu ouvido. "Tenha cuidado, nova irmã." Ela beijou minha bochecha antes de dobrar-se de volta para Famei, que sorriu. Seus olhos dourados e amarelos brilhando intensamente.

Lokus deu um bocejo exagerado e deu um tapinha na boca.

“Vou mandar Miroslav buscá-lo na entrada do túnel dentro do palácio assim que estiver pronto. *Akash* esteja com você.”

Nakoa me deu um breve aceno. “Vejo você do outro lado.”

Ele se virou, liderando o caminho na escuridão, e eu fechei a porta escondida atrás deles enquanto prontamente afastava a dor que queimava em nossos corações.

Parecia que nosso destino estava selado junto com ele, e não havia como saber se isso era bom ou ruim.

Eu poderia morrer *fazendo isso, e isso é tudo o que ele tinha a dizer?*

O calor calmante da mão de Malekai, pelo menos alguns graus mais quente do que qualquer um poderia naturalmente ser, deslizou sobre meu ombro. Minha magia parecia estar ronronando em resposta - a primeira ocasião desde que me alimentei do sangue dos meus pais que acalmou a

tensão em meu corpo e minha magia, que eu podia sentir enrolada firmemente e pronta para atacar.

“Pronto, *tessari mú* ?”

Eu assenti, encontrando seu olhar. “Você está?”

Um sorriso suave surgiu no canto de sua boca injustamente perfeita.

“Enquanto eu estiver ao seu lado - *sempre.”*

Meus olhos se fecharam brevemente, me confortando com aquelas palavras. E rezando para que nenhum mal acontecesse a ele nessa empreitada completamente insana.

Quando abri os olhos, olhei além dele para Vesper, que estava nos encarando abertamente com curiosidade. Embora eu não tenha encontrado nenhum julgamento por baixo disso.

“E como você está se sentindo?”

Ela parecia surpreendentemente relaxada.

“Um pouco inquieto sobre fingir ser um cadáver, mas fora isso... Pronto para acabar logo com isso.”

CAPíTULO

CINqUENTA E SEIS

NAKOA

Minha pele parecia que ia estourar. Quase tão intensamente quanto meus ombros doíam por minhas asas e magia para serem liberadas. Não apenas pelo que estávamos prestes a fazer, mas também por termos que nos separar de Mareina enquanto ela enfrentava Zurie. Por mais necessário que fosse, considerar dar a Zurie 'meu cadáver' renderia o resultado menos bagunçado, desde que conseguíssemos fazer isso. Fiquei chocado com a intensidade da minha gratidão genuína e alívio por Malekai estar com ela.

As feras de Rayne lideravam o caminho, deslizando contra as paredes enquanto caminhávamos pelo túnel que parecia mais um abismo infinito e escancarado sem fim. Mais de trinta minutos se passaram quando o menor raio de luz pôde ser visto aparecendo por baixo de uma porta à distância. O tempo todo, meu coração batia uma batida ensurdecedora em meus ouvidos, pois eu só conseguia imaginar como Mareina estava se saindo. Se Zurie já estava morto.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram e meus passos diminuíram conforme nos aproximamos, e meu *olana kah'hei* caminhava na minha frente.

Ainda empunhando a bola de fogo em uma mão, o instinto fez com que minha mão livre alcançasse o punho da minha espada.

Eu meio que esperava que uma visão me alcançasse, mas em vez disso, me virei e encontrei uma mulher vestida com um vestido cinza claro com cabelos prateados e pele escura. Ela sorriu largamente para mim, revelando um delicado conjunto de presas. Sua voz era um ronronar rouco.

"Olá."

CAPíTULO

CINqUENTA E SETE

MARINHA

Miroslav apareceu no momento em que virei a entrada do túnel para a porta novamente. Malekai deu a ele um breve aceno de reconhecimento.

“Miroslav.”

"Em geral."

Vesper o estudou cautelosamente enquanto seu olhar encontrou o dela brevemente. Nenhum dos dois falou, mas senti que algo foi trocado silenciosamente entre eles. Ele me deu um sorriso tenso que fez um fio de ansiedade serpentear por mim. Miroslav não dava sorrisos tensos. Suas expressões variavam de estoicas a *estoicas* . Então, ver algo como um lampejo de desconforto era *profundamente* alarmante.

“Como está Zurie?”, perguntei, ansioso para pular as gentilezas.

“Ainda não está morta”, Miroslav respondeu categoricamente, “Mas se você quer dizer suspeita, então não. Ela teve sua atenção consumida por um visitante inesperado.”

“Inesperado? Você não *previu* o dito visitante?”

Era uma pergunta genuína. Nada nunca pareceu ser *inesperado* para Miroslav.

Ele levantou uma sobrancelha para mim. “Eu não sou onisciente, Mareina… Sempre há fatores externos que me escapam, não importa o quanto eu procure.”

“E quem exatamente é esse visitante?” Malekai perguntou antes que eu pudesse.

“A herdeira do trono de Ishra, Thalia. A saúde do pai dela está piorando. Ela logo será rainha e veio em busca de se aliar a Zurie.”

Minhas sobrancelhas saltaram. *Bem, isso certamente não aconteceria.*

Eu não sabia quase nada sobre Ishra, exceto que ela estava envolta em uma névoa densa que causava loucura se alguém tentasse entrar com más intenções. Embora fosse conhecida por sua arquitetura notável pelo que eu tinha visto retratado em livros de história que estavam bem desatualizados. Eu só sabia de seu Rei, Nour Attía, que era dito ser descendente de um demiurgo e era um homem bastante benevolente em cima dele. Até onde eu sabia, seu Reino não via guerra há milhares de anos.

Só podíamos esperar que sua filha estivesse disposta a continuar com isso.

“Ela será um problema?”

Miroslav pareceu pensativo. “Não tenho certeza. Quando tento passar pela barreira da mente dela, sou recebido com o equivalente mental daquela névoa que cerca o continente deles. Isso também ocorre quando tento espiar seu passado e seu futuro potencial. Ela é... poderosa.”

Malekai e eu trocamos um olhar.

“Bem, vamos tentar lidar com Zurie discretamente como planejado e... Ver se podemos nos aliar a ela.”

Sem mais demora, Vesper mudou para a forma de Nakoa em segundos. Eu quase tropecei para trás enquanto o observava - *ela* - para dentro. Com minha reação de boca aberta, ela me deu uma piscadela.

Miroslav limpou a garganta. “Você precisará exibir suas asas e cauda, já que sua magia não os manteria enfeitiçados após a morte.”

"Certo…"

Um enorme par de asas escuras de umber brotou de suas costas, junto com a cauda longa e grossa de Nakoa. Vesper, carregando o rosto de Nakoa, me deu um sorriso sensual como se *soubesse* quando me pegou olhando para o apêndice e o abanou.

“Como é isso?” Ela perguntou, virando-se para modelar suas asas e cauda.

“Exato”, eu disse categoricamente.

Virei desejando uma proteção para nossos cavalos que permaneceriam aqui até terminarmos. Vesper montou em Chihiro e então gemeu enquanto se dobrava, deitando-se sobre o lado dele.

“Eu vou te cobrir, ok?”

Vesper suspirou, resignando-se ao que estava prestes a acontecer. “Sim.”

Com uma pequena dose de culpa, coloquei a mesma tela que usei em todas as ocasiões em que um cadáver deveria permanecer escondido sobre seu corpo, amarrando cada ponta com uma corda.

Meu coração disparou diante do destino que logo descobriríamos que nos aguardava.

Malekai se aproximou de mim, enrolando seu braço em volta da minha cintura e beijando o topo da minha cabeça. “Eu estarei com você em cada passo do caminho.”

Felizmente, ele estava sempre ao meu lado quando estávamos no palácio, então isso não levantava suspeitas.

Miroslav assentiu, silenciosamente colocando uma mão em nossos ombros enquanto eu pressionava uma mão no pescoço de Chihiro. Miroslav dobrou o grupo de nós em frente aos portões do palácio.

A voz de Miroslav soou num tom imperioso — um estranho retorno à única maneira que eu o tinha ouvido falar até recentemente.

“Leve o cavalo de Irae Kalini para os estábulos e alimente-o.”

Um dos guardas se aproximou, fez uma leve reverência para nós dois antes de pegar as rédeas de Chihiro.

“Depois disso, vocês podem voltar para o quartel. Estão dispensados”, acrescentou Miroslav, agarrando o saco de lona que envolvia o corpo de Vesper enquanto colocava o braço em nossos ombros novamente, nos levando em direção à entrada do palácio. Nakoa ou não, fomos forçados a descer a longa entrada com fosso carregando um *cadáver* porque ninguém

além do empregado de Zurie poderia entrar *de* fora do palácio ou de seus portões, mesmo se acompanhados.

Uma vez lá dentro, não fez diferença, exceto pelas áreas protegidas contra isso, como os aposentos pessoais ou o harém de Zurie. Os guardas estavam todos muito insensíveis às *palhaçadas de Zurie,* então ninguém piscou quando passamos carregando um saco para cadáver.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram no momento em que Miroslav nos dobrou da entrada gigante do Zurie para a cripta. Na verdade, eu nunca tinha estado aqui antes. Tochas de fogo, não luz feérica, explodiram em vida, lançando sombras em movimento contra a pedra de alabastro da cripta.

Meus olhos foram instantaneamente atraídos para o relevo de mármore do sigilo de Mors, a tocha invertida com asas... Um calor surpreendente inundou meu peito, aliviando consideravelmente meus nervos. Sua voz, de dentro do meu sonho, retornou para mim.

“… Não se esqueça de que você é tanto a morte quanto a eternidade que ganharam forma. Você nunca está sozinho. Procure-me, O Guardião da Vida, para encontrar seu lar.”

Malekai apertou minha mão, atraindo meu olhar para o dele, e me deu um sorriso secreto e conhecedor.

Como se Vesper, na forma longa e volumosa de Nakoa, não pesasse nada, Miroslav gentilmente a colocou no caixão — a plataforma onde os mortos eram expostos antes do enterro — e começou a desamarrar a corda nas pontas da tela.

"Vou te enfeitiçar para que pareça mais... morta... e ela não veja você respirando", ele murmurou baixinho para Vesper antes de se virar para mim, "Como tenho certeza de que você já planejou, diga a Zurie que você colocou magia no corpo logo após a morte para preservá-lo, para que ela não pense que isso está irradiando do corpo."

Meu olhar se desviou enquanto ele falava, observando as velhas letras esculpidas em várias dezenas de tumbas que abrigavam os membros da família de Zurie. 5 de seus irmãos morreram jovens, e seus pais, que não eram particularmente velhos, também faleceram. Mais da metade deles o fizeram em *acidentes repentinos e trágicos.*

Que sorte a sua não ter tido ninguém para desafiá-la pelo trono.

Miroslav se virou para mim e me lançou um olhar que suspeitei que pretendia ser encorajador. “Ela deve estar distraída vendo o corpo *do filho* …” Seu olhar permaneceu em mim intencionalmente.

Vesper arfou, os olhos se arregalando. Miroslav apenas lançou um olhar estreito para ela. Se a informação surpreendeu Malekai, ele era um ator soberbo.

Certo, então esfaqueie Zurie pelas costas quando ela não estiver olhando.

Eu me sentiria culpado por isso se ela não tivesse cometido genocídio em massa em diversas ocasiões, entre outras coisas.

A culpa que eu não conseguia afastar era o fato de que *eu, a alma gêmea e rainha* de Nakoa , deveria assassinar a mulher que o deu à luz sem que ele soubesse.

Uma coleira prateada apareceu na mão de Miroslav. “É isso que ela faz os homens do harém usarem. É um supressor mágico. Coloque-o em volta do pescoço dela para evitar que ela use magia, caso ela não morra instantaneamente.”

Minha pele se arrepiou quando fechei a mão sobre a coleira e a *afastei* por um tempo.

Malekai segurou meu olhar, certamente sentindo meu nervosismo crescente. Sua mão quente se enrolou em uma das minhas enquanto ele murmurava um feitiço calmante.

“Katadamna kaza, tessari mú.”

Meu coração se encheu de um amor que eu neguei por muito tempo. Embora agora não fosse o momento de declará-lo. Em vez disso, apertei sua mão, sem soltá-la, e derramei minha emoção nele.

“Katadamna kaza.”

Miroslav apareceu algumas respirações depois, uma mão descansando no meio das costas de Zurie depois de *dobrá* -la na cripta. O doce o cheiro de *aetra* exalava dela, me fazendo querer enterrar meu rosto no peito de Malekai para substituí-lo pelo dele.

Zurie não se incomodou em nos reconhecer. Compreensivelmente, pois ela viu seu *filho "falecido"* e levou uma mão trêmula à boca.

Ver qualquer emoção além de raiva ou alegria malévola em seu rosto era perturbador. Eu não tinha testemunhado tal coisa fora do que The Well tinha me mostrado quando ela ordenou a morte de Nakoa logo após seu nascimento.

Ela rapidamente fechou a distância entre eles, vindo para ficar de pé no caixão, passando seus dedos trêmulos sobre suas penas deliciosas. Suas maçãs do rosto orgulhosas, eventualmente segurando sua bochecha.

Meus olhos de repente arderam com suas palavras sussurradas. Tão baixas que eram quase inaudíveis, até para mim.

“Você era tão linda, minha querida preciosa… Sinto muito.”

Oh, deuses…

Minha garganta trabalhou para reprimir a emoção.

Mate-a, meus instintos sussurravam com urgência.

Embora seus olhos ardessem de intensidade, o rosto de Miroslav não demonstrou nenhuma expressão quando ele encontrou meu olhar.

Eu soube naquele momento que não tinha coragem de *assassinar* a mãe de Nakoa. Não sem que ele soubesse a verdade.

CAPíTULO

CINqUENTA E OITO

NAKOA

EU desembainhei minha adaga, pressionando-a rapidamente contra a garganta da mulher enquanto ela nos dobrava para o que eu só podia supor ser um dos quartos de hóspedes no palácio de Zurie. Sua reação não foi de choque nem de ofensa. Em vez disso, ela apenas sorriu de orelha a orelha. Ela parecia... *jovem.* Jovem o suficiente para estar na casa dos vinte. Embora isso não significasse nada. Ela poderia muito bem ser centenas de anos mais velha do que eu. Seu rosto em formato de coração era emoldurado por longas faixas de ondas prateadas que se derramavam sobre seus ombros delicados. Olhos cinzentos brilhantes, grandes e semelhantes a corças, eram ainda mais impressionantes por sua pele escura enquanto ela olhava para mim de sua estatura pequena, mas curvilínea. Sua cabeça só alcançava meu peito.

"Não quero lhe fazer mal. Só queria ter uma conversinha em particular… *Vossa Alteza."*

Meu olhar teria feito um espírito menor se encolher enquanto eu pressionava a lâmina com mais força contra sua garganta. Um fio de sangue pingou sobre a borda e no decote baixo de seu vestido claro.

"Você tem cerca de quatro segundos antes que eu remova sua cabeça."

"Meu nome é Thalia. Princesa Thalia Attía de Ishra. Desejo me aliar a você."

A resposta dela só serviu para me deixar ainda mais irritado.

Como diabos ela sabia?

"Tenho um grande número de outros aliados, todos eles com dons extraordinários… Estou observando você há algum tempo."

Eu fiz uma careta, finalmente removendo a lâmina de sua garganta. Ela passou um dedo sobre o sangue pingando de seu pescoço e do topo de seu seio, lambendo-o da ponta de seu dedo.

Qualquer que fosse a guerra destinada a chegar à nossa porta, ter aliados do continente seria extremamente vantajoso. O Rei de Ishra era descendente de um demiurgo. Várias gerações atrás, e agora havia sido misturado com várias outras raças poderosas , mas mesmo assim, o macho seria extremamente poderoso.

Uma visão transbordou sobre a realidade presente.

Um homem acamado com cabelos brancos e pele escura está deitado em uma cama ricamente decorada de branco e dourado. Ele olha para cima fracamente em perplexidade com olhos suplicantes. Sua voz é pouco mais do que um som áspero. Com as mãos tremendo, ele alcança uma pessoa na frente dele que eu ainda não consigo ver.

"Onde está minha filha?"

Uma voz suave vem atrás de mim.

“Estou aqui, pai.”

A visão clareia tão rápido que é possível que Thalia não tenha percebido que eu tinha desaparecido momentaneamente. Ela apenas continuou a me estudar enquanto esperava minha resposta.

“O que exatamente você tem a oferecer como aliado? E por que você veio até Atratus em busca de aliados? Certamente, há aliados maiores e mais formidáveis no continente que se juntariam a você.”

“Eu já os adquiri como aliados…”

Minha paciência já está extremamente fina. Eu praticamente podia *sentir o pânico da* minha *olana kah'hei* daqui. Minha voz sai um rosnado que só parece estimulá-la.

“Isso só me confunde ainda mais sobre o porquê de você querer se aliar? Certamente você percebe que haverá uma era de turbulência quando eu assumir o trono... Atratus é uma região pequena com ainda menos recursos.”

Não ousei mencionar *aetra* , embora ela sem dúvida estivesse bem ciente disso.

Seus dedos nervosamente torceram um pequeno pedaço de tecido na lateral de seu vestido justo. Decorado com contas prateadas ornamentadas tecidas no corpete de luta apertado que parecia estar estrangulando seus seios.

Se alguma coisa, a visão me deixou ainda mais cauteloso. Ela sem dúvida sabia o que estava fazendo. Ou pelo menos tentando.

“Meu pai adoeceu. Sem um rei ao meu lado quando eu assumir o trono, não tenho dúvidas de que membros da corte do meu pai farão tentativas contra minha vida.”

Ah, sim.

“Eu tenho uma *alma ligada*, fêmea,” eu resmungo, quase segurando o braço que deveria estar coberto com marcas *de alma ligada* . *Mas não estava.*

Fiquei irritado tanto com a tentativa dela de me *cortejar* quanto pelo fato de que isso me lembrou que minha *alma gêmea* era alguém que não queria nada comigo e não compartilhava dos ideais com os quais eu governaria.

“Uma *alma ligada* que prefere procurar a companhia de outro homem…”

Minha magia escorregou, olhos queimando pretos e asas se abrindo em suas palavras duras, mas factuais. Seus lábios se separaram em admiração enquanto ela percebia minha verdadeira forma.

"Se essa é sua tentativa de proposta, você é muito infeliz nisso", rosnei com raiva mal contida.

Sua expressão se transformou em compaixão.

“Eu… eu sinto muito. Eu só… eu também conheço essa dor. Minha própria *alma presa* também buscou outra.”

Meu queixo caiu momentaneamente, mas eu o fechei rapidamente. Em todos os meus anos, eu nunca tinha ouvido falar de tal coisa. Minha carranca suavizou.

"Verdadeiramente?"

Ela assentiu, engolindo em seco.

“É uma das *muitas* razões pelas quais te procurei.”

Balancei a cabeça enquanto tentava afastar o punho fantasma que apertava minha garganta.

“Tenho que retornar ao meu *olana kah'hei.”*

Ela assentiu em compreensão.

“Há uma última coisa.”

Levantei uma sobrancelha para ela enquanto minha impaciência aumentava.

“É sobre Zurie… Ela não é quem você pensa que ela é.”

Minha expressão ficou tensa.

"O que? "

“Zurie é... *Sua mãe biológica.”*

CAPíTULO

CINqUENTA E NOVE

MARINHA

Os redemoinhos vermelho-escuros da minha magia vazaram de mim, contorcendo-se em antecipação. Aproveitei o que restava da minha minúscula janela de oportunidade, *desejando* minha espada em minhas mãos enquanto me lançava para frente. Zurie, provavelmente graças ao seu poder já considerável e sentidos *aetra* aguçados, girou em minha direção no momento em que minha espada deslizou por seu abdômen com não mais resistência do que manteiga. Um grito gorgolejante rasgou a garganta de Zurie enquanto eu forçava a lâmina para cima, cortando seu esterno em duas metades até atingir seu coração e *desejava* que o colar de paládio deslizasse sobre sua garganta.

Choque arregalou seus olhos. Sangue pingou de seus lábios, diafragma e peito. As palavras que ela disse eram ininteligíveis antes que ela escorregasse da minha lâmina e caísse no chão. Eu mal notei quando Vesper se levantou do caixão onde estava deitada, mudando de volta para sua verdadeira forma, e olhou para Zurie com os olhos arregalados.

Minha raiva, por todo o horror que ela havia cometido e que eu havia enegrecido minha alma e cometido em seu nome, aumentou rapidamente. Eu olhei para sua forma enrugada e sangrenta, meio em choque.

Não.

Isso foi fácil demais. Algo obscuro dentro de mim ansiava por mais... *Mais* por todos que morreram por causa da ganância dela. *Mais* por causa de cada pessoa que matei por ela. *Mais* porque eu havia enegrecido minha alma para servi-la todos esses anos.

Eu tinha muita raiva reprimida para que terminasse assim.

Precisei de todas as minhas forças para não acabar com ela aqui.

Meu corpo tremia de fúria, acalmando-se gradualmente à medida que minha consciência ecoava minha decisão.

Eu daria a Nakoa a escolha. Eu lhe contaria a verdade.

Soltei um suspiro trêmulo quando finalmente me virei e acenei para Miroslav.

“Vá buscar Nakoa.”

Ele hesitou, os olhos se voltando para os meus em realização. *Ele sabia que eu ia contar para Nakoa.*

Apesar dos avisos insistentes dele e de Leilani para *não* contar a Nakoa... Ele não parecia bravo. Alguns momentos tensos se passaram entre nós.

“Este é um caminho diferente que você está escolhendo, Mareina… Tem certeza?”

A dúvida surgiu.

Sua expressão tornou-se resignada... Exausta. "Se você tem alguma esperança de..." Suas palavras foram interrompidas, balançando a cabeça como se decidisse contra isso. "Eu não posso... garantir sua sobrevivência neste caminho. É violento."

Eu tinha enegrecido minha alma o suficiente. Eu não trairia minha *alma presa* dessa forma, e violência era tudo que eu já tinha conhecido.

“Tenho certeza.”

Miroslav respirou fundo e lentamente, como se estivesse aceitando isso também, e apertou o maxilar.

“Como desejar.”

Miroslav *se dobrou* antes que eu pudesse mudar de ideia. Não que eu fosse mudar.

Malekai esfregou círculos sulistas nas minhas costas enquanto eu tentava respirar em respirações constantes. Algo como medo se apoderou de mim.

Mais violência.

“Não posso garantir sua sobrevivência.”

Quão ruim isso poderia ser? Meu pai era a Morte… Certamente…

Você tem muito sangue em suas mãos. E nem Mors pode limpá-lo.

Pelo menos nós basicamente tivemos sucesso. Totalmente ilesos…

Meus músculos, no entanto, ainda estavam tensos e preparados para *a guerra.* O tremor em minhas mãos ainda não havia diminuído.

Por que eu senti que algo mais estava por vir?

Porque Miroslav acabou de lhe dizer que você pode morrer.

Porque você está prestes a confessar, você escondeu o fato de que Zurie é a mãe dele, e quase a assassinou sem nem mesmo contar a ele.

Porque você tem uma ligação espiritual com um homem que te odeia e tentou te usar e manipular a cada passo do caminho.

O mesmo macho que estava disposto a te dar a tarefa de matar a fada mais poderosa do reino. Mesmo que fosse apenas por causa da quantidade de aetra que ela consumiu.

Miroslav retornou no próximo suspiro, *o olana kah'hei de Nakoa* a reboque. Meu coração batia tão alto que ecoava em meus ouvidos enquanto meu olhar vagava pelo grupo deles. Cada rosto está tenso de preocupação.

Onde diabos ele estava?

Meus olhos se voltaram para Miroslav, cuja testa normalmente relaxada estava franzida e seu maxilar afiado flexionado.

Antes que as palavras pudessem sair da minha boca, vejam só, Nakoa apareceu. Com uma mulher incrivelmente linda vestida com um vestido igualmente deslumbrante que deixava muito pouco para o imaginação. Meu olhar se estreitou entre os dois enquanto a raiva e o ciúme se retorciam dentro de mim, me preparando ainda mais para liberar o que quer que eu pudesse sentir crescendo dentro de mim como um vulcão de merda.

Os olhos de Nakoa *ardiam* com intenção assassina quando pousaram em mim.

"Você sabia?"

Eu me preparei para seu ataque.

"Sim."

Eu podia sentir o calor dos olhares *de olana kah'hei* . Seus olhos dispararam entre nós com confusão. Nakoa parecia que não queria nada mais do que remover minha cabeça do meu corpo. E parte de mim queria que ele tentasse, porra.

Maleki se moveu para ficar na minha frente no momento em que a cauda de Nakoa atacou meu pescoço. A espada de Malekai apareceu, nada mais que um lampejo de aço. O terço inferior da cauda de Nakoa atingiu o chão de pedra polida com um tapa molhado.

Um coro de suspiros ecoou, e os olhos de Nakoa se arregalaram ao ver sua cauda mutilada. Seu rosto se contorceu em um rictus de raiva enquanto ele se lançava em Malekai, espada na mão.

Eu poderia ter rido muito.

Ah não, não, não.

Meu corpo empurrou Malekai para fora do caminho enquanto eu erguia minha própria espada para encontrar a de Nakoa. O som ecoou com o barulho de nossas lâminas se chocando, e eu o empurrei para trás com uma explosão de força e poder que surpreendeu até a mim. Tentáculos escarlates profundos de magia vazaram de baixo da minha pele enquanto eu o *congelava* no lugar. Eu podia sentir sua magia martelando contra a minha, mas era um esforço inútil.

Todas as minhas quatro asas explodiram de seu glamour. Cada músculo do meu corpo tremeu com raiva mal contida enquanto minha mente oscilava entre liberá-la e apenas deixar tudo queimar.

Ele é sua alma ligada. Ele é sua alma ligada. Ele é sua alma ligada, uma voz distante em minha mente cantou.

Os olhos de Nakoa estavam arregalados de choque, como se ele estivesse realmente me vendo pela primeira vez.

Distantemente, eu podia ouvir e *sentir* outra magia fora da de Nakoa, guerreando contra a minha. Na minha visão periférica, eu podia ver as silhuetas dos outros batalhando contra o escudo que minha magia havia instintivamente erguido.

“Eu deveria ter matado você quando tive a chance”, ele disse asperamente, seus olhos negros cheios de ódio.

Algo profundo dentro de mim se quebrou e minha magia *detonou.*

CAPíTULO

SESSENTA

MALEKAI

Não nunca na minha vida eu tinha experimentado um nível tão intenso de terror quanto quando o sangue espirrou no interior da barreira de Mareina. Ela caiu no chão, encharcada de sangue.

Naqueles momentos iniciais, pensei…

Deuses…

Com a mão ainda trêmula, enxuguei outra lágrima.

Louvar Akash, tinha sido apenas aquele babaca de alma ligada a ela.

Embora ele tenha sobrevivido.

De alguma forma.

Por muito pouco.

A última vez que o vi, ele estava inconsciente em uma cama localizada na remota ala norte do palácio, com Thalia pairando ao seu lado e o resto de seus amigos por perto.

Miroslav tinha *dobrado* uma Zurie inconsciente em algum lugar. Eu não me incomodei em perguntar onde. Eu realmente não me importava e - embora eu ainda tivesse um desdém moderado pelo macho - se ele era alguma coisa, ele era capaz. Eu não tinha nenhuma preocupação sobre Zurie se libertar. Especialmente porque, se ela conseguisse se libertar, ele provavelmente seria o primeiro que ela mataria, considerando sua traição.

E *agora* , Mareina estava deitada na minha cama. Também inconsciente.

Miroslav nos colocou aqui com uma das curandeiras do meu exército, Bohyun. Ela não era apenas uma das curandeiras mais poderosas de todo Atratus, ela era uma das poucas pessoas no mundo em quem eu confiava. Tirar sua lealdade de Zurie não exigiu quase nenhum esforço. Não que ela confiasse ou jurasse lealdade a Nakoa.

Bohyun tinha tanta fé na política e naqueles que ocupavam posições de poder quanto eu.

O que quer dizer que *não.*

Sua lealdade estava somente com aqueles que ela amava e ajudando os mais vulneráveis - *minori* e humanos. Ela só se juntou ao meu exército talvez uma década atrás, então Mareina mal a conhecia, mas eu tinha certeza de que elas se davam bem. No mínimo, Mareina confiaria no meu julgamento para contar a essa mulher o que havia ocorrido no palácio e cuidar do corpo inconsciente de Mareina.

Nem um único arranhão marcou a pele de Mareina, além daquelas marcas de reivindicação no pescoço e no ombro dela por causa da porra do Nakoa. Eu queria voltar para o palácio só para estripá-lo. A única coisa que me impediu de fazer isso foi que eu estava com medo de deixar o lado de Mareina, *e* imaginei que Mareina não iria querer que eu assassinasse sua *alma presa.*

Mesmo que ele fosse um completo babaca.

Eu conhecia Mareina bem o suficiente para saber que ela não queria usar as marcas dele... Talvez Bohyun pudesse fazer algo sobre elas. Embora agora não fosse o momento de perguntar.

"Eu vou te pagar o triplo do que Zurie faz. *Pagou.* Para ficar aqui e cuidar dela. *Por favor."*

Bohyun soltou um suspiro enquanto se endireitava de onde estivera pairando sobre a forma dolorosamente imóvel e supina de Mareina, em torno da qual espirais de sua magia carmesim escura vazavam e se contorciam. Mesmo agora, ela se estendia em minha direção, enrolando-se em torno de um tornozelo ou braço. Quando Bohyun tentou tocá-la pela primeira vez, fios da magia de Mareina atacou para contê-la antes que eles a farejassem e suas intenções.

"Não faria sentido… Não há nada que eu possa fazer por ela… Sem mencionar… Não tenho experiência em curar *deuses."*

Meus olhos se moveram rapidamente para os dela, de Mareina. Eu não tinha dado a ela essa informação... Embora eu imaginasse que seria flagrantemente óbvio se algum healer que valesse seus dons saísse *por* aí.

"Não conte a ninguém, Bohyun. *Especialmente* não para aquele companheiro dela."

Bohyun recuou, horrorizado com a sugestão. "Eu *nunca* quebraria a confidencialidade do paciente."

Eu assenti, dando a ela um olhar de desculpas. "Eu sei... Obrigada. Você é uma das poucas pessoas em quem confio. Eu só…"

Minha garganta se esforçou bruscamente contra a emoção que a obstruía. Eu nunca tinha visto Mareina tão... *vulnerável.*

Mesmo antes de eu descobrir que ela não era sanguinati, mas uma *deusa literal*, ela sempre foi *minha* deusa. Minha porra de *rainha.* Minha guerreira.

Meu tudo.

Eu a tinha testemunhado superar probabilidades terríveis muito antes de ela ter esse poder. Nós lutamos em uma *guerra* juntos, pelo amor de Deus. E essa mulher tinha se tornado o coração e a alma de mim. Se algo acontecesse com ela, eu quebraria as portas do templo de Mors e forçaria seus acólitos assustadores a abrir aquela entrada escondida em seu reino posterior para encontrá-la.

Eu me jogaria na minha própria espada para chegar lá se fosse preciso.

Então vê-la assim…

Isso me fez sentir algo que eu nunca havia realmente experimentado antes, apesar de ter enfrentado a morte no campo de batalha inúmeras vezes.

Temer.

"Se ela fosse *realmente* sanguinati, eu diria que ela precisa se alimentar… Mas não tenho ideia de como os deuses se sustentam…"

Meu rosto relaxou ao perceber.

As sobrancelhas pretas de Bohyun se franziram.

"Em geral?"

“Quando você vir Miroslav, por favor, mande-o aqui. É urgente.”

Ela pareceu desapontada por eu não dar a ela a pista sobre a epifania que tive. Por mais que eu confiasse nela, eu não contaria *a ninguém* sobre quem eram seus pais. Assim que eu pudesse trazer Miroslav de volta aqui, na remota possibilidade de ele ainda não saber, eu simplesmente o convenceria a nos levar ao templo de Mors por causa da marca dele no pulso dela.

“Sim, senhor,” ela disse relutantemente. Eu coloquei uma pequena bolsa de moedas de ouro em minha mão e a espalmei para ela.

“Quero que você pesquise tudo o que puder sobre os deuses da cura e sua magia.

Os olhos dela se estreitaram. “Você percebe que eu tenho outros pacientes para cuidar… ”

Como Nakoa. O futuro rei.

“De fato, eu tenho. É por isso que estou incentivando você… Você *percebe* que ela é sua futura *Rainha.”*

Um olhar penetrante surgiu em algum lugar sob a expressão levemente contraída de Bohyun antes que ela levantasse o queixo e cedesse.

"Multar."

“Mandarei chamá-lo assim que retornarmos.”

"Onde você está indo?"

Em vez de responder, acenei com a cabeça em sinal de agradecimento.

“Obrigado, Bohyun. Estou realmente grato.”

O olhar furioso de Bohyun retornou.

"Em geral."

Com isso, ela se virou e foi embora.

Quando ouvi a porta da frente se fechar, finalmente soltei o ar que parecia estar segurando desde que Mareina e eu entramos no palácio.

Mareina, é claro, não se moveu um centímetro. Eu fui e desabei na cama do outro lado dela, rolando para encará-la. Minha mão deslizou sobre a dela. Parecia... anormalmente fria. Meus olhos mergulhei para observar a subida e descida constante e suave de sua respiração. Era a única coisa que me impedia de desmoronar completamente.

Meus olhos se estreitaram ao ver o sangue em seu peito. Eu tinha *desejado* que tudo desaparecesse... Alcancei o ponto onde ele aparecia entre seus seios antes de examinar a ponta do meu dedo, que não saiu com nada. Levantei levemente a camisa de linho que substituíra suas roupas de couro de luta para descobrir... escamas? De um vermelho tão escuro na pele de Mareina que eram quase pretas.

Eu me levantei sobre um cotovelo, puxando para baixo o decote solto da minha blusa para vê-la melhor. *Desejando que* meus olhos não cobiçassem seus seios deliciosos. No entanto, assim que vi o que havia entre seus seios, não foi difícil fazer isso.

Uma cobra.

Um terceiro olho descansava no centro de sua cabeça. Enquanto ainda parecia tinta em sua pele, ele se moveu. A criatura pareceu inclinar sua cabeça para me examinar, brevemente sacudindo sua língua antes de deslizar para a forma de um Ouroboros.

Olhei para ele em choque. Apertando meus olhos e abrindo-os novamente para ver se minha visão estava... falhando.

Fazia apenas alguns dias que eu tinha visto os seios abençoadamente nus de Mareina... E aquela cobra certamente não estava lá.

Embora nenhuma delas tivesse aquelas asas magníficas nas costas…

Deuses... O que mais aconteceu que ela ainda não me contou?

Não que tivéssemos tido tempo para discutir alguma coisa.

Cobri os seios dela e deitei-me novamente ao lado dela. Minha mente girando em tudo o que tinha acontecido nos últimos dias.

O *mundo* tinha mudado.

CAPíTULO

SESSENTA E UM

QUERES

Meu polegar empurrou distraidamente a *Kassarmaya* que adornava meu dedo anelar.

Eu passei os últimos 600 anos vasculhando os reinos em busca da maldita coisa, e agora que finalmente a encontrei, eu poderia fazer uma visitinha ao meu irmão e sua *esposa* . Quem imaginaria que seria apenas um pulo e um pulo de distância através do Mar de San Al-Mani... Não foi uma tarefa fácil atravessar aquela névoa de loucura que protegia toda a região.

Afastando o glamour da linda princesa demiurgo, subi os degraus do templo do meu irmão, revirando os olhos para o enorme relevo de bronze dele em toda a sua glória compassiva nas portas da frente do prédio. Com nada mais do que um toque da minha mão, o poder de quebrar a proteção *do Kassarmaya* cortou as proteções como uma lâmina atravessando a carne. Uma alegria eletrizante cortou meu rosto quando a porta se abriu facilmente. Fazia mais de meio milênio desde que eu estava em casa. Desde que eu vi minha *alma presa.*

O saguão cavernoso estava fracamente iluminado por tochas que lançavam sombras ameaçadoras. Meu escárnio alto ecoou no mármore preto e veado.

Claramente, meu irmão continuava tão dramático quanto sempre.

Isso era para ser um templo. Não um maldito mausoléu.

E era dia claro. Eu posso ser a Deusa da Violência, mas até eu apreciava um pouco de sol.

Até mesmo seus acólitos compartilhavam o amor de Mors por teatralidade. Um deles apareceu em uma porta próxima, um capuz escuro puxado sobre sua cabeça, parecendo exatamente com as representações ridículas e fantásticas do meu irmão.

Mesmo sem conseguir ver seu rosto, eu ainda conseguia *sentir* seu choque. E algo muito, muito mais doce.

Terror.

Ele tentou fugir por um corredor. Minhas asas explodiram das minhas costas para me impulsionar em direção a ele, espada erguida bem alto. Uma porção diagonal da metade superior do seu corpo deslizou para longe da metade inferior, ambas batendo contra o chão.

de Mors , seus *guardiões fantasmas*, saíram dos corredores escuros correndo em minha direção. Outro dos dons que o *Kassarmaya* imbuiu em seu portador era que ele também podia projetar proteções tão poderosas quanto as que ele havia quebrado. *Eu quis que* uma barreira protegida bloqueasse seu progresso. Eles não podiam ser mortos. Lutar contra eles seria como tentar lutar contra uma nuvem de fumaça.

Empurrei a barreira para trás, empurrando-os de volta para o fundo do corredor. Um em cima do outro, montes deles pressionados contra a barreira transparente. Eles bateram nela com o peso de um punho pesado e corpóreo.

Dando-lhes um sorriso vitorioso, parei em frente ao muro de pedra onde a porta para o reino do meu irmão estava esculpida, escondida por sua magia.

Com uma carícia da minha mão anelada, a pedra bloqueando a porta desapareceu. Assim que estendi meu pé para descer os degraus, um som de arrepiar os cabelos, como uma faca de carne guinchando contra porcelana, atingiu meus ouvidos.

Fiz uma careta para o ofensor *Pharalaki.*

“Pare com isso.”

Como se eu os tivesse encorajado, todos eles começaram a correr dedos com garras contra a barreira. O som era tão estridente que fez meus joelhos quererem dobrar. Eu rosnei, pressionando minhas mãos sobre meus ouvidos enquanto descia rapidamente a escadaria de pedra em espiral.

No momento em que pisei no solo de *Elysio Agaro* - um dos muitos paraísos que Avernus tinha a oferecer - pela primeira vez em 600 curtos anos, senti que podia respirar novamente. Como se um peso tremendo tivesse sido tirado dos meus ombros. Não permiti que a visão da pequena casa perfeita do meu irmão com pequenas e pitorescas baforadas de fumaça girando suavemente no ar contra a brisa suave arruinasse o alívio que senti por finalmente ter retornado.

Finalmente.

Lar doce lar.

Levantando levemente a saia do meu vestido, eu caminhei pela grama alta e sedosa. Saboreando a sensação dela contra minha pele. Eu ansiava por apenas ficar aqui em paz, olhar para as nuvens e apenas deixar o mundo girar ao meu redor até que fosse consumido pela entropia.

Talvez então eu tivesse paz.

Talvez então essa sede insaciável por vingança e violência finalmente me deixasse.

Talvez então eu não precisasse sentir a ferida cavernosa e aberta da traição que ficou em meu peito pelos últimos 600 anos, inflamando perpetuamente.

Lágrimas de raiva justificada queimavam meus olhos enquanto eu marchava pela grama, incapaz de aproveitar a bela sensação de finalmente retornar para casa.

Minha respiração ficou presa no peito ao ver Soteira, minha *alma atada,* regando as plantas do lado de fora de sua casa. Como se a corda que uma vez nos uniu como companheiros predestinados ainda existisse entre nós, seu olhar se ergueu do outro lado do campo para encontrar o meu. O jarro de cerâmica com água em sua mão escorregou e se espatifou no chão.

Afastando a emoção molhada que manchava meu rosto, dobrei-me na frente dela, e ela cambaleou para trás. Segurei-a pelo pulso.

"Keres," ela suspirou, o peito arfando em choque.

Precisei de tudo dentro de mim para manter a compostura. Ainda segurando-a, puxei-a contra mim. E apesar de 600 anos de traição, os picos dos meus seios ainda se esticavam em direção a ela, e meu núcleo ficou escorregadio com minha excitação enquanto seu cheiro enchia meu nariz e meus seios roçavam os dela.

Meus lábios se curvaram de prazer com o leve cheiro de sua própria excitação. Isso me trouxe uma quantidade considerável de satisfação de que eu ainda pudesse afetá-la dessa forma. Mesmo sabendo que ela era leal ao meu irmão, apesar do fato de que ele havia destruído *tudo* .

Afastei esses pensamentos.

"É ótimo ver você de novo, querida."

"Como você… Você—

Levantei minha mão, balançando meus dedos anelados para ostentar o *Kassarmaya*. Era uma coisa de aparência bastante simples - uma simples pedra preta polida de *Akash* sabia qual reino, encaixada em um simples engaste de prata. Mas imagino que essa era a intenção do *demiurgo* que o havia criado. A única característica discernível era a runa brilhante no *interior* do anel.

Mesmo assim, seus lábios se abriram em reconhecimento.

Como se tentasse invocar Mors, seu olhar nervoso se voltou para o ambiente ao nosso redor.

"Ele não está em casa, está?"

Eu já sabia a resposta. Graças aos meus aliados, eu sabia que ele não estaria em casa até que fosse tarde demais.

A garganta delicada de Soteira mergulhou.

No momento em que virei as costas para ela e entrei na casa deles, minha máscara de diversão se despedaçou. Eu me preparei para o que estava prestes a fazer.

Você consegue, Keres. Você expulsou inúmeros seres de suas formas mortais. Não existe morte. Parcialidade é para os fracos. Esse é o único jeito.

A visão da lareira idiota e aconchegante de Soteira e Mors e de todas as pequenas bugigangas preciosas decorando a lareira foi o suficiente para fortalecer minha determinação mais uma vez.

Soteira e eu já tivemos uma lareira e uma prateleira decoradas assim.

Forçando uma leveza que não sentia, virei-me para encará-la.

"Sabe… Eu vi uma coisa horrível hoje…"

Soteira era abominável quando se tratava de guardar suas emoções. Por mais aterrorizante que essa pequena deusa pudesse ser quando provocada, ela tinha um coração de merda . Não importa o quanto ela tentasse fingir o contrário, eu sabia que ela tinha sentido minha falta todos esses anos. Era o jeito de *uma alma ligada.*

Mesmo que meu irmão tivesse cortado nossos laços.

A compreensão iluminou seus olhos com *medo.*

Ah, sim, meu precioso companheiro. Sua traição realmente não conhece limites.

“ Eu vi uma fêmea hoje… Ela tinha asas *de tirar o fôlego* …”

Havia apenas um punhado de seres que tinham asas como as nossas. Pretas e ostentando quatro delas em vez de duas.

Sua testa endureceu, seus olhos escureceram com a promessa de violência.

Lá está ela.

Meu sorriso se alargou e meu coração disparou com a confirmação tácita.

“O que você fez?” Ela fervia, o poder crepitando nas pontas dos dedos.

Dei a ela um olhar de falsa ofensa. Eu era mesquinho o bastante para aproveitar a visão de sua ira mal contida. Afinal, era o máximo que eu tinha conseguido dela em 600 anos.

“Minha querida, você me *fere* . Que razão eu tenho para desejar um grande mal à minha própria sobrinha?”

Sua mandíbula se contraiu furiosamente. Eu ri de alegria. Era *bom* estar certo *pela* primeira vez. Eu tinha todos os motivos do mundo para tirar algo precioso do meu companheiro e do meu irmão depois de tudo o que eles fizeram comigo.

“Eu tenho… um acordo que gostaria de fazer com você.”

A sugestão foi recebida com desagrado.

“Você se lembra de como eu roubei aquela pequena centelha da sua alma e a coloquei naquele pythos, prendendo você aqui por toda a eternidade?”

Ela rosnou. Foi adorável.

“*Bem...* ouso dizer que gostaria de devolvê-lo.”

“Por que tenho a sensação de que, seja qual for a estipulação que você tenha vinculado a esse acordo, não vou querer ter nada a ver com isso.”

Meu sorriso ficou tão largo que minhas bochechas doeram.

“Oh, meu amor… Homens de pouca fé. *Claro que* sim. Essa é a melhor parte.”

Eu podia *sentir* sua raiva crescendo.

Não importa.

Eu sabia que ela não tinha coragem de me matar.

Mesmo que isso seja o melhor para ela.

Para os reinos, uma voz sombria e insidiosa murmurou dentro de mim.

“Que tal isso... Eu te darei o pythos, *e* não encostarei um dedo na sua preciosa filha... Tudo o que eu quero que você faça é...”

A última palavra pareceu ficar presa na minha garganta, e senti minha determinação rachando. Lágrimas arderam em meus olhos, e de repente tive que me afastar dela.

A pressão na sala pareceu diminuir um pouco quando comecei a andar de um lado para o outro em frente àquela lareira esquecida pelos deuses.

A emoção obstruiu minha garganta. Cada palavra que eu falava saía com fervor crescente, minhas exigências terminando em um grito.

“ *Você* vai beber do Rio Oblivion, *eu* vou quebrar seu pythos, e *nós* vamos ficar juntos, porra!”

Só tinha uma pequena parte que eu tinha omitido, mas... não consegui falar em voz alta.

O olhar de Soteira suavizou-se.

“E se eu não fizer?”

Fiz uma careta, incapaz de manter minha farsa de diversão por mais tempo.

“Você quer que sua filha viva feliz e livre, não é?”

O olhar de Soteira endureceu novamente, e eu não consegui mais suportar.

" Por 600 anos, você me forçou a fazer isso. Você não pode me olhar desse jeito", eu fervia.

Ela continuou assim mesmo.

Saí pela porta da frente. O som de passos suaves ficou atrás de mim.

Meu lábio inferior tremeu em deslealdade. Eu estava tentando *pra* caralho manter a compostura, e a maldita coisa insistia em ceder agora que estávamos tão perto pra caralho.

Soteria seguiu atrás de mim em direção ao The River Oblivion, localizado a poucos metros de sua casa. Quando me aproximei, virei-me para ela, sem lhe dar as costas. Para que ela não me empurrasse para dentro, frustrando todo o meu plano sangrento. Ela teve a audácia de parecer desapontada ao se aproximar de mim.

Eu desejei o pythos para minha mão. Era terrivelmente bonito. Como meu companheiro. Uma pena quebrá-lo. *Eles.* Seus olhos se arregalaram ao vê-lo. Eu desejei uma caneca de café para minha mão livre, passando para ela.

Ela hesitou, olhando para a coisa como se ela a tivesse ameaçado.

“A menos que você prefira tomar um banho?”, perguntei, a voz cheia de impaciência e sarcasmo para mascarar meu coração partido.

Ela pegou a caneca antes de se agachar na beira do rio. Uma mão trêmula pegou cuidadosamente a água azul-clara brilhante do rio. Meu coração batia furiosamente em meus ouvidos.

Ela me esqueceria. Ela esqueceria de tudo.

Incluindo meu irmão.

Seus olhos, cheios de lágrimas e resignação, fitaram os meus.

Se eu não a forçasse a reencarnar, ela começaria a se lembrar, pouco a pouco, talvez no espaço de uma ou duas vidas humanas... O que era um piscar de olhos para pessoas como nós. E aquele olhar em seus olhos me disse que ela sabia disso. E tudo isso não resultaria em nada além de mais mágoa e traição.

Minhas palavras saíram pouco mais que um sussurro em uma risada quebrada diante do ridículo de tudo isso. Minha emoção escorrendo pelas minhas bochechas, em exposição para ela.

"Senti a sua falta."

Ela me estudou por vários momentos como se estivesse tentando memorizar cada detalhe. Cada característica.

Ela deu de ombros, impotente, soltando uma risada suave e sem alegria.

“Senti sua falta, Keres. Não houve um dia sequer que eu não sentisse.”

Precisei de todas as minhas forças para não desmoronar.

“Pelo menos agora não terei mais que me sentir assim”, ela acrescentou tristemente.

Soteira levou a xícara aos lábios e rapidamente a jogou de volta.

O pythos na minha mão quebrou.

Um olhar atordoado e exausto surgiu no rosto de Soteira enquanto ele se enrugava em confusão. Tremores sacudiam todo o meu corpo enquanto eu andava em sua direção. Ela tropeçou, deixando cair o copo, e novamente, eu a segurei.

Ela olhou para mim com aqueles grandes e lindos olhos verdes pelos quais me apaixonei desde o momento em que a vi.

“Olá, anjo,” murmurei suavemente. Tristemente.

Sua testa franziu em confusão antes de relaxar ao me ver. O calor do meu amor inundou meu peito e pareceu derramar para fora de mim como se tentasse nadar a distância entre nós, mesmo sem a corda para nos prender.

Ela também sentiu isso.

Sua voz estava sem fôlego com algo parecido com reconhecimento.

"Oi."

Lentamente, inclinei-me para perto.

Ela permitiu. Um instinto involuntário a fez até inclinar a cabeça para trás como se fosse expor a garganta para que eu a marcasse. De novo. Meu olhar caiu para o pescoço dela, onde minhas marcas de reivindicação ainda eram visíveis.

Fechei a pequena distância entre nós, pressionando meus lábios nos dela. Um suspiro a deixou, e ela se abriu instantaneamente para mim. Ela tinha gosto de meu primeiro gole de água depois de atravessar o maldito deserto por muitas vidas. Meu coração inchou tão poderosamente, com amor e alívio avassaladores, que tive que sufocar um soluço.

Minha respiração estremeceu, e eu sabia que se hesitasse um momento a mais, não conseguiria prosseguir. E se não o fizesse, meu irmão a caçaria e a roubaria de mim outra vez.

Eu *desejei* minha adaga em minha mão. A adaga que *ela* me presenteou todos aqueles anos atrás.

Coloquei-a entre nós, e ela perfurou seu peito, seu coração, com facilidade, graças à magia com que havia sido infundida.

dela .

Do tipo que mata deuses.

Soteira caiu em meus braços e eu desabei, apertando-a contra meu peito.

Breve.

Ela reencarnaria sem nenhuma lembrança de qualquer dor e sofrimento. Da traição.

Dele.

E eu a encontraria porque ela era a outra metade da minha alma, mesmo que não estivéssemos mais ligados.

CAPíTULO

SESSENTA E DOIS

MORRER

" C

ei, se não é Grigori Rozenkra, meu pequeno príncipe de gelo favorito… Que delícia ver você aqui. Como você está, querida? Se mantendo aquecida?" "

A silhueta cinza e curvada era toda de ângulos agudos e ossudos, envolta em pouco mais que um saco de estopa, embora ele estivesse sentado em um monte de neve no topo de um pico de montanha com ventos gelados que poderiam congelar suas sobrancelhas.

Ele não se preocupou em se virar.

"Todas essas pessoas… eu… eu… *crianças."*

Meus ombros caíram de decepção.

Grigori passou os últimos 150 anos habitando o pico desta montanha, buscando abrigo em uma caverna gelada à noite, quando o vento e a neve se tornavam insuportáveis.

"Eu posso sentir a dor deles. O sofrimento deles," ele continuou lamentavelmente. Voz vacilante e falha.

Mais frequentemente do que não, na religião e na mitologia, as pessoas erraram quando se tratava do que imaginavam ser o inferno. Tortura e prisão infligida por demônios e outros monstros sanguinários.

O pensamento me faria rir se meu pau não estivesse prestes a se quebrar como um pingente de gelo neste lugar abandonado *por Akash* .

Não, não. Certamente, demônios e coisas do tipo poderiam ser encontrados em Avernus, meu submundo, mas não para servir ao propósito de infligir tortura e prisão... Tais coisas pertencem aos chamados reinos *vivos* . E aqueles que infligiram dita tortura, fossem 'demônios' ou não, eram os arautos do carma e... da escultura, por assim dizer.

Eles empunhavam a ponta afiada do karma sobre aqueles com ou que já tiveram caminhos perversos. *Ou*, guiados por sua própria maldade, eles involuntariamente ajudaram a afiar e esculpir a força e a compaixão de suas vítimas.

A dor e o sofrimento que eles infligiam poderiam um dia levar à ação altruísta, valor, sabedoria e crescimento de suas vítimas. Assim como o corpo de um guerreiro não se tornava habilidoso e endurecido por ficar sentado em um campo de flores por todos os seus dias, nem aqueles que estavam destinados à grandeza.

Quando uma alma vinha para o outro mundo depois de ter vivido uma vida que girava em torno de infligir sofrimento aos outros, eu não a

torturava. Nem empregava nenhum *demônio* para fazer isso. Eu não precisava.

Eles fizeram tudo sozinhos.

Depois que uma alma falecesse, haveria um período de purgação, onde eles teriam que experimentar toda a dor e sofrimento que a alma infligiu aos outros durante sua última vida. E quando eles reencarnassem, eles estariam no lado receptor de suas antigas transgressões.

Por outro lado, se eles levassem uma vida ajudando ou beneficiando os outros de alguma forma - seja fazendo as pessoas rirem atrás do balcão de um café ou resgatando alguém de um prédio em chamas - aquela alma pôde experimentar todo o amor e alegria que eles trouxeram aos outros.

E o príncipe Grigori aqui, infligiu *muito* sofrimento em sua vida real.

Isso, é claro, não tinha nada a ver com o motivo pelo qual eu tinha vindo a esse deserto miserável e congelado para visitá-lo. Embora até *ele* tivesse uma beleza própria, ainda que dura, com seus impressionantes picos de montanhas cobertos de neve, vistas, lagos congelados e vales extensos.

Odeio esse frio do caralho.

Minhas pernas meio congeladas protestaram quando me forcei a avançar e me agachei ao lado dele.

“Oh, olha! É sua fruta favorita…”, anunciei esperançosa, rezando para que ele me pedisse para levá-lo para algum lugar abençoadamente *quente.* Sua cabeça finalmente se virou enquanto eu *colocava* uma manga em minha mão como oferenda.

O rosto do homem tinha uma camada irregular de lágrimas congeladas endurecidas em suas bochechas. Ele não tinha mais cílios ou sobrancelhas. Eles estavam congelados há muito tempo. Seus lábios rachados e com bolhas. Seus dedos eram pouco mais do que tocos pretos e azuis.

Um lampejo de desejo passou pelo seu rosto.

Apenas deixe ir, apenas deixe ir, apenas deixe ir, eu cantei silenciosamente para ele em incentivo.

150 anos de congelamento até a morte já eram sofrimento suficiente. Eu conhecia cada um dos crimes mais hediondos de Grigori, e diria que ele já havia cumprido sua penitência. Eu podia sentir a dívida cármica de cada alma, e mesmo que tivesse sido paga por meio do expurgo e do sofrimento autoinfligido em lugares como as Montanhas Kurian... Às vezes, eles se apegavam ao sofrimento por medo. Hábito. Familiaridade. Segurança, por incrível que pareça.

Porque pelo menos se estivessem aqui, eles não teriam que dar o salto de fé necessário antes de beber as águas do Rio Oblivion e serem enviados de volta ao desconhecido, onde eles podem voltar aos seus velhos hábitos por causa da ignorância, influência e circunstância.

Dependendo do estágio de evolução em que sua alma estava, era uma possibilidade... mas, eventualmente, cada alma estava destinada a ascender e retornar ao nosso *verdadeiro lar.* Em todos os meus anos, agora quase um éon...

Eu tinha muitas transgressões para contar…

Quando chegasse a minha hora, eu acabaria num lugar como este?

Torturando-me até que *Akash* devorou o mundo mais uma vez, e todos nós retornamos ao seu seio cósmico.

Se eu tivesse aprendido alguma coisa ao longo dos incontáveis milênios, observando um número infinito de almas que sofreram os efeitos de suas iniquidades ou saborearam as muitas recompensas de suas virtudes... Foi que cada ato - seja feito por amor ou malícia - foi devolvido a você.

Sua hora está próxima, Deus da morte, aquela voz silenciosa sussurrou em minha mente.

O medo apertou meu coração com sua mão ossuda e implacável.

Tentei bloquear isso quando o olhar de Grigori levantou para o meu, sua língua meio congelada serpenteando para lamber seus lábios ressecados.

“Que tal irmos para algum lugar quente? Que tal uma praia agradável, hm?” Eu ofereci, observando sua forma frígida, “Ou talvez descongelar em uma fonte termal agradável…?”

A expressão de Grigori fechou-se mais uma vez, e eu sabia que ele não aceitaria minha oferta. Ou a manga.

Com certeza, um momento se passou, e ele soltou um suspiro, voltando seu olhar para a paisagem implacável além da vista.

Gemido.

Meus dentes batiam enquanto eu afundava ao lado dele.

“Vim pedir um favor, Majestade.”

Silêncio.

“Preciso que você me ajude a encontrar algo. Ou algo *s,* melhor dizendo.”

Grigori, mesmo em seu estado mais enfraquecido, *ainda era* o vidente mais poderoso a agraciar Arvernus em pelo menos um milênio.

Ainda mais silêncio.

“Significaria muito para mim e minha esposa. E para nossa filha.”

O olhar de Grigori voltou-se para o meu, seus olhos azul-acinzentados de repente brilharam com vida. Com esperança.

Eu sabia que mesmo que eu lhe oferecesse alívio para seu sofrimento, ele me recusaria. Ele diria que era isso que ele merecia.

Mas o que ele desejava era *redenção.*

A voz do príncipe continha uma repentina centelha de esperança.

"Filha?"

“Sim… Ajudar-me permitiria que minha esposa e eu nos reuníssemos com ela. Isso nos traria uma tremenda alegria e realização.”

Por que o macho praticamente tinha estrelas nos olhos.

Até agora, eu nunca tinha notado o quão deslumbrantes elas eram. Eu me perguntava se, por baixo de todo o congelamento, fome e auto-aversão, havia um macho bonito em algum lugar ali.

Um sorriso trêmulo abriu seu rosto, olhos brilhando com lágrimas não derramadas. Depois de todo seu tormento e sofrimento, vê-lo assim pela

primeira vez foi realmente uma visão de tirar o fôlego. Tanto que meus próprios olhos começaram a arder quando vi seu sorriso contagiante.

Grigori jogou os braços em volta de mim, me jogando para trás na neve, e eu não consegui deixar de rir.

Meus braços abraçaram seu corpo aparentemente frágil, e quando ele finalmente se afastou de mim, me levantando com um aperto surpreendentemente forte, havia lágrimas de alegria derretendo o gelo que cobria seu rosto.

“O que exatamente você está procurando?”

“Dois pythoi. Minha irmã, Keres, os escondeu em algum lugar.”

“O que tem dentro deles?”

“Uma fração da minha alma e da alma da minha esposa.”

Se ele ainda tivesse sobrancelhas, elas teriam saltado em direção à linha do cabelo.

“Bem… Deixe-me… Vou ver o que vejo, suponho.”

Dei um aperto no braço dele em gratidão, revirando o estômago quando ele pareceu pouco mais que um osso do úmero. Ele estendeu uma mão grande, calejada e rachada, virada para cima, entre nós.

“Às vezes ajuda se eu puder me conectar com você e suas memórias, mesmo que elas não estejam diretamente ligadas aos objetos em questão.”

Segurei sua mão, apertando-a levemente com gratidão e entusiasmo.

Os olhos de Grigori se fecharam, e eu não consegui evitar o desvio dos meus olhos, observando sua estrutura ossuda e seus pés descalços. A visão por si só era dolorosa.

“Eu só vejo um…”

Levantei a cabeça bruscamente e vi seus olhos ainda fechados e a pele da testa franzida em concentração.

"O que?"

Deuses.

Talvez minha irmã estivesse guardando o píthos de Soteira na mesa de cabeceira.

Provavelmente.

Ele balançou a cabeça, trocando de um pé para o outro na neve como se tivesse pisado em algo pegajoso. Sua voz ficou ofegante. Outro sorriso vacilante.

“Estou em pé na água morna… *Akash todo poderoso, esqueci como é essa sensação.*.. Mas estou em uma caverna. É… pequena… Ou talvez parte de uma maior, porque a água não está parada. Está batendo nos meus pés como se eu estivesse em pé na praia… Mas eu a vejo. Lá atrás. Está em um pedestal de pedra…”

Grigori deu pequenos passos estacionários na neve, um fragmento do que estava ocorrendo em sua mente e... onde quer que ele estivesse. Ele levantou sua mão livre como se tentasse bloquear um clarão.

“Está tão claro que tenho que proteger meus olhos… É como tentar olhar diretamente para o sol.”

Batidas de asas ecoavam no ar lá de cima, e eu me virei para encontrar Lathrimos voando em nossa direção.

“Vossa Graça... Perdoe-me pela perturbação, mas... Há uma fêmea aqui. Ela insiste em falar com você. Por sete rotações, ela não parou de implorar a todos os seres alados que ela conseguiu encontrar em *Sosiadarap* para encontrá-lo.”

Grigori soltou minha mão, os olhos de Lathrimos baixaram diante da ação, mas ele não disse nada.

“Quem é ela?”

“Princesa Thalia Attía de Ishra… Ela afirma que foi morta por sua irmã.”

CAPíTULO

SESSENTA E TRêS

MORRER

Eu Logo depois que cheguei em *Sosiadarap, e* Thalía me informou que Keres havia roubado o *Kassarmaya* de sua família , o pânico e a raiva dos meus *Pharalaki* encheram minha mente enquanto eles me alimentavam com imagens dela invadindo meu templo. Eu voei mais rápido do que conseguia me lembrar em minha era de vida. E o tempo todo, a voz implacável da minha consciência cantava em minha mente.

É isso que acontece quando você tenta pegar o que não lhe pertence.

Sujeira saltou do chão quando pousei em frente à minha casa, deixando uma pequena cratera.

Ao chutar a porta da frente para abri-la, a madeira explodiu em lascas.

Minha voz saiu um rugido.

“Soteira!”

Mesmo antes de correr pela casa vazia, eu sabia que seria um esforço infrutífero. Eu podia sentir isso. Ela se foi. Nossa casa desprovida de sua essência. O terror encheu minhas veias como um gelo mais frio que as Montanhas Kurian.

Um punho invisível agarrou minha garganta quando eu saí correndo de casa, os olhos examinando o horizonte. Meu olhar se fixou no jarro de cerâmica quebrado no chão ao lado do canteiro de flores de papoula. Minha respiração ficou presa na garganta.

Não.

Como se atraídos puramente por algum conhecimento interior, meus pés me carregavam através das gramas altas em direção ao The River Oblivion. Uma brisa suave abriu um matagal ao longo do rio, e eu vislumbrei carne pálida e tecido azul meia-noite.

Eu poderia ter morrido ali mesmo se não fosse pela esperança de que ela ainda estivesse viva.

Uma esperança realmente tola.

"Não."

Meus joelhos me prenderam e cederam ao lado de seu corpo imóvel.

Mãos trêmulas deslizaram sobre sua carne lisa e *fria* para gentilmente rolá-la de costas. Sangue manchava seu peito e a grama abaixo. Suas feições suspensas em uma expressão feliz.

“Não… Não. Não. Não. Não… Soteira, por favor.”

Um soluço quebrado irrompeu de mim enquanto eu a pegava em meus braços. Minha cabeça se inclinou para o céu, e um rugido desumano saiu do meu peito. Eu agarrei minha esposa contra mim, enterrando meu rosto em seu pescoço para encher meus pulmões com seu cheiro pelo que seria a última vez. Seu sangue manchou meu rosto e peito no processo, mas eu

estava além de me importar. Se alguma coisa, eu queria seu sangue em mim. *Em mim.*

Pelo menos assim eu ainda teria uma parte dela comigo.

Isso era um verdadeiro inferno.

Akash não tinha necessidade de criar nenhum inferno porque não tínhamos problema em criá-los sozinhos.

Você fez isso, aquela voz rancorosa sussurrou em minha mente.

"Mors," uma voz rouca soou suavemente atrás de mim. Minha cabeça se levantou tão rápido; se eu fosse humano, teria me dado uma chicotada.

Ódio como nada que eu já tinha conhecido queimou através de mim rápida e cruelmente. Cuidadosamente, coloquei Soteira de volta no chão e me levantei.

Keres estava a apenas algumas dezenas de pés de distância. Seu rosto inchado e inchado de tanto chorar. Suas mãos e seu vestido cinza-claro manchados com o sangue da minha esposa.

Sem palavras, eu puxei minha espada, *Charon* , do nada. A mesma que Soteira tinha imbuído com sua magia.

Já fazia 600 anos desde que eu tive que realmente empunhá-lo. Em ninguém além da porra da praga de uma mulher antes de mim.

"Você vai morrer, e então eu vou ligar sua alma ao *kasma ostyra* até que este universo seja consumido pela própria *Akash* ."

Kasma Ostyra.

A Porta do Abismo.

Era um lugar onde nem mesmo a luz conseguia sobreviver. Um buraco enorme no próprio tecido deste universo, levando deste para outro. Permanecia desconhecido quais reinos ficavam além dele. Ninguém ousava chegar perto dele. Qualquer coisa que o fizesse era sugada e desaparecia. Só sabíamos que ele levava *a algum lugar* porque, por mais que consumisse qualquer coisa em sua vizinhança, ele irradiava uma magia de arrepiar a alma.

Magia que nem nós, divindades, entendíamos ou já tínhamos visto antes. Era algo completamente *diferente.*

Se eu prendesse a alma de Keres ao seu horizonte, ela passaria uma eternidade sendo despedaçada.

Em vez de medo, apenas tristeza é mostrada em sua expressão. A fúria que normalmente queimava em seus olhos se extinguiu.

"Então você ficará preso aqui comigo."

Minha raiva queimou tão intensamente que fogo divino surgiu em vida sobre minhas mãos e ao longo da lâmina da minha espada. Talvez eu a deixasse queimar até as cinzas repetidamente pelo resto da eternidade se estivéssemos presos neste reino juntos.

Ela *colocou* o pythos contendo aquele fragmento da minha alma em sua mão, acenando na direção do rio.

"Beba… E eu te libertarei."

Minha respiração parou.

“A menos que você prefira viver em agonia por toda a eternidade. O que não seria menos do que você merece.”

A esperança explodiu em vida, brilhante e nutritiva. Só uma coisa me fez parar... Se eu bebesse do The River Oblivion... Eu esqueceria minha filha... Minha preciosa filha que estava... destinada a *tanto* . Foi por isso que a mandamos embora daqui, e isso quase me matou. Eu não podia abandoná-la daquele jeito. E eu tinha acabado de encontrá-la novamente...

“Se você pensa em sua filha, não precisa se preocupar.”

Cada músculo do meu corpo ficou tenso, tomado pela raiva.

“Se você pensa em machucá-la, eu sofreria de bom grado a eternidade para evitar isso. E passaria tudo isso arrancando sua pele da sua porra de carne. Se você acha que eu ficaria entediado com tal esforço, deixe-me lembrá-la de que sou *facilmente* entretido, irmã.”

Ela soltou uma risada entediada.

“Não tenho desejo de machucá-la. Ela é meu sangue, afinal. A filha da *minha alma ligada.”*

Que pena que meu olhar não conseguiu *abrir* um buraco em seu corpo miserável.

“Como você bem sabe, ela tem uma longa e violenta jornada pela frente... Talvez você possa até ajudá-la... Se você estiver livre para vagar pelo reino, é claro.”

“Fale claramente, bruxa.”

“Juro não procurar minha *alma atada* —

“Ela não é sua alma —

Keres rugiu para a vida, seu corpo corado de fúria.

“E você teve certeza disso, não foi?”

Ela… *tinha razão.*

Fiquei em silêncio.

Keres respirou fundo para se acalmar antes de continuar.

“Jure não procurar *minha alma atada* , e se por alguma reviravolta miserável do destino - se você alguma vez cruzar o caminho dela - que você não entreterá *nenhuma* forma de relacionamento com ela. *Então* , você beberá do Rio Oblivion—

“Mas se eu jurar—

“Cale. A. Boca. *Seu espinho no meu maldito peito.”*

Ela soltou um suspiro dramático.

“E eu *não vou* te matar depois e te forçar a reencarnar. Será apenas uma questão de tempo até que você comece a se lembrar dela.”

Eu quase ri.

“Você me acha ingênuo? Você provavelmente vai me deixar abandonado no deserto ou me colocar em uma masmorra para apodrecer. E eu não terei nada *além* das minhas memórias dela para me fazer companhia.”

Keres franziu a testa como se fosse *exatamente isso* que ela havia planejado.

“Ótimo. Depois que você beber, eu vou ter certeza de colocá-lo em algum lugar *agradável* com uma bolsa muito grande de ouro—

“E Caronte.”

Minha espada era quase tão velha quanto eu e me protegeu em inúmeras guerras.

Ela revirou os olhos.

“E Charon. Completamente livre de ameaças ou danos. Você estará livre para fazer o que quiser e em um lugar esplêndido para buscar todo prazer que Bellorum tem a oferecer. Feliz?”

Não. Eu não estava feliz.

Tudo dentro de mim me pedia para arrancar a cabeça dela do corpo e dançar sobre seu cadáver imundo.

Mas isso me deixaria preso em meu próprio reino, potencialmente, pela eternidade, e minha filha, cercada por inimigos em Bellorum.

Respirei fundo, reprimindo meu coração partido. A evidência da minha dor só traria alegria a essa criatura miserável.

Cruzei os braços sobre o peito, fingindo uma indiferença que nem remotamente sentia, enquanto tamborilava os dedos indicador e médio no queixo.

“Hmmm… Não exatamente… O que mais…”

O maxilar de Keres ficou tenso.

“O que mais? Que tal eu mudar de ideia e te *afogar* no The River Oblivion, e aí não tem mais barganha!”

Meus lábios se curvaram diante da ameaça dela.

“Oh, minha querida irmã… Eu queria tanto que você tentasse.”

Não que ela *não pudesse* me vencer... Mas era um risco *considerável* para ela tentar.

Ela gemeu alto.

“Faça suas exigências, irmão. Estou *bem* entediado de você.”

CAPíTULO

SESSENTA E qUATRO

NAKOA

UM Uma dor oca, como se meu coração tivesse sido arrancado do meu peito, me acordou. Cada osso do meu corpo doía como se eu tivesse caído de uma grande altura e batido de cabeça em uma pedra. Como se meu crânio tivesse sido partido ao meio. Ainda rastejando para fora dos resquícios de um sono profundo, aquele buraco percebido no meu peito fez minha mão apertar a camisa que o cobria enquanto as memórias retornavam para mim do... *Há quanto tempo eu estava inconsciente?*

Um gemido escapou de mim.

Mãos delicadas deslizaram sobre as minhas. Não precisei abrir os olhos para saber que não era a de Mareina . A magia de Thalia roçou na minha, gentil e inquisitiva.

Cuidadoso.

O oposto da magia de Mareina.

“Ei… Como você está se sentindo?”

Murmúrios abafados irromperam ao nosso redor, e meia dúzia de outras magias pressionaram contra a minha. Meu *olana kah'hei.*

Forçar meus olhos a abrir foi como rasgar pacotes lacrados.

Demorou vários momentos de turvação para que minha visão se estabilizasse.

Thalia olhou para mim com os olhos arregalados e a testa franzida de preocupação.

Pomona passou por ela, segurando minha mão na dela. Seu rosto estava branco como papel, marcado pela preocupação. Seu cabelo brilhante tinha um halo vermelho bagunçado ao redor da cabeça, como se ela tivesse passado os dedos implacavelmente pelos fios.

“Koa… Obrigado Akash…”

Val e o resto da minha *olana kah'hei* estavam amontoados ao redor da cama, luxuosa e tão ornamentada que era extravagante.

A expressão de Val não continha nada do seu calor ou jovialidade habitual enquanto ele apertava meu pé coberto.

“Deu um belo susto na gente, irmão.”

“Tenho que dizer que os chifres combinam com você”, Lokus sorriu.

Oh deuses.

Não.

A transformação.

Val deu-lhe uma cotovelada no estômago.

“Agora você pode ser a pessoa que vai encontrar um espelho para ele, seu idiota.”

Lokus deu um sorriso maroto, *desejando* um na minha frente.

Claro que o bastardo tinha uma mãozinha.

Meu coração batia tão alto que ecoava em meus ouvidos.

Levantar aquela coisa parecia um peso de chumbo na minha mão.

Chifres pretos e curvos gêmeos, semelhantes aos de uma gazela, não muito diferentes dos que Famei possuía, erguiam-se mais de um pé no ar. Placas de osso pretas e afiadas projetavam-se superficialmente das bordas mais externas das minhas sobrancelhas e bochechas. Meus olhos mergulharam nas costas da minha mão, segurando o espelho para ver as mesmas placas salpicadas em meus dedos e antebraços e...

Ah, merda.

Deixei cair o espelho para examinar os dois.

Garras.

Eu tinha garras do caralho.

Deuses… Eu parecia um demônio criado no inferno da mitologia… Exatamente como eu tinha visto em minhas premonições… Só faltava uma coisa…

Sentei-me e balancei as pernas sobre a cama.

Thalia estendeu a mão para mim, enrolando os dedos em volta do meu bíceps para garantir que eu estava firme em meus pés. Eu não tinha certeza se deveria empurrá-la para longe porque poderia fingir preocupação em amolecer meu coração em relação a ela para que ela pudesse conseguir o que queria... Ou permitir que meu coração fosse amolecido pela ação porque era genuíno.

Não fiz nenhuma das duas coisas. Em vez disso, ignorei-a. Alguns suspiros soaram, e alguém fez um barulho de engasgo. Meu olhar caiu para a visão mutilada da minha cauda... Embora parecesse estar crescendo novamente. Graças a *Akash.*

Não, não foi isso que causou os suspiros.

Examinei o quarto, procurando por um espelho de corpo inteiro, meus olhos pousaram em um de moldura dourada, do chão ao teto, na extremidade oposta do quarto. Minha respiração saiu de mim com a visão diante de mim.

Minhas asas.

Minhas lindas asas…

Todas as minhas penas …

Perdido.

Em vez das asas que só os serafins, os metamorfos pássaros raros e as fadas estranhas que provavelmente tinham sangue híbrido dos dois...

Os meus agora eram como os de um morcego gigantesco.

Ou demônio.

Em vez de minhas penas exuberantes e lustrosas, minhas asas agora eram feitas de membranas finas e escuras, ossos finos, curvos e de aparência flexível que as atravessavam, e garras afiadas em seus picos angulares.

Eu os flexionei bem… Em partes iguais de horror e admiração. Eles pareciam... aterrorizantes.

E eu gostei.

Thalia apareceu ao meu lado, cabeça inclinada em curiosidade aberta. Ela estendeu a mão timidamente, erguendo os olhos para os meus em permissão.

"Posso?"

Um sentimento estranho invadiu meu peito.

Eu estava… nervoso?

Eu assenti, e sua pequena mão se estendeu para acariciar a delicada membrana e um dos ossos superiores.

Um arrepio percorreu meu corpo inteiro, e a excitação ganhou vida bem no fundo do meu estômago.

Ela puxou a mão para trás quando minhas asas se fecharam, dobrando-se firmemente contra minhas costas.

Porra.

“Desculpe… Eu não quis dizer isso—

Minha resposta saiu ríspida.

“Está tudo bem.”

Ela assentiu, seu olhar percorrendo-me com admiração.

“Eles são… Realmente de tirar o fôlego.”

Meu coração deu um salto no peito, e eu rapidamente afastei aquele sentimento tão caloroso e indesejável.

Deixei Thalia parada ali enquanto retornava para meu *olana kah'hei.* Meus pensamentos estavam firmemente em Mareina.

“Onde está Mareina?”

Todos permaneceram em silêncio, com o desconforto praticamente enjoativo no ar.

O medo cravou suas garras em minhas entranhas.

Finalmente, a garganta de Pomona engoliu em seco.

“Ela é… Ela…”

"Miroslav levou ela e o homem loiro para algum lugar", Thalia terminou para ela enquanto se esgueirava ao lado da minha *olana kah'hei.*

A brasa do meu ciúme e da minha raiva reacendeu-se mais uma vez.

Minha própria *alma ligada* tentou me matar? E agora me deixou por *Malekai?*

Uma enxurrada de perguntas infestou minha mente, cada uma mais louca que a outra. Nenhuma das quais eles conseguiam responder.

“E… Zurie?”

A mulher que aparentemente era minha mãe.

Pelo menos de nascença.

A mesma fêmea que eu tinha enviado Mareina para matar. A rainha que eu odiava e passei a vida inteira tentando destruir.

Tudo porque a mulher em quem eu mais confiava neste mundo, aquela que eu *involuntariamente* chamei de mãe e me criou, também mentiu para mim e ajudou a abrir caminho para que eu assassinasse a mulher que me

deu à luz. Mesmo que ela fosse uma criatura vil e merecesse morrer... *Eu merecia saber.*

E minha *alma atada* sabia.

Quão cruel foi o destino: as pessoas em quem eu mais deveria confiar no mundo mentiram para mim durante todo o tempo em que me conheceram?

"Ela está nas masmorras… Achamos que você gostaria de… falar com ela", Roderick disse gentilmente.

Tão vivo.

Não pude deixar de me perguntar se isso tinha sido deliberado ou não intencional da parte de Mareina. Embora considerando o fato de que minha companheira era uma veterana em assassinatos, achei difícil acreditar que ela cometeria tal erro.

Uma parte minúscula e traidora de mim encontrou alívio nisso. Que talvez Mareina não a tivesse matado por minha causa. E devido ao fato de que, não importa o quão horrível Zurie fosse, eu sentia uma necessidade visceral de conhecer a mulher de cuja carne eu havia nascido.

"As masmorras… *Em seu próprio palácio?"*

"Miroslav e Malekai ordenaram que os guardas do palácio se afastassem da ala oeste do palácio… A masmorra fica na ala norte. Onde estamos agora."

"Então… Ninguém sabe ainda…?"

"Não… Mas… As suspeitas começarão a surgir se não fizermos algo logo."

"Leve-me até ela."

Thalia parecia conhecer bem essa parte do palácio de Zurie. E não havia uma alma sequer à vista. Eu só podia esperar que Miroslav e Malekai conseguissem impedir que alguém fizesse perguntas por enquanto. Tinha sido uma provação tão notavelmente bem-sucedida e perfeita, parecia... Bom demais para ser verdade.

O calabouço, para minha surpresa, estava vazio. Ou eles tinham limpado os calabouços também, ou Zurie não mantinha nenhum prisioneiro.

Ela mata todos eles, sussurrou Meu Saber.

Sim… Isso parecia altamente provável.

Mesmo com a coleira de paládio que Mareina colocou em volta do pescoço, eu conseguia sentir sua magia. A coleira de paládio simplesmente a mantinha fora do alcance dela.

As celas pareciam ter sido esculpidas diretamente na pedra sob o solo onde o palácio ficava, no sopé das Montanhas Falcweard.

Sem nenhuma direção falada, fomos atraídos para a cela mais distante à direita do longo e mofado corredor. No final, havia um arco de pedra que levava a uma alcova onde uma única lança de luz iluminava o espaço. Conforme nos aproximamos, runas que eu não reconheci foram esculpidas

em um estrado de pedra no centro do chão. O feixe de luz veio de onde um buraco havia sido esculpido no teto, permitindo que a luz do sol espiasse. Algo poderoso parecia me chamar para este espaço, embora eu não tivesse ideia do porquê. Quando alcancei meu Saber, ele permaneceu completamente silencioso, como tantas vezes aconteceu ultimamente.

Relutantemente, me afastei da porta em direção à grossa porta de ferro forjado da última cela à nossa direita. Thalia colocou uma mão hesitante na porta da cela, lançando-me um olhar compassivo como se perguntasse, *você está pronto?*

Dei a ela um aceno sutil. Uma segunda olhada na porta revelou que não era nada mais do que uma barreira de ferro indicando a localização de uma cela. Em voz baixa, ela murmurou algo em fae antigo, e a barreira desapareceu. Como exatamente ela sabia precisamente quais palavras invocar era algo que eu teria que perguntar a ela mais tarde.

Não foi preciso pouco esforço para treinar meu rosto para algo friamente neutro.

Zurie estava sentada no chão, bem em frente à entrada, encostada na parede, ainda vestida com seu vestido rasgado e encharcado de sangue.

Seus olhos se arregalaram ao me ver, sua respiração parou. Depois de apenas alguns momentos de silêncio, algo que eu não imaginava que ela fosse capaz de fazer brilhou em seus olhos.

Emoção.

Ela me entregou?

Minha mente girou, tentando imaginar a vida que eu teria tido crescendo neste palácio. *Como um príncipe.*

Eu teria me tornado tão perverso quanto ela se tivesse sido criado por ela?

Finalmente consegui dar um único passo para dentro da cela. A pergunta me cortou para alcançá-la.

"Como?"

A expressão de Zurie se fechou quando ela se levantou, seu olhar se voltando para a multidão atrás de mim.

“Deixe-nos”, ela rosnou.

Se essa fêmea não tivesse sido a ruína de toda a minha existência, eu teria apreciado o fato de que nem mesmo uma masmorra úmida a despojou de seu orgulho. Thalia e minha *olana kah'hei* permaneceram exatamente onde estavam, ao meu lado. Eu podia sentir a magia delas, inquieta no ar, enquanto elas observavam.

“Caso você não tenha notado, você não é mais rainha.”

Seu maxilar se contraiu de raiva, e ela fechou os punhos ao lado do corpo.

“Temos muito a discutir, e não é para ouvidos de fora. Você deseja tomar o trono e governar como Rei? *Não confie em ninguém* . Nem mesmo na sua família.”

Quer ela soubesse ou não de mim ou da traição que veio à tona, suas palavras atingiram o alvo.

“Jure que você falará apenas a verdade explícita e clara para mim.”

Sua expressão esfriou, lábios franzidos. “Com prazer. Só se você fizer um voto em troca.”

Soltei uma risada seca. “Você não está exatamente em posição de fazer um acordo, Zurie.”

Em vez de se intimidar com a lembrança, um sorriso malicioso surgiu em seus lábios antes que ela explodisse em uma risada abrupta e sarcástica.”

“Oh, como você é extremamente ingênua. Você acha que eu não tenho poder porque você me deu esse pequeno colar?” Uma mão pequena passou a ponta do dedo pelo paládio que cobria sua garganta como se fosse uma joia preciosa. Grandes olhos azuis, como os de uma boneca, assumiram um brilho malévolo.

“Eu não preciso que minha magia seja poderosa, *meu filho* . E você faria bem em não confiar na sua também, não importa quão poderosa ela seja.”

Lancei-lhe um olhar entediado.

“Você falou muito e ainda assim não me disse absolutamente nada.”

Um sorriso malicioso retornou. “Eu *permitirei* que você tome o trono. Eu até mesmo o ajudarei a governar—

Uma risada rouca borbulhou e rapidamente aumentou. Apesar do que a inspirou, foi bom.

Zurie olhou para mim com impaciência enquanto eu enxugava as lágrimas dos meus olhos, enquanto minha risada oscilava repetidamente entre uma risada ofegante e uma gargalhada descontrolada.

“Você *já* terminou?”

O destino certamente tinha senso de humor.

“Você destruiu um Reino inteiro. Cometeu genocídio em massa em várias ocasiões… Eu simplesmente não consigo deixar de achar graça no nível de ilusão em que você deve viver para pensar que eu realmente valorizaria *sua* ajuda.”

Como qualquer pessoa verdadeiramente delirante, ela nem sequer reconheceu a verdade que eu tinha acabado de jogar na frente dela.

“Quer você goste ou não, você vai precisar da minha ajuda.”

“Dê-me uma razão para não te matar, Zurie, porque é tudo o que sonhei durante anos.”

Sua expressão quase se tornou melancólica enquanto ela me encarava, balançando gradualmente a cabeça enquanto um sorriso triste curvava sua boca. Ela soltou um suspiro, de repente parecendo como se uma onda de exaustão profunda a tivesse inundado.

“Você logo descobrirá que há muitos motivos pelos quais precisa de mim…”

Franzi a testa meu crescente tédio. Tantas palavras, mas tão pouco significado.

Ela me lançou um olhar malicioso e frustrantemente presunçoso. “Menos ainda porque sei onde seu pai está.”

CAPíTULO

SESSENTA E CINCO

MARINHA

UM Uma dor oca, como se meu coração tivesse sido arrancado do meu peito, me acordou. Cada osso do meu corpo doía como se eu tivesse caído de uma grande altura e batido de cabeça em uma pedra. Como se meu crânio tivesse sido partido ao meio. Ainda rastejando para fora dos resquícios de um sono profundo, aquele buraco percebido no meu peito fez minha mão apertar a camisa que o cobria enquanto as memórias retornavam para mim do... *Há quanto tempo eu estava inconsciente?*

Um gemido escapou de mim.

Mãos delicadas deslizaram sobre as minhas. Não precisei abrir os olhos para saber que não pertenciam a Mareina . A magia de Thalia roçou na minha, gentil e inquisitiva.

Cuidadoso.

O oposto da magia de Mareina.

"Ei… Como você está se sentindo?"

Murmúrios abafados irromperam ao nosso redor, e meia dúzia de outras magias pressionaram contra a minha. Meu *olana kah'hei.*

Forçar meus olhos a abrir foi como rasgar pacotes lacrados.

Demorou vários momentos de turvação para que minha visão se estabilizasse.

Thalia olhou para mim com os olhos arregalados e a testa franzida de preocupação.

Pomona passou por ela, segurando minha mão na dela. Seu rosto estava branco como papel, marcado pela preocupação. Seu cabelo brilhante tinha um halo vermelho bagunçado ao redor da cabeça, como se ela tivesse passado os dedos implacavelmente pelos fios.

"Koa… Obrigado Akash…"

Val e o resto da minha *olana kah'hei* estavam amontoados ao redor da cama, luxuosa e tão ornamentada que era extravagante.

A expressão de Val não continha nada do seu calor ou jovialidade habitual enquanto ele apertava meu pé coberto.

"Deu um belo susto na gente, irmão."

"Tenho que dizer que os chifres combinam com você", Lokus sorriu.

Oh deuses.

Não.

A transformação.

Val deu-lhe uma cotovelada no estômago.

"Agora você pode ser a pessoa que vai encontrar um espelho para ele, seu idiota."

Lokus deu um sorriso maroto, *desejando* um na minha frente.

Claro que o bastardo tinha uma mãozinha.

Meu coração batia tão alto que ecoava em meus ouvidos.

Levantar aquela coisa parecia um peso de chumbo na minha mão.

Chifres pretos e curvos gêmeos, semelhantes aos de uma gazela, não muito diferentes dos que Famei possuía, erguiam-se mais de um pé no ar. Placas de osso pretas e afiadas projetavam-se superficialmente das bordas mais externas das minhas sobrancelhas e bochechas. Meus olhos mergulharam nas costas da minha mão, segurando o espelho para ver as mesmas placas salpicadas em meus dedos e antebraços e...

Ah, merda.

Deixei cair o espelho para examinar os dois.

Garras.

Eu tinha garras do caralho.

Deuses… Eu parecia um demônio criado no inferno da mitologia… Exatamente como eu tinha visto em minhas premonições… Só faltava uma coisa…

Sentei-me e balancei as pernas sobre a cama.

Thalia estendeu a mão para mim, enrolando os dedos em volta do meu bíceps para garantir que eu estava firme. Eu não tinha certeza se deveria empurrá-la para longe porque poderia fingir preocupação em amolecer meu coração em relação a ela para que ela pudesse conseguir o que queria... Ou permitir que meu coração fosse amolecido pela ação porque era genuíno.

Não fiz nenhuma das duas coisas. Em vez disso, ignorei-a. Alguns suspiros soaram, e alguém fez um barulho de engasgo. Meu olhar caiu para a visão mutilada da minha cauda... Embora parecesse estar crescendo novamente. Graças a *Akash.*

Não, não foi isso que causou os suspiros.

Examinei o quarto, procurando por um espelho de corpo inteiro, meus olhos pousaram em um de moldura dourada, do chão ao teto, na extremidade oposta. Minha respiração saiu de mim com a visão diante de mim.

Minhas asas.

Minhas lindas asas…

Todas as minhas penas …

Perdido.

Em vez das asas que só os serafins, os metamorfos pássaros raros e as fadas estranhas que provavelmente tinham sangue híbrido dos dois...

Os meus agora eram como os de um morcego gigantesco.

Ou demônio.

Em vez de minhas penas exuberantes e lustrosas, minhas asas agora eram feitas de membranas finas e escuras, ossos finos, curvos e de aparência flexível que as atravessavam, e garras afiadas em seus picos angulares.

Eu os flexionei bem… Em partes iguais de horror e admiração. Eles pareciam... aterrorizantes.

E eu gostei.

Thalia apareceu ao meu lado, cabeça inclinada em curiosidade aberta. Ela estendeu a mão timidamente, erguendo os olhos para os meus em permissão.

"Posso?"

Um sentimento estranho invadiu meu peito.

Eu estava… nervoso?

Eu assenti, e sua mão pequena acariciou a membrana delicada e um dos ossos superiores.

Um arrepio percorreu meu corpo inteiro, e a excitação ganhou vida bem no fundo do meu estômago.

Ela puxou a mão para trás quando minhas asas se fecharam, dobrando-se firmemente contra minhas costas.

Porra.

“Desculpe… Eu não quis dizer isso—

Minha resposta saiu ríspida.

“Está tudo bem.”

Ela assentiu, seu olhar percorrendo-me com admiração.

“Eles são… Realmente de tirar o fôlego.”

Meu coração deu um salto no peito, e eu rapidamente afastei aquele sentimento muito quente e indesejável que inundou meu peito.

Akash, todo poderoso, eu estava de repente tão carente de afeição que fui afetado por uma completa, embora bonita, estranha?

Deixei Thalia parada ali enquanto retornava para meu *olana kah'hei.* Meus pensamentos estavam firmemente em Mareina.

“Onde está Mareina?”

Todos permaneceram em silêncio, com o desconforto praticamente enjoativo no ar.

O medo cravou suas garras em minhas entranhas.

Finalmente, a garganta de Pomona engoliu em seco.

“Ela é… Ela…”

"Miroslav levou ela e o homem loiro para algum lugar", Thalia terminou para ela enquanto se esgueirava ao lado da minha *olana kah'hei.*

A brasa do meu ciúme e da minha raiva reacendeu-se mais uma vez.

Minha própria *alma ligada* tentou me matar? E agora me deixou por *Malekai?*

Uma enxurrada de perguntas infestou minha mente, cada uma mais louca que a outra. Nenhuma das quais eles conseguiam responder.

“E… Zurie?”

A mulher que aparentemente era minha mãe.

Pelo menos de nascença.

A mesma fêmea que eu tinha enviado Mareina para matar. A rainha que eu odiava e passei a vida inteira tentando destruir.

Tudo porque a mulher em quem eu mais confiava neste mundo, aquela que eu *involuntariamente* chamei de mãe e me criou, também mentiu para mim e ajudou a abrir caminho para que eu assassinasse a mulher que me

deu à luz. Mesmo que ela fosse uma criatura vil e merecesse morrer... *Eu merecia saber.*

E minha *alma atada* sabia.

Quão cruel foi o destino: as pessoas em quem eu mais deveria confiar no mundo mentiram para mim durante todo o tempo em que me conheceram?

"Ela está nas masmorras… Achamos que você gostaria de… falar com ela", Roderick disse gentilmente.

Tão vivo.

Não pude deixar de me perguntar se isso tinha sido deliberado ou não intencional da parte de Mareina. Embora considerando o fato de que minha companheira era uma veterana em assassinatos, achei difícil acreditar que ela cometeria tal erro.

Uma parte minúscula e traidora de mim encontrou alívio nisso. Que talvez Mareina não a tivesse matado por minha causa. E devido ao fato de que, não importa o quão horrível Zurie fosse, eu sentia uma necessidade visceral de conhecer a mulher de cuja carne eu havia nascido.

"As masmorras… *Em seu próprio palácio?"*

"Miroslav e Malekai ordenaram que os guardas do palácio se afastassem da ala oeste do palácio… A masmorra fica na ala norte. Onde estamos agora."

"Então… Ninguém sabe ainda…?"

"Não… Mas… As suspeitas começarão a surgir se não fizermos algo logo."

"Leve-me até ela."

Thalia parecia conhecer bem essa parte do palácio de Zurie. E não havia uma alma sequer à vista. Eu só podia esperar que Miroslav e Malekai conseguissem impedir que alguém fizesse perguntas por enquanto. Tinha sido uma provação tão notavelmente bem-sucedida e perfeita, parecia... Bom demais para ser verdade.

O calabouço, para minha surpresa, estava vazio. Ou eles tinham limpado os calabouços, ou Zurie não mantinha nenhum prisioneiro.

Ela mata todos eles, sussurrou Meu Saber.

Sim… Isso parecia altamente provável.

Mesmo com a coleira de paládio que Mareina colocou em volta do pescoço, eu conseguia sentir sua magia. A coleira de paládio simplesmente a mantinha fora do alcance dela.

As celas pareciam ter sido esculpidas diretamente na pedra sob o solo onde o palácio ficava, no sopé das Montanhas Falcweard.

Sem nenhuma direção falada, fomos atraídos para a cela mais distante à direita do longo e mofado corredor. No final, havia um arco de pedra que levava a uma alcova onde uma única lança de luz iluminava o espaço. Conforme nos aproximamos, runas que eu não reconheci foram esculpidas

em um estrado de pedra no centro do chão. O feixe de luz veio de onde um buraco havia sido esculpido no teto, permitindo que a luz do sol espiasse. Algo poderoso parecia me chamar para este espaço, embora eu não tivesse ideia do porquê. Quando alcancei meu Saber, ele permaneceu completamente silencioso, como tantas vezes aconteceu ultimamente.

Relutantemente, me afastei da porta em direção à grossa porta de ferro forjado da última cela à nossa direita. Thalia colocou uma mão hesitante na porta da cela, lançando-me um olhar compassivo como se perguntasse, *você está pronto?*

Dei a ela um aceno sutil. Uma segunda olhada na porta revelou que não era nada mais do que uma barreira de ferro indicando a localização de uma cela. Em voz baixa, ela murmurou algo em fae antigo, e a barreira desapareceu. Como exatamente ela sabia precisamente quais palavras invocar era algo que eu teria que perguntar a ela mais tarde.

Não foi preciso pouco esforço para treinar meu rosto para algo friamente neutro.

Zurie estava sentada no chão, bem em frente à entrada, encostada na parede, ainda vestida com seu vestido rasgado e encharcado de sangue.

Seus olhos se arregalaram ao me ver, sua respiração parou. Depois de apenas alguns momentos de silêncio, algo que eu não imaginava que ela fosse capaz de fazer brilhou em seus olhos.

Emoção.

Ela me entregou?

Minha mente girou, tentando imaginar a vida que eu teria tido crescendo neste palácio. *Como um príncipe.*

Eu teria me tornado tão perverso quanto ela se tivesse sido criado por ela?

Finalmente consegui dar um único passo para dentro da cela. A pergunta me cortou para alcançá-la.

"Como?"

A expressão de Zurie se fechou quando ela se levantou, seu olhar se voltando para a multidão atrás de mim.

“Deixe-nos”, ela rosnou.

Se essa fêmea não tivesse sido a ruína de toda a minha existência, eu teria apreciado o fato de que nem mesmo uma masmorra úmida a despojou de seu orgulho. Thalia e minha *olana kah'hei* permaneceram exatamente onde estavam, ao meu lado. Eu podia sentir a magia delas, inquieta no ar, enquanto elas observavam.

“Caso você não tenha notado, você não é mais rainha.”

Seu maxilar se contraiu de raiva, e ela fechou os punhos ao lado do corpo.

“Temos muito a discutir, e não é para ouvidos de fora. Você deseja tomar o trono e governar como Rei? *Não confie em ninguém* . Nem mesmo na sua família.”

Quer ela soubesse ou não de mim ou da traição que veio à tona, suas palavras atingiram o alvo.

“Jure que você falará apenas a verdade explícita e clara para mim.”

Sua expressão esfriou, lábios franzidos. “Com prazer. Só se você fizer um voto em troca.”

Soltei uma risada seca. “Você não está exatamente em posição de fazer um acordo, Zurie.”

Em vez de se intimidar com a lembrança, um sorriso malicioso surgiu em seus lábios antes que ela explodisse em uma risada abrupta e sarcástica.”

“Oh, como você é extremamente ingênua. Você acha que eu não tenho poder porque você me deu esse pequeno colar?” Uma mão pequena passou a ponta do dedo pelo paládio que cobria sua garganta como se fosse uma joia preciosa. Grandes olhos azuis, como os de uma boneca, assumiram um brilho malévolo.

“Eu não preciso que minha magia seja poderosa, *meu filho* . E você faria bem em não confiar na sua também, não importa quão poderosa ela seja.”

Lancei-lhe um olhar entediado.

“Você falou muito e ainda assim não me disse absolutamente nada.”

Um sorriso malicioso retornou. “Eu *permitirei* que você tome o trono. Eu até mesmo o ajudarei a governar—

Uma risada rouca borbulhou e rapidamente aumentou. Apesar do que a inspirou, foi bom.

Zurie franziu o cenho impacientemente para mim enquanto eu enxugava as lágrimas dos meus olhos. Minha risada oscilava repetidamente entre uma risada ofegante e uma gargalhada descontrolada.

“Você *já* terminou?”

O destino certamente tinha senso de humor.

“Você destruiu um Reino inteiro. Cometeu genocídio em massa em várias ocasiões… Eu simplesmente não consigo deixar de achar graça na ilusão em que você deve viver para pensar que eu valorizaria *sua* ajuda.”

Como qualquer pessoa genuinamente delirante, ela nem sequer reconheceu a verdade que eu tinha acabado de jogar na frente dela.

“Quer você goste ou não, você vai precisar da minha ajuda.”

“Dê-me uma razão para não te matar, Zurie, porque é tudo o que sonhei durante anos.”

Sua expressão quase se tornou melancólica enquanto ela me encarava, balançando gradualmente a cabeça enquanto um sorriso triste curvava sua boca. Ela suspirou, de repente parecendo como se uma onda de exaustão profunda a tivesse inundado.

“Você logo descobrirá que há muitos motivos pelos quais precisa de mim…”

Franzi a testa meu crescente tédio. Tantas palavras, mas tão pouco significado.

Ela me lançou um olhar malicioso e frustrantemente presunçoso.

“Menos ainda porque sei onde seu pai está.”

VOCê é O REALIzADOR DE SONHOS

Ao ler este livro, você contribuiu diretamente para a melhoria não só da minha vida, mas também da dos meus dois meninos (17 e 4, em 2024). E por isso, palavras não podem nem começar a expressar minha gratidão.

Mas saiba que você é o realizador de desejos e o realizador de sonhos.

De todo o meu coração, espero que este livro tenha trazido alegria para sua vida e alimento para sua alma. Se sim, eu ficaria realmente *eternamente* grata se você pudesse deixar uma resenha e/ou espalhar a palavra em suas redes sociais ou em seus clubes de leitura. Como autora independente, coisas como resenhas positivas fazem toda a diferença do mundo.

Se você não gostou deste livro, isso é de partir o coração para nós dois e eu ficaria mais do que feliz em receber uma bronca verbal como punição.

De qualquer forma, fico sempre muito feliz em ouvir meus leitores e adoraria ouvir de você no Instagram. (@authorchiaraforestieri)

:)

OBRIGADO

Agradeço à minha família e aos meus amigos, que sempre me apoiaram e acreditaram em mim, mesmo quando tive dificuldade em reunir forças para acreditar em mim mesmo.

Obrigado aos meus leitores. Palavras não podem nem começar a expressar o quão grato eu sou. O impacto que vocês têm na vida dos meus dois filhos e na minha é realmente o material dos sonhos. Eu desejo, do fundo do meu coração e alma, que minha escrita tenha tido pelo menos uma fração desse impacto positivo em vocês.

Obrigado a essa energia fonte, luz guia, inspiração, o universo, o divino, Deus/Deusa, ou como você queira chamar. Não ouso afirmar que "sei" o que mais existe lá fora, simplesmente que sinto que há algo *muito* mais além do que podemos sequer começar a compreender ou perceber.
E que começa e termina com amor.

SOBRE O AUTOR



Originalmente dos EUA, Chiara Forestieri é uma mãe solteira de dois [não tão] pequenos bolinhos de amor (um de 17 anos e um de três anos, em 2023) que passa os dias cuidando de sua pequena família, praticando Jiu-Jitsu brasileiro e Muay Thai [com a graça de um homem de tubo inflável fracassado], derramando seu coração e alma em empreendimentos criativos e empreendedores, como este livro. Tudo com vários graus de sucesso, é claro. Variando de "bem, pelo menos ninguém morreu" a "você perdeu a cabeça?"

Atualmente, ela vive na maravilhosa Londres rezando desesperadamente por sol e clima quente. E enquanto muitas de suas preces foram atendidas, esta, na maioria das vezes, não é.

Algumas de suas coisas favoritas (fora da família e dos amigos) incluem:

- O Kindle dela
- Jiu-jitsu brasileiro
- Muay Thai
- Todas as coisas da natureza e da vida selvagem
- Animais
- Lençóis limpos (*baba*)
- Humor sujo
- O mar (sua casa)
- Biscoitos recém assados, quentes e macios
- Sol
- Gentileza
- Abraços
- Uma lareira ardente
- Pijamas
- Ah, e amor. Amor, amor, amor. :)

Quer ver mais dos seus personagens favoritos? Ver trechos dos próximos livros? Ou apenas conteúdo geral suculento, picante e romântico?

Siga a jornada no Instagram! :)
@autorchiaraforestieri

